



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>





Vet. port. III B. 33



~~322 g 4~~

~~ARC 844~~



10 vols en 5

ENSAIO
BIOGRAPHICO-CRITICO
SOBRE OS MELHORES
POETAS PORTUGUEZES.

ENSAIO
BIOGRAPHICO-CRITICO

SOBRE OS MELHORES
POETAS PORTUGUEZES.

POR

José Maria da Costa e Silva,

*Socio Honorario da Academia Lisbonense das Sciencias, e
das Letras, e Socio Correspondente do Gabinete de
Leitura do Rio de Janeiro.*

TOMO I.

*Tros, Tirusque mihi nullo discrimine agetur,
Virg. En. Lib. I.*



Lisboa.

NA IMPRENSA SILVIANA.

1850.



ENSAIO
BIOGRAPHICO-CRITICO
SOBRE OS MELHORES
POETAS PORTUGUEZES.

LIVRO I.

CAPITULO I.

Introdução.

O Ensaio Biographico-Critico sobre os melhores Poetas Portuguezes, que passo a publicar, em seu mesmo titulo mostra que não é uma obra perfeita. Para que o fosse seria necessario que eu a houvesse empreendido aos trinta annos, e não já em idade tão avançada; que o serviço público me deixasse mais tempo livre, e que pudesse dispor de mais meios pecuniarios para a aquisição de livros, fazendo-os procurar dentro, e fóra do reino, pois grande numero das nossas melhores obras, pela inercia, e desleixo em se fazerem reimpressões d'ellas, se tem tornado tão raras, que apenas se encontram em alguma livraria das mais antigas, e estrangeiras, e muitas dellas, o que é ainda mais para lamentar, tem completamente desaparecido.

Desde á idade de dezete annos até a de sessenta, que hoje conto, não tenho cessado de procurar, e de comprar livros de Poesia Portugueza, e ainda estou muito longe de ter uma collecção completa delles; conhecendo só alguns de nome, e mesmo para esta obra, tal e qual, me foi preciso valer d'alguns amigos instruidos, e curiosos para me emprestarem alguns, afim de os examinar, e extractar.

Por esta difficuldade de encontrar os livros necessarios é que prescindi n'este Ensaio de mencionar os

Poetas, que só escreveram em latim, e em hespanhol, bem que entre estes haja muitos de grande merecimento, e cujas obras possuo, ou tenho visto: mas fallando em rigor, esta falta não deve tornar-se mui sensivel, porque Poetas, que só escreveram em verso Latino, ou Castelhana, posto que nascessem em Portugal, não sam Poetas Portuguezes.

A minha obra pois, torno a dizer-lq, não deve considerarse como uma composição perfeita, nem como a Historia Critica da nossa Poesia; mas sim como simples esboço do grande quadro, que maiores engenhos tem de aperfeiçoar, e colorir; como um mappa geographico, com o qual a nossa mocidade estudiosa possa viajar com alguma segurança pelo nosso Parnaso.

Creio que, nas circumstancias actuaes da nossa litteratura, esta obra, boa, ou ruim, não póde julgar-se inutil, pois somos talvez a unica nação Europeia, onde a critica litteraria ainda não nasceo, a unica que não possui a historia da sua litteratura, nem mesmo da sua Poesia: a unica nação que precisa consultar os estrangeiros para saber o que valem os Sabios, os Historiadores, os Oradores, e Poetas, que tem produzido. Mas esses criticos estrangeiros, ou por ignorancia da lingua, ou por outras razões, que é escusado apontar, nem sempre sam as guias mais seguras: Bouterweck, e Sismondi, tão imparciaes, e judiciosos como sam, muitas vezes se enganam nos seus juizos quando tractam dos nossos Poetas, tendo alguns delles em mais conta, e outros em menos aprego, do que na verdade merecem;

Mas se estes grandes criticos, que sabiam a lingua, se enganam ás vezes; os criticos francezes do tempo de Luis XIV, e dos tempos immediatamente posteriores, fallam de poucos dos nossos authores, cujo nome havia chegado ao seu conhecimento, com uma leveza, e uma injustiça, que não só promove o despeito, mas o nojo, e o riso. João de Barros na opinião de um dos Redactores do Diccionario dos Homens Illustres é um *Borrador de Papel*. Os *Lusiadas* para Luiz Racine, não sam um *Poema Epico*, mas a *relação de uma viagem, em que as personagens my-*

thologicas representam papéis ridiculos. O Padre le Bossu no seu Traetado do Poema Epico, além de chamar *Mercadores Portuguezes* a Vasco da Gama e aos seus companheiros, diz que os versos de Camões naquella Poema são tão escuros, que podem passar por enigmas. E' natural que o reverendo critico, ou não soubesse portuguez, ou nunca tivesse lido os *Lusiadas*.

Isto é summamente ridiculo, mas pôde ter consequências mui graves. E' sabido que a base da educação moderna entre nós está no estudo dos livros francezes, e que os nossos mancebos, que se dão pouco a leitura dos Classicos, porque delles se não faz uso nas aulas, á excepção de Camões, e Jacintho Freire, habituados ao respeito dos auctores daquella nação, e vendo que elles mencionam tão pouco dos nossos Poetas, e o que é mais por similhante modo, se enfatuam com estes juizos desparatados, os adoptam e tem em desprezo a nossa Poesia, nem tomam o trabalho de examina-la para lhe fazerem justiça.

Desta negligencia da leitura dos nossos bons auctores; do abandono em que se acha o estudo das litteraturas italiana, e hespanhola, e o que é peor ainda do latim, e grego, que hoje tão pouco se conhecem entre nós, que se correm as lojas dos mais affamados livreiros de Lisboa, sem se encontrar um exemplar das obras ainda as mais conhecidas dos gregos; e romanos, nasce a corrupção do gosto, que vai começando a sentir-se, e o haver tão poucas pessoas, que escrevam a nossa lingua com a elegancia, e pureza do memoravel seculo de quinhentos.

Será facil obviar estes perjuizos, si os professores fossem o que devem ser; se como os professores das nações estrangeiras, e com especialidade da Alemã fossem verdadeiros litteratos; mas ao contrario disso, se exceptuamos, os Lentes da Universidade e das outras Academias, rigorosamente scientificas, que não podem deixar de ter todas as habilitações necessarias, onde acharemos professores, que mereçam este nome? Os da Instrucção Primaria, e de Bellas Letras são a classe mais desgraçada que conheço, pois que o trabalhoso exercicio de seu cargo nem lhe dá consideração, nem meios de uma honesta subsistencia.

Qual será pois o litterato, que tenha a consciencia do que valle, e que pôde aspirar a alguma cousa, que queira sujeitar-se a consumir os dias de sua vida, apurar a sua paciencia, e estragar a saude na tarefa de instruir a mocidade por um mesquinho salario, e para maior desgraça pago com muitos mezes de atrazo?

E' pois evidente, que só abraçarão o magisterio aquelles que não pôdem servir para outra cousa; homens, que não tendo em vista mais que o pão quotidiano, tem por força de cingir-se á parte material do ensino, nem podem entrar no espirito da arte de escrever, nem influir nos discipulos o amor das letras patrias, nem servir-lhes de guia no estudo dellas, nem indicar-lhe os melhores authores, e fazer-lhe conhecer o que valem. A melhor prova disto é, que em geral os nossos professores não escrevem, e se alguns mui raros se affastam desta regra, o que publicam só pôde servir para demonstar a sua incapacidade litteraria.

Deixando porém esta materia desagradavel, e penosa para todo o amator da gloria da patria, e voltando ao meu ensaio, declaro que hesitei bastante no methodo que devia adoptar para escreve-lo. O mais natural seria seguir a ordem chronologica, mas mudei de parecer, porque lançando os olhos para a totalidade dos nossos Poetas, vi que elles se devidiam em cinco escholas distinctas, com principios diferentes, e cada uma dellas com estylo particular, e tão caracteristico, que não as deixava confundir umas com as outras.

A primeira destas escholas, que pôde chamar-se Gallega, ou dos Trovadores, pela similhaça, que as obras, que lhe pertencem, tem com as trovas para a musica, que naquella epocha se usavam na Galliza, onde se fallou a mesma lingua, que em Portugal, começa com a monarchia, e acaba em Bernardim Ribeiro.

A segunda eschola, que podemos chamar Italiana, porque os authores, que a ella pertencem, adoptaram os metros Italianos, e o colorido, e genio da sua poesia, principia no reinado d'ElRei D. João III., e termina no reinado d'ElRei D. Henrique.

A terceira, que deve denominar-se *eschola Hespanhola*, porque nessa epocha prevalesceu entre os nossos Poetas a imitação de Gongora, e a reforma do estylo poetico, que elle introduzira em Castella, e que os seus discipulos levaram ainda mais longe do que elle, abrange os reinados dos tres Philippes, D. João IV., D. Affonso VI., D. Pedro II., e acaba no reinado de D. João V.

A *eschola Latina*, ou da *Arcadia*, nasceu no reinado d'ElRei D. José, abrange o reinado deste Monarca, e de sua Augusta Filha a Senhora D. Maria I., e termina no reinado do Senhor D. João VI. com o grande lyrico Francisco Manoel do Nascimento.

A *eschola Franceza*, contemporanea desta, teve por apostolos no reinado d'ElRei D. João V. ao Conde da Ericeira, e Francisco de Pina e Mello; veio a florescer no reinado da Senhora D. Maria I., e terminou no reinado do Senhor D. João VI.

Linguagem barbara, irregular, ininteligivel ás vezes, rudez de pensamentos, algumas vezes energia, ou graça, nenhum conhecimento d'arte, versificação dura, formam o caracter da *eschola dos Trovadores*.

Linguagem pictoresca, e formosa, cheia de phrases energicas, mas descahindo a miudo no trivial, e no prosaismo, idéas Platonicas, imitações do estylo classico dos gregos, e romanos, mais juizo que imaginação, e metros adoptados da Italia, distinguem das outras a *eschola Italiana*.

Muito engenho, originalidade, agudeza demasiada de pensamentos, estylo metaphisico, profusão de tropos, expressões hyperbolicas, clausulas affectadamente symetricas, alusões a usos populares, progresso mui sensivel na perfeição do metro, que nos escriptores desta *eschola* é mais corrente, mais variado, e harmonioso, formam ao que me parece, o caracter da *eschola Hespanhola*.

A *eschola Latina*, ou *Arcadica* recommenda-se pela linguagem quinbentista, pela formação de novos vocabulos, e compostos, pelo arrojio das idéas philosophicas, e viveza, e profusão das imagens, a erudicção, e a imaginação regulada pela razão, e a cons-

tante imitação da natureza, pela poesia descriptiva, e uma versificação variada, e musical.

Linguagem moderna, mas pura, pouca erudição, pouca imaginação, e menos invensão ainda, elegancia contínua, estylo claro, e simples, e optima versificação, eis-aqui as prendas mais notaveis dos Poetas da escola Franceza, entre os quaes não tem igual Bocage.

Tendo estas considerações em vista, tomei a resolução de classificar os Poetas Portuguezes pelas suas respectivas escolas, e apesar de que isso traga consigo alguns saltos na chronologia, por exemplo, João Xavier de Mattos, posto que florescesse em tempo muito proximo a nós, não póde deixar de ser iudicado na escola Italiana, visto que a imitação de Camões, e dos quinhentistas está nella tão pronunciada. Do mesmo modo o Conde da Ericeira, e Francisco de Pina e Mello devem ser incluídos na escola Franceza, por isso que foram os primeiros que entre nós imitaram, bem que de longe, o modo de poetar daquellas nações.

Acho tambem neste methodo de classificação a vantagem de apresentar em quadros mais perceptíveis as differentes vicicitudes porque tem passado a Poesia Portugueza nos differentes seculos, em que taes escolas se formaram, e o modo porque foi modificada, e influida pelo influxo das opiniões, e caracteres dos estudos, e conhecimentos de cada um delles.

Não ignoro que não faltará quem tenha por trabalho mal empregado o de analysar as obras dos Poetas seiscentistas, e que julgue que seria mais acertado o passar por alto essa epocha. Mas terão acaso razão os que assim pensam? Não haverá nos Poetas desse seculo nenhuma sorte de merecimento? Francamente declaro que não é esse o meu parecer. Embora D. Ignacio de Luzan, e os outros criticos da sua escola, que restauraram o bom gosto, ou, para melhor dizer, que introduziram na Hespanha o gosto francez, cobrissem de ridiculo a Gongora, e aos seus imitadores, empenhando-se em o fazer passar por pessimo Poeta; embora mesmo se demonstre que elle fóra mais longe do que devia, o público tem-se obstinado, e com razão

em considera-lo como um dos melhores engenhos, que a Hespanha tem produzido. Intentou uma reforma, e nenhum juiz competente, dirá de boa fé, que essa reforma não era necessaria tanto em Hespanha, como em Portugal.

Naquella epocha a poesia das duas nações, apresentava-se debil, mas simplesmente vestida, marchando com difficuldade, apoiada nas andadeiras da imitação da antiguidade, e sem ousar sahir do circulo do Petrarchismo, e do Bocolismo. Tinha pouca imaginação, pouca invenção, e menos variedade; seu estylo era pesado, demasiado singello, e seu colorido pallido, porque a linguagem da prosa se misturava continuamente com o dialeto poetico, e a versificação, geralmente dura ou prosaica, como era de esperar de metros novos, a que o uso ainda não tinha affeçoado de todo a lingua.

D. Luiz de Gongora, que era, diga-se a verdade, um Poeta de genio, e de imaginação ardente, conheceu este defeito, e quiz remedia-lo, dando á poesia da sua patria um estylo novo, e um colorido um tanto oriental, e sem embargo de encontrar ao principio grande opposição da parte de alguns Poetas de reputação feita, como Lope de Vega Carpio, Xauregui, e Villegas, as bellezas de suas composições favorecidas pelo assenso de todos os Poetas novos, que se declararam seus discipulos, e do grande numero de litteratos de grande saber, e authoridade, que o protegeram, e defenderam na sua empresa, poderam tanto na opinião popular, que o collocaram á frente da nova eschola, e os mesmos, que haviam principiado pelo combater, acabaram por sujeitar-se ao seu dominio.

Já se vê que estando o Parnaso Portuguez em circumstancias identicas ás do Parnaso Hespanhol, com as unicas excepções da Castro de Ferreire, e das suas Epistolas, e do Poema de Camões, unicas composições, que entre nós se elevavam á esphera da grande poesia, andando os livros castelhanos nas mãos de todos, que cultivavam as letras, sendo a lingua de Castella tão familiar aos nossos escriptores, que muitos a preferiam á natural, havendo alguns, como D.

Francisco Manoel de Mello, Miguel da Silveira, Antonio Henriques Gomes, que no reino visinho gozavam de grande reputação como Historiadores, e Poetas, força era que a escola de Gongora tivesse tambem entre nós grande influencia, e foi isso o que succedeu, não cooperando pouco para introduzir estas novidades os sessenta annos de dominação, que os Reis de Hespanha exerceram em Portugal.

N'esta revolução litteraria acconteceu o mesmo que costuma accontecer nas revoluções politicas; perdeu-se tudo, porque se quiz innovar tudo, porque o espirito da innovação vò sempre mais longe do que convém. Por exemplo, o estylo do seculo antecedente era demasiado nú de methaphoras, e tropos, e as methaphoras, e os tropos foram prodigalisados sem medida no seculo subseqüente: as phrases eram ás vezes prosaicas, e humildes, e os Gongoristas as tornaram demasiadamente escolhidas, e artificiosas, vindo a ficar ás vezes affectadas, e pouco claras: as clausulas eram mui longas, e os Gongoristas, as cortaram, e semetrizaram de mais. Os pensamentos dos quinhentistas eram ás vezes triviaes, e os seiscentistas á força de quererem que os seus fossem engenhosos, e subtis, os tornaram ás vezes ridiculos, e esquisitos. Os quinhentistas eram timidos em demasia, os seiscentistas foram em demasia atrevidos. O furor da novidade os fez dar na extravagancia; aquelles apresentavam a natureza demasiadamente nua; estes a tornavam desconhecida á força de ensites; aquelles imitavam um pouco servilmente os antigos; estes não sofriam em suas composições o menor sabor da antiguidade.

Porém a justiça pede que reconheçamos que no seculo de seiscentos abundou Portugal em Poetas de grande esphera, e que a poesia lhe deve não poucos, e importantes progressos. Foram os seiscentistas quem nella introduziu idéas, sentimentos, assumptos, e costumes modernos; quem deu mais variedade ás materias, mais rapidez, e colorido ao estylo; quem depurou, e separou o dialecto poetico do prosaico seguindo o gaminho de Camões; quem aperfeiçoou a versificação, tornando-a mais sonora, e mais corrente; que os seiscentistas foram os primeiros que se abalan-

çaram á composição de um poema didascalico, e que a maior parte das nossas epopeias pertencem a esta escola.

Nem os seus instituidores, nem os seus alumnos mais distinctos devem ser responsaveis pelos desvarios nem pelos desatinos de estylos do vulgo dos imitadores, que de ordinario requintam, e exageram os defeitos dos modelos, não podendo igualar as suas bellezas.

Ainda mais, a corrupção do gosto, e o estylo turgido, e hyperbolico, e rebuscado, não foi obra dos Poetas daquela epocha, mas influencia do seculo sobre elles. Todos sabem que os Jesuitas, monopolizando a instrução pública, e a educação, substituiram aos bons estudos, e boa philosophia as chimeras da philosophia Escolastico-Aristotelica, heivada de subtilizas, distincções, ergotismo, e cavilações, que depravavam os engenhos á força de aguça-los: este methodo vicioso de estudos não podia deixar de influir sobre a poesia, que anda a par dos conhecimentos do seculo, não eram só os Poetas, que cantavam naquelle estylo; nelle leccionavam os lentes nas universidades, e collegios, expunham os oradores nos pulpitos a doutrina christã, discutiam os theologos, discursavam os philosophos, arrasoavam os advogados, sentenciavam os juizes, e se expressavam os tribunaes, e se correspondiam os amantes.

Não foram pois os Poetas que viciaram o gosto do público, foi a educação que lhes viciou o gosto, e o de todos, e a prova é que nunca a poesia foi mais estimada geralmente, e que nunca usou de linguagem mais difficullosa de entender; e como não é possivel que se possa estimar, e applaudir o que não se entende, é claro que todos os espiritos estavam, pela educação, afinados pelo mesmo tom, e que as composições, que hoje as pessoas, mesmo doudas, encontram obscuras, eram então correntes até para o vulgo dos leitores, e tenho para mim, que se a escola de Gongora cahio no principio do seculo dezoito, isto se deveu menos á influencia da poetica de Lusan, ao seu exemplo, e dos outros humanistas, que cobriram de ridiculo o mestre, e os discipulos, desparando contra

elles os sarcasmos; e invectivas ás vezes as mais injustas, e mais grosseiras, que a reforma dos estudos, e o cultivo da boa phylosophia, que chamaram os homens ao exame, e estudo da natureza, e á imitação da bella antiguidade, fonte inexgotavel do sublime, e da belleza nas artes.

Finalmente o seiscentismo, o culteranismo, ou o gongorismo, ou como quizerem chamar-lhe, foi um factó, e um factó tão importante, que produziu uma revolução completa na litteratura de quasi todas as nações da Europa, e por isso não pôde ser omittido em uma historia da poesia. Se merecem desprezo os escrevinhadores subalternos, que rompendo todo o freio da razão, e do bom senso, se perderam nos maranhões da extravagancia, e do delirio, não devem confundirse com elles os homens de talento, que souberam ser originaes sem transpor as balizas do estylo florido; e as suas obras devem ser lidas com reflexão, porque nellas não falta que aproveitar.

Accrescentarei mais, que existe hoje entre nós um número não pequeno de mancebos estudiosos, e cheios de talento, e imaginação, que aspiram a formar uma poesia nova; mas as pessoas entendidas na materia conhecem perfeitamente que essa poesia nascente, e esse novo estylo não é mais que o resurgimento da eschola de Gongora, (menos na perfeição do metro) que ha todas as probabilidades para supor, que auxiliada pelas luzes, e illustração do seculo, consiga rematar a empreza, que os seus fundadores commetteram debalde, porque lhe faltaram as circumstancias favoraveis; assim como os melhores criticos francezes confessam, que o novo estylo poetico introduzido em França por Chenier, Lamartine, Victor Hugo, e Casemiro de la Vigne, e outros bons engenhos, não é mais que o restabelecimento da eschola de Ronsard, que no tempo do fundador não pôde superar os obstaculos, que lhe opunham o estado de rudeza, em que ainda se achava a lingua, e a versificação.

E' muito natural que muitos leitores me censurem de haver citado, e analysado pouco, ao passo que outros me condenarão por haver citado de mais.

Aos primeiros respondo, que a natureza da mi-

nha obra não permittia esse exame, e critica minuciosa, que elles desejariam achar. Se eu escrevesse um Curso de Litteratura, poderia, e deveria como la Harpe dar-me á anathomia artistica de cada composição, investigando circumstanciadamente os seus defeitos, e bellezas; gastar dous volumes com as Tragedias de Corneille, dous com as de Racine, dous com as de Voltaire, e seguindo com a mesma amplitude os escriptos dos outros authores, chegar ao decimo oitavo volume, e falecer antes de haver prehenchido dous terços do plano, que concebera; mas em um Ensaio Historico, e Critico só me cabe fazer conhecer cada Poeta, e dar sobre as obras de cada um delles a minha opinião em geral, fazendo sentir as suas bellezas, ou defeitos mais salientes.

Aos segundos respondo, que me alarguei nas citações: 1.º para que o leitor possa conhecer os fundamentos do meu juizo: 2.º porque tendo-se tornado mui raras as obras de alguns authores de quem fallo, julguei que este era o modo de as fazer conhecer: 3.º porque andando muitas obras de grande merito avulsamente impressas, ou inseridas em jornaes, e mesmo manuscriptas com grande risco de se perderem, o meio de impedir essa perda era transcreve-las aqui junto com a biographia dos seus authores.

Notarão alguns que, nesta obra se não mencionem bastantes authores; é isto um facto, que francamente confesso; e a razão de assim acontecer é que apesar de grandes, e continuadas diligencias não pude alcançar as suas obras, nem por compra, nem por emprestimo; e não pude acabar comigo mencionar um só Poeta sem haver lido, e examinado os seus Poemas; se quizesse, como Ferdinand Diniz, julga-los pelo juizo dos outros, poderia com pouco trabalho duplicar o numero dos capitulos d'este Ensaio.

Acharão finalmente alguns, que os julgamentos, que faço sobre alguns dos Poetas, que menciono, se affastam muito tanto dos que elles formam, como do que alguns criticos nacionaes, ou estrangeiros tem expellido a tal respeito; confesso que algumas vezes tem lógar esse facto, mas além de que este Ensaio seria inutil se não contiesses senão o que os outros disseram.

não tive em vista ao escreve-lo senão expôr os sentimentos, que me inspirou a leitura dos nossos Poetas, e por isso não fallo de um só que não tivesse lido. Não dou as minhas opiniões como as melhores, nem pertendo de modo algum impo-las aos meus leitores; limito-me a dizer. « Eis-aqui o meu juizo sobre os nossos Poetas; confrontai-o com as suas obras, ou com as citações dellas, que vos apresento como fundamento d'elle, acceitai-o, ou rejeitai-o conforme a vossa razão vos inspire. Cada um ajuiza com as suas idéas, sente com o seu coração; e a demonstração mais segura da bondade, ou ruindade de um Poema, é o maior, ou menor prazer, o maior, ou menor desgosto que nos causa a sua leitura.» Sobra-me a gloria de haver comprehendido, e levado ao cabo uma obra tão difficil como curiosa, e nunca tentada em Portugal.

A pezar de haver convivido muito com grande número dos Poetas mencionados na ultima parte d'este Ensaio, puz todo o esmero em fallar d'elles, e de seus escriptos, com a mesma verdade, e espirito imparcial, com que havia tractado os antigos, sem exceptuar alguns, mui raros, de que podesse ter algum motivo de queixa. O critico é como o magistrado, deve sentenciar despido de affecto, e de odio, e tão criminoso é um se falta á verdade, como o outro se posterga a lei.

Persuado-me que as pessoas bem intencionadas, e entendidas nesta materia desculparão facilmente os defeitos, que notarem nesta longa, e trabalhosa tarefa, levando em conta os poucos elementos, que para ella existem entre nós, o enfadamento de procurar noticias em diversas partes do reino pelo meio de requisições, ás vezes não satisfeitas, e outras vezes satisfeitas, por modo pouco exacto; a fadiga de correr livrarias, de lêr uma multidão de livros ás vezes sem mais fructo do que o convencimento de que estam abaixo de toda a critica, de precorrer collecções organisadas sem criterio, nem selecção, como a Fenix Renascida, o Postilhão de Appolo, as Sessões das Academias dos Anonimos, dos Singulares, e de outras, que ás vezes sam os unicos depositos das obras de muitos Poetas, mui nomeados no seu tempo, examinar,

classificar toda esta multidão de peças, e dar sobre ellas uma opinião reflectida. De certo que só quem pôz peito a tal empreza, é que póde sentir todas as difficuldades d'ella.

CAPÍTULO II.

Da lingua Portugueza, e sua indole.

Quem comparar a lingua rude, de que usam hoje os Gallegos, a sua pronunciação surda, e grosseiramente aspirada, com a lingua sonora, regular, e suavemente pronunciada, de que se usa em Portugal, e que se lê nos nossos bons escriptores, difficilmente se persuadirá de que ambos os póvos fallaram outr'ora a mesma lingua, tanta é a differença, que entre ambas á primeira vista apparece.

Aquelles porém, que cotejarem o dialecto actual da Galliza, com o que se depára nas trovas, que nos restam de Gonçalo Hermingues; de Egas Moniz, e nos escriptos, e documentos quasi inintelligiveis, ao menos sem um estudo particular, que nos restam dos primeiros tempos da monarchia, facilmente se capacitarão da identidade, de que fallâmos.

Portugal, e Galliza fallaram sempre a mesma lingua; é a historia quem testefica esta assersão. Todos os antigos escriptores hespanhoes chamam *lingua gallego*, ou *lingua portugueza*, ao idioma das duas nações; d'aqui vem que *Macias el enamorado* é contado por uns entre os Poetas Gallegos, e por outros entre os Poetas Portuguezes; daqui vem dizerem uns que El-Rei D. Affonso, o Sabio, escreveu grande número de cantigas para musica em Gallego, ao passo que outros dizem que foram escriptas em Portuguez, mas a verdade é que todos dizem a mesma cousa, usando de denominações differentes.

Mas qual é a razão, perguntará alguém, porque o

mesmo idioma apparete tão outro na boca das duas nações de quem elle é a linguagem natural? A razão é mui facil de deduzir. Portugal constituiu-se reino sobre si, teve, e tem tido independencia, e litteratura; Galliza ficou sempre provincia de Hespanha. Portugal poude por isso cultivar a sua lingua, regularisa-la, opulenta-la com muitos vocabulos latinos, gregos, e de outras nações apurar a sua syntaxe, e tornar flexivel, e harmoniosa a sua prosodia. Galliza, que nunca teve independencia, nem litteratura propria, não poude fazer outro tanto; os homens sabios, que tem produzido, escreveram em castelhano; a lingua popular circumscripta aos usos caseiros, e ás necessidades do vulgo, foi condemnada a ficar na sua rudeza, e na sua barbarez primittiva; de que só poderá sahir, si por algum caso inesperado tornar a unir-se commosco.

A pesar comtudo d'essa barbarez, e rudeza, ella foi sempre julgada mais suave, e mais harmoniosa, que o antigo castelhano, pois vemos que nesses tempos remotos era preferida, mesmo na côrte dos Reis de Castella, para as poesias eroticas, e para as que se destinavam para serem acompanhadas pelo canto.

Mas qual é a origem da lingua portugueza? Poucas pessoas haverá, que a esta pergunta não respondam affoutamente que a lingua latina; que esta adulterada com grande número de vocabulos barbaros, formou um dialecto, que se chama idioma portuguez; fallando ingenuamente esta opinião me parece mais acreditada, que provada.

Em primeiro lugar ella suppõem que a lingua latina chegasse a ser lingua popular nas Hespanhas, o que me parece absolutamente distituido de fundamento.

O dominio dos romanos na Peninsula não foi tão geral, como se quer suppor; no tempo, em que elles a invadiram, e conquistaram, era ella mui povoada de muitas nações poderosas, talvez de diversas origens, que lhe fizeram contínua guerra, que se hoje lhe cediam, á manhã se rebellavam, e volviã de novo ás armas, e não é no meio destas oscilações, e resistencias, quando ferve o odio nacional, que o

conquistado abandona a sua lingua pela do conquistador; seria isto um phenomeno, que desmentira todá a experiencia, e testemunho da historia.

Bastante tempo os arabes occuparam grande parte das Hespanhas, numerosos christãos ficaram habitando entre elles; trocaram acaso a lingua patria pelo arabe, posto que soubessem falla-lo? Os tartaros, que por algumas vezes tem invadido, e dominado a China, adoptaram acaso a lingua chineza, ou os chins a linguagem Tartara? Não, cada nação falla a sua lingua nacional, assim como conserva os seus traços. Ha muitos seculos que os Turcos, e os Gregos estão vivendo juntos em Constantinopla, e os othomanos fallam turco, e os gregos grego. Todo o despotismo de Philippe Segundo não poude obrigar os Vascongados a descartar-se da sua enredada lingua. Cada provincia da França, da Italia, da Hespanha, conserva o seu dialecto particular nas suas relações da vida commum, posto que o francez, o toscanó, e o castelhano sejam o idioma politico, e governativo em cada uma d'estas nações. O uso do Inglez nos actos públicos ainda não poude fazer que os Escocozes, o paiz de Gales, e a Irlanda se esquecessem dos seus dialectos celticos. Pois se nem a união social, nem o poder dos Reis, nem a posse pacifica, e de muitos seculos depois de uma conquista, nem a indispensavel obrigação de servir-se de uma dada lingua, em todos os actos, e transacções públicas, nem a Comunidade Religiosa obriga os povos a deixar por ella a falla da patria, mesmo entre nações polidas, e por isso mais servis, como hade crêr-se que fossem mais doceis povos barbaros, amigos da independencia, e inimigos de seus oppressores?

Nas povoações, que eram municipios, e colonias romanas, é natural que o latim fôsse lingua usual entre as familias descendentes dos Romanos, que ali se estabeleceram, e entre os optimates indigenas, partidistas de Roma, que havia muitos, porque na Peninsula nunca faltou quem preferisse os interesses estrangeiros aos dos nacionaes: mas nessas mesmas povoações eu duvido muito, que ella fôsse linguagem do povo.

Temos portanto, que em lugar de dizermos que fallamos um latim corrupto, com palavras de uma lingua barbara, seria! mais exacto dizer, que fallamos uma lingua barbara em sua origem adulterada, e ampliada com vocabulos latinos; por que a maior parte destes, se bem examinarmos os escriptos, que nos restam dos tempos cobevos com a fundação da monarchia acharemos que foram introduzidos pelos escriptores em tempos muito mais recentes.

Parece-me que a prova de que uma lingua é filha da outra, está mais na similhaça da syntaxe, que na da prosodia, porque n'aquella, e não n'esta, é que verdadeiramente consiste a lingua, e nós não temos a syntaxe latina. Se as palavras de um idioma, enxertadas em outro, provassem que este se derivava d'aquelle, diríamos que o portuguez se derivava do arabe, ou do hebraico, porque temos muitas palavras arabes, e hebraicas; ou julgadas hebraicas, porque estou persuadida de que as houvemos dos Phenicios, e Cartaginezes, que fallavam a mesma lingua, que os Hebreos, ou pouco differente, pois todas, como a egypcia, eram dialectos do arabe.

Mas qual seria a lingua que servio de base á que hoje fallamos? Esta pergunta prende com outras tão difficeis de illucidar como ella.

Existio acaso uma lingua hespanhola, que se fallava por todos os povos, que habitavam desde os Perineos até á embocadura do Tejo? ou cada povo hespanhol fallava uma lingua particular? e se houve só uma lingua geral, seria esta a vascongada? Esta opinião tem sido adoptada por grandes litteratos do reino visinbo.

Mas, lê-se em alguns escriptores, e especialmente na Geographia de Lacroix, um facto que contraria a universalidade do vascongado, e a unidade da lingua na Peninsula, e vem a ser, que entre as ruinas da antiga Ilberis, se depararam não só um poema grego, mas muitos manuscriptos em uma lingua desconhecida; ora si aquella lingua era desconhecida, é claro que não era a vascongada, que he fallada ainda hoje por uma numerosa população; ahí temos por tanto já duas linguas na Hespanha.

Ainda mais; consta pela historia, que grandes aluviões de Celtas, emigrados das Gallias, transpondo os Perineos, occuparam toda, ou quasi toda a orla maritima da Peninsula até ao Têjo, fundaram povoações numerosas; e não será verosimil, que elles, e os seus descendentes usassem da sua lingua nativa? que esta, com o correr dos annos, a mudança dos costumes, a novidade dos objectos, e o tracto com os visinhos, se alterasse pouco a pouco, e formasse diversos dialectos? Não é assim que o Gaellico, ou Celta apparece com variadas feições, mas sempre o mesmo, na Inglaterra, no paiz de Galles, nos Lowlands, e Highlands da Escocia, na Irlanda, e nas ilhas Hybridas?

Parece pois á vista do que tenho expendido, que pôde, sem escrupulo de temeridade, affirmar-se que na Peninsula nunca houve uma lingua hespanhola geral, e que as nações hespanholas fallaram por seculos dialectos particulares analogos aos das differentes nações, de que tiravam a sua origem.

Descendo agora da generalidade á especialidade, e restringindo-nos á Lusitania, em que se comprehendia o paiz Callaico, ou a Galliza, se considerarmos que foi ali a séde principal dos Celtas, onde fundaram muitas villas, e cidades, e entre ellas Santarém, não parecerá mui desvairada a minha opinião de que o Celtico deve pelo menos contemplar-se como um dos principaes elementos da lingua portugueza.

Duas cousas me inclinam muito a pensar assim: 1.ª que o Jesuita hespanhol Hervas y Panduro, o douto author da Historia Natural do Homem; na sua obra sobre as linguas, não duidou concluir pela comparação dellas que a Irlanda fôra povoada por uma colonia de Celtas da Galliza: 2.ª que havendo eu examinado com toda a paciencia, e attenção, de que sou susceptivel, alguns Dictionarios Celto-Francezes ali deparei com um consideravel numero das nossas palavras obsoletas, e não poucas das que ainda correm na boca da infima plebe, umas com pequenas, e outras sem nenhuma alteração.

Houve além disso, nestes ultimos tempos, entre nós um respeitavel magistrado, grande Poeta, e grande

Philologo, e sabedor da lingua portugueza; este homem foi o Desembargador Antonio Ribeiro dos Santos, primeiro Bibliothecario da Bibliotheca Pública, que não duvidou de appellidar os celtas = *Padres da nossa lingua*.

Pena é que uma importante obra escripta por elle em latim, sobre a Hespanha antiga, e as suas *Investigações sobre os Celtas*, estejam sepultadas na sala dos manuscritos da Bibliotheca Pública de Lisboa, sem que a Academia Real das Sciencias, a quem de mais perto tocava este objecto, se tenha resolvido a publicar estes importantes escriptos daquelle seu digno socio, de que tantas luzes se poderiam tirar sobre esta materia.

Se algum dia se generalisar entre nós o gosto pelos estudos da antiguidade, e o estudo das indagações etimologicas, e philologicas, estou certo, que nos exames a que se proceder se terá muita conta com a confrontação das linguas portugueza — galliziana, no seu estado mais remoto, com a lingua celtica, de que se tirarão grandes resultados para o conhecimento da origem do idioma, que fallamos.

Advirta porém o Leitor, que eu não dou as idéas, que tenho apresentado, se não como conjecturas, mais ou menos probaveis, que offereço á consideração, e discussão daquelles, que possamprehender, livres de preocupações da escola, sem espirito de systema, e com apurada critica, a sua discussão, e exame: aquelles, que sobre esta materia tenham feito o estudo, que as minhas circumstancias me não permittiram fazer.

Para assentar discussão, por exemplo, sobre a existencia de uma lingua geral na Peninsula, parece que um dos meios mais proficuos seria investigar os nomes mais antigos dos montes, rios, serras, povoações &c. e vêr em que lingua eram significativos; se todos, ou a maior parte delles nas diversas provincias e Reinos fossem significativos no mesmo idioma, poderíamos dar por demonstrado que esse idioma fôra nos tempos primitivos a lingua peculiar dos hespanhoes; se o fossem em diversos dialectos, essa mesma differença nos faria conhecer a diversa origem das camadas de ho-

mens, por quem principiou a ser povoada a Peninsula.

No estado actual das cousas, parece-me que pouco deve importar-nos si fallamos um dialecto latino, celtico, suevo, alano, ou godo; o que nos interessa é que temos a fortuna de possuir uma das mais bellas linguas da Europa moderna; uma lingua, que tem uma syntaxe regular, e simples; verbos cujas terminações variadas designam as pessoas em todos os modos, e tempos; que para figurar na oração, sem prejuizo da clareza, não necessitam de serem acompanhados dos prónomes, como no inglez, e francez; uma lingua rica de termos, e phrazes pictorescas, e energicas; de vozes dactilycas, e compostas de duas, tres, e mais dicções, e que póde formar outras, quando lhe convém, tornando-se mais concisa; que tem pronunciação clara, e harmoniosa, sem engasgo mourisco como a castelhana, sem ser ourissada de consoantes, como a maior parte das linguas septentrionaes.

Abunda além disso a lingua portugueza em varias rhymas, sem que precise usar dellas, pois não ha nenhuma em que saiam tão bem os versos soltos; póde á vontade do escriptor empregar os artigos, ou prescindir delles; usar da inversão, ou seguir a ordem natural. E' instrumento proprio para todos os assumptos, accomoda-se á musica como a italiana, e na prosa, e na poesia se apresenta igualmente brilhante.

Vêde-a no singello arreio do Dialogo familiar.

» E eu, se vos não encontrára, ainda não tinha entendido o vesso moço; porque de maneira embaraçosa o que me mandaveis dizer, que nem por discricção pode tirar o recado: nem vos desfaçaes delle para os que forem de importancia, que val a pezo de ouro.

A isto se começaram todos a rir, e tornou Solino.
» O meu moço, Senhor D. Julio, tem desculpa em ser nescio, porque é meu moço, que se soubera mais, eu o serviria a elle. Mas os creados dos Grandes, como vós; esses hão de ser discretos, pois sam tão bons como eu, e com tudo eu vos sei dizer, que ha aqui

moço que no dar um recado o poderá fazer como o que lá mandei, que não é dos peiores da sua relé, e já se entremette a lêr carta mandadeira; mas nos recados ainda agora lê por nomes, e não o acerta a nenhuma cousa.»

Francisco Rodrigues Lobo. Cort. na Aldeia.

Como se molda igualmente ao estylo epistolar conciso, e singello nesta carta, que Affonso de Albuquerque, á beira da sepultura, escreve a El-Rei D. Manoel.

» Senhor, esta é a derradeira, que com os soluços da morte escrevo a V. A. de quantas com espirito de vida lhe tenho escripto pela ter livre de confusão d'esta derradeira hora, e muito contente na occupação do seu serviço.

N'esse reino deixei um filho, por nome Braz de Albuquerque, ao qual peço a V. Alteza que o faça Grande, como lho meus serviços merecem. Quant ás cousas da India, ella fallará por si, e por mim.º

Barros, Década. 2. L. 8.

Com a mesma facilidade se eleva ao estylo oratorio como se vê do exordio do discurso de Coge Çofar aos seus soldados.

» Companheiros, e amigos, não vos insinarei a temer, nem a desprezar esses poucos portuguezes, que dentro daquelles muros estaes vendo encerrados, porque não chegam a ser mais que homens, ainda que sam soldados.

Em todo o Oriente atégora os acompanhou, ou servio a fortuna, e a fama das primeiras victorias lhe facilitou as outras. Com limitado poder fazem guerra ao mundo; não podendo naturalmente durar muito um imperio sem forças, sustentado na opinião, ou fraqueza dos, que lhe sam sujeitos. Apenas tem quinientos homens naquella fortaleza, os mais delles soldados de presidio, que sempre costumam ser os pobres, ou os inuteis; por terra não podem ter soccorro, os do mar lhe tem vedado o inverno.»

Jacinto Freire,

Vêde como se apresenta clara, e magestosa nesta descripção de Ormuz, como os vocabulos se deslissam uns apoz outros, sem a menor dissonancia, ou aspezeza.

» A cidade Ormuz está situada em uma pequena ilha; que jaz na garganta de dentro do estreito do mar Persico, tão perto da costa da terra da Persia, que haverá de uma a outra tres legoas, e dez da outra da Arabia, e terá em roda, pouco mais de tres legoas: toda mui esteril, e a maior parte uma maneira de sal, e enxofre, sem naturalmente ter um ramo, ou herba verde.

A cidade em si é mui magnifica em edificios, grossa em trato, por ser uma escalla, onde concorrem todas as mercadorias orientaes, e occidentaes a ella; e as que vem da Persia, Armenia, e Tartaria, que lhe jazem ao norte: de maneira que não tendo a ilha em si cousa propria, por carreto tem em si todas as estimadas do mundo. Porque alé a agua, cousa tão commum, tirando alguma de tres poços; e cisternas, toda lhe vem da terra firme da Persia, della em vasilhas, e outra solta em barcas com toda a bortalice, verdadeira, fructa verde, e serodea, que despende, que é em abundancia; assim da comarca, que elles chamam Mogostão, como d'estas ilhas, que tem por visinhas, Quixome, e Lara, e outras, com que a cidade é tão vistosa, e abastada, que dizem os moradores della, que o mundo é um anel, e Ormuz uma pedra preciosa engastada nelle.»

Barros, Decad. 2.^a

Poderá achar-se uma descripção mais campestremente pictoresca que a seguinte? Não compete ella no collorido com a melhor poesia?

» Pela parte por onde vem descendo o rio Liz, antes de chegar aos espaçosos valles, que vai regando com sua corrente, toma um estreito caminho entre altos arvoredos, onde com profundo socego se detem até chegar á queda de uma alta penedia, e ali reparadas as aguas, medrosas vam fugindo por entre as raizes de amargosas nogueiras, outras offerecendo-

se aos penedos, com saudoso som estão nelles quebrando, e depois ficam derramadas em dous ribeiros: o maior, depois de muitas voltas, se vai encontrar primeiro com as agoas, de que se apartou entre altos cyprestes, e loureiros. O outro, ao voltar de um valle, se vai encostando a uma alta rocha por baixo de espeças aveleiras, e esperando as aguas umas pelas outras, descebrem a boca de uma lapa encoberta entre rames, que vai por baixo do chão uma legoa, e nesta havia fama que vivia um sabio de muita idade, que por encantamento a fabricára. » *Lobo.*

Nas narrações, quando feitas por homens de talento, se mostra a lingua portugueza cheia de concisão, de força, e de pespicidade: daremos um exemplo tirado, de um dos nossos mais affamados historiadores.

» Não foi menos estimado outro encontro que Lopo Mendes de Vasconcellos, morador de Arsila, e criado do Conde de Redondo, teve com tres fustas dos Mouros de Velez, andando por Capitão de uma cavalla de duas, que este anno mandára El-Rei ficar de guarda no Estreito.

Navegava para a Valla; accalmou-lhe o vento, e cerrou-se juntamente o dia entre ella, e Tagadarte: começavam os companheiros a picar os remos, senão quando se vêem investidos de tres fustas, que havendo vista della ao mar, se tinham escondido no rio, esperando occasião de a saltearem. Foi acommettimento subito; vinham os nossos descuidados. Espertou-os a grita dos mouros, e os golpes com que os esporões das fustas vieram quebrar nella. Accodindo ás armas acharam já muitos inimigos, que sobiam pela enxarxia, por uma, e outra parte. Foi a primeira resistencia de espadas, e lanças, com que fizeram descer uns, e outros saltar ao mar: e logo lançando mão de bombas de fogo, e panellas de polvora, fizeram taê lavor nellas, que arrependidos do jogo, se foram desviando com muitos queimados, e feridos; mas foi a desgraça, que tomou fogo um barril de polvora, que entre os nossos se pôz sobre um chapiteo da pópua para

provimento da briga, e entre muitos, que derribou, e maltratou, ficou queimado no rosto, e por uma ilhargá o Capitão, o que deu animo aos das fustas, vendo as labaredas, e cuidando, que não haveria quem lhe defendesse a entrada, para tornarem com maior furia a cometella; porém o Capitão, ainda que atormentado, e escaaldado do fogo, não se descuidou da sua obrigação, e accodindo com elle o Piloto Nuno Martins, e seu irmão o Mestre, que eram naturaes de Tavilla, ambos valentes de animo, e agigantados de corpo, de maneira menearam as mãos, e jogaram dos instrumentos de fogo, que de todo se apartaram as fustas, levando muitos mortos, feridos, e queimados.»

Frei Luiz de Sousa, Ann. de D. João III.

Não é menos natural a rapidez com que Diogo Fernandes, author da terceira parte da Chronica de Palmeirim de Inglaterra, relata o encontro de alguns cavalleiros.

» E sem gastarem tempo com palavras escusadas, ponde-se cada um no logar da justa, se encontraram com toda a força. Almorol, e o Cavalleiro da Fama fizeram as lanças em pedaços, e como ao da Fama lhe faltassem as armas, ferido no peito, veio a terra sem fazer em seu contrario nenhuma moça; os outros dous, topando-se dos escudos, com as eilhas rebentadas, fizeram companhia ao primeiro, mas não tanto a salvo de seus contrarios, que Polendos não perdesse uma estribeira, e Arnedos perdendo ambas, senão pegasse ao pescoço do cavallo; foram estes encontros de muito espanto para todos, porque o Cavalleiro da Fama era D. Fregior, filho d'El-Rei d'Eaparta, e os outros dous Lisco, e Denastido, filhos d'El-Rei de Moça, todos tres de grande fama nas armas.»

Com que vivas côres, com que rebustez, e força de expressões não accodio a lingua portugueza no nosso Livio para traçar a pintura da affronta, e preça em que os portuguezes se viram entranhados nas ruas de Calicut.

» Esta cousa digna de admiração, e pera se muito condoer de tão triste caso; porque contemplando obra de seiscentos homens, que tantos seriam os nossos, instalados entre aquelles valles, tanto sobrelevava o fervor do Sol, e a poeira dos pés, e o trabalho, que a noite passada até áquellas horas tinham sofrido, sôbre toda a força do seu animo, que não se podiam defender de até oitenta naires, que pela estrada os perseguiam; derrubando poucos a poucos: e o que era mais miseravel, se de cima dos vallos lançavam no cardume dos nossos um zaguncho, uma setta, uma pedrada, nunca dava em chão, e qualquer que accurvava os pés de todos, trilhando, o acabavam de matar. Finalmente aqui dous, ali quatro, seis, oito sempre foram cahindo, até que sahiram daquelle estreiteza do valle ao largo da cidade; a qual, ainda que ardia em fogo; menos sentiram o que nella andava, que aquelle forno de morte, donde vinham affogados e cegos de sêde, e pó. E vendo neste largo quasi poucos eram os inimigos, que os perseguiam, fizeram rosto a elles; com que converteram parte da soltura, que traziam em fugir, e não em cometer, como d'antes faziam.»

Barros, Decad. 2.^a

Igual, se não superior a esta, é a pintura pathetica que Frei Bernardo de Brito traçou do Rei Rodrigo, escapando da funesta batalha de Guadaletes; e refugiando-se em um mosteiro, de que a maior parte dos monges havia fugido com a preciosidade da casa.

» Chegado o Rei a este lugar com desejo de achar alguma consolação para seu espirito, encontrou materia de maior lastima; porque os monges atemorizados com a nova, que chegára poucos dias antes, e sollicitos por salvar os ornamentos, e cousas sagradas; uns eram já fugidos para dentro de Mérida, outros se retiravam pela terra dentro, buscando guarida em outro convento; e os menos aguardavam o fim do negocio dentro do mosteiro, desejosos de acabar a vida pela honra, e defensão da Fé Catholica, dentro n'aquelle santuario.

Entrou El-Rei na igreja, e vendo-a núa de orna-

mentos, e desempessada de religiosos, se pôz em oração com tanta dôr, e angustia, que desfeito em lagrimas se não lembrava de que podia ser ouvido de alguma pessoa, a quem o excesso dellas desse conhecimento de quem podia ser, e como a fraqueza de não ter comido alguns dias, o desfallecimento do cerebro, pela falta de somno, e o quebrantamento de caminhar a pé lhe tivessem as forças debilitadas, se lhe cerraram os espiritos de maneira que ficou em terra com um desmaio, em que esteve privado dos sentidos até o achar ali um monge antigo.» Brito.

Mas é com especialidade na poesia que a lingua portugueza desenvolve todos os seus recursos, e alardea as suas riquezas, e a sua formosura, moldando-se a todos os assumptos, e dobrando-se como cêra a toda a qualidade de metros, tanto nacionaes, como estrangeiros; e ou ajudada da rhyma, ou prescindindo della, mostrando sempre uma harmonia, que de balde se procurará em todas as linguas da Europa moderna, se exceptuarmos a toscana. Espero que o Leitor, nos numerosos trechos citados nesta obra, encontrará superabundantes provas desta minha assertão. Vergonha é que tendo a nossa versificação subido ao ponto mais perfeito nos Poemas de Camões, Bocage, Gargão, e Francisco Manoel, a maior parte dos Poetas actuaes, entre os quaes se contam muitos manebos de grande talento, e grandes esperanças, tenham (assim o parece) dado as mãos para a fazer retrogradar para a rudeza, e imperfeição de Sá de Miranda, chegando a sua negligencia da arte versificatoria ao excesso de nos darem Poemas, aliás cheios de bellezas, manchados de versos prossicos, duros, e o que é mais ainda, sem a divida quantidade! não quero fazer o processo aos vivos, mas se isso entrasse nos meus principios, bêm poucos, nenhum talvez, de quantos tem escripto versos nestes ultimos vinte cinco annos, appareceriam isemptos de culpa perante o tribunal mesmo da critica mais indulgente.

Ha uma preocupação de longo tempo estabelecida, que tende a desabonar a nossa lingua; porque sendo só propria de um pequeno reino, não permite

grande fama aos que nella escrevem, por ser idioma fallado por poucos, e pouco conhecido de estranhos: talvez a este preconceito se deva a mania de escrever em castelhano, que dominou os nossos litteratos até ao reinado d'El-Rei D. João V. Estou certo que elles não preferiram o hespanhol ao portuguez, porque despresassem este, ou julgassem que o castelhano lhe era superior, mas porque o tinham por lingua mais conhecida; era sêde de gloria, que soffocava nelles o amor da patria.

Mas além de que não ha lingua, que de desconhecida se não torne conhecida, e estudada, quando nella se escrevem obras de interesse, e muito transcendente, não é a lingua portugueza tão ignorada como a pertendem figurar. Os Judeos, emigrados de Portugal, a tem diffundido na Hollanda, aonde se não servem de outra em suas synagogas, e actos públicos. Os litteratos Allemães a estudam tanto como a castelhana, em Hamburgo, está tão generalizada, que até as mulheres a fallam. Os livros portuguezes são familiares aos inglezes intruidos. As obras de Simondi, de Raynouard, de Villemain, de Ferninand Dinis, e as muitas traducções de escriptos nossos, que se tem publicado em França, mostram que a nossa litteratura se tem tornado objecto de mui curioso estudo naquelle pais, e é de esperar que o conhecimento da nossa lingua se vulgarise cada vez mais.

As nossas armas, os nossos missionarios, e os nossos estabelecimentos na Costa d' Africa ali a tem tornado usual.

Além disso, o portuguez é a lingua commercial da Asia, e mais conhecida, e fallada na India, que qualquer outra das linguas Europeas. Falla-se em Macáo, nas Philippinas, nas Malucas, e em todos os reinos que bordam a Aurea Chersoneso.

O portuguez é finalmente o idioma do vastissimo imperio do Brasil, cuja povoação, de muitos milhões de individuos, vai em progresso ascendente; ali he cultivada, e usada por innumeraveis escriptores, que ora ali florescem, e vam lançando as bases de uma rica litteratura: com o Brasil pegam as antigas colonias hespanholas, hoje divididas em muitas repu-

blicas, onde a lingua lusitana é tão conhecida, e entendida como na Hespanha, pela mesma razão da similitude, e afinidade de ambas as fallas. E á vista destas considerações, não podemos deixar de confessar, que haverá poucas linguas que sejam entendidas, em tão longo espaço do mundo, e fallada por tantos individuos.

Cuidem pois os portuguezes em compor obras de genio, e de proveito, e não receiem de que haja falta de quem as lêia, de quem as entenda, e de quem lhes tribute os devidos applausos.

CAPITULO III.

Eschola Gallega, ou dos Trovadores.

Que a Poesia Portugueza nasceu, e se cultivou muitos annos antes da fundação da monarchia, e quando a terra de Portugal estava unida á Galliza, e ambas as nações fallavam o mesmo dialecto, é cousa de que ninguem duvida, porque tem a seu favor os monumentos historicos.

Que a lingua portugueza, mesmo no estado de barbaréz, e rudeza, em que então se achava, possuia já um certo grau de doçura, e amenidade, que hoje nos custa a perceber, porque já não sabemos pronuncia-la, mas que era mui perceptivel para os contemporaneos, todos os criticos hespanhoes de boa fé o confessam, e o prova a pratica dos Poetas daquelle tempo a preferirem á castelhana para as poesias eroticas, e para as que se compunham para musica; e se corrobora esta asserção pelo exemplo do Rei D. Affonso, denominado o Sabio, que escrevendo o seu Poema das *Quezellas*, e o de *Thesouro*, de que se conservam alguns fragmentos em coplas castelhanas de Arte maior, escreveu um livro de cantigas em lin-

gua portugueza, ou gallega, pois a mesma lingua se designava então por estes dous nomes.

Mas sem embargo do grande cultivo dado á poesia antes, e depois da monarchia, esta epocha offerece ao historiador tantas difficuldades, que é quasi impossivel poder apresentar uma conta clara, e exacta della. Houve na verdade grande numero de Poetas, mas as suas obras tem desaparecido; e as que se conservam apenas se encontram espalhadas, e em fragmentos, por differentes livros como a Monarchia Lusitana, e a Chronica de Cister, de Frei Bernardo de Brito, a Europa Portugueza de Manoel de Faria e Sousa, e outros, que seria occioso mencionar.

Consta que existiram dous grandes Cancioneiros contendo grande numero de trovas desses Poetas, mas ao que parece foram todas devoradas pelo tempo, ou pereteram pela incuria, e negligencias que sempre reinou entre nós a respeito de monumentos antigos; e como não pereceriam objectos de natureza tão fragil como manuscriptos, quando desapareceram tantos monumentos de pedra, com que os Phenícios, Cartaginezes, Romanos, e Arabes assignalaram a sua passagem na Península? O certo é que aquelles Cancioneiros foram cuidadosamente procurados por Buterweck em todas as bibliothecas de Alemanha, e por Sismondi em todas as de França, e da Italia, e nem um, nem outro poderam deparar-los.

A Real Academia das Sciencias, em 1790, concebeu um pensamento, que na verdade faz muita honra áquella companhia de erudictos, que tanto tem trabalhado entre nós pela diffusão das luzes, e cultivo das sciencias. Resolveu mandar um dos seus socios a Madrid para examinar as livrarias daquella capital, a fim de verificar se ali existiam alguns livros portuguezes, impressos, ou manuscriptos, que se julgassem perdidos.

O governo de Sua Magestade a Senhora D. Maria I. protegeu, como era de esperar, esta nobre tentativa, alcançando de Sua Magestade Catholica a necessaria authorisação para o exame, que se projectava, e a Academia nomeou para essa commissão

Doutor Joaquim José Ferreira Gordo, depois Monsenhor da Santa Igreja Patriarchal.

No tomo 3.º das Memorias da Academia das Sciencias a pag. 60, lê-se uma conta dada pelo dito socio, em que declara, entre outras cousas, ter achado na Real Bibliotheca de Madrid, um Cancioneiro portuguez, escripto no seculo quinze, e contendo as obras de mais de cento e cincoenta Poetas, de que traz os nomes, mas não copiou nada delles.

Parece que havendo a Academia dado o primeiro passo, deveria ter dado seguimento a tão louvavel empreza, rogando ao Governo que se empenhasse em alcançar do ministerio hespanhol copias de manuscritos tão interessantes para a nossa litteratura, a fim de serem dados á luz pela Academia; e seria este um dos maiores serviços prestados á gloria, e litteratura nacional; é de esperar que nem o Governo Portuguez se negasse a coadjuvar a Academia na sua justa pertença, empenhando-se para esse effeito com o Governo de Hespanha, nem este se negasse a condescender com as rogativas, que a este respeito lhe fossem endereçadas em nome de Sua Magestade Fidelissima; não sei se isto se fez: o que é verdade, é que nunca houve empreza melhor tentada, e que menos resultado produzisse.

Consta que o segundo livro, que se imprimio em Portugal, foram as Trovas do Infante D. Pedro; de que Frei Bernárdo de Brito, cita alguns versos, mas nunca achei nenhum exemplar dellas, nem Sismondi, nem Bouterweeck, que contam aquelle Infante no numero dos nossos Poetas, as tinham visto.

D'El-Rei D. Diniz tambem havia dous Cancioneiros; um com o titulo um tanto estranho de *Cancioneiro de Nossa Senhora*, que continha as suas poesias de devoção, e outro que continha as suas poesias profanas. Do primeiro falla Sismondi, sem accrescentar, que o lêra, e sem d'elle copiar nada: do segundo vi um exemplar manuscrito, mas de caracter de letra bastante moderna, que possuia o meu defuncto amigo, o Beneficiado Pedro José de Figueiredo, socio da Academia Real das Sciencias; a linguagem das coplas que d'elle li, era na verdade mui antigo; mas não

posso affiançar a sua authenticidade, nem o examinei com attenção, porque nesse tempo pouco me interessava por essas antigualhas; o que posso affirmar é que Figueiredo, muito curioso dellas, se desvanecia muito da sua posse. Este Cancioneiro é natural que percesse no *Auto de Fé*, que mandou fazer de todos os manuscritos, seus, e alheios, que existiam na sua livreria, nos ultimos dias de sua vida. Esta mania de queimar manuscritos é uma molestia endemica da Nação Portugueza. Confesso que tenho hoje grande pena de que este Cancioneiro percesse, ou de que não o lê-se naquelle tempo de modo que me ficassem de memoria algumas Coplas, pelas quaes podesse verificar si era, ou não o mesmo que ha pouco se imprimio, e que extractei para esta Obra.

Nunca tive occasião de examinar um Cancioneiro pertencente á livreria do Real Collegio dos Nobres; não sei se pereceo no incendio que devorou aquelle edificio, ou se levaria caminho nessa occasião.

Lord Stuart; quando esteve por Embaixador nesta côrte, além de muitos livros raros, que comprou, alcançou uma copia daquelle Cancioneiro que fez imprimir em Paris em 1823, á sua custa; porém com essa edição, executada com todo o luxo, e de que se tiraram poucos exemplares para presentear amigos, e algumas bibliothecas, ficaram aquellas poesias tão fóra da circulação litteraria como quando estavam em manuscrito sepultadas nas estantes do Collegio dos Nobres.

Resta o Cancioneiro de Resende, de que existe um exemplar na bibliotheca publica de Lisboa, e talvez mais cinco, ou seis em todo o reino, e alguns em livrerias da Alemanha, e França; esta compilação, preciosa no seu genero, offerece objectos de curiosidade para o erudito, de investigações para o philologo, e de observações para o philosopho, e historiador. É além disso uma testemunha da marcha, e progressos do idioma; posto que as Trovas que contém sejam com poucas excepções de Authores, posto que em grande numero, contemporaneos, ou quasi contemporaneos do collecter.

Ao inconveniente da falta de composições, que sirvam

de fundamentar o juizo sobre o caracter desta escola, de contestar o progresso da lingua, e da arte, accresce ainda outro não menos attendivel, que é a deficiencia de noticias ácerca da vida, circumstancias, e posição social destes Copleiros; da maior parte apenas consta o nome, de outros o appellido, de quasi todos se ignora a naturalidade, e a data do nascimento, e obito. Outras vezes as tradições a respeito delles são tão confusas, e contradictorias, que baldado é trabalhar para tirar a limpo a verdade. Igualmente o grande numero dos Poetas do Cancioneiro de Resende torna impraticavel o menciona-los todos sem alongar este Ensaio fóra de todas as proporções. Tomo por tanto o partido de fallar só daquelles, cujos escriptos me pareceram mais importantes, dando delles, em falta de outras melhores, as noticias que a seu respeito tem chegado ao meu conhecimento.

CAPITULO IV.

Guesto Ansuress.

Este Poeta, que foi o tronco da familia dos Figueiredos, viveo no tempo, em que Mauregato occupou o throno de Asturias, Galliza, e Portugal; e foi muito affamado não só pelo talento de trovar, mas por sua illustre linhagem, e por ser gentil cavalleiro, e muito valente de sua pessoa.

Todos sabem o modo vergonhoso por que Mauregato alcançou o solio. Este homem cruel, turbulento, e ambicioso, foi filho bastardo d'El-Rei D. Afonso, o Catholico, e de uma escrava mourisca, que lhe servia de harregáa, pois tal era a dissolução de costumes naquelles tempos barbaros, que os reis, mesmo os que pãssavam por mais virtuosos, senão pejavam de viver em publica mancebia, e de reconhecer bom numero de filhos espurios, e quasi sempre adulterinos.

Mauregato desejoso de reinar, e incapaz de refrear a impetuosidade Africana de suas paixões, resolveu usurpar o throno a seu sobrinho D. Affonso, que depois denominaram o casto, filho de D. Sancho, seu irmão, e teve esta empreza por facil, attenta a pouca idade d'El-Rei, e a sua recente coroação, que ainda não lhe permittira crear raizes no throno.

Para melhor sabir com seus intentos tomou o arbitrio de pedir o auxilio de Abderrhamen, Emir de Cordova, reconhecendo-se seu vassallo, e obrigando-se a pagar-lhe todos os annos o feudo de cem donzellas, cincoenta nobres, e cincoenta plebeas, escolhidas entre as mais formosas das terras, e provincias do reino de Asturias, por quem era proporcionalmente distribuido este carregó opprobrioso como hoje se derramam os impostos directos.

Invadindo pois o reino com um exercito de Mouros, e ajudado de alguns fidalgos traidores, e ecclesiasticos de sua parcialidade, facil lhe foi apoderar-se de Asturias, e Galliza, e de quantas terras em Portugal obedeciam aos Monarchas Astúrianos, affugentando o joven, e inexperito D. Affonso, que difficilmente poude salvar-se, e procurar asylo nas provincias Vascongadas.

Os povos facilmente se acostumaram ao jugo, por que como a sua sorte é sempre obedecer, pouco lhe importa que quem os manda tenha, ou não direito legitimo para isso; tudo está em que o usurpador não ataque a sua vida, os seus bens, os seus preconceitos civís, ou religiosos, e por isso Mauregato teria reinado seguro, si o tributo das cem donzellas o não tornasse odioso, e aborrecido dos habitantes em todos os seus dominios. Não podiam tolerar que regidos por um Rei Christão estivessem em peiores circumstancias, que os Christãos Musarabes, que vivendo nas terras dos Mouros, e sujeitos ao governo delles, não só eram livres no exercicio da sua religião, mas não viam arrancar-se-lhes dos braços suas filhas, e irmãs para, em qualidade de escravas, serem vendidas nos mercados, e prostituidas nos Harens de Cordova, e da Mauritania.

Este golpe, que todos os annos vinha ferir-lhes em

seu coração, os fazia romper em excessos que tarde, ou cedo haviam causar a ruina do usurpador. Já algumas vezes havia acontecido serem as donzellas do tributo arrancadas á força d'armas das mãos dos Mouros, ou das justças, que as conduziam, nascendo daqui tumultos, e grande derramamento de sangue.

Aconteceu que uma escolta mourisca conduzindo seis donzellas, fizesse alto em um logar, distante tres legoas de Visco, conselho d'Alafões, que hoje se chama Figueiredo das Donas, em razão do caso ali acontecido, e recolhendo-as em uma pequena casa, no meio de um pomar de Figueiras, esperou ali que passasse a intensidade do calor para proseguir sua marcha com menos fadiga.

Aquellas infelizes moças lamentando o seu destino, choravam amargamente, e em altos gritos amaldiçoavam a hora, em que haviam nascido, quem impusera o tributo, e quem o havia accetado, em quanto os Mahometanos espalhados pelo figueiral dormiam tranquilos, deitados á sombra das arvores, cantavam suas cansões nacionaes, ou conversando escarneciam dos prantos, e lamentações daquellas infelizes.

Acertou porém que Goesto Anures, que com alguns Pagens passava por aquelle logar bem montado, e bem armado como era costume dos nobres, e cavalleiros daquela idade de ferro, sentindo aquella confusa, e lastimada vozaria de prantos feminis, chegou a uma janella da casa, em que estavam encerradas, e inteirando-se do motivo das suas queixas, ou por natural impulso de piedade, ou o que é mais probavel, rendido da formosura de uma dellas, com quem casou depois, começou de consola-las com palavras meigas, dizendo que estivessem de bom animo, que elle lhe promettia de arriscar sua vida para salva-las de tamanho opprobrio, e calamidade.

Sentindo os Mouros que as donzellas interrompiam seus queixumes, e ouvindo a voz de um homem, que se lhe dirigia na linguagem do paiz, correram promptamente a reconhecer o que se passava, e evitar a conversação.

Goesto Anures abraçando o escudo, e baixando

a viseira, remeteu com os seus contra elles, e dos primeiros encontros atravessou alguns com a lança, derribou, e atropelou outros com as patas do seu cavallo, e tirando a espada deu volta sobre os outros em quem foi matando desapiadadamente, até que se lhe quebrou a espada.

Ao vê-lo desarmado cobraram alento alguns dos Muslimes, que ainda não tinham fugido, ou cahido aos seus golpes, e tornou o desalento a apoderar-se das infelizes, que já se davam por livres.

Goesto Ansures, em vez de perder o accordo em tão apurado lance, deu de esporas ao corcel, e correndo a uma figueira, cortou della um grosso tronco, brandindo-o como se fosse uma maça, e amiudando os golpes, ou pancadas em seus inimigos já cançados, e feridos, completou a victoria com a morte de todos elles.

Partindo logo dali com as donzellas libertadas pelo seu valor, as conduzio ao seu castello, onde lhe offereceu abrigo até serem entregues ás suas familias, e em breve recebeu por esposa aquella, cuja belleza o tinha obrigado a pôr a vida a tamanho risco.

Em memoria deste facto, e de se haver valido de um tronço de figueira para terminar o combate, tomou Goesto Ansures o appellido de Figueiredo, que quer dizer pomar de figueiras, o qual tambem ficou ao logar da acção; e fez pintar no escudo cinco folhas de figueira, e pôz outra no remate do elmo, tudo alusivo a seis donzellas que libertara, e estas ficaram sendo as armas de sua linhagem.

Accrescentam mais, que Goesto Ansures celebrou este acontecimento no seguinte Romance, ou Canção:

No figueiral figueiredo
 A no figueiral entrei.
 Seis niñas ençantrara,
 Seis niñas encontrei.
 Para ellas andara,
 Para ellas andei.
 Llorando as achara,
 Llorando as achei.
 Logo lhes pescudara,

Logo lhes pescudey.
 Quiene las maltratara,
 E a tão mála ley?

No figueiral figueiredo.
 A no figueiral entrei,
 Una me reprecara
 Ei, imfançon, nom sei,
 Mal houvesse la Terra,
 Que tene o malo Rey!
 Si ei as armas usara
 Ja á misé nom sei
 Si Homo a mi levara
 De aquella mala ley!
 Vos, adeos, vos vaiades,
 Garçom, ca ei nom sei
 Si onde me fallades
 Mais ei vos fallarei.

No figueiral figueiredo
 A no figueiral entrei.
 E ei lhe reprecara
 A misé nom hirei,
 Cá olhos dessa cara
 Caros los comprarei.
 As las longas terras
 En traz vos me hirei,
 Las compridas vias
 Per vos andarei,
 Lingua de Aravia
 Eu a fallarei,
 Mouros si me vissem,
 Eu os matarei.

No figueiral figueiredo
 A no figueiral entrei,
 Mouro que las guardava
 Cerca lo achei,
 Mal la ameaçara,
 Ei mal me anoguei,
 Troncom desgallhara,
 Troncom desgallhei,

Todo-los machucara,
 Todo-los machuquei,
 Las niñas furtara,
 Las niñas furtei,
 La que a mi fallara
 N'alma la cbantei,
 No figueiral figueiredo
 A no figueiral entrei,

Posto que este Romance seja geralmente attribuido a Goesto Ansuers, confesso que muito duvido da sua genuinidade: a sua linguagem me parece mais moderna, que a do tempo em que se diz, que o auctor vivia, e até me parece posterior a das Trovas de Gonçalo Hermingues, e de Egas Moniz. Salvo se passando de boca em boca se foi insensivelmente alterando, o que não é difficil de acontecer em composições, que não são impressas. Deve com tudo notar-se, que Frei Bernardo de Brito, que o transcreve na segunda parte da Monarchia Lusitana, livro septimo, paginas 419 Impressão de Craasbeek de 1690, não diz que esta composição seja de Goesto Ansuers; mas só que a lêra em um livro, ou Cancioneiro de mão, que havia sido de D. Francisco Coutinho, Conde de Marialva, que depois o fez passar ás mãos de pessoa, que o estimava bem pouco: e acrescenta que depois o ouvira cantar na Beira a lavradores antigos; e de certo que parece bem estranho que no tempo de Frei Bernardo de Brito os lavradores da Beira se divertissem em cantar versos, cuja linguagem na maior parte não deviam entender.

Seja como fôr, o que não padece duvida é que esta cansão, ou ella seja composta por Goesto Ansuers, ou por outra pessoa, é um dos mais antigos monumentos da nossa Poesia, e prova quão cedo o talento poetico se manifestou entre nós, e por isso não podia deixar de mencionar-se em uma obra desta natureza.

Nem este vagido da nossa Musa, apesar da sua rudeza está absolutamente desprovido de artificio, e de graça; o dialogo entre uma das presas, e o Poeta é cheio de simplicidade, energia, e paixão. Não exprime ella um sentimento generoso quando diz:

Si eu as armas usara
 Ja a misé nom sei
 Si Homo me levara
 De aquella mala ley!

E a resposta de Ansures não respira toda a impetuosidade do amor, e espirito cavalheiresco.

A mi fe nom hirei,
 Ca olhos dessa cara
 Caros los comprarei.

A las longas terras
 En traz vos mi hirei,
 As compridas vias
 Por vos andarei.
 Lingua de Aravia
 Eu a fallarei,
 Mouros, si me vissem
 Eu los matarei.

Além disso o estribilho cabe naturalmente todas as vezes que se repette, e este sentimento do effeito musical não deixa de ser muito para louvar em tempos tam grosseiros, e rudes. Tambem aqui começa a manifestar-se o gosto dos jogos de palavras, que muito depois tanto dominaram na nossa Poesia. Repare-se nestes dous versos:

Cá olhos dessa cara
 Caros los comprarei.



CAPITULO V.

Gonçalo Hermingues.

Gonçalo Hermingues, foi filho de Hermingo Gonçalves, e floresceu no reinado d'El-Rei D. Affonso Henriques, em cuja côrte era tido por um dos mais intrepidos, e valentes cavalleiros, e dos melhores Poetas do seu tempo: festejando as bellas nos serões, e celebrando as suas graças nas suas Poesias; accudindo briosamente a correr lança com os mahometanos, chegou conforme o uso do tempo, a ser conhecido pela alcunha, de que muito se presava, de *Traga-Mouros*, tanto era o estrago, que havia feito nos usurpadores da sua patria.

Mas este heróe, insaciavel de sangue de Mouros, parece que era mais manso, e mais tractavel com as Mouras, pois que os lindos olhos de Fatima, donzella mui formosa, moradora em Alcaçar do Sal, de modo renderam o seu coração, tão ardente affecto lhe iaspiraram que constando-lhe, que os habitantes daquela Villa deviam segundo seu costume, sahir della na manhã de S. João a espaiencer no campo com as suas famílias, juntando alguns cavalleiros da sua bandeira, como elle mancebos, arrojados, e destimidos, sahio com elles de Almada; foram marchando sem rumor ao abrigo da noite, e se collocaram em emboscada nas visinhanças da villa.

Apenas começou a romper a manhã purpureando os Ceos com sua brilhante luz, os habitantes que não esperavam taes hospedes, porque estavam então em paz com os Portuguezes, sabiram desappercebidos de Alcaçar, enermes, e vestidos de festa como quem hia só para folgar, e com canticos, e bailes a seu modo se espalharam sem receio pelos campos matizados de verdura, e de flores.

Parece que o Baptista se não mostrou neste dia muito grato aos seus festeiros, porque apenas assumou no campo a formosa Fatima, Hermingues, e os seus amigos romperam da cilada, e cetraram com os pobres Mouros ferindo nelles sem piedade, e em quanto os seus amigos, andavam cevados nesta mais caçada de homens, que verdadeira batalha. Hermingues investindo impetuoso com um Mouro, que escoltava Fatima, deu com elle em terra de um boote de lança, e arrancando-a da sella, e collocando-a no arção da sua, cravou esporas ao ginete, e galopando se fez com ella na volta de Almada, onde pouco depois vieram juntar-se com elle os companheiros cobertos de sangue, e carregados de despojos adquiridos com pouco trabalho.

Nem o Doutor Frej Bernardo de Brito, que refere este successo na sua Chronica de Cister, nem Mr. de la Clede, nem outro algum historiador dos que fallaram de Hermingues nos informam se este rapto, foi effeito espontaneo da desenfreada paixão amorosa, que fazia ferver o sangue no coração do Poeta Trovador, ou se a bella Musulmana estava de accordo com elle, o certo é que dentro em pouco tempo ella abjurou o Islamismo, recebeu o baptismo, e casou com o seu roubador.

Desde então os Muslimos viram menos vezes no campo o terrivel Traga-mouros, porque encantado com as graças da esposa, embriagado com seus mimos, e adormecido com seus affagos, dava mais occio á espada, que á Theorba, em que decantava os louvores de Ouriana, que tal era o nome Christão, daquella cathecumena do amor!

Não havia na côrte dama, que não invejasse a ventura de Ouriana; não havia cavalleiro, nem cortesão, que não invejasse a fortuna de Hermingues; mas as felicidades mundanas sam de sua natureza breves, e transitórias; e a taça dos prazeres amorosos, ainda que transborde em nectar, sempre tem no fundo uma porção de licor amargo, que não só afflige, e lacera o paladar, mas que ás vezes mata.

A morte veio interromper a ventura dos dous amantes cortando em flôr a bella Ouriana, e derramar a

desesperação no peito sensível de Hermingues; lamentou por algum tempo em seus versos a perda daquella que era o seu idolo, regou com lagrimas amargas o seu sepulchro, e por fim aborrecido do mundo, fugindo das honras, e dos amigos, fundou uma hermitagem, onde terminou seus dias vestindo o habito de S. Bernardo.

Para que possa fazer-se idéa do estado da lingua e da Poesia naquella remota epocha, transcreverei tres coplas deste poeta, que tanto mereceu a estima dos seus conterraneos.

Tinhera-bos, nom tinhera-bos,
Tal a tal cá assoma;
Tinherades-me, nom tinherades-me;
De lá vinherades, de cá fincaredes;
Cá andabia todo em sorna.

Per mil goivos trebellhando
Oy, Oy, bos lombrego,
Algorém de cada folgança.
Asmei ei; porque do terrenho
Nom ha hi tal percheço.

Ouriana, Ouriana oy tem por certo
Que inha vida do biber

Se olvidou por tu alvidro; porque em cabo
O que hei de la checona sem referta,
Mas nom ha perque se ver.

Manoel de Faria e Sousa diz que sim entendia algumas palavras destes versos, mas que nenhum sentido podia colher delles, não me admira, que assim fosse vendo o modo porque elle os escreve. Basta dizer que o primeiro verso da primeira estrophe

Tinhera-bos, nom tinhera-bos.

isto é

Tivera-vos, não vos tivera,

escreve Manoel de Faria assim

Tinhe-rabos, nom tinhe-rabos

o que nem Beelsebuth é capaz de entender.

Esta Cansão pela linguagem, e pela fôrma indica um perfeito estado de barbaridade. Os versos sãam de differentes medidas, e sem semetria. Em cada estrophe ha apenas dous versos que rimam; o segundo, e o quinto, o que prova que neste tempo não se julgava que aquella moleta fosse necessario para sustentar a harmonia metrica. Note-se tambem, que na terceira ha tres versos hendecasilabos, o que mostra que elles eram já muito antigos na lingua, e Poesia Lusitana quando Sá de Miranda fez uso delles nas suas obras.

A circumstancia destas Coplas se acharem compostas de versos desiguaes, e sem correspondencia, ou semetria entre si, e a consideração de que tem sido citadas por pessoas, que declaram que não as entendiam, me leva a uma conjectura, que talvez pareça plausivel, e assentada em bons fundamentos.

Não nego que seja possivel, que um Poeta escrevendo em um seculo de barbarez, e na infancia da arte compoesse as estrophes de uma Cansão accomodando nellas a esmo, e sem regularidade versos desiguaes, e na ordem em que a sua imaginação lhes dictava; mesmo no nosso tempo em que o bom gosto da Poesia se vai geralmente perdendo, já vam apparecendo symptomas de que venha a resuscitar este methodo vicioso de composição, e tobejos exemplos disso já tem por ahi apparecido; mas é de notar que a terceira copla se affasta ainda mais da fôrma das outras pela mistura dos hendecasilabos.

Mas não é tanto a fôrma externa das coplas que me decide, mas sim que, lêndo-as com toda a attenção, acho que a significação de umas, se não liga bem com a das outras, que se quebra o fio das idéas, e não fica bem claro o que o Poeta quiz exprimir.

A primeira copla alude á maneira em que Oriana foi tomáda por Gonçalo Hermingues no meio da confusão da peleja; mas este sentido parece discordar do sentido da segunda, e affastar-se ainda mais do que

contém a terceira; não poderemos á vista disso, inferir que estas tres coplas não formam uma Cansão unica, ou parte della, como geralmente se tem acreditado, mas que sam tres fragmentos de tres distinctas composições? Confesso que me inclino muito a esta supposição, posto que ainda até hoje não tem occorrido a ninguem, e appello para os Philologos, que queiram dar-se ao trabalho de estudar a lingua-gem destes versos, para os entender bem, o que não é tão difficiloso como á primeira vista parece.

CAPITULO VI.

Egas Moniz.

Contemporaneo, e amigo de Gonçalo Hermin-gues, e como elle mui celebrado por suas coplas ero-ticas, foi Egas Moniz, primo de outro do mesmo nome, que foi Ayo d'El-Rei D. Affonso Henriques, a quem a tradiçãõ popular attribue a celebre fiança feita ao Rei de Leão, de que D. Affonso se apresentaria em suas Côrtes, se elle Rei de Leão levantasse ositio de Guimarães, onde o tinha cercado, e a façanha, de, pelo Rei de Portugal recusar-se ao cumprimento deste ajuste, se apresentar ao Leónez descalço, e com a corda ao pescoço, com sua mulher, e filhos, para que nelles vingasse o quebramento da sua palavra. Esta entremesada pôde interessar, e fazer derramar lagrimas de dó, e admiração, revestida do colorido poetico, e estylo magico de Camões no Canto 3.º dos Lusíadas; mas não resiste ao exame de critica severa, nem á combinação das datas de uma boa chronologia.

Deixando porém este incidente, e voltando ao primo do chamado Regulo Portuguez, direi, que foi segundo se afirma extremado cavalleiro, distinguin-

do-se em muitas acções contra os Mouros, mui bem cabido com as damas, e mui dado aos amores.

Uma dama da Rainha D. Mafalda, a quem a historia designa simplesmente pelo nome de Violante, sem nos dizer nada da sua linhagem, foi por muito tempo a senhora dos seus pensamentos, o objecto das suas adorações, e o assumpto mimoso das suas Poesias.

Esta donzella era mui formosa, segundo se colhe dos versos do seu amante, testemunho que não deve ter-se por muito insuspeito; mas o que não tem dúvida é que Egas Moniz a amou como os Poetas costumam amar, perfeitamente, quero dizer, como doudo, porque nestes casos a doudice é a perfeição, e o sublime.

Porém entre tantas perfeições de que a bella Violante era dotada, não tinha logar a constancia, e por isso, quando menos Moniz o esperava, esquecendo-se de suas finezas, e desmentindo todos os seus juramentos, casou com um hespanhol, e partio com elle para Castella.

O perjurio de Violante, este desfecho inexperado de tantos extremos, parece que o coração do Poeta o advinhava, quando devendo ausentar-se para Coimbra, dirigia á sua amada as seguintes coplas:

Fincarédes vos embora
 Taom cuitada,
 Qui si boi-me per hi fora
 De tongada.

Bai-se o bullo do mei corpo,
 Mas si nom,
 Que ós çocos vos finca morto
 O coração.

Se pensades que ei me vom
 Non lo pensedes,
 Que chantado em vos estom
 E nom me bedes.

Mei jazido, e mei amar
 Em vos acara,

Grenhas tendes de espelhar
Lusia cara

Nom farom estos meus olhos
Tal abesso,
Que esgravizem os meus dolos
Da compeço.

Mas se ei for pera Mondego
Pois la vom,
Carulhas me fagnan cego
Como ei som.

Se das penas do amorio.
Que ei retouço,
Me figerem tornar frio.
Como ei ouço.

A medesme se queredes
Como Lusco,
Se nom torvo me acharedes
A mui fusco.

Se me boi a mi leixardes,
Deos me guarde.
Nem asmeis bos de queimardes
Isto que arde.

Hora nom leixedes, nom,
Cá sois garvida,
A senom, Christeleijom.
Per inha vida.

Voltou Egas Moniz de Coimbra, e achando a noticia da falsidade de Violante, e de sua partida para Castella com seu marido, ficou como doudo, e escreveo estas coplas que lhe enviou.

Bem satisfeita ficades,
Corpo de oiro,
Alegrade a quem amardes
Que ei ja moyro,

CAPITULO VI.

Ei bos rogo bos lembredes
Ca bos quije,
A que dolos nom achedes
Que bos fije.

Combastes a Pertigal
Per Castilha,
A amades o mei mal,
Que dor me filha.

Granaimo per Castejano
E pestinique,
A chantaime vinte enganos
Que me sique.

Bedes moiro, bedes moiro,
Violante,
Longe va o sestro agoiro
Por diante.

Bos bibede um centanairo
Mui garrioso,
Que ei me bou para o trantairo
Lagrimoso.

A se aboica remembrança
Ei vier,
Dizei, Egas tem folgança
Hum se quer.

A se ouirdes na murtulla
Os campaneiros,
Retonçade na murmulla
Os meis marreiros.

Quando ouirdes papear
O castejom,
Membregos lhe fije dar
De cotom.

Nem bos piodo mais fallar
Ca nom falejo,

Ca bem podedes amar
Qual ei sejo.

A tenho o arcaiboço
Sem feiçom
Mas vos vejo, e bos oiço
No coraçom.

Bedes-me boi descaindo
Nesta hora
Bos amor ficade rindo
Muito embora.

Mas debalde procurava elle desfogar as suas penas nas lamentações, e nos versos; a ferida havia penetrado mui profundamente naquelle coração amante, e entusiasta; o toxico do ciúme estava derramado em seu coração, e lhe corrompia o sangue; sua imaginação ardente lhe representava a cada momento a ventura, e os prazeres por tanto tempo gozados, e tão de repente perdidos. Pesada melancolia lhe foi pouco a pouco secando as fontes da existencia; nem os festejos da corte, nem os louros da guerra, tinham poder, se não de consola-lo, ao menos de distrahi-lo. O amor de Violante era a sua vida, e a sua perfúdia o despenhou em breve na sepultura.

Affirma a tradiçãõ, que a formosa, e inconstante Violante, sabendo da sua morte, e enternecida com os seus versos, e talvez conhecendo que o marido, que preferira não valia o antigo amante, tomara tal paixão, que posera termo aos seus dias com veneno.

Em puridade confesso, que esta tradiçãõ me parece uma fabula; as mulheres nunca se matam pelos amantes a quem atraçoam, mas sim por aquelles, que as abandonam, ou desprezam: não é a compaixão, ou o amor, mas o despeito, ou o otgulho offendido que as leva a esses excessos.

As Coplas de Egas Moniz, que deixamos citadas, e outras, que existem, sam na verdade elegantes, e harmoniosas; mas serão ellas authenticas? affoutamente respondo que não; e basta confronta-las com as de Gonçalo Herminguez para se conhecer o bem

fundado de minha duvida. E' fóra de toda a probabilidade, que dous homens vivendo no mesmo seculo, e na mesma côrte, escrevam em lingua-gem tão differente, que uma se não entenda, sem grande trabalho, e estudo particular, e que a outra seja clara, e perceptivel mesmo para as pessoas me-nos entendidas.

A mudança, e aperfeiçoamento, ou deterioração das linguas, é sempre lenta, e gradual, e nunca de salto; é o trabalho do mineiro que avança vagaroso, e sem ser visto. Entre a lingua de Hermingues, e de Egas Moniz, ha pelo menos seculo e meio de intervallo.

CAPITULO VII.

El-Rei D. Diniz.

Não ha ninguem que não reconheça El-Rei D. Diniz por um dos melhores Reis da primeira linha, e por um dos primeiros promovedores da civilisação, e das luzes entre nós. Favoreceu a lavoura a ponto de merecer o titulo de Rei Lavrador, que valle alguma cousa mais, que o de Rei victorioso; fundou vil-las, e logares, e povoou outros que haviam ficado quasi desertos pelos estragos da guerra, e pela expul-são dos Mouros; animou o commercio, tal qual se podia então fazer. Ha inda em Lisboa uma rua, que se chama das Escolas Geraes, que tal era o titulo primitivo da Universidade, fundada por este Rei pa-rra ensino das Sciencias, e das Boas Artes, para a qual mandou chamar com grande dispendio de sua fazenda, Professores, e Mestres a Italia. Esta Universidade passou pouco depois para Coimbra, de lá foi restitui-da a Lisboa, e finalmente transferida para Coimbra, onde tem permanecido até aos nossos dias.

Cousas semelhantes que todas as pessoas instruidas, ou

bem educadas conhecem; porém o que é notorio a poucos é que El-Rei D. Diniz nas folgas que lhe deixavam as trabalhosas obrigações do regimento politico da republica; e no meio dos cuidados, e dos alvoroços populares, que lhe suscitava o genio inquieto, ambicioso, e turbulento de seu filho, actava o necessario remanso para cultivar as Musas, e adquirir merecida reputação de Poeta, compondo versos, que deviam ser immensos, pois dellas existiam, como acima disse, dous Cancioneiros, um sagrado, e outro profano.

As Poesias deste grande Rei, assim como as de quasi todos os seus contemporaneos, estiveram esquecidas, e fóra da circulaçáo litteraria até aos nossos dias; e se uma parte dellas acaba de vêr a luz publica, esse serviço feito á lingua, e litteratura patria deveo-se ao zêto de um estrangeiro.

Constando ao livreiro francez M. Aillaud, por informação do Padre Roquete, um dos melhores Oradores, que tivemos nestes ultimos tempos, e que hoje occupa no Collegio Stanislaw uma cadeira de litteratura Portugueza, que na copiosa Bibliotheca do Vaticano, existia um Codice manuscripto, contendo bastantes Poesias d'El-Rei D. Diniz, e de alguns Poetas daquelle tempo, ou quasi daquelle tempo, concebeo o louvavel projecto de fazer dellas uma edição, obtendo para isso uma copia, por intervenção do nobre Visconde da Carreira, que de boamente quiz cooperar para uma empreza de tanta utilidade para o nosso Parnaso, e em que só era para sentir, que não fosse executada por um Portuguez.

O Cancioneiro d'El-Rei D. Diniz sahio assim pela primeira vez á luz em Paris, na typographia de M. Aillaud, em grande formato, no anno de 1847, precedido por uma elegante prefacção, e acompanhado de algumas notas pelo Doutor Caetano Lopes de Moura.

Esta edição não deixa nada a desejar em quanto á correccção do Poeta, elegancia de caracteres, e excellente qualidade de papel.

Este livro deve ser muito apreciado pelos amadores da nossa antiga linguagem, que nas obras d'El-

Rei D. Diniz se apresenta já com feições bem definidas, e bastante regularidade, e nellas se depa-ram muitos vocabulos, e phrases de que o talento pôde ainda servir-se com vantagem, e que escusa-ram tantos gallicismos, e anglicismos com que alguns escriptores modernos não tem escrupulisado de desfigurar a lingua opulenta, e magestosa de Camões, e João de Barros.

Quanto ao merecimento poetico, força é confessar que me parece muito escasso. Nestas poesias compos-tas para cantar, não vejo nem grande imaginação, nem elevação de pensamentos, nem abundancia de idéas, nem estylo pictoreasco, e colorido. Pela maior parte das vezes seria difficil sentirmos que estávamos lendo um Poeta, se a versificação nos não advertisse disto. Esta parte é perfeitissima para o tempo, em que o author escreveo, e as rymas estão travadas, e enlaçadas com muito gosto, o que prova que a natureza havia dotado o Poeta Rei com um ouvido mui sensível aos encantos da harmonia.

Creio que El-Rei D. Diniz tinha quanto era ne-cessario para que um Trovador se distinguisse muito no seu tempo; alguns pensamentos eroticos, ou moraes; ainda que muitas vezes repetidos, cadencia nos ver-sos, e pureza de estylo em proporção do estado do idyoma, era bastante para grangear o nome hono-rifico de cantor, e os applausos das damas, e caval-heiros.

Uma circumstancia mui notavel é a quantidade de versos hendecasyllabos, que se encontra neste Can-cioneiro, assim como no do Conde de Barcellos, fi-lho deste Rei, de que fallaremos no Capitulo seguin-te. Isto mostra que os metros chamados Toscanos, sam mais antigos entre nós, do que geralmente se pensa; entre os poucos versos que nos restam de Gon-galo Hermingues, se encontram alguns, assim co-mo em hespanhol ha alguns Sonetos hendecasyllabos, muito anteriores a Buscan. Em vista disto é inexac-to o dizer-se, que Miranda, e Ferreira introduziram em Portugal os metros Italianos; pois que deve di-zer-se, que aquelles dois Poetas introduziram entre nós o estylo, e gosto da Poesia Italiana, dando maior

uso aos metros de que se serviam os Toscanos, máis que já eram conhecidos entre nós.

Entre as Cansões, ou Trovas hendecasyllabas do Rei Lavrador, transcreveremos aqui a seguinte para dar mostra do seu talento de compor.

Si vi em vos a nenhum mal, Senhor,
 Mal mi venha d'aquel, que pode, e yal,
 Si non que matades a mi pecador,
 Que vos servi sempre, e vos fui leal.
 E serei ja sempre em quanto eu viver,
 E, Senhor, nom vos venho esto dizer
 Pelo meu, mais porque a vos esta mal:
 Cá por Deos mal vos vai per estas Senhor,
 De si he cousa mui des comunhal,
 De matardes mi, qu'eu merecedor
 Nunca vos fui de morte, e pois que al
 De mal nunca Deos em vos quiz poer,
 Por Deos, Senhor, não queirades fazer
 En mi agora que vos está mal.

Senhor, neste Poema equivale a *Senhora*, o mesmo veremos praticado nos versos do Infante D. Pedro, Conde de Barcellos, nestes tempos os vocabulos em or eram invariaveis, tanto para o masculino, como para o feminino, isto se conhece melhor da Trova seguinte:

Senhor formosa, e de mui lonçã
 Coraçõ, ai! queredes vos doer,
 De mi pecador, que vos sei querer
 Milhor que a mi, pero soo certão
 Que me queredes peior d'outra ren,
 Pero, Senhor, quero-vos en tal ben.

Qual maior posa, e o mais emcoberto
 Que eu possa, e sey de Branca Frol,
 Que lhe não houve em flores tal amor,
 Qual vos eu ey, e pero soo certão
 Que me queredes peior que outra ren,
 Pero, Senhor, quero-vos eu tal ben.

Qual mor posso eu, e o mais namorado
 Tristão, sei ben que nao amou o seu,
 Quanto eu vos amo, esto certo sei eu.
 E com todo esso sei mau pecado
 Que me queredes peer que outro ren,
 Pero, Senhor, quere-vos en tal ben,
 Qual maior pesso, e tudo aqesto ven
 A mi cuitado que perdi o sen.

Eis-aqui uma Pastoral, a que não falta graça, e
 singeleza, e que sabe um tanto da monotonia das
 idéas do Poeta; além de mudar para um metro mais
 flexivel, e proprio para o canto.

Oy oj cantar d'amor
 En hum formoso vergeu,
 Huma formosa Pastor
 Que no parecer seu,
 Jamais nunca lhe par vi,
 E porem dixi-lhi assi
 « Senhor, por vosso vou eu. »

Tornoume sanhuda enton,
 Quando me esto oye dizer,
 E disse, « hide-vos, varon,
 « Quin vos foi aqui tronguer
 « Pera me hirdes di estorvar? »
 E ei disse « aqesto cantar
 » Que fez quen sei bem querer.

« Pois que me mandades hir »
 Disse-lh'eu, « Senhor, hir me hey,
 « Mays ja vos hei de servir,
 « Sempre per vos andarey
 « Ca vosso amor me forçou
 « Assi que por vosso me hey,
 « Cujo sempre eu ja setey. »

Diz ella « non vos ten prol
 « Esso que dizedes, nen
 « Mi pras de o oyr sol,
 « Ant'ey nojo, e pesar en,
 « Ca meu coração non é

« Nem sera por boa fé
 « Senon non bos quero ben.

« Nem o meu, dixi lhi eu ja,
 « Senhor, ou se partirá
 « De vos por cujo sol ten,
 « O meu, disse ella, será
 « Hu foi sempre, hu está
 « E de vos non curo ren.

« Quand'eu ben moto semensa
 « Eu qual vos vejo, e vos vi,
 « Desque vos eu conheci
 « Deos, que non mente, me mensa
 « Senhor, se oje eu sey ben,
 « Que semelhe o vosso en ren.

« Quando eu a beldade vossa
 « Vejo, que vi per meu mal
 « Deos, que a coitados val,
 « A mi nunca valer possa,
 « Senhor, se oje eu sei ben,
 « Que semelho o vosso ar ren
 « E quasi a assi non ten,
 « Non vos yio, ou non ha sen.»

Quanto mais antigos sam os documentos, e escriptos, que examinámos, mais evidente se torna o mui chegado parentesco, que a nossa lingua mostra com a Franceza, posto que seja possível, que esses vocabulos nos venham da lingua Celtica; mas seja como fôr, o facto existe, pois ali encontramos *alleur*, que é indubitavelmente o *ailleurs* dos Francezes, *ca*, que é o *car*, *ren*, que corresponde a *rien*, *sen* que é o *sens*, *ben* que está mais proximo do *bien* dos Francezes, que do *bonum* dos Latinos, *leizar* que conserva todas as feições de *laisser*, *u*, ou *hu* adverbio de lugar é exactamente o *ou*, de que usam os Francezes, *paor*, e *peur* sam primos co-irmãos, *trop* acha-se em alguns escriptos do seculo 13.º, como neste verso

Car la esperança *trop* seguro.

Será facil apontar um grande numero de vocabulos da nossa lingua permittiva, que mostram claramente o seu parentesco com o Francez, e que deviam ser tomados em consideração pelos Philologos, que tentassem indagar a origem da lingua Portuguesa com maior cuidado do que se tem feito atégora.

A seguinte trova sobre a prohibição feita pela sua dama de lhe fallar no seu amor, e nos tormentos, que delle lhe provinham, me parece das mais engenhosas.

Quando eu, formosa inha Senhor,
De vos recoey aveer,
Mister sei que no hei poder
De me agora guardar, que non,
Veja mais tal conforto hey
Que aquel dia morrerei,
E perderei cuitas de amor.

E como quer que eu maior
Pesar nos podesse veer,
De que enton verei prazer,
Ey onde, si Deos mi perdon;
Porque por morte perderei
Aquel dia coita, que hey,
Qual nunca fez nostro Senhor.

E pero hey tan grand paor
De aquel dia grave veer,
Qual vos nol posso dizer,
Conforto hey no meu coração,
Porque per morte sahirei
Aquel dia do mal, que hey
Peior do que Deos fez peior.

Vos me defendestes, Senhor,
Que nunca vos dissesse ren
De quanto mal mi por vos ven;
Mais fazed-me sabedor
Por Deos, Senhor, aquem direi,
O quam muito mal levei
Per vos, sinon a vos, Senhor.

Ou aquem direi o meo mal

Si o eu a vos non disser,
 Pois callar non m'é mister
 E dizervolo non m'er val!
 E pois tanto mal soffr' assi
 Si convosco non fallar hi,
 Por quem saberedes meo mal?

Ou aquem direi o pesar
 Que mi vos fazedes soffrer,
 Si o a on non for dizer,
 Que podedes conselhos dar?
 E por vos si Deos vos perdar,
 Coyta deste coraçon,
 Aquem direi o meo pesar?

Se nesta Poesia simi-barbara, e inculta podesse encontrar-se alguma cousa, que se parecesse com a chistosa vivacidade do estylo de Anacreonte, sería nesta cantiga que o Leitor poderia depara-la: bem entendido que essa simillhança, é, nem podia deixar de ser, muito remota.

En gran coita, Senhor,
 Que é peor que morte,
 Vivo per boa fé, e pelo vosso amor.
 Esta coita soffro eu,
 Por vos, Senhor, que eu
 Vi polo meo gran mal,
 E melhor mi sera,
 De moirer por vos ja,
 E pero si mi llore non me val
 Esta coita soffr' eu
 Por vos, Senhor, que eu
 Vi pelo meo gran mal.
 Pelo meo gran mal vi,
 E mais mi val morrer,
 Ca tal coita soffrer.
 Poys por meo mal assi
 Esta coita soffr' eu,
 Per vos, Senhor, que eu vi,
 Per grande mal de mi
 Poys tão coitado and' eu.

E' para notar que nesta Gansão se encontra um verso Alexandrino agudo

Vivo per boa fe, e pelo vosso amor.

O que mostra que estes versos, tão pouco usados ainda entre nós, e que foram admittidos por alguns Poetas do seculo passado, por imitação dos Francezes, já nestes antigos tempos haviam sido provados no nosso idyoma.

Eis-aqui outra mui breve, e no estylo Pastoril, que já então principiava a usar-se, e de que depois se abusou tanto.

Hunha Pastor se queixava
Muito estando n'outro dia,
E sigo medés fallava
E chorava, e dizia
Com amor que a forçava
Par Deos vi te em grave dia
Ai, Amor!

Ella se estava queixando,
Como Mulher com gram cuita,
E a quem a pesar des quando
Nascera non fora duita,
Por en dizia chorando
Tu não hes senon gram cuita
Ai, Amor!

Coita lhe davam amores,
Que nom lhe heram sinon morte,
E deitou-se antes nas flores,
E disse com coita forte
Mal te venga por hu fores.
Ca no es sinon minba morte
Ai Amor!

Esta composição dá seus ares daquellas que os Francezes denominam *Rondoaux*, e que foram muito usadas dos seus Poetas mais antigos, como Froissart, Carlos d'Orleans, Clotilde de Surville, Críen, Villon, Luisa Labe, João de Peruse, e muitos outros, hoje quasi desconhecidos, que haviam recebido esta

fôrma de Poema dos Trovadores Provensaes, de que é muito natural que El-Rei D. Diniz tambem então a imitasse.

Algumas vezes o Poeta lá sabe do apertado circulo da monotonia dos seus amores, como nestas Coplas dirigidas a um amigo.

Amigo, meu amigo, valha Deos,
Vede la frol do Pinho
E guisade de andar.

Amigo, e meu amado, valha Deos,
Vede la frol do ramo,
E guisade d'andar,

Vede la frol do Pinho, valha Deos,
Sellade o Baioninho
E guisade de andar.

Vede la frol do ramo, valha Deos,
Sellade o bel Cavallo,
E guisade de andar.

Sellade o Baioninho, valha Deos
Tresde-vos ai amigo,
E guisade de andar!

Não ha nada mais pobre de idéas, e de estylo do que esta Cansão, porém o leitor depois de ter percorrido 144 paginas do Livro, chega a ella tam cansado, e impacientado com os amores de agua morna, e as lamentações eroticas do Poeta, que esta Cantiga lhe parece excellente só por encontrar nella um objecto novo.

O mesmo acontece com esta, em que ao menos ha alguma novidade na expressão.

Não chegou, Madre, o meo amigo,
E hoje est o prazo saido,
Ay, Madre, moyro d'amor.

Não chegou, Madre, o meo amado,
E oje est o prazo passado;
Ay, Madre, moyro d'amor.

E oje est o praso sabido,
 Porque mentio o desmentido?
 Ay, Madre, moyro d'amor.

E oje est o prazo passado,
 Porque mentio o perjurado?
 Ay, Madre, moyro d'amor!

E porque mentio o desmentido?
 Pesa-me, poys per si é fallido,
 Ay, Madre, moyro d'amor!

Porque mentio o'perjurado?
 Pesa-me que mentio per seu grado,
 Ay, Madre, moyro d'amor!

Na seguinte parece o Poeta ter querido escrever em versos Alexandrinos, mas sabiram-lhe Martelianos, como aconteceu muitas vezes aos Poetas da Eschola Franceza que quizeram fazer uso delles.

De que morredes, Filha, a do corpo velido?
 Madre moyro d'amores, que me deu meo amado.
 Alva, e vai licro.

De que morredes, Filha, a do corpo louçano?
 Madre, moyro d'amores, que me deu meo amado.
 Alva, e vai licro.

Madre moyro d'amores, que me deo meu amigo.
 Quando vejo esta cota que por seo amor trajo,
 Alva, e vai licro.

Madre, moyro d'amores, que me deo meo amado
 Quando vejo esta cota, que por seo amor cinjo.
 Alva, e vai licro.

Quando vejo esta cota que por seo amor trajo.
 E me nembra formoso como fallou comigo
 Alvo, e vai licro!

Quando vejo esta cota que por seo amor trajo,
 E me nembra formoso como fallamos ambos
 Alva, e vai licro.

Tenho por huma das milhores composições desta Collecção a seguinte Cantiga, em que huma Pastora se entretem perguntando ás flores por noticias do seu amante, que havia faltado á promessa que lhe fizera. O estribillo cahe naturalmente em quasi todas as Estrophes, e deve produzir bóm effeito sendo posta em Musica.

Ay flores! ay flores do verde Pino!
Si sabedes novas do meo amigo!
Ay Deos, e hu he?

Ay flores! ay flores do verde ramo,
Si sabedes novas do meo amado,
Ay Deos, e hu he?

Si sabedes novas do meo amigo
Aquel, que mentio do que tinha jurado,
Ay Deos, e hu he?

Si sabedes novas do meo amado
Aquel que mentio do que poz comigo
Ay Deos, e hu he?

Vos me perguntades pelo vosso amado;
E eu bem vos digo que he vivo, e sano,
Ay Deos, e hu he?

E eu bem vos digo que he vivo, e sano
E que sera vosco ante o prazo saydo
Ay Deos, e hu he?

E eu bem vos digo que he vivo, e sano
E que sera vosco ante o prazo passado,
Ay Deos, e hum he?

Desconfio de que estas ultimas composições não sejam de D. Diniz; acho entre ellas, e as outras tal differença de pensamento, de assumptos, de fórma e de metro, que me leva a crer que, ou sam d'outrem, pois do prefacio consta, que havia no original manuscrito Poesias de outros authores taes como D. João de Aboim, D. Diogo Lopes Baiam, D. Affonso Lopes

Baiam, seu filho, Rodrigo Annes de Vasconcellos, D. João Soares Coelho, etc., ou serão talvez traduzidas de obras de alguns dos Trovadores de Provença, e Aragão, que então giravam largamente por toda a Península, e que hoje são inteiramente desconhecidas, assim como a lingua em que foram escriptas.

O Poeta Rei algumas vezes pertende ensaiar a Poesia jocosaria, mas de ordinario sahe desta empresa tão mal, como se vê das seguintes Trovas:

Levantou-se a Velida
Levantou-se alva,
E vai lavar camisas
Em o alto,
Vai-las lavar, alva.

Levantou-se a louçana
Levantou-se alva,
E vai lavar delgadas
En o alto
Vai-las lavar, alva.

Vai lavar camisas,
Levantou-se alva,
O vento lhas desvia
En o alto
Vai-las lavar, alva.

E vai lavar delgadas,
Levantou-se alva,
O vento lhas levava
En o alto
Vai-las lavar, alva.

O vento lhas desvia,
Levantou-se alva,
Metteu-se a alva em hira
En o alto,
Vai-las lavar, alva.

O vento lhas levava,
Levantou-se alva,
Metto-se a alva en sanha

En o alto,
Vai-las lavar, alva.

Isto pôde ser que tivesse muita graça no tempo do author; mas pela minha parte não lhe acho nenhuma. E' que a jocosidade em grande parte é pura convenção, por isso o que faz rir uma nação muitas vezes causa tédio á nação vizinha. Si os equívocos de Frei Jeronimo Vahia, eram pilhas de graça para os seiscentistas, porque não produziriam o mesmo effeito em seus contemporaneos as repetições de D. Diniz, que hoje nos parecem tão insipidas, e impertinentes, como aquelles nos parecem ridiculos?

Terminarei com a seguinte Cantiga, cujo estylo me não parece desprovido nem de força, nem de galantaria.

O vosso amigo, ay! amigo,
De que vos muito fiades,
Tanto quero eu que saibades
Que huma que Deos maldiga
Volo tem louco, e tolheito,
E moyr' ind'eu com despeito.

Non hey ren, que vos asconda,
Nem vós sera encoberto,
Mas sabede bem por certo,
Que huma que Deos comfonda
Volo tem louco, e tolheito,
E moyr' ind'eu com despeito.

Presumo que estes escriptos bastarão para dar aos Leitores campo bastante para avaliarem o estylo, e talento poetico d'El-Rei D. Diniz, que até agora sómente eram conhecidos de uma maneira tradicional, e por isso Mr. Aillaud, publicando estas Poesias se tornou digno de applauso, e da gratidão dos litteratos amadores da Poesia, e da bella lingua Lusitana; porém o seu direito á nossa gratidão seria major, se elle tivesse publicado as obras dos outros Trovadores, que se achavam juntas com as deste Cancioneiro; se tivesse feito acompanhar as Poesias, que imprimio do Rei Layrador de mais copiosas notas explicativas de

um sem numero de vocabulos, que nellas se encontram, e cuja intelligença falta á maior parte dos Leitores, mesmo instruidos; e se finalmente tivesse tido o cuidado de numerar as composições, mesmo pondo-lhes titulos, e não as imprimisse com o methodo vicioso de estampalas confusamente, e sem divisão alguma, o que muitas vezes colloca o Leitor no lance de duvidar si um Poema terminou, ou ainda continua. Bem sei que elle hade querer desculpar-se alegando, que assim estavam no original; concedo; porém, apesar disso, insisto em que no estado de perfeição, a que nos nossos dias tem chegado a nobilissima Arte Typographica, não ha razão nenhuma, que possa, não digo justificar, mas paliar a adopção de um systema tão grosseiro, e absurdo de impressão.

Deve porém advertir-se, que com esta edição ainda não possuímos todas as Poesias do Pai das Letras, e da civilização Portugueza; temos conhecimento pelo testemunho de muitos authores contemporaneos, que elle compozera dous Cancioneiros; um que continha os seus versos profanos, que é este que acaba de imprimir-se; e outro conhecido pelo titulo de *Cancioneiro de Nossa Senhora*, em que elle havia recolhido, e coordenado todos os seus Poemas de devoção. E' muito natural que algum exemplar deste Cancioneiro exista tambem como o outro sepultado na poeira de alguma livraria de Italia, Hespanha, Alemanha, ou França: e por isso cedendo aos impulsos do zelo, que nos anima pela gloria da Litteratura Patria, exhortamos a todos os Litteratos, que se acharem ao alcance de emprehender estas investigações, se sirvam de dar obra a procura-lo, que estamos mui certos de que as suas diligencias tarde, ou cedo serão coroadas com um resultado feliz.

CAPITULO VIII.

D. Pedro, Conde de Barcellos.

Entre os muitos Principes de sangue Real, que nesta primeira epocha se honraram honrando, e cultivando a Poesia, e cujas obras desgraçadamente se perderam, ou jazem manuscritas, e sepultadas no pó de algumas Bibliothecas da Europa, esperando que algum curioso, e amador da gloria nacional dali as arranque para as vulgarisar pela imprensa, distingue-se muito D. Pedro, Filho natural d'El-Rei D. Diniz, e por elle nomeado Conde de Barcellos.

Seu Augusto Pai, que não só protegia as letras fundando a Universidade de Lisboa, com o nome de Escolas Geraes, chamando para ella os melhores Professores de Italia, e de França; mas que as amava, e cultivava a Poesia; lhe fez dar uma educação litteraria conforme o consentiam as circumstancias do tempo, e de que o Filho se aproveitou, estudando, e aprendendo quanto seus mestres lhe ensinaram.

Nascido com bastante disposição para a Poesia, fazia della o alvo de seu estudo, e dos seus recreios, e em pouco tempo foi reconhecido como um dos mais habéis Trovadores da Córte; sendo igualmente mui perito na musica, e muitas vezes elle mesmo compoz as notas em que deviam ser cantadas as suas Trovas.

Segundo o uso dos Trovadores daquella idade, escolheo uma dama para *senhora dos seus pensamentos*, e objecto perpetuo das suas composições. Esta dama foi nada menos, segundo alguns affirmam, que a Infanta D. Maria, Sobrinha do Poeta, e Filha d'El-Rei D. Affonso IV., a qual depois casou com D. Affonso IX. Rei de Castella, no anno de 1328.

E' muito de presumir que esta paixão fosse puramente poetica, como quasi sempre em taes casos

acontecia, ou se attenda á desproporção de idade que existia entre o Thio e a Sobrinha, ou se attenda á mui notavel circumstancia do Conde de Barcellos haver casado nada menos que tres vezes (*), o que prova que esse amor da Infanta apenas era poderoso para dictar-lhe versos. Em apoio desta conjectura, que me parece quasi verdade demonstrada, póde chamar-se o estylo mais engenhoso que apaixonado, que os entendedores da materia podem observar nas suas Poemas.

Bem sei que esta opinião não será do gosto de alguns escriptores, que tecem a este respeito umas novellas mui longas, acompanhadas de viagens, de crimes do Rei de Castella, de visitas furtivas do Conde á Rainha, e de outras circumstancias romanticas, e excellentes para quem quizer escrever um Poema sobre este assumpto; mas eu expendendo a minha opinião, nem pertendo dá-la pela melhor, nem procuro defende-la contra as dos outros, porque tenho por cousa mais cansada que proveitosa, entrar em discussões, e investigações impertinentes, sem mais resultado que elucidar uma pagina da Chronica escandalosa do seculo 13.º, especialmente quando a minha missão está mais em fazer conhecer o Poeta, do que o Conde.

O Conde D. Pedro não publicou as suas Poesias, bem que corresse na Côrte, e fossem cantadas nos salões; e por seu testamento outorgado a 30 de Março de 1345, as deixou a El Rei de Castella; que não recebeu o legado, pois falleceu em Gibraltar em 1350, isto é, quatro annos antes da morte do Conde; que teve logar em 1354, epocha em que só podia verificar-se a abertura do testamento, e a execução dos legados, e verbas, que nelle se continham.

É mui provavel, que apesar da morte do Rei Afonso IX., o Cancioneiro do Conde de Barcellos fosse considerado propriedade dos seus herdeiros, e com tal remettido para Castella; e esta supposição parece bem comprovada pelo seu desaparecimento de Por-

(*) A primeira com D. Branca, a segunda com D. Maria Ximenes, e a terceira com uma Senhora chamada D. Tareja.

tugal, e pela circumstancia de ser ha pouco achado em uma livraria da Corte de Hespanha por um erudito, zeloso da gloria das letras patrias, que o copiou, coordenou, e deu á luz em Madrid, na officina de D. Alexandre Gomez Fuentesabro, na Rua dos Ursos, N.º 10, no anno de 1849.

Esta edição em bom papel e typo, contém 334 paginas, e 286 Cantigas, afóra, tres supplementos, em que se juntaram algumas Trovas, a que não pôde dar-se collocção propria, e estrophes, que parecem começos de composições, ou finaes dellas, ou que proxeio do miseravel modo porque estava feita a encadernação do volume, cheio de transfolhações, e confundidas as paginas. Contém mais um lindo Romance sobre os amores do Conde D. Pedro, composto pelo editor, alguns versos em lingua gallega por D. Alberto Camino, que me parecem excellentes, e algumas notas.

O editor afirma que este Cancioneiro, é o mesmo que existia no Collegio dos Nobres, e que em 1803 Lord Stuart fez imprimir para mimosear os seus amigos, e algumas Bibliothecas da Europa; como nunca pude vêr este Cancioneiro, nada posso dizer pro, ou contra esta asserção; mas é certo que o Desembargador Antonio Ribeiro dos Santos, em algumas das suas obras, e o Visconde de Santarem nas suas annotações ao *Real Conselheiro* d'El-Rei D. Duarte citam versos do Cancioneiro do Collegio dos Nobres, especificando os seus authores, ao passo que todas as obras deste monumento impresso parecem ser da mesma mão; dar-se-ha caso que as Poesias do Conde de Barcellos estejam ali misturadas com as de outros Poetas? em tal caso deveria dizer-se, que este Cancioneiro faz parte do outro, e não que ambos sam a mesma cousa.

Seja como for; e que não padece duvida é que este livro é de grande importancia como monumento da lingua, e que nelle se pôde fazer curiosas investigações sobre o seu progresso, e fórma primitiva; mas de muito pouco valor como livro de Poesia.

Deparam-se é certo nelle algumas idéas originaes, porém ao mesmo tempo grande esterilidade dellas pois o Author as repete continuamente com enfada-

mento não pequeno dos Leitores. A linguagem é rude, a versificação irregular, desarmoniosa, e muitas vezes barbara, o estylo é quasi sempre prosaico; e muito arredado daquella graça, e elegancia que a Poesia demandá, não queremos dizer com isto que o Poeta fique inferior aos seus contemporaneos; mas sim que não foi mais longe do que elles. Os seus versos, como os delles, estão cheios de expressões prosaicas, e populares como *mão peada, per boa fe, mia Señor, como eu vos dixez ja, ca sei eu ben, pero Señor per boa fé.* Como elles amponha os versos agudos, de modo que ha estrophes que não tem d'outros por exemplo.

Algua vez digo eu en mei cantar,
 Que non querría viver sen Señor,
 E porque m'ora quitei de trobar
 Muitos me teen por quite d'amor
 E consecon mo do que fuy dizer
 Que non querría sen Señor viver,
 Com'or assi me foi d'amor quitar.

Ja me eu quisera con meu mal calar,
 Mas que farei com tanto considor?
 Haver-lhes hey mia fazenda mostrar,
 Que non teñan que vivo eu sen amor,
 Ca Senhor hey, que me ten en poder,
 E que sabe que lhe sei bem quizer,
 Mas eu ben sei ca lhe faça y pesar.

E se trobar, sei ca lhe pesará:
 Pois que lhe pesa de lhe querer ben,
 E se me algune desamar praser-lh'a en
 De oyir o mal, que me per amor ven;
 E ar pesará quen me ben quiser
 Poren non trobo, ca non m'e mester
 Mais que non a mi esto nunca será.

E men trobar a questo sei eu ja,
 Que non me ha prol si non por huç ren;
 Por quixar ome a gran cuita, que ha,
 Ja que lezer semilha que lh'en ven:
 Pois y pesar a mia Señor fazer
 Cuita haverei que par non havera.

E de tal cuita en quant'eu poder
 Guardar me hei sempre, e o que sen liouer ;
 Pois le souber nunca m'en consorá.

Isto mesmo se verifica em tantas outras Trovas, que para achar exemplos basta abrir ao acaso o livro; o mesmo acontece com a formula *Señor formosa* que dá principio á maior parte das composições deste Poeta, e que se torna de uma insofrivel monotonia. Mas é necessario sermos indulgentes com estes primeiros vagidos da nossa Poesia, que emperfeitos como são, não deixaram de preparar o idyoma patrio para os grandes quadros dos *Lusiadas*, e para os vãos lyricos de Antonio Diniz, e de Francisco Manoel.

Em virtude destas considerações, á mui facil tarefa de accumular aqui um grande numero de observações criticas sobre linguagem, irregularidades de expressão, de estylo, e de metro, sobre a falta de elegancia, e de arte, sobre a uniformidade dos pensamentos, que a cada passo se encontram repetidos, neste, e n'outros Poetas da mesma idade, que poucos lêem, menos entendem, e ninguem se lembra de imitar, eu prefiro o apresentar aos estudiosos alguns trechos, que o talento natural inspirou ao Conde de Barcellos, e que se tornam notaveis por sua belleza, e força quando os consideramos em relação ao seculo barbaro, e inculto em que floresceo, e por onde possa ajuizar-se do logar que lhe competiria no Parnaso Lusitano, se houvesse tido a fortuna de nascer ao menos no tempo de Ferreira.

Esta consideração dos tempos, e das circumstancias, em que os authores viveram, é mais necessaria do que geralmente se presume para se fazer justiça ao merito, e talento pessoal de cada um delles. Esta medida não no-la podem dar com exactidão as obras. Um Poema informe, e mui defeituoso supõem ás vezes em seu author mais genio, do que outro muito perfeito. Para compor o Poema de *rebus Romanorum* no tempo em que o escreyco Ennio, era necessario ser maior Poeta, do que para escrever a *Eneida* no reinado de Augusto, e é indubitavel que, se elle

existisse, ninguém o igualaria ao Poema de Virgilio. Todos reconhecem o *Catóo* de Addison como uma das mais perfectas Tragedias, que se tem escripto entre as nações modernas, tanto por sua contextura regular, e conforme as regras, como pela magestade, e variedade de caracteres que nunca se desmentem, pela elegancia, e Poesia do estylo, e harmonia da verificação. Mas haverá alguém que lhe não perfira o *Othelo*, a *Julietta*, o *Macbeth*, e o *Hamlet* de Shakespeare? Dirá alguém que este para fazer aquelles Dramas tão irregulares, mas tão sublimes, e tão patheticos, não precisava, pelo menos, o dobro do engenho, que cumpria haver para alcançar a regularidade, e a elegancia de Addison? Não é por tanto a superioridade das obras, quem contesta a superioridade dos authorès. Uma ave que soltando o vôo, do parapeito da galaria dos arcos das agoas livres, pairasse a trinta pés d'altura, não teria por isso dado maior vôo do que outra, que elevando-se da margem do rio fosse pou-sar no dicto parapeito; a primeira estaria mais alto, mas não teria dado mais forte vôo.

Eis aqui uma Cansão que se faz recommendavel pela singeleza da expressão, e a sensibilidade que nella respira.

N'outro dia quando eu mi espedi
De mia S'ñor, e quando me houve a ir,
E me fallou, e hõn me quiz oyir,
Tàn sen ventura fui que non morri,
Que si mil vezes podesse morrer,
Meor cuita-me fora, de soffrer

Que eu dixé con graça; mia Senhor,
Catoumi un pouco, e teve mi en desden,
Porque me non disse o mal nen ben,
Fiquei cuitado, e con tan gran pavor,
Que si mil vezes podesse morrer
Meor cuita me fora de soffrer.

E sei mai ben ei me della quitar,
E m'onde eu fui, e non me quiz fallar,
Ca pois ali non morri con pesar

Nunca jamais con pesar morrerei.

Que se mil vezes podesse morrer

Meor cuita me fora de soffrer.

E' de notar que *Señor* está aqui por *Senhora*, por que na antiga linguagem os nomes acabados em *er* eram todos communs de dous. Como notei no Capitulo antecedente. Este uso ainda se não havia desterrado no seculo de Quinhentos, porque nos classicos, sendo um delles João de Barros, ainda se lê *cidade dominador*, *mulher merecedor* etc.

Eu me coidei dô me Deos fez *vêer*

Esta Senhor, contra quem me non val,

Que nunca dela me veria mal,

Tanto a vi de formoso parecer.

E fallar manso, e formoso, e tan ben,

E tan de ben prez, e tan de bon sen,

Que nunca delle mal cuidei prender.

Esto buidei que me havia valer

Contra ella, e todo me ora fal,

E de mais Deos, e vivo en coita tal

Qual poderédes mui cedo entender

Por mia morte, ca moiro, e praz-me en;

E d'al me praz; que non saben por quem,

Nen o poden jamais por mi saber.

Pero vos eu sen ben queiro dizer

Todo non sei; però convos qu'ea al

Nunca fallei; mas fezo-a Deus qual

El melhor soube no Mundo fazer;

Assi vos al direi, que lhe aven

Todas as outras Donas non son ren

Contra ella, nen han ja de *sêer*.

Os nostros classicos costumam dobrar ordinariamente a letra vogal para indicar que a syllaba é longa, e assim escrever *fee*, *see*, *sãa* *moor*, que pronunciavam *fê*, *sê*, *sã*, e *mo*; mas o Conde de Barcellos em contrario desta regra, ou costume, quando dobra a vogal não é para fazer a syllaba longa, mas para fazer della duas, o que se pôde observar em grande numero destas Trovas, bastando agora para pro-

va-lo as palavras *veer*, e *seer* que se encontram no primeiro, e ultimo verso desta cantiga, e que é necessario pronunciar *vêer*, e *sêer*, parasyllabos, e não *ver*, e *ser* monosyllabos, pois de outra maneira ficariam os versos errados.

Estas licenças, e outras semelhantes podem desculpar-se nos Trovadores, que estreviam em uma lingua ainda semi-barbara, e informe, quando não estavam ainda bem definidas as regras da versificação Portuguesa. Mas que desculpas terão alguns Poetas contemporaneos, que pertendem reavocita-las em suas composições? Tenho visto versos, aliás bons pelo sentido, com duas, e tres syncopes que dilaceravam os ouvidos do Leitor. É necessario que nos desenganemos, de que não ha bellezas de pensamentos, e de estylo, que resgatem a ruindade da versificação; versificar bem não é um merito, é uma obrigação, porque ninguem é Poeta versificando mal, posto que alguém possa ser bom versificador sem que por isso seja Poeta.

A paixão amorosa é tão violenta nos Poetas, e outras pessoas de imaginação fogosa, que raro é que não cometam imprudência, revelando quem é o objecto dos seus amores, mesmo quando tem o maior interesse em que se não saiba. Isto se verifica pela *Cansão 197* do Conde de Barcellos, em que nos informa do nome que tinha a senhora dos seus pensamentos, o idolo a quem dirigia os seus cultos, e os seus hymnos.

Que alongado eu ando d'u iria,
 Si eu houvesse aguisado de ir y,
 Que visse a Dona, que vêer queria
 Que me visse, ca. per meu mal a vi,
 De que mi eu, mui sen meu grado y parti,
 E mui coitado, e fuyse ella ya tia
 E fiquei eu que mal dia naci.

E que parte que m'a mi d'ir seria
 Vella, e fosse però longe daqui,
 Si eu soubesse que vér poderia
 Ella, que ea por meu mal dia vi,
 Ca. delo dia, en que lá canoei,

Sempre lh'eu quise melhor todavia,
E nunta dela niun ben prendi.

Non lh'ousei sol dizer como morria
Per ella, nen lho diz outro per mi,
E con mia morte ja me praseria;
Pois não veja ella que per meu mal vi,
Ca mais mal morte era morrer assi,
Como oje eu vivo, e Deos que a mia podia
Dar, non mi ha da, nen al que lh'eu pedi.

E per qualquer destes me quitaria
De mi gran caita, que soffro, o soffri,
Por ella, que eu vi por meo mal dia,
Mais formosa de quantas donas vi,
Direi-a ja, ca ja emsandeci.
Joanna é, ou Sancha, ou Maria
A porque eu moiro, e porque perdi
O sen, e mais vos ende ora deria:
Juan Coelho sabe que é assi.

Temos pois que a Dama do nosso Poeta tinha os nomes de Joanna, Sancha, e Maria, que lidos na ordem inversa nos dáem Maria Sancha Joanna, que era o verdadeiro nome da Infanta, depois Rainha de Castella, e Leão.

Mas na Trova duzentas e doze se mostra o Poeta ja arrependido de haver revellado o seu segredo, ainda que por um modo que tem seus visos de charada, porque apesar dessa precaução a bella incognita, veio a advinhar que fallava della, e a fallar a verdade, para isso não se carecia de ser grande Sybilla.

Ora vejo eu que foi mui gran folia,
E que perdi ali todo o meu sen,
Porque dixে ca querria gran ben,
Joanna; ou Sancha, que dixে ou Maria,
Car por aquesto qte eu dixে aly
Me soube logo na dona de si
Daquestas tres que por ella dizia.

E por quanto eu está dixে devia
Morte a prender per boa fe, poren

Porque dixé ca quèrria gran ben
 Joanna, ou Sancha que dixé, ou Maria,
 Ca per aqwesto que eu fui dizer,
 Mi houve o' gran'ben, que' l'he quero a saber
 Esta dona, que ante non sabia.

Ca non soubera que l'he ben quèria
 Esta dona si non per meu mal sen,
 Porque eu dixé que quèria gran ben
 Joanna, ou Sancha que dixé, ou Maria
 E des que soube esta Dona per mi
 Ca l'he quèria ben da sempre des y
 Me quiz gran mal, mayor non poderia.

Por meu gran ben, que l'he quiz toda ira
 Des que a vi, que me soube poren,
 Porque dixé ca quèrria gran ben
 Joanna, ou Sancha que dixé, ou Maria
 E des que houve esta Dona poder
 De mui gran ben, que lh'eu quero saber,
 Nunça ar quiz ver des aquel dia.

Cumpre perém advertir, que a bella Maria, não foi o unico objecto da Theorba do nosso nobre, e Real Trovador; não absorveo ella exclusivamente todas as suas Trovas, como Laura todos os Sonetos, e Cansões eroticas de Petrarca, lá estão a paginas 151, e 154, as Cantigas 146, e 147 que mencionam uma certa Guiomar Affonso Gata, de cujo nome plebeo parece que não se resentiu a aristocratica sensibilidade do Conde. Eis-aqui a primeira

Perguntou Juan Garcia
 Da morte, de que morria,
 E dixé-l'he eu toda via.
 A morte deste se mata;
 Guiomar Affonso Gata
 He a Dona, que me mata.

Pois que me houve perguntado
 De que hera tan coitado,
 Dixé-l'he eu este recado.
 A morte deste se mata;

Guiomar Affonso Gata
He a Dona, que me mata.

Dixe-lhe eu ja vos digo.
A coita que hei comigo
Por boa fé, meo amigo
A morte deste se mata;
Guiomar Affonso Gata
He a Dona, que me mata,

Eis-aqui a segunda, que de certo não vale a primeira

Des eu ora morto for,
Sei ca dirá mia Señor:
Eu so Guiomar Affonso!

Pois souber ben ca morri
Per ella, dirá assi;
Eu so Guiomar Affonso!

Pois que eu morrer fillará
Enton o se queixe dirá
Eu so Guiomar Affonso!

Tambem no primeiro supplemento, a paginas duzentas noventa e oito, apparece uma Cantiga a respeito de outra Dama chamada Maior Gil, que é do theor seguinte:

Si eu ousasse a Maior Gil dizer
Como lh'eu quero ben desde a vi,
Meo ben seria dizer-lho assi
Mas non lh'o digo, ca non hei poder
De lhe fallar em quanto mal me ven,
E quantas coitas querendo-lhe ben.

Como lh'eu quero ben de coraçon
Si lho dissesse ben seria ja,
Mas porque sei que mi o estranhiará
Sol non lho digo, ca non hei seron
De lhe fallar em quanto mal me ven
E quantas coitas querendo-lhe ben.

Si lh'eu dicesse en qual coita d'amor
 Por ella vivo e quanto afino l'ey,
 Mui ben seria, mas non lho direi
 Per nula guisa, ca l'ey gran pavor
 De l'ha fallar em quanto mal me ven
 E quantas coitas querendo-lhe ben.

Mas de todo esto non lhe digo eu ren
 Non lho direy, ca l'he pesará en.

Como não pertendo levantar testemunhos a ninguém, especialmente em objectos tão sérios como amores poeticos, declaro que o editor das obras do Conde D. Pedro, diz que tem duvida desta Cantiga ser verdadeiramente delle, assim como as outras dirigidas a D. Elvira, e a D. Leonor, a primeira a paginas 195, e a segunda a paginas 196; mas eu não partilho essa duvida, vista a identidade de estylo, e de pensar, que encontro entre ellas, e todas as demais.

Da pouca estensão de cada uma destas Trovas se depreheende, que todas foram escriptas com o fim de serem postas em musica; e o côrte das suas estrophes, copulação de rhimas, e estrebilhos indicam assás que o author tinha grande conhecimento dos Poetas Provençaes, e Limonsinos, que entam floresciam, e que estudava as suas obras, que entam passavam por modelos de poesia.

Compare agora o Leitor estas composições toscas, e rudes como na verdade sam, com os versos, que deixamos transcriptos de Gonçalo Hermingues, e Egas Moniz, ou que se attribuem a elles, e conhecerá o enorme progresso, e aperfeiçoamento, que naquelle espaço de tempo, que occupam os primeiros cinco reinados, havia adquirido tanto a lingua, como a poesia Lusitana.

CAPITULO IX.

*D. Affonso IV., D. Affonso Sanches,
D. Pedro I.*

D. Affonso IV., Filho d'El-Rei D. Diniz, celebre na historia pela parte, que tomou na batalha do Sado, primeiro golpe de morte dado na dominação dos Arabes na Peninsula Hespanhola, famoso pela turbulencia, e irascibilidade de caracter, de que resultou a morte da desgraçada D. Ignez de Castro, é apontado pelos historiadores como um dos mais habéis Trovadores desse tempo.

Manoel de Faria e Sousa cita como obra deste Monarcha um Soneto em louvor de Vasco de Lobeira, author do Amadis da Gaula, raiz, e tronco da immensa Floresta de Romances de Cavallaria, que inundaram a Europa, e que Miguel de Cervantes julgou pelo melhor de todos.

Direi de passagem que este livro tão affamado, que fundou uma escola de Romanceiros Cavalheirescos, é hoje um livro perdido, que só existe pela traducção Hespanhola, de que possui um exemplar a Real Bibliotheca Publica, e que se tem tornado tão raro, que em 1830 um livreiro de Londres pedia 25 libras pelo unico exemplar d'elle, que conservava na loja. O Abade Barbosa na sua Bibliotheca Lusitana affirmava, que o original se conservava na livraria do Duque d'Aveiro: sendo isto verdade, deve, se não levou descaminho, jazer agora na Bibliotheca da Casa Real, para onde consta que foram levados os livros dos fidalgos implicados na conjuração contra El-Rei D. José, aos quaes se fez processo, e confiscaram os bens. Cabe pois ao Senhor Alexandre Herculano, como Bibliothecario, que é daquelle real estabelecimento, o pôr em obra todas as diligencias para ali descobrir aquelle thesouro litterario, como aqui lho ro-

gânes em nome de todos os amadores da gloria das
nossas letras.

Se porém o Amadis da Gaula não existe no seu
original naquella livraria, o que é mui facil, se obar-
mos ao nome deleixo, e pouco zêlo por semelhantes
objectos, parece-me que, attenta a honra que á nossa
Patria resulta daquella obra, não só pelo seu merito
intrinseco, mas pelo tempo, em que foi composta,
grande serviço faria á litteratura Portugueza, quem
traduzisse a versão Castellhana para Portuguez, e a
publicasse pela imprensa; mas desgraçadamente entre
nós nem ha zêlo pelo que nos faz honra, nem o es-
pirito de especulação, que muitas vezes o supste, e
laxa comsigo os mesmos resultados; mas deixemo-nos
de fallar a surdos, e dos de peor qualidade, que sam
os que não querem ouvir, e voltemos ao assumpto que
hiamos tratando, o Soneto é cômo se segue:

SONETO.

Gram Vasco de Lobera, e de gram sen,
De gram, que vos avedes ben contado
O feito d'Amadis, o namorado,
Sem quedar ende por contar hi ren.

E tanto vos aprouge, e a tamben
Que vos saredes sempre ende loado,
E entre os Homes boos per bo mentado,
Que vos eram adiante, e que era ben.

Mas porque vos fazestes a fermosa
Brioranja amarendando hu non a amaram?
Esto cambade, e cumpra sa vontade?

Ca eu hey grande deo de a ver queikosa,
Por sa gram fermosura, e sa bondade,
E ber que seu amor non lho pagarom.

Cumpra porém advertir, que a authenticidade
deste Soneto é bastante problematica, e tem sido ob-
jecto de grande, e acalorada discussão entre os nossos
archeologos. Si Manoel de Faria e Sousa o attribue
a El-Rei D. Affonso, IV., outros o attribuem ao In-

ante D. Pedro, Duque de Coimbra, e filho d'El-Rei D. João I., e outros finalmente affirmam, que a sua composição fôra em momento de capricho do Doutor Antonio Ferreira, e como tal os editores dos seus Poemas Lusitanos, o imprimiram no Tomo 1.º dellos, a paginas 89.

Si eu fosse obrigado a perfilhar alguma destas opiniões, declaro francamente, que me decidiria pela que o attribue a D. Affonso IV. A linguagem me parece mais informe, as idéas menos engenhosas, e mais trévisas, e a versificação menos harmonica, do que as que se observam no Soneto do Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, de que ao diante farei menção, e que tambem foi attribuido a Ferreira, e anda nas suas obras.

→ Parece-me igualmente, que é desconhecer muito o character de Antonio Ferreira, o fundador da eschola Italiana, o mais decidido partidista do estylo classico, da correcção, e elegancia do estylo, que levou o escrupulo, e o melindre neste assumpto ao ponto de não escrever nada no antigo estylo, o attribuir-lhe a veleidade pueril de empregar o seu tempo em escrever dous Sonetos em linguagem obsoleta, e que estes sabissem tão desiguaes em merecimento.

D. Affonso Sanches, foi filho natural d'El-Rei D. Diniz, que o amava com tanta ternura, que chegou a excitar ciúmes em seu irmão D. Affonso IV., que o levaram a suspeitar que seu Pai tencionava nomea-lo para succeder na corôa, com prejuizo de seus direitos, como primogenito, e legitimo, tomando por isso algumas vezes as armas, e accendendo a guerra civil, ajudado de alguns fidalgos moços, e imprudentes, dando assim não pequenos desgostos a sua Mãe, a Rainha Santa Isabel, que tantas vezes á força de persuasões, de rogos, e de lagrimas conseguiu reconciliar o Pai com o Filho.

Mas o odio contra seu irmão no coração de D. Affonso, posto que adopteçesse algum tempo, despertava logo com dobrada violencia, e Deos sabe a que ponto chegariam as coisas, se D. Affonso Sanches não salisse do Reino, desassombrando assim o Principe das suas injustas, e malfundadas suspeitas, entre

tidas, e asopradas pelos lisongeiros, peste endemica das Côrtes.

Estas suspeitas do herdeiro da Côrta tinham por fundamento não só, como já disse, a ternura de D. Diniz para com seu filho natural, mas tambem a popularidade de que D. Affonso gozava, por sua gentil presença, modos affaveis, que contrastavam fortemente com a aspereza natural de seu irmão, a sua liberalidade, em que se parecia com seu Pai, e as suas prendas raras para o tempo em que vivia, e muito estimadas nelle, pois que além de bom Cavalleiro, e grande Justador, era mui dado á musica, á dança, cantar, e trovar, o que fazia com grande perfeição; e quem sabe se a emulação de Poeta não tinha grande parte no desabrimento, e aversão, que o Principe lhe votára? Desgraçadamente as Poesias de D. Affonso Sanches nem em manuscripto se encontram, e as de D. Affonso IV. nunca se imprimiram.

D. Pedro I. filho de D. Affonso IV., seu herdeiro da côrta, o amante de D. Ignez de Castro, vingador da sua morte; aquelle Rei, a quem Fidalgos, Frades, e Desembargadores estigmatizaram com a alcunha de D. Pedro crú, porque não respeitava seus sóros, e privilegios, e descarregava sobre elles, quando delinquentes, a espada da Justiça, como sobre os piões; e que o povo por isso mesmo chamava Justiceiro, figura tambem entre os Poetas desta epocha. Porém menos patriota que os seus contemporaneos, e collegas em Apollo, preferio quasi sempre nas suas composições a lingua Hespaniola á Portugueza.

Diogo Barbosa Machado menciona um Poema deste Monarcha, em que deplora a morte de D. Ignez de Castro; este Poema é escripto em versos de arte menor, e hendecasyllabos, á maneira das Cansões Italianas, e não tem lugar o transcreve-lo neste Ensaio por ser composto em lingua Castelhana. Ha algumas Poesias no Cancioneiro de Resende, que se attribuem a D. Pedro I.

Póde dizer-se que a Poesia nunca andou tão honrada, e valida em Portugal, como nos tres reinados; de que acabamos de fallar, pois a vemos sentada no throno, e cultuada por Principes, que se contam entre

os melhores, que tem regido esta Monarchia; Principes, que souberam ser grandes guerreiros, grandes legisladores, bons administradores, e ao mesmo tempo cultores das Musas, e das Sciencias. Parece-me com tudo que o seu exemplo não foi muito efficaz nos seus vassallos a este respeito, visto que nesse tempo, se exceptuarmos os Membros da Familia Real, quasi que se não faz menção do nome de algum Poeta.

CAPITULO X.

O Poema da Cava.

Si não me engano muito, é nestes reinados, ou perto delles, que deve marcar-se a epocha da composição de um Poema Epico sobre a invasão de Hespanha pelos Arabes, de que Manoel de Faria e Sousa descobriu um fragmento no castello da Lousã.

Manoel de Faria e Sousa tem para si que esta composição é coetanea da invasão, que descrevia. Bouterweck não lhe concede tamanha antiguidade, mas presume que este fragmento é muito anterior á Cansão de Gonçalo Hermingues; e Sismondi que de ordinario segue o critico Alemão, aproxima-se muito a este modo de pensar.

Com o devido respeito á opinião de homens tão eruditos, parece-me que estas supposições são inadmissiveis; basta confrontar os versos deste fragmento com a Cansão de Gonçalo Hermingues, e as obras do Judeo Portuguez Zacuto Lusitano, para se conhecer que o fragmento pertence a uma epocha muito posterior. 1.º Porque a lingua apresenta no fragmento fórmas regulares, de modo que se entende perfeitamente, quando os versos de Hermingues são inteiramente inintelligiveis salvo para os Philologos, que se dam ao

estudo dessas materias. 2.º Porque é escripto em Estrophes-regularmente rymadas, e em versos de arte maior, que sómente se usaram em Hespanha no reinado de D. Alfonso el Sabio. 3.º Porque os versos daquelle fragmento sem tão bem fabricados, e harmoniosos, que se os confrontarmos com os compostos pelos Poetas Castelhanos, apenas se lhe achará equivalente nos de João de Mena no seu famoso Poema do Labyrintho, composto no reinado de D. João II. de Castella.

De bom grado desculparia o critico Alemão, e Francez, em sua qualidade de estrangeiros, por havermos perfilhado uma opinião tão malfundamentada; porém Manbel de Faria e Sousa não se faz credor de igual indulgencia: um portuguez, um erudito, um critico, e Poeta, não conhecêr a differença que ha entre a linguagem e versificação de Hermingues, e a versificação, e a linguagem daquelle fragmento! não saber quando aquelles metros se introduziram em Hespanha! suppor que tal lingua, e tal metro podesse ser do tempo da invasão Arabica! O fragmento é como segue.

FRAGMENTO.

O rouso da Cava emprio de tal sanha
A Juliane, e Horpas, a sua Grey daninhos,
Que emsembra c'os Netos d'Agar fornesinhos
Huma atismarom prasmada façanha;
Ca Muzza, e Zeriph com basta companhia
De juso da sina do Miramolino
Com falsa Imfançom, e Prestes malino
De Cepta aduxerom ao Solar de Espanha.

E porque era força, adarve, e foçado
Da Betica Almina, e o seu Casteval
O Conde por encha e pró communal,
Em terra os increos poiaram a súa grado
E Gibaraltar maguer que atordado,
E co' compridouro por súa defensão
Pelo susodetto sem algo de affão
Mui presto foi delles entrado, e filhado.

E os ende fihados leaes á verdade,
 Os Hostes sedentos de sangue de unjudor
 Meterom a cutello aprez de rendudos
 Sem que esguardassem nem sexo, ou idade.
 E tendo atismada a tal crueldade,
 O Templo, e Orada de Deos profanarom;
 Voltando em Mesquita, ú logo adorarom
 Sãa Besta Mafoma, a medez maldade.

O Gazu, e assalto, que os da alevosia
 Tramaram per vultos de algoses saioes,
 C'os dois Almirantes da Hoste mandões
 Quedarom com farta soberba, e folia
 E a Algezezira, que o medes temia,
 Por ter a maleza cruenta sabuda,
 Mandou mandadeiro, como era teuda,
 Ao rouçam do Rey, que em Toledo sia.

O primeiro verso da primeira copla falta na Europa Portugueza de Manoel de Faria e Sousa, e em Bou-terweek, e Siamondi, que delle copiaram este fragmento; mas encontra-se em outros livros, e entre elles na Collecção de Poesias antigas de Caminha, e na Miscelania de Miguel Leitão de Andrade.

E' muito para notar que estes versos de arte maior sam mais harmoniosos, e bem fabricados que todos os que nos ficaram do tempo d'El-Rei D. João II, e que se encontram no Cancioneiro de Resende, e podem apresentar-se, sem que lhe pareçam inferiores, a par dos de João de Mena.

Encontram-se tambem neste fragmento os vocabulos *rouso*, e *roussão*, deriyados do antiquissimo verbo *roussar*, de que hoje só está em uso o particípio passivo *roussado*, mas só como appellido, e parece-me que estas palavras entram no grande numero das deste genero, que deviam resuscitar, pelo menos na Poesia, porque tenho para mim que *rouso*, *roussar*, *roussado*, e *roussão* valem mais por serem mais breves, e por sua significação restricta, que *força*, ou *forçamento*, ou *violência*, *forçar*, ou *violar*, *forçado*, e *forçador*, ou *violador*, que sam mais vagos porque tem outras significações.

Alguns criticos duvidam da autthenticidade deste frag-

mento, havendo-o por obra caprichosa de algum moderno, e um delles não hesitou em affirmar, que o author era Manoel de Faria e Sousa; mas esta opinião me parece destituida de fundamento.

Manoel de Faria e Sousa era um homem pedantescamente erudito, um Poeta de grande talento; mas de gosto pouco apurado; porém nas suas obras ainda não encontrei cousa que me levasse a crer, que elle fosse um falsario. Isto abstrahindo da minha persuasão particular de que elle não tinha o necessario conhecimento da linguagem antiga para compor aquelles versos.

E que interesse podia ter um moderno em semelhante supposição, e fraude, de que nem honra, nem proveito lhe resultava? mas ha ainda uma circumstancia que me parece justificar plenamente a Manoel de Faria; e é que este fragmento se encontra impresso na Miscellanea de Miguel Leitão de Andrade, cuja publicação é anterior a 1629, quando a primeira edição da Europa Portugueza é de 1667, e talvez que della copiasse Faria o dito fragmento.

Ignora-se quem foi o author deste primeiro vagido da Poesia Epica em nossa lingua, e se elle levaria ao fim a empreza que tomára; mas tal e qual, é um testemunho honroso para o genio Portuguez, pois prova que foi este o primeiro paiz da Peninsula, em que a Musa da Epopeia deu signal de vida.

Com uma lingua ainda barbara, e uma versificação pouco manejavel, seria impossivel que o author, ainda sendo dotado do genio de Camões, pudesse produzir uma Epopeia boa, mas parece-me que sabria muito melhor que o *Cid*, primeira tentativa epica entre os Castelhanos, e que foi produzido no meado do seculo 12.

Parece-me que o author se não mostra totalmente desprovido de arte, pois começa fazendo desembarcar os Mouros em Hespanha, guardando para o narrazar em logar competente todos os antecedentes do assumpto, e as causas que demoveram os Arabes a transpor o estreito, e vir derribar o throno dos Godos.

A narração deste fragmento me parece rapida, vigorosa, e concisa, e já isto he não pequeno merito para o tempo tenebroso, em que o author escrevia, e os fracos instrumentos de que podia dispôr.

CAPITULO XI.

O Infante D. Pedro Duque de Coimbra.

O Infante D. Pedro, Filho d'El-Rei D. João I., nasceu em 1399, foi muito inclinado ás Letras, e ás Viagens, de que nasceu o dictado do vulgo, de que o Infante havia corrido *as sete partidas do Mundo*. Frei Bernardo de Brito falla da sua inclinação á Poesia, e cita uma das suas Coplas. E quando em Portugal se estabeleceu a Arte Typographica, foi o seu Cancioneiro o segundo livro, que se imprimio n'este Reino, segundo testifica o Desembargador Antonio Ribeiro dos Santos, nas suas Memorias sobre os Typographos Portuguezes.

O Infante D. Pedro foi Duque de Coimbra, e Tutor de seu sobrinho D. Affonso V., chamado o Africano, pela conquista de Arsila, e Tanger, e durante a menoridade deste Rei administrou o reino com toda a prudencia, e justiça.

Mas nem os grandes serviços feitos á sua patria, nem o ser Pai da Rainha, Esposa de D. Affonso V., nem as suas qualidades pessoais, e reconhecida virtude poderam salva-lo de terminar a sua existencia de uma maneira desastrada.

A virtude nunca tem amigos nas côrtes: e na corte de um Rei mancebo, inexperiente, suscitoso, e de um character violento, os discursos lisonjeiros, e as sugestões dos cortezãos moços, são sempre os melhores recebidos. Não admira pois que D. Pedro tivesse inimigos, e que estes ladrando continuamente calumnias aos ouvidos d'El-Rei conseguissem indispor contra seu Thio. Debalde a Rainha empenhou razões, lagrimas, e rogativas a favor de seu Pai, e em justificação da sua conducta, o sussurrar dos emulos, pediu mais que toda a influencia da Esposa, porque os ciúmes

mes do sceptro pesam mais que tudo no corção dos Reis.

No meio d'estas rajadas, que alternadamente sopravam, e se acalmavam, mas constantes sempre, e sem deixar que as ondas se desencapellassem de todo, hia correndo o tempo agourando alguma terrivel catastrophe.

O Duque de Coimbra, retirado em suas terras, recebia todas os dias noticias da côrte, que lhe faziam saber as numerosas calumnias, que a inveja vomitava contra a sua honra, lealdade, e intensões: sabia que o animo de seu genro, e sobrinho, cada vez mais alienado delle, acolhia suspeitas, e o considerava como um emulo, que pertendia usurpar-lhe o poder.

N'estas circumstancias tomou a resolução desesperada de sahir de Coimbra, e vir á côrte para justificar-se pessoalmente, e entregar-se nas mãos d'El-Rei; este passo cavou a sua ruina.

O Duque vinha acompanhado dos Fidalgos da sua Casa, e de alguns dos seus criados; soube-se na côrte a sua marcha, e os seus inimigos aproveitaram o ensejo para aos olhos de D. Affonso figurarem o acompanhamento do Infante como um exercito numeroso, com que vinha ataca-lo na sua propria capital, e arrancar-lhe das mãos o sceptro.

El-Rei já de longo tempo desconfiado, e indisposto, acreditou este embuste, e cheio de furor, e indignação, justissima se o facto fosse verdadeiro, á frente de um corpo de tropas marchou ao encontro de seu Thio.

Encontraram-se com a gente do Infante nos campos de Alfarrobeira, e El-Rei apenas os vio, mandou que os seus os carregassem, o que elles fizeram com a maior impetuosidade.

Os Fidalgos, e criados do Duque bateram-se como valentes, que eram, porém poucos, e mal armados, como quem não vinha a pelear, força foi que cedessem, testemunhando o seu affecto, e lealdade a seu amo, morrendo todos com elle. Entre estes pereceo o velho Conde de Abranches Antão Vasques de Almada, conhecido por seu valor em todas as côrtes da Europa, onde tinha triumphado sempre, tanto nos

campos da batalha, como em quasi todas as justas e torneios que tinha havido no seu tempo.

- Aquelle Heróe que tanto havia cooperado para a liberdade da sua Patria, e para colocar no throno Portuguez a El-Rei D. João I, que na batalha de Aljubarrota tinha commandado a ala direita do pequeno exercito Lusitano a par do Condestavel, que commandava a ala esquerda, assim veio a perder a vida ás mãos dos seus concidadãos, em uma contenda civil sem honra, nem gloria! Accrescentam os Historiadores, que o valente Ancião, conservára até a ultima boqueada o seu habitual denodo, e que cabindo em terra, não podendo levantar-se pela muita perda de sangue; e correndo alguns peões para acaballo a cada lançada que lhe davam, lhe dizia o heróe « com amargo sorriso » faltar! faltar, villanagem! »

- A desgraçada morte do Infante, o mal accete que havia de ficar na côrte e sua memoria, deviam naturalmente cooperar muito para o depreciamentó das suas obras; e talvez que essa circumstancia, junta ao despreso, que a eschola de Ferreira em seus preconceitos classicos professava pela Poesia anterior, em que não achava a perfeição, e correccão de estylo, que era o alvo dos seus trabalhos, motivassem o esquecimento das Poesias do Infante, que não tornaram a publicar-se.

- Garcia de Resende nos conservou no seu Cancioneiro algumas das composições deste Principe, mas infelizmente das que elle escreveo em lingua Portugueza só traz as seguintes Trovas endereçadas a João de Mena, que naquelles tempos, em razão do seu Poema do Labyrintho, passava, e com razão, pelo maior Poeta de Castella; lançaremos mão destas, visto não havermos outras com que façamos conhecer o talento deste Poeta.

Nom vos será grão louvor
 Per serdes de mim louvado,
 Que nam sam tal sabedor
 Em trovas, que vos dei grado.
 Mas meo desejo de grado
 A mim praz de vos louvar;

E vos o podeis tomar
Tal quejando vos he dado.

Sabedor, e bem fallante,
E gracioso em dizer,
Coronista abastante,
Poesias a trazer,
Ou de novo as fazer,
Cumpra com grão mestria,
De comparar melhora,
Dos outros deveis haver.

D'Amor Trovador sentido,
Como a quem seo mal sentio,
E o houve bem servido,
E os seus segredos vio;
E de todo se partio
Mui formoso; e muito bem,
Como pode dizer quem
Vossas Copras ler ouvio.

De louvar a quem vos praz
Aconselhar lealmente,
Disto sabeis vos assas,
E fazeis-lo sagasmente,
E assentar so presente
Creo não terdes igual,
De consoar como tal
Julgue-o quem o bem sente,
Por todo esto sam contente
Das vossas obras, que vejo,
E as não vistas desejo
Fazei-me dellas presente.

João de Mena, como era de esperar, lisongeadou com esta demonstração da estima do Infante Trovador, que lhe pedia copia dos seus Poemas, lh'os remetteo promptamente com os seguintes versos.

Principe todo valiente
En los fechos mui medido,
El Sol, que nasce en Oriente,
Se tiene por offendido
De vuestro nombre temido.

Tanto luzo en Occidente,
 Sois de quien nunca os vido
 Amado publicamente,
 Tan perfeito esclarecido
 Que por serdes bien regido
 Deos os fizo su Rigente.

Vos de Reys engendrado,
 Y de Reys engendrador,
 Hyjo de uno mui loado
 De Rey santo vencedor,
 Linage de Emperador,
 Cabeza de gran Senado.
 De lealtad, y d'amor
 Tan gran fruto habeis mostrado,
 Que a vuestro grande honor,
 Dos Reys, y un Señor
 Son, y es mui obrigado.

Nunca fué despues, ny ante
 Quien viesse los atavios
 Y secreto de levante
 Sus montes, insoas, y rios,
 Su calores, y sus frios
 Como vos Señor Ifante,
 Antre Moros, y Indios
 Esta gran virtud se cante,
 Entre todos tres Gentios.
 Cantaran los metros mios,
 Vuestra perfeccion delante.

Vos de mi no dar loores,
 Mas recebelos debeis,
 Vos gran Señor de Señores,
 Que haveis fecho, y faceis.
 Tanto que grandes Authores
 Mui ocupados teneis
 En decir vuestros dulzores
 Porque siempre vos llameis
 Principe de los majores,
 Porque cresgan los lavores.
 Desse Reyno Portuguez.

: A estes louvores, á remessa dos versos pedidos, respondeo o Infante com os seguintes versos.

Como terra fructuosa
 João de Mena respondestes
 Com messe mui abastosa
 De fruitos, que recebestes,
 Mas em esto vos errastes
 Louvar mais de merecido,
 Mas por mi he recebido
 Que, louvando, me ensinastes,
 Aquillo que desviastes
 Seguirei a meo poder
 Se quer que possam dizer
 Que muito não sobejastes,

E' honroso para as Letras o vêr como se correspondiam dous Poeta de tão desigual gerarchia, e como o talento os collocava na mesma plana.

Os versos hespanhoes do Infante do D. Pedro, que lemos no Cancioneiro formam uma especie de Poema moral em estanças de arte maior, no gosto de João de Mena, e pela maior parte mui bem fabricadas, como era de esperar de quem até ao seu tempo não teve em Portugal quem o igualasse neste genero de escripta. O assumpto deste Poema é o desprezo do Mundo. Sem embargo da repugnancia que tenho em citar composições Castelhanas de Poetas Portuguezes, apontarei algumas estanças destas, que me pareceram melhores na impossibilidade de apresentar outras provas do merito deste Trovador. Eis-aqui a Proposição, e a Invocação.

Diremos el celso, y mui grande Dios,
 Diremos las cosas caducas, y vanas:
 Retener devemos las firmes em nos,
 Las utiles, santas, mui buenas, e sanas.
 Oh tu, gran Mynerva, que siempre emanas
 Mui veros preceptos en grand abastança,
 Imploro me maestros las teys sobranas
 Y fiere my pecho con tu lengua lauzas.

* Eis-aquí como o Infante descreve a lei da fortuna :

La ley, que posseye es ley inconstante,
 Que buelve, y rebuelve su exe a menudo;
 Y al bueno hace ser mucho mal andante,
 Y propero hace al torpe, y al rudo.
 Por tanto, oh Gente mundana, no dudo
 Que yerro vos toma, atrae, y convoca,
 A seguir su moto veloce, y mal cudo
 De aquella Señora, no cuerda, mas loca.

Passa a tratar da fortuna adversa, e prospera, traz alguns exemplos dos que se enganam, seguindo-a, e fiando-se nos favores de uma, vieram ao poder da outra, e exclama dirigindo-se aos homens

Seguis traz lo horrible, y huis de lo amable,
 Querreis lo mas vil, dexaes lo precioso,
 Deseaes lo falso, non lo desseable,
 Plazevos el feo, mas no lo hermoso
 Desechais lo cierto, amais lo dudoso,
 No curaes de Jove, servis Proserpina
 Ni miraes al celso, y bien abundoso,
 Nin acatays cosa d'acatar-se dina,

O Infante neste Poema não dá grande apreço ás riquezas, que representa como causadoras de grandes calamidades; o mesmo dizia Seneca, posto que não resolvesse por isso de abandonar o grande palacio, que habitava, os seus jardins sumptuosos, e os lautos banquetes, em que desertava eloquentemente sobre as vantagens da temperança, e da pobreza, e sobre o desprezo da vida; posto que não poupasse diligencias, nem baixezas para conserva-la, quando o discipulo ingrato lhe ordenou que morresse. A maior parte dos homens professão a phylosophia de Frade da Cansão franceza

Quand j'ai bien rempli ma panse,
 Qu'on me parle d'abstinence,
 Je consens, mais sans pitance
 Je suis fort mauvais chetien.

Tambem a fama, não é tratada com mais indulgencia pelo Regio Trovador.

De ti que diré, oh bolante Fama,
 Y de tus volaces alas tan hermosas?
 Tu siempre engañas aquel que te ama,
 Con cosas mas bellas, que no provechosas;
 Las quales por ser en si engañosas
 Perescen haciendo perescer la vida;
 Todas tus mercedes tristes, no gozosas,
 Se muestran alúm con dura salida.

Rebuelas con alas todo el Universo
 Y traheš desseos caducos de gloria,
 Los rectos asuelas, y giras en verso,
 Jamas otorgando perfecta vitoria,
 Ser tu no felice es cosa notoria
 Pues siempre tu don es don terminado,
 Fenece per tiempo la clara memoria
 Nen será cessar per siempre loado.

O author distingue a fama verdadeira da falsa, e
 as exemplifica assim

Presentad delante aquel mui mal hombre,
 Que matou Phillippo Macedoniano
 Que por fazer grande su fama, y su nombre
 Cometió tal acto tan cruodolo, y profano.
 Presentad delante aquel hombre insano
 Que quiso abrasar el Templo de Diana,
 Vereis el desseo de gloria ser vano,
 Y assi las mas vezes lá su obra vana.

Desgraçadamente se estes versos sam bons, o primeiro exemplo é muito mal applicado. O assassino de Filippe não commetteu esse crime por desejo de fama; derramando o sangue daquelle Monarcha não foi instigado se não pela paixão violenta da vingança, e para desafrontar-se da atrás afronta, que aquelle Rei lhe fizera, como a historia testifica, e o bom senso do Infante não devia confundi-lo com Hestrato, que incediu o Templo de Diana, com o fim de fazer seu nome fallado na posteridade. E os Magistrados, que para priva-lo d'essa triste celebridade, mandaram por uma lei, que ninguem pronuaciásse o seu nome, foram tão inconsequentes como os Judeos,



que quando nas Synagogas se lê o livro de Esther, cada vez que se repete o nome de Aman, clamam em choro — *Pereça a sua memoria* — sem lembrar-se de que esta maldição quotidiana, é o melhor modo de conservar a memoria do Ministro, ou Visir d'Asuero!

Segundo a doutrina do Poeta não se pôde ser Rei, nem máo, nem bom, eis-aqui as razões, que dá na sua assersão:

Los buenos congoxas padescen immensã,
 Por ver muchas cosas contra su querer,
 Ser suas estiman a todas offensas,
 Que en sus regiones pueden contescer.
 Desean al ceptro direicho tener,
 Y de outra parte imploran clemencia,
 A tales personas por satisfazer,
 Y deven lo quieto a su gran prudencia.

Los malos de todos son vituperados,
 Con sus mismos vicios ellos se atormentan,
 De toda la gente son mui desamados,
 De si claro nombre mui lexos ausentã;
 Con muertes, y enganos los suos los tentã,
 Son aborrecidos de Dios, e del Mundo,
 Digid pues que gozo los tales Reys sienten,
 Ya vivos viviendo en fuego profundo.

O Poeta era Neto de Reis, Filho de Rei, Pai de uma Rainha, Thio, Sogro de outro Rei; devia conhecer este assumpto muito melhor do que qualquer particular, e por isso não farei reflexão alguma sobre o expellido por elle nestas estanças; duvido porém muito que, o que elle diz a respeito da formosura al-tance a approvação do bello sexo, que nella funda toda a gloria, a sua ventura, a sua influencia, e em grande parte o seu merecimento.

Agora vengamos a ti, oh Beldad,
 Porque se demuestra claro, y evidente,
 Ser tu colocada en gran vanidad,
 Y ser de firmeza lexos, y ausente:
 Tu pues que te piensas ser mui eminente,

Cayes mas aina, que las verdes flores,
 Si ritoraa presto Pireba al Poniente.
 Tan presto fenescen todos sus favores.

Esta aproximação do pouco que dura a belleza com o pouco que duram as flores, e a luz do dia é mimosa, e engraçadamente poetica; penso que bastam estes excerptos para dar idéa deste Poema, em geral bem pensado, bem escripto, e sobre tudo bem metrificado; o author passa em resenha os inconvenientes de todos os que se chamam bens da terra, e as vantagens das principaes virtudes, que nos conduzem á felicidade eterna; e posto que algumas das suas idéas nos pareçam agora treviaes, devemos advertir que não era assim no seu tempo.

Consta que o Infante D. Pedro, traduzio, ou imitou alguns Sonetos de Petrarcha, e delles é o seguinte, que Manoel de Faria e Sousa traz no seu Tractado dos Sonetos; bem que os editores dos Poemas Lusitanos do Doutor Antonio Ferreira lho attribuissem, inserindo-o com o N.º 35, no segundo livro dos Sonetos, assim como o dirigido a Vasco de Lobeira, por El-Rei D. Affonso IV.; mas pelas mesmas razões que demos a respeito daquella, tambem este não pôde ser considerado como obra do Pai da Poesia Classica.

SONETO.

Vinha Amor pelos campos trebelhando
 Com sa fermosa Madre, e sas Donzellas,
 El rindo cheio de ledice entre ellas,
 Ja de arco, e de sus settas non curando.

Brioranja hi a sazom se hia pensando
 Na gran cuita que ella ha, e vendo aquellas
 Settas d'Amor, filha em sa mão hũa dellas
 E meteu-a no arco, e vai-se andando.

Des hi volveo o rosto hu Amor sia,
 Elhe disse; ah traidor, que me has fallido,
 Eu prenderet de ti crua vendita.

Largou a mão, gridou Amor ferido,
 E catando a sa sesira endouado grita
 Ai! mercel a Brioranja que fugia.

Parece-me excellente este Soneto, ou se considere a singeleza, e graça da linguagem, ou a delicadeza das idéas, ou a viveza da pintura, ou a harmonia dos versos: vê-se que o author tinha estudado Petrarcha, e sabia imita-lo.

Elle prova igualmente, bem como o acima transcripto d'El-Rei D. Affonso IV., que este Poema fôra conhecido em Portugal, antes que em Castella.

CAPITULO XII.

Macias.

Nenhum Poeta desta escola alcançou tamanha reputação em Poesia Erotica, nem teve tantos admiradores, e discipulos; e a sua nomeada tem atravessado os seculos até ao nosso tempo, posto que só d'elle restem tres Cansões, que pouca gente tem tido occasião de lêr.

Mas não obstante esta grande reputação tradicional, ou quasi tradicional, ignoramos quasi todas as circumstancias relativas á sua pessoa, cousa bem pouco para admirar neste paiz de descuidados, que se chama Peninsula das Hespanhas, onde o mesmo aconteceo ácerca de Francisco de la Torre, e até de Fernando de Herrera, que os seus compatriotas chamavam divino.

Nem sequer está ainda averiguado se Macias foi gallego, ou portuguez, posto que a opinião mais reprobada seja que elle foi natural do nosso reino, e é essa a razão porque o mencionamos neste Ensaio, ainda que João de Mena, parece indica-lo como Castelhana, no seu famoso Poema do Labyrintho; como póde julgar-se das seguintes Coplas, consagradas ao seu talento, e á sua desaventura.

Tanto anduvimos el ciervo mirando
 A que nos hallamos con nuestro Macias,
 Y vimos que estava llorando los dias,
 En que de su vida tomó fin amando.
 Llegué mas a cerca turbado yo quando
 Vi ser un tal hombre de *nuestra Nacion*
 Y vi que decia tal triste Cancion
 En su elegiaco verso cantando.

«Amores me deron corona d'amores,
 «Para que mi nombre por mas bocas ande,
 «Entonces no era mi mal menos grande
 «Quando me davan placer sus dolores.
 «Que vencen el seso sus dulces errores
 «Mas non duran siempre segun luego aplacen,
 «Y pues me hicieron del mal que vos hacen
 «Sabed al amor desamar, amadores.

«Huid un peligro tan apassionado
 «Sabed ser alegres, dexad de ser tristes,
 «Sabed deservir a quen tanto servistes.
 «A otro que a amores dad vuestro cuidado,
 «Los quales si fueran por un igual grado
 «Sus pocos placeres segun su dolor,
 «No se quexaria ningun amador,
 «Ni de esperar ningun desamado.

«Bien como quando algun malhechor,
 «Al tiempo que hacen de outro justicia,
 «Tomar de la pena le pone cobdicia
 «Dali en delante vivir ya mejor,
 «Mas desque passado por aquel temor
 «Se vuelve a sus vicios como de primero,
 «Asi me volveron a do desespero
 «Amores, que quieren que yo muera amador.

Ignora-se porém o logar do seu nascimento, quem foram seus Pais, e até se o nome de Macias é apellido, ou nome de baptismo. Todas as noticias que se nos transmitiram ácerca deste Poeta reduzem-se ao seguinte.

Macia foi fidalgo da casa de D. Henrique de Villena, Mestre da Ordem de Calatrava, e um dos pri-

meiros Poetas, e dos homens mais instruidos do seu tempo, que delle fazia grande apreço, não só pelo seu distincto talento, como Trovador, mas pelo seu esforço como guerreiro.

Combatendo os Mouros no campo, celebrando as Bellas nos salões, bem acolhido por ellas, Macias vagava de amores em amores, como as borbulentas nos jardins, ganhando por este modo o appellido do Namorado. Mas esta paixão pelo Bello Sexo foi a causa da sua morte.

Havia na casa do Mestre de Calatrava uma Dama formosa, cheia de encantos, e de graças, e de leviana jovialidade. Esta Dama era casada com um Cavalleiro do Mestre; o marido como Hespanhol era cioso em excesso; e a mulher, como Hespanhola pouco escrupulosa na fidelidade conjugal.

Macias amou aquella Dama como Poeta, isto é, como homem de imaginação ardente, que não se acobarda com obstaculos, nem receia perigos, como entusiasta que julga que tudo deve sacrificar-se ao objecto amado. Ella correspondeu-lhe, ou por afeição verdadeira, que lhe tivesse, ou pela ufania de ser celebrada por uma lyra tão harmoniosa, e tão celebrada na Hespanha. Os amantes sam de ordinario pouco acautelados, e como sam cegos, pensam que os outros o sam igualmente, e não observam as suas acções.

O marido soube depreça a intelligencia, que havia entre a mulher, e o Poeta, e a sem ceremonia com que lhe enfeitavam o elmo com penachos de um gosto novo, e que lhe augmentavam peso na cabeça, sem lhe augmentar os meios da defeza.

É natural que a espada do Poeta impozesse respeito ao marido, pois que em vez de o chamar a campo para lhe pedir satisfação do agravo como então era uso entre Cavalleiros, foi ao Mestre queixando-se dos enxertos que o Trovador lhe fazia na sua arvore conjugal.

D. Henrique de Vilhena chamou Macias á sua presença, e reprehendendo-o asperamente de suas desenholturas amorosas; terminou prohibindo-lhe pena de seu desagrado, o continuar a caçar na coutada alheia.

Macias não ousou contradizer ao Mestre, e prometeu

obdecer-lhe; mas esperar que um mancebo namorado, e sobre tudo Poeta, renuncie a posse da Dama, que lhe corresponde, porque um terceiro lho ordena, é querer curar febre com palavras, e dizer ao rio, que retroceda. Em consequencia disto, os dous amantes continuaram a vêr-se, e o marido repetio seus queixumes ao Mestre, que indignado da desobediencia de Macias, determinou que o conduzissem preso á Torre de Argonilha, Fortaleza da Ordem, no Reino de Iáen, e fronteira de Granada.

Não direi se D. Henrique andou bem em intrometer-se nesta intriga de namorados, nem se foi um escandaloso despotismo, e abuso de authoridade o encerrar um nobre Cavalleiro em uma prisão sem mais crime que amar uma Dama, que lhe correspondia; mas o que é certo; é que o Mestre conhecia mui pouco o coração humano, se assentava que a solidão era remedio conveniente para acalmar a febre de sentidos, que devorava o preso.

A solidão, longe de tranquillisa-las, envipera as paixões violentas, e a do amor ainda mais do que outras; a innação, e o ocio conduzem a remeniscencia ao bem que se perdeu, a imaginação escandee-se, e o representa continuamente aos olhos, e aviva o fogo constantemente soprando.

Foi justamente o que aconteceu a Macias; separado de toda a communicação com o Mundo, passava os dias recordando-se da sua amada, e dos prazeres, que com ella gozara, ou compondo, e cantando versos, em que deplorava a sua ausencia, suspirava por vê-la, e maldizia o poder, que della o havia separado. Estes versos eram a miudo transmittidos á Senhora dos seus pensamentos, que lendo-os com avidéz, e compaixão, cada vez sentia crescer mais em sua alma o aborrecimento, e aversão a seu esposo.

Informado este, daquella correspondencia, perdeu de todo a paciencia, e como um homem preso em uma torre não pôde incutir grande medo, uma manhã armou-se de ponto em branco como se fosse fazer uma corrida em terra de Mouros, montou em um dos seus melhores cavallo, e a galope se dirigiu para a Torre de Argonilha.

Quando o'cioso chegou em frente della, estava Marcias sentado a uma janella, abstrahido em suas magoas, e cantando ao som da theorba, segundo é fama, a seguinte Canção.

Cativo, de minha tristura
 Ja todos prendem espanto,
 E perguntam que ventura
 Foi que me atormenta tanto?
 Mas não sei ao Mundo amigo
 O que mais do meu quebranto
 Diga, que esto, que vos digo,
 Que sobir nunca devia
 A pensar que faz folia,

Cuidê subir em alteza
 Por cobrar maior estado;
 E cahi em tal pobreza
 Que moyro desamparado
 Com pesar, e com desejo;
 Que vos direi, mal fadado!
 Lo que eu hey bem o vejo
 Quando o louco vai mais alto
 Subir, prende maior salto.

Pero que pobre saudoso
 Porque me doy a pesar!
 Minha loucura assi crece,
 Que moyra por entonar
 Pero mais não a verei!
 Si, non vêr é desejar,
 E porem assi direi
 Quem em carcel sole viver,
 Em carcel se veja morrer.

Minha ventura em demanda
 Me puso, e tan dudada
 Que mi coraçom me manda
 Que seja sempre negada,
 Pero mais nom saberarõ
 De minha cuitá lastrada;
 E porem assi dirão,

Cão raivoso, e cousa brava,
De seu Senhor sei que trava,

Inda o Poeta não tinha acabado de cantar a ultima strophe, quando uma lança despedida com toda a força do cioso, entrando pelas grades da janella, lhe atravessou o coração; tal foi o fim desastrado deste Poeta sensível, e entusiasta, cuja vida, e desgraça esperam ha muito o estro de um Poeta Romantico, a que offerecem um excellente assumpto para um bello Poema.

O corpo de Macias foi conduzido á Igreja de Santa Catharina; e ali sepultado. Collocaram sobre a sua campa a lança, com que fôra varado, ajuntando-lhe este simples epitaphio, que conservou o seu nome « *Aqui yace Macias et Enamorado!* »

Que differença entre as Coplas, que acima ficam transcriptas, e as Coplas rudes, e grosseiras de Gonçalo Hermingues, e Egas Moniz! aqui apresenta-se a lingua quasi depurada, e regular, os versos harmoniosos, e o corte das estrophes perfeito, e as rimas bem collocadas. Vê-se que chegámos ao seculo XV, começa a despontar o albor daquella Poesia nova, que hade collocar o Parnaso Lusitano a par do Italiano, e dos das nações mais cultas! Ha aqui uma brandura de expressão, um sentimento tão terno, e melancolico que encanta o Leitor. E' pena que as composições tão numerosas de Macias se perdessem todas, á excepção desta, e de outras duas, que foram conservadas por D. Thomaz Sanches na sua Collecção de Poemas anteriores ao seculo XV,

CAPITULO XIII.

Bernardim Ribeiro.

Bernardim Ribeiro, discipulo, ou imitador de Macias, que seria o primeiro dos Poetas desta eschola se Gil-Vicente lhe não disputasse a palma, por seu talento de ordem mais elevada, nasceu na Villa de Torrão, mas ignora-se o anno do seu nascimento.

Seu pai chamava-se Luiz Esteves Ribeiro, e foi Thezoureiro do Infante D. Fernando, filho d'El-Rei D. Manoel. Luiz Esteves, segundo o uso daquelles tempos, deu a seu filho uma educação muy aprimorada, e liberal, e o mandou frequentar a Universidade, onde além de cursar as aulas de instrucção secundaria, tomou os graus no Curso Juridico, começando desde logo a torhar-se famoso entre os seus condiscipulos pela belleza das suas composições Poeticas.

Voltando a Lisboa, entrou no serviço do Pago na qualidade de Moço Fidalgo, e casou pouco depois com D. Maria de Vilbena, filha de D. Manoel de Menezes, Senhor de Cantanhede.

Desta senhora, a quem amava extremamente, não teve Bernardim Ribeiro mais que uma unica filha, porque a morte lhe roubou a esposa na flor da juventude.

Bernardim Ribeiro sentio tanto esta perda, que ainda que ficasse viuvo no vigor da idade, recusou obstinadamente contrahir segundas nupcias, empregando todos os seus disvelos na educação de sua filha, consolação unica das saudades de sua esposa.

Porém sem embargo dos seys desgostos domesticos, e do amor das letras, e da Poesia, que cultivava com affeição, o nosso Poeta não se limitou sómente ao desempenho nas suas obrigações do Palacio, pois consta que servio com bom desempenho importantes cargos públicos, como o de Capitão-Mór das Armadas da India, que em tempos semelhantes já se vê que demandava

não só grande valor, mas muitos conhecimentos, e capacidade intellectual.

El-Rei D. Manoel, a quem era mui acceito, e que nelle tinha grande confiança, o nomeou para Governador da Fortaleza de S. Jorge da Mina, um dos mais importantes estabelecimentos, que os Portuguezes possuíam na Costa d'Africa. E Bernardim Ribeiro se houve naquella missão importante com tanta prudencia, probidade, e limpeza de mãos, que El-Rei sobremaneira satisfeito dos seus bons serviços, lhe conferio uma Commenda da Ordem Militar de Christo, que naquelles tempos, longe de ser uma condecoração esteril, e apenas honorifica, trazia consigo pingues rendimentos, e por isso se não concedia senão em recompensa de merito exuberante, e longamente provado em annos de bons serviços feitos ao Estado.

Estas circumstancias tem sido omitidas por muitos authores, que tem fallado de Bernardim Ribeiro, com o proposito deliberado de fazerem delle um héroe de romance.

Bem viam elles, que uma vida tão occupada, que os exercicios de tantos cargos, que necessariamente o obrigaram a ausentar-se repetidas vezes da patria, e a despendar alguns annos nessas ausencias, estava em contradicção com as aventuras romanticas que pretendiam attribuir-lhe, e que só poderiam ter logar em individuo entregue todó aos encantos do ocio, e dos passatempos cortezãos, e por isso procuraram lançar um véo sobre a sua vida pública, tão activa, e tão occupada.

E na verdade se considerarmos os annos que deviam levar-lhe os seus estudos universitarios, os que necessariamente devia consumir nos cargos que exerceo, e com especialidade no de Capitão-Mór das Armadas da India; e no seu Governo da Fortaleza de S. Jorge, e combinarmos com a epocha do casamento da Infanta D. Beatriz, com o Duque de Saboia, logo salta aos olhos a inverisomilhança de uma tradição popular, que adoptada por alguns escriptores de pouco criterio, se tem propagado na Europa como facto historico, porque o amor do maravilhoso, e do extraordinario, tem tamanho pôder nos homeas, que

lhes preocupa a imaginação, sem deixar-lhe examinar os factos, e a sua verosimilhança.

Segundo esta tradição, Bernardim Ribeiro, com uma liberdade mais que poetica, ousou amar nada menos que a Princeza D. Beatriz, filha d'El-Rei D. Manoel, e dirigir-lhe as suas homenagens como á Senhora dos seus pensamentos.

D. Beatriz, longe de escandalisar-se com o atrevimento do Trovador, em lugar de desapprovar que elle tomasse um vôo demasiado alto, accitou benevolos seus rendimentos, e correspondeo á sua paixão com uma paixão igual, havendo por grande ventura ser a Laura d'aquelle Petrarca. Elle a celebrava em suas cantigas, e adorava com um fogo, e uma idolatria, que é facil de supor.

Gozavam os dous amantes tranquillamente as doçuras deste commercio, mais doce porque era secreto, quando chegaram a Lisboa Embaixadores do Duque de Saboia para destruir a sua ventura, pedindo para seu amo a mão de D. Beatriz.

Póde suppor-se a afflicção do Poeta, e da sua amante, as lagrimas, e suspiros que verteriam com esta separação; as protestações, e juramentos de um, e outro; mas o golpe era insuperavel: El-Rei D. Manoel acolheo benignamente a embaixada, julgou vantajosas as nupcias, depreça se concluíram e ajustaram as condições, celebraram-se os desposorios, e a Princeza partio.

Bernardim Ribeiro ficou como doudo, e o caso não era para menos; do alto da Serra de Cintra vio confundir-se no horisonte o navio que fendendo os mares levava consigo D. Beatriz com a sua ventura, e as suas esperanças.

O Poeta ficou por largas horas immovel, debulhado em lagrimas, e com a vista cravada no ponto longinquo em que, os mastros do baixel haviam cessado de apparecer a seus olhos. Tornando a si, mal disse furioso a sua desventura, chamou por Beatriz, e pela morte, porém nem Beatriz, nem a morte acodiram ao seu chamado.

Desde então a vida se lhe tornou odiosa, fugio da corte, e dos homens, passava os dias sepultado em

uma gruta, meditando na sua desventura, ou deplorando-a nas suas Endeixas, e as noites vagueando pela Serra de Cintra, chamando a brados pela sua amada, e entalhando seu nome para memoria nos troncos dos sobreiros.

Accrescetam mais os engenhosos authores desta legenda romantica, que Bernardim Ribeiro, cançado um dia de fallar ás arvores, e ás aves, e passear por cima dos penedos, tomando o bordão, e as vicissitudes de peregrino, sahira de Portugal, e se fizera na volta de Saboia.

Chegando ali depois dos trabalhos, e perigos de tão longa jornada, indagou qual era a Igreja onde a Duqueza costumava ouvir Missa, e esperanda-a na porta, lhe pediu esmola quando passou. A Duqueza que logo o conheceo, apesar da differença do trage, e do transtorno que as magoas, e saudades haviam feito em suas feições, parou, e dando-lhe esmola, lhe disse baixo em portuguez: « Já lá vai o tempo dos antigos galanteios. »

Bernardim Ribeiro, dando-se por mal despachado com esta resposta, e com maior magoa, que levaria, pondo-se immediatamente a caminho, voltou á Serra de Cintra, onde terminou em breve os seus dias.

Toda esta narração, excellente na verdade, para servir de assumpto a um Poema, e que tantos homens respeitaveis aliás por seus talentos, mui seriamente referem, me parece uma fabula absurda, nascida da credulidade do povo, e da leitura dos livros de Cavallarias, que então faziam a leitura predilecta da maior parte da gente daquelle tempo, nem seria difficiloso achar em alguns desses livros o original desta ficção.

Póde alguém persuadir-se de que no Paço d'El-Rei D. Manoel, aonde segundo o testemunho de Jeronymo Osorio, de Mariz, e de outros authores, estavam no seu auge o decoro, a decencia, e os bons costumes, uma Princeza, a filha de tão grande Rei, se esquecesse tanto de si, que pozesse os olhos em homem tão desigual, correspondesse ao seu amor insensato, e se cartesse com elle, como se fôra alguma das elegantes do nosso tempo, que correm osthea-

tes, os bailes, e as assembléas, em procura de conquistas? Não acho difficil qua um Poeta, um homem de imaginação ardente, se namorasse de uma princeza; reconheço o poder da belleza, mas que ousasse transpor todas as balizas do respeito, a ponto de lhe fazer a declaração dos seus sentimentos! que no meio de uma côrte aquelle commercio secreto podesse escapar á maliciosa prespicacia dos aulicos! que se estes o bruxuleavam, por odio, ou inveja, em vez de guardar segredo o não participassem a El-Rei para se abonarem de zelosos da sua honra, e do respeito da sua casa! finalmente se o facto existio, era impossivel que El-Rei o não soubesse; e se El-Rei o soubesse era impossivel que não o castigasse, mandando pelo menos incerrar na casa dos orates, o estouvado, que tão pouco acatamento guardava á sua familia.

Ainda mais; como concorda esta tradição, com o testemunho de tantos authores, que dizem que Bernardim Ribeiro amava perdidamente sua mulher? e sua hida a Saboia não é uma invenção absurda, um verdadeiro acto de demencia? que podia Bernardim Ribeiro esperar desse passo desacisado? e quando elle estivesse perfeitamente doudo, que não era necessario menos para isso, é crível, é verosimil, que a Duquesa no meio de uma numerosa côrte, que a rodeava, parasse á porta de uma Igreja para conversar com um pobre peregrino, e que ali não houvesse entre tantas pessoas bem criadas, quem entendessem o que ella lhe dizia em portuguez? seja como fôr; eu que estou no habito de não acreditar em cousas que repugnam á miaba razão, não escrupoliso de ajuntar esta historia amorosa, ao catalogo, já não pouco ayultado, das mentiras impressas.

Bem sei que podem responder-me, que não é raro um homem casado namorar-se de outra mulher, e que o mesmo Poeta confessa que foi um delles nos seguintes versos.

Nam sam casado, Senhora,
 Pois inda que dei a mão
 Não casei o coração.

Antes que vos conhecesse
Sem errar contra vos nada ;
Uma só mão fiz casada ,
Sem que mais nisso metesse.
Dou-lhe que ella se perdesse ,
Solteiros os versos sam ,
Os olhos , e o coração.

Dizem que o bom casamento
Se hade fazer per vontade ,
Eu a vos a liberdade
Vos dei , e o pensamento.
Nisto não me achei contento
Que se a outra dei a mão ,
Dei a vos o coração.

Como , Senhora , vos vi ;
Sem palavras de presente
Na alma vos recebi ,
Onde estareis pera sempre.
Não , dei palavra somente
Não fiz mais que dar a mão ,
Guardai vos o coração.

Casei-me com meu cuidado
E com vosso desejar ,
Senhora , non sam casado
Não mo queirais acuitar.
Que servir-vos , e amar
Me nasceo do coração
Que tendes em vossa mão.

O casar não faz mudança
Em meu antigo cuidado ,
Nem me negou esperança
Do galardão esperado
Nam me engeiteis por casado
Que se a outra dei a mão
Dei a vos o coração.

Concedo que um homem casado possa amar outra
mulher, oxalá para socego das familias, que não vis-
semos tantos exemplos disso ; concedo que Bernardim

Ribeiro cahisse nesse falta, mas isso não desmente, nem enfraquece, a minha opinião, como se prova que esses versos foram dirigidos á Princesa D. Beatriz? esses mesmos versos me convencem do contrario: a vossa legenda nos pinta Bernardim Ribeiro amando como um louco, dominado por uma paixão profunda e irresistivel, e ha por ventura nesses versos a expressão singella de um amor ardente, e sem limites? achais ahí aquellas vozes do coração, aquella simplicidade de tom, aquelle arrebatamento d'alma que tanto nos encanta nas cartas da sensivel, e desgraçada He-loisa? não por certo; que paixão é essa de Bernardim Ribeiro que se exprime com athitheses de *mão*, e de *coração*, de *casado*, e *não casado*, em distincções, subtilizas, e jogos de palavras?

Ainda pergunto mais; sería conveniente que tratando de tal materia, um homem de juizo se dirigisse por taes termos de petimetre, e de frívola galantaria a uma Senhora de tão alta esphera? é verosimil que uma Princesa, que a filha de tão grande Rei, que até mesmo uma Donzella, já não digo virtuosa, mas simplesmente honesta, continuasse a amar um homem, sabendo, confessando-lhe elle mesmo, que estava ligado a outra? Oh! a corrupção dos costumes, a falta de modestia não tinha chegado a tal ponto naquella epocha da nossa gloria.

As obras de Bernardim Ribeiro consistem 1.^a em uma Historia de Cavallarias, com uma forte tintura de Bucolismo, de que apenas compoz o primeiro livro, e que se intitula « *Menina e Moça*, titulo que não tem mais relação com a obra, que o principiar esta com as palavras » *Menina, e Moça me levaram de casa de meus Pais*. Este livro tenho eu pela milhor producção de Bernardim Ribeiro, é pela primeira obra de prosa Portugueza, que possa dizer-se bem escripta, nada mais harmonioso que as suas clausulas, mais pictoresco que a sua dicção, mais terno que os sentimentos, que exprime, mais vivo que as suas descripções.

É quanto a mim livro de cuja leitura os Poetas podem tirar muito proveito, porque nella depararão com abundancia muitos modos de dizer chistosos,

energicos, e graciosos, grande copia de phrases pittorescas, e elegantes, muitos vocabulos, que não merecem o desuso em que estão, tanto por sua clareza, como por sua harmonia, muitos donaires de elocução, com que, usando-os a tempo, podem enriquecer o seu estylo.

A Menina e Moça foi prohibida no reinado d'El Rei D. João III.; epocha do estabelecimento da Inquisição, e da Censura: Correio voz de que a prohibição nascera de algumas allusões, á côrte, se taes allusões existem, o que parece provavel pela circumstancia dos nomes dos heróes da novella serem quasi todos anagramas, como *Aonia* Joanna, *Beliza* Isabel, *Avalor* Alvaro, *Bimnander* Bernardim, *Narburdel* Bernaldun.

E' necessario que essas allusões fossem as cousas tão pouco importantes, que hoje não é possível percebê-las, mas é muito natural que este rumor, e o pouco conhecimento que ha da vida de Bernardim Ribeiro, desse origem ao Romance dos seus amores com que algum fâceto occioso quiz zombar da credulidade pública.

Consistem mais as obras deste Poeta em algumas composições lyricas, e nas suas Eclogas.

As composições lyricas reduzem-se a Coplas, e Voltas, em que Ribeiro se mostra discípulo da eschola de Macias: o amor, ou para melhor dizer, a galanteria, expressada em estylo pastoril, sam o seu thema quasi exclusivo; as estrophes sam bem cortadas, e os versos harmoniosos, especialmente se os compararmos com os dos Poetas precedentes; porém o estylo é em geral languido, monotonico, desalinhado, cheio de repetições, de conceitos, de authe-teses, e jogos de palavras; posto que muitas vezes se encontrem nestas composições alguns rasgos de singularidade, e de paixão, mas isso é tão raro, que custa a perceber que um homem, que nos pintam como amante tão fervoroso, pudesse ser um Poeta tão frio.

As suas Eclogas passam pelas primeiras composições dignas deste nome, que se publicaram em Hespanha: alguem escreveu que eram tambem as melhores, que tinhamos, juizo com que não posso absolu-

tamente conformar-me. Sam escriptas em Coplas octosylabas, o que as faz parecer mais difusas do que verdadeiramente sam. A scena destas pastoraes é sempre nas margens do Téjo, nos campos do Mondego, e algumas vezes nas praias do mar.

Fundidas todas no mesmo molde, cada uma dellas se divide em duas partes; a primeira consta de uma narração, ou dialogo em que se expõe a materia; a segunda, é quasi sempre a que vale mais pelo estylo contém os canticos dos pastores, que nellas representam.

Por um extravagante contraste os nomes destes pastores pertencem á Bocolica Grega, e Romana, por exemplo Jano, Phauno, Pierío, ao passo que as pastoras tem todas nomes Christãos, e ás vezes bem pouco poeticos, como Catharina, e Joanna. Encontram-se nellas algumas passagens cheias de amenidade, e graça, como nos seguintes versos.

O dia que ali chegou
Com seu gado, e com seu fado
Com todos se agasalhou
N'uma bicada d'um mato.
E levando-o a pascer
O outro dia á Ribeira,
Joanna acertou de 'bi ver,
Que andava pela Ribeira
Do Tejo a flores colher.

Vestido branco trazia
Um pouco afrontada andava,
Formosa bem parecia
Aos olhos de quem a olhava.
Jano em vendoa foi pasmado
Mas por ver que ella fazia
Escondeu-se entre um prado,
Joanna flores colhia,
Jano colhia cuidado.

Depois que ella teve as flores
Ja colhidas, e escolhidas,
As desvariadas cores

Com rosas entremelidas
 Fez dellas uma capella
 E saltou os seus cabellos,
 Que eram tão longos como ella
 De cada um a Jano em velos
 Lhe nascia uma querella.

Os versos podiam ser melhores; mas esta pintura tem toda a singeleza, e atractivo do estylo Bocolico; mas outras vezes o author perdendo de vista a amavel natureza, e pertendendo alardear espirito, enreda-se n'um labyrintho de repetições de idéas, de vocabulos, de phrases, e de clausulas dando assim no dealeixamento, no prosaismo, e na monotonia: por exemplo:

Triste, de mim, que será?
 Oh coitado que farei?
 Que não sei onde me vá,
 Com quem me consolarei,
 Ou quem me consolará?
 Ao longo das ribeiras,
 Ao som das suas aguas,
 Chorarei minhas canceiras,
 Minhas magoas derradeiras,
 Minhas derradeiras magoas.

Todos fogem ja de mim,
 Todos me desampararam,
 Meus males so me ficaram
 Para me darem a fim,
 Com que nunca se acabaram
 De todo bem desespero
 Pois me desespera quem?
 Me quer mal que lhe não quero,
 Não lhe quero senão bem,
 Bem que nunca della espero.

Oh meus desditosos dias!
 Oh meus dias desditosos!
 Como vos hei saudosos
 Saudosos de alegrias,
 De alegrias desejosos!

Deixai-me já descansar,
 Pois que eu vos faço *tristes*
Tristes porque meu pesar
 Meu deu os males que vistes,
 E muitos mais que passar.

Não é certo com este estylo, que sem escrupulo se póde chamar *piegas* que Theocrito faz fallar os seus Pastores, que Bion entõa a *Cansão* funebre de Adonis, e Moscho canta o *Amor fugido*. Não é com estas languidas lamentações, que os Pastores de Virgilio exprimem os seus sentimentos, e paixões. Orlidon, Alphysibeo, fallam uma linguagem muito differente; parece-me pois, que os apaixonados de Bernardim Ribeiro, e entre elles Francisco Dias Gomes foram longe de mais em seu enthusiasmo quando proclamaram estas Eclogas pelas melhores de Hespanha, sem se lembrarem das de Camões, e de Garcilaso.

O assumpto destas Eclogas é o amor, thema eterno dos nossos antigos Poetas, e já nellas principia o ruim sestro de trajar successos caseiros, e factos da vida commum com os pelicos, e mais adereços da vida campestre; esta mania das alegorias nos Poemas Bucolicos acompanhou os nossos Poetas, até ao principio do presente seculo, apesar da frieza, e affectação que de tal pratica resultava.

Ha mais de Bernardim Ribeiro uma Sextina em redondilhas, e um Romance, que tambem se encontra debaixo do seu nome no *Cancioneiro de Romanças*, que se publicou em Anvers pelos annos de 1555, e que é uma das mais ricas collecções de Romanças, que os Hespanhoes possuem; a linguagem deste Romance é a mesma das Eclogas, e das Cantigas, por que Bernardim Ribeiro, como a maior parte dos Trovadores contemporaneos, tinha o mesmo estylo para todos os assumptos. Eis-aqui como esta composição começa:

Ao longo de uma Ribeira
 Que vai pelo pé da Serra,
 Onde me a mi fez a guerra
 Muito tempo o grande amor,
 Me levou a minha dôr.

Já era tarde do dia,
 E a agua della corria
 Por entre um alto arvoredó
 Onde ás vezes hia quedo
 O rio, outras vezes não.

Entrada era do Verão
 Quando começam as aves
 Com seus cantares suaves
 Fazer tudo gracioso.

Ao rugido saudoso
 Das aguas cantavam ellas;
 Todas las minhas querellas
 Se me poseram diante.

E assim vai continuando, e enlaçando pensamentos ternos, e pinceladas graciosas, e singelas com alegorias frigidias, e jogos de palavras, e cahindo ás vezes em um mistiçisimo de pensamentos, e expressões que dam em resultado uma grande obscuridade tanto de idéas, como de imagens.

Quanto a mim, o maior defeito das Poesias de Bernardim Ribeiro, e com especialidade das suas Eclogas, é a sua insofrivel prolixidade, que faz sentir ainda mais a monotonia, e o desleixo do estylo, e a desigualdade, e falta de correção do metro.

Sem embargo destes defeitos Bernardim Ribeiro é superior a todos os Poetas desta escola, exceptuando Gil Vicente, e talvez Garcia de Resende, que posto muito inferior ao segundo, ás vezes se aproxima bastante ao primeiro.

As Poesias de Bernardim Ribeiro junto com a *Menina e Moça* foram publicadas pelos seus herdeiros em 1559, e parece não ser a primeira edição, pois que no frontespicio se vê a advertencia de *novo estampada*. Ha porém outra edição tambem de Lisboa, que traz a data de 1785, um pouco mais nitida, e muito mais correcta que a precedente.

Ignora-se o anno, e o logar do fallecimento de Bernardim Ribeiro.

CAPITULO XIV.

Christovão Falcão.

Contemporaneo, e amigo de Bernardim Ribeiro, foi Christovão Falcão, mais conhecido pelo nome Poetico de Chrisfal, cujas Poesias, poucas em numero, costumam andar juntas com as de Bernardim.

O que sabemos a respeito da pessoa, e vida deste Poeta, reduz-se ao que a esse respeito deixou escripto o Abbade Diogo Barbosa Machado na sua Bibliotheca Lusitana, que é na verdade bem pouco; mas é força que com esse pouco se contente a nossa curiosidade, até que novas investigações venham esclarecer-nos tanto sobre a epocha do seu nascimento, e morte, como sobre os successos particulares de sua vida publica, e domestica.

Christovão Falcão nasceu em Portalegre no seio de uma familia das mais distinctas, e abastadas da Provincia do Alentejo. Foram seus pais João Vaz de Almada Falcão, e sua mulher D. Brites Pereira, pessoa igual a seu marido em nobreza, e graduação de familia.

João Vaz de Almada Falcão foi por muitos annos Capitão da Fortaleza da Mina, e deu a seu filho a educação civil, e litteraria que era propria, e necessaria a um homem, que era o representante, e a esperanza de uma familia illustre, e que se destinava para entrar em tempo conveniente, no serviço do Estado.

Christovão Falcão cultivou a Poesia desde os seus primeiros annos, dando não equivoocas provas da vocação para esta arte; com razão julgada a mais bella, e a mais nobre de todas as artes liberaes; e disso dam bom testemunho as poucas obras que, d'elle se conservam.

1 O amor é a paixão, que mais depressa accorda no coração da mocidade; e o primeiro amor de um Poeta é um incendio que tudo devora; uma tempestade que arrasa todos os obstaculos; a razão, e as conveniencias sam contrapesos mui fracos para equilibrar uma imaginação viva, e ardente.

Falcão apaixonou-se por uma senhora chamada D. Maria Brandão; seu pai oppoz-se ao casamento que elle pertendia contrahir com a sua amada; o filho resistio firmemente ás ordens do pai; dizem alguns que se casou com ella em segredo; mas o Abbade Barbosa parece dar a entender o contrario, e até que D. Maria Brandão casára com outro homem; seja como fór, o que não tem duvida é que o pai, homem de genio duro, e absoluto, escandalizado dá resistencia inobediente do filho, o fez prender; e que esta prisão durou cinco annos!

Que motivo teria João Vaz d'Almada para se oppôr tão tenazmente a união de seu filho com uma senhora, que segundo Barbosa Machado era *tão illustre por nascimento, como celebre por sua formosura*? haveria entre as duas familias alguns daquelles odios accirrados tão frequentes naquelles tempos? haveria nella alguma mancha de sangue? alguma nota em seu comportamento? ou a desigualdade de riqueza despertaria no velho aquella implacavel opposição? cousas sam estas que em tanta distancia de tempos mal podem elucidar-se bem. Mas ainda no caso de que a desobediencia do filho, e sua desvairada paixão chegasse a ponto de casar-se contra a vontade do pai, mesmo assim, condemnando como é devido este excesso, creio que não haverá muitos homens prudentes, que não achem demasiado rigor neste procedimento. Em poucas que não tem remedio, é necessario ahar de moderação, e pouco accedida ao seu caracter. O pai, que se mostra inflexivel com os erros de seus filhos.

Este facto achta-se consignado em uma Ecloga que ainda existe, e esta Ecloga tem 900 versos, afóra as Cantigas repelidas por noventa Estanças de dez versos octosylabos cada uma, afóra algumas Cantigas em versos de medida menor. Já se vê que, no que

respeita a prolixidade Christovão Falcão nada fica devendo a Bernardim Ribeiro.

O assumpto deste Poema sam os amores do pastor Chrisfal com a pastora Maria; isto é, de Christovão Falcão com sua mulber Maria Brandão. Nada mais simples que o enredo desta Ecloga. Os dous amantes estam separados pela severidade de seus pais, e o pastor, faz a narração das suas magoas, e das suas desventuras, memorando a sua perdida felicidade. Vejamos alguns trechos desta Ecloga, que tanto se parece pelo estylo com as de Bernardim Ribeiro.

Depois de me visto ter,
E já que me conhecia
Lagrimas lhe vi correr
Dos olhos que nam movia
De mim sem nada dizer,
Eu lhe disse meo desejo
Vendo-a tal com assás dor
Desejo de meu amor,
Darei credito ao que vejo?
Eu creerei ao meu temor!

A isto bem sem praser
Me tornou então assi
Com voz de pouco poder.
« Chrisfal, que ves tu em mí,
« Que não seja para crer? »
Eu lhe respondo — perder-vos
— De vos ver por tanto anno,
— Faz-me assim temer um danto
— Que vejo meus olhos ver-vos
— E temo inda que me engano.

Estas Estanças, que não sam destituidas de graça, e de colorido, provam que o Poeta achava mais difficuldade em expressar o seu pensamento em verso, do que Bernardim Ribeiro.

Um dos quadros mais louvados desta Ecloga, o que muito abona o talento do Author, é o seguinte colloquio, e despedida de Chrisfal, e Maria; onde a critica severa pôde, é verdade, deparar algum senão, mas onde ha sobejas bellezas para desconta-los.

E dizendo, « oh mesquinha,
 « Como podes ser tão crua! »
 Bem abraçado me tinha,
 A minha boca na sua,
 E a sua face na minha!
 Lagrimas tinha chorado
 Que com a boca gostei,
 Mas com quanto certo sei,
 Que as lagrimas sam salgadas
 Aquellas doces achei!

Soltei as minhas então
 Com muitas palavras tristes,
 E tomei por concrusam
 Alma, porque não partistes
 Que bem tinheis de rasam,
 Então ella assi chorosa
 De tão choroso me ver
 Já para me soccorrer
 Com huma voz piedosa
 Começou-me de dizer.

« Alma da minha vontade,
 « Ora não mais *Chrisfal manso*,
 « Bem sei tua lealdade
 « Ai! e que grande descanso
 « He fallar com a verdade!
 « Eu sei bem que não me mentes,
 « Que o mentir he diferente;
 « Não falla d'alma quem mente,
 « *Chrisfal* não te descontentes
 « Si me queres ver contente! »

Não sei que impressão faria nos contemporaneos do Poeta a expressão *Chrisfal manso*; mas um leitor moderno deve julga-la muito estranha; e com effeito o epitheto de *manso* na boca de uma mulher, com applicação a seu marido, deve parecer bastante ridiculo! porém esta pintura respira em geral uma ternura, e voluoptuosidade que encanta por sua singeleza, e sensibilidade.

A descumunhal estensão desta Ecloga não permit-

te, que a transcrevamos, aqui por inteiro, notaremos porém que ella termina com um rasgo mythologico, que além de ser conforme a este genero de composição, tambem não é desprovido de graça.

Isto que Chrisfal dizia
 Assi como elle o contava
 Huma Nympha o escrevia,
 N'um alamo que ali estava,
 E que ainda então crescia
 Dizem que foi seu intento
 No escreve-lo em tal logar
 Pera co' tempo se alçar
 Onde baixo pensamento
 Lhe não podesse chegar.

Estamos certos de que um pensamento tão delicado não occorreria facilmente aos contemporaneos do Author, exceptuando Bernardim Ribeiro.

As poucas Poesias, que além desta Pastoral nos restam de Christovão Falcão reduzem-se a algumas Cantigas, Voltas, ou Glósas, em que muitas vezes se nota grande intensidade de paixão, muita viveza de colorido, e certo modo de dizer affectuoso, e singelamente engraçado. Transcreveremos uma destas composições para dar logar ao leitor para fazer o devido conceito da maneira deste Poeta.

Não posso dormir as noites,
 Amor, não as posso dormir:

Desque meus *olhos olharam*
 Em vós seu mal, e seu bem,
 Se algum tempo repousaram,
 Já nenhum repouso têm.
 Dias vam, e noites vem,
 Sem vos ver, nem vos ouvir.
 Como as poderei dormir?

Meu pensamento occupado
 Na causa do seu pensar,
 Accorda sempre o cuidado
 Pera nunca descuidar.

As noites de repousar
 Dias sem ao meu sentir,
 Noites do meu não dormir.

Todo o bem que he já passado
 E passado em mal presente,
 O sentido desvelado
 O coração descontente.
 O jizo que isto sente,
 Como se deve sentir:
 Pouco deixará dormir.

Como não vi o que vejo
 Cos olhos do coração,
 Não me deito sem desejo,
 Nem me ergo sem paixão.
 Os dias sem vos ver vam,
 As noites sem vos ouvir,
 Eu não nas posso dormir.

A affectação de espirito, o gosto pelas anthezeses, ou trocadilhos, e jogos de palavras, parece ser uma molestia endemica de todos os engenhos nascidos na Peninsula Hespanhola. Este vicio data de tempos anteriores á fundação das Monarchias, que nasceram da invasão dos barbaros do Norte; não é portanto a ellas que deve attribuir-se a sua origem. Ninguem ignora que um Hespanhol, o Phylosopho Seneca, foi quem corrompeu a solida, e viril eloquencia, e Poesia dos Romanos com estes brilhantes falsos, e atavios ambiciosos, dando o exemplo delles nos seus escriptos philosophicos, e nas suas Tragedias.

Elles appareceram logo nos primeiros ensaios da Poesia Castelhana, e Portugueza; e não é pequena a copia desta ruim fazenda que se depara nas obras de Bernardim Ribeiro, e nas de Christovão Falcão, limito-me a citar os seguintes exemplos:

Senhora, pois por vos ver
 Assi me desconheci,
 Não me queiraes vos fazer
 O que por vós fiz a mim.

Não poderíamos tomar estes versos por de Frei Jeronymo Vahia? o mesmo caracter se encontra nos seguintes:

Comigo me desavim,
Vejo-me em grande perige,
Não posso viver comigo,
Não posso fugir de mim!

Os que se seguem juntam á affectação dos pensamentos, uma tinctura de expressão burlesca, que os torna ainda mais defeituosos.

Vi o começo no cabo,
Vi, o cabo no começo,
De feição que não conheço
Se começo, nem se acabo.

Apesar destas incorrecções, e defeitos, Christovão Falcão é um dos melhores ornamentos da escola dos Trovadores.

As poucas Poesias, que nos restam deste Poeta, não foram impressas em separado, mas sim juntas com Minina, e Moça, as Eclogas, e mais composições de Bernardim Ribeiro.

E' muito para estranhar, que o editor do Parnaso Lusitano, inserindo naquella collecção uma Ecloga de Bernardim Ribeiro, se esquecesse de ajuntar-lhe a de Christovão Falcão, ou alguma outra das suas obras que tanto se assemelham ás daquelle Poeta pelo gosto, e estylo. Se foi menoscabo, Christovão Falcão de certo não o merecia.

CAPITULO XV.

Garcia de Resende.

Continuaremos a noticia desta primeira escola, com um Poeta, que além de reunir as qualidades de Historiador, e de Trovador, fez além disso um grande serviço á litteratura patria, collegindo, e publicando em um vasto Cancioneiro, as obras de grande numero de Poetas seus contemporaneos, e mesmo dos tempos anteriores, que sem este cuidado seu, se teriam inteiramente perdido.

Este homem foi Garcia de Resende, pessoa de extracção mui nobre, e instituidor do morgado das Antas, na Provincia do Alemtéjo.

A sua patria foi a Cidade de Evora, na mesma Provincia, mas não está averiguado o dia, mez, e anno do seu nascimento. Seu pai chamava-se Francisco de Resende, e havia-se distinguido como brioso Cavalleiro nas guerras, que tiveram logar no reinado d'El-Rei D. Affonso V., e sua mãe foi D. Beatriz, ou como outros escrevem D. Brites Botto, ambos de familias mui distinctas naquella terra.

E' natural, que seus pais lhes dessem muito boa educação civil, e christãa, porém os seus estudos não sam conhecidos, e da leitura das suas obras se infere, que foram mui limitados.

Parece que entrou de mui tenra idade no serviço da Casa Real, pois consta com toda a certeza, que era ainda adolescente quando foi transferido do exercicio de Moço da Camara d'El-Rei D. João II., para o serviço do Principe D. Affonso, quando no anno de 1490 resolveo El-Rei pôr-lhe casa em separado.

Garcia de Resende permanesceo constantemente, e bem acceto no serviço do Principe até á epocha do fallecimento deste; em que El-Rei D. João II., que

sempre lhe fôra afeiçoado, o chamou de novo ao serviço da sua pessoa, nomeando-o para seu Moço da Escrevaninha.

Confesso que não faço idéa clara deste emprego, pois não sei se estas palavras designam o Secretario particular, ou o Porteiro do Gabinete.

Se Garcia de Resende não foi erudito, tambem não pôde negar-se que foi dotado de muito talento, viveza natural, e intelligencia fina, e clara, que muitas vezes senão encontra na erudição. Foi além d'isso muito prendado, pois além de bom trovador, foi mui perito na musica, e no desenho, ao menós em relação ao tempo em que viveo; e estas prendas o deviam sem duvida tornar muito acceto na corte, e muito agradável ao Monarcha, que fazia delle toda a confiança, e estima, e que sempre o tratou com uma benevolencia paternal, que sem escrupulo poderia chamar-se Privança.

E' verdade que Resende se mostrou sempre agradecido, e lealdoso para com o seu real amo, e bom feitor, que se mostrava tão contente com o seu serviço, que sem reboço lhe chamava espelho, e modêlo de criados. E esta afeiçoão a conservou elle durante toda a vida d'El-Rei, cousa de que se não apontam muitos exemplos nas vidas dos cortesãos.

Na ultima enfermidade d'El-Rei, pousou Garcia de Resende na Camara Real, velando o augusto enfermo, e ministrando-lhe os remedios, e todos os soccorros até á hora do seu passamento.

No anno de 1314 mandou El-Rei D. Manoel ao Summo Pontifice Leão X. uma pomposa Embaixada por Tristão da Cunha, offerecendo a S. Santidade as primicias do descobrimento da India, como pôde vêr-se na historia deste Monarcha, ecripta elegantemente em latim, pelo erudito Bispo de Silves D. Jeronymo Oserio.

Para Secretario desta Embaixada nomeou El-Rei a Garcia de Resende, que muito estimou aquella occasião de vêr Italia, e Roma, então Capital não só do Mundo Christão, mas do mundo litterario: aquelle ditoso seculo, que tomou o nome do grande Pontifice, que tanto honrou as letras, as sciencias, e bellas

artes, que tanto floresceram á sombra da sua generosidade, e protecção.

Voltando ao reino, não tardou Garcia de Resende em abandonar a vida de côrte, retirando-se á sua patria, para entregar-se aos seus trabalhos litterarios; e ao cultivo das bellas artes. Consta que viveo em Evora, em casa propria ao Poço de Selbarosos, casa que se julga existir ainda.

Ignora-se a epocha da sua morte, assim como os mais promenores da sua vida, mas ha toda a probabilidade de que ainda era vivo no anno de 1554, visto que Jorge Rodrigues, que publicou a sua Obra pica d'El-Rei D. João II. em 1607, affirma positivamente que a segunda edição, que é daquelle anno, fôra feita pelo author.

Foi sepultado em uma pequena Ermida, ou Oratorio mandado edificar á sua custa, em um canto da cerca do Mosteiro do Espinheiro, extra-muros da cidade d'Evora, que era da Ordem de S. Jeronymo (1).

Esta Ermida, que ainda existe, mas já sem nenhum dos objectos do culto, tem apenas 15 pés de extensão, não comprehendido o adro, e 11 de largura: junto á Ermida havia uma fonte em fórma de poço, cuja agua servia para regar um pequeno jardim, cujo cultivo estava a cargo de um Monge; ainda ali se vêem restos da fonte, mas já muitos annos antes da suppressam das Ordens Religiosas, haviam os Monges abandonado o jardim. Por cima da porta está um marmore, com ás armas dos Resendes, e uma lenda, que diz em caracteres gothicos: «Esta Ermida, e Fonte mandou fazer Garcia de Resende em louver de N. Senhora, anno de 1520.» Faço menção destas circumstancias, porque a idéa de collocar a sua sepultura na cerca de um Mosteiro, rodea-la de um jardim, e abrir uma fonte para lhe regar as flores, me parece mui propria de imaginação visonha de um Poeta.

(1) Veja-se sobre estas particularidades a noticia que os Srs. Castilhos Antonio, e José, ajuntaram em sua Bibliotheca, nos escriptos de Garcia de Resende.

A sepultura está no centro da Ermida, coberta com uma campa de marmore branco, adornada com as armas da familia, e este epitaphio: «Sepultura de Garcia de Resende.» epitaphio que em verdade não pôde ser mais modesto.

No Adro que é abobadado, está um carneiro, com tampa tambem de marmore branco, tambem adornado com armas dos Resendes, e este letreiro: «Sepultura de Jorge de Resende, e de seus Filhos.» Este Jorge de Resende, segundo affirmam os Genealogicos, era irmão do fundador da capella Garcia de Resende.

O nosso Poeta conservou-se sempre no estado do celibato, mas parece não ter sido por odio ao bello sexo, pois consta que deixou alguns filhos naturaes.

A mais importante das obras de Resende me parece ser a sua vida de D. João Segundo, ou Chronica, como lhe chamaram depois. Alguns estrangeiros a tem elogiado muito, e eu confesso que é um dos nossos antigos livros de prosa, cuja leitura me dá maior prazer. O author mostra-se bem informado das cousas que refere, e as refere com candura, e boa fé. Seu estylo é singelo, claro, gracioso, e ás vezes o seu modo elegante; acho-lhe alguma semelhança com o de Bernardim Ribeiro. (1)

Como Garcia de Resende não tem logar neste Ensaio, senão como Trovador, ou Poeta, não farei menção do resto das suas composições prosaicas, que afóra a linguagem, que é sempre boa, sam de pouca consideração, e interesse.

As Poesias de Garcia de Resende pertencem pela maior parte ao estylo jucoserio, ou satyrico, expressi-se de ordinario com força, e suas Coplas sam quasi sempre bem cortadas, e bem versificadas; é difficil decidir se nellas ha grossaria, ou urbanidade, porque não sabemos com exacção, o que naquelles tempos se entendia por urbanidade; é raro que se affaste do tom descriptivo, ou narrativo, e o seu maior defeito,

(1) Ha quem diga que esta obra é de Rui de Pina, e que Resende lha furtara. Não pertence ao meu assumpto examinar esta questão. Os que desejarem fazer idéa della, recorram a já citada Bibliotheca dos Srs. Castilhos onde acharão este objecto tractado com boa critica, e toda a imparcialidade.

que lhe é commum com os seus contemporaneos, é a diffusam. Em começando a ensinar Coplas, parece que não sabem onde tem de acabar, este defeito acompanha sempre as obras compostas na infancia da arte.

Daremos aqui, segundo o nosso costume, alguns specimens das Coplas de Garcia de Resende, para que os leitores possam fazer juizo do seu talento Poetico, e principiaremos pelas Coplas endereçadas a Ruy de Figueiredo, sobre a resolução em que estava de vestir o habito de frade.

COPLAS.

Pois trocaes a liberdade
 Por viver sempre sujeito,
 Sem haverdes saudade
 Dos Amigos da Verdade
 Vossos, sem nenhum respeito;
 Se estaes, Senhor, de partida
 Para entrar em nova vida,
 Tomai isto que vos digo
 Como de um vosso amigo
 Grande, e fóra de medida.

Se determinaes vestir
 Habito com seu cordão,
 Não haveis de nunca rir
 No Mosteiro, nem bolar,
 Que é signal de Devoção.
 Diurnal, e Breviario,
 Contas pretas, e Rosario
 Trazei de cote na mão,
 Sem resardes Oração
 A Santo do Calendario.

Si hi houver disciplinas,
 E com grande Devoção,
 E depois da Casa estar
 A's escuras, açoitar
 Rijo, mas seja no chão.
 A miudo suspirar,
 Que todos possam cuidar
 Que é de mui martisado,
 Assim estareis poupado
 Sem vos da regra tirar.

Haveis sempre de mostrar
 Que andaes mui mal disposto
 Por vos do Choro ocupar ;
 Que he gran trabalho resar
 A quem nisso não tem gosto ;
 E á meza jejuar ,
 Que façaes todos pasmar ;
 Mas tereis em vossa Cella
 Mantimento sempre nella
 Com que possaes jarrear .

Tereis de sob o caixão
 Gibão , e calças de malha ,
 Casco , luvas , bosquelão ,
 Punhal , e espadarrão ,
 A chuça , e huma navallia ,
 Escada de corda boa ,
 Que suba , e desça a Pessoa
 Segura de não quebrar ,
 Cabelleira não faltar
 Para cobrir a coroa .

Como se a Lua poser
 Sabireis desse fadario ,
 Vestida como he mister ,
 Porque então haveis de ler
 Pelo vosso Kalendario .
 Por segurar o caminho
 Sede amigo do Meirinho ,
 E do Alcaide tambem ,
 Que não queiram por ninguém
 Tomar-vos no vosso ninho ,

Pobreza , e castidade ,
 E tambem obediencia
 Dareis á Communidade ,
 Mas não tereis charidade ,
 Verdade , nem paciencia ;
 Trabalhai muito por hir
 De casa em casa pedir ,
 Cos olhos postos na Terra ,
 Porque assim se faz a guerra .
 Melhor , que com bom servir .

Para melhor vos salvar
 Sede mui mexeriqueiro;
 De huns, e de outros murmurar,
 Muito o Guardião louvar
 Em tudo mui por inteiro.
 Fallai manso, e de vagar;
 Mas se houverdes de resar
 Seja alto, e de ma mente;
 E fazei-vos mui sciente
 Por Mulheres confessar.

Se vos mandarem cavar,
 Agoar arvores, varrer,
 Ser forneiro, ou caminhar,
 Ou os habitos lavar
 Começai logo a gemer,
 E dizer: « meo Padre eu sam
 « De tão fraca compreensão,
 « E se hum pouco me abaixar
 « Cahirei morto no cham.»

Isto podereis fazer,
 Mas o bom que a vida tem
 Não o haveis vos de sofrer,
 E por isso antes de ser.
 Frade aconselhaivos bem:
 Porque quanto bem merece,
 Pela vida, que padece
 O bom Frade virtuoso,
 Tanto o mau Religioso
 Torna atraz, e destmerece.

Cancioneiro pag. 224.

Estas Coplas, além do seu merito poetico, que recorda ás vezes o estylo sarcastico, e ironico de Voltaire, se tornam ainda mais curiosas, porque nos dam a medida de devoção de Garcia de Resende, da sinceridade da vocação de Rui de Figueiredo, e da vida relaxada, e hypocrisia dos frades naquelles tempos chamados felizes.

A satyra parece ser o principal talento deste Poeta, e em prova disto transcreverei da sua Miscelanea, impressa em Lisboa na officina de Manoel da Silva,

em 1752, algumas Coplas das que publicou contra os costumes, vícios, e luxo do seu seculo, acho nelas alguns pontos de semelhança, com certo escripto de Voltaire, que lhe não deu pouco que fazer.

Vimos cadeias, colares,
Ricos tecidos, espadas,
Cinctos, e cinctas lavradas,
Punhaes, hortas, Alamares,
Muitas cousas esmaltadas;
Arreios quanto lustravam,
Duravam muito, e honravam;
Só com vestidos frisados,
Com taes peças arraiados
Os Galantes muito andavam!

Agora vemos capinhas,
Muitos curto pelotinhos,
Golpinhos, e çapatinhos,
Gregominhos, barretinhos,
Estreitas cabeçadinhas,
Pequenas nominasinhas,
Estreitinhas guarnições,
E muito mas invenções
Porque tudo sam cousinhas.

E vimos em nossos dias
A letra de forma açhada
Com que a cada passada
Crescem tantas Livrarias,
E a Sciencia he augmentada.
D'Alemanha ha o louvor,
Por della ser o Author
D'aquella cousa tão dina!
Outros affirmam da China
Ser o primeiro Inventor.

Outro Mundo novo vimos
Por nossa Gente se achar,
E o nosso navegar
Tão grande que descobrimos
Cinco mil legoas por mar,
E vimos minas reaes

D'ouro, e dos outros metaes
 No Reyno se descobrir:
 Mais que nunca vi salir
 Engenhos de Officiaes.

Vimos rir, vimos folgar,
 Vimos cousas de prazer,
 Vimos zombar, e apodar,
 Motejar, vimos trovar
 Trovas, que heram para ler,
 Vimos homens estimados
 Por manhas avantajados;
 Vimos Damas mui formosas,
 Mui discretas, e manhosas,
 E Galantes afamados.

E depois vimos cuidados,
 Paixões, descontentamentos,
 Muitos malanconisados,
 Muitos sem causa agravados,
 Sobejos requerimentos.
 Vimos*desagradecidos,
 Vimos outros esquecidos,
 Que deviam de lembrar,
 Vimos muito pouco dar
 Pelos desfavorecidos.

Musica vimos chegar
 A' mais alta perfeição,
 Sarzedas, Fontes cantar,
 Francisquinho assim juntar,
 Tanger, cantar sem razão!
 Arriaga, que tanger!
 O Cego, que gran saber
 Nos órgãos, e o Vaena!
 Badajoz, e outros que a penna
 Deixa agota de escrever.

Pintores, Luminadores
 Agora no cume estam,
 Orivisis, Escultores
 Sam mais sublis, e milhores.
 Vimos o gran Michael,

ENSAIO BIOGRÁFICO CRÍTICO.

E Alberto, e Raphael;
E ha em Portugal taes
Tão grandes, e naturaes
Que vem quasi ao olivel.

E vimos singularmente
Fazer Representações
De estylo mui eloquente,
De mui novas invenções,
E feitas por Gil Vicente:
Elle foi o que inventou
Isto ca, e que o usou
Com mais graça, e mais doutrina,
Posto que João del Enzina
O Pastoril commecçou.

Lisboa vimos crescer
Em povos, e em grandeza,
E muito se enobrecer
Em edificios, riqueza,
Em armas, e em poder;
Porto, e trato não ba. tal,
A terra não tem igual
Nas frutas, nos mantimentos,
Governo, bons regimentos
So lhe falece, e não at.

Os mais dos Governadores,
Que á India foram mandados,
Vi mortos, ou acusados;
Cavalleiros, sabedores
Não vi destes escapados.
Os mais sam la sotterrados,
E os vindos demandados,
Sequestradas as fazendas,
Huns presos, e outros cortados,
E Libelos processados.

Vimos muito se espalhar
Portuguezes no viver,
Brasil, Ilhas povoar,
E ás Indias hir morar,
Natureza lhe esquecer.

Vimos no Reino meter.
Tantos captivos, crescer,
E hirem-se Naturaes
Que se assim for serão mais
Elles que nós a meu ver.

E vimos communicar
El-Rei com o Preste João,
Embaixadas se mandar,
Cousa que nella fallar
Parecia admiração:
Vimos ca vir Elefantes,
E outras Bestas semelhantes,
Trazer da India por mar,
.....

E vimos na Christandade
Mover grandissimas guerras,
Muita grande mortandade,
Destruídas muitas terras,
Com mui grande crueldade.
E tal batalha passou,
Que segundo se affirmou,
Quarenta mil pereceram,
Os Homens ali morreram,
E o odio novo ficou.

Vimos os bons decahidos,
E os maus mui levantados,
Virtuosos desvalidos,
Os sem virtudes cabidos.
Por meios falsificados:
A Providencia escondida,
A Vergonha submetida,
O mentir mui disfarçado,
O saber desestimado,
A falsidade crescida.

O Poeta, que como já vimos, não poupava os Frades, tambem não perdoa ao Clero secular invectivando asperamente contra a sua incontinencia, as suas simonias, e outros abusos de igual natureza.

Vimos Moços governar,
 E Velhos desgovernados,
 Fracos em armas fallar,
 E vimos muitos mandar,
 Que deviam ser mandados,
 Vimos os bens estorvados,
 Os males acrescentados,
 E vimos gentes viverem
 Com mulher, e os filhos serem
 Dos benefícios herdados.

Outras simonias callo,
 Grandes trocas, e partidos,
 E beneficios vendidos
 A taes, que de so falla-llo
 Escandalisa os ouvidos:
 E Mosteiros muito honrados
 De Mythra, e Bago ordenados
 Para ter Abades bentos;
 Vimos livres, e isemptos
 Dados a Homens casados.

Dos Clerigos passa Resende a fustigar com igual
 simonia os homens da governança, e diz:

Hum so mau official,
 Que ha em huma Cidade,
 Destrua a Communidade,
 Vede bem se farão mal
 Tantos desta qualidade!
 Deos, e Et-Rei não sam servidos,
 Os Povos são destruidos,
 E a Policia danada,
 A Republica roubada,
 E os Povos destruidos.

O censor austero que percorre todas as classes da
 sociedade para nellas stigmatizar os vicios, e os cri-
 mes, não podia esquecer-se de um dos maiores fla-
 gellos que opprimem as sociedades modernas, isto é,
 o luxo, e o desmesurado galear das mulheres casadas,
 que desbaratam as mais solidas fortunas, reduzindo
 seus filhos á mendicidade, e sendo não poucas vezes

causa de seus maridos faltarem aos seus deveres, e prevericarem nos seus empregos; estas Coplas de Garcia de Resende tem hoje tão frisante applicação, como no tempo em que foram escriptas.

Gastos mui demasiados
 Vemos nas Donas casadas,
 Em joias, pratas, lavrados,
 Perfumes, e desfiados,
 Tapeçarias dobradas:
 As conservas, o comer,
 Vestidos, Donzellas ter,
 As camas, e os estrados,
 Vimos por vinte cruzados
 Luvas de couro vender.

As Portuguezas honradas
 Vimos por deshonra haver
 No rosto, e face poer,
 E trazer averdugadas,
 E tambem vinho beber:
 Por deshonestas haviam
 As que taes cousas faziam,
 Depois foram tão usadas
 Todas, que ham que as passadas
 Nem sabiam, nem viviam.

As Poesias de Garcia de Resende que maior applauso conseguiram no seu tempo, tornando-se populares, e que foram varias vezes impressas, sam as suas Trovas á morte de D. Ignez de Castro, não quero aqui contrastar o voto daquelles, que as tem pela sua melhor composição poetica; mas sempre direi, que peccam pela idéa fundamental, que é D. Ignez de Castro, depois de morta contar a sua desventura ás Damas, sem que haja preparação alguma, para tornar verosimil este prodigio; sam como uma estatua que não tem base em que se colloque, e isto sobeja para advirtir-nos que estamos na infancia da Arte; não deixa porém de haver neste Poema certo merito de execussão, que póde justificar a acceitação, que tiveram.

Senhoras, si algum Senhor
 Vos quizer bem, ou servir,
 Quem tomar tal servidor,
 Eu lhe quero descobrir
 O galardão do Amor,
 Per sua mercê saber
 O que deve de fazer
 Vêja o que fez esta Dama,
 Que de si vos dará fama
 Se estás trovas quereis ler.

Qual será o coração
 Tão cru, e sem piedade
 Que lhe não cause paixão,
 Huma tão gran crueldade!
 E morte tão sem rasão?
 Triste de mim innocente,
 Que por ter muito fervente
 Lealdade, fé, amor
 Ao Príncipe meu Senhor
 Me mataram cruamente.

A minha desventura
 Não contente de acabar-me,
 Por me dar maior tristura
 Me foi pôr em tanta altura
 Para della derribar-me.
 Que se me matara alguém
 Antes de ter tanto bem,
 Em taes chammaas não ardera.
 Pai, Filhos, não conhecera
 Nem me chorará ninguém.

Esta estrophe me parece não ter aquella perspicuidade, e clareza, que deve encontrar-se em toda a boa poesia, e o peor é que o pensamento não parece melhor do que a expressão.

Dizer D. Ignez que não amaria o Príncipe, se alguém a tivesse morta antes de amar o Príncipe, não é o que, em termos chulos, se chama « uma rasão de cabo de esquadra? » o verso

Em taes chammãs não ardera ,

como é proferido por uma pessoa morta, pôde á primeira vista dar a entender, que as taes *chammãs* não são as do amor, mas as do Purgatorio, ou do Inferno.

Igual, ou maior ambiguidade apresenta o verso seguinte

Pai, Filhos não conhecera ,

porque não especifica se ella diz que em tal caso não conhecera seu pai, ou o pai de seus filhos, que é segundo penso a idéa do Poeta, mas que elle não expressou bem. O verso ultimo

Nem me chorará ninguém.

Assenta em um supposto falso, e é uma injuria feita á sensibilidade do genero humano. Pois só os filhos, e os maridos, e *vice versa*, é que pranteam a morte de algum delles? não choram os irmãos pelos irmãos, os parentes pelos parentes, os amigos pelos amigos? não se chora muitas vezes a perda de um homem virtuoso, posto que os que o lamentam não tenham com elle relação alguma de parentesco, ou de amizade? D. Ignez de Castro tinha irmãos, e como os julga tão faltos de humanidade, que se não condoessem de a ver assassinada? Prossigamos.

Eu hera Moça, Minina
 Por nome Dona Ignez
 De Castro, e de tal doutrina,
 E virtudes, que hera dina
 Do meu mal ser ao revez.
 Vivia sem me lembrar
 Que paixão podia dar,
 Nem da-la ninguém a mim.
 Foi-me o Principe olhar,
 Por seu nojo, e minha fim.

De vagar, Senhor Garcia de Resende! quando D. Ignez veio a Portugal não era tão minina, nem tão innocente, que não soubesse ainda que podia inspirar amor, ou ceder a elle.

Começou-me a desejar,
 Trabalhou por me servir;
 Fortuna foi ordenar
 Dous corações conformar
 A huma vontade vir.
 Conheceu-me! conheci-o!
 Quiz-me bem, e eu a elle!
 Perdeu-me! também perdi-o!
 Nunca the morte foi frio
 O bem que triste puz nelle!

Dei-lhe minha liberdade,
 Não senti perda da Fama;
 Puz nelle minha verdade,
 Quiz fazer sua vontade
 Sendo mui formosa Dama.
 Por me estas obras pagar,
 Nunca jámais quiz casar;
 Pelo qual aconselhado
 Foi El-Rei, que era forçado
 Pelo Ceo de me matar.

Estava mui acatada,
 Como Princeza servida,
 Em meus Paços mui honrada,
 De tudo mui abastada,
 De meu Senhor mui querida.
 Estando mui devagar,
 Bem fora de tal cuidar
 Em Coimbra com socego,
 Pelos campos do Mondego
 Cavalleiros vi somar.

Como as cousas que ham de ser
 Logo dam no coração,
 Comecei d'intristecer,
 E a comigo só dizer
 « Estes Homens onde hirão! »
 E tanto que perguntei,
 Soube logo que hera El-Rei.
 Quando o vi tão apressado,
 Meu coração traspassado
 Foi que nunca mais fallei!

E quando vi que descia
 Sabi á porta da Sala,
 Devinhando o que queria;
 Com gran choro, e cortezia
 Lhe fiz huma triste falla.
 Meus filhos puz de redor
 De mim, com grande humildade,
 Mui cortada de temor
 Eu lhe disse: « Havei, Senhor,
 « Desta triste piedade.

« Não possa mais a paixão
 « Do que o que deveis fazer,
 « Metei nisso bem a mão,
 « Que he de fraco coração,
 « Sem porque, matar Mulher,
 « Quanto mais a mim, que dão
 « Culpa, não sendo rasão
 « Por ser Mãi dos Innocentes,
 « Que ante vós estão presentes,
 « Os quaes vossos Netos são.

« E tem tão pouca idade
 « Que se não forem criados
 « De mim só, com saudade
 « Em sua grande orphandade
 « Morrerão desamparados.
 « Olhai bem quanta crueza
 « Fará nisto Vossa Alteza;
 « E tambem, Senhor, olhai,
 « Pois do Principe sois Pai,
 « Não lhe deis tanta tristeza,

« Lembre-vos o grande Amor,
 « Que me vosso Filho tem,
 « E que sentirá gran dor
 « Morrer-lhe tal servidor
 « Por lhe querer grande bem:
 « Que se algum erro fizera
 « Fora bem que padecera,
 « E que estes Filhos ficaram
 « Orphãos tristes, e buscaram
 « Quem delles paixão houvera.

ENSAIO BIOGRAFICO CRITICO.

« Mas pois eu nunca errei,
« E sempre mereci mais,
« Deveis, poderoso Rei,
« Não quebrantar vossa Lei,
« Que, se morro, quebrantaes.
« Usai mais de piedade
« Que de rigor, nem vontade!
« Havei dó, Senhor, de mim,
« Não me deis tão triste fim,
« Porque nunca fiz maldade. »

El-Rei, vendo como estava
Houve de mim compaixão;
E viu, o que não olhava,
Que eu a elle não errava,
Nem lhe fizera traição;
E vendo quão de verdade
Tive amor, e lealdade
Ao Principe, cuja são,
Pôde mais a piedade
Que a determinação.

Que se me elle defendera,
Que a seu Filho não amasse,
E lhe eu não obedecera,
Então com rasão podera
Dar-me a morte, que ordenasse.
Mas vendo que nenhuma hora
Desque nasci athegora
Nunca nisso me fallou,
Quando se disto lembrou
Foi-se pela porta fora.

Com seu rosto lacrimoso,
Co' proposito mudado,
Muito triste, mui saudosos
Como Rei mui piedoso,
Mui Christão, e esforçado.
Hum daquelles que trazia
Comsigo na companhia,
Cavalleiro desalmado,
De trás delle mui irado
Estas palayras dizia.

« Senhor, a vossa piedade
 « He digna de reprehender,
 « Pois que sem necessidade
 « Mudaram vossa vontade
 « Lagrimas de huma Mulher.
 « E quereis que abarreguado,
 « Com Filhos, como casado
 « Esté, Senhor, vosso Filho?
 « De vós mais me maravilho,
 « Que delle, que he namorado.

« Si logo não a mataes,
 « Não sereis nunca temido,
 « Nem farão o que mandaes,
 « Pois tão cedo vos mudais
 « Do Conselho que hera havido.
 « Olhai que justa querella
 « Tandes pois por amor delta!
 « Vosso filho quer estar
 « Sem casar-se, e nos quer dar
 « Muita guerra com Castella.

« Com sua morte escusareis
 « Muitas mortes, muitos danos,
 « Vós, Senhor, descansareis,
 « E a vós, e a nós dareis
 « Paz para duzentos annos.
 « O Principe casará,
 « Filhos de benção fará,
 « Será fora de pecado,
 « Que agora seja anojado
 « A' manbãa lhe esquecerá. »

E ouvindo seo dizer
 El-Rei ficou mui turbado
 Per se em taes extremos ver,
 E que havia de fazer
 Ou hum, ou outro forçado.
 Desejava dar-me vida,
 Por lhe não ter merecida
 A morte, nem nenhum mal;
 Sentia pena mortal
 Por ter feito tal partida.

E vendo que só lhe dava
 A elle toda esta culpa,
 E que tanto o apertava,
 Disse áquelle que bradava
 «Minha tenção me desculpa.
 «Se vós o quereis fazer
 «Fazei-o sem mo dizer,
 «Que eu nisso não mando nada,
 «Nem vejo essa coitada
 «Porque deva de morrer.»

Dois Cavalleiros irosos,
 Que taes palavras lhe ouviram,
 Mais crus, e não piedosos,
 Perversos, desamorosos,
 Contra mim rijo se viram,
 Com as espadas na mão,
 Me atravessam o coração,
 A confissão me tolheram,
 Este he o galardão
 Que meus amores me deram.

Canc. pag. 221.

Ha neste Poemeta algumas irregularidades grammaticas, alguns descuidos de frases, mas não pôde negar-se que contém algumas idéas engenhosas, e um quadro Dramatico, que não só o torna mui poetico, mas que era um merito mui raro no tempo em que o author escreveu. Aquelle presentimento de D. Iñez ao ver os Cavalleiros, que se dirigiam ao seu palacio; o sahir ao encontro do Rei rodeando-se de seus filhinhos, como si aquelles innocentes fossem uma muralha para a defender da morte, seu discurso a D. Affonso IV., o modo indirecto porque se desculpa, dizendo, que o seu crime era ser mãi daquelles innocentes, que eram netos d'elle Rei, a alegação da falta que lhe faria, a compunção do Rei, resolvido a perdoar-lhe, o discurso breve, mas energico do Conselheiro, em que alega com grande artificio motivos sempre especiosos do bem publico, de religião, e sobre tudo os ciumes do poder, razão suprema dos Reis; a resposta de D. Affonso, deixando o caso na consciencia dos Conselheiros, recurso ordinario dos

Monarchas de espirito fraco, que julgam assim salvar a sua responsabilidade para com Deos, e os homens, como se os que governam não fossem tão responsaveis pelo mal, que fazem, como pelo mal que não evitam, e deixam commetter aos outros; todos estes rasgos abonam o talento Poetico do Author, e justificam a approvação dada pelos contemporaneos a este Poemeto.

CAPITULO XVI.

O Cancioneiro de Garcia de Resende.

O Cancioneiro de Resende pôde considerar-se debaixo de differentes pontos de vista. Como deposito de quasi toda a Poésia, que resta desta primeira epocha, é um thesouro precioso; mas se o considerarmos como livro, força é dizer, que é uma compilação indigesta, sem classificação dematerias, sem escolha, nem esclarecimentos sobre os Authores, cujas obras ali se colligem, como hoje se exigiria em obra de semelhante natureza.

Não é menos notavel a sua irregularidade orthographica, achando-se as palavras escriptas por differente modo, ás vezes na mesma pagina, e muitas até na mesma composição, havendo habitualmente pouco respeito á etimologia.

Igualmente defeituoso se encontra ali o trabalho typographico; pois a cada passo vemos deturpado o sentido pela troca de nomes como *Nercia* em lugar de *Niséa*; *Cava* em lugar de *Hécuba*; outras vezes ficam os versos errados pela troca de palavras, ou falta dellas, quando o sentido está claramente indicando que estas faltas provém da impressão; e não do author, por exemplo lendo nas *Troyas* de Garcia de Resende a *D. Ignês de Castro*.

Que se me elle defendera,
E a seu filho não amasse,
E eu lhe não obedecera,

Não se conhece logo que esta lição é errada, e que o author tinha escripto

Que se me elle defendera
Que a seu filho não amasse,
E eu lhe não obedecera.

Do mesmo modo nas Trovas a Rui de Figueiredo se conhece que este verso

Que he signal de devão
deve ler-se

Que he signal de Devoção.

e assim muitos outros, sem fallar da collocação dos pontos, e das virgulas a contrasenso.

Das Poesias do Cancioneiro pôde dizer-se o que um Poeta Epigrammatico disse a respeito dos Epigrammas, que dera á luz:

Sunt bona, sunt quædam meliocria, sunt mala plurima.

As Trovas do Cancioneiro podem, se não me enganar, na sua totalidade reduzir-se a quatro classes, Devotas, Eroticas, Moraes, e Satyricas.

As Devotas são, no meu entender, as que menos valem; seu estylo é languido, e prosaico, sem colorido, e podem passar por trechos das Horas Marianas traduzidos em coplas. Não ha ali uma idéa poetica, um pensamento sublime; uma expressão pictoresca. E' na verdade para notar, que sendo a Nação Portugueza uma das mais religiosas da Europa, nenhuma tenha menos disposição para esmaltar, e ressaltar os sentimentos de piedade com a pompa de eloqução poetica.

As Coplas amatorias não differem destas senão por serem endereçadas ás Damas, em lugar de o serem á Virgem, ou aos Santos, porque o estylo é exactamente o mesmo; adorações, jaculatorias, certa me-

taphisica ascetica, nada de naturalidade, de sentimento; nenhuma explosão de ternura, ou arrebatamento apaixonado; fazem lembrar Tartufo, na Comedia de Moliere, requestando Elmira em estylo beatifico. Este modo de cantar o amor deve parecer muito estranho a um homem costumado á leitura de Ovidio, de Catulo, de Propercio, de Tibulo, de Parny, e de outros Poetas, que são os modêllos do genero.

Nas Poesias moraes apparece mais engenho, pelo menos a sua leitura não é tão fastidiosa, posto que muitas vezes as maximas, e as sentenças sejam triviaes, muitas outras pesadas, e pouco philosophicas, havendo até algumas que por sua insignificancia não valiam o trabalho que houve para as pôr em verso.

Não direi outro tanto das sytiricas, ou jocosarias, que felizmente são o maior numero; nellas deparo grande vigor de estro, de imaginação, e muita vivacidade. Os defeitos destas composições estão no excesso, ou abuso das suas boas qualidades; peccam sempre por carta de mais, ou seja por falta de gosto, ou rudeza dos costumes do tempo; ou pelo espirito de matidicencia, que sempre foi uma das feições caracteristicas da indole Portugueza; os Copleiros nada respeitam, os vicios, os costumes, os defeitos do espirito, e do corpo, as baldas da vida privada como as da vida publica, tudo é objecto das suas pilherias, dos seus insultos, e dos seus dicterios: as victimas são postas no Pelourinho da irrisão pelos seus proprios nomes, e com um estylo, que muitas vezes degenera na grossaria, e na obscenidade. As apodaduras não estimulam levemente como o sal, queimam como o pimentão, cauterizam como ferro em brasa, rasgam em logar de pungir, matam em logar de reprehender.

E' certo que a distancia desses tempos, a falta de conhecimento das pessoas, de quem se tracta, das cousas a que se atude, nos impede de sentir toda a força, e a proposita daquellas diatribes: que as mudanças de então para cá occorridas na lingua, e sua pronunciação tem desbotado para nós grande parte das graças do estylo, e da expressão: mas assim mesmo á

leitura dessas Poesias, toscas, e informes como nos parecem agora, não deixam de ter para nós um grande deleite, e utilidade, pois que nos apresentam alguns capitulos da chronica escandalosa daquelles tempos, e nos recordam alguns dos antigos costumes, que não temos outro meio de conhecer.

Nem se persuada o leitor de que a imperfeição, e grossaria destes Poemas provém de seus authores não conhecerem os exemplares Gregos, e Latinos; uns, e outros eram lidos, e folheados pelos Poetas do Cancioneiro; mas para sentir, e imitar o genio é necessario ter genio, e a epocha do genio não havia ainda chegado para nós. Em alguns delles se conhece visivelmente que pertenderam imitar os antigos, mas dessa imitação não tiraram se não fástio, e pedantaria.

E' tambem necessario advertir que todas, ou a maior parte destas Poesias do Cancioneiro pertencem áquella qualidade de Poemas, que os Francezes chamam *Poesias de Sociedade*; que seus authores escrevendo-as não tinham por fim publica-las pela imprensa; mas recita-las ou envia-las aos seus amigos, canta-las nos estrados, e saraos ás Damas, ou desafogar o odio contra os inimigos, e que não era possivel imitar bem a Poesia Grega, e Latina em quanto os metros Italianos não fossem admittidos na lingua. E senão veja-se que bella figura fazem no Cancioneiro as Epistolas de Ovidio, de Penelope a Ulysses, e de Ennone a Paris traduzidas, e mascaradas em Coplas.

E' porém necessario advertir aos Maneebos, que hoje cultivam a Poesia, que se não persuadam de que perdem o tempo lendo o Cancioneiro de Resende, porque em verdade ha muito que aproveitar nessa leitura, não só para tirar delle algumas idéas felizes que podem fazer-se valer dando-lhe nova fórma, muitas phrases, e expressões pictorescas, muitos modos de dizer singelos, e graciosos; mas podem tambem aprender ali algumas combinações metricas, e rithmicas de que póde tirar-se grande partido para Poesias criticas, satyricas, e musicaes.

Quando se principia a folhear o Cancioneiro de Resende a primeira cousa que dá nos olhos é o gran-

de numero dos Poetas, cujas obras se encontram ali; a segunda, a qualidade delles. Vê-se, que a Poesia naquelles tempos não tinha descido das altas classes da Sociedade: nada mais raro que encontrar ali um nome plebeo, ao passo que lá vemos figurar Reis, Principes, e as mais illustres personagens da côrte, e os appellidos das mais nobres familias do Reino. Trovar era então um grande predicado de Cortezão, que dava realce ás letras, ás armas, e ao exercicio dos grandes cargos do estado.

Já se vê que não é possivel em uma obra desta natureza dar conta dos Escriptos de tantos authores, e apresentar juizo sobre cada um delles, e o exame de seu estylo; seria necessario para isso fazer um livro tres vezes mais volumoso, que o Cancioneiro, que já o não é pouco. Contentar-me-hei pois de mencionar alguns Poetas de merito mais saliente, e transcrever algumas de suas Poesias, ou alguns trechos dellas, porque de ordinario peccam pela demasiada extensão, pois é só quando a arte se tem aperfeiçoado, que os authores sabem regular a grandezza de cada obra pela importancia do seu assumpto, evitando que a attenção do leitor se fadigue, e seja assim elle obrigado a largar o livro, ou a voltar algumas folhas sem lê-las, como muitas vezes acontece aos que examinam o Cancioneiro de Resende.

CAPITULO XVII.

Ayres Telles de Menezes.

Ayres Telles de Menezes floresceu no reinado de D. João II., grangeando grande renome por suas Poesias, de que se encontram algumas no Cancioneiro de Resende.

Foi este Poeta filho segundo de Fernão Telles de Menezes, Mordomo Mór da Rainha D. Leonor, Se-

nhor de Unhão, e Commendador de Ourique, da Ordem Militar de São Thiago da Espada, e pessoa muito authorisada, e bem vista na Córte.

Se era nobre por parte de seu pai, não o foi menos pela linhagem materna, pois sua mãe, D. Maria de Vilhena, foi filha de Martim Affonso de Mello, que foi Alcaide Mór de Olivença, e exerceo por muito tempo no Paço o importante emprego de Guarda Mór d'ElRei D. Affonso V., e d'ElRei D. Duarte.

Além da esmerada educação Litteraria, que então se dava em Portugal á Nobreza, teve Ayres Telles muita destreza nas armas, e em todas as prendas, e exercicios proprios de um Fidalgo, e de um Militar, como montar a cavallo em toda a sella, e revolve-lo, e governa-lo facil, e airoosamente; jogar bem a barra, e lutar, duas cousas que andavam então muito em moda, e para que o habilitavam as suas extraordinarias forças.

El-Rei D. João II. se entretinha com muita satisfação em vê-lo lutar, e derribar os seus contrarios, quando elle acompanhou aquelle Monarcha ao Algarve, onde foi tomar os banhos das Caldas de Machique, que os Medicos lhe haviam indicado para remedio da sua deteriorada saude.

Ayres Telles foi tambem um dos que assistiram em Alvor á morte daquelle grande Monarcha, que teve lugar no anno de 1495. E affirmam alguns que esta luctuosa scena, este espectaculo da brevidade das grandezas humanas, operara nelle com tamanha efficacia, que abandonando o Mundo, onde se lhe franqueava tão brilhante carreira, as riquezas, que possuia, os parentes, e os amigos, tomou o habito da Ordem Seraphica de S. Francisco, no Convento da Arrabida, e ali veio a terminar seus dias no exercicio das Virtudes Monasticas, das suas asperezas, e austeridades penitentes, e o cultivo da Poesia devota.

E' opinião geralmente recebida entre os nossos litteratos, que os metros Italianos, e o estylo de poetar da Ausonia Moderna, foram introduzidos em Portugal pelo Doutor Francisco de Sá de Miranda; porém esta opinião, acreditada como é, não poderia sustentar-se á vista das composições de Ayres Telles, publicadas pelo Professor Antonio Lourenço Cami-

nas, na sua Collecção de Poesias Eneditas, que sahio á luz nesta Capital em 1792, na Typographia de Filippe José de França e Liz.

Si podesse provar-se a authenticidade daquellas Poesias, força seria confessar que o Patriarcha da escola Italiana entre nós não fôra Francisco de Sá de Miranda, mas sim Ayres Telles, que floresceu muito antes daquelle, e que manejava muito melhor do que elle o hendicasylobo, e imitava melhor o estylo lyrico dos Poetas Toscanos.

Felizmente para a gloria de Sá de Miranda tal supposição é inadmissivel; porque é distituida de toda a probabilidade. Poderá alguém acreditar, que aquellas Poesias fossem escriptas por um homem anterior quarenta annos a Ferreira, e vinte pelo menos a Miranda, Gil Vicente, e Bernardim Ribeiro? E' possivel que alguma dessas Poesias, se fossem suas, não se encontrassem entre as que Garcia de Resende incluiu no seu Cancioneiro? Si todas as Poesias de Ayres Telles, ali impressas, pertencem á escola dos Trovadores, sam escriptas na linguagem do seu tempo, nos metros usados então, como é possivel attribuir-lhe composições em que metro, lingua, idéas, estylo tudo pertence a tempos muito posteriores? E sob a fé, e authoridade de quem? De Caminha, que na mesma Collecção attribue outras quejandas poesias a um Duarte Galvão, que elle diz haver sido Escudeiro do Duque de Bragança D. Theodosio, sem dizer qual, e que ninguem conheceu senão elle, pois nem D. Nicoláo Antonio, nem o Abbade Barbosa, nem author nenhum coevo, ou posterior, fazem menção alguma d'elle? De Caminha, que attribuiu a Pedro da Costa Perestrello, como ao diante veremos, Odes, Sonetos, e outros Poemas, todos de fórma moderna, como os que attribuiu a Ayres Telles.

Já se vê pois, que sem mais abono que a authoridade de tal homem, e pelo character mesmo desses versos é impossivel despojar o bom Miranda da honra, que legitiramente lhe compete como author da feliz revolução litteraria, que mudou entre nós a face da arte, e deu novo character á Poesia Portugueza.

As Poesias de Ayres Telles, até agora reconhec-

das por authenticas, acham-se no Cancioneiro de Resende a folhas 80 v. — 149 v. — 145 v. — 150 — 152 — 154 — 176 v. — 177 — 178 v. — 179 v. — 181 v. — 178 — 198.

Para fazer conhecer o character da Poesia, e estylo deste Poeta, ou, para melhor dizer, Trovador, transcreverei as seguintes Coplas escriptas contra Jorge de Oliveira, Porteiro da Chancellaria, que havia levado a Jorge de Mello doze mil réis de emolumentos por um Padrão, que despachou, sem lhe querer quitar nada.

Quem tiver algum Padrão
Trabalhe por ter maneira
Que se guarde de ir a mão
De aqwesto novo Christão,
Que aqui anda d'Oliveira.

Leva tudo por inteiro,
Não tem nenhuma afeição,
Folga tanto com dinheiro.
Que ainda a Deos verdadeiro
Venderá por um Tostão.

Não lhe tenho má tenção,
Mas falto desta maneira
Porque mil vezes na mão
Lhe vi dar por um Padrão
O que tinha na crineira.

Serve Homem como Suisso
E ambos sempre em pendencia
Por haver del mal de tensa,
E a paga do seu serviço
Por galardão é mantensa.

Em fim se chega o Padrão
Inda corre esta tranqueira,
Que quasi todo na mão
Fica a este bom Christão,
Que aqui anda de Oliveira.

Estas Trovas são na verdade graciosas; mas são ellas justas? diz por ventura o Poeta que Jorge de Oli-

xeira levou a Jorge de Mello individualmente doze mil réis pelo Padrão, que lhe expedio? não por certo! mas só que *não tem afeição*, e que *leva tudo por inteiro*; mas levar um Empregado por inteiro tudo, que lhe pertence, não sei que possa julgar-se crime: é sómente usar de um direito legitimo. O que isto prova é que é muito antigo, entre nós, a mania de declamar contra os empregados, que percebem emolumentos, e não sam poucas assandices, e calumnias que esta mania tem produzido nos tempos actuaes.

Em quasi todas as Repartições Publicas ha duas qualidades de trabalhos. Os que sam propriamente em serviço do Estado, e os que sam em proveito directo das Partes. Os nossos legisladores, assim como os das outras nações, para aliviarem o Cofre da Fazenda Publica, estabeleceram unicamente ordenados para a congrua sustentação daquelles Empregados; cujo trabalho era unicamente em serviço do Estado; mas aquelles cujos trabalhos eram não só em serviço do Estado, mas tambem dos Particulares, arbitrarão vencimentos correspondentes aos primeiros, e deixaram a cargo dos Particulares a paga dos trabalhos que desempenhavam para elles. Esta satisfação é que se chama emolumentos; bem entendido porém, que esse pagamento não ficou ao arbitrio do Empregado; ha lei que o regula, e designa explicitamente o que elle deve receber por cada uma dessas expedições, que o Estado lhe não paga. Logo é grande absurdo queixar-se alguém do Empregado pelo que exige em virtude de uma disposição legal, que para isso o reveste de direito legitimo.

Por ventura um Pintor, ou Musico da Real Camara, porque recebe della um ordenado tem obrigação de pintar, ou cantar de graça, quando os particulares os encarregam disso? Que diria um Medico, ou Cirurgião de um hospital, si havendo tractado de um enfermo, que o mandou chamar a sua casa, este lhe dissesse depois de são: « Não lhe pago, porque V. m. recebe ordenado pelo hospital? » Não teriam taes Facultativos rasão para lhe replicarem: « Fosse para o hospital, que nós o trataríamos de graça? e se elle insistisse na sua recusa, e denegação de pa-

gamento, fariam mal se o chamassem perante os Tribunaes? A favor de quem decidiriam estes, do Medico, ou do Doente? Finalmente, o Empregado só merece censura, e até castigo, quando percebe emolumentos contra a lei, ou além da lei; e quando as queixas não tem por base algum destes abusos, só provam ignorancia, ou malignidade em quem as faz. Desculpe-se esta digressão em defeza de uma classe tão numerosa, em geral tão benemerita; e hoje tão desgraçada.

Tornando ao assumpto; si Jorge de Oliveira recebia por inteiro, sem querer quitar nada, o que lhe pertencia, não se segue dahi, que, como diz o Author, *vendesse a Deos por um tostão*: tambem não vejo que venha para o caso o ser *Judeo*, ou *Christão Novo*, como o Author lhe chama. Estaria acaso na sua mão o nascer de um *Christão Novo*, ou de um *Christão Velho*? não podia por isso ser um homem de vida mui religiosa, e até um Santo? Tem Deos fechadas as portas da sua Monarchia aos que descendem da casa de Israel? Com fé, e boas obras, e não com pureza de sangue, é que se ganha o Reino dos Ceos; logo é o Author quem mostra pouca caridade Christã, chamando a Jorge de Oliveira, *Christão Novo*, sem lhe provar que era mau *Christão*, e só com o intuito damnado de o tornar odioso, e injuria-lo pelo imaginario crime de exigir o que tinha direito de receber.

Não consta ao certo o tempo do fallecimento de Ayres Telles, mas parece mui probavel que teria logar entre 1515, a 1520, quando talvez contava 55, ou 60 annos de idade, pouco mais ou menos, pois que a respeito do seu nascimento existe a mesma incerteza, que a respeito do seu obito, do lugar delle.

Ayres Telles foi muito bom Poeta para o tempo em que floresceu, e muito superior á maior parte dos seus contemporaneos em talento, em graça, em versificação, e estylo.

CAPITULO XVIII.

Affonso Valente.

Transcreverei aqui algumas Trovas deste Poeta, endereçadas a Garcia de Resende, pelas quaes o Leitor poderá avaliar a urbanidade da boa Sociedade daquelle tempo, vendo em que termos este Fidalgo se dirige a um Cortezão valido de tres Reis, e que pelo seu talento, e caracter jovial, e honrado gozava de tanta estima na côrte; e crescerá a sua admiração sabendo que elle se não deu por offendido com um tratamento, que nos nossos dias, seria mais que so-bejo para tornar dous homens inimigos irreconcilia-veis, tanto variam no Mundo os sentimentos, as opi-niões, e até as idéas de pondonor.

Pareceis-me Lua criz,
Primo com Irmão de bruto,
Pareceis roxo bauto,
Doente de prioriz.
Sacabuxa, Irmão de Jaques,
Muito farto de bordões,
E tangeis tudo com traques;
Hómem que faz almadraques,
Ou seirões.

Albergue de Florentins,
Que se pagam de Cidrão;
Homem farto de Coxina
Recheada de cotão.
Pareceis devinhação;
Pareceis huma façanha,
Tapeceiro do Soldão,
Quer Gigante Rebordão
Como castanha.

Dizem que tangeis laúde,
E tocaes bem es bemoles,

E pousaes em Retrapoles
 Abaixo de Gramaúde
 Se tangeis por b quadrado
 Inflamado como chama,
 Pareceis odre apoiado
 Como mamma.

Tendes cousas mui agudas!
 Henrique Homem por tal via!
 E cahis ambos n'hum dia
 Como São Simão, e Judas.
 Fostes feito na Bozeima,
 E criado em Trapizonda,
 Sois a Tremélga na onda
 Composto todo de freima.

Pareceis do Sul suspiro,
 Bandurra de toda vira;
 Pareceis quartão, que tira,
 E profundo faz o tiro.
 Pareceis Alão, que ladra,
 Sobre farto snorento.
 Pareceis Cabo de Esquadra,
 De tres mil odres de vento.

Ou sois vaso, ou atambor
 Nalgas, bochechas do Sul;
 Ou tanho Cõmmendador,
 Nado, e feito no paul.
 Pareceis grande Meloa
 De pasto no Mez d'Agosto,
 Arreboles do Sol posto
 Grão larada de Boroa.

Pareceis canicular
 De todo o anno bisexto,
 E sodes o mesmo texto
 Do plural:
 E tambem sois singular
 Na massa, feição de cuba,
 Ou grão bebado de estuba
 Nua, posta ao Luar.

Pareceis mui grande só
 De Griphos mui esfaímado,
 Albarda, mulher de prol
 Muito cheia de bordados.
 Guia de dança d'espadas,
 Grão malassada de estopas,
 Guia de dança de copas
 Todas cheias, arrazadas!

Não digo mais por agora,
 Porque se agrava o tinteiro,
 Por vos morrer o parceiro,
 Que hera o peor Crasteiro
 De São Vicente de Fora,
 Senão que sois infinito
 Para dar prazer, e rir;
 E protesto, si cumprir,
 Repricar, e dar no fitto.

Pareceis hum pouco o Farto
 Pregador de vida eterna,
 Grega bebida de parto
 Entre cubas em taberna
 Bentas sejam de Balão
 As Fadas, que vos sadaram,
 As tetas, que vos criaram,
 Que assim vos empetrinaram
 Para Momo no serão.

Onde todos bem verão
 Vossa gloria, vossa fama,
 E caber-vos-ha por Dama
 Huma saca de algodão,
 E por tocha hum grão tição!
 Pareceis, segum me esforça
 Estaca em que vos emforço,
 Framengua, que tange em corsa
 Laude com pe de Porco.

Sois alteroso da banha
 Mais que Urça dos Castellos,
 Urça digo de Alemanha:
 Ou fazeis provas de Arauha

Sobre farto de Farellos,
 Por não dar pelos cabellos
 Quero logo dizer tudo,
 Pareceis Tecelão mudo
 Em choro sobre novelos.

E porque melhor vos louve
 De louvor mui soberano,
 Pareceis Homem Murciano
 Como Couve!
 E por dar melhor de agudo,
 E vos não maçar de coto,
 Agudo todo me boto
 Tambem tocaes de tronchudo.

Pareceis seguro maço
 Nas esporas mui sofrido:
 Pareceis mui grande inchaço
 Que nasceo a esse passo
 Desse braço
 De que anda mal-sentido.
 Pareceis de Lombardia,
 Posto que sejaes de Grecia.
 Pareceis Sêra Nysis
 Creada na Ucharia.

Pareceis mais de septenta
 Cousas posto no gibão,
 E cahis no Horisão
 De hum grão Fardo de Pimenta:
 Monje cujo d'Alcobaça,
 Patriarcha de Venesa,
 Pareceis de Sua Alteza
 Ancho Porteiro de Maça.

Grão Lavoira se vos perde
 Por que vai em tal ensejo
 Vosso cú de verde a verde:
 Como o Tejo.
 His cobrindo toda a ponte,
 As lisiras não desfaço
 Os lombos de monte a monte
 Sem parecer espiuhaço.

Pareceis Moura alfanada
 Que adevinha pela mão;
 Pareceis Bufa exallada
 Do Levante no Verão.
 De traz de São Nicolau
 Em alto grau
 Vos vi eu n'huma alta dança,
 Co'essa pança mui attento,
 E o som hera de vento
 E a merdança.

Vi-vos na Feira d'Envez
 A tanger mui grandes trompas,
 E vivos ser d'um convez
 De Cadudeira a duas bombas.
 Gran São João Barba de ouro,
 Barroxa, Senhor da Serra,
 Pareceis filho de Touro,
 E de Vacca d'Inglaterra.

Não sois carne, nem sois Peixe,
 Menos proveito, nem damno,
 Se não mala, ou Atmosfreixe
 De Soberano.
 Sois o numero de cento
 Sem minguar hum so seutil,
 Sois B Grego, tamboril
 Ou Crasta desse Convento.

Todas estas cousas são,
 Não queiraes al entender,
 Senão que aperteis a mão
 Ao comer!
 Porque vos his a perder.
 Tirai-vos de tanto vicio
 Ilhargas, banhas de Atum
 Fazendo algum exercicio
 Pela manhãa em jejum.

E quando fordes jantar
 Carrilhos frescos d'empada,
 Será vosso começar
 Em vara d'Irlanda assada.

E depois no acabar
 Por vacuar
 A freima toda no fundo,
 Huma posperna do Mundo
 Comereis para atestar.

E por cear levemente
 Para entrardes em feição
 Hum berneo cosido quente
 Comereis alto Serão.
 E deveis-vos de guardar
 De saltar, e andar contento.
 Porque vos pode quebrar
 A linha do fransimento.

E depois de bem cumprida
 Esta receita que digo
 Ficarei tão vosso amigo
 Como sam da minha vida;
 Mas nam ja para callar
 O que sinto dessa graça,
 Que tendes de Fateiraça
 Com que estou para estalar.

Quanto mais contemplo, cuido
 Em vossa feição, e talho
 Pareceis-me Santo Entruido
 De parto de hum grão Chocalho:
 Pareceis por Aravia
 Grande Couvão de Vesugos,
 Asado de confraria
 Posto em saia de verdugos.

Cancioneiro.

Nesta composição ha bastante pilheria satyrica; mas pecca por demasiada longura, que se faz sentir mais porque duas, ou tres idéas se reproduzem de differente modo até á saciedade. Interessa não obstante isso por algumas alusões de costumes, e porque nos dá a medida da civilisação dos nossos Avoengos, e da polidez dos nossos fidalgos naquelle seculo da nossa gloria. Não tem seu chiste vêr a urbanidade com que um amigo, gracejando com outro, lhe cha-

mava bebado, odre, filho de Touro, e *Vaccas*, *Banhns d'Atums*, e outras quejandas galanterias da Ribeira nova, e que o mesmo a quem estas finezas eram dirigidas lhe desse lugar no seu Cancioneiro! á vista desta amenidade de costumes ainda nos admiramos de quê alguns Portuguezes na India cosessem Mouros nas vélas para os deitar ao mar; e que outros, em expugnações de Cidades, cortassem orelhas, e mãos de mulheres para mais depreça se apoderarem dos brincos, e aneis, que traziam! que os nossos Historiadores refiram factos desta natureza, sem expressão alguma de horror, e de indignação! e que o nosso devoto Barros argumente para provar que é acção legitima espoliar da terra, e fazenda aos Gentios, Mahometanos, Scismaticos, e Herejes, por que a propriedade só competia aos que se conservavam no gremio da Igreja Catholica!

CAPITULO XIX.

Fernão da Silveira.

Este Poeta é um daquelles que maior numero de poesias forneceram ao Cancioneiro, e essas poesias sam das melhores, que ali se encontram.

A Cidade de Évora foi o lugar do seu nascimento, e seu Pai, que se chamava Francisco da Silveira, era um fidalgo de antiga linhagem, de que tomou principio a casa dos Condes de Sarzedas, e foi Cavalleiro da Ordem Militar de Christo, Caudel Mór do Reino, Escrivão da Puridade, e Regedor da Casa da Supplicação.

Já se vê que por sua nobreza, pela educação scientifica, que seu Pai lhe fez dar, e pelas suas qualidades pessoas Fernão da Silveira estava ao caso de

aspirar a tudo; abraçando a vida militar, deu provas exuberantes do seu valor, e capacidade, tanto nas guerras da Africa, como da Asia; voltou no fim de alguns annos a Portugal, em 1527, onde em premio dos seus serviços succedeu a seu Pai no emprego de Caudel Mór, um dos mais importantes da Córte.

Privou muito com o Monarcha, e por morte deste, ficando a Rainha D. Catharina nomeada Regente do Reino, esta Senhora se aproveitou muitas vezes da prudencia, e bons conselhos de Fernão da Silveira, consultando com elle os negocios mais importantes do Estado.

Cançado em fim da vida da córte, e do enfadamento dos cargos publicos, tomou o accordo de retirar-se para a sua casa, a gozar daquelle descanso que pedia a sua idade avançada.

Passou pois o resto dos seus dias em Evora, entregue ás delicias de um ocio tranquillo, e ao cultivo da poesia, que tinha amado desde a adolescencia, até que terminou a existencia em 1569, isto é, no mesmo anno em que Luiz de Camões, depois da sua longa perigração pelo Oriente, desembarcou em Lisboa, trazendo, na sua malla as suas esperanças, e o seu Poema, para em premio d'elle, e de tantos serviços, ter sómente o morrer de fome, e uma sepultura por esmóla na Igreja de Santa Anna!

Além das poesias incluídas no Cancioneiro de Resende, debaixo do seu nome, ou do titulo de Caudel Mór, deixou Fernão da Silveira uma Collecção manuscrita de varias obras, com o titulo de — Poemas de Fernão da Silveira, Senhor de Sarzedas, dedicadas ao Príncipe D. João.

Esta Collecção de Poesias nunca foi publicada pela imprensa; e Diogo Barbosa Machado affirma, na sua Bibliotheca Lusitana, que ella existia no seu tempo depositada na livraria do Duque de Lafões, em um grande Volume de formato de folio; existirá inda hoje ali?

Para comprovar o grande apreço, que na córte se fazia das poesias do Caudel Mór, bastará referir aqui a carta que o Príncipe D. João, Filho d'El-Rei D. João III., endereçou ao Poeta, pedindo-lhe copia

das suas obras, e que vem transcrita na Bibliotheca Lusitana.

« Fernão da Silveira, Eu o Principe vos envio muito saudar. Porque receberei grande contentamento com ver todas as Obras, que tendes feito, vos recomendo muito que me queiraes enviar o Traslado dellas, e não deixeis algumas de que mo não envieis; e quanto mais em breve o fizerdes, tanto maior prazer receberei, e tanto mais vo-lo agradecerai. Escripta em Almeirim em 4 de Março de 1551. » = Principe. »

Esta carta é grandemente honrosa, tanto para o Principe, que a fez escrever, como para Fernão da Silveira, a quem foi dirigida, pois se prova que este gozava de grande fama, e reputação como Poeta, como na verdade passava; prova igualmente que o Principe D. João não só havia recebido uma educação esmerada, e litteraria, porque sem isso não pedira com tanta efficacia, e dando tanta preça, a remeça da copia de poesias, porque nada ha mais verdadeiro do que a sentença de Camões

Que quem não sabe a arte não a estima.

mas que naturalmente afeiçoado aos desemfadamentos honestos, preferia a leitura a outros passatempos, que de ordinario destrahem os Principes, e ás vezes com prejuizo de sua saude, ou pelo menos fazendo-lhe contrahir um certo habito de dissipação, e de repugnancia para todo o trabalho de reflexão, que se torna tão necessario a todos aquelles que tem o officio de reinar.

Para dar aos Leitores alguma idéa do estylo deste Poeta, transcreverei algumas das Coplas dirigidas a seu Sobrinho Garcia de Mello, dando-lhe alguns conselhos, e instrucções sobre o modo porque devia trajar, e portar-se para ser bem visto no Paço, por ellas conheceremos as principaes bases da galhardia cortezã, e dos usos daquelle tempo, que facilmente se não depa-ram em outros documentos.

COPLAS.

Duas cousas que não callo
 Ha no Paço, que seguir,
 Huma he saber bem vestir,
 E a outra saber tractalo.
 As quaes ponho por escripto
 Em estilo verdadeiro
 E fallo logo primeiro
 No vestir ja sobredito.

Çapatos de Basilea
 Pontilhas sobre lo mole,
 As calças tirem do fole
 Roscadas como á Hebreá,
 Traga-mas de marear
 Forradas de Irlanda parda
 Cá cousa he que muito alarda
 Para gran bamborrear.

Quem trouver cotta de Hollanda
 Camiza trazer não cure;
 Menores porem ature
 Porque não prendam a banda.
 O Gibão de qualquer panno
 Na barriga bem folgado
 Dos peitos tão agastado
 Que seu dono traga ufano.

De pellote se guarneça
 Pouco menos do artelho,
 Seja de branco, e vermelho,
 Que sam cores de cabeça
 Pardilho deve mantão
 Sobre elle trazer coberto,
 Pelas Ilhargas aberto,
 Ventaes pelo cabeção.

De trazer caraminhola
 Não menos de tres batalhas,
 Tão fina, que tome as palhas
 Como a de Alvaro Meola.

O capello aade no bombro
Feito como o do Cintrão,
Traga o cabo em huma mão,
E na outra hum cocombro.

Lugas de hum só polegar,
Feitas da pella de Lontra,
O Gallante que as encontra,
Não lhe devem escapar.
Estas taes de meo conselho
Todavia havelas ha,
E item mais trazerá
Baluerque em hum joelho.

Traga cincta de verdugo,
Pegada com capagorja;
Cá tal por saber que forja
Hum valente patalugo
De grandés bogalhós traga
Ao pescoço hum bom ramal,
Porque escusa assi firmal,
E a bolsa não se estraga.

O que for assim aposto
Não he galante de borra;
Nem Deos queira que se corra,
Pero the corram de rosto.
E alguns sã ja conhecidos
E poder-se-hão nomear,
Que trazem por pastejar,
Motejar dos bem vestidos.

Pero quem for ao Verão
Rele modo dicto, em cima,
A poupar alto lhe rima.
Qui ás Damas dar a mão.
E fallar fagueiramente
Aos outros de ao redor,
E se ouvirmos uoh Sior-lhe
Aecordar mui rijamente.

Na outra parte segunda,
Pois ja deo fim a primeira,

ENSAIO BIOGRÁFICO CRÍTICO.

Sobrinho, nesta maneira
 A tensão minha se fonda,
 Para o Paço se tractar
 Estas titubanças se requerem,
 E nos a que ellas couberem
 Na Corte sam de preferir.

He mui bom ser alterado,
 E ser grã despresador;
 E he bom ser Risador
 Mas mihor ser desbotado.
 Outro sim he bom de ufano
 Em todo o caso plear;
 Mas mihor he ja gabar,
 E mentir de mano a mano.

He mui bom buscar punhadas,
 E meter nisso parceiro,
 Mas não ser o dianteiro
 Por resguardo das queixadas.
 Aos arruidos da Villa
 A accodir ser mui disposto,
 Mas se alguém tiver o rosto,
 Haver os pes a la fila.

Item manha de louvar
 He jogar bem o Malhão,
 E no jogo do Pião
 Louvor se lhe deve dar.
 Nem sei por que mais vos gabe
 Ser grão Pescador de naça,
 Mas jogar o Badalaga
 Em qualquer Galante cabe.

Saber bem o Pega-chuna,
 E o Cubre bem jogar,
 Sam duas para medtar
 Galante contra Fortuna.
 Nem saber ja a hum Filho
 Escolher mihor conselho,
 Se não que jogue o Fuzelho.
 Jáldeta, Cúncas, Serilho.

O Poeta depois de nos haver descripto o traje de um peralta do Seculo XV., passa a descrever miudamente as prendas, que deve ter para brilhar na alta Sociedade Aristocratica; e entre essas, não causará pequeno assombro á maior parte dos Leitores o vêr mencionada a prestança no Jogo da Malha, do Pião, da Cunca, e do Fitolbo, que hoje sam propriedade exclusiva dos Garotos, dos Rapazes, e dos Freqüentadores das Tabernas, e das Hortas de Chelas, e de Arroios. Não deixa de ser útil o considerar estas alterações, e mudanças dos usos, e costumes de uma Nação. Um Poeta moderno tractando de semelhante assumpto não deixaria de nomear o *Ecarté*, o *Volta-rele*, a *Ronda*, e outros que andam agora em moda, mas que talvez daqui a cincuenta annos a moda condemnará a divertir a canalha. Quantos Condes, e Marquezes encontrando os rapazes pelas ruas, e praças jogando a *Conca*, e o *Pião* se lembrarão de que taes jogos já serviram de divertimento aos seus illustres avoengos? Continúa o author

Quem estas manhas tiver,
 Que ja disse inteiramente,
 Pode haver bem ao presente
 Quanto lhe faça mister.
 Cá é se elle descobrir,
 Qual será a tão soffrida,
 Que lhe logo não seuda
 E lhe dê quanto pedir?

Ma que digo? saiba, saiba
 Jogar de espada, e broquel,
 Porque dentro no Bardel,
 Como fora delle caiba
 E se lhe vieste á mão,
 Poder-se-ia nelle ter,
 Quem ajudasse a sofrer
 Seu andar sempre louco.

Regalo deve mostrar
 Que não leva em colô duas,
 E que todas cousas suas
 Sam muy dignas de present.

Item, mais fellar em tudo,
 E aporfiar sem medo,
 E aos olhos hir co' dedo,
 E fingir de mui agudo.

Fallar nos feitos da guerra
 As duas partes do dia,
 Esta manha louvaria
 Pois o leva assim a Terra.
 E tomar mais outro si,
 O caso sobre o seo peito;
 Mas na concrusão do feito
 O fazer buscas por hi.

Item, não he manha fea
 Quem achar Dama ao escuro,
 Estar quedo, e mui seguro
 E bradar pola eandea
 Nem he menos verdadeira
 Do que a outra do Fitelho
 Mostrar ser grão Dominguelho,
 E pagar pela primeira.

Eis aqui outra tão boa,
 Nem menos para notar,
 Sempre o Paço hir demandar
 Entre a Vespora, e a Noa,
 Porque não desacotos
 Com hombradas o pardilho,
 Que assim o fazia o Filho
 Daquelle que Deos perdos.

Tambem vos quero avisar
 Não vades como patau,
 Si ventura no Serau
 Com Damas vos fez topar.
 De bocca podeis dizer,
 Mas a mão sempre está queda,
 E tocalhe na Moeda
 Se se pode correger.

E por esta mesma guiza
 Sabe dellas todavia,

Que recado se daria
 A sa bem tirar a sisa.
 E falla-lhe no Outono
 E nos outros Temporales
 Cá com estas cousas taes
 Podes escapar ao somno.

Leixo em vossa descripção
 As que deixo de escrever,
 Assim como quer diser
 Lutar pelo Tavação,
 Da sacalinha de dentro,
 Podeis tirar se quizerdes;
 E se dormir não poderdes
 Soccorrei-vos ao Coentro.

Boas sam, gentil Sobrinho,
 As manhãs, não duvideis,
 E vos me nomeareis
 Se levaeis este caminho:
 E pois estas as melhores
 Sam, se as podeis cobrar,
 Podem-vos todos chamar
 Hum revólvelha d'amores.

Canc. pag. 19 v.

Um fidalgo, por nome Rui de Sousa, tendo, em consequencia de certa pendencia, sido obrigado a homisiar-se pediu ao Caudel Mór, que lhe tira-se uma Carta de Seguro; aceitou elle a commissão, e feitas as diligencias necessarias, havendo pago de custas sessenta, e nove réis, lha remetteu acompanhada da seguinte

TROYA.

Sessenta brancos na palma
 Postos com trez vezes trez,
 Fez de custas, que me pez,
 Os quaes já dou por minha alma.
 Nem quero ter esperança
 De que Homem vosso mos tragua,
 Havei vos a segurança,
 E mau grado a quem ma pagua.

Canc. pag. 22 v.

A seguinte Trova dirigida a uma Dama, é quanto a mim das mais chistosas do genero.

Por que meo mal se dobrame
 Vos fez Daos formosa tanto,
 Que não sei Sancto tão Sancto,
 Que pecar não dezesasse.

Pelo qual sei que me vejo
 De todo quanto perder,
 Por não ter em meu poder,
 Partir-me deste dezejo.

Mas que me esta malfadasse,
 E me traga damno tanto
 Praz-me; pois não sou tão santo
 Que peccar não dezesasse.

A seguinte é delicadamente satyrica.

Pois se foram descobrir
 Vossos feitos pouco a pouco,
 He muy bom Homem ouvir,
 E não ser mouco.

Ouvi-vos chamar Madama,
 Porque amor em vos se cansa:
 E ouvi, que sois tão mansa
 Que qualquer Homem vos toma.

Ouei-vos mais descobrir
 Por Mother que sabe pouco;
 E por isso he bom ouvir,
 E não ser mouco.

Canc. pag. 22.

CAPITULO XX.

Alvaro de Brito Pestana.

Ignora-se o anno em que nasceu, e o em que morreu Alvaro de Brito Pestana, um dos Poetas mais antigos, cujas obras se encontram no Cancioneiro. Foi filho de Affonso Rodrigues Alardo, e de Mécia de Brito Pestana, que foi Ama de leite d'El-Rei D. Affonso V., e esta circumstancia basta para indicar que a sua nobreza não era das mais qualificadas do Reino, posto que não fosse plebeu.

Tambem parece que as suas acções não illustraram muito a sua linhagem, porque havendo seguido a vida militar, a historia não faz menção delle senão para dizer que entrara na batalha d'Alfarrobeira, em que foi morto o infeliz, e benemerito Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, mas desta circumstancia não saberei dizer se deveria gloriar-se, ou pejar-se.

As suas Trovas são por tanto a sua unica recommendação para com a posteridade; mas desgraçadamente algumas dellas dão mui fraca idéa da sua conducta, e da sua moralidade. Vê-se que era um daquelles muitos individuos que sempre abundam nas côrtes, que á semelhança de zangãos, procuram comer o mel que as abelhas com grande trabalho fabricaram; isto é, que não cessam de importunar os Reis, pedindo-lhe despachos, e mercês a titulo de serviços, quasi sempre, ou pouco importantes, ou inteiramente fantasticos; e o mais é que de ordinario á força de sollicitações, e importunidades, alcançam, e usurpam as recompensas devidas ao verdadeiro merito, que fica esquecido, porque não sabe solicitar, e adular.

Em umas Trovas se queixa elle amargamente a El-Rei de tres Desembargadores, que julgaram contra elle em uma causa, que lhe intentára um *Vilão*, isto é um homem do povo, naturalmente por alguma dívida, pois que outras relações podia haver entre elles? donde póde collegir-se que este nobre de recente

data, era pagador pouco pontual. Deixemos porém o homem, e passemos a considerar o Poeta.

A sua linguagem é um pouco mais correta que a do geral dos seus contemporâneos; o mesmo digo dos seus versos, o que prova que tinha ouvido delicado; o seu estylo é grandemente mordaz, as suas graças demasiado pesadas, e direi mesmo grosseiras; e sua satyra não punge, rasga profundamente; e mástra uma affouteza, que nada respeita, como se prova deste Epigramma, ou Trova, dirigida a El-Rei, a quem pedira certa mercê, e que o enviára ao Esmoles Mór.

Menos preço desconçola:

A verdade bem se ve,
Que quem merece mercê
Não espera por esmola.

As esmolas de Deos sam
Chamadas espirituaes;
As mercês os Reis as dam
Por galardam

Dos serviços temporaes.

Todo este Mundo he de embola:
Bem está quem em Deos cre,
Que quem merece mercê
Não espera por esmola.

Canc. pag. 27.

A doutrina é verdadeira, mas o modo de expô-la, se attendermos á pessoa a quem é dirigido, não pôde evitar a censura de irreverente.

Tambem não deixa de transpor as raias da moderação, quando queixando-se a El-Rei dos tres Desembargadores, que eram Juizes de um pleito, que trazia com um homem popular, lhe diz

Senhor, João, Pero, Luiz,
Trez de Vossa Relação,
O que Deos não quer, nem quiz,
Querem mostrar por rasam,
Querem salvar um Villão;
Querem condemnar a mim,
Querem fazer per Latim
Do não sim; e do sim não.

Canc. pag. 28.

Estou bem certo de que os tres Desembargadores, tão grosseiramente tratados nestes versos, deveram este desaguisado á nobreousadia de julgarem, conforme o direito, a favor do fraco contra o forte. Todos os que tem bastante conhecimento dos costumes do tempo, sabem que um *Vilão*, que assim eram os homens do povo designados pelo orgulho Aristocratico, não ousaria chamar um fidalgo a Juizo senão em ultimo recurso, e tendo patente a razão, é o direito por sua parte; e que era mais verosimil que fosse chamado a elle pelo grande Senhor, e sem justiça nenhuma. Foi sem duvida por isso que os Juizes se decidiram a seu favor, com grande escandalo do nobre, que chama a isso *querer o que Deos não quer, nem quix, e fazer do sim não, e do não sim*. Os Grandes naquelle tempo, assentavam que as leis não eram feitas para elles; e porque os sugentavam a ellas, é que deram a D. Pedro I. a alcunha de *Cruel*, e conspiraram tantas vezes contra D. João II.

Em demonstração da violencia das invectivas deste Trovador, citarei a Satyra dirigida por elle contra Pero Dias, Escrivão d'ante o Corregedor da Cidade de Lisboa, que não sabemos porque havia encorrido na sua indignação.

Todos mui calados sejam,
 Por bem ouvir, e escoitar,
 Como medem, e varejam
 Hum que eu quero deolarar.
 Entre todos memorados
 Do cento dos Escrivães
 Do Civel; Crime, contados,
 E assim de outros julgados,
 E tambem Tabeliães.

Entre todos escolhido
 He este, que vos direi,
 Pero Dias he havido
 Por Homem, que merecido
 Tem muito a Deos, e a El-Rei.
 A Deos tem as profundezas
 Onde mora Barrabaz:

La tem casás, e riquezas,
E também humas defezas
Que partem com Satanaz.

E tem mais huma Herdade,
Que houve com condição
De nunca fallar verdade,
Nem também ao seu Abbade,
Em nenhuma confissão.
Tem Officio na Cosinha,
Das Caldeiras Mechedor;
Sobre lombo de Sardinha
Bebe mais çumo de Vinha
Do que leva um Tenor.

Tem mais rendas e folgando
Por Homem de mui bom tento,
Suas bochechas medrando,
Officio de estar soprando
O fogo d'u dam tormento;
E he mais aposentador
De todos os que lá vam:
Com rosto triste d'amor
Os recebe pela mam,
Porque lá tem grão favor.

Os quaes leva como Damas
Sob color de repousarem,
Em fogo de vivas chamas
Lhe ordena barras, e camas,
Por se milhor aquentarem.
He disposto Pasteleiro
Do Archanjo Lucifel;
De Barzabuth carniceiro,
Magarefe verdadeiro,
Grande Mestre de clistel.

Item mais he Triagueiro,
Dos abismos Boticaio;
Faz a prova sem Parçpiro,
Dá-vos purga sem dinheiro,
Que vos he mui gran reparo.
Nos abismos sempre mora:

Mas vem cá fazer serviço,
 Pelo qual sua alma chora,
 E diz que em muito má hora
 Se meteu no seu Cortiço.

Ja mudou a condição:
 A Deos graças todos demos;
 Convertido de resão,
 Vos escreve o sim por não,
 Assentando falsos termos:
 De roim têm aparelhos,
 O Espirito tem malinô,
 De maçãs de Escaravethos
 Com pimenta de Coelho
 Vos faz ambar muito fino:

Outras mil composições
 Vos faz desta guiza feitas,
 Tudo passa com rasões.
 Por que tem taes condições
 Destes casos mui perfeitas.
 Sabe-vos mui bem o canto,
 Dos erros judiciaes,
 Porque o seu Corpo Santo
 Tem-nos em costume tanto
 Que transpaga seus iguaes.

He vos tam bom Tintureiro
 Que não foi melhor Gabai;
 Por quem lhe dá mais dinheiro
 Faz do preto mui ligeiro
 Hum mui fino verdegai.
 Quita bem porta travessa,
 E tambem por sacalinha,
 Por quem dinheiro arrevessa.
 Sua mão com grande pressa
 Mette logo huma entrelinha.

Nega sempre a verdade,
 Escreve sempre mentira,
 Porque a condição da Herdade
 Foi assim, e bêm se sabe.
 Perguntem Duarte Xira;

ENSAIO BIOGRÁFICO CRÍTICO.

Perguntem Sebastião,
 Perguntem Heitor Lampren,
 Se he este o Eacrivão
 O mais falso, o mais Ladrão,
 Que no Mundo se nomea.

Perguntem a seu Cusbado
 E a todos em geral;
 Vejam huns Auttos d'Amado,
 Hum Judeo que foi queimado,
 No Rocio par seo mal;
 Perguntem a D. João
 D'Abranches o nomeado,
 E ao Conde, seo Irmão,
 E a quantos aqui são
 Salvo Fernão Penteado.

Mem Rodrigues me esquecia,
 Porque não he magoado;
 Mas pera mui bem seria
 Perguntar-lhe o que sabia
 Deste corpo sem peccado.
 Porque he Homem que dirá
 Assim Deos em bem me açabe,
 O que disse saberá.
 E não no duvidará
 De dizer-nos o que sabe.

Deos lhe dá por galardão
 O Inferno para sempre;
 Pero com tal condição
 Que elle seja, e outro não,
 O que as almas atormente;
 Elle diz-nos que he contente
 Deste partido aceitar,
 Pelo qualquer entremença,
 Cá andar entre a Gente
 Começar-se de ensaiar.

Ora leixemos estar
 O que a Deos tem merecido;
 Venhamos a decrarar
 O que lhe ElRei deve dar

Pelo ter tão bem servido.
 Deve-o primeiramente
 Mandar bem aposentar
 Na casa de muita Gente,
 Onde está seguramente
 Com hum grilhão, e collar.

A qual casa lhe darão
 Por trez annos assignados,
 Porque crie bom carão
 Na qual bem o servirão
 Com conservas de privados
 Este tempo, porque saiba
 O bem dos atribulados,
 E porque patte lhe caiba,
 E goste daquella raiva,
 Que tem os encarcerados.

Delle depois haverão
 Piedade os Humanos,
 E da hi o tirarão
 Com grande voz, e pregão,
 Que decrãre seus enganos.
 Leva-lo-hão passeando
 Direito por seu caminho,
 De seu Cabresto tirando
 A Guia, que foi guiando
 Ondé está o Pelourinho.

E depois que lá chegar,
 Sem defensa, nem tardança,
 Per-se mais nunca coçar
 Ali lhe farão leixar
 Sua dextra mão de lança,
 Porque não mate, nem feira
 Ja mais dos que mortos sah,
 Em dia de terça feira
 Se terá esta maneira
 Porque as Gentes vam, e vem.

E dali o levarão
 Com diligencia, e cuidado
 A parte do Aguião,

E de juro lhe darão
 Huma casa sem telhado,
 Que tem paredes, e cume,
 E está posta em bom chão,
 Na qual nunca fazem lume,
 Por rasão que não defume,
 Mas enxugue os que ali vão.

Si se houver por agravado
 Das condições da pousada,
 Mui prestes seja toraado
 Ao Pelourinho elevado
 A cabeça va cortada:
 E feito em quatro partes
 E cinco com a fregura,
 Daram fim as suas Artes
 Com que elle deo tristura.

A cabeça lhe porão
 Encontro a Vendaval
 Á porta da Relação,
 E tambem o coração
 Com que cuidou tanto mal.
 Seos quartos lhe partirão
 Pelas casas d'u julgarem,
 Por que qualquer Escrivão
 Saiba que tal galardão
 Lhe darão se assim usarem.

Isto tem bem merecido
 A dois Reys, que mortos são,
 Sem de quanto tem servido
 Nunca ver, nem ter havido
 Nenhuma satisfação;
 Mas praza ao Rey divino
 Que ponha no coração
 Deste novo Rey benigno
 Que de tudo o que fez dino
 Lhe mande dar galardão.

Canc. pag. 280.

Que os Escrivães andaram sempre mal acreditados
 entre nós é cousa sabida, e que estas mesmas Trovas

comprovam. Noto porém, que o Author vomitando injurias, e velipendios, e ás vezes com bastante graça, sobre Pero Dias, a penas diz delle que *jurou de nunca escrever verdade*, e que fazia do *sim* não, e do *não* sim; accusações inteiramente vagas, sem citar factos algum particular porque aquelle Escrivão se distinguisse dos Escrivães seus contemporaneos, e se tornasse digno desta animadversão poetica. Não pertendo, nem posso defender Pero Dias; mas lembro que dizendo o Poeta, que elle servira no tempo de dous Reis já mortos, isto é, D. João II., e D. Manoel, e sendo elle Escrivão do Corregedor da Córte; naturalmente o seria nos Processos instaurados a alguns Nobres no reinado do primeiro daquelles Reis, e que dahi proviesse a má vontade do Ilustre Trovador. Quanto ao merecimento da composição, parece-me que ella ficára mais perfeita, e mais energica reduzida a metade da sua extenção: mas estamos na infancia da arte, e por isso não admira semelhante defeito, que de certo se não depára no seguinte.

RIFÃO.

Vossas Burbulhas me comem,
 Bom Christão quasi Baru,
 Sois por quem disse Jesu
 Pesa-me porque fiz Homem.

Sois sem fé, sem compaixão,
 Sois muito mau Pagador,
 Sois mui negro de coração:
 Sois de negra condicção:
 Gracioso sem sabor,
 Sois galante de palomem
 Cortezão de Barzahu
 Sois por quem disse Jesu
 Pesa-tue porque fiz Homem.

Sois hum mui bruto animal
 Belfa quasi Tartaruga;
 Sois hum Corvo doctinal;
 Sois hum Demonio Infernal;
 Não sei quem de vos não suja.

Sois damnado Lobishomen,
 Primo de Isaac Nafu
 Sois por quem disse Jesu
 Pesa-me porque fiz Homem.

Creio que ninguem esperaria encontrar o Santo nome de Jesus, e certas alusões aos nossos livros sagrados em uma satyra pessoal, e virulenta; mas a opinião, e costumes daquelle seculo parece que longe de desaproveer esta mistura sacrilega do sagrado, e do profano, a tinha por bizzarria de espirito, e graça de bom toque; posto que hoje seria considerada como mui grosseira profanação.

CAPITULO XXI.

D. João Manoel.

Para provar a alta jerarchia deste Poeta, basta dizer que foi filho natural do Bispo da Guarda, D. Frei João Manoel, que tambem era filho natural de El-Rei D. Duarte. O brilhantismo de tão alta ascendencia era nelle realçado pelas qualidades pessoais, e pela sua erudição, pois era versado em todas as sciencias, que no seu tempo se cultivavam; e nas cartas que Castaldo Siculo lhe dirigiu, e que andam impressas nas suas obras, temos disso um testemunho não suspeito.

Deu-se muito ao cultivo da Poesia, como era costume das altas personagens do seu tempo, e os seus versos sempre foram bem recebidos, e acceitos na Corte, como obras de quem passava por um dos mais discretos, e engenhosos fidalgos daquella epocha, em que este Reino abundava em homens de grande capacidade para todas as cousas, e que se distinguiam tanto nas armas, como nas letras.

D. João Manoel accrescentou a gloria da sua linhagem com muitos, e valiosos serviços prestados a Portugal; teve exercicio no Paço, onde occupou o distincto lugar de Camareiro Mór d'El-Rei D. Manoel, que todos sabem, que nunca depositou a sua confiança senão em homens de provado merecimento; e aquelle Monarcha o teve sempre em grande apreço, como criado fiel, e como parente; por muitas vezes o encarregou de varias, e difficilissimas commissões, que desempenhou mui satisfatoriamente; sendo uma dellas o ir a Castella negociar o seu casamento com a Princeza D. Izabel, filha dos Reis Catholicos.

Não consta o anno do nascimento de D. João Manoel, nem o da sua morte.

As suas Poesias occupam no Cancioneiro de paginas quarenta e oito verso, até cincoenta e sete, paginas cincoenta e nove verso, cento e quarenta e tres verso, cento e quarenta e oito verso, cento e cincoenta e cinco verso, cento cincoenta e nove, cento sessenta e nove, quasi todas ellas tractam de assumptos moraes, por exemplo as seguintes Voltas, em que dá regras para viver em paz.

Ouve, vê, e calla,
Viverás vida folgada,

Tua porta cerrarás,
Teu visinho louvarás,
Quanto podes não farás,
Quanto sabes não dirás,
Quanto ouves não crerás
Se queres viver em paz,

Seis cousas sempre vê
Quando fallares, te mando,
De quem fallas, onde, e que,
E a quem, e como, e quando.

Nunca fies, nem perfies,
Nem a outro injuries,
Não estês muito na Praça,
Nem te rias de quem passa.

Seja teu tudo o que vestes,
A Ribaldos não doestes,
Nem cavalgarás em Potro,
Nem tu Mulher gabes a outro.

Não cures de ser Picão,
Nem tovar contra razão,
Assim lograrás ter cans
Com tuas queixadas sens.

Canc., pag. 51 v.

Na mesma folha do Cancioneiro se depára outra composição de D. João Manoel, que apresenta igual caracter de moralidade.

Nunca vi antre Privados
A verdadeira amisade,
Nem fallar muita verdade
Os em tractos emfrascados.
Não serem mui aguardados
Dos Gallantes seos Senhores,
Nem os muito semsabores
Que fossem muito avisados:
Nem Homens mais enganados
Do que os Príncipes e Reys,
Nem serem as mesmas Leys
Para grandes, e pequenos;
Nem Homens, que tenham menos
Que os muito verdadeiros;
Nem vi pobres lisongeiros,
Senão se sam mal descretos.
Nem Homem menos decretos
Do que os mais vangloriosos,
Nem os muito graciosos
Que não sejam maldizentes;
Nem vi nunca bons parentes
Os da parte da Mulher.
Nem Officio de escrever
Mal servido de presentes:
Nem Homens menos contentes
Que os que tem mui grande Estado.
Nem viver desempenhado
Quem vergonha ha de pedir:

Nem algum muito bolir,
 Que fosse muito sisudo;
 Nem vi nunca grande agudo,
 Que não toque na doudice,
 Nem no Mundo mor pequice
 Que casar com Mulher fea;
 Nem Homem que pouco lea,
 Que seja mui singular;
 Nem vi muito rebolar
 O ardido Cavalleiro:
 Nem mais certo Alcoviteiro
 Do que o Physico Judeo:
 Nem diligente sandeo,
 Que não damne quando serve:
 Nem vi Homem muito leve
 Que se não queira vender:
 Nem Homem menos saber
 Que os que presumem que muito.
 Nem mpr deudice que lucto
 Mais de trez meser trazer.
 Nem a dois negocios ter
 Que ambas se não perdessem.
 Nem trovas, que se escrevessem
 Assim como foram feitas:
 Nem melhor cousa que peitas
 Para ser bem despachado.
 Nem Homem mui esmerado
 Que fosse muito Galante.
 Nem algum Corpo gigante
 De Gigante coração.
 Nem serviço de Vilão
 Que folgueis ter accitado:
 Nem Sancto canonizado
 Que fosse gran Caçador:
 Nem algum brassador
 Que morresse d'entrevado.
 Nem Rey por outrem mandado
 Que dos seps fosse bem quisto;
 Nem hum mais certo Anti-Christo
 Do que o Velho vingativo:
 Nem Imperador altivo
 Mais do que o Villão honrado;

Nem viver mui descansado
 O que tem Mulher garrida :
 Nem no mundo melhor vida
 Que a do Crasto, ou a do Estudo :
 Nem quem quer fallar em tudo
 Que saiba fallar em parte :
 N'em no Mundo melhor arte
 Que a que ensina a bem viver :
 Nem outro melhor praser
 Que experimentar amigo.
 Nem outro maior perigo
 Que pousar com Moucarrões,
 Nem ví mais certas razões
 Que de Escudeiro d'alem.
 Nem Senhor, que salte bem,
 Que não seja mui amado :
 Nem ví Príncipe louvado
 Que não fosse liberal :
 Nem no Reino maior mal
 Que maos Desembargadores :
 Nem esmerados Cantores
 Serem sempre de hum Senhor :
 Nem ví nescio Trovador
 Nem Sandeo mal rasoado
 Nem Judeo mui literado,
 Nem Mouro mui verdadeiro.

Aqui se vê o quanto o espirito de partido, e os odios religiosos podem cegar os homens, e torna-los injustos. Para um Portuguez do Seculo XV., um Mouro, ou um Judeo não podia ser senão um animal bruto, e feroz, sem fé, sem lei, sem virtudes, unicamente por que não eram Christãos. Quanto aos Mouros ha mil factos referidos pelos Historiadores Hespanhoes, e Portuguezes, que provam o espirito cavalheiro, e a generosidade, e virtudes de muitos. A Historia da dominação dos Arabes na Hespanha, por D. José Antonio Conde, mostra a que ponto de perfeição elles haviam chegado nas artes, nas sciencias, e nas letras: a Bibliotheca do Escorial está cheia de preciosos manuscriptos Arabes, afóra muitos, que ali foram consumidos em um incendio.

Quanto a *não haver Judeo que fosse literado*, como diz o Poeta, isso só prova a sua ignorancia, ou má fé; pois os Judeos eram o povo mais instruido desses tempos remotos, como se prova pela multidão de livros, que delles existem. Elles eram então os melhores, e em muitas partes, os unicos Physicos, Medicos, Cirurgiões, e Pharmaceuticos. Leiam-se as Cartas de Privilegios dos Boticarios, e se verá com que grandes partidos foram chamados de Cauta para se estabelecerem neste Reino os Facultativos Judeos, e Mouros, visto que não havia em Portugal quem soubesse exercer aquella arte indispensavel. É necessario sermos justos com todos. Continuemos a transcrever o Poema de D. João Manoel. 1r

Nem ter somma de dinheiro
 A nenhum grande Alchimista;
 Nem Homem de pouca vista
 Que isto queira confessar;
 Nem Dama muito chilrar
 Que rejeite os Servidores:
 Nem morrer Homem d'amores
 Se não depois de Casado:
 Nem outro maior cuidado
 Do que o que a suspeita dá:
 Nem vi condicção tão má
 Como he a dos invejosos.
 Nem Homens mui rigorosos
 Que não caiam em desordem:
 Nem Bestas que mais engordem
 Que as que sofrem as esporas.
 Nem mui altivas Senhoras
 Senão doidas claramente,
 Nem outra mais douda gente
 Que a do Monte, e estribeira;
 Nem alguma Alcoviteira
 Que não seja mentirosa;
 Nem alguém na Graciosa,
 Que desse Assucar rosado;
 Nem Mulher de Homem privado,
 Que seja pouco pomposa:
 Nem cousa mais vergonhosa

Que quem faz o que reprende ;
 Nem hãem Velho que se emende
 De vicio habituado ;
 Nem Homem mais aviltado
 Que o que algumas vezes mente ;
 Nem neste Mundo excellente
 Couda mais que a boa fama ;
 Nem amizade de Dama
 Que dure bons quinze dias ;
 Nem sustedor de porfias
 Senão desarasoado ,
 Nem Homem mais esforçado
 Que o vencedor da vontade ;
 Nem visitar a bom Frade
 As Donas sempre da Villa ;
 Nem Carybides , nem Scilla
 Perigosas mais que o Paço :
 Nem d'alma mor embaraço
 Do que o desta honra negra :
 Nem outra mais linda Regra
 Que a Regra de São Bernardo :
 Nem Homem que , sendo sardo ,
 Não fosse malicioso :
 Nem rico mui engenhoso ,
 Que lhe não custasse caro ,
 Nem vi Homem mui avaro
 Senão cheio de limpeza ;
 Nem outra maior simpresa
 Que vangloria de virtude ;
 Nem nos vencidos saude
 Sinão não na esperar ,
 Nem vi Bispo visitar
 Como deve o seo Bispado ;
 Nem vi Beneficiado
 Sem coroa , ou simonia ;
 Nem outra mor ousadia
 Que deixar aqueste Mundo ,
 Por não cahir nõ profundo
 Inferno em alegria. *Canc. pag. 51.*

Sem embargo de alguma monotonia inevitavel em um assumpto por esta maneira tractado ; de algumas

inacções de linguagem; parece-me que esta peça poetica está escripta com grande vigor, abunda em verdades, e idéas atrevidas, e energeticamente expressadas, por exemplo

Nunca vi entre privados
A verdadeira amizade.
.....
Nem Homens mais enganados
Do que os Principes, e Reys.
.....
Nem Rey por outrem mandado
Que dos seos fosse bemquisto.

Nem sam menos verdadeiras, nem menos bem expressadas as seguintes maximas

Nem viver mais desgraçado
Que quem tem Mulher garrida.
.....
Nem no Reyno maior mal
Que maos Desembargadores.
.....
Nem Dama muito chillar
Que regeite Servidoras.
.....
Nem visitar a bom Frade
As Donas sempre da Villa.

Tão mau conceito se fazia já naquelle tempo da demasiada frequencia dos Frades com as Mulheres; o author não contente com esta setta disparada contra as prevaricações dos Regulares, dispara logo outra contra o desleixo das Authoridades Ecclesiasticas, Seculares, e accrescenta

Nem vi Bispos visitar
Como devem, seos Bispos.

E sendo esta uma restricta obrigação canonica daquelles Prelados superiores, já se vê o quanto a censura é pungente, e ao mesmo tempo mostra quão pouco o Clero, naquella epocha, era exacto no cumprir

mento das suas obrigações, e quão pouco exemplar se havia tornado.

D. João Manoel também ás vezes abandona os assumptos moraes, para tractar assumptos eroticos, como se vê da seguinte

CANTIGA.

Não pode triste viver
Quem a esperança deixar;
Nem ha nó Mundo praser
Igual a desesperar

A esperança cumprida
Bem vedes quão pouco dura,
He dura sempre a tristura
Antes, e depois da vida.

Quem esperança tomar
Sempre tristeza hade ter,
Quem quizer ledo viver
Saiba-se desesperar.

Canc., pag. 52.

CAPITULO XXII.

Luis Henrique.

Algumas vezes os Poetas do Cancioneiro, em lugar das antigas Coplas, e Redondilhas, apresentam composições em Estanças de verso de arte maior, no gosto daquellas em que *D. Alonso el Sabio*, escreveu os seus Poemas do *Thesouro*, e das *Querellas*; e João de Mena, o Ennio dos Castelhanos, no seu famoso Poema do Labyrintho, que ainda hoje, apesar da rudeza da sua linguagem, e metro, é estimado dos nossos vizinhos pela valentia, e originalidade dos pensamentos, e a força do colorido, e da expressão.

A raridade deste metro entre os nossos Trovadores faz crêr, que elle havia sido recentemente introduzido

na lingua Portugueza; assim como o haviam sido na Castelhana na proximidade do reinado de Affonso, o Sabio, e como em nenhuma das duas linguas se acha documento algum escripto nestes versos e Coplas em tempos anteriores, senão o fragmento do Poema da *Cava* de que acima fallámos, parece-me que esta circumstancia, e a linguagem em que está escripto esse fragmento nos authorisa a pensar, que nem é coevo da invasão Mahometana na Hespanha, como affirma Faria e Sousa, nem muito anterior ao reinado de D. Affonso Henriques, como o pertende Bouterweek.

Entre os Poetas, que adoptaram estas Estanças d'arte maior, distingue-se muito Luiz Henriques, fidalgo da casa do Duque de Bragança D. Jaime, a quem foi muito acceito, por sua lealdade, talento, valor, e a quem acompanhou na expedição que aquelle Principe commandou, e desempentou felizmente conquistando em poucos dias de cerco a Cidade de Azamor, uma das mais ricas, e negociosas, que os Mouros possuíam na Mauritania.

Esta expedição teve logar por ordem d'ElRei D. Manoel; e a armada se fez de véla, sahindo do Porto de Lisboa em 15 d'Agosto de 1513. O Bispo Jeronymo Osorio na sua elegante *Historia de Rebus Emmanuelis* conta largamente todas as circumstancias, e successos desta expedição, e gloriosa conquista daquella interessante Praça.

Luiz Henriques, quiz tecer um elogio a seu amo, e em parte lisongear o seu amor proprio, celebrando uma façanha em que tivera parte. Mas em logar de limitar-se, como os seus contemporaneos, a algumas Redondilhas de pé quebrado, tomou o vôo mais alto, e compoz um Poemeto mais estenso, que annunciava, que a Musa Epica em breve teria de illustrar a nossa Patria.

A CONQUISTA DE AZAMOR,

POEMETO.

A quinze de Agosto de trez, e quinhentos
Da era de Christo, nosso Redemptor,

Do que se passava estai mui attentos
 No dia da Madre do mesmo Senhor;
 O Duque excellente, nosso Gujador,
 Dom Jaime da Casa da antiga Bragança
 De Gente levando mui grande pujança,
 Geral Cappitão partio vencedor.

Nom peço favor, que possa contar
 O que se passou na Sancta viagem,
 Nem menos ajuda me apraz, invocar
 As antigas Musas, e á sua linhagem,
 Mas só á Senhora, que ha feito menagem
 De Virgem humilde, por onde foi Madre,
 Que ella me alcance a graça do Padre
 Pois que foi por dina de summa mensagem.

Partiu com a graça do que triumphante
 Na arbor da Cruz, alcançou victoria,
 Por mando do Rey, que vai imperando,
 Por gran vencimento d'eterna memoria:
 Os Reys Persianos mui dignos de gloria,
 Da India, d'Arabia, tambem d'Ethiopia,
 E outros que fazem em summa gran copia,
 Lhe sam tributarios por fama notoria.

Cresce o seo mando, seos Reynos alarga,
 Por seos Cappitães na Gente infiel,
 O gran poderio dos Mouros embarga.
 Em grão cantidade per guerra cruel;
 Oh mui Serenissimo Rey Manoel,
 A esphera, que trazes será triumphante
 Se com tuas Gentes passares avante
 Ganhando a Casa, que foi d'Israel.

Volvamos a falla ao gran Godufré?
 De aqueste gran Carlos direi as façanhas?
 Não menos o esforço do gran Josué
 Em suas victorias, grandezas tamanhas?
 Pois nunca de Roma se vio nem Hespanhas
 Tão gran Cappitão, nem mais esforçado,
 De Reys infinitos parente chegado,
 Dotado de grandes virtudes, e manhas.

No dia da Festa da Santa Assumpção
Partiu de Lisboa com toda a frota,
Muito approntada com tal perfeição,
Qual outra não vimos, nem livros se nota,
Assim todos juntos seguiram derrota
Juntando-se em Faro a nobre Campanha:
De Condes, Fidalgos mais nobres de Hespanha
Aonde seguiram toda a alma devota.

Levando comsigo a bandeira Real
Que nunca vencida se pode dizer,
Pois he invencivel aquelle signal,
Tomado das Chagas, que quiz padecer
O Summo Bem Nosso com muitos marteiros
Para que salvasse o Mundo perdido,
Tambem significa os trinta dinheiros
Polo cujo preço foi Christo vendido.

Depois de chegados, e todos surgidos,
Quando vio o tempo ser conveniente,
Senhores, Fidalgos foram requeridos
Que a elle se fossem todos juntamente.
Eis que congregados com elle presente,
Lhe fez huma falla de tanto primor,
E como daquelle que tam gran favor
Ajuda, subsidio do mais eloquente.

Aonde por elle lhe foi declarado
Toda a intenção d'ElRey seo Senhor,
Que foi invia-los sobre Azamor.
Pela sa maldade, e erro passado.
E a todos pediu que de amor, e grado
Quizessem sear outra vontade, nem zelo,
Em sua tomada tão bem comete-lo
Pera que elle sempre lhe fosse obrigado.

Polo que depois de ter esperanza
Em nosso Senhor de lhe dar victoria,
Em elles levava toda a confiança
Pera todo feito tão digno de gloria:
E que lhe pedia que houvessem memoria
Das cousas de Roma quando prosperava,

Em quanta maneira a ley se guardava
Segundo se nota na sua Historia.

Com Romulo, e Remo tambem alegando
De quando se aquella Cidade fundou,
A pena que houve, porque quebrantou
A lei que foi posta em se começando.
E que lhe pedia que nunca desmando,
A guerra durante, em elles houvesse:
Mas que obedecessem ao que elle quizesse,
E que elle sempre seria a seo mando.

Com doces palavras, formadas de amor,
Com mui animoso desejo, e vontade,
Com mil cortezias, com grande favor,
Com humas entranhas de pura verdade
Assim os provoca com tal mansidade;
Que todos respondem, dizendo « Senhor!
» O nosso desejo he muito maior,
» Do que nos pedis em grão cantidade! »

Ouvindo palavras tão bem razoadas,
Ficou de contente a tão satisfeito,
Dessas Senhorias a tão estimadas,
Que o por fazer estimou por feito:
Dizendo que sempre seria sujeito
Fazendo por todos como bem veriam
Que d'hi em diante elles conheceriam
As suas palavras ficar com effeito.

Heram quatrocentas as velas da Armada,
Sobre cincoenta, sem huma faltar,
Foi uma das cousas mais para notar.
Que vimos, nem vio a Gente passada.
Tão posta em ponto, tão aparelhada
De todas las cousas, que se requeriam,
E d'artilharia tambem emparsada,
Que nada faltava segundo diziam.

Partimos em ponto sem mais esperar,
Depois desta falla assim acabada,
E em poucos dias podemos chegar
A bocca do Rio da Cidade honrada.

E porque a Terra estava cerrada
E hera perigosa hum pouco de entrar,
Hovemos conselho com detreminar
Que em Marzagão fosse a Terra tomada.

Achamos o Porto quieto, seguro,
A frota mui junta se poz bem em terra,
Mui bem concertada em acto de guerra,
Com grande recado, conselho maduro.
No dia seguinte depois do escuro
Haver já passado, e o Sol ser sahido,
Sahio toda a Gente, mais forte que muro,
De esforço guarnida, sem nada fingido.

Com muita prudencia, esforço, cuidado,
O Duque ordenou sentar arraial,
E mais trabalhando do que Annibal
Quando houve os Alpes de todo passado.
Poz suas Estancias com tanto recado,
E seos Cappitães em tanto concerto,
Que nunca entre elles houve desconcerto,
Nem cousa que fosse a contra seo grado.

Aonde tres dias lhe approve de estar,
Ainda que à toda Mourama pezasse,
Pera que de todos se cre-se, e notasse
Que não hera Gente de mais estimar.
Que com seo serviço podia domar
Mais do que perdeu ElRey Don Rodrigo,
E mais que levava tal Gente comsigo
Com a qual podia gran terra ganhar.

E veio de Tite a lhe obedecer
O Principal Mouro, que nella havia,
Pedindo que paz lhe approvesse fazer
Com a gente toda que nella vivia,
E foi a resposta dessa Senhoria
Que a elle so hera sua Casa segura!
O Mouro escutando resposta tão dura,
Ficou tão cortado, que mais não podia.

E pelo qual logo sem dar mais vagar,
O Gentil de Tite foi despovoado,

De medo cortadas leixaram logar,
 Ahe ser por pazes a elle tornado:
 Cá viram seo feito hir tão bem parado
 Que desesperaram de bem esperar,
 Seria Mafoma bem pouco louvado
 Pois nelle soccorro se não pode achar.

Foi entre os Mouros tamanho o encanto
 Por ver o que nunca cuidaram de ver,
 Que nenhuns Christãos podiam fazer
 Antre elles demora de tanto quebranto.
 E foram cortados com tanto espanto,
 Segundo por obra foi certificado,
 Nas forças, e esforço em tudo quebrado
 Que de seo desmaio não sei dizer tanto.

Em o quarto dia o Duque mandou
 Sessenta Navios com artilharia;
 Que entrassem no Rio lhes encomendou,
 Porque elle partia em o mesmo dia.
 Os quaes Deos aprouve levar em tal via,
 Que todos entraram sem contradicção,
 Queimando aparelhos, que Muley Zião
 Com mil caniçadas por fogo queria.

Em o dia mesmo, que hera primeiro
 Do Mez de Septembro da Era presente,
 Partiu o gran Cesar com toda sa gente
 Levando concerto de gentil Guerreiro:
 Ordena batalhas, andando fragueiro,
 Correndo-as todas mil vezes n'hum ponto
 Mostrando-se a todos ser mais companheiro,
 Que Principe Grande, como he, e vos conto.

Chegados já tarde áquella Cidade,
 Porque não podia ser d'outra maneira,
 A qual nos achámos, fallando verdade,
 De muros, e torres mui forte, e guerreira.
 Sabiram hums Mouros á porta primeira
 C'uns poucos dos nossos a escaramuçar,
 De volta com elles lhe foram matar
 Alguns Cavalheiros da sua bandeira.

Isto acabado, á noite na mão
 Sentou-se arraial ao longo do Rio,
 Estancias postas já bem de Serão
 Escuitar lansadas sem outro desvio.
 O Duque prevendo em seo Senhorio
 Como a quem tanto no caso lhe hia,
 A todas partes mui rijo provia
 Como a quem corre de noite seo fio.

Toda aquella noite alguém a dormiu
 Com grande trabalho sem mais repousar;
 O Somno, a Perguiça de todos fugiu:
 A Artilheria se poz no logar,
 De d'onde o combate se havia de dar,
 No tempo, e hora que fosse ordenado:
 Seria do dia o meio passado
 E alem huma hora depois de se dar.

Dahi a pedaço não muito tardou
 Que logo ao Duque recado não veio
 Que estava o Campo de Mouros tão cheio,
 Que dos de Cavallo dez mil se apodou;
 Naquelle momento que se isto contou,
 Ordenou o Duque sem outro debate,
 Que huns começassem de dar o combate
 E elle c'os mais aos Mouros passou.

Começa a Cidade também combater
 Com muito esforço, com tal preça dar,
 Que em pouca de hora se pode bem cret
 Dos Mouros de dentro ser grande pesa.
 A Artilheria começa a jogar;
 As mantas, e bancos não muito tardavam
 As Gentes das portas, que os muros picavam,
 Que huns aos outros não davam vagar.

Deu-se este combate mui dero, e mui forte,
 Gastando-se o muro por tiros mui grossos,
 Tanto que os Mouros se tinham nos noissos,
 Julgando que tinham dahi peior sorte,
 A Cid Almansor ali prende a Morte,
 Antre elles preçado, e Senhor de lansas;

E viram os Mouros perder esperanças,
Nem haver entre elles hum tal que os conforte.

Por morte daquelle a todos quebraram
Os seus corações, sua fortaleza,
E logo em ponto se determinaram
Leixar a Cidade de muita fraqueza,
O Duque esforçado com grande ardileza
Começa sua gente mui bem de ordenar,
Como aquelle, que espera de dar
O fim ao seo feito com muita proeza.

Foram as batalhas mui bem concertadas,
Assim de Cavallo como as de ordenança,
Já tarde partiram sas forças quebradas
Os Mouros, que viram aquella mostrança;
Fizeram na volta com muita trigança,
Os quaes grande medo levarem se creia;
Ficamos no Campo the noite ser meia
Sem os do combate fazerem mudança.

Os Mouros de dentro que viram crescer
Seo mal, e seo damno sem bem esperar,
Com grande temor das vidas perder,
Leixaram Cidade por vidas salvar.
Fugindo sem tento, sem tal preço dar,
Que ao saber da porta muitos se matavam;
Os Pais pelos filhos se não esperavam,
Mulher por Marido podia aguardar?

A poz meia noite, (tres horas seriam)
Ficou a Cidade de todo vazia;
E hum dos Judeos, que nella viviam,
Por chorda do muro abaixo descia.
E ao Senhor Duque a nova trazia
Para os dessa ley seguro pedindo,
Foi-lhes outhorgado as novas ouvindo,
Com outro alvitre, que preço valia.

Sabado seguinte, outo horas do Dia,
Na grande Cidade o Duque entrou,
Com grande victoria, que mais não podia,
Deos seja louvado que assim o guiou.

Pela terra toda sa fama soou,
 E pôs tal espanto com grande terror;
 Por onde Almedina, com muito temor
 De toda sa Gente se despovoou!

Lá foi celebrado o Officio divino
 Com grande eficacia, e gran devoção,
 Dando-lhe as graças com tal contrição
 Qual as merecia, ao Verbo divino.
 Oh summo bem nosso! oh hum Deos, e Trino!
 Tu que por ta morte salvar-nos quizeste,
 Concede victoria a quem esta deste
 D'imigos humanos, de Esprito malino!

Este Poema não se recommenda nem pela imaginação, nem pela poesia; é uma narração nobre, e clara de um factó notavel, com algumas intenções Dramaticas, mas já é não pequena gloria para o author o haver-se afastado da rotina dos seus contemporaneos neste pequeno vagido Épico; a expressão é ás vezes palavrosa, e pouco clara, e o estylo descahe a miudo no prosaismo, e na trivialidade; devemos porém lembrar-nos de que o estylo nobre é o mais difficuloso, e o ultimo que chega á perfeição em todas as linguas.

Devo advertir que a regra praticada pelos poucos Poetas de Hespanha, e Portugal, que fizeram uso destas Estanças de arte maior, é que o primeiro, quarto, quinto, e oitavo verso rymem entre si; que o segundo do primeiro quarteto ryme com o terceiro do mesmo; e o segundo verso do segundo quarteto ryme com o terceiro delle. Assim o observamos nestas Estanças d'El-Rei D. Alonso el Sabio, no seu Poema intitulado *El Tesoro*.

Llegó pues la fama a los mis oidos
 Que en tierra d'Egypto un Sabio vivia
 Que con su saber oi que facia
 Nottorios los casos, que no son venidos.
 Los Astros juzgava, y aquestos movidos
 Por disposicion del Cielo fallava
 Las cosas, que el Tiempo futuro occultava,
 Bien que fuessen antes per este entendidos.

Cobdicia del Sabio movió mi aficcion,
 Mi pluma, y mi lengua con grand humildad,
 Prostrada la alteza de mi Magestad,
 Cá tanto poder tiene una passion.
 Con roegos le fiz la mi petition,
 Y se la mandé con mis mensageros,
 Averes, hacienda, y muchos dineros
 Assi le ofreci con santa intencion.

Assim o observamos tambem nesta Estança, do
 Laberyntho de João de Mena.

Hicieron las voces al Conde á deshora
 Volver la su Barca contra las saetas,
 Y contra las armas de los Mahometas,
 Cá fué de temor piedad vencedora:
 Habia Fortuna despuesto la hora,
 Y como los suies convieron d'entrar,
 La barca con todos se boue d'anegar
 De peso tamaño no suspensora.

Porém Luiz Henriques affasta-se ás vezes da regra, e usa das rymas terçadas, o que alivia um tanto a pesada monotonia desta combinação rythmica, que em ultimo resultado, dam as rymas pareadas dos versos francezes. Isto prova que o author tinha um ouvido mais deligado; e este instinto poetico é mui digno de notar-se na epocha da infancia da arte.

CAPITULO XXIII.

D. João de Menezes.

D. João de Menezes, outra notabilidade poetica daquelles tempos, foi filho de D. Duarte de Menezes, Conde de Vianna, que tantos, e tão assignafados, serviços praticou em Africa, combatendo contra os infieis, a quem o seu nome enchia de terror; e assombro.

Nasceu na Cidade de Lisboa, ignora-se o anno; applicou-se muito ao estudo das Sciencias, das Bellas Artes, e com especialidade á poesia, e o Bispo D. Jeronimo Osorio no livro 9.º da sua Historia de *Rebus Emmanuelis* affirma que era insigné neste mister; e esta aserção de homem tão sabio, e que naturalmente tinha delte conhecimento pessoal, é muito honrosa para D. João de Menezes.

Este fidalgo, grandemente estimado na côrte, onde foi Mordômo Mór d'El-Rei D. João II., e d'El-Rei D. Manoel, foi o primeiro Conde de Tarouca, e setimo Governador, e Capitão General de Tangere, onde por muitos annos fez grandes serviços nas guerras contra os Mauritanos, defendendo aquellas Fronteiras contra incursões dos Barbaros, e sahindo muitas vezes, como é costume, a dar salto nos seus Aduares, fazendo consideraveis presas de gados, e de gente, com que se recolhia triumphante, trazendo assim o nome Portuguez mui respeitado, e temido naquellas partes.

D. João de Menezes deixou grande numero de poesias manuscriptas, mas ignora-se o fim que levaram, e como se perderam; restam sómente as que Garcia de Resende conservou no seu Cancioneiro, que levam grande vantagem ás dos seus contemporaneos, pelo bem torneado dos versos, agudeza de seus pensamentos, belleza de rymas, e graça de expressão.

Para dar antes alguma idéa do estylo deste Poeta, passo a transcrever algumas das suas poesias, que parecerem mais caracteristicas da índole do seu talento. Tal é a seguinte Trova, endereçada a Pero de Sousa Ribeiro, a quem o Poeta, estando na antecâmara do Principe em companhia de D. João Manoel, e vendo que elle Pero de Sousa, entrava no quarto de Sua Alteza, lhe pediu que dissesse lá que elles estavam ali. Pero de Sousa, de aciatamente, como é costume dos Aulicos; ou por que na verdade lhe esquecesse a recommendação, havendo chegado á presença do Principe; não lhe fallou em tal; o que sendo conhecido dos dois fidaigos, D. João de Menezes, em nome de ambos lhe dirigio estes versos.

Se vos lá dizeis de nos
O que ca de vós dizemos,
Rasão he que não entremos.

E direis por não medrar
Sabemos mui bem fazer
C'os de dentro não dizer,
C'os de fóra murmurar.

Se taes somos como a vós,
Confessamos, conhecemos,
Que he rasão, que não entremos

Andava na côrte uma Dama, por nome D. Guiomar de Menezes, ainda ao que parece aparentada com o author, Senhora de grande belleza, e prendas, a quem o Poeta cortejava, ao passo que ella era tambem galanteada, e pertendida por outro Cavalheiro, tambem de illustre linhagem, porque estava revestido da dignidade de Grão Prior do Crato.

A esta Senhora endereçou D. João de Menezes estas trovas, usando nellas de methaphoras tiradas do jogo.

Pois não tento que perder,
Nem espero de ganhar,
Para que quero jogar?

O jogo sempre traz damno
A quem joga mais verdade,
O ganho vem por engano,
Por bultras, e falsidade:
E de tal enfermidade
Poucos podem escapar
Se não deixam de jogar.

O perdido, e o ganhado
Tudo vai como não deve,
O que menos dita teve
Foi melhor aventurado:
Leva menos emprestado,
Terá pouco que pagar
Quando quer que o tornar.

Huma joia preciosa,
 Cujo hera, que perdi,
 Sendo falsa, e enganosa,
 Nunca outra mais senti.
 Porém nella conheci
 Que o triste, que a levar,
 A vida lhe hade custar.

Com mas cartas ma figura
 Com máos dados ma levou,
 Ambos temos má ventura:
 Quem perdeu, e quem ganhou:
 Eu, porque me ella deixou:
 O triste que a levar
 Porque cedo o hade deixar.

Levou-ma, mas não por ter
 - Milhores triumphos, nem mais
 Com muitos poucos metaes;
 Com muito menos saber.
 Senão só por ella ser
 Tal que nunca pode estar
 Huma hora sem se mudar.

Nesta composição ha bastante espirito; e o author faz sentir engenhosamente o seu despeito, e ciuime, ao mesmo passo que ameaça o seu rival com a sua vingança. Vê-se que quem escreve é um Cortesão costumado a dissimular, e a indicar mais do que a mostrar o enfado para melhor aproveitar o ensejo de satisfazer a sua ruim vontade. Vejamos agora a sua paraphrase do *memento, Homo*.

Lembre-te que hes de terra,
 E terra te has de tornar;
 Não queiras por outrem dar
 A ti mesmo tanta guerra:
 Perdoa a quem te erra,
 Se de cima perdão queres
 Quia in cinerem reverteris.

Não captives teu cuidado
 Em cousas de não cuidar;

Pos assim hade passar
 O porvir como o passado.
 Olha que hade ser julgado
 Pelas obras, que fizeras
 Quia in cinerem revertaris.

Terminaremos os extractos das obras deste Poeta com a seguinte Cansão amorosa.

Pois minha triste ventura,
 Nem meu mal não fez mudança,
 Quem me vir ter esperança,
 Cuide que he de mais tristura.

E pois vejo que em morrer
 Levais gloria não pequena,
 Antes não quero viver,
 Que viverdes vos em pena.

Quero triste sepultura:
 Quero fim sem mais tardança;
 Pois nunca tive esperança,
 Que não fosse de tristura.

CAPITULO XXIV.

Jorge de Aguiar.

As noticias que pude alcançar de Jorge d'Aguiar, reduzem-se ao seguinte; nasceu na Cidade de Lisboa, de Pedro de Aguiar, e de Meia de Sequeira, sua mulher, que foi ama da Princesa D. Joanna, filha d'ElRei D. Affonso V.

Foi Cavalleiro da Ordem Militar de São Thiago da Espada, e Alcaide Mór da Villa de Monforte. Casou com D. Violante de Vasconcellos, Senhora muito illustre, de quem não teve successão. Nomeado Capitão de uma Armada, que navegava para os

Estados da India, falleceu durante a viagem no anno de 1508.

Jorge d'Aguiar é um dos Poetas, que maior contingente forneceram para o Cancioneiro de Resende, e se distinguio pela força das idéas, perfeição metrica, e sobretudo pela brevidade das composições, merito raro nos escriptores daquelle tempo, que quasi todos peccam pela prolixidade, conto no numero das suas milhores trovas as seguintes dirigidas contra as mulheres.

Esforço meo coração,
Não te mattes si quiseres,
Lembra-te que sam Mulheres.

Lembre-te que he por nacer
Nenhuma que não errasse,
Lembre-te que é seo praser.
Por bondade, e merecer
Não vi quem dellas gostasse
Pois não te des á paixão,
Toma praser, se quiseres,
Lembre-te que sam Mulheres.

Descansa, triste, descansa,
Que seos malles sam vinganças,
Tuas lagrimas amansa,
Deixa as suas esperanças!

Ca pois nascem sem razão
Nunca por ella lhe esperes,
Lembre-te que sam Mulheres!

Tuas mai grandes firmesas,
Tuas grandes perdições,
Suas desleaes acções
Causaram suas tristezas.
Pois não te mattes em vão
Que quando mais as quiseres
Verás que sam as Mulheres!

Que te presta padecer?
Que te aproveita chorar!
Pois nunca outras ham de ser,
Nem sam nunca de mudar.

Deixa-as com sua nação;
O seo bem nunca lhe esperes
Lembre-te que sam Mulheres!

Não te mates cruamente
Por quem fez tão grande errada,
Por quem de si se não sente,
Por ti não lhe dará nada.

Vive lansando pregão
Por se fores, e vieres
Que sam Mulheres, Mulheres.

Hespanha foi já perdida
Pola Cava huma vez,
E a Troia destruida
Por males que Helena fez.

Desabafa, coração!
Vive, não te desesperes,
Que a que fez pecar Adão
Foi a May destas Mulheres!

Can., pag. 94 v.

É muito natural que o Bello-Sexo de então ficasse mui pouco satisfeito com este caritativo elogio, que lhe tributava o pragueiro Poeta, e o Bello-Sexo de hoje se deitar o os olhos a estas Cantigas é muito natural, que as pese na mesma balança. Mas fallando a verdade, nem as Damas daquelle tempo, nem as do nosso teriam muita rasão de se queixarem; é caso averiguado, que os Poetas que mais amam as mulheres sam de ordinario os que mais se queixam dellas. Ovidio, Tibulo, e Propercio, amavam como doudos a Corinna, Cinthia, Delia; e apesar disso tão depreça as levantam ás nuvens, como vomitam contra ellas injurias; e a rasão é, porque porisso mesmo, que as amavam, tinham dellas ciumes, e estes os faziam delirar, e romper naquellas excessos; não acontece o mesmo a Petrarcha, que está sempre com o turibulo na mão de joelhos diante de Laura, adorando, descreteando, metaphisicando; mas é por que Laura era para o Poeta Cónego um mero thema para platonisar em verso, e não o objecto de uma paixão viva, e ar-

dente; nos versos de Petrarca ha muito engenho, muita imaginação, muita Poesia, porém amor!... quem será capaz de ahi descobri-lo? É natural que Petrarca amasse as mulheres de quem deixou alguns filhos bastardos; porém Laura, na opinião de alguns criticos Italianos, que se deram a examinar a fundo essa questão, não passa de huma chimera, de um ente de razão pura. Ora o nosso Poeta, mesmo porque escrevia versos contra as mulheres, estou eu persuadido que as amava; e senão veja-se como elle canta logo a Palinodia.

Coração, já repousavas;
Já não tinhas sujeição;
Já vivias, já folgavas;
Pois porque te subjugavas
Outra vez, meo coração!

Sofre, pois te não soffreste,
Na vida, que já vivias,
Sofre, pois tu te perdeste,
Sofre pois não conheceste
Como te outra vez perdiste.

Sofre, pois já livre estavas,
E quizeste sujeição;
Sofre, pois não te lembravas
Das dores, de que escapavas;
Sofre, sofre, coração!

CAPITULO XXV.

Francisco da Silveira.

Francisco da Silveira foi filho de Fernão da Silveira, e como elle Cavalleiro da Ordem de Christo, Caudel Mór do Reino, e servio algumas vezes por seu Pai o importante emprego de Escrivão da Puridade; militou, com grande credito de valoroso, nos Estados da India, onde foi Capitão Mór das Fortalezas de Chaul, e Dio, e da de Sofala, em Africa. Não consta onde nasceu, nem onde, ou quando morreu.

As composições deste Poeta occupam no Cancioneiro de Resende as paginas segunda, quarta, setima, e verso desta, trinta e tres, cento e trinta e seu verso, cento e quarenta e tres, cento quarenta e sete, cento quarenta e oito verso, cento quarenta e nove, cento e cincoenta e um verso, cento cincoenta e sete verso, cento sessenta e oito, e cento e sessenta e nove.

Para dar idéa do seu estylo, quanto o permitem os estreitos limites deste Ensaio, transcreverei as Coplas seguintes, dirigidas a uma Dama, que começava a envelhecer, e que como de ordinario succede em taes casos, não queria capacitar-se disso.

Esta Poesia, olhada só pelo lado artistico, pôde julgar-se bella, mas considerada pelo ponto de vista da moralidade parece-me que não pôde evitar a censura de grosseira, porque é insultar a desgraça; e que desgraça pôde haver maior, na geral opinião das mulheres, que a perda da belleza, que equivalle a abrir mão do imperio sobre os corações dos homens? lembrar-lhe, é pelo menos tão cruel como fallar a um Rei em abdicar o sceptro; e a um Papa em depôr a thiara.

Dominar é a paixão mais violenta dos filhos de Adão, e Eva; se as mulheres fazem tanto apreço da formosura, é porque a consideram, e com razão, como base do seu dominio.

Se dermos credito ao livro interessantissimo que

Hudson Lowe, o Carcereiro de Napoléon, para se justificar do tractamento dado por elle ao Prisioneiro de Santa Helena; nada amargurava tanto a existencia do grande Homem, como o simples tractamento de General; aquelle coração estoico, que sofria sem murmurar todas as calamidades, que seus inimigos derramavam as mãos plenas sobre a sua cabeça, só era sensivel á falta do titulo de Sir, e de Magestade, porque lhe lembrava que tinha perdido o poder; e talvez tivesse mais cedo terminado os seus dias, se aquelles suaves titulos lhe não fossem prodigalisados todos os dias por alguns Creados fieis em ambas as fortunas; se não infludisse a sua imaginação remedando no estreito recinto do Barracão de Longwood as scenas magestosas do Paço das Tuilleries! Voltemos ás Coplas satyricas de Francisco da Silveira, de que nos tem afastado muita esta digressão.

Dama, que o fostes já,
E que o não sois ao presente;
Velha, que mil annos ha;
Sãa, que parece Doente,
Mantendes mal a mensagem,
E tegna de mil maneiras,
Garganta, mãos, e trincheiras
Dos que sob a terra jazem.

Oh sois de quem! piedade!
Que a todo o passo aborrece!
Tão inimiga da verdade
Como de quem bem parece!
Sobre todas invejosa,
Conhece-vos a Era má,
Que inda que fosseis folgosa
Vosso tempo passou já.

Deixass o Paço, e as Ramas
Quem for da vossa maneira,
Inda que fora mudança;
Seria a moç. Danadoira,
E tambem de aconselhar,
Por muito que tendes visto,

Podereis aproveitar,
E servir o Paço nisto.

Mas vosso Conselho vão,
Que sahe desse cascavel,
Não o ouvir hera mais sãq,
Porque he azedo como fel!
Sois neste Paço peçonha,
E entre as Damas damnosa,
E sois a mor mentirosa,
Que vi, e mais sem vergonha.

E não digo eu so isto;
Mas a muitos o parece!
E no que vos acontece,
O podeis já ter bem visto.
Porque de quantos quereis
Vossa Mercê quem a queira
Não acha; nem por Terceira
De ventura o achareis.

Tomai ora este conselho,
Em que seja de Homem moço,
Lançai-vos antes n'hum Poço
Que curardes mais de espelho,
Mas isto, Senhora, ouvi,
Casai-vos co'Salvador,
E servi Nosso Senhor,
Que não sois já para aqui.

Quem por si isto tomar
Desimula; não se queixe.
Porque quem mal quer fallar
Cumpre que em si fallar deixe.
Não cure de arrapiar,
Pois que em salvo não replica,
Porque me fará tornar
A dizez o que inda fica.

Ainda que não consta quem era esta Senhora, pelas Coplas se mostra que tinha emprego no Paço, e que era sem duvida alguma daquellas veneraveis Donas, que naquellas Casas se empregavam para vigia-

rem o comportamento das Donzellas, e talvez pela rigidez no desempenho dos seus deveres cabisse na indignação do Trovador! isto suposto, não era grande a delicadeza dos Aulicos daquelle tempo! já em outro Capitulo vemos a urbanidade com que tratavam os homens; este mostra-nos a attenção com que tratavam as mulheres! diz-se a uma Senhora de idade avançada, a uma Senhora que exercia emprego no Paço, que de *quantos homens ella quer não acha um só que a queira*; que *nem para Terceira tem prestimo*, que *era peçonha do Paço*, e é muito natural que estes insultos grosseiros, fossem mui celebrados, applaudidos, e qualificados de apodaduras engenhosas, visto que um Cortezão, e homem de bem, como Garcia de Resende, não escrupulisou de lhe dar logar no seu Cancioneiro, assim como a outras de igual, ou peor jaez. É preciso confessar que a satyra, naquelles tempos, nem conhecia lemites; nem respeitava ninguem. Tanto é certo que a marcha da civilização é sempre lenta, e que a polidez é a virtude social, que mais tarde se desenvolve nos povos.

CAPITULO XXVI.

D. Rodrigo de Monsanto.

Foi um dos maiores ornamentos do Solar dos Condes de Monsanto, um dos mais nobres do Reino, segundo o costume do seu seculo, deu-se muito ao cultivo da Poesia, e os seus versos em geral bem torneados, e escriptos em estylo puro respiram muita jocosidade, e espirito caustico, ás vezes em demasia, e occupam seis paginas do Cancioneiro; entre estas Trovas me parecem merecer muita consideração as seguintes endereçadas, ao Conde Prior Mór do Crato, por occasião de haver encontrado em uma estrada da Outra-Banda a um seu Criado de esporas, e

com uma trouxa de vestidos ás costas. Nesta especie de Epigramma o Author matiza os versos de Arte Maior com os hexasyllabos, o que produz bellissimo effeito.

A vinte, e trez dias do Mez de Janeiro,
Huma Sesta Feira

Á quem das Cabritas, além das Landeiras
Topamos troteiro,

Topamos troteiro com cousa tão pouca,
Tão pouca, tão leve, que quem a levava,
Disse, que tão leve com ella se achava
Que dava taes saltos, tão alto pulava,
Mais alto que Zaide bailando com touca.

Senhor Dom João, o vosso troteiro
Chegou ao Barreiro, e logo embarcou:
A Barca com elle tão leve se achou,
Por onde o Barqueiro levar-lhe exezou
Da trouxa dinheiro.

Sem vela, sem remo partio derradeiro,
E chegou primeiro;
Tão so porque a trouxa do vosso troteiro
A fez mais veleira.

Este Zaide, de quem o Author diz, que dava grandes saltos, de touca, ou turbante, era um dos muitos Mouros, que naquella tempo habitavam em Lisboa, no sitio da Mouraria, e no lugar de Belem, ou Rastello, onde muitos viviam do amanho das Almuinhas; ou Hortas, que cultivavam para abastecer de hortaliças a Cidade.

Entre estes Mouros, especialmente da Mouraria, havia muitos, destes era o tal Zaide, que tomavam o officio de Bafões, ou *Trucões*, como então diziam; e grangeavam a subsistencia fazendo habilidades, e equilibrios pelas Praças, Ruas, e Casas particulares, e cantando Cantigas Arabes; o que muito divertia os ociosos, e papamoscas de Lisboa, a quem de ordinario não sobejava em que se entretivessem, visto que não tinham, como os seus descendentes, o recurso dos Theatros, das Praças de Touros, dos Cafés, Casas de Jogo, Hortas d'Arroyos, e a leitura dos Periodicos, com que hoje a mocidade perde tão louçavelmente o seu tempo.

As Trovas, que se seguem, em que se lê o Testamento do Macho ruço, de Luiz Freire, é mais um documento do pouco que nesses tempos se escrupulizava em tractar em estylo ridiculo certas cousas, a que depois se guardou mais decóro. Mas parece que então se podia dizer tudo, uma vez que se fizesse rir. É por isso que lêmos aqui, que o macho deixa o corpo á terra, e a alma ao Paraiso que Deos o quer levar do Mundo, e quejandas alusões, que hoje seriam contempladas como profanações.

Pois que vejo que Deos quer
 Deste Mundo me levar,
 Quero bem emcaminhar
 A minha alma se poder.
 Em quanto estou em meo siso;
 A Morte dando-me guerra
 Mando a alma ao Paraiso,
 E de si o corpo á terra.

E mando logo primeiro
 Em quanto vivo me sinto,
 Que deste meo Testamento
 Seja meo Testamenteiro
 Meo Irmão o de Bárrocas,
 Que eu mais que todos amo.
 Por sempre fugir a trocas,
 E servir mui bem seo Amo.

O qual me fará levar
 Com muita solemnidade
 Ao Rocio da Trindade,
 Onde me mando enterrar;
 Pois me dali governei
 Gran parte da minha vida,
 A carne, que levarei
 Ali deve ser comida.

E vam cantando diante
 A de Brasia, e d'Affonso
 Hum tão solemne responso,
 Que todo o Mundo se espante;
 A estes ambos ajude

O Macho de Gomes Borges,
O qual leve o Ataude,
A bitalha, e os Alforges.

E rogo aos Cortesãos,
Quanto lhe posso rogar,
Que todos me vão honrar
Com os seus cirios nas mãos.
E pois heram espantados
De passar vida tão forte,
Devem de ser mim lembrados
Dando-me honra na morte.

Item; me levem de oferta
Dois, ou tres cestos de palha,
Que pois custa nem mialha
Não deve de haver referta.
Levem tambem hum alqueire
De farellos, ou Cevada,
Pois em vida, Luis Freire,
Nunca disto me deu nada.

Infundos perdões pedi
Às pousadas si pousei,
D'alguidares, que quebrei,
E gamellas, que roí;
E não me devem culpar
De lhe fazer tantos damnos,
Pois que de palha fartar
Nunca me pude em vinte annos.

Item: Peça ás Berceiras
Muitos, infundos perdões,
E tambem aos Hortelões
Dos damnos das Salgadeiras.
Que, bofé, se me soltava,
Fome tal me combatia,
Que qualquer cousa, que achava,
Tudo mui bem me sabia.

E bem que meo amo agravos
Me desse, com amarguras,
Deixo-lhe tres ferraduras,

Que não tem mais de dois cravos,
 E pero delle me queixo
 De males que me tem dados.
 Dois, ou tres dentes lhe deixo
 Que me hão de fazer em dados.

Não lhe posso mais leixar
 Que elle nunca mais me deu,
 Rogo a Alvaro d'Abreu
 Que o queira acompanhar.
 Rogo tambem que se doa
 Delle tanto meo Irmão
 Que o ponha em Lisboa
 Em redor de São João.

Sobre minha sepultura,
 Depois de ser enterrado,
 Se ponha este dictado
 Por se ver minha ventura.
 « Aqui jaz o mais leal
 « Macho ruço, que nasceu,
 « Aqui jaz quem não comeu
 « A seu Dono hum só Real. »

Ha nestas Trovas algumas idéas, que se não me engano fazem lembrar as pilherias de Nicoláu Tolentino de Almeida. Poucas peças se deparam no Cancioneiro, em que a satyra se mostre tão engenhosa, e pungente. Parece, á vista do testamento do pobre Macho, que Luiz Freire, qualquer que fosse esta personagem, era geralmente reconhecido por seu genio bordido, e miseravel; e que a triste cavalgadura se fazia notar pelo estado de lazeira, em que seu dono o trazia. A avareza é um vicio tão vergonhoso, e aborrecivel, que não podemos deixar de alegrar-nos quando sobre ella vemos derramar a plenas mãos o ridiculo.

Em todos os outros vicios ha uma tal, ou qual desculpa no prazer, que nos causam; mas no avarento tudo sam privações, tanta falta lhe faz o que possui, como o que não possui: é inutil para os outros, e cruel com siigo. E não contente de não se atrever a gastar

nada do que lhe sobra, até se afflige, e agoniza com o que os outros despendem do que é seu; tenho para mim, que a avareza é uma especie de doudice.

CAPITULO XXVII.

Diogo de Mello.

Este Poeta seguiu a vida Militar como quasi todas as pessoas nobres, ou pelo menos de familias limpas, (para nos servirmos da expressão de João de Barros) no seu tempo, e servio tanto no continente do Reino, como nos Estados Ultramarinos.

Namorava este Poeta uma Dama Lisbonense, cujo nome, e familia não chegou ao nosso conhecimento. Diogo de Mello depois de longas, e porfiadas instancias, e é muito natural que á força de muitas supplicações metricas, conseguiu finalmente que a senhora dos seus pensamentos deixasse de ser surda aos seus suspiros, e correspondesse ao seu amor, dando-se um, e outro reciprocamente palavra de matrimonio.

Estavam as cousas neste estado, quando Diogo de Mello foi nomeado para fazer parte da guarnição de Asamor, que havia sido conquistado aos Mouros recentemente pelo Duque de Bragança D. Jaime, como acima referimos.

Já se vê, que este acontecimento não podia ser de agrado dos dous amantes, cujos projectos transtornava; mas as leis da Milicia sam inexoraveis; e Diogo de Mello não podia escusar-se de partir, sem lançar uma nota de infamia, sobre o seu brio, e proceder, até áquelle tempo illibados.

Era pois indispensavel fazer-se de véla para Africa, entre abraços, lagrimas, juramentos, e protestos de constancia da sua amada; e assim se verificou.

Mas as mulheres que difficulosamente se conservam constantes, e fieis aos amantes, que estam presentes, como podem mostrar-se taes com os que est

tam ausentes? longe da vista, longe do coração, diz o proverbio; as lagrimas enxugam-se no fim de um mez, as saudades raras vezes chegam ao termo de dous, e no fim delles ou já não existe o amor; ou tem sido substituido por outro.

Foi isto o que aconteceu á Dama de Diogo de Mello; em quanto elle jogava as alcanzias, e pelouradas com os Mouros em defesa da Praça; ou fazia surtidas para lhe levar os Aduares á viva lanca, aprisionando-os, e roubando-lhe gados, e subsistencias; ella em Lisboa, nos sarãos, e nas conversações ouvia as finezas, e requebros dos mancebos, que a cortejavam; e quando elle voltou á Patria, e perguntou ansioso por ella, soube que havia muito tempo, que estava casada com outro.

Diogo de Mello cuidou de indoudecer com a noticia; como todos os amantes em igual lance, parecia-lhe impossivel, uma cousa que nada tinha de singular, nem de estranho. E como os Poetas tem por costume recorrer aos versos tanto na adversidade, como na ventura, compoz as seguintes Coplas, que enviou á sua perjura, que é muito probavel, que se divertisse bastante com ellas, e que as estimasse como prova do muito que custava a sua perda.

Bem te conheço, Ventura,
 Que me quizeste mostrar
 O prazer quão pouco dura
 Quando o queres desviar.
 E pois tu isto has de ter,
 Não te quero agradecer,
 Algum bem, si mo fizeste,
 Pois havias de fazer
 No fim tudo o que quizeste.

Tu quebras as esperanças,
 E desfazes fundamento,
 Toda hes feita de mudanças,
 Sem deixar contentamento.
 Mas quem Ventura conhece;
 E seus males lhe oferece,
 E no seu poder se vê,

Isto, e muito mais, merece,
Quem venturoso se crê.

Coração se me deixaras
No tempo, que eu quisera,
Não tiveras, nem tivera
Cousas, com que me mataras,
Defendes-me, e não te queixas,
Que não digas que me deixas
Tantos males, sem razão:
A quem direi, minhas queixas
Coração, meu Coração!

O Tempo trago occupado
Em me ver de tudo fora;
Mas triste é aquella hora
Quando me lembra o passado.
Lembra-me minha verdade;
E quão pouca lealdade
Amostrou em se casar,
Casada sem piedade,
Vosso amor me hade matar.

Deste tempo tão mudado
Não me fica em poder
Mais que hum triste prazer,
Se nelle tinha passado.
Tenho esperança perdida,
Do que a tinha servida,
Que já a não posso cobrar;
Direi mal á minha vida,
Cada vez que me lembrar.

Quando me quero lançar,
Tenho-a na phantasia;
E de noite vou sonhar
Com ella que lhe diria:
Pois fizestes tal mudança
Sem terdes de mim lembrança
Acabse-me, minha vida,
Pois não tenho esperança
De jámais ver-vos vencida.

Sempre lhe veja praser
Como á hora, em que casou,

E veja nunca lhe ver
 Mais que quanto me deixou,
 Pois tão triste me deixaste
 Com a vida que tomaste,
 Em quanto vida tiveres
 Rogo a Deos pois que casaste
 Que chorando desesperes.

Tenho estes pelos melhores versos amorosos do Cancioneiro, em que não ha muito por onde escolher neste genero. Ao menos aqui ha naturalidade de expressão, e sentimentos em que a alma se retracta sem circumloquios enredados, e phrases rebuscadas.

As outras obras de Diogo de Mello, acham-se no Cancioneiro de Resende a paginas cento e quarenta e nove verso, a paginas cento cincoenta, e cento e cincoenta e um; mas julgo que as Trovas acima transcriptas bastam para dar idéa do seu estylo, e gosto de poetar.

CAPITULO XXVIII.

Diogo Brandão

Este Poeta nasceu na Cidade do Porto, e nella morreu, em 1530. Foi Cavalleiro d'El-Rei D. Manoel e Contador da Fazenda Real da Comarca do Porto.

Foi um dos homens mais profundos em Latinidade, que houve no seu tempo. Os seus contemporaneos não só o respeitaram como grande Poeta, mas faziam tão boa idéa do seu bom gosto, que lhe davam a corrigir as suas composições, nem me parece que elles se enganavam nesse conceito, porque entre os Poetas, cujas obras compõem a voluminosa collecção do Cancioneiro de Resende, ha mui poucos com tanto engenho, e espirito poetico como Diogo Brandão. Além da força de expressão, de que a natureza o dotára, da clareza, regularidade, e apuro de lingua-

gem, é talvez o unico em quem apparece aquelle dote, que se chama invenção, e sem o qual ninguem pôde com razão chamar-se Poeta, ou pelo menos grande Poeta.

É para lamentar, que este Escriptor não tivesse vindo ao Mundo mais tarde, isto é, quando florescia a Eschola Italiana, de que fôra sem dúvida um dos melhores ornamentos.

Diogo Brandão fez muito uso das Estancias de oito versos de arte maior, que então principiavam a ser moda: esta moda vinha de Castella, e é natural que se houvesse vulgarisado entre nós com a leitura do Laberyntho de João de Mena, que é escripto nestas Estancias.

Isto era já um presentimento, que os Poetas que tinham mais genio entre as duas Nações visinhas, e rivaes, começavam a ter, de que as Coplas de arte menor não eram appropriadas para tractar os grandes assumptos; ensaiaram por tanto estas Estancias em versos, que se aproximavam mais ao Hexametro dos Gregos, e dos Latinos.

É verdade que estes versos, digamo-lo assim, *dangantes*, e monotonos, e estas Estancias ainda mais monotonas, e fastidiosas, não eram susceptiveis da variação harmonica, e da rapidez, e magestade que exige o estylo heroico, mas eram já um progresso para a arte, e uma novidade, e como tal deviam ser bem recebidas pelos que não sabiam mais.

Foram porém abandonadas em ambas as Nações, quando Boscan, e Garcilaso na Hespanha; e Sá de Miranda, e Ferreira, em Portugal, adoptaram os metros Italianos, que eram os mais conformes com o genio de ambas as linguas.

Deixando porém este objecto para o logar competente, quando passarmos em resenha a Escola Italiana, passemos a transcrever algumas das composições de Diogo Brandão, e principiaremos pelo Poema funebre á morte d'El-Rei D. João II., de quem o author parece ter sido Creado.

Todos mui attentos na morte cuidemos
Da qual duvidamos por mais nosso mal,

Que della, sabendo ser cousa geral,
 Mais nos espantamos do que nos prevemos.
 Os bens temporaes por alheios deixemos
 Pois mais nos provocam a mal do que a bem,
 E os quaes, cuidando nos outros, que temos,
 Elles em mui fortes cadeias nos tem.

Os bens, que sam d'alma, aquelles sigamos,
 Pois nelles consiste o vero proveito,
 Busquem-se os de fora, havendo respeito
 A quão brevemente por elles passamos.
 Riquezas, favores, que a qui precalsamos
 Assim como passam se perde a memoria;
 Se bem neste Mundo fazemos, obramos,
 Vives para sempre no outro por gloria.

Em esta fim, logo sejamos prudentes,
 Pois a gloria toda naquella se canta,
 E com boas obras, e vida mui sancta
 Devem-se na morte mui bem parar mentes
 E se pelas cousas que vemos presentes
 Não bem conhecemos o gran poder della,
 Lembrança tenhamos de quão excellentes
 Principes, e Reys passaram por ella.

Dizer dos antigos, que sam consumidos,
 Não quero em Gregos fallar, nem Romãos,
 Mas nos que nos caiam aqui d'entre mãos,
 E vistos de nós, e de nós conhecidos.
 Despertemos todos os nossos sentidos
 Porque este Mundo he tão inconstante,
 Creamos dos mortos, que não são perdidos
 Mas só que são hidos hum pouco adiante.

Não pode ser pouca pois he muito certo
 Que hoje se pode finir esta via,
 E se este não he o derradeiro dia
 Sabei que elle está de nós muito perto.
 Todos nós nascemos com este concerto
 Que quem tiver vida tem certo perdela;
 E pois o viver nos he tão incerto
 Virtude na morte cuidemos bem nella.

E pois tão aberta está esta via
 Por ordem daquelle que a todos nos fez,
 Não nos espantemos de ver huma vez
 Aquillo que pode nos vir cada dia.
 Alli cada hum ordenar-se devia
 Como se já fosse á morte chegado
 E desta maneira nos não enganaria
 Si houvessemos della na vida cuidado.

E de tal maneira devemos tracta-la
 Que pois assim he sem mais duvidar,
 Que ella nos espera em todo o logar,
 Devemos nós outros tambem espera-la,
 Devemos ás vezes por nós deseja-la,
 Conformes com Deos em nossa desculpa,
 Pois que a longa vida, sem mais approva-la
 Pela maior parte tem sempre mais culpa.

Que, sendo compostos daquelle metal,
 Que sempre sejamos o que he sem medida,
 Nunca tanto bem fazemos na vida,
 Que mais não façamos naquella de mal,
 Pois cresce naquella cobiça mortal,
 Raiz, e começo de todos os vicios,
 Abre-se-nos mais o caminho infernal
 Quando mais se sanam os bons exercicios.

Tardando pois logo áquella certeza
 Que huma vez a todos morrer nos convem,
 Trabalhar devemos de o fazer tão bem
 Que a morte sintamos com menos tristeza.
 E a esta tememos com toda firmeza
 Pois ella hade vir de necessidade,
 Menos sentiremos a sua crieza
 Quando a recebermos de boa vontade.

Antigos exemplos á parte deixados,
 E sem os alheios querer memorar,
 Os mortos em Carmos deixemos estar,
 Com outros mil contos, que já sam passados
 E deixam de ser aqui relatados!
 Abaste fallar nos Possuidores
 Desta nobre terra, que della abaixados
 Foram assim como os pobres Pastores.

Que se fez daquelle que Ceuta tomou
 Aos Mouros por força, com tanta victoria ?
 O intitulado de boa memoria
 Que a si, e que aos seos tão bem governou ?
 As cousas tão grandes, que vivo acabou,
 Afora em batalhas mostra-se tão forte,
 Com outras façanhas, em que se esmerou,
 E nunca poderam livra-lo da morte.

Seu Filho primeiro, bom Rey D. Duarte,
 Que foi tão perfeito, e tão acabado,
 Reynando mui pouco, da morte levado
 Foi, bem como quiz quem tudo reparte.
 Seos Irmãos Infantes, que tanto de parte
 Na virtude tinham polo bem que obraram,
 Havendo nas vidas trabalho que farte
 Com tristes successos alguns acabaram.

O Sobrinho destes, Infante de gloria,
 E Progenitor de quem nos governa,
 Que foi de virtudes tão clara lucerna,
 Tambem houve d'elle a Morte victoria.
 Com tudo não pode tirar-lhe a memoria
 De ser esforçado, e forte na Fé,
 Tomou este Principe digno da Historia
 Aos Mouros por força o grande Anafé.

Nem o Quinto Affonso eu quero callar,
 Que assim como teve victoria crescida,
 A tantos trabalhos susteve na vida,
 Que lhe motivaram mais cedo acabar;
 Tambem acabou o Filho de dar
 O fim a esta vida de tanta miseria,
 No qual determino hum pouco fallar,
 Posto que emprehendo mui alta materia.

Este foi aquelle bom Rey D. João,
 O mais excellente que houve no Mundo,
 O Rey destes Reynos, de nome o segundo,
 Catholico, humano, segeito á Rasão:
 Do qual mui bem creio sem contradicção,
 Julgando das obras, e como morreu,
 Que deve bem certo de ter salvação,
 Pois tão justamente na terra viveu.

E que nas virtudes foi tão merecido,
 Que he muito difficil poderem-se achar,
 Louvores, que possam c'os seus igualar,
 Tão grandes assim como ha merecido.
 Mas posto que fosse de todo comprido
 De grandes bondades, em que floresceo,
 Algum louvor seu darei não fingido,
 Que será mais baixo do que mereceo.

Teve elle nas cousas de Deos excellencia;
 Aquellas amava, honrava, temia;
 Em fabricas santas mui bem despendia,
 Assas largamente com magnificencia.
 Com justa medida e grande prudencia
 As suas esmolas mui bem repartia:
 E quem se presava de santa sciencia
 Muito certamente ante elle valia.

Não sei com que lingua dizer-se podia
 O como hera grande, e em tudo magnifico,
 E mais desejava seo Povo ter rico,
 Do que elle de o ser prezar-se queria.
 Por estas taes obras, que sempre fazia,
 A sua nobreza bem clara se vê;
 Havia por perda passar-se algum dia
 Sem que elle naquelle fizesse mercê.

Deve advertir-se que devendo nesta Estancia o segundo verso rymar com o terceiro; o primeiro delles acaba com a palavra *magnifico*, que não faz ryma com a palavra *rico*, final do terceiro verso, porque os vocabulos exdruxulos, isto é, que tem o accento predominante na antepenultima, não rymam com os graves, isto é, que tem a penultima longa; por tanto de duas uma; ou se hade admittir que o author commetteu um erro grosseiro de versificação, ou que no seu tempo se pronunciava ás vezes o vocabulo *magnifico*, com a penultima longa; o que me parece inadmissivel, pois em tantos Poetas, cujas obras tenho lido, inda não encontrei outro exemplo de tal anomalia. Prosigamos.

Já mais nos antigos, modernos, que leio
 Se achou outro tal em liberalidade,

Partia com todos com tanta vontade,
 Que nunca em nobreza ao Mundo tal veio.
 E segue-se logo daqui, como creio,
 Que havendo-se nisto assim grandemente,
 Que mal poderia tomar o alheio
 Visto que o seu dava de tão boamente.

Elle hera hum mesmo no praser, na sanha;
 Das cousas virtuosas havia cobiça:
 Igualmente a todos fazia justiça
 E sem se lembrarem de teias de Aranha.
 Hera mui temido, e amado em Hespanha:
 E tal que não sendo para Rey nascido
 Segundo a sua virtude tamanha
 Devera por isso de ser escolhido.

Que desta maneira está confirmado
 Que o Rey, e o Principe que hade mandar,
 Pera bem os outros saber emendar
 Devera primeiro de ser emendado:
 Mas este na vida foi tão acabado
 Que elle so per si hera a propria ley,
 Para cada hum viver castigado,
 Sem mais outra regra nenhuma de Rey.

Os Principes bons, por seo bom viver
 Exemplo tomavam do bem que faziam;
 Os máos isso mesmo por elle sabiam,
 As cousas, que bem deviam fazer.
 E deste devemos por certo de crer
 Quinda que elle ca mil annos vivera
 Na força do corpo podia envelhecer
 Mas nunca na d'alma velhice tivera.

Os Reys, que vierem para bem reger
 Tomar devem deste exemplo geral;
 Pois he muito certo que aqieste foi tal
 Qual o prometiam os outros de ser.
 Os subditos seus, por seu merecer,
 A Deos tão somente por elle rogavam
 Estando mui certos, que em o assim fazer
 Por si, por seus filhos, por todos oravam.

Era em suas obras tão bem temperado
 Que o que por palavra hũa vez prometia,
 Com maneira tal, tal fé o cumpria
 Bem como se fora por elle jurado.
 Não se gloriava de ter alcansado
 Da mão da Fortuna algum bem temporal,
 Toda a sua gloria hera te-lo ganhado
 Co'alguma virtude, e bem divinal.

Com os Lisongeiros mui pouco folgava,
 Heram seus Conselhos mui Santos, mui sãos
 Mostrava-se humano aos que heram meãos,
 E os grandiosos, e vãos despresava.
 Virtude por obras mais exercitava,
 Que não por palavras, nem outras maneiras
 As cousas do Mundo assim as amava,
 Que não se esquecia das mais verdadeiras.

Tinha alta prudencia; tambem fortaleza;
 Amava a Justiça com grão temperança;
 Fé, e Caridade, tambem Esperança,
 Que nelle moravam com toda a firmeza.
 Ornaram-no estas de grande riqueza,
 E nunca jamais o deixaram na vida,
 Na morte lhe deram tamanha franqueza
 Que gloria por sempre recebe comprida.

Estas, que vos digo, virtudes geraes
 Assim nomeadas hum pouco deixemos
 Porque he justa cousa tambem que fallemos
 Nas particulares mais especiaes:
 As quaes conhecidas por muito Reaes
 E sendo a todos assim manifestas,
 Ainda fez outras mui grandes, e mais
 Que heram maiores, por serem secretas.

Daqui se consire na ordem que dava
 Dividas pagando, que seo Pay devia,
 Pois como as suas ja mal pagaria
 Quem tão grandemente alheias pagava?
 Jamais d'elle Orphão nenhum se queixava
 Por inteiro a todos mui bem se pagou,
 Com pagas dobradas vi eu se pagava
 A prata de Igrejas, que então se tomou.

Pois la em Castella !ahi nessa guerra
 Se foi esforçado mui bem se mostrou
 Depois da Batalha no campo ficou,
 Os mortos naquella mettendo na Terra.
 Tambem dessas pazes, si a penna não erra
 Foi muito prudente, e mui sabedor,
 Os meios tomando dos valles e serra,
 Que nesses consiste verdade maior.

Não menos no Reino por esse theor
 No tempo que foi aquella discordia
 Usou mais com elles de misericordia
 Do que nisso fez com justo rigor,
 Elle hera temido dos seos com amor ;
 E a Deos temia com todo querer ,
 Porque quando Rey de Deos tem temor
 Então os havemos mui mais de temer.

Com animo grande de esperas Reaes
 Abrio o caminho de todo Guiné,
 Mais para crescer Catholica fé,
 Que pola cubiça de bens temporaes.
 Com ella fez ricos os seus Naturaes,
 Os Infieis trouxe a ver salvação
 Por obras tão justas, e tão devinaes,
 Serão sempre vivas, segundo rasão.

Se em todo Ponente se sente gran Gloria
 Por serem as Indias a nós descobertas,
 Elle foi a causa de serem tão certas,
 E tão manifestas por sua Victoria.
 Pois he sua fama a todos notoria
 Culpem-me a mim muitas, e mais de huma vez,
 Se dellas não faço aquella memoria
 Que justa merecem os feitos, que fez.

A fim ja chegado da sua partida,
 Sendo esta de todas a causa mais forte,
 E ja muito cerca da hora da Morte
 Não se deslembrou dar cousas da vida.
 E tendo a candeia ja quasi perdida,
 A penna na mão termendo tomava,
 E com moderada justiça devida
 Tensas, e Merces, Padrões assignava.

Seus males e culpas gemendo com dor,
Partio desta vida na fé esforçado,
Pelo qual eu creio que outro Reinado
Possue lá co' Deos, e muito milhor,
Fez fim no Algarve, na Villa de Alvor,
No decimo Mez ao fim ja propinquo,
Sendo este da Era de nosso Senhor
Quatorze centenas, noventa mais cinco.

Com gran cerimonia a Silves levado
Dali foi dos seus, que o muito sentiam,
Quem antes hum pouco as Gentes seguiam,
Ali ficou so de todos deixado!
Oh Morte que matas quem he prosperado,
E sem do formoso curar, nem do forte
E deixas viver o malaventurado
Para que vivendo receba mais morte.

Dali a trez annos não bem procedentes
Foi com grande festa daqui traspasado,
E jaz no logar, que está deputado
A ser mausoleu dos nossos Regentes,
Quiz Deos dali dar a muitos Doentes
Comprida saude?... tomam onde jaz,
Em serem os Anjos com elle contentes
Nos he manifesto nas obras que faz.

Fez isto por elle o mui poderoso,
O Rey excellente Manoel Primeiro,
Que nelle deixou successor verdadeiro
Como Rey mui justo, e mui virtuoso,
E soube este Principe muito animoso,
Que hoje nos governa com tanta medida,
Pagar-lhe na morte como piedoso,
O Bem recebido daquelle na vida.

Se as honras, riquezas, virtudes, poder
Poderam alguém da morte livrar
Este justo Rey sem mais altracar
De certo jamais podera morrer.
Mas pois assim he que os bons ham de ser
Tambem sepultados a vida deixando,
Oh quanto mais devem os máos de temer
Que sempre jamais, viverem pecando.

A gloria de Deos, de tanta excellencia
 Não busca ninguém, sendo tão preciosa,
 Porem a do Mundo que he tão enganosa,
 Procuram os Homens com gran diligencia.
 E oh como he de gran preeminencia
 Quem poem n'hum so Deos amor, e querer!
 Quem não ama o Mundo com toda a crêencia
 Não tem nelle cousa que possa temer!

Seja nossa culpa de nós conhecida
 Em quanto vivemos façamos pendenza,
 Que sem a fazermos segundo sentença
 Havermos no morte perdão se duvida.
 Por sanctos Doutores he mui repetida
 Aquella Doutrina, que ver nos convem,
 Que quem sempre mal viveo nesta vida
 He muito difficil poder morrer bem!

O Eterno Deos com justa balança
 Permite com grande vigor, e mui forte,
 Se esqueça de si na hora da morte
 Quem d'elle na vida não teve lembrança.
 No bem, que fazemos, tenhamos fiança;
 Que em summa justiça, está ordenado
 Que sempre careça de toda a folgança
 Quem nunca jamais faltou ao pecado:

Eia, despresemos o breve praser,
 Que logo se torna em breve tristesa,
 Que mui facilmente o Mundo despreza,
 Aquelle que cuida que hade morrer!
 E quem firmemente aqesto tiver
 Nas cousas de Deos será mui constante
 Bemaventurado se deve de haver
 Aquelle que a morte tem sempre diante.

Desculpando algumas irregularidades de expressão, alguns versos mal torneados, algumas phrases prosaicas, cousas que só se evitam na maturidade da Arte; este Poema é das melhores composições do Cancioneiro. A' vista della persuado-me, que Diogo Brandão, é dos poucos Authores do Cancioneiro que pertencem á classe popular. Não é probavel que um

Poeta d'alta linhagem emprehendesse a composição de um Panegyrico de D. João Segundo, Rei muito pouco grato á aristocracia, pelos motivos, que largamente se expendem na Historia do Reino, e na Chronica deste Rei; era porém mui respeitado dos Estrangeiros, que o intitularam *Mestre de reinar*; e adorado do Povo, a quem defendia das vexações, e avarias dos Grandes, e a quem administrava justiça recta, e imparcialmente. Era pois a um Poeta do Povo que pertencia derramar flores sobre o seu sepulchro.

Para se conhecer a flexibilidade do talento deste Poeta, transcreverei o seguinte Epigramma feito a Henrique de Sá, na occasião, em que chegando á Portaria de certo Mosteiro, lhe sabio ao encontro uma das Freiras, que sem lhe dizer palavra, lhe tomou a ponta da capa, e lha beijou.

Sem vida fazer em lapa
As vossas amigas tanto
Me tem por Homem tão santo,
Que me vem beijar a capa,
Mas por mais minha saude
Desejo saber em cabo
Se ma beijam por Diabo,
Se por Homem de Virtude.

Terminaremos estes extractos por outro Poema do Author em redondilhas, que tem por titulo — *Fingimentos de Amor*— e que é talvez a composição deste tempo, em que brilha mais imaginação, e espirito Poetico.

Heram da sombra da Terra
As nossas Terras cobertas,
Quando parecem desertas
As habitações sem guerra.
Ao tempo que repousam
Os corações descansados;
E os malfeitores ousam
Cometer mores pecados.

Os nove mezes do anno
Heram ja quasi passados,
Quando heram meos cuidados

Crescidos por mais meo dano,
 E assim com mal tão forte
 Mais crescendo minha fé,
 Vi passar alem do pé
 As guardas do nosso Norte.

Se dormia não sei certo,
 Se velava muito menos,
 Com meos males não pequenos
 Nem durmo, nem sam desperto
 Não me estrevo de turrado
 Dize-lo, não sei se cale...
 Dali me senti levado,
 E pbsto no fim do valle.

Oh divina Sapiencia
 De todos tão desejada,
 E de mim pouco gostada
 Por não ter suficiencia!
 Faze-me tão sabedor,
 Que possa dizer aqui,
 Com favor do teo favor
 As grandes cousas que vi.

Com favor do teu favor faz lembrar a campanuda, e esdruxu-la eloquencia de Feliciano da Silva, Author da Vida de D. Florisel de Niqueia, romance cavalheiresco, em que apesar da estravagancia de estylo, se encontra muita imaginação, e muita invensão de lances interessantes, que se encadeam, e ligam maravilhosamente uns com os outros, diz elle com pouca differença, si bem me lembro, o seguinte « A força da força, que minha constancia oppõem á força da vossa esquivança, me dará força para vence-la com a força do meu amor. » Estas orações compostas com a declinação completa de um nome deparam-se a cada passo na Chronica de D. Florisel, e nas mais obras de Feliciano da Silva. Que idéas tinham estes Homens, e seus Contemporaneos, da eloquencia, da elegancia, e do estylo! Prosigamos.

Por este valle corria
 Huma tão funda Ribeira,

Que estando junto da beira
 Escaçamente se via!
 Tanta tormenta soava
 Naquelle logar eterno
 Que se me representava
 Quanto dizem do Inferno.

De mui escura neblina
 Hera o ar todo coberto;
 Devia ser dali perto
 O logar de Proserpina.
 O fogo, sem se apagar,
 O mal sem comparação,
 Podiam bem demonstrar
 O Imperio de Plutão.

Não vi Camaras pintadas,
 Com ricos Pateos de fundo,
 Dos ricos daquelle Mundo
 Por demasia buscadas.
 Nem vi saaves cantoras
 Com vozes mui concertadas
 Mas mui descordes clamores
 Das almas atormentadas.

Não vi Aves mui soidosas,
 Que cantassem docemente,
 Mas bradavam fortemente
 Serpentes mui espantosas.
 Alli praser não senti,
 Antes descontentamento;
 Toda cousa que ali vi
 Era para dar tormento.

Dali quizera salvar-me
 Do que via temeroso,
 E das armas do medroso
 Juntamente proveitar-me.
 Mas achar não pude via.
 Para me poder salvar,
 Então mostrei valentia
 Para mais me condemnar.

E sem fazer a vontade,
 Nem esperar por saude,
 Quiz ali fazer virtude
 Da minha necessidade.
 E tambem por ser sem falha
 Esta verdade que digo,
 Que os que fogem da batalha
 Passam sempre mor perigo.

E como faz quem peleja,
 Vendo-se desesperado,
 Por honra tomar forçado
 A morte que já deseja;
 Assim me fui junctamente
 Onde o fogo mais ardia
 Por viver honradamente,
 Ou morrer como devia.

Assim de todo mudado
 Ali junto me cheguei;
 E neste modo fallei
 Assás bem temorisado.
 Oh gentes atribuladas,
 Porque rasão se vos dê (1)
 Dizei a causa porque
 Sois assim atormentadas!

Logo de todo cessaram
 D'aquelles grandes tumultos,
 E com mui disformes vultos
 Para mim todos olharam.
 E logo se levantaram
 Entre todas huma dellas
 E sem culpar as Estrellas
 Desta maneira fallou.

Este pranto tão dorido,
 E tantas tribulações,
 Sam os justos galardões
 Dos Sequases de Cupido,
 Que por lhe sermos leaes
 Tantas mortes nos perseguem,

(1) Imitação de Dante.

Que novas dôres mortaes
 Sam mui mais do que se seguem.

Penamos pelas folganças,
 Que vivendo procuramos;
 Que he impossivel que hajamos
 Duas bemaventuranças,
 Que seria grande historia,
 E, juizo mui profundo
 Levár já praser no Mundo
 E nestoutro tambem gloria.

Somos passados do frio
 Em grandissima quentura;
 A vida não tem segura
 Quem bebe de aqueste Rio.
 Que neste fogo penados
 Sejamos sem esperanza,
 Mata-nos mais a lembrança
 Dos prazeres ja passados.

Parece-me reconhecer nesta composição alguns traços do estylo de Dante; o que não admira, pois naquella epocha principiava entre nós a generalisar-se a leitura dos livros Italianos, e até creio que foi neste tempo, que se publicou em coplas de arte maior uma traducção do Inferno de Dante, que me lembro de ter visto na Bibliotheca Publica de Lisboa, impressa em caracteres gothicos. Mas quem julgaria que a idéa dos tormentos pelo calor, e pelo frio, que tanto effeito produzia no Theatro Lyrico de Paris, com especialidade na Opera de *Issa*, havia de ter origem na imaginação de um Trovador Portuguez do decimo quinto seculo? não creio que La Motte, e os outros Poetas Francezes a deparassem destas Trovas de Diogo Brandão, de que provavelmente nunca tiveram noticia; mas não direi o mesmo de Klopstock, em cuja *Messida* ella se encontra, porque a lingua Portugueza é bem conhecida na Alemanha, e nas litteraturas daquella nação existem alguns exemplares do Cancioneiro de Resende.

Pelo qual se tu quizeres
 Ser livre do nosso mal,
 Trabalha quanto poderes
 Por fugir caminho tal.
 Sempre te guie a razão,
 Governe como cabeça,
 A vontade lhe obedeça,
 Sem outra contradicção.

E se quereis saber mais
 Porque deis conta de mi,
 Sou hum dos que descendi
 Aos abismos infernaes;
 E fui lá com tal ventura
 Que quanto quiz acabei,
 Mas depois me condemnei
 Por não guardar a postura.

E por mais certos signaes
 De Euridece fui marido,
 Por ella mesmo perdido
 Nestas pennas immortaes,
 Eu fui aquelle, que ouvistes
 Que em musica soube tanto,
 Que fiz com meu doce canto
 Não penar as almas tristes.

Aquestas outras companhás,
 Que penam nestas cavernas,
 Antiguas, tambem modernas,
 Sam de mil terras estranhas;
 Que jámais se passa dia
 Que aqui não sejam trazidos;
 Que he mui espaçosa a via
 A que seguem os perdidos.

Logo bem não acabou
 De dizer estas rasões,
 Quando com lamentações
 Longe de mim se apartou;
 Quizera ser informado
 Daquella Gente, que vira,

Mas dali fui relatado,
E posto d'onde partira.

A manhã escrarecia
Quando com cantos suaves
Nossas domesticas Aves
Dam signaes de claro dia.
Pelas cousas que ali vi
De que nada fui contente,
O meu cuidado presente
De deixa-lo premiti.

Mas fui tal dali passando
Como Homem que prometera
Mui grandes mastos de cera
Em fortuna navegando.
Que vendo-se della fora
Tornado já em bonança
Do que passou naquella hora
Não lhe fica mais lembrança.

E como faz o Doente
A morte vendo diante,
Que promete dahi avante
Viver muito continente;
Mas o medo ja passado
He do que via esquecido.
Assim me vejo perdido
Mais agora, e namorado.

E bem como tem o Norte
Ternura sem se mover,
Espero firme de ser
Na vida, tambem na morte.
Assim como cae direito
O dado quando se lança
Assim minha mal andança
Não me muda d'outro geito.

E bem como a agua do mar
Não muda jamais a cor,
Nem perde nunca o sabor

Por quantas nelle vam dar;
 Assim eu triste não posso
 Com mil males destes taes,
 Deixar nunca de ser vosso
 Eu que sejam muitos mais.

E pois com tanta verdade
 Vos sirvo com fé, Senhora,
 Havei por Deos alguma hora
 De meos males piedade.
 Que se deste mal profundo
 Eu não sam remediado,
 Sam perdido neste Mundo,
 E no que vi condemnado.

Parece-me que ha nesta composição todos os requisitos necessarios para se julgar boa, invensão, phantasia, clareza de estylo, brevidade, poesia descriptiva, drama, affectos, e comparações variadas, de que muito careceram os Poetas desta eschola.

CAPITULO XXIX.

Henrique da Matta.

Poucas Poesias satyricas haverá no Cancioneiro de Resende, abundante na verdade deste genero de composições, que possam disputar a palma, ás que ali se acham estampadas em nome deste Poeta.

O seu genio caustico, e mordaz arroja uma torrente de dicerias, chistes, e apodaduras sobre o objecto a que se refere, e sem tornar-se pesado, não cessa os ziros sem ter a aljava do ridiculo inteiramente despejada; o que se evidencia das trovas, que passo a copiar.

A primeira é dirigida contra um Clerigo, que como muitos da sua profissão, especialmente nas Pro-

vincias, se esmerava mais em ter uma adega bem provida de vinho generoso, do que uma escolhida livraria.

Acontecêra áquelle bom Padre a não pequena desventura, de, não sei porque accidente, se lhe haver aberto a torneira de uma pipa, derramando-se todo, ou quasi todo o seu contheudo pelo chão.

O maledico Trovador, em vez de compadecer-se da desgraça acontecida ao pobre Ecclesiastico, tomou daqui assumpto para aggravar as suas magoas por tamanha perda, introduzindo-o em uma satyra, chorando, e lamentando com um pathetico resível; nada mais no espirito deste genero de composição, que os seus soliloquios, as suas apostrophes ao vinho, á pipa, á escrava negra, que lhe servia de ama, ao seu Vigario, que lhe responde, a Alvaro Lopes, ao Almoxtarife, ao Juiz dos Orphãos, queixando-se de uns, queixando-se a outros, e acabando pelo protesto de chorar toda a sua vida por tamanha desgraça.

Tenho para mim que este Poema é uma obra prima de bofonaria; até a escolha do metro, e os dous quadrenarios com que cada Estrophe é interrompida, e terminada me parecem augmentar o effeito de cada uma dellas

Ai! ai! ai! ai! que farei?
 Ai dôres, que me cercaram!
 Ai! que novas me chegaram!
 Ai de mim! onde me hirei?
 Que farei, triste mesquinho,
 Com paixão?
 Tudo levou máu caminho,
 Pois que vai todo o meu vinho
 Pelo chão!

Oh vinho! quem te perdera
 Primeiro que te comprara!
 Oh quem nunca te provára,
 Ou provando-te, morrerá!
 Oh quem nunca fôra nado
 Neste Mundo!
 Pois vejo tão malogrado
 Hum tal bem tão estimado
 Tão profundo!

Oh meo Bem tão escolhido,
 Que farei em vossa ausencia?
 Não posso ter paciencia
 Por vêr-vos assim perdido!
 Oh Pipa tão malfadada
 Desditosa,
 De fogo sejas queimada
 Por teres tão mal guardada
 Esta Rosa!

Oh Arcos, porque ehuchastes!
 Oh vimes de maldição!
 Porque não tivestes mão
 Assim como me ficastes?
 Oh mau, vilão Tanoeiro
 Desalmado,
 Tu tens a culpa primeiro
 Pois levaste o meu Dinheiro
 Mal levado!

Oh Perra de Manicongo,
 Tu emtornaste este vinho,
 Huma posta de toucinho
 Te heide gastar nesse lombo
 «A mim! nunca, nunca mim
 » Intornar!
 » Mim ardar a auguar Jardim,
 » A mim nunca ser ruim,
 » Porque bradar?»

— Se não fosse por alguém,
 — Perra, eu te certefico
 — Bradar com almexetico
 — Alvaro Lopo tambem.
 « Vos logo todos chamar,
 » Vós beber,
 » Vós Pipa nunca tapar,
 » Vós a mim quere pingar,
 » Mim morrer!»

— Ora, Perra, calla jú,
 — Senão matar-te-hei agora;
 «Aqui ser Juiz de Fóra,

» É mim logo vai té lá,
 » Mim também fallar Mourinho,
 » Sacrivão:
 » Mim nom medo dos toucinho
 » Guardar não ser mais que vinho
 » Cretigão.»

Ora eu te dou ao Diabo!
 Rogo-te já que te calles,
 Que bem me abastam meus males,
 Que me vem de cada cabo.
 Olhem a Preta o que diz
 Que fará!
 Hirá dizer ao Juiz
 O que fiz, e o que não fiz
 É crê-la-ha!

E pois ella he tão ruim
 Bem será que me perceba,
 Dirá que he minha Manceba
 Para se vingar de mim.
 Então em provas, não provas,
 Gastarei,
 Hirão dar de mim más novas,
 E farão sobre mim trovas,
 Que farei?

É admiravel o artificio desta Estrophe; o Poeta não diz que o Clerigo tinha a escrava por manceba; mas para que a assersão tenha mais força, faz que elle proprio atarantado com a ameaça da negra, o dê a entender; ainda mais a este rasgo de artificio, o Poeta junta outro de maior alcance para quem tiver presente a Ordenação do Reino. O Padre não receia tanto a animadversão do Juiz, como as despesas, que pôde fazer com o processo, e as trovas que podem dirigir-lhe os praguentos. Está visto que a arte havia já feito não pequenos progressos, ao mesmo passo que mostra a desmoralisação, e relaxamento, que naquella epocha começava a lavrar na Disciplina Ecclesiastica.

O siso será callar
 Para não buscar desculpa.

Pois a Negra não tem culpa,
 Pera que lhe quero dar!
 Eu sam aqui o culpado
 E outrem não!
 Eu sam o damnificado,
 E eu sam o magoado,
 Eu o sam!

Que negra entrada de Março!
 Se tudo vai por esta arte,
 E as Terças d'outra parte
 Ham-me de dar hum camarço!
 'Oh vós outros, que passaes
 Pelas vinhas
 Respondei, assim vivaes,
 Se vistes dôres iguaes
 Como as minhas!

Pois não tenho aqui Parentes,
Saltem vos, amici mei,
 Chorareis como chorei.

Chorareis a minha Pipa,
 Chorareis o anno caro;
 Chorareis o desamparo
 Do meo Bem de Caparica.
 E pois tanta dôr me fica,
Saltem vos, amici mei
 Chorarei como chorei.

» Oh gordo Padre Vigario
 » Vós que sabeis que dôr he,
 » Ajudai por vossa fé
 » A chiorar este sadario:
 » Se perdêra o Breviario,
 » Nem a capa que comprei
 » Não chorára o que choiei.

— Oh Irmão, muito perdeste
 — E segundo o que em mim sinto,
 — Não tivera atrevimento
 — De sofrer o que sofreste.
 — He um tão grande mal este,

— Que com dó que de ti hei
— Pera sempre chorarei.

« Oh Alvaro, Irmão amigo,
» Vê-lo? jaz aqui no chão! ...
» Pois perdeste teu quintão,
» Vem, e chorarás comigo.
» Eu certamente te digo,
» Que quando morreo ElRey,
» Por Deos! tanto não chorei.»

— Melhor me fôra perder
— Dez mil vezes meo Officio,
— Ou hum grande Bénéficio,
— Que tanta pena sofrer.
— Pois não temos que beber,
— Oh Irmão onde me hirei?
— Pois que choras, chorarei.

« Oh Almojarifé, Irmão,
» Levantemos esta Pipa,
» E veremos se lhe fica
» Ainda algum Membro são.
» Mas eu tenho tal paixão
» Do triste que não logrei,
» Que por sempre chorarei.»

— Pois que não tem alma já,
— Pera que he o levanta-la!
— Mas muito peor será,
— Que dizem que ficará
— Esta casa violada.
— A Comfraria he damnada!
— O' Irmão! que te farei?
— Se chorares, chorarei.

« Vós que tendes jurdiçam,
» Naquelles, que não tem Pay,
» Vinde, vinde aqui, chorai,
» Porque eu tambem Orphão sam.
» E que vossa condiçam
» Seja d'agua como sei,
» Chorareis como chorei.»

- Esforçae, não vos máteis!
- Pertô he daqui a Agosto;
- A Negra fica com vosco
- Com que vos confortareis.
- Do perdido não cureis,
- Nem chameis aqui d'ElRey,
- E eu vos consolarei.

Todo o Genero honrado
 Em que a virtude consiste,
 Ajudai chorar o triste
 Que jaz aqui embornado!
 E pois eu por meo pecado
 Pera tanto mal fiquei;
 Pera sempre chorarei.

Não ha menos galanteria, e pilberia em outra composição do mesmo auctor, para cuja intelligencia, é necessario ter presente o seguinte. Estando o Poeta no Bombarral, passou pela casa de D. Diogo, filho do Marquez, e viu estár presa á porta uma mula mui magra, e perguntando de quem era, lhe foi respondido, que pertencia a D. Henrique, irmão do sobredito D. Diogo, e que estava ali para levar o seu Ayo, que devia acompanhá-lo á Nazareth, onde ia de romaria a Nossa Senhora. O Poeta, considerando a falta de tratamento, que se observava no pobre animal, sem embargo de pertencer a pessoa de tanta representação, e riqueza, não poudé conter a sua veia satyrica, e para logo se occupou com a composição dos seguintes versos, em que mette a ridiculo a mesquinha-ria com que aquella cavalgada parecia ser tractada em casa de seu dono.

Que assil estaes destriacelada!
 Vós no pecado da gula
 Não deveis de ser culpada!
 Segundo estaes delicada
 Juraria
 Que sereis acostumada
 A comer pouca Ceuada
 Cada dia!

ENSAIO BIOGRÁFICO CRÍTICO.

Vós por vossa gran magreira
 Não deveis ter dôr de braço:
 Já deveis deixar o Paço
 Pois vos dam tam má canteira,
 Que eu não sinto quem vos queira;
 Porem sei
 Quando foi da Alfarrobeira,
 Que andaveis na dianteira
 C'os d'ElRei.

Dessa vossa guarnição
 Não sei si vos contentais,
 Por outra parte he rasão
 Pois que tem tantos mataes
 Ouro, prata, estanho, e mais
 Tem verniz:
 Latão, cobre, não deixais
 Pareceis hi onde estaes
 Hum buiz.

Si fordes á Nazareth,
 Alli he vossa fartura:
 Oh que gran doçura he
 Arêa, e agoa do mar!
 Si vos Deos bem ajudar
 Nesta jornada
 Quero-vos prophetisar
 Que lá haveis de ficar
 Estirada.

Vós pareceis hum Diabo,
 Se não quando sois mui feia,
 Por mais que bulaes co' rabo
 Haveis de ter mui má ceia.
 Tendes feição de Lampreia
 Na longura.
 De barriga pouco cheia
 Oh Jesu, que má estreia
 Que tristura!

« Abofé! bem vos meteis
 » Sem saber com quem fallais!

» E demais si vós cuidais.
 » Que fallais com quem sabeis!
 » Vós de mim zombar quereis
 » Assús mal!
 » Que fui do Senhor Marquez,
 » Que já Reys vi morrer tres
 » Em Portugal.»

— O que dizeis he assi?

— Dizei, assim vos Deos farte.
 « No tempo d'ElRey Duarte
 » Vos affirmo que nasci.
 » E já quatro Reys servi
 » Portuguezes;
 » E com quanto mal sofri,
 » Nunca da casa sahi
 » Dos Marquezes.»

— Pois com quem viveis agora,

— Que vos tem tão mal tratada?
 » Traz-me hum Homem emprestada
 » De quem se já cedo fora.
 — Não me direis onde mora?
 » Si morasse....
 » Mas traz huma tal espora!
 » Queria que na má hora
 » Se fallasse!

— No tempo dos Caramellos

— Que comeis? « Que Deos vos valha
 » Huma quarta de favellos,
 » Huma joeira de palha.»
 — Não comeis outra batalha?
 » Assim gosédes!
 » Não como mais ni migalha:
 — Dár-vos-ha fome batalha!
 » Já o vedês!»

— Ora bem, e no beber

— Assim vos poem provisão?
 « Quanto a disso ha fartação,
 » Nem ha hi al que dizer.

» Sa, me dessem de comer
 » Dessa maneira,
 » Bem podia gorda ser,
 » Nem me veria morrer
 » De lazeira. »

— Tendes los ossos mui altos,
 — E a carne mui sumida,
 — Andaes bem fora dos saltos
 — Sois de quadris bem fornida.
 « Por hi vereis bem a vida,
 » Que eu passo;
 » E por ser mais destruida
 » Vou com hum Homem nesta vida
 » Muito escasso. »

— Ora bem, esse vosso amo
 — Não direis como se chama?
 « He o amo, que eu desamo,
 » E que a mi mui pouco ama.
 » Não heide callar sa fama;
 » Que me esfolle!
 » Mas se agora houvesse lamma
 » Se lhe eu não fizesse a cama
 » Na mais molle. »

Este ultimo rasgo é excellente, se attendermos ás manhas destes animaes. Penso que os extractos aqui apresentados sam bastantes para os estudiosos fazerem idéa do estylo dos Poetas desta epocha, contidos no Cancioneiro de Resende; nem sería possível mencionar um tão grande numero de Authores como se encontra naquella vasta collecção, acrescendo a isto, que tendo ella sido feita com pouca escolha, muitas dellas não merecem a honra de serem mencionadas, e outras, como as de Francisco de Sá e Miranda andam impressas nas suas Obras, e sam porisso conhecidas de todos.

CAPITULO XXX.

Gil Vicente.

Entre tantos homens, que com mais, ou menos talento trabalharam por nos crear uma Poesia, despindo a pouco, e pouco a lingua da sua rudeza primitiva, encontrámos um Poeta de verdadeiro genio; um homem que lançou os fundamentos ao nosso Theatro, e que serve como de trasição da escola dos Trovadores para a escola Italiana. Um homem, que nas suas composições lyricas se distingue muito pela elegancia de linguagem, força de expressões, e de idéas, e pela harmonia, e fluidos da versificação.

Este homem foi Gil Vicente, que os seus contemporaneos denominaram o Pai da Graça, e o Plauto Portuguez, e que a muitos respeito merece estas gloriosas denominações, e a reputação Europea, que desfructa.

Sem embargo porém do grande numero das suas obras, do grande applauso, com que foram recebidas no seu tempo por naturaes, e estrangeiros, e dos louvores que lhe tributou Erasmo, que se deu ao trabalho de estudar a lingua Portugueza para poder admirar-lo no original; apesar da veneração com que delle fallaram os nossos mais doutos litteratos modernos, que tinham occasião de o lêr; sam tão escassas as noticias, que nos ficaram a respeito da sua pessoa, ascendencia, naturalidade, e fortuna, tão contraditorias, e incertas, que podem servir de prova da ingratição da Patria, e do culpavel desleixo, com que deixa cahir no esquecimento as cousas com que mais deveria honrar-se, e desvanecer-se.

Não póde com certeza dizer-se que logar, ou povoação deste Reino teve a honra de prestar o berço a Gil Vicente, porque uns affirmam que Guimarães, outros que Barcellos, e outros finalmente que Lisboa.

Esta ultima opinião parece mais bem fundada á vista destes versos do Auto I., onde diz:

Conoceste a Juan domado,
Que era Pastor de Pastores?
Io le vi entre estas flores
Con grande hato de Ganado,
Y su cayado real.

Este Pastor de Pastores, que elle tinha visto *entre estas flores*, isto é, no Paço de Lisboa, onde se representava o Auto, em que o Poeta fazia uma parte, era D. João II.; e já se vê, que sem grande temeridade póde suppor-se que o Poeta era natural desta Cidade; posto que tambem póde collegir-se daqui, que elle viera á Capital no Reinado daquelle Monarcha, e sendo ainda muito moço, queremos dizer, antes do anno de 1495.

As mesmas duvidas se offerecem sobre o anno do seu nascimento; mas se como é mui probavel, era elle quem representava o papel de Justiça Mór na *Floresta dos Enganos*, derradeira composição sua, que se representou em 1536, onde diz:

Ya hize sessenta y seis,
Ya el mi tiempo es pasado.

torna-se mui probavel a opinião do seu illustre Editor, e meu douto amigo o Sr. José Victorino Barreto Feio, de que o nascimento de Gil Vicente fôra no anno de 1470.

Quanto á sua familia, elle mesmo escreveu que era nobre, nem o podemos duvidar, porque sem essa circumstancia, segundo o uso do tempo, não seria admittido no Serviço do Paço. Mas nem elle, nem seu filho Luiz Vicente, tiveram o cuidado de informar-nos dos nomes de seus Pais, nem da posição, que haviam occupado no Mundo.

Parece que o Pai de Gil Vicente o destinava para a carreira da Magistratura, pois o fez matricular na Universidade, então existente em Lisboa, onde estudou com grande applicação, e gosto as humanidades, e com muita repugnância o Curso de Direito Civil,

succedendo-lhe assim o mesmo que ao celebre Torquato Tasso, que tambem involuntariamente se formou em Leis para condescender com a vontade de seu Pai.

A natureza tinha-os creado para Poetas, e não para Doutores. O estudo esteril, e fastidioso da Jurisprudencia só pôde convir a espiritos mediocres, e incapazes de produzir cousa alguma « *Il n'y a pas d'Hommes, qui soient plus dans le cercle des idées de leur profession que les Legistes* » disse com razão um Escriptor moderno; eis ahi porque Ariosto, e Tasso abandonaram essa sciencia logo que puderam, assim como Gil Vicente, naturalmente depois de seu Pai fallecer.

Não nos consta se elle chegou a servir alguns logares de Magistratura; mas só que entrou no serviço do Paço, em 1502.

Seu filho Luiz Vicente, que foi o primeiro Editor das suas Obras, nos informa do modo porque elle incetou a carreira Dramatica. Havendo a Rainha D. Maria, Mulher d'El-Rei D. Manoel, dado á luz um Principe, que reinou depois com o nome de D. João III., na segunda noite depois do puerperio, estando ahi presentes El-Rei, a Rainha D. Beatriz, e a Duquesa de Bragança sua filha, entrou no quarto da Rainha Gil Vicente, vestido de vaqueiro, e lhe dirigiu uma felicitação, em estylo rustico, e em Trovas Castelhanas de pé quebrado, e finda ella, entraram outros individuos, vestidos tambem de Pastores, que apresentaram seus mimos ao Principe recém-nascido.

Era esta a primeira vez que em Portugal apparecia uma cousa, que tivesse visos de representação theatral; e porisso agradou a todos quantos estavam presentes, e com especialidade á Rainha, que ficou tão satisfeita, que pediu ao Poeta que lhe recitasse os mesmos versos na noite de Natal, accommodando-os ao nascimento do Redemptor.

Gil Vicente, mui contente, como era de esperar, pelo bem que seus amos haviam acolhido a sua invenção; determinou trabalhar em maior escalla; e na noite de Natal apresentou o Auto Castelhana, o segundo que se lê nas suas Obras, que posto que conserve o mesmo character pastoril, tem já alguma complicação de enredo, diversos caracteres, e alguma

pompa theatral, resultante da vista do Presepe, e da machina de um Anjo, que desce a despertar os Pastores.

Este esboço de Drama foi recebido com maiores applausos, e dahi por diante não houve no Paço festividade, nascimento, ou casamento de Pessoa Real, que não fosse realçado com alguma representação de Gil Vicente.

Com o uso de compbr alargava-se cada vez mais a esphera das suas idéas Dramaticas, os seus quadros sahiam mais complicados, e interessantes, dava maior pompa á scena; mais viveza á pintura dos caracteres, ás paixões; e o que ao principio foram Autos já podia, sem injustiça, merecer o nome de Comedias.

Não sabemos o tempo em que Gil Vicente curvou a cerviz ao jugo do Matrimónio, nem de sua Mulher nos consta senão que se chamava Branca Bezerra, não consta porém se era nobre, ou plebéa; bem que este nome não indique grande illustração de linhagem.

Della teve o Poeta um filho por nome Luiz Vicente, e uma filha chamada Paula Vicente. Luiz Vicente foi, como dissemos, o primeiro que collegiu, e deu á luz ás Obras de seu Pai, bem que o Alvará de Privilegio, por tempo de dez annos, seja passado, não á elle, mas á sua irmã.

Paula Vicente foi Dama da Infanta D. Maria, filha d'El-Rei D. Manoel, e da Rainha D. Leonor, e uma das mulheres instruidas, que fizeram parte da Academia feminina instituida por aquella douta Princeza, e em que figuraram tanto Anna Vaz, e Luíza Segea, que, como Paula Vicente, cultivavam o Grego, o Latim, e a Poesia. O Abade Diogo Barbosa Machado menciona como perdido um volume de Comedias composto por esta Poetisa. Paula Vicente era igualmente grande Musica, e grande Actriz, sendo quem nas composições de seu Pai representava com grande talento, e grande applauso os primeiros papeis de Damas, em quanto elle se encarregava das mais difficilosas partes de homem. Accrescenta mais a tradição, que nos últimos annos do Poeta, ella o ajudava na composição dos seus Dramas.

Se dermos credito a Manoel de Faria e Sousa, além

destes filhos, teve Gil Vicente outro, que foi o primogenito, e que se chamava Gil Vicente como seu Pai, e acrescenta a este respeito uma circumstancia, que se fosse verdadeira poria uma mancha tão indelevel, como vergonhosa na reputação, e credito do Poeta.

Diz Faria e Sousa, que este Gil Vicente filho, foi grande Poeta Comico, e que compozera Comedias, que foram tão applaudidas, que o Pai invejoso da gloria do filho, e receiando vêr por elle obscurecida a sua fama, o fizera embarcar para a India, onde havendo-se distinguido como um dos mais bravos soldados do seu tempo, perdêra valorosamente a vida em uma batalha; e esta tradicção tem sido depois repetida por alguns Authores mais modernos. Mas será ella verdadeira?

Pela minha parte não ponho duvida alguma em dizer que não. Não consta a respeito de Gil Vicente cousa que possa tornar verosimil este escandaloso, e iniquo procedimento.

Toda esta historia tragica não tem mais que um fundamento; a authoridade de Manoel de Faria e Sousa; porque os outros não fizeram mais do que repetir o que elle dissera. Mas em que documentos se fundou Manoel de Faria para avançar um factó de tal natureza? Nenhum dos Authores contemporaneos, como os doua Resendes, o Chronista d'El-Rei D. João III. Francisco de Andrade, dizem cousa alguma a este respeito. Qual é a razão porque o mesmo Faria, que o dá por tão esforçado, na sua Asia Portugueza, não aponta uma unica das suas façanhas? porque não lêmos sequer o seu nome nos prolixos, e fastidiosos Catalogos de mortos, que o Historiador Diogo do Couto compilou com tanto desvelo, e onde menciona não só pessoas nobres, mas até uma multidão de nomes obscuros, e desconhecidos? como é possível existisse um Poeta Comico de tanta reputação, que dava crimes a Gil Vicente, que o obrigou a romper em um procedimento tão infame, e que destas composições suas nos não ficasse uma só? É verdade que lhe attribuem o *Auto de D. Luiz de los Turcos*, de que só existe hoje o titulo, mas tambem hoje ninguem ignora, que essa composição é do Infante D. Luiz, e não d'elle; testemu-

nha o Indice de livros prohibidos, feito no tempo de Philippe II., que Monsenhor Gordo vio, e copiou na Bibliotheca de Madrid, e imprimio nas Memorias da Academia das Sciencias de Lisboa, onde se menciona como obra daquelle Infante o *Auto dos Captivos, chamado de D. Luiz e dos Turcos*.

Para tornar o facto mais duvidoso João Baptista de Castro, no Tomo 2.^o do seu Mappa de Portugal, conta de Luiz Vicente o mesmo que Faria e Sousa conta de Gil Vicente Junior, e acrescenta, que a causa dos ciumes do Pai, fôra o grande acolhimento feito ao Auto de *D. Luiz, e dos Turcos*; e um homem como João Baptista de Castro imprime um absurdo semelhante, sabendo-se que Luiz Vicente nunca sahio do Reino, não morreu na India, sobreviveu à seu Pai, e publicou suas Obras depois de sua morte.

Respeito muito o engenho, e saber de Manoel de Faria e Sousa, mas não tenho confiança nenhuma nelle em materias de critica, e de gosto, e porisso deixando livre aos outros o formar o juizo que bem lhe parecer destas tradições contraditorias, e com tanta leveza enunciadas, me conservarei duvidoso de um facto, que traz consigo a diffamação de um dos nossos maiores Poetas, em quanto com provas claras me não convenção da realidade delle.

Não sei que fatalidade persegue os nossos melhores engenhos, que quasi todos perecem na miseria. Si Luiz de Camões, o primeiro que deu á Europa um Poema verdadeiramente Epico, morreu no Hospital de Lisboa, ou como a alguns parece mais verosimil, em sua casa, e de fome no tempo que dominavam Portugal os Jesuitas, inimigos jurados da nossa illustração, e de quantos mostravam espirito cultivado, e amor da liberdade; isso me parece menos de estranhar do que vêr Gil Vicente acabar na pobreza, elle empregado no Paço com a sua familia, que tanto havia recendo seu amo, e honrado a sua Patria com os fructos do seu talento; e desgraçadamente é elle proprio quem nos informa desta calamidade. É elle que escrevendo ao Conde de Vimioso diz:

Agora trago entre os dedos
Huma Farça mui formosa,

Chamo-a « A Caça dos Segredos »
 De que ficareis mui ledos,
 E a minha dita occiosa,
 Que o medrar,
 Se estivera em trabalhar,
 Ou valera o merecer,
 Eu tivera que comer,
 E que dar, e que deixar.

Porem, por cima de tudo
 O meu despacho queria,
 Porque a minha phantasia
 Occupa o mais do estudo
 Tudo em Vossa Senhoria,
 E o cuidado,
 Quando anda mais occupado
 Cuida muito, e não faz nada:
 A vontade acho dobrada,
 Mas o espirito cansado.

É o mesmo Gil Vicente que diz, com o tom da
 amargura, e do desgosto.

E hum Gil!... hum Gil!... hum Gil!...
 Hum que não tem nem ceutil,
 Que faz os Autos a ElRey!...

 Autos cuido que dizia,
 E assim cuido que he;
 Mas não já Auto bofé
 Como os outros, que fazia
 Quando elle tinha com que.

Não ha na verdade espectáculo mais doloroso, que
 vêr aquelles homens, que a natureza criára para il-
 lustrarem a sua Patria, e fazer honra ao genero huma-
 no, mal premiados, e desvalidos, perseguidos quan-
 tas vezes? soltar gemidos do centro da indigência, e
 do desconsolo! e estes funestos exemplos, tão frequen-
 tes em todos os tempos, e em todas as Nações, se-
 rão ainda mil vezes repetidos nestes seculos de Egois-
 mo, em que o interesse é a unica divindade, a que se
 tributam cultos!

Poucos homens terão vindo ao Mundo com um espirito tão disposto para se immortalisarem pela Poesia Comica. Imaginação viva, invenção fecunda, genio observador, estylo facil, e pictoresco, versificação flexivel, abundancia de sentenças, graça, causticidade, e chistes inexauriveis, singular tino para enredar uma fabula, e descobrir situações, que possam interessar o espectador, sam dotes, que a cada passo, se encontram, e a cada passo se admiram nas Obras de Gil Vicente. Erasmo achou o seu talento mui semelhante ao de Plauto; mas com perdão do grande Humanista de Rottesdam, parece-me que tem mais pontos de semelhança com Aristhophanes. Os seus planos chegam-se mais á chistosa, e phantastica irregularidade do Poeta Grego, que á Comedia classica do Poeta Latino. Tem além disso a sua ousadia, e mordacidade, que nelle chega a um ponto que assombra. Gil Vicente a ninguem perdoa. O Sr. Barreto Feio já fez esta observação no *Ensaio sobre a Vida, e Escriptos de Gil Vicente*, que elle collocou á frente de sua Edição das Obras deste Poeta. « *Não supponnos (diz) que Gil Vicente considerasse a moralidade Dramatica como uma condição da Comedia, antes julgamos que elle só teve em vista o agradável; porém como o homem é naturalmente mais inclinado a rir-se, que a commiserar-se das vicias, e defeitos dos seus semelhantes, tornam-se estes materiaes indispensaveis na Comedia, assim se encontra no Poeta um Usurario, logrado por um Cavalheiro de industria; um Ministro prevericador, por uma Moça ladina; redicularisado o pedantismo de um Medico; e a Astrologia Indiciaria, em todo o vigor, ainda no tempo de Gil Vicente; em fim a soberba dos Grandes, e dos Poderosos abastida. Na propria presença da Córte se fazem as mais amargus recriminações contra os Reis por suas tyrannias, e a mesma Córte não está a coberto dos seus sarcasticos gracejos. »*

Estas observações do illustre Editor sam justas; tanto as classes infimas, como as summidades da Sociedade, fornecem individuos para serem fustigados em scena pela inexoravel Poeta Comico, e por elle immolados á irrisão pública.

Mas de todas ellas nenhuma mais maltratada que o Clero, e muito especialmente os Frades, com quem o Poeta parece ter tido uma antipathia invencivel; persegue-os sem descançar; despeja sobre elles quantas settas guarda no carcaz do ridiculo; não perde occasião, nem ensejo de levantar o véo á sua hypocrisia, á sua ambição, á sua avareza, e devassidão escandalosa. Vêde como na Comedia de Rubena, quando a Feiticeira encarrega os Demonios de lhe procurarem um berço para uma Criança recém-nascida, elle aproveita o lance para trazer ao pelourinho os objectos do seu odio.

FEITICEIRA.

Levantar, má hora, em pé!
 Si eu torno ao meo alguidar
 Far-vos-hey eu rebentar
 Como *nilo temporé*:
 Dois de vós me vam furtar,
 Ali a par da Trindade,
 Hum berço, que deo hum Frade
 A Joanna de Aguiar.
 E si este se não achar,
 Hide a Branca da Romeira,
 E olhae de traz da Esteira;
 E vereis li hum estar:
 Ou hide vós pelo rasto
 Desses Ministros, e Curas,
 Que todos tem Creaturas,
 Louvores a Deos, a basto.
 Trazede berço dourado,
 Muito rico, e muito asinha,
 Que se crie Ciemeninha
 Pera muita alto Fado.

CAROTO.

Draguinho, tu a São Vicente
 De Fóra!

DRAGUINHO.

E tu?

CAROTO.

À Sé:
 Porque crêde que ali he
 O feito mais commumente.

CAROTO.

Berço tem huma Mogueira,
 Na rua do Calcafrades,
 Manceba de dois Abbades.

DRAGUINHO.

Melhor terá a Linheira.

LEGIÃO.

Está huma Lavadeira,
 Lá no Bairro sobre Alfama,
 Que mais parideira Dama
 Não ha hi, mais parideira.

Os Diabos partem a buscar o berço, a Feiticeira
 ordena aos que ficaram, que vão procurar-lhe uma
 ama, para criar a recém-nascida, e em breve volta
 Draguinho com um berço, e mostrando-o á Feiticeira,
 diz:

DRAGUINHO.

Que vos parece, nossa ama,
 O Berço? fui-o furtar
 Ao Paço do Lumiar,
 Que foi dado a huma Dama
 De Frey... quero-me callar.

FEITICEIRA.

Dizei-mo em puridade.

DRAGUINHO.

Quereis saber? he hã Frade,
 Hum Frey Vasco de Palmella.
 Hum que tinha a Madanella,
 Colxoeira da Trindade.

FEITICEIRA.

Muito me dá na vontade,
 Pois conheço quem he ella.

É muito de suppor, que este Frei Vasco de Palmella, fosse mui conhecido no Paço, assim como as suas aventuras amorosas, e que talvez estivesse presente á representação, e dahi póde julgar-se da hilaridade dos Espectadores ao ouvirem esta alusão satyrica. Em um theatro regular seria isto mui reprehensivel; mas em um festejo de côrte não podia deixar de passar por boa feição. Lembrem-se os leitores do que dissemos nos Capitulos de alguns Poetas do Cancioneiro a respeito do que neste tempo passava por jocosidade.

No Auto intitulado a *Barca do Inferno*, chega a ella um Frade com uma Rapariga pela mão, e travase este colloquio entre elle, e o Diabo.

DIABO.

Que he isso, Padre, que vai lá?

FRADE.

Deo gratias! sam Cortezão.

DIABO.

Sabeis tambem o tordião?

FRADE.

He mal, que me esquecerá.

DIABO.

Essa Dama hade entrar cá?

FRADE.

Não sei onde embarcará.

DIABO

Ella he vossa?

FRADE.

Não o sei,
Por minha a trago eu cá.

DIABO.

E não vos punha la grossa
Nesse Convento sagrado?

FRADE.

Assi fui bem agoitado.

DIABO.

Que cousa tão preciosa!
Entraí, Padre reverendo.

FRADE.

Para onde levaeis a Gente?

DIABO.

Para aquelle fogo ardente,
Que não temeste vivendo.

FRADE.

Juro a Deos, que não entendo.
E este habito não me val?

DIABO.

Gentil Padre Mundanal,
A Belzabuth vos comendo.

FRADE.

Corpo de Deos consagrado,
Pela Fé de Jesus Christo,
Que eu não posso entender isto!
Eu heide ser condemnado!
Hum Padre tão namorado,
E tanto dado á virtude!
Assim Deos me dê saude
Como estou maravilhado!

DIABO.

Não façamos mais detença.

FRADE.

Por Deos! essa sería ella!
Não vai em tal caravella
Minha Senhora Florença,
Como! por ser namorado,
E folgar c'uma Molher!

Se hade hum Frade de perder
Com tanto psalmo resado!

DIABO.

Ora estaes bem aviado!

FRADE.

Mas estou bem corregido.

DIABO.

Devoto Padre, e Marido,
Haveis de ser cú pingado.

FRADE.

Mantenha Deos esta croa!

DIABO.

Oh Padre Frei Capacete,
Cuidei que tinheis Barrete.

Na Farça intitulada o *Clerigo da Beira*, principia a acção com hum Dialogo entre o Clerigo, e seu filho Francisco, que vam á caça, e já esta situação é por si mesma uma invectiva, porque os Canones prohibem a caça aos Ecclesiasticos.

FRANCISCO.

Vós haveis de celebrar
Missa de Festa em Pessoa,
E não fazeis a coroa
Antes que vamos caçar?
Pois, Pav, não haveis d'olhar
Que sois Clerigo da Beira,
Porque essa Gente Cabreira
Em tudo quer attentar?

CLERIGO.

Tua May ma tosquiará.
Não cures tu de conselhos;
Cacemos nós dos Coelhos,
Que isso á noite se fará.

FRANCISCO.

Sabeis, que me esqueceu lá
A Furoa?

CLERIGO.

Vai por ella.

FRANCISCO.

De huma legoa heide trazela,
Milhor viva eu, que lá vá.

CLERIGO.

Pesar da hida, e da vinda,
Vae, torna pela Furoa.

FRANCISCO.

Vá lá quem tiver coroa,
Que eu não a tenho ajuda.

CLERIGO.

Creio que a Vara hade andar
Se isso vai dessa maneira.

FRANCISCO.

Eu não sou vossa Oliveira,
Que a haveis de varejar.

CLERIGO.

Renego dessas respostas,
Vai muito asinha.

FRANCISCO.

Eu creio
Que cuidaes que sou correio,
Que vae, e vem pela Posta.

CLERIGO.

Crês tu, se me a mim não fôra,
Que tua Mai logo se assanha,
Já te eu dera huma tamanha,
Que te fôras logo ess'ora.

Requeiro, que vas embora,
Antes que se assanhe o Abade.

FRANCISCO.

Ainda eu não tenho vontade,
Lá he ella algures fora.

CLERIGO.

Vai, Francisco.

FRANCISCO.

Sim, hirás!
Hide vós; não tendes pés?

CLERIGO.

Filho de Clerigo hes,
Nunca bom feito farás.

FRANCISCO.

Peores são os de Frey Mendo,
E os do Beneficiado,
Que vam tomar o bocado
Que seo Pay está comendo.

CLERIGO.

Vai que já está no Cortiço,
Senão tomala, e trazela.

FRANCISCO.

Já má ora vou por ella,
Mas heide fertar chouriço.

Vai finalmente o rapaz, e volta com a Furoa, pas-
sado algum tempo, e o Pai diz-lhe:

Rezemos malinas logo,
Antes que entremos á caça;
Que como Homem se embaraça
Nella, não he senão fogo.

FRANCISCO.

Malinas de cá da Beira,

Ou como quereis resar?

CLERIGO.

Sim, para que he mudar
Cada dia uma maneira?
Porque os Cappelães d'ElRey,
Que cá na Beira tem renda,
Se rezam lá de outra ley,
Tem outra ley de Fazenda.
Mas Deos dê muita perbenda
A Antom Alves, que he rasão
Que elle, outros que lá estão
Nos deixaram esta lenda.

FRANCISCO.

Nome de Deos, começar.

Principiam pois os dous a resar matinas com tanta devoção como póde vêr-se da parte da resa, que passamos a transcrever. Esta pintura parecerá talvez a alguém mui carregada; mas não de certo a mim, que muitas vezes vi hum Parocho de cesta Freguezia de Lisboa, resar, e conversar alternativamente, no mesmo gosto do Clerigo da Beira.

CLERIGO.

Pater noster.

FRANCISCO.

Oh que siso!
Na caça para que he boim,
Senão *Domine labia?* andar.

CLERIGO.

Domine labia mea
Tu, Priol, a pé hirás.

FRANCISCO.

Si cansas, assentar-te-has,
Porque não tens facanea.

CLERIGO.

Venite, et exullemus,
Que Cães, e Furão que temos
Para tempo de mister.

FRANCISCO.

Domine, Dominus noster
Nos dê com que os manter,
E Coelhoos, que levemos.

CLERIGO.

Cæli enarrant gloriam Dei,
Não cuide Papa, nem Rey
Que está no cume da Serra.

FRANCISCO.

Domini omnis est terra
Que he Senhor de toda Grey.

CLERIGO.

Ora, Te Deum laudamus,
Pois que tal manhãa levamos
Para provarmos a Perra.

FRANCISCO.

Jubilate Deo omnis terra!
Diz que resemos, e vamos.

CLERIGO.

Assim manda *Deus, Deus meus,*
E nos dá dia para elles.

FRANCISCO.

Lauda Dominum de Cælis
Pois os Coelhoos sam seus.

CLERIGO.

Cantate, diz que cantemos
Cantar novo, e não usado.

FRANCISCO.

Cante o Beneficiado

Que nós pouco pão colhemos.

CLERIGO.

*Laudate Deum, omnes Gentes,
Laudate Nuno Ribeiro,
Que nunca paga dinheiro,
E sempre arreganha os dentes.*

Mas para que é citar mais, si apenas se encontrará Obra de Gil Vicente sem alguma invectiva contra os Padres?

À vista da veia fecunda, e mais dotes, que enriqueceram a Gil Vicente, podemos ter por certo, que elle seria o Lope de Vega Portuguez, si tivesse a fortuna de haver nascido em outro seculo, e em outras circumstancias; para se formar um grande Poeta Dramatico, para que elle possa desenvolver toda a força da sua intelligencia; é preciso que trabalhe para um Theatro Publico, e permanente, que tenha que captar a benevolencia, e a attenção de uma Platéa composta de individuos de todas as classes, e cujos applausos só podem alcançar-se á força de muito estudo, e de muitos trabalhos; que tenha rivaes, que lhe disputem a palma, e modellos, que lhe indiquem o que deve imitar, e de que deve fugir. Nada disto havia em Portugal no tempo de Gil Vicente, nem houve muito tempo depois, porque é certo que o seu Auto do Natal, foi a primeira cousa, que se representou entre nós.

O mesmo podemos dizer da Hespanha, onde só lhe podiam servir de exemplar as Eclogas de Juan de la Encina, muito mehos Dramaticas, que as suas composições; porque ainda não está decidido, quanto a Torres Navarro, se foi este imitado por Gil Vicente, ou Gil Vicente por elle, como parece mais verosimil.

Admiremos pois este homem extraordinario, que soube tirar tanto do seu talento, desajudado de todos os soccorros, e trabalhando para um Theatro Particular, no Paço; representando nos seus proprios Dramas com seus filhos, os Cortezãos, e ás vezes o proprio Rei; não tendo por espectadores senão Fidalgos, e Damas dispostas a desculpar tudo, e applaudir tudo, uma vez que os fizessem rir, e para isso ninguem como Gil Vicente.

É pois ás circumstancias, em que escrevia, que deve attribuir-se não só o não haver aperfeiçoado a arte, mas a maior parte dos seus defeitos, e inverosimilhanças: se escrevesse para um Theatro Publico, não ousaria aventurar, como faz na Comedia de Rubena, este dialogo entre pessoas, que conversavam na Ilha de Creta.

CISMENIA.

Mostrai, Sequeira, o lavor!
Que franzido tão real!
Será pera algum Senhor?

SEQUEIRA.

Senhora, he penteador
Pera o Bispo do Funchal.

CISMENIA.

Muito boa obra he ella.
Andreza, e isso que são?

ANDREZA.

He de Aljofre hum Cabeção
Para o Conde de Penella.

CISMENIA.

He de mui linda feição!
E vós, Felicia?

FELICIA.

Hum lavor
De perlas, e ouro tal
Pera o nosso Embaixador;
Porque veja o Imperador,
Que as cousas de Portugal
Todas tem grande valor.

CISMENIA.

Tu, Serrana?

SERRANA.

Estes lavores
Sam para elle suadeiros

Com pedras de muitas côres,
E dos lados huns letreiros
Dizem, amores, amores!

Este dialogo seria hoje, com rasão, censurado no nosso Theatro, mas não era assim no tempo de Gil Vicente, e com os seus espectadores. Estava ali o Bispo do Funchal, o Conde de Penella, o Embaixador á Côrte de Alemanha, que ficavam mui satisfeitos de vêr assim louvar o seu bom gosto, e riqueza de trajar; applaudiam como frêneticos, e estava prebendado o fim do Poeta, que era lisonjea-los.

Gil Vicente escolhe muitas vezes para Actores dos seus Dramas Personagens sobrenaturaes, e allegoricas como Anjos, Demonios, os Deoses Mytologicos, as Estações, as Virtudes, Fadas, e Feiticeiras, e não é raro que as faça fallar, e operar de sorte que faz recordar a maneira de Shakespeare.

O seu dialogo é ordinariamente rapido, consiso, gracioso, e cheio de naturalidade, e singeleza. Vêde como na *Feira da Virgem* uma Aldeã se queixa dos estragos, que o Marido lhe faz em casa:

Vai-se-me ás Ameixieiras
Antes que sejam maduras,
Elle quebra as Cereijeiras,
Elle vandima as parreiras,
E não sei que faz das Uvas.
Elle não vai ao lavrado,
Elle todo o dia come,
Elle toda a noite dorme,
Elle não faz nunca nada,
E sempre me diz que há fome.

Jesu, possote dizer,
E jurar, e tresjurar,
E provar, e reprovar,
E andar, e revolver,
Que he melhor para beber,
Que não para maridar.
O Demo, que o fez marido,
Que assi secco como he,
Bebere a Torre da Sé,

E então arma hũ arruido
Assi debaixo do pé.

Vêja-se na Comedia intitulada *O Viuvo*, a scena, em que o Compadre deste lhe inveja a sorte, e descreve o genio insupportavel de sua Mulher.

COMPADRE.

Que haces, Compadre amigo?

VIUVO,

Lo que quiere la tristura,
Sin Muger, y sin abrigo.

COMPADRE.

Bien trocara yo conmigo
Se supiera tu ventura:
Que tengo Muger tan dura
De natura,
Que se da la vida en ella
Mejor que en sierra de Estrella
La verdura.

PAULA.

Miad vos que cosa aquella!

COMPADRE.

Digo verdad por mi vida,

MILICIA.

Pues mui nõble Dueña es ella.

COMPADRE.

Ansi me goze yo en vella
No con vida tan complida.
Alma sin tener salida
Alli metida,
Hade estar hasta mi Padre;
Grande envidia te he, Compadre,
Sin medida.
A la fé digote, amigo,
Que te vino buena estrena;
Eso haja Dios conmigo.

VIUVO.

Oh calla, que soy testigo
Que es gran mal perder la buena.

COMPADRE.

Mas cadena
Quieres tu, que el hombre tenga,
Que muger con vida luenga,
Aunque buena?
No estes, Compadre, triste
Por salieres de prision;
Quando tu muger perdiste
Entonces remaneciste:
Mas faltate el corazon.

VIUVO.

Segun va sin conclusion
Essa razon,
Tu estas fuera de ti,
Y augmentas mas en mi
La passion.

PAULA.

Oh que mala condicion!

COMPADRE.

Mas es buena, y mui real,
Porque yo tengo razon.

PAULA.

Pero habla en ti Neron,
Y parecete mui mal.

COMPADRE.

Si yo tengo un animal
Peso a tal!
Y una Sierpe per Muguer,
Y por mas mi daño ser
Es immortal!
Tanto monta dar en ella
Como dar nessa pared;

Quanto mas riño con ella
 Tanto mas se goza ella.
 Para Dios ma hacer merced
 No tiene hambre, ni sed.
 Mas que una red
 Siempre hasta, y aborrida;
 Si esta vida tal es vida
 Me sabed.

Quando con ella casé
 Hallé, norabuena sea,
 En ella lo que os diré,
 Quando bien, bien la miré,
 Vi-le un rostro de Lamprea,
 Una habla a fuer d'Aldea,
 Y de Guinea
 El ayre de su menco:
 Quanto mas se pon d'arreo
 Mas es fea.

PAULA.

Oh callad! no digaes esso,
 Que es mucho gentil muger!

COMPADRE.

No le visteis el aviesso.
 Pone el blanco desto en grueso,
 Que Diabolo habeis de ver?
 Dexemos su parecer,
 Escaecer,
 Y vengamos alo al,
 No estará sin decir mal,
 Y lo hacer.
 Ella por dame essa paja,
 Mette la calle en revuelta;
 Seso no sola migaja;
 Dueña que se vuelve Graja,
 Y anda en el ayre suelta,
 Hallola mui desauuelta,
 En dar vuelta
 Dende lo bueno a lo malo,
 Y lleva infinito palo
 Nesta envuelta.

Si algo estoy de placer,
 Dice que hierba he pisado;
 Triste, quiereme comer.
 Yo no me puedo valer,
 A si me trae assombrado.
 Yo si trayo a mi cuñado
 Convidado
 Mostramo un cêm tamanho,
 Que me hace andar un año
 Renegado.
 Miente que es cosa espantosa,
 Oh quantas mentiras prega
 Mui porfiada, y temosa!
 Subergia, invidiosa
 Siempre arde, siempre trafega,
 Su lingua siempre navega,
 Como pega,
 Para todo mal urdida!
 Si si halla comprehendida,
 Luego niega!

PAULA.

Porque deshonraes assi
 Vostra muguer?

COMPADRE.

Porque es plaga,
 Que desque la recebi,
 Bien pueden dixer por mi
 El marido de la Draga
 Y no ai quien me desbaga
 Tan gran llaga,
 De toda paz innemiga,
 Por Dios, que no sê que diga,
 Ni que haja!
 Yo no la puedo trocar,
 Yo no la puedo vender,
 Yo no la puedo amansar,
 Yo no la puedo dexar,
 Yo no la puedo esconder,
 Yo no la puedo haer

Entender,
 Si no que es ella una rosa,
 Y que esta mui desdichosa
 En mi poder.
 Y con todas sus traviessas,
 Esta tan llena de vida,
 Que con dos bombardas gressas,
 Ni con lamadas espessas.
 Sera en vano combatida.

VIUVO.

Oh mi muger tan querida!
 Fallecida,
 Toda pas sen nunca guerra,
 No debieras de la terra
 Ser comida!
 Yo me voi ora a resar
 Sobre aquella tierra dura,
 La qual no puedo olvidar,
 Hasta mi morte acabar
 Este dolor sin ventura.

COMPADRE.

No quise mi desventura
 Tan escura,
 Que estoutra fuera traz della,
 Que yo le hiciera una bella
 Sepultura.
 Y le hiciera resar
 Las horas de los Dragones;
 Y le hiciera cantar
 Las Missas en el Altar
 Alumbradas con tizonas,
 Offertadas con melones,
 Badeonnes,
 Todos llenos de cevada,
 Por Incienso una alumada
 De baionnes.

Não só este dialogo é cheio de força comica; está o character da Mulher Tarasca desenhado com tal verdade, que muitos espectadores haviam de conhe-

cer ahí o retrato de suas Mulheres tirado ao natural, mas ha aqui uma situação mui dramatica resultante do contraste dos sentimentos do Viuvo, e do Marido, e do espanto das duas raparigas, que escutam este dialogo, e se escandalisam delle.

Posto que Gil Vicente maneja com tanta perfeição o estylo comico, nem por isso deixa, quando lhe convém, de saber elevar-se ao tom pathetico da tragedia, como póde vêr-se no Monologo de Robena, com que principia a Comedia deste titulo; n'algumas scenas da Tragicomedia de D. Duardos, no discurso do Frade na Comedia do Viuvo, e em muitas outras occasiões.

Parece-me que nada abona tanto o talento Dramatico do nosso Poeta, como a multidão de caracteres diversos, que pintou, posto que a natureza dos seus planos lhe não permittisse desenvolve-los completamente.

O Pai do nosso Theatro, e porque não diremos do Theatro Hespanhol? como todos os homens grandes, não deixou de ter invejosos, e calumniadores no seu tempo. Alguns se arrojavam a affirmar, que as suas obras não eram fructo do seu engenho, mas traduzidas, ou copiadas dos estrangeiros. « Pois bem, (disse o Plauto Lusitano aos seus zoilos) dai-me um assumpto, e eu farei sobre elle um Drama » foi accedido o desafio, e deu-se o Proverbio popular « *Antes quero asno que me leve, que cavallo, que me derrube.* » Gil Vicente apresentou, dentro em poucos dias, sobre este assumpto a sua Farça de *Ignex Pereira*, Farça, que não podia ser tirada das obras de outro Poeta, Farça, de que o mui douto, e judicioso critico Bouterweck não duvidou dizer « *Se o Poeta estivesse em circumstancias iguaes áquellas em que escreveu Moliere, seculo, e meio depois; Inex Pereira seria uma das melhores Comedias de Character dos tempos modernos.* »

Gil Vicente não se lemitava só ao talento de Poeta; elle lhe ajuntava, não só os de Actor, e Ensaia-dor, pois nos consta, que com sua filha, Paula Vicente, representava nos seus Dramas, e elle proprio se encarregava de os *meter em scena*, é esta a frase technica da Arte, mas era tambem habil Professor de Musica, e compunha aquella, porque se cantavam os

muitos Vellancicos, e Romances, que se lêem nos seus Dramas.

As Obras do nosso Poeta foram, como acima deixámos dito, dadas á luz por seu filho Luiz Vicente, muito depois da morte do Pai, em 1562, nesta Cidade, na Typographia de João Alvares, em formato de folio, e em caracteres gothicos. Esta edição desapareceu inteiramente de entre nós, digo-o assim, porque não só se não encontra algum exemplar della de venda, mas porque nem o encontrei na Bibliotheca Publica de Lisboa, nem nas numerosas livrarias de Conventos, que frequentei quando moço, e quando tinha tempo para estudar.

Em 1585, o Impressor André Lobato publicou segunda, em Lisboa, que sahio da sua Officina, capada, e desfigurada pelo Santo Officio, como ali se adverte, e foi aquella expurgação feita com tanto rigor, que não só lhe alteraram, e cortaram versos, mas lhe suprimiram Coplas, Scenas, e Paginas inteiras. Desta edição existe um exemplar, em que eu li, pela primeira, vez Gil Vicente.

Estabelecida a Censura em Portugal pelos Jesuitas, e a Inquisição, foi marchando em progresso ascendente de rigor, e é prova disso, o haverem depois algumas pessoas, ou por interesse, ou por zelo das nossas letras, tentado de balde novas edições de Gil Vicente; pois, nem assim mesmo horripelmente mutilado, o deixaram depois imprimir.

A edição de 1585 era já tão rara, que em poucas livrarias se encontrava algum exemplar della, e era de esperar que dentro em poucos annos o Theatro de Gil Vicente, assim como de seu successor Antonio Prestes, e o Amadiz da Gaula de Vasco de Lobera, não fosse mais, que uma remeniscencia.

Felizmente, para as nossas letras, o meu illustrado amigo, o Sr. José Victorino Barreto Fejo, o Traductor de Salustio, e de Virgilio, visitando a Bibliotheca da Universidade de Goetengen, ali deparou com um exemplar da primeira edição de Gil Vicente, de que tirou uma Cópia fiel, e exacta; sobre que fez terceira edição, em Hamburgo, na Officina de Langhoff, no anno de 1834.

Esta edição é em 8.º francez, dividida em tres Volumes, correctamente impressa em excellente papel, e typo. É este um dos maiores serviços, que o Sr. Barreto Feio tem feito á nossa Litteratura.

As Composições de Gil Vicente dividem-se em cinco Livros, o primeiro contém os seus Autos, ou Obras de Devoção; o segundo as Comedias; o terceiro as Tragicomedias; o quarto as Farças; e o quinto as Poesias Lyricas. Esta classificação, que seria difficiloso sustentar com boas razões, é naturalmente dividida a Luiz Vicente. Em todos estes Dramas ha muito que admirar, e bastante que censurar: não compete ao plano deste Ensaio o examinar cada uma destas Composições, confrontando-a com as regras da Arte. Esta tarefa incumbe a quem escrever a historia do nosso Theatro, Obra, que será de grande interesse, e utilidade litteraria, se fôr desempenhada por pessoa dotada, além da necessaria instrucção, e conhecimento da Arte, de espirito indagador, despreocupado, e philosophico.

Lemitar-me-hei por tanto: 1.º a recommendar aos Mancebos estudiosos, e de talento, que ora felizmente não sam poucos, que se tem dedicado á poesia Dramatica, que lêiam, e meditem com attenção o Theatro de Gil Vicente; porque delle tem muito que aprender, e que aproveitar: 2.º a dizer, que na opinião dos Criticos estrangeiros; e com especialidade de Bouterweek, e Sismondi, as Farças de Gil Vicente sam as melhores das suas Obras, mas é necessario advertir, que a palavra Farça não tem aqui a mesma accepção, em que hoje se toma na nossa terminologia Theatral, sim a de Comedia Familiar, que tal era o sentido, que então se dava ao vocabulo Farça, tanto em Portugal, como na Hespanha, porém esta opinião, justa ou não que seja, não prova que nos Autos, nas chamadas Tragicomedias, modelo daquelle genero, que depois Lope de Vega, e Calderon chamaram Comedia Heroica, e nos Dramas, que na Colecção de Gil Vicente se denominam Comedias, não haja muitas; e grandes bellezas.

Os Dramas do nosso Poeta sam escriptos, parte, todos em Portuguez, parte, todos em Castelhana, e

parte, em Portuguez, e Castelhana, sendo elle o que primeiro deu este exemplo, que hoje com razão nos parece estranho, e que foi imitado por seus successores. Ha porém nisto uma differença, e é, que nos Dramas delle o Castelhana é geralmente reservado para as Personagens subalternas, ou burlescas, como se observa nas Comedias de Camões, e nas de Simão Machado sobre o Cerco de Diu, em que os Portuguezes fallam na sua lingua, e os Índios, e Mouros em Castelhana. Gil Vicente não segue esta regra, e muitas vezes, como na Comedia de Rubena, a primeira figura falla na lingua dos nossos vizinhos, e as outras Personagens no nosso idyoma.

Não é facil dar a razão do estranho gosto dos nossos Ávoengos por estas composições bilingues, mas este costume prova que as duas linguas eram igualmente usadas, e bemquistas na Córte e na Cidade.

Não acabarei este Capitulo sem fazer uma comparação curiosa de Gil Vicente com Lafontaine. Estou certo que poucas pessoas poderão acreditar, que haja alguma cousa de commum entre dous Poetas de diversas Nações, e que viveram em differente seculo, mas porisso mesmo é que vale a pena o confronta-los.

O Auto de *Mofina Mendes*, uma das mais galantes composições do nosso Poeta, se o despojarmos dos accessorios, que constituem a acção Dramatica, acharemos, que é o mesmo assumpto que Lafontaine tractou na Fabula, que tem por titulo a *Leiteira*, e a *Bilha de Leste*. Vejamos agora como os dous Authores tractaram a situação principal, e que lhes é commum.

LAFONTAINE.

Perrete, sur la tête ayant un pot au lait,
 Bien posé sur un coussinet,
 Pretendait arriver sans encombre á la Ville.
 Legere, et court-vétue, elle allait á grands pas,
 Ayant mis ce jour-la, pour être plus agile,
 Cotillon simple, et souliers plats.
 Notre Laitiere ainsi troussée
 Comptait deja dans sa pensée
 Tout le prix de son lait; en employant l'argent,

Achetait un cent d'œufs ; faisait triple couvée,
 La chose allait à bien par son soin diligent.
 Il m'est (disait-elle) facile
 D'élever des poulets autour de ma maison ;
 Le Renard sera bien habile,
 S'il ne m'en laisse assez pour avoir un Cochon ;
 Le Porc à s'engraisser coûtera peu de son.
 Il était, quand je l'eus, de grosseur raisonnable,
 J'aurais, le revendant, de l'argent bel, et bon :
 Et qui m'empêchera de mettre en notre étable,
 Vu le prix dont il est, une vache, et son Veau,
 Que je verrai santer au milicu du troupeau ?
 Perrette la dessous sante aussi transportée,
 Le lait tombe, adieu Veau, Vache, Cochon, couvée.
 La Dame de ces biens, quitant d'un ail marri
 Sa fortune ainsi repandue
 Va s'excuser à son mari,
 En grand danger d'être battue.

Vejamos agora Gil Vicente. Depois de grandes perdas, que Payo Vaz, amo de Mofina Mendes, tem experimentado em seus gados pelos descuidos, e falta de cuidado desta mal-aventurada Pegureira, toma em fim o expediente de a despedir, e diz-lhe :

PAYO VAZ.

Pois Deos quer que eu pague, e peite
 Tão daninha Pegureira,
 Em paga desta canseira
 Toma esse pote de Azeite,
 E vai-o vender á Feira ;
 E quiçaes medrarás tu,
 O que eu comtigo não posso.

MOFINA MENDES.

Vou-me á Feira de Trancoso
 Logo, nome de Jesu,
 E farei dinheiro grosso.
 Do que este Azeite render
 Comprarei ovos de Pata,
 Que he a cousa mais barata,
 Que de lá posso trazer,

E estes ovos chocarão,
 Cada ovo dará hum Pato,
 E cada Pato hum Tostão,
 Que passará de hum milhão,
 E meio a vender barato.
 Casarei rica, e honrada
 Por estes ovos de Pata,
 E o dia que fôr casada
 Sahirei ataviada
 Com hum brial d'escarlata,
 E diante o desposado,
 Que me estará namorando,
 Virei de dentro bailando,
 Assim desta arte bailado,
 Esta cantiga cantando.

(Baila, e cahe-lhe o pote, que tem á cabeça.)

PATO VAZ.

Agora posso eu dizer,
 E jurar, e appostar,
 Que és Mofina Mendes toda.

FESSIVAL.

E se ella baila na boda,
 Que está inda por sonhar,
 E os Patos por nascer,
 E o Azeite por vender,
 E o Noivo por achar,
 E a Mofina a bailar,
 Que menos podia ser?

Mofina Mendes vai-se, bailando, e cantando

Por mais que a dita me engeite
 Pastores, não me deis guerra,
 Que todo o humano deleite
 Hade dár comsigo em terra.

Não direi que o Bom Homem, que se aproveitava de todos, se aproveitasse de Gil Vicente, cujo Drama podia conhecer por alguma Traducção Hespanhola; mas é tanta a identidade dos dous trechos, que não sería grande erro perfilhar esta opinião.

Quanto a mim parece-me que a pesar da perfeição de metro, e de estylo, que adornão a Fabula de Lafontaine, no mais a superioridade é do nosso Poeta. Um pote de azeite torna o caso mais verosimil, por que sempre valeu mais, que uma bilha de leite; a Leiteira de Lafontaine, transporta-se com a idéa de poder comprar uma Vacca, e um Bezerro; Mofina Mendes com a lembrança de se vêr rica, e honradamente casada, e ir para a Igreja com o Noivo ao lado; e então baila, e cabe-lhe o pote: não será isto mais capaz de exaltar a phantasia de uma rapariga? A Leiteira do Poeta Francez retira-se afflicta, com medo de ser desancada pelo Marido; isto é bom: Mofina Mendes retira-se bailando, e cantarolando; o que é ainda melhor, porque conçorda com o character de descuido, indolencia, e imprevidencia, que o Author lhe attribuo no Auto.

Passemos agora ás Poesias contidas no quinto livro, porque é por ellas, que Gil Vicente tem logar neste Ensaio: infelizmente sam poucas; e seu filho Luiz Vicente, nos informa de que muitas dellas se perderam. Estas Poesias pela versificação, pelas idéas, e pelo estylo me parecem mui superiores a todas dos Poetas desta Eschola.

A primeira que se apresenta é uma Paraphrase do Psalmo *Miserere*, em geral versificado com muita harmonia, e força, e de que pôde citar-se mui bellos trechos, por exemplo:

.....
 O Mar para mim sanhoso,
 A Terra treme comigo;
 O Sol tão manso, e formoso
 Contra mim se volve iroso,
 Como meo mortal imigo.
 Acho a Noite escandalosa,
 E maldizem-me as Estrellas;
 A manhã clara, e graciosa
 Contra mim se rompe irosa,
 E me mostra mil querellas.
 O Dia se despedaça
 Com graves sanhas supernas,
 O Ar me acusa da praça,

E o Fogo me ameaça
 Com vivas chamas eternas.
 Horas, pontos, e momentos,
 Os cursos da Natureza
 Me desejam dar tormentos,
 Os mais ledos Elementos
 Me presentam mais tristeza.

No Paço Cellesial
 Todos tem guerra comigo,
 Onde hirei vaso infernal?
 Que farei a tanto mal,
 Que lhe não acho abrigo?
 Eu so desesperarei;
 Onde estou, oh Pecador?
 A quem me socorrerei?
 A Ti, meo Deus, e meo Rey,
 Meo immenso Redemptor.

.....
 Meo peccado he contra mim
 Sempre, que nunca me deixa,
 Lava-me, fonte sem fim,
 Olha que a ti so me vim,
 E minha alma a ti se queixa.
 A Ti so, Senhor, pequei,
 Ante ti fiz a maldade,
 Justifica-me, bom Rey,
 Que podea mudar a Lei
 De Justiça em piedade.

.....
 Mas não te deleitarás
 Nas offeras temporaes,
 Tu as tiras, tu as dás,
 Senhor, não te alegrarás
 Com estes serviços taes.
 Sacrificio a Deus acceito
 He o Espirito atribulado,
 Pelos males, que tem feito,
 Porque não andou direito,
 Porque se vê condemnado.
 Vendo-o tu, Senhor, afflicto,
 Com gloria o receberás;
 Porque o choroso espirito,

E o coração contrito,
 Tu não o desprezarás,
 Ave, mercê de Sião,
 Madre Igreja, que fundaste,
 Por quem padeceu paixão,
 Morte cruel sem rasão
 Hum so Filho, que geraste.

E serão edificados
 Os muros de Hierusalem,
 Os que foram derribados
 Por esses Anjos danados,
 Que perderam tanto bem,
 Os quaes muros refarás
 Sem trabalho, nem preguiça,
 Quando formos onde estás
 Entoncez receberás
 Sacrificios de Justiça.

Segue-se um Sermão, em Estanças de arte maior, dirigido á Rainha D. Leonor, e prégado em presença d'El-Rei D. Manoel, por occasião do nascimento do Infante D. Luiz, em 1506. Neste escripto, em Castelhana, e todo espinhado de textos Latinos, trata o Poeta largamente dos signaes, ou indicações, que predizem a visinhança do passamento. O instincto, que faz pressentir a necessidade de um metro, que não fosse o octosylabo para tratar assumptos importantes, fez adoptar este metro tanto em Hespanha, como em Portugal, mas não sei porque os Poetas de ambos os Reinos nunca souberam entender-se bem com elle senão do fim do seculo passado para cá; todos os que os empregaram d'antes, inclusive João de Mena, apresentaram um grande numero delles, duros, mal cesurados, e o que é peor, errados; e o nosso Poeta não foi nisso mais feliz do que elles.

Levantou porém o vôo do seu engenho nas seguintes Coplas á morte d'El-Rei D. Manoel.

Quem longa vida deseja,
 Deseja vêr-se enganar,
 Pois que lhe vejo chamarem
 Vida, não que vida seja,

Mais que modo de fallar.
 E pois no triste acabar
 Se começa o desengano,
 Não sei que val desejar
 Que dure vida de engano.

Riqueza, ou grande poder
 Ou mui alta Senhoria,
 Ou bonança, ou alegria,
 Pois logo deixa de ser,
 Quando hera, o que seria?
 Oh vida vã, e vazia,
 Occupada em presumpção,
 Aprende com discrição,
 Porque cada hora do dia
 Te dá o Mundo lição.

Oh quem vio as alegrias
 Daquellas naves tão bellas,
 Bellas, poderosas velas,
 Agora ha tão poucos dias,
 Pera tirar a Infante nellas!
 Vai buscar o Senhor dellas,
 O Rey, que o Mundo mandou,
 Verás que tal se tornou,
 E verás como te velas
 Da vida, que o enganou.

Vela-te, vida, na vida,
 Não sejas morte, na morte;
 Guia-te por este norte
 De tão subita partida.
 De hũ Rey tão sã, e tão forte.
 Deram-lhe a terra por côste,
 Dos Cortesões apartado,
 E hum lençol por reinado;
 Porque o Mundo desta sorte
 Desengana o enganado.

Gil Vicente parece ter sentido profundamente a morte d'El-Rei D. Manoel, pois voltou ao assumpto no seguinte Romance, de que me parece que se não achará igual nas Obras dos Poetas daquella epocha.

Pranto fazem em Lisboa,
 Dia de Santa Lusía,
 Por El-Rey D. Manoel
 Que se finou nesse dia.
 Choram Duques, Mestres, Condes,
 Cada hum quem mais podia:
 Os Fidalgos, e Donzellas
 Muito tristès em porfia:
 Os Infantes davam gritos,
 A Infanta se carpia,
 Seus cabellos, fios de ouro,
 Arrancava, e destruia;
 Seus olhos maravilhosos
 Fontes d'agua parecia,
 Bem merecem ser escriptas
 As lastimas, que dizia.
 « Paço tão desamparado,
 » Derribado merecia;
 » Pois a sua fortaleza
 » Se tornou em terra fria.
 » Oh minha Senhora Madre,
 » Rainha D. Maria,
 » Quem a vos levou primeiro
 » Mui grande bem vos queria,
 » Pois que vos livrou da pena.
 » Que passamos neste dia.»
 E outras magoas, que de triste,
 Contar eu não ouzaria.
 Dava o Príncipe suspiros,
 Que a alma se lhe sahia,
 Suas lagrimas prudentes,
 Como a gran Senhor cuspria;
 De dia sempre velava,
 De noite nunca dormia.
 A Rainha Estrangeira
 Já chorar o não podia,
 Com rouca voz dolorosa
 Estas palavras dizia:
 « Oh Rainha desamparada,
 » Que haré sin companhia?
 » Pues que en esta triste vida
 » Solá una vida tenia.

» Y pues la llevó la muerte
 » Para que quiero la mia?
 » Oh sin ventura cazada
 » Trez años, no mas, habia,
 » Quien tan presto fué viuda
 » Triste para que nascia?
 » Niña sola en terra agena
 » Huerfaná, sin alegria!»
 E se huma vez acordava,
 Outras septe esmorecia,
 Assim pedia a Deos morte
 Como quem pede alegria,
 Dizendo: «Llevemme luego
 » Que esta tierra ya no es mia,
 » Por la mar por donde fuere
 » Algum peligro venia,
 » Que me matasse a mi sola
 » Salvando la Campaña.»
 O Bom Rey em seo accordo
 Deste Mundo se partia;
 Sua morte conhecendo
 Com muita sabedoria
 Por palavras piedosas
 Os Sacramentos pedia;
 Fallando sempre com todos
 Deo sua alma, a quem devia.
 Morte levou o gran Rey,
 Senhores, de gran valia,
 Dizendo hums aos outros
 «Oh que triste Romaria!
 » Que grande amigo perdemos
 » E que doce companhia!»
 Ja passada a meia noite,
 Tres horas antes do dia,
 Metido em hum atshude
 O que inda ha pouco regia,
 O gran Senhor do Oriente
 Dos seus paços se partia;
 Seis centas tochas acezas,
 Escuras a quem as via,
 Triste pranto athe Belem
 N'um passo não se esquecia.

Em terra fica enterrada,
 Porque assim mandado havia,
 Conhecendo que hera terra,
 A mundanal Senhoria.
 Disse que os vãos thesouros
 A morte não pertencia
 Desque ficou enterrado,
 Cada hum se despedia
 Dizendo estes versos tristes
 A gloriosa de Maria.

Não é este o puro, e genuino estylo do Romance, como o observamos, e nos encanta nos que lêmos no *Cancioneiro General*, e no *Cancioneiro de Romanças*? note-se a fórma dramatica, de que o Poeta usa, já introduzindo a fallar já a Infante, já o Principe, já a Rainha! o Poema termina vindo cada um dos Grandes do Reino recitar em uma Copla uma Oração pelo defunto. Tudo isto era novo na Poesia Portuguesa, tudo isto era um progresso da Arte, e póde fazer-se idéa do effeito, que devia produzir!

O Romance á Acclamação d'El-Rei D. João III., é um lindo trecho de Poesia descriptiva, e por isso um monumento precioso pela idéa, que nos dá das ceremonias em tal occasião praticadas.

Dezenove de Dezembro,
 Perto hera do Natal,
 Na Cidade de Lisboa
 Mui nobre, e sempre leal,
 Foi levantado por Rei
 Dos Reinos de Portugal,
 O Principe Dom João,
 Principe angelical.
 Sahio n'huma face branca,
 Parecia de cristal,
 Guarnecida de maneira,
 Que se não vio sua igual.
 Opa leva roçagante
 Tudo fio de ouro tal,
 Forrada de ricas Martas,
 Bem parecia real.
 Pelote de prata fina,

Prata mui oriental,
Barrado de pedraria
Vinha-lhe mui natural.
De Perlas não fazem conta
Porque he baixo metal;
Só hum colar, que levava
Toda Alexandria val,
Na cabeça leva preto
Por seo Padre natural;
Sabio com lagrimas tristes
Como Filhe mui leal,
O seo rosto tão formoso
Que pareceu divinal,
Seos olhos resplandeciam
Bem ás Estrellas igual,
Os cabellos da cabeça
D'ouro heram, que não d'al;
Sua boea graciosa
Com ar mui angelical;
Hum semblante Soberano,
Hum olhar imperiael.
Não foi tal contentamento
No póvo todo em geral
Como ver na-Rua Nova
Hir o seo Rey natural
Com tanta graça, e lindexa,
Que não parece humanal.
Os Forasteiros diziam
«Mui ditoso he Portugal!»
O Infante D. Luiz
Leva o Estoque real,
O Infante Dom Fernando,
Outro seu Irmão carnal,
Ao estribo direito
A pé, não lhe estava mal,
Porque em tal solemnidade
Tudo lhe vem natural,
Todos los Grandes a pé
Quantos ha em Portugal,
O Conde Priol levava
A Bandeira principal,
Chega assim a São Domingos,

Onde estava o Cardeal.
 Benzeo o mui alto Rey
 De benção Pontifical,
 E deq' logo juramento,
 Jurou n'hum Livro Missal.
 De fazer cumprir as leys,
 Como ley imperial,
 Confirmou os Privilegios
 Desta Cidade Real.
 Os Povos muito contentes
 De Rey tão especial,
 De pequeno sempre Grande,
 Magnifico, e liberal,
 Que he virtude julgada
 Dos príncipes principal.
 Isto tudo acabado
 Disseram « Real! Real! »
 Abi tocam as trombetas,
 Atabales outro tal;
 Todos lhe beijão a mão
 Os Senhores em geral.

Este Romance é acompanhado de muitas Coplas, em cada uma das quaes cada um dos Grandes, presentes á festevidade, vão beijar a mão ao novo Rei, e dar-lhe o parabem pela sua exaltação ao Throno. Advertindo porém, que cada Copla destas feixa com um conselho para o bom regimen do Reino, é assim que o Poeta sabia aproveitar todas as occasiões para dar provas do seu zelo pelo bem publico.

O Poemeto intitulado *Pranto de Maria Parda*, é a mais importante composição satyrica, que nos ficou daquelle seculo; será difficiloso encontrar alguma, que possa disputar-lhe a primazia, já não digo pela graça, em que ninguem igualou Gil Vicente, mas pela belleza do estylo, e da versificação. Torna-se além disso mui recommendavel pela pintura de alguns costumes plebeos do tempo, pela menção de alguns nomes de ruas, e suas localidades, que hoje tem mudado, posto que existam os antigos nomes. Os devotos de Baccho acharão aqui os nomes de todos os Taberneiros, que existiam então, e sitio de suas vendas. El-

las sam prova evidente do grande cultivo de vinhas, que existia já entre nós, e do grande consumo de vinho, que se fazia em Lisboa.

O assumpto do Poema é o seguinte. Havia, em Lisboa, uma Muleta mui conhecida pelo seu continuado sestro de embreguez, e de quem se dizia, que não fazia uso para bebida senão de vinho; veio um anno de escacez de colheita, e o vinho subio ao altissimo preço de dezeseis seitis a canada, e nesse anno morreo a dita Maria Parda. O Poeta finge que a sua morte fôra por causa de não poder comprar vinho, depois de haver vendido para isso quanto tinha, e depois de ir bater á porta de todos os Taberneiros, sem achar um só, que lho quizesse fiar.

Eu so quero prantear
 Este mal, que a muitos toca,
 Que estou já como minhoca,
 Que puzeram a secar.
 Triste, desaventurada,
 Que tão alta está a Canada
 Para mim como as Estrellas;
 Oh cuitadas das goellas!
 Oh goellas da cuitada!

Triste, desdentada, escura,
 Quem me trouxe a taes mazellas?
 Oh gengivas, e arnellas,
 Deitai babas de secura,
 Carpi-vos, beiços coitados,
 Que já lá vam meus toucados,
 E a cincta, e a fraldilha,
 Hontem bebi a mantilha,
 Que me custou dois Cruzados.

Bebi a mantilha, é uma phrase elliptica, para dizer, gastei de vinho o dinheiro, que tizei da venda da mantilha; mui quergica, e propria do genero; não sem poucas assemelhantes, que se encontram em Gil Vicente.

Oh Rua de S. Gião,
 Assim estás da sorte mesma,
 Como altares de quaresma,

E as malvas no Verão.
 Quem levou teus trinta ramos,
 E o meu mano bebamos,
 Isto a cada boraquinho?
 Oh vinho, mano meu, vinho,
 Que má hora te gastamos!

Oh Travessa Zanguizzarra,
 De Mattaporcos escura,
 Como estás de má ventura
 Sem ramos de barra a barra?
 Porque tens ha tantos dias
 As tuas Pipas vazias,
 Os Tonneis pôstos em pé?
 Ou te tornaste Guiné,
 Ou o Barco das Anguias!

Triste quem não cega em ver
 Nas carnicerias velhas
 Muitas Sardinhas nãs grelhas,
 Mas o Demo fiade beber.
 E agora que estão erguidas
 As coitadas doloridas
 Das Pipas limpas da borra,
 Achegou-lhe a pas com p...a
 De crescerem as medidas.

Oh Rua da Ferraria,
 Onde as portas heram Maíãs,
 Como estás cheia de guias,
 Com tanta louça vazia!
 Já me a mim aconteceu
 Na manhã, que Deos nasceu,
 Á hora do Nascimento;
 Beber ali hum de cento,
 Que nunca mais pareceo!

Que mudanças não tem havido na Capital! quantos nomes de ruas, que tem desaparecido! *Ferraria, Mattaporcos, Carnicerias Velhas, São Gião*, que tinha trinta vendas de vinho! Póde tambem notar-se o grande inconveniente das Poesias familiares, cuja intelligencia escapa com o correr do tempo; e perdem assim a graça toda!

Ou te torneste Gainé,
Ou o Barco das Angélas!

Quem póde agora sentir o chiste deestes versos? quem percebe agora a allusão, que o Poeta faz nelles? E que-remos entender bem Plauto, Juvenal, e Persio, quando não percebemos o que Gil Vicente diz na nossa propria lingua! O Poeta menciona a rua, ou travessa de Cata-que-faraz, e posto que exista hoje uma travessa com esse nome, é claro que não é a mesma, não só porque a actual tem poucos passos de extensão, dizendo o Poeta, que a outra tinha muitas vendas, e lojas, mas porque aquelle local já era fóra de muros. Nas seguintes Coplas falla o Poeta na rua dos Fornos, e no Poço do Chão, que parece pertencerem a Alfama!

Rua Calta-que-farás,
Que farei, e que farás?
Quando vos vi taes, chorei.
E tornei-me por de traz,
Que foi do vosso bom vinho?
E tanto ramo de Pinho,
Laranja, Papel, e Cana,
Onde bebemos, Joanna,
E eu, cento, e hum copinhos.

Oh Tabernas da Ribeira
Não vos verá a vós ninguém,
Mosquitos, o Verão vem
Porque vereis breiteira!
Triste, que será de mi?
Que má hora vos eu vi?
Que má hora me vós vistes!
Que má hora me paristes,
May da Filha do ruim!

Quem vio nunca toda Alfama
Com quatro ramos murchados
Os torcos todos quebrados!
Oh bicos da minha mama!
Bem all ao Santo Espirito
Hia eu sempre dar nó fito
N'hum vinho claro, rosete,

Oh meu bem ! doce palhete
 Quem podera dar hum grito.

Oh triste Rua dos Fornos,
 Que foi da vossa verdura ?
 Ora Rua da amargura
 Vos fez a paixão dos tornos.
 Quando eu, Rua, por vós vou
 Todo-los traques, que dou,
 Sam suspiros de saudade:
 Pera vós, ventosidade,
 Nasci toda como estou.

Fui-me ao Poço do Chão,
 E fui-me á Praça dos Canos;
 Carpi-vos, Manas, e Manos,
 Porque a dezaseis o dão.
 Oh velhas amarguradas,
 Que antes trez, septe canadas
 Sohiamos de beber,
 Agora tristes remoer
 Septe raivas appertadas.

Oh Rua da Mouraria,
 Quem vos fez matar a sede,
 Pela Ley de Mafamede
 Com a triste da agua fria ?
 Oh bebedores Irmãos,
 Que nos presta ser Christãos
 Pois nos Deos tirou o vinho ?
 Oh anno triste, cainho,
 Porque nos fazes Pagãos ?

Os Braços trago cansados,
 De carpir estas queixadas,
 As orelhas engilhadas:
 De me ouvirem tantos brados.
 Quero-me hir ás Taverneiras,
 Taverneiros, Medideiras,
 Que me dem hum canada
 Sobre meo rosto fada
 A pagar lá pelas Eyras.

Oh Senhora Biscainha,
 Fiae-me canada e meia,
 Ou me dae humsa candeia
 Que se vae esta alma minha:
 Accodi-me dolorida,
 Que trago a madre cabida
 Carra-se-me o gorgomillo,
 Em quanto posso engoli-lo
 Soccorrei-me, minha vida.

« Não dou eu vinho fiado,
 » Hide-vos embora, amiga?
 » Quereis ora que vos diga?
 » Não tendes isso aviado.
 » Dizem lá que não he lento
 » De pousar o cu ao vento,
 » Sangrade-vos, Maria Parda,
 » Agora tem vez a Guarda,
 » E a Raia no Advento. »

Devoto João Cavalleiro,
 Que pareceis Isaias,
 Dae-me de beber trez dits,
 E farvos-hei meu Herdeiro:
 Não tenho filhas, nem filhos,
 Mas canadas, e quartilhos;
 Tenho enxoval da Guarda,
 Se herdades Maria Parda
 Sereis fóra de empecilhos.

« Amiga, dicen por villa
 » Un' exemplo de Peláio
 » Que una cosa piensa el Balo
 » Y otra quan lo ensitta.
 » Pagad, si quereis beber,
 » Porque debeis de saber,
 » Que quin su Yegua mal peia
 » Anque nunca mas la ven
 » El se la quiso perder. »

Brancá mana, que fazedes:
 Meu amor, Deos vos ajude,
 Que eu estou no Aloude

Se me vós não soccorredes,
 Fiade-me ora tres meias,
 Que ande por casa alheias
 Com esta sede tão viva,
 Que já não acho calva
 Gota de sangue nas veias.

« Olhade, Mulher de bem,
 » Dizem, que em tempo de Figos,
 » Não ha hi nenhuns amigos
 » Nem os busque então ninguém.
 » Diz o exemplo judicioso,
 » Que bem passa de goloso
 » O que come o que não tem.
 » Muita agoa ha em Boratam,
 » E no Poço do Tinhoso.»

Senhor João do Lumiar,
 Lume da minha egueira,
 Esta hera a verde Pereira
 Em que vos eu via estar!
 Fiai-me hum gatar de vinho,
 E pagar-vez-hai em Linho,
 Que já minha lã não presta,
 Tenho mandado humma Besta
 Por elle a entre Douro, e Minho.

« Exemplo de femea honrada,
 » Que nos ninhos d'ora a hum anno
 » Não ha Passaros ogano,
 » Hivos, que sois aviada.
 » Em quanto isto assim dura
 » Mattai com agoa a secura;
 » Oh hide outrem enganar,
 » Que não me heide fiar
 » De Mula com matadura.»

Amára aqui de estallar
 Nesta manta emborilhada!
 Maria Parda coitada,
 Que não tem já que mijar!
 Eu não sei que mal for este,
 Peior cem vezes que a peste,

Que quando hera o trão, e tramo,
Andava eu de ramo em ramo
Não quero deste, mas deste.

Martim Alho, amigo meu,
Martim Alho, meu amigo,
Tão secco trago o embigo
Como nariz de Judeo!
De sede não sei que faça,
Ou de fiado, ou de graça,
Mano, soccorrede-me ora,
Que já trago os olhos fóra
Como rala da negaça.

« Diz hum verso acostumado,
« Quem quer fogo busque a lenha;
« E mais si o dono de aconha
« Appella de dar fiado.
« Vós quereis, Dona, folgar,
« E mandaes-me a mim fiar?
« Pois diz outro exemplo antigo,
« Quem quiser comer comigo
« Traga em que se assentar.»

Amor meo, mana Falala,
Minha gloria, e meo dileito,
Emprestai-me do Azeite,
Que se me seca a matula,
Athe que haja dinheiro
Fini que pouco requieiro,
Duas canadas hem putas.
Por não ficar ás escuras
Que se me arde o Candieiro.

« Diz Nabucodonosor
« No Sidraque, e miseraque
« Aquelle que dá gran traque,
« Se atravessa o Salvanor.
« E diz mais, quem muito pede,
« Mana minha, muito fede.
« Septe mil custou a Pipa;
« Se quereis fartar a tripa
« Pagar, que a vinte se mede.»

Raivou tanto sideraque,
 E tanta surzaganis,
 Vou-me morrer de sequia:
 Em cima de hum almadraque,
 E antes do meo finamento,
 Ordeno meo testamento
 Desta maneira seguinte,
 Na triste Era de vinte
 E dois desde o nascimento.

Esta peça original mostra bem a fecundidade do engenho de Gil Vicente! como é comica, e chistosa esta via sacra, que Maria Parda corre de Taberna em Taberna! como sam variadas as supplicas, que ella endereça aos vendedores, e as respostas, que elles lhes dão! é impossível dizer sempre a mesma cousa por modos tão differentes! alguns Leitores acharão, que tanto nesta como nas outras composições suas faz uso de algumas expressões, e vocabulos menos decentes, baixos, sordidos, e até obscenos, pede porém a justiça, que o não censuremos porisso; a nobreza, ou baixeza dos vocabales não é absoluta, mas relativa, assim como as idéas, ao tempo, em que se empregam. A opinião, e os costumes das diversas epochas, é que regulam nestes casos. Lembremo-nos que era necessario, que Gil Vicente fosse louco para em Dramas, e composições, que deviam ser representados no Paço, diante dos dous Reis D. Manoel, e D. João III., e da Familia Real; empregar termos, phrases, e vocabulos indecentes, e obscenos, em tal caso nem o soffreriam, nem o estimariam. O que se lê no Cancioneiro de Resende prova exuberantemente, que as idéas do seculo de Gil Vicente ácerça da decencia eram mui differentes das do nosso seculo. Ainda mais, lêam-se as Operas de Antonio José da Silva, mais conhecido pela denominação do *Judeo*, e ás volumosas colleções de Entremezes representados no reinado de D. João V., que esperam nas estantes da Real, e Nacional Bibliotheca Publica, que lá vá folhea-los quem tome o trabalho de escrever a *Historia Critica do nosso Theatro*, e lá se lêão cousas, que próvem a quanto ainda em tempos tão proximos se extendia,

já não digo a liberdade, mas o despejo de fallar na presença do público. Não se argua pois o Poeta de haver fallado ao gosto dos seus contemporaneos, a quem especialmente lhe compria agradar.

O Testamento de Maria Parda abunda daquelles chistes, e idéas comicas tão frequentes no Author, e tende a lançar o ridiculo sobre o furor de testar, e o luxo dos enterros do seu tempo, e de que desgraçadamente ainda não estamos completamente desabusados; o Poeta quando escrevia sempre tinha em vista a utilidade pública.

A minha alma emcomendo
A Noé, e a outro não;
E o meo corpo enterrarão
Onde estem sempre bebendo.
Leixo por minha herdeira,
E tambem Testamenteira
Lionor Mendes da Arruda,
Que vendeo, como sesuda
Por beber the a peneira.

Item mais, mando levar
Por tochas cepas de vinha,
E huma Borracha minha
Com que me hajam d'incensar,
Porque teve malvasia.
Encensem-me assim vazia,
Pois tambem eu assim vou.
E a sede, que me matou
Venha pela Cleresia.

Levar-me-hão n'um andor
De dia, e ás horas certas,
Que estam as portas abertas
Das Tabernas por hũ fôr.
E hirei, pois mais não pude
N'um quarto por ataúde,
Que não tivesse agoapé,
O *sovenite* a Noé
Cantem sempre, ou a meade.

Diante hirão mui sem pejo
 Trinta e seis Odres vazios,
 Que despejei nestes frios
 Sem nunes matar desejo.
 Não digam Missas resadas,
 Todas sejam bem cantadas
 Em Flamengo, e Alemão,
 Porque estes me levarão
 As vinhas mais carregadas.

Item, dirão por dó meu
 Quatro, ou cinco, ou dez trintairos,
 Cantados por taes Vigarios,
 Que não bebam menos que eu.
 Sejam destes trez d'Almada,
 E cinco daqui da Sé,
 Que sam Filhos de Noé
 A que sam emcomendada.

Venha todo o Sacerdote
 A este meu enterramento,
 Que tiver tão bom alento
 Como eu tive cá de cote;
 Os de Abrantes, e Punhete,
 D'Afruda, e d'Alcochete,
 D'Alhos Vedros, e Barreiro,
 Me venham cá sem dinheiro
 Athe cento, e vinte, sette.

Item, mando vestir logo
 O Frade Alemão vermelho,
 Daquelle meo manto velho,
 Que tem buracos de fogo.
 Item mais; mais mando dar
 A quem bem se embebedar
 No dia em que eu morrer
 Quanto movel hi houver,
 E quanto raci se achar.

Item, mando agasalhar
 Das Orphãs, estas normais

As que por beber dos Pais
 Ficam provres, por casar;
 As quaes darão por maridos
 Barqueiros hem recosidos,
 Em vinhos de mui bons cheiros,
 Ou busquem taes Escudeiros,
 Que bebam como perdidos.

Item, mais me cumprirão
 As seguintes Romarias,
 Com muitas Ave-Marias,
 E não curem de Menção.
 Vam por mim á Santa Orada
 D'Atouguia, e da Abridada,
 E a Curageira Santa,
 Que me deram na garganta
 Saude a Peste passada.

Item, mais me prometi
 Nua á padra da extrema,
 Quando eu tive o postema
 No beijo de baixo aqui.
 E porque grão Gloria sehta,
~~Leessem-me~~ muita agoa benta
 Nas vinhas de Caparica,
 Onde meu desejo fica,
 E se vai a finamenta.

Item, me levarão mais
 Hum gran Cyrio Paschoal,
 Ao glorioso Seixal,
 Senhor dos outros Seixaes;
 Septe missas me dirão,
 E os Calix encherão,
 Não me digão Missa secca,
 Porque a dor da Enxaqueca
 Me fez esta devoção.

Item, mais mando fazer
 Hum espaçoso Espirital,
 Que quem vem de Madrigal

Tenha aonde se acolher;
 E do Termo d'Alcobaça
 Quem vier dem-lhe em que jaça;
 E dos termos de Leiria
 Dem-lhe pão, vinho, e candeas,
 E coma, tudo de graça.

Os d'Obidos, Santarem,
 Se aqui pedirem pousada,
 Deem-lhe tanta pancada
 Como de mau vinho tem.
 Homem d'entre Douro, e Minho
 Não lhe daram pão, nem vinho;
 Se de Riba d'Avia for
 Fazei-lhe por meo amor
 Como se fosse visinho.

Assi que por me salvar
 Fiz este meo Testamento,
 Com mais siso, e entendimento,
 Que nunca me sei estar.
 Chorai todos meo perigo,
 Não leve o vinho que digo,
 Que eu chamava das Estrellas,
 Ora me, hirei para ellas
 Com grande sede comigo.

Havendo um Christão novo, morador em Santa-
 rem, feito as seguintes voltas.

Matou-me Moura e não Mouro,
 E quem me a lansada deu,
 Moura ella, e mouro eu.

houve muitas pessoas, que lhe fizeram Voltas; e a ro-
 go do Conde de Vimioso, lhe fez Gil Vicente a que
 se segue.

A Moura, que deu ferida
 A quem nunca foi ferido,
 Nem se vio em arruido,

Deve ser Moura fingida,
 Pois matou Christão fingido;
 Bem sei que morreo ferido
 Da ferida, que sei eu,
 Porém com faca se deu.

Creio que Affonço Lopes Capaio, que assim se chamava o Christão novo, azoaria mais com os remoques destas voltas, que o compromettiam com os Padres tristes, que com duas outras, que se seguem a estas na Collecção, que de certo não haviam de cheirar-lhe a essencia de rosas.

Tanto a Cidade de Lisboa, como o resto do Reino foram nos tempos antigos mui sujeitos ao flagello da peste, della morreo El-Rei D. Duarte, e o grande Poeta Antonio Ferreira. Em um dos frequentes insultos della, foi em casa de Gil Vicente, que deu seu primeiro golpe a epidemia; e em tão eminente perigo o Poeta longe de succumbir, teve assás de presença de espirito para se dar á composição de uma Farsa intitulada *A Caça dos Segredos*, e dirigir ao Conde Vimioso a seguinte carta sobre uma pertença, que ao dito Conde estava cometida.

Senhor, a longa esperanza
 Mui curto prazer ordena:
 Minha vida está em balança,
 E a muita confiança
 Nunca causou pouca pena.
 Isto digo
 Pelo que passo comigo
 Pelo tempo que se passa,
 Vejo minha morte em casa,
 E minha casa em perigo.

Certo he, nobre Senhor,
 Que quiz Deus, ou a Fortuna,
 Que quem serve com amor
 Quanto maior servidor,
 Tanto menos emportuna,
 Daqui vem,

Que quem não pede não tem,
 E quem espera padece,
 E quem não parece esquece,
 Porque não lembra a ninguém,

Muito debaixo da sola
 Trouxera quanto desejo,
 Se eu apprendera na Escola
 Onde Gonçalo de Ayola
 Apprendeu tanto despejo,
 Que o sesudo
 Deste tempo falla tudo,
 Quer vá torto, ou vá direito,
 E tornando a meo respeito
 Pera mim sempre fui mudo.

Agora trago entre os dedos
 Huma farça mui formosa,
 Chamo-a « *A Caça dos Segredos* »
 De que ficareis mui ledos,
 E minha dita ociosa,
 Que o medrar,
 Se estivera em trabalhar,
 Ou valera o merecer,
 Eu tivera que comer,
 E que dar, e que deixar.

Porém por cima de tudo
 O meu despacho queria,
 Porque minha phantasia,
 Ocupa o mais do estudo
 Todo em vossa Senhoria,
 E o cuidado
 Quando anda assi occupado
 Cuida muito, e não faz nada,
 A vontade acho dobrada
 Mas o espirito cansado,

Ainda que Gil Vicente não tivesse cômposto os seus Dramas, me parece, que só pelas suas Poesias Lyricas, que nesse caso seriam muitas mais, lhe com-

peteria o primeiro logar entre os Poetas desta Escho-la; tamanha é a superioridade do seu estylo, e versificação sobre os seus contemporaneos.

O Author de *Ignex Pereira* foi por quasi dous seculos um Poeta desconhecido, e o seu merito uma tradição; estava reservado para o nosso seculo o vindicar a sua fama, e arranca-lo do abysmo do esquecimento, onde os Jesuitas, e a Inquisição o haviam sepultado. A nova edição das suas Obras o fez conhecer dos Poetas, e dos amadores das Letras, que poderam examina-las, e fazer-lhe justiça. A sua Estatua eleva-se sobre o remate da fachada do novo Theatro de D. Maria II., entre as duas Musas Dramaticas; o Sr. Garret o fez apparecer em scena no seu lindo Drama intitulado, *Um Auto de Gil Vicente*. Os seus versos sam citados com applauso; já tem admiradores, e em breve terá discipulos, que sigam o caminho, que elle abriu para a criação da Comedia Nacional.

A respeito da epocha da morte de Gil Vicente damos as mesmas dúvidas, que a respeito do seu nascimento. Diogo Barbosa Machado diz vagamente, que fallecera em Evora, em 1551, mas como a sua ultima composição é de 1526, e não é verosimil, que o Poeta estivesse tão longo espaço sem nada escrever, não podemos eximir-nos de abraçar como mais provavel a opinião do Sr. Barreto Feio, que supõe, que o finamento do Plauto Portuguez foi pouco posterior ao anno de 1526.

CAPITULO XXXI.

Recapitulação.

Temos visto a Poesia Nacional spitar os primeiros, e debeis vagidos no metro informe, e na linguaem ainda barbara, e inculta de Gonçalo Hermingues, e Egas Moniz, que sam os mais antigos Poetas de que nos restam fragmentos, mas não de certo os primeiros Poetas, que compozeram na nossa lingua, devendo nós assim presumi-lo não só porque o talento poetico remonta entre nós ao tempo dos Turdulos, de que affirmam alguns Escriptores Romanos, que possuiam escriptas em verso as leis porque se regulavam, e as memorias da Nação, mas porque nos consta, que em tempos anteriores á fundação da Monarchia já floreciam Poetas na Galliza de que Portugal então fazia parte, e que a nossa lingua era então preferida na Hespanha por sua doçura para as composições, que deviam cantar-se.

Temo-la visto pois, pelo espaço de dous seculos, avultando cada vez mais á proporção que a lingua se depurava das fezes Gothicas, e Serracanas, regulando-se a sua Syntaxe, e enriquecendo-se a sua Prosodia, e tornando-se cada vez mais harmoniosa a versificação.

Este aperfeiçoamento deveu-se não só á ordem necessaria da Natureza, que faz que todas as cousas se modifiquem, e melhorem com o tempo, e com o exercicio, mas ao estabelecimento das Escolas geraes em Lisboa por El-Rei D. Diniz, e depois transferidas para Coimbra, chamando-se para reger suas Cadeiras habéis Mestres estrangeiros. Nellas a mocidade tomou o gosto ao estudo das Letras, e das Sciencias, quaes existiam naquelle tempo, e conheceu a necessidade de polir, e excitar a apathia Nacional, e despi-la da aspereza, e barbarez de que andava até ali afeiçada.

A ignorancia ia desapparecendo de dia para dia, crescia o tracto com os estrangeiros, especialmente Italianos, que entre as Nações da Europa era então a Italia a mais adiantada no saber; muitos mancebos, depois de longas viagens, voltavam á Patria mais eruditos, e mais polidos, e o seu exemplo não podia deixar de influir muito sobre a perfectibilidade moral dos seus contemporaneos.

A Poesia, assim como o saber, andava como vinculada no Paço, e nas altas classes da sociedade. Fazer Coplas era a moda do melhor tom, e uma especie de distincção Aristocratica, e meio effcaz de ser bem visto das Damas; Coplas compunha El-Rei D. Diniz, compunham Coplas D. Affonso IV., e D. Affonso V., compunha Coplas o Infante D. Pedro, Coplas D. Affonso Sanehes, Coplas o Infante D. Luiz, Coplas D. Pedro I., e seu filho D. João I., Coplas o Candel Mór do Reino Fernão da Silveira, D. João de Menezes, Affonso d'Albuquerque, e outros de igual nobreza, e que porisso não deixavam de illustrar a Patria com a espada.

As mesmas Princezas, e Senhoras principaes da Corte cultivavam as Letras, e a Poesia, tanto Latina como Portugueza, e para prova bastará citar a Infanta D. Maria, e a sua Academia feminina, em que tanto se distinguiram Luiza Segeá, e Paula Vicente.

É certo que entre tantos, e tão assiduos cultivadores da Poesia Nacional, de que se compõem esta Eschola, quassquer que fossem os dotes, com que a natureza os prendára, apenas entre os mais antigos se distingue o Infante D. Pedro, e entre os mais modernos Christovão Falcão, Bernardim Ribeiro, e Gil Vicente, que é mui superior a todos elles, e o unico, de quem póde dizer-se, que teve genio.

A Poesia é toda narrativa; tal é sempre o caracter da Poesia permissiva de todos os Povos. Imaginação, invenção, pinturas, elegancia contínua, galas, e primor de expressão debalde é procura-los. Nenhuma distincção entre o dialecto prosaico, e o poetico, negligencias repetidas, dureza, e incorrecção de estylo, repetições, e prolixidades a cada passo se encontram. Estes Poetas, uma vez que começam, de ordinario não

sabem onde hão de parar; nada mais raro entre elles, que uma comparação, uma mudança de tom, ou de affecto, parece que suas lyras não tem mais que duas chordas, e essas ás vezes pouco afinadas; grandes assumptos nem os tractam, nem os podiam tractar, ao menos bem, reduzidos a Coplas de redondilhas, ou inteiras, ou de pé quebrado; isto é, em que os octosylabos sam interrompidos por alguns quadrisylabos.

O Amor, a Devoção, a Satyra sam os themas usaes dos seus versos; mas frios, affectados, sem vigor de paixão, sem energia de sentimentos no amor, conservam o mesmo caracter nas composições religiosas; as suas Coplas deste genero parecem feitas para inserir em livros de Missa, ou nas Horas Mariannas.

Nas composições satyricas mostram mais força de veia, mais energia de expressão; mas as suas iavectivas degeneram ás vezes em grosseiras; sam mais causticas, que pungentes, sam mais decomposturas, que censuras, e nem sempre a honestidade é respeitada em taes Obras.

Alguns Poetas dos tempos mais proximos sentindo a necessidade de outros metros para tractarem assumptos serios, fizeram as Coplas, ou Estanças de oito versos de Arte maior. Nada mais pesado, e fastidioso que esta combinação, em que continuamente se ouvem duas marteladas unisonas, nada mais monotono, que estes versos, que para maior desgraça nunca elles souberam manejar bem, pois não ha um só, que por pequena que fosse a composição, que fizesse nestes versos, não cerasse pelo menos a terça parte delles.

Parece impossivel, que sendo já conhecidos em Portugal os Hendecasyllabos, pois não só nelles havia escripto Coplas El-Rei D. Diniz, o Conde de Barcellos, El-Rei D. Affonço IV., e o Infante D. Pedro alguns Sonetos, mas até nas Coplas de Gonçalo Hermingues existindo dous, aquelles Poetas não souberam conhecer a sua superioridade sobre os de Arte maior, e quanto eram mais aptos para tractar assumptos, que exigiam certa estenção, e em estylo mais elevado.

Mas com quantas sejam as imperfeições, que se depa-ram nas Obras destes veteranos da nossa Poesia,

não devem por isso menosprezadas, já porque sam testemunho innegavel da prioridade da nossa instrucção, e talento nacional; já porque a sua leitura, além de delizitosa, nos pôde ser porficua, pelo conhecimento, que podem ministrar-nos dos costumes, e medo de viver antigo, pela originalidade de alguns dos seus pensamentos, pela copia de vocabulos, e phrases pictorescas, que a cada passo se encontram nesses nomes Enios, e Pacuvios, e de que podemos aproveitar-nos para enriquecer o actual Dialecto Poetico.

Para se julgar com justiça um Escripitor é necessario levar em conta as circumstancias, em que elle escreveu. Nem sempre é o maior Poeta aquelle, que produzio melhores Obras. Ninguem negará, que as Poemas de Sá e Miranda sam muito superiores ás do Infante D. Pedro, mas é muito probavel, que fosse necessario maior força de talento para escrever como o Infante no tempo, em que floreceo, que para escrever como Sá e Miranda no Seculo de Quinhentos. A Pombo que do parapeito do arco grande das Agoas livres se eleva tão alto como esse arco, subio sim a mais altura, mas não teve vôo mais rijo, que outra, que da margem do rio vôu até ao parapeito de d'onde a primeira partiu.

Foram estes Poetas, que nos formaram a lingua, que Ferreira tinha de polir; foram elles quem preparou, e nivelou o terreno, em que Camões com os Lusíadas tinha de levantar o mais soberbo, e magnifico templo ás Musas do Téjo, e basta isso para os tornar acredores aos applausos, e gratidão de quantos pressam as nossas Letras.

A Eschola dos Trovadores tem resuscitado nos nossos dias mais brilhante, que nunca, e tem encontrado as sympathias do público, porque a sua Poesia é essencialmente popular. Quasi todos os mancebos, que hoje cultivam as Musas, se tem alistado debaixo das suas bandeiras, e estes novos Alumnos, auxiliados pelas luzes do seculo, podem leva-la a uma perfeição, a que os antigos não poderam chegar. A *Vivandeira*, e o *Corsario* sam boas provas disto. Recitadas nas *Companhias*, cantadas nos *Theatros*, e lidas nos *Jor-*

naes tem alcançado um applauso constante, e que lhe é de justiça devido.

Mas, diga-se a verdade, a Eschola dos Trovadores trabalha em um circulo muito lemitado para que possa ser de longa duração; a sua Poesia nascida nos Salões dos Castellos da Idade Media, aliada com a Musica, pertenceu sempre mais aos Salões do que ao Mundo. Com mais, ou menos perfeição será hoje, o que foi outr'ora na Próvença, na França, na Italia, na Allemanha, em Portugal, e na Hespanha, ornato das Festividades, recreio das Sociedades, encanto das Bellas; nunca porém será a Eschola dos Tassos, dos Miltons, dos Klopstocks, e dos Camões; porque não pertencem ao seu dominio as grandes concepções do Genio, e da Imaginação, que caracterizam, e immortalizam o Seculo, que as produz, e que fazem a gloria da Humanidade. As Poesias dos Trovadores são um brilhante jardim matizado das flores mais raras, e formosas, que encantam a vista com as suas côres variadas, com a elegancia das suas fórmãs; mas que depressa desbotam, murcham, e morrem. Mas a Tragedia, a Epopeia, o Poema Didactico, Descriptivo, ou Didascalico, essas Grandes Produções da Eschola Classica, ou Romantica, são como as Pyramides do Egypto, a grande Muralha da China, que passam incólumes através dos Seculos, e em todos elles despertam a admiração, e o assombro, e obrigam a acreditar, que no Espirito do Homem existe uma particula da Divindade.

FIM DO TOMO PRIMEIRO.

INDICE.

CAPITULO I. <i>Introducção</i>	5
CAPITULO II. <i>Da Lingua Portugueza, e sua indole</i>	17
CAPITULO III. <i>Eschola Gallega, ou dos Trovadores</i>	31
CAPITULO IV. <i>Guesto Ansuers</i>	35
CAPITULO V. <i>Gonçalo Hermingues</i>	42
CAPITULO VI. <i>Egas Moniz</i>	46
CAPITULO VII. <i>El-Rei D. Diniz</i>	51
CAPITULO VIII. <i>D. Pedro, Conde de Barcellos</i>	66
CAPITULO IX. <i>D. Affonso IV., D. Affonso Sanches, D. Pedro I.</i>	78
CAPITULO X. <i>O Poema da Cava</i>	82
CAPITULO XI. <i>O Infante D. Pedro Duque de Coimbra</i>	86
CAPITULO XII. <i>Macias</i>	96
CAPITULO XIII. <i>Bernardim Ribeiro</i>	102
CAPITULO XIV. <i>Christovão Falcão</i>	114
CAPITULO XV. <i>Garcia de Resende</i>	121
CAPITULO XVI. <i>O Cancioneiro de Garcia de Resende</i>	141

CAPITULO XVII. <i>Ayres Telles de Menezes</i>	145
CAPITULO XVIII. <i>Affonso Valente</i> ...	151
CAPITULO XIX. <i>Fernão da Silveira</i> ..	157
CAPITULO XX. <i>Alvaro de Brito Pestana</i>	167
CAPITULO XXI. <i>D. João Manoel</i>	176
CAPITULO XXII. <i>Luiz Henrique</i>	184
CAPITULO XXIII. <i>D. João de Menezes</i>	194
CAPITULO XXIV. <i>Jorge de Aguiar</i> ...	198
CAPITULO XXV. <i>Francisco da Silveira</i>	202
CAPITULO XXVI. <i>D. Rodrigo de Monsanto</i>	205
CAPITULO XXVII. <i>Diogo de Mello</i> ..	210
CAPITULO XXVIII. <i>Diogo Brandão</i> .	213
CAPITULO XXIX. <i>Henrique da Motta</i> .	231
CAPITULO XXX. <i>Gil Vicente</i>	241
CAPITULO XXXI. <i>Recapitulação</i>	296

ENSAIO
BIOGRAPHICO-CRITICO
SOBRE OS MELHORES
POETAS PORTUGUEZES.

Li 80 4.
22/11/82

ENSAIO
BIOGRAPHICO-CRITICO

SOBRE OS MELHORES

POETAS PORTUGUEZES.

POR

José Maria da Costa e Silva,

*Socio Honorario da Academia Lisbonense das Sciencias, e
das Letras, e Socio Correspondente do Gabinete de
Leitura do Rio de Janeiro.*

TOMO II.

*Tros, Tirusque mihi nullo discrimine agetur.
Virg. En. Lib. I.*



Lisboa.

NA IMPRENSA SILVIANA.

*
1851.

NOTES

1. The first part of the notes discusses the general principles of the subject, and the second part discusses the specific details of the subject.

2. The notes are intended to provide a comprehensive overview of the subject, and to serve as a reference for students and researchers alike.

3. The notes are organized into several sections, each dealing with a different aspect of the subject.

4. The notes are written in a clear and concise style, and are intended to be easy to read and understand.

5. The notes are a valuable resource for anyone interested in the subject.

6. The notes are available in both print and electronic formats.

7. The notes are a valuable resource for anyone interested in the subject.

ENSAIO

BIOGRAPHICO-CRITICO

SOBRE OS MELHORES

POETAS PORTUGUEZES.

LIVRO II.

CAPITULO I.

Introducção.

No intervallo occupado pelos reinados de D. João II, e D. Manoel teve lugar em Portugal uma revolução maravilhosa, que não só alterou o seu modo de existir, mas mudou a face da Europa, e talvez do Mundo inteiro.

Um punhado de Portuguezes intrepididos, e sedentos de gloria, depois de haverem na costa maritima da Mauritania occupado á força d'armas, Ceuta, Asamor, Arzilla, Tanger, Zafim, Alcaçar, e Marsagão, affoutando-se a mares desconhecidos, dobraram os cabos de Náo, e Bojador, descobriram, e povoaram ilhas até ali ignoradas, montaram o Promontorio das Tormentas, costearam a Africa Occidental, e Oriental abrindo tracto com os povos, que ali habitam, foram mostrar as Quinas Lusitanas no Indostão, e abordaram a quarta parte do mundo, aonde em breve haviam de surgir colonias vastas, e florescentes, fontes inexhaustas de ouro, e mil producções preciosas.

As frotas Portuguezas vogavam victoriosas pela costa do Malabar, e Coromandel, pelo golfo de Cambaça, iam subjugar Malaca no regaço da Aurea Chersoneso, entravam pelo mar Erythreo para abrasar as galeras do Soldão do Cairo, varejavam com sua artilheria a cidade imperial de Calcut na costa do Malabar; velejavam nas Molucas, e nas

Maldivas, e iam bater ás portas do Japão, e do imperio da China.

Os Reis mais poderosos da Asia, se reconheciam vassallos do Rei de Portugal, ou curvavam aos golpes da espada Lusitana, que tudo abatia, e revolvia tudo, por espirito de ambição, de fanatismo, de religião, de gloria, e de heroismo.

E que faziam então essas nações da Europa, que hoje nos despresam, e acoimam de bárbaros, sem lembrar-se de que lhe ensinamos a navegar, e negociar, e lhe demos o exemplo da civilisação? Sepultadas na barbaridade, e na ignorancia, opprimidas do jugo feudal, entretinham-se em justas, e torneios, em disputas theologicas, em guerras civis, e religiosas, e dilaceravam-se umas ás outras como os nascidos dos dentes de Dragão semeados por Cadmo.

Os resultados destas expedições, e façanhas portuguezas foram incalculaveis. O commercio das especiarias, perolas, rubins, e das mais drogas, e veniagas indianas, que até ali como uma torrente partindo de Suez, atravessando o deserto, vinha represar-se no Cairo, e Alexandria, donde depois se espalhava por todos os reinos europeos, agora transpondo o Oceano, vinha achar em Lisboa um Emporio exclusivo, onde as nações estranhas concorriam a prover-se daquelles generos preciosos.

O ouro de toda a Europa vinha aqui encontrar-se, a riqueza chegou aos mais remotos angulos do reino, e ás classes infimas do estado.

Eu já vi correr Pardaus
Por Cabeceira de Basto.

Dizia Sá de Miranda, e vendo crescer o luxo acrescentava

Destes mimos Indianos
Hey grão modo a Portugal.

Creeceram as commodidades da vida e com ella as exigencias, e a civilisação. Conhecendo-se que toda esta prosperidade era resultado das sciencias ensinadas na Academia de Sagres, a quem se devia o novo methodo de navegação tornada mais facil pela descoberta, e invenção do

Astrolabio, Noturlabio, Barquinha, e Cartas Hydrographicas; todos os espiritos se applicaram ao cultivo dellas, e ao exame dos escriptos da antiguidade.

Este ardor de instrucção era activado pelos homens, que voltavam dessas expedições longinquas, com idéas novas que lá tinham adquirido, e pelo tracto com os estrangeiros que afluíam aos nossos portos, ou vinham estabelecer-se entre nós especialmente Venezianos, e Genovezes, que eram então os primeiros negociantes da Europa; e então a Universidade de Coimbra estava no apogeo da sua gloria, tanto pelos Professores, que ali região as Cadeiras dos differentes ramos de instrucção, como pelo aproveitamento dos estudantes, que as frequentavam.

Neste fervor de idéas novas, nesta paixão pelo saber, era impossivel que a Poesia ficasse estacionaria. A instrucção é o seu alimento natural, e a instrucção sobejava então na nossa Patria; a leitura dos exemplares Gregos, e Romanos despertava a emulação. As proezas prodigiosas dos nossos guerreiros inflammando, e exaltando as imaginações ardentes, convidava a celebra-las, e os Poetas conheceram em breve, que a Poesia nacional, e suas Coplas, não eram instrumentos proprios para desenhar tão grandes quadros, e adoptando os metros Italianos, procuraram aproximar-se á correcção de estylo, e viveza de colorido, que admiravam nos antigos.

O lance era o mais favoravel para a admissão destes novos metros, a lingua tinha chegado ao maior ponto de regularidade, e de aperfeiçoamento; a alta Poesia era inteiramente desconhecida em Portugal, pois tudo o que até ali se compuzera se reduzia a Coplas amorosas, ou satyricas, em versos de arte menor; pois inda que apparecem alguns hendecasyllabos na Cansão de Gonçalo Hermingues, e alguns Sonetos entre as obras do Infante D. Pedro, e D. Affonso IV., era isso uma cousa excepcional. Não havia pois a grande difficuldade de desavesar os ouvidos do publico de uma harmonia já conhecida, e consagrada por obra de grande importancia, para sujeita-los a uma harmonia nova, e tudo dependia do talento dos que emprendessem essa novidade.

O primeiro que trabalhou por introduzi-la com o seu exemplo foi Francisco de Sá de Miranda, sendo mui de

notar que a importante introdução de uma Poesia nova, na lingua Portugueza, e Castelhana fosse obra de dous Poetas mediocres : e ainda assim parece-me que João Buscan, era mais naturalmente Poeta, pelo menos tinha melhores ouvidos, e expressão mais viva que Francisco de Sá de Mirandã.

CAPITULO II.

O Doutor Francisco de Sá de Mirandã.

Francisco de Sá de Miranda nasceu na Cidade de Coimbra a 27 de Outubro de 1495. Foi filho de Gonçalo Mendes de Sá, e de sua mulher D. Filippa de Sá, ambos mui distinctos por linhagem, e pelos grandes serviços dos seus antepassados, e irmão de Mem de Sá mui conhecido na Historia do Brazil de que foi Governador.

Mostrou desde os mais tenros annos grande vivacidade de ingenho, amor do estudo, e facil comprehensão ; mais por cômprazer com a vontade de seu Pai, que por inclinação propria, se applicou ao estudo do Direito, em que adquiriu o grau de Doutor : tudo presagiava que o novo alumno de Minerva tomaria assento em algum dos Tribunaes superiores do reino, depois de haver, segundo o costume, exercido alguns dos logares de letras, que serviam de escallã para aquella posição.

Mas Francisco de Sá de Miranda aborrecia a vida de Magistrado, tinha em pouca conta a sciencia juridica, e porisso, tanto que seu Pai morreu, abandonou logo Bartholo, e Accursio, authores antipathicos com o ingenho Poetico, oppoz-se a uma Cadeira de Philosophia na Universidade, e sendo provido nella a regeu dignamente por alguns annos, entregando-se todo ao estudo desta sciencia, e ao culto das Musas.

Foi na Universidade que Sá de Miranda contrahiu com Antonio Ferreira uma viva, e sincera amisade, que parã honrã de ambos nunca se desmentiu, e durou até á mor-

te; e bem que Ferreira considerado como Poeta estivesse mui superior a Miranda, sempre o respeitou como Mestre, sem contempla-lo como rival, e foi elle que com o exemplo das suas composições lhe prestou apoio, e o fez triumphar na grande questão litteraria, que teve com Diogo de Teive.

Este Professor summamente recommendavel por seu grande saber, era escutado na Universidade como oraculo, e como passava por grande Poeta Latino, todos os Membros, que se sentiam com vocação para a Poesia, seguiam o seu exemplo, e o seu conselho, poetando na lingua de Virgilio, e despresavam como elle a lingua patria, e as linguas vulgares como rudes, informes, e incapazes para o tracto das Musas.

Miranda, sem deixar subjuar-se pela authoridade de tão grande Mestre, não teve duvida em formar um scisma litterario, sustentando os fóros da lingua patria, e dizendo que cada nação devia cantar no seu idioma natural, que um povo vivo não podia contentar-se com uma Poesia morta: que um Poeta Latino moderno não pertencia a nação nenhuma, posto que fosse entendido por todas; que para um Poeta honrar a sua patria era necessario que escrevesse na lingua materna; estas doutrinas, que hoje nos parecem tão claras, que não admittem contradicção, não eram facilmente comprehendidas naquelle tempo, e encontravam sobejas contradicções, ellas com tudo callaram no animo de alguns bons engenhos, que então frequentavam a Athenas Lusitana, e mui particularmente em Ferreira, mais capaz de comprehende-las, e que primeiro que ninguem tomou o partido de Miranda.

A razão, e o bom senso estavam da parte de Francisco de Sá, e dos seus amigos, porém os Latinistas cantavam a victoria comparando os metros Latinos com os Portuguezes, e achando naquelles mais soltura, e liberdade, mais campo para variar as pausas, e as cesuras, mais harmonia, e flexibilidade para modelar-se á infinita variedade de fórmãs, e de tons, que demanda a imitação dos diferentes objectos, que se offercem á imaginação, e dos sentimentos, que nos agitam. Todas estas vantagens existiam na versificação da Poesia Toscana, já então mui conhecida entre nós, e nas suas artificiosas combinações de

versos de diferentes medidas com os hendecasylabos, na copulação musical das suas rymas, e Sá de Miranda, e a sua eschola não podiam deixar de adoptal-os, para mostrar aos seus adversarios, que a lingua Portugueza se até ali não havia produzido senão Trovas, não era por falta de cabedal para mais, mas sim porque della se não havia exigido outra cousa.

Adoptou-os pois, talvez sem calcular toda a extensão dos resultados desta novidade, assim como duvido muito, que elle sentisse bem, e se compenetrasse do verdadeiro espirito da Poesia Italiana como Antonio-Ferreira, e sobre tudo Luiz de Camões.

Parece-me que sem embargo de lhe imitar a fórma externa, Sá de Miranda ficou sempre Trovador, que o manto classico de Petrarcha lhe cahe a cada instante dos hombros desacostumados: que só vêjo nelle um camponez vestido de côrte, que não sabe como ha de ter o chapéo, ou sentar-se com garbo em uma cadeira de espadar.

Escreveu, é verdade, Sonetos á maneira do amante de Laura, Cansões de longos ramos, alternando como elle as rymas, e os versos com os hendecasylabos, mas nesses Poemas debalde se procura a correccão, a elegancia, a viveza de colorido, a graça, o espirito, a voluptuosidade, e a força de expressão do seu modelo; em uma palavra, Sá de Miranda nunca soube moldar a lingua patria aos hendecasylabos, nem possuio a cultura, e gravidade do estylo classico.

Os seus metros hendecasylabos sam de ordinario duros, prosaicos, mal torneados, e tão eivados de desinençias agudas, que a cada instante offendem a quem tiver ouvidos delicados, e sensiveis á harmonia dos sons; e foi este grave defeito que obrigou Manoel de Faria e Sousa a dizer, com a sua costumada graça epigrammatica, que *Francisco de Sá de Miranda era excellente Poeta para os velhos, que já tem perdido o sentido de ouvir.*

E na verdade haverá bem poucas pessoas, a quem não cance de preça a leitura deste Poeta, já pela desarmonia do metro, já pelo seu estylo pouco corrente, e pouco elegante, onde a cada passo os vocabulos nobres se encontram misturados com os baixos, as phrases poeticas com

as prosaicas, e as idéas philosophicas com os ritmos, e os adagios populares.

A lyra de Sá de Miranda parece que não tem senão duas chordas. Canções, Eclogas, Cartas, Sonetos tudo é escripto da mesma fórma, tudo apresenta um estylo bo-colyco, e sentencioso, de modo que diria que o Author entendia, que lhe não era possível ser Poeta sem traduzir Seneca em estylo pastoril.

Tambem parece, que a febre patriotica não apertava muito com elle, porque a maior parte das suas Poesias, e talvez as melhores, sam escriptas em Castelhana, cousa tanto mais para admirar á vista da sua antipathia para os que poctavam em Latim. Julgaria acaso, que escrever em Castelhana era menos offensa da patria do que escrever em Latim? Estaria persuadido de que a lingua dos nossos visinhos era mais harmoniosa, e perfeita do que a nossa? Não sei; mas parece-me, que este Poeta não tinha espirito muito consequente, pois desapprovava que os outros escrevessem em lingua estranha, quando elle as mais das vezes o praticava, e se fez Apostolo de uma Poesia nova, sem deixar de todo as Trovas da antiga Poesia nacional.

Não se persuade porém o leitor, que eu pertendo desabonar a reputação de Francisco de Sá de Miranda, ou tornar menos respeitavel o seu nome. Elle merece a nossa estima, e a nossa veneração como um dos Pais da nossa Poesia; apontar os defeitos das suas obras, não é negar as bellezas dellas, antes faze-las sentir melhor, e que motivo teria eu para ser injusto com um homem, que viveu no seculo 13, e que como Homero, ou Vergilio só é de mim conhecido pelos seus escriptos, que escaparam á voracidade do tempo?

Não sei se por algum desgosto, que teve na Universidade, se por desejo de instruir-se, se por natural inconsistancia de genio, o Doutor Francisco de Sá, abandonou a Cadeira de Philosophia, os seus discipulos, e amigos, sahio do reino, e poz-se a correr a Hespanha, e a Italia, visitando as principaes cidades destas duas nações, como elle proprio o aponta nos seguintes versos.

Vi Roma, vi Veneza, e vi Milão
Em tempo de Hespanhoes, e de Francezes,

Os jardins de Valença, e de Aragão,
Em que amor vive, e reina, e força ganha.

Não direi que fructo tirou desta longa digressão. Existiam então nos dous paizes, e muito mais na Italia, grandes Poetas com quem elle devia sem duvida encontrar-se, e conviver em Roma, em Napoles, em Florença, em Veneza; mas não vejo que o tracto, e conversação, que teve com elles, lhe aperfeiçoasse o gosto, ou lhe augmentasse a afeição á Poesia Italiana, nem acho nos seus versos alguns dirigidos a algum delles, nem que exprimam saudade ou admiração por aquelle paiz encantador, e pictoresco; onde parece que não deixou amigos, nem admiradores, pois de tantos Poetas Italianos que conheço não ha um só que faça menção de Francisco de Sá de Miranda.

Voltando á patria, entrou no serviço do Paço, e dizem que foi muito estimado d'ElRei D. João III., que o condecorou com uma Commenda da Ordem de Christo, denominada das Duas Igrejas, junto de Ponte de Lima, e que fôra mui protegido do Principe D. João, como se vê de alguns Sonetos, que acompanharam a copia de algumas obras, que o mesmo Principe lhe mandára pedir por diferentes vezes. Nem é de admirar que fosse estimado na côrte um homem nobre, de grande saber, que tinha o talento de compor Trovas, de saber bem musica, e tocar rebeca com grande perfeição.

Mas Francisco de Sá não era moldado para a vida de cortesão; a inflexibilidade da sua moral, a franqueza com que censurava as idéas, e costumes dos Aulicos, o tornaram odioso, e uma querella mui viva, que teve com um Palaceano, o obrigou a tomar a resolução de dar d'avesso ás esperanças de grandeza, que concebêra, retirando-se do mundo Aristocratico, e acolhendo-se á Quinta da Tapada pertencente á sua Commenda, na Diocese de Braga.

Ali como em seguro remanso pôde viver livre e independente, versejando, e murmurando á sua vontade, entretendo correspondencia com alguns amigos litteratos como o Doutor Antonio Ferreira, Jorge de Montemaior, João Rodrigues de Sá e Menezes, Pero de Carvalho, Mem de Sá, seu irmão, Antonio Pereira, Senhor de Basto, D. Fer-

nando de Menezes, Nuno Alvares Pereira, Pero de Andrade Caminha, e outros igualmente distinctos por seu saber, e sua nobreza, e alguns delles tambem cultores das Musas.

Outras vezes tomava por desenfadamento o exercicio de montar, a que era muito inclinado, posto que a paixão pela caça não pareça armonisar muito com os hábitos, e inclinações de um Doutor, e de um Poeta.

Casou com D. Briolanja de Azevedo, senhora de illustre ascendencia, mas um tanto idosa, e o que mais é, tão pouco favorecida da formosura, que seu Pai recusou muito conceder-lha por Esposa, com receio de que Francisco de Sá depreça se desgostasse della; é porém natural que a virtude, a affabilidade de character, e maneiras graciosas compensassem, como ás vezes acontese, a sua fealdade, pois consta que Sá de Miranda sempre a amou, e respeitou muito, e se houve por feliz na sua companhia.

Desta Senhora, teve elle dous filhos, Gonçalo Mendes de Sá, que seguiu a vida militar, e morreu em Ceuta combatendo valerosamente contra os Mouros; outro que se chamou Jeronimo de Sá d'Azevedo perpetuou a sua descendencia, que se acha hoje entroncada nas familias mais nobres do reino.

Um facto que mostra a grande estima, que os Portuguezes fizeram sempre de Sá de Miranda, é que tractando este Jeronimo de Sá casar uma filha sua, o Noivo escolhido exigiu, que o manuscripto authographo das obras do Poeta fizesse parte do dote, que havia de receber, e assim se verificou. Este manuscripto se conservou por muitos annos na familia, como grande preciosidade, e na verdade o era, e dizem que se conserva hoje na Bibliotheca Real de Paris, em consequencia de um dos seus descendentes haver feito delle dinheiro!!!

Francisco de Sá de Miranda falleceu na sua Quinta da Tapada, onde viveu feliz, e tranquillo, a 15 de Março do anno de 1538, havendo sobrevivido trez annos á sua estimavel Esposa.

Nenhum dos escriptos deste Poeta me consta que fosse publicado pela imprensa, durante sua vida: giraram por muito tempo em manuscripto pelas mãos dos curiosos, e talvez dahi provenha a variedade de lições, que nelles se encontram, sendo algumas tão grosseiras, e ridiculas que

manifestamente se vê que provieram de alterações feitas no texto por copistas ignorantes.

Tem-se feito diferentes edições das Poesias deste Poeta, em diversos formatos, umas sem as suas Comedias, outras com ambas, e outras só com uma, tal é a que eu posuo, que sahi da Officina Regia no anno de 1804, e não havendo ainda encontrado uma só, que possa dizer-se boa, não duvido de afirmar, que esta, salvo o papel, que na verdade é bom, a tenho pela peor, e mais incorrecta de todas.

As obras de Francisco de Sá de Miranda começam por vinte e cinco Sonetos, dos quaes onze sam em castelhano, e quatorze em portuguez: entre estes ha alguns de muito merecimento, tal é o seguinte.

SONETO.

O Sol he grande; caem co'a calma as Aves,
De tempo em tal sazão, que sohe ser fria.
A agoa, que d'alto cae, accordar-me-hia
Do somno não, mas de cuidados graves.

Oh cousas todas vãs! todas mudaves!
Qual he o coração, que em vós confia?
Passando hum dia vai traz outro dia,
Incertos todos, mais que ao vento as naves!

Eu já vi por aqui sombras, e flores,
Vi agoas, e vi fontes, vi verdura,
As Aves vi cantar todas d'amores.

Mudo, e seco he já tudo, e de mistura
Tambem fazendo-me eu fui d'outras côres,
E tudo o mais revive; isto he sem cura.

Este Soneto é bem pensado, cheio de melodia, e amenidade, e até, o que é mais raro, bem versificado. *Caem co'a calma as Aves*, é uma expressão sublime, e das mais felizes, que o Poeta podia encontrar. *A agoa, que d'alto cae* é um rasgo de harmonia imitativa, bem pouco usual nos Poetas desta epocha, se exceptuarmos Camões. *Reina um sentimento profundo, tão poetico como philosophico*

na comparação do effeito que o tempo produz n'uma bella paizajem, e na vida do homem, com a differença, que o campo recobra o que perdeu, mas o que o homem perde é para sempre. Até para mais perfeição deste pequeno Poema, acaba em dous tercetos rigorosos, e não, nos desgraçados tercetos quarteados á maneira de Petrarcha, em que tão imitado foi pelos nossos antigos, e os Hespanhoes, apesar do pessimo effeito de tal combinação de rymas. Só dous pequenos senões encontro neste Soneto, a saber, a palavra *mudaveis*, que para acodir ao consoante apparece no primeiro verso do segundo quarteto barbarizada em *mudaves*, e no ultimo verso do ultimo terceto a phrase plebéa, *isto é sem cura*, o que prova a desigualdade do estylo do Author, de que fallei acima.

O genio sentencioso de Sá de Miranda apparece neste Soneto, dirigido ao Principe D. João, com algumas obras suas, que o mesmo Principe lhe mandou pedir.

SONETO.

Ainda que em Vossa Alteza a menos parte
Em que Deos ajuntou tantas, e taes,
Seja esta, nada vi, entre as Reaes
Se contou ella sempre em toda a parte.

Dar favor aos engenhos, e a toda a Arte
Das boas faz os Reys aqui immortaes,
Por fama; inda passando avante mais,
Huns fez Deoses de todo, outros em parte.

A guerra leva o Mor Scipião comsigo
As Musas brandas de seo natural,
Que assi sem armas sam d'altas ajudas.

Ainda nos contam do bom tempo antigo,
Cahiram as Estatuas de Metal;
Que al se podia esperar de cousas mudas?

Se Boileau, que na sua Arte Poetica diz, que Apollo
dando as regras do Soneto

Defendit qu'un vers faible y put jamais entrer,
Et qu'un mot deja mis osat s'y remontrer,

lá-se este Soneto, vendo nelle a *menor parte*, em toda a *parte*, em *parte*, que diria desta pobreza de rymas? Que diria dos versos emperrando-se prosaicamente uns com os outros? Que diria finalmente deste fecho tão sem sabor,

Que al se podia esperar de cousas mudas?

muito melhor do que este é outro Soneto com que o Author acompanhou outra remessa de versos ao mesmo Principe, posto que termine com um daquelles rifões populares, que o Author gosta de introduzir em todas as suas Poesias,

SONETO.

Tardei, e cuido que me julgam mal,
Que emendo muito, e que emendando dano,
Senhor, porque hey gran medo ao meu engano
Deste amor que nós temos desigual.

Todos a tudo o seu logo acham sal;
Eu risco, e risco, vou-me d'anno em anno;
Com um dos olhos só vai mais ufano
Fellipo, asi Sertorio, assi Hannibal.

Ando com meos papéis em diferenças;
Sam preceitos de Horacio (me dirão)
Em al não posso, siga-o em appareças.

Quem muito pelejou como hirá são?
Quantos ledores, tantas as sentenças,
Com vento vellas vem, e vellas vão.

Parece-me que não será mui facil deparar com o fio, que liga estas idéas, pelo menos custa-me a achar relação alguma entre o Poeta que riscava, e tornava a riscar, e Annibal, Filippe, e Sertorio que *era mais ufano com um só olho*, nem me consta que aquellas personagens tivessem muita ufania de serem tortos! Nos ultimos tercetos não ha mais que trez sentenças soltas, que tambem nada tem com Sá

de Miranda imitar Horacio *em apparencia porque não podia em mais!* Mas eram sentenças, e com isso se dava elle por satisfeito; na verdade, si, depois de tanto riscar, e tanto emendar, as suas obras sahiam tão incorrectas, que faria si não emendasse!

O combate do amor contra a razão, eterno, e impertinente thema dos Poetas Eroticos de Hespanha, e Portugal, tambem apparece em Sá de Miranda, veja-se o seguinte

SONETO.

Desarrasoado amor dentro em meu peito
Tem guerra co' a razão; amor, que hi jaz
Ha já de muitos dias, manda, e faz
Tudo o que quer, a torto, e a direito.

Não espera razões, tudo é despeito,
Tudo soberba, e força; faz, desfaz
Sem respeito nenhum; e quando em paz
Cuidaes, que sois, então tudo é desfeito.

D'outra parte a razão tempos espia,
Espia occasião de tarde em tarde,
Que ajunta o tempo; em fim vem o seo dia;

Então não tem lugar certo onde aguarde;
Amor tracta traições, que não confia
Nem dos seos; que farei quando tudo arde?

O Soneto é na verdade bom; mas *desarazado amor tem guerra com a razão*, é uma incorrecção de estylo; se o amor é desarazado, que admira, que faça guerra á razão? Eis-aqui outro Soneto, muito elogiado por Bouterweek como pintando bem o enthusiasmo da ternura, e do amor, e que Sismondi paraphraseou em prosa poetica, do modo que deve enganar muito os que não entendem o original.

SONETO.

Não sei que em vós mais vêjo, não sei que
 Mais ouço, e amo ao rir vosso, e fallar ;
 Não sei que entendó mais the no callar,
 Nem, quando vos não vêjo, a alma que vê,

Que lhe apparece em qual parte que estê,
 Olhe o Ceo, olhe a terra, ou olhe o mar ;
 E mais aquelle vosso suspirar,
 Em que tanto mais vai, que direi que he ?

Em verdade não sei ; nem isto que anda
 Antre nós ; ou se he ar como parece,
 Ou fogo d'outra sorte, ou de outra ley,

Em que ando, de que vivo, nunca abranda ;
 Por ventura, que a vista resplandece,
 Ora o que eu sei tão mal como o direi ?

Os dous Criticos, que tanto elogiam este Soneto, de certo que se regularam pelas idéas, que na verdade sam boas ; mas na qualidade de estrangeiros podiam acaso sentir o que ha defeituoso no estylo ? As difficuldades de expressão, a desarmonia dos sons, o prosaismo destes versos, que se vão encadeando uns nos outros, suspendendo o sentido, e a oração, não só de verso para verso, mas de quarteto para quarteto, e de terceto para terceto, que é uma cousa das mais desagradaveis na nossa Poesia ? Sentiriam elles a dissonancia barbara, que faz em nossos ouvidos um Soneto sendo escripto em versos agudos, fórma que só pôde ter logar, e tolerar-se em assumpto burlesco ? O que é certo é que em poesia ha defeitos, e bellezas, que só os nacionaes podem sentir bem, ou aquelles raros estrangeiros, que chegam a possuir uma lingua não sua, na mesma perfeição, em que a possuem aquelles, que naturalmente a fallam ; e nesse caso não julgo eu nem o Critico Alemão, nem o Francez, posto que suas traducções mostrem que tinham bastante conhecimento do nosso idioma.

Sem querer dar o meu gosto como regra, prefere a este Soneto os dous seguintes, repassados de um profundo sentimento de melancholia, que segundo o testemunho dos seus contemporaneos, era feição característica do genio do Poeta.

SONETO.

Alma, que fica por fazer desde hoje
Na vida mais? se a vã minha esperança,
Que sempre sigo, que me sempre foge,
Já, quanto a vista alcança, e não alcança?

Fortuna que fará? roube, despoje,
Prometa d'outra parte em abastança,
Que tem, com que me alegre, ou com que enoje?
Tanto tempo ha que dei mão á balança!

Chorei dias, e noites, chorei annos,
E fui ouvido ao longe, pelo escuro
Gritando; acrescentei muito em meos damnos.

Agora que farei? por amor juro
De tornar a cantar fóra de engano,
E, por muito, do mal posto em seguro.

SONETO.

Aquella fé tão clara, e verdadeira,
A vontade tão limpa, e tão sem magoa,
Tantas vezes provada em viva fragoa,
De fogo, hi appurada, e sempre inteira:

Aquella confiança de maneira,
Que encheo de fogo o peito, os olhos d'Agoa,
Porque eu ledo passei por tanta magoa,
Culpa primeira minha, e derradeira,

De que me aproveitou? não de al por certo,
Que de um só nome tão leve, e tão vão,
Custoso ao rosto, tão custoso á vida.

Dei de mim que fallar ao longe, e ao perto;
Ri, assim se consola a alma perdida,
Se não achar piedade ache perdão.

A escâceza de consoantes obrigou o Poeta, a usar da palavra *magoa* no segundo verso, do primeiro quarteto, e no terceiro do segundo; pena é que em tão bom Soneto se depare este senão; mas o Author para sua defeza podia sustentar, que não é a mesma palavra, mas duas, pois que a primeira significa *mancha*, e a segunda *pena*, ou *desgosto*, e que nisso não era mais reprehensivel que muitos Poetas, que tem feito rymar *chamma* substantivo, com *chama* terceira pessoa do presente indicativo do verbo *chamar*.

Um dos melhores, (e talvez o melhor) dos Sonetos de Francisco de Sá de Miranda, é o que elle fez á morte de Leandro.

SONETO.

Entre Sesto, y Abido, al mar estrecho,
Lidiando con las ondas sin sociago,
Noche alta, el buen Leandro prueba el fuego,
Y lagrimas, que corren sin provecho.

Viendo que es todo en vano buelve el pecho
De nuevo a aquel mar bravo, ojos al fuego,
Que luce en l'alta Torre, ai amor ciego,
Que tanta crueldade has visto, has hecho!

Nadava mientras pude hazia la plaia
De Sesto, deseado, y dulce puerto,
Porque siquiera alli moriende caia.

Enfin, ondas, venceis (dixó cubierto
Ya dellas.) mas no hareis que alla no vaia,
Vivo no quereis vos, mas hiré moerto.

Copiei aqui este Soneto, sem embargo de ser escripto em castelhano, porque anda traduzido, sem se declarar que o é, nem o nome do author, entre as Poesias do Desembargador Antonio Ribeiro dos Santos; e como tenho ouvido algumas pessoas accusa-lo de plagiaro, aproveito a occasião para dizer o que entendo a esse respeito.

Esta accusação é injusta, e despida de todo o fundamento. Nem Antonio Ribeiro, tão rico de suas proprias Poesias, precisava de aproveitar-se de um Soneto alheio,

nem era tão insensato que se persuadissem de que tal roubo podesse ficar por muito tempo occulto, nem uma acção tão ridicula, e absurda é compativel com a sua honradez, e prudencia ; mas Antonio Ribeiro estava velho, e quasi cego quando deu á luz as suas Poesias, confiou de um amigo, (e eu sei a quem) o colligir, e rever as provas das suas obras, e não admira que este achando entre os seus manuscritos este Soneto sem declaração alguma, com a melhor fé do mundo, o incluisse assim entre os Sonetos do seu amigo. Estas observações são só para aquelles, que não conheceram pessoalmente Antonio Ribeiro, porque para os que tractaram de perto com esse honrado homem eram absolutamente desnecessarias.

A Canção, que na Poesia Romantica occupa o mesmo lugar, que a Ode occupava na Poesia Grega, e Latina, foi invenção dos Trovadores de Provença, de quem a receberam os Scicilianos, e Italianos, e destes os Hespanhoes, e Portuguezes, sem que em nenhuma destas nações soffresse alteração alguma, antes todas lhe conservaram religiosamente o seu character primitivo, a saber, as longas Estrophes, que chamam ramos, o chistoso, e artistico enlçamento das rymas, a combinação dos versos hendecasyllabos com os septenarios, e mesmo outros de menor medida, o character elegiaco do seu estylo, e até a apostrophe ao mesmo Poema, ou ao objecto d'elle, feito pelo Poeta, no fim da obra, em uma Estrophe, desigual das outras, que uns chamam *Cabo*, outros *Endereça*, outros *Cauda*, outros *Dedicação*, etc. posto que alguns, não a admittem na Canção Heroica, que chamam Real.

Francisco de Sá de Miranda, talvez conscio da sua pouca disposição para a Poesia Lyrica, só nos deixou uma Canção a Nossa Senhora, e essa mesma imitada, ou livremente traduzida de Petrarca. Parece-me que não perdemos muito em elle se não provar mais neste genero ; mas apesar disso ha nesta Canção alguns trechos, que não deixam de fazer honra ao talento do Poeta, por exemplo

Virgem, porto seguro, amparo, e abrigo
 A's mores tempestades, ah que tinha
 Aos ventas esta vida emcomendado ;
 Sem olhar já a que parte hia, ou vinha,

Descuidado de mim, e do perigo,
 Surdo aos conselhos, tudo tendo em nada.
 Não vos seja em desprezo esta coitada
 Alma, que ante vós vem,
 C'os receios, que tem
 De Imigos grandes mal ameaçada ;
 E em que eu tão pecador, e errado seja
 Vença vossa bondade
 Minha maldade grande, e assi sobeja.

.....
 Virgem, e Madre juntamente, quem
 Tal nunca ouvio? nem d'antes, nem depois
 Somente em vós então quem o entendeo?
 Vós Madre, e Filhá, vós Esposa sois,
 Daquelle que apertado ao peito tem
 Vossos braços, o que não pode o Ceo,
 Na vossa alta humildade se venceo
 O Soberbo Tyranno,
 Que com inveja, e engano
 Nos fez tão perigosa, e longa guerra :
 Pór Molher se causou tal damno nosso :
 Quem nos restituiu
 De vós sahio, Senhora, o preço he vosso.

Apesar de ser esta Canção a obra de estylo mais elevado,
 e elegante que sahio da penna de Sá de Miranda, não dei-
 xa a critica de encontrar nella algumas negligencias, e in-
 correcções, sendo mui notavel esta, em que o Poeta diz,
 fallando á Virgem

Virgem nossa esperança, hum *alto Poço*.
 De vivas agoas, que continuo corre.

Parece-me, que o bom gosto não póde approvar, que a
 Mãe do Redemptor seja denominada um *Poço*,

Sem ofendido ser *tanto nem quanto*

Tanto, nem quanto é uma expressão plebéa, e indigna
 do estylo lyrico.

Sá de Miranda deixou oito Eclogas, seis das quaes, tal-
 vez as melhores, sam escriptas em castelhano : Deixo aos

Criticos Hespanhoes, a quem ella pertence, a tarefa de examina-las, e decidir se merecem os louvores, que lhe deram Bouterweek, e Sismondi, e se acaso sua linguagem é bastante pura, de que eu muito duvido.

Estas Elogas sam escriptas em toda a casta de combinações metricas promiscuamente, estanças octosylabas, oitavas, tercetos, coplas de pé quebrado, redondilhas, etc. A scena é sempre nos nossos campos, e o estylo é como o das Cartas, e de quasi todas as outras composições. Os Pastores, que nellas apparecem sam todos Catões de aldêa, e Senecas dos matos, que conversam, namoram, suspiram, choram, e cantam arrebeçando sentenças, e moralidades. Outro defeito destas Elogas é a sua prolixidade, que seria insoffrivel mesmo quando os versos, e o colorido podessem emparelhar com os de Theocrito, e de Virgilio. Toda a sua belleza está na graciosa simplicidade de algumas pinturas, e na vivacidade das imagens pastoris, e sentimentos delicados que nellas se encontram ás vezes.

A primeira Eclôga que se encontra em portuguez é dedicada a Nuno Alvares Pereira, e contém um longo dialogo em que dous pastores Gil, e Bicito, conversam, e discursam sobre uma immensidade de objectos, e ás vezes bem disparatados. Citaremos alguns trechos para darmos idéa do estylo Bocolico deste Pai da Poesia Lusitana.

GIL.

De leite, e sangue empolado
 O Bezerrinho viçoso
 Vai brincando pelo prado,
 Depois tira preguiçoso,
 Ora o carro, ora o arado;
 C'os dias, e co' trabalho
 O saltar d'antes lhe esquece.
 Já não he o que era almalho;
 E vende-se para o talho
 O Boi velho que emfraquece.

BICITO.

Dia de Mayo chuveo;
 A quantos a agoa alcansou,

O miolo revolveo ;
 Houve hum só que se salvou,
 Que ao coberto se acolheo.
 Dera vista ás semeadas,
 As que tinha mais visinhas,
 Vio armar as trovoadas,
 Acolheo-se ás bem vedadas
 Das suas baixas casinhas.

Ao outro dia hum lhe dava
 Piparotes no nariz,
 Vinha outro que o escornava
 Ahi tambem hera o Juiz,
 Que se de riso finava.
 Bradava elle « Homens estae ! »
 Hiam-lhe co' dedo ao olho,
 Disse então « He assim que vae ?
 Não creio logo em meo Pae,
 Se me desta agoa não molho. »

Apaixonado qual vinha
 Andou a hum charco, que farte,
 O conselho havido os tinha,
 Molhou-se de toda a parte ;
 Tomou-a como mezinha ;
 Quantos viram lá correram,
 Hum que salta, outro que trota,
 Quantas graças hi fizeram !
 Logo todos se entenderam,
 Ei-los vam n'huma chacota.

Parece que Francisco de Sá de Miranda durante o tempo, que viveu na Italia se applicára ao estudo da Lingua Provençal, e lêra os Trovadores daquella nação, que ainda naquella epocha tinham grande voga entre os Italianos, visto que estes versos sam imitados de um Poema, ou Satyra do Trovador Pedro Cardinal : pôrei aqui o texto para que os que estiverem no caso de intende-lo possam ajuizar da similhança.

Una Ciutat fó, no say quals,
 Hou cazée una plueya tals,

Que tuy le home de la ciutat,
Que toqué, foro forcenat ;
Tuy desse n'ero mals, solo us,
Et aquel escapet, ses pus,
Que era dins una mayzo,
Que dormia quant aysso fo.
E vet, quant at domit,
Del plueyas diquit.
E foras entre la gens
Fero de essenamens
Arroquet, l'autre fosseis,
Utre estupit versueis,
E trays peras contre estellas
S'autre esquisset las gonelas,
Us ferie, el antrem peys,
E l'autre cuyet esser Reys,
Et tene se riquement pels flanex,
Et l'autre s'asset pels banex,
Lus menasce, et l'autre maldux,
L'autre plorec, et l'autre riz,
L'autre parlec, e no saup que
L'autre fe meteys de se.
Aquel que havia so sen
Meravilha se molt formen,
Que vee que be destate son,
E garda ad aval, el amon,
E grans maravilha a de lor ;
Mas molt l'han illi de lui mayor,
Qui'l vezon estar saviemen,
Cuio que aia perdut so sen
Car so qu'elh fan no lh vez fayre,
Que a caseu de lores veyaire.
Que illi non savi, et assenatz,
Ma lui teno per dessenzatz,
Qu'il fer en gansa, qui en col,
Nos pot mudar que nos degol,
L'us l'empenh, et l'autre bota,
El cuia isshir de la rota,
L'us l'esquina, l'autre li tray,
E pren colos, e leva, e chay,
Casqu'l-leva a gran gabantz,

El fui a sa mayzo deffiantz,
Fangoz, e battutz, e mieg mort,
E ac gaug can lor fo estort.

A imitação é clara; mas não pôde negar-se, que independente da originalidade da invenção, na pintura de Pedro Cardinal ha mais viveza mais acção, mais variedade, mais movimento, e até mais graça.

Ha porém entre estas duas pinturas uma differença notavel no modo de acabar a fabula, entre os dous Poetas; o Portuguez faz que o homem de juizo vá banbar-se n'um charco feito pela chuva, que fizera endoidecer os outros; e o Provençal finge que havendo elle escapado das mãos dos doidos, vai fechar-se em sua casa, coberto de lama, desancado, quasi morto, e sem embargo disso muito satisfeito de haver escapado a tamanho perigo: este desfecho me parece mais verosimil, do que suppor que um homem de juizo busque de proposito os meios de endoidecer para andar a geito dos alienados, que o rodêam; e mesmo porque não vêjo porque meios elle soube que aquelle endoidecimento geral era resultado das chuvas, que haviam cahido em quanto elle estivera dormindo. Continuemos com a Ecloga.

GIL.

Tu sabes que me obrigava
A esta vida de Pastor,
Vinha mui corrido á vara,
Cuidei que ella hera milhor,
Como quem a não provara!
Determinava-me já
De andar com minhas ovelhas,
A conta sabiu-me má,
Más fadas ha cá, e lá,
Como bem dizem as Velhas.

Andei d'aquem para além,
Terras vi, e vi logares,
Tudo seus avessos tem:
O que não exprimentares,
Não cuides que o sabes bem,
E ás vezes quando cuidamos

Que alguma couza entendemos,
 A Cabra cega jogamos.
 Achei-vos cá fortes amos,
 Querem que os adoremos.

Para as couzas, que acontecem
 Quando os buscas, ora o sono,
 Ora achaques mil te empecem,
 Ao tosquiar achas dono,
 Nas pressas não te conhecem,
 Tudo lhes o demo deu,
 The razões más, que nos dão ;
 Quando te ham mister hes seu,
 Quando os has mister hes teu,
 Que não tens amos então.

Essa vez que saem á rua,
 Estremece toda a Aldéa,
 Elles bebem, e Homem sua,
 Doe-lhes pouco a dôr alhéa,
 Querem que nos dôa a sua.
 Inda que damno he em grosso
 Poderão dessimular ;
 Isto, parceiro, não posso,
 O entendimento que he nosso
 Não lho queremos deixar.

Polo qual co' meo fardel
 Fugi das vossas Aldeias,
 Não trago nos beiços mel,
 Que não sou crestaculmeias,
 Nem posso ser Menestrel.
 A saudade não se estreia,
 Mas caíu-me em coração,
 Em sorte que muito empece,
 Que outro Senhor não conhece,
 Salvo justiça, e razão.

Então queixo-me a ti logo,
 Que em casos, que aconteceram,
 Vi-me por elles no fogo,
 Bradei, e não me valeram

Brados, queixumes, nem rogo ;
 Assi me sahi mui quedo,
 E quedo ; e fará hum dia
 O que outro não fez ? hei medo
 De vér mór vingança cedo
 Do que jágora queria.

BICITO.

Trouxeste-me ora á lembrança
 Aquelle amigo Foão
 Que ao tempo desta mudansa
 Tua, foi-te assim á mão,
 Como a quem os dados lansa.
 E lembra-me ora bem tudo,
 Que éra eu lá no tal ensejo ;
 Inda que então me fiz mudo,
 Fallo-te como sisudo,
 Parece-me ora que o vejo.

« Seja (disse elle) em boa hora,
 » Que eu tambem entre este gado,
 » Fazendo contas cada hora,
 » Cada hora me acho enganado
 » Desta esperanza traidora.
 » E disto que me acontece
 » Quando neste valle estou,
 » Qualquer outro que apparece
 » Muito milhor me parece,
 » Não he assi quando lá vou. »

Assi disse aquelle amigo,
 Agora digo eu que ei medo
 Quando debates comtigo,
 Que te estem mostrando ao dedo.
 Gomes, Gonçalo, e Rodrigo.
 Não queiras hir muito ao fundo,
 Inda que ora tanto intendas :
 Nesta só razão me fundo.
 Não has de emendar o Mundo
 Por mais razões, que despendas.

Perigosa he a dianteira
Deixa hir diante os mais velhos,
Com a paixão tençoeira,
Nunca hajas os teus conselhos,
Sempre foi má conselheira;
Quem consigo traz rancor,
E em espreita anda do mal,
Nunca lhe fallece dor,
Mas se o bem igual não fôr
Seja o coração igual.

GIL.

Se co' os teus olhos não vêjo,
Nem ouço co'teus ouvidos,
Todo o debate he sobejo,
Por meus sentidos me rejo,
E tu pelos teus sentidos.
Comes túbaras da terra,
Eu não as posso comer,
Nem hum, nem o outro erra.
Para que he sobre isto guerra?
Come o que te bem souber.

Não digo que cada hum faça
Quanto lhe á vontade vem,
Que essa sería má graça,
Mas entendo, o sabes bem,
Do que se vende na praça,
Porque o tempo fez aballo
E somos em forte ensejo,
Inda levanto outro valo,
Que nos doentes não fallo
A quem mata o seo dezejo.

Bem vejo que a verdade hera,
Hir polo fio da Gente,
Co' muitos te respondera,
E o amigo, e o parente,
Que murmurar não tivera.
Porem assi si não minto,

Não fujo, não lizongeio,
Si sou farto, ou sou faminto
Que máu he o meu destinto,
Antes seguir que o alheio ?

Vou fugindo ás armadilhas,
Que vi com manha esconder,
Não quero ouvir maravilhas,
A's vezes mui más de crer.
De má May nascem más filhas,
Querem que Homem ouça, e creia,
Não já eu ; creia o nosso Joanne,
Creia o baboso da Aldeia,
Que traz sempre a boca cheia
Das Filhas de D. Beltrane.

Olha se a razão emcrude,
Hes doente, teu Pay não,
Digo outro tal da Virtude,
Pola ventura hes tão são
Porque teu pay tem saude ?
Não, que cumpre outra mezinha,
Olhe cada hum per si,
O bem não he como tlnha,
Não se pega tão azinha,
O mal pode ser que si.

Le-me primeiro outra lenda,
Deixaram-te os teus passados
Do Gado, e vinhas de renda ?
Olha que andam misturados
Os encargos co'a fazenda.
Cumpre a cada hum que arribe
Per si, si dezeja a honra,
Não dizes, bons donos tive,
Que quem como elles não vive,
Tanto mais a si deshonra.

Esta Ecloga pecca por falta de acção, pois não é mais que uma conversa entre dous pastores, que descutem, e senequisam interminavelmente, pecca por espressões baixas, e incorrectas, e por uma prolixidade interminavel.

Sá de Miranda era homem mui douto, conheceu perfeitamente os originaes Gregos, e Latinos, mas de que lhe serviram elles? Acaso Theocrito, e Virgilio, os modelos do genero pastoril, é que lhe ensinaram a preferir o estylo rustico, á linguagem pura, elegante, e nobremente singela de que elles se serviram? Foi delles que aprendeu a encadear sentenças umas nas outras, e ás vezes bem inverosimeis na bocca das pessoas, a quem as faz dizer, como estas, por não citarmos mais.

O Entendimento que he nosso
Não lho queremos deixar.

.....
Se eu co' teus olhos não vejo,
Nem ouço co' teus ouvidos,
Por meos sentidos me rejo
E tu pelos teus sentidos.

Não foi de certo para imita-los, que Sá de Miranda escreveu uma Ecloga em oitenta Coplas de dez versos, que fazem em sua totalidade oitocentos, o que mostra que elle contava demasiado com a paciencia dos Leitores.

A outra Ecloga Portugueza, que tem por titulo o *Encantamento*, é na minha opinião mui superior a esta, tanto pelo estylo, quanto por ser mais dramatica, apesar de ser tambem um pouco estirada.

Principia por uma Dedicatoria em oitavas a D. Manoel de Portugal, fidalgo mui instruido daquelles tempos, e grande amigo do Author, e depois o comprimenta por sua acceitação no Paço, e por sua nobreza, como Membro da Casa de Vimioso, e agradecendo-lhe outra Ecloga que o dito D. Manoel lhe enviára, acrescenta

Andando a por a paga, houve aos zizos
Grão medo, eu o confesso, e a huns pontosos
De notas carregados, e de huns risos
Sardonios, ou mais claro, maliciosos;
Quem tantos tentos, quem tantos avisos,
Terá, que ampare os golpes perigosos,
E acostumados ora entre Pastores,
Que vos venham cantando os seus amores?

Querem-vos por Senhor, não por Juiz,
 Louvores á departe, que sam dinos,
 De perdão os começos, já que fiz
 Aberta aos bons cantares perigrinos,
 Fiz o que pude, como de si diz
 Aquelle, hum só dos Lyricos Latinos,
 Provemos ora esta nossa Lingoagem,
 E ao dar da vella ao vento boa viagem!

Estas estanças provam duas cousas. 1.^a Que já no seu tempo havia Sá de Miranda achado quem o censurasse, ou pela inelegancia do seu estylo, ou pela escabrosidade da sua versificação, ou talvez por ambas as cousas. 2.^a Que elle blasonava de ter sido o primeiro que introduzira entre nós o gosto da Poesia Italiana, mas dos Sonetos do Infante D. Pedro transcriptos no Livro antecedente se vê que esta proposição não pôde tomar-se em sentido absoluto, pois que aquelle Poeta o precedera nessa empresa, mas sim no sentido mais restricto de que fôra elle quem ajudado de Ferreira fizera perder o gosto das Trovas, lançando os fundamentos a uma nova Eschola.

Os dous versos com que termina esta dedicatória sam na verdade cousa bem singular.

Provemos ora esta nossa lingoagem,
 E ao dar da vella ao vento boa viagem!

O primeiro é muito ruim verso, como o sam em nossa lingua todos os de quarta e setima, de que os bons versificadores nunca fazem uso, deixando-os aos Poetas Francezes, porque só naquelle idyoma parecem bem; quanto ao segundo não sei que ligações possa ter com o antecedente, ou com as idéas expendidas na oitava; mas que importava isso a Sá de Miranda? Todo o seu ponto, nesta, assim como em outras muitas vezes, era fechar a estança fosse como fosse, e não perder uma phrase popular, por tanto *boa viagem*, e o leitor que accommode lá isso como poder.

A Ecloga intitula-se *Encantamento*, não porque nella se façam algumas bruxarias, ou celebrem alguns ritos magicos, como na oitava das de Vergilio, ou no segundo Idylio de Theocrito, mas sómente porque a Pastora Beatriz a ter-

mina cantando a Fabula de Psychis, que fallando em rigor não é um encantamento, em uma Canção, que de certo corresponde mui pouco á belleza do assumpto, que tão bem se prestava ao colorido poetico, e de que o génio de Camões saberia tirar todo o partido. Já se vê pois que o titulo não corresponde ao assumpto como o demandava a boa razão.

Posto que esta composição tenha, como todas as Pastoraes do Author, o defeito de ser demasiado extensa, contem os melhores hendecasylabos de Sá de Miranda, e alguns trechos que fazem honra ao seu talento. Tal é o exordio.

GONCALO.

Quantas cousas, Ignez, Madrinha e Thia,
Se me vão descobrindo de hora em hora
Inda que faça corpo, e gesto, e ria.

Pela alma de quem mais não pode, afora
Outros respeitos cumpre haver paciencia
The que seja da vida, ou da dôr fora.

Aos erros he devida a penitencia
Por seu conto, e medida, e por balança
Polo que sabe a propria consciencia.

Pero quando, ao contrario da esperanza,
Em vez de galardão accode a pena
Quem terá sofrimento em abastança?

Amor, que por antolhos tudo ordena,
Mui pouco se lhe dá nem da fé santa,
Quebrada, ou tida, grão culpa, ou pequena!

Faz huma, e outra cousa o Gallo, e canta,
Ora eis-me aos pés, ora eis-me á cabeceira,
The que o cansaço vence, e me alevanta.

E vou-me ao meo fuzil, e pederneira
Em fogo acceso, o fogo accendo, e ando
Do quente ao frio, do frio á fogueira.

Assi de cá, de lá cansado ando,
Dou volta á cama, abrolhos me semelham,
De claro em claro o coração passando.

Os fracos dos sentidos ajoelham,
Trabalham por soltar-se, aperto o laço,
Em poder da sua dôr mal me aconselham,

IGNEZ.

Afilhado, e Sobrinho, juras faço,
Que disse mais não sei certo que seja,
Só que perdeste muito em pouco espaço.

Quem não morria por aqui de inveja
De ti, Gonçalo, em tudo que fazias
De graça, manha, e força athe sobeja?

Todos nas festas, onde apparecias,
Hum rosto, outro tenção logo mudava,
Ciscava-se outro pelas companhias.

Onde cantavas, ninguem mais cantava,
Onde tangias, ninguem mais tangia,
Quando te espias, ninguem mais luctava.

E lembra-me que estando,.... ora qual dia?...
Comigo Andreza, Joanna, e Beatriz,
Tinhamos entre nós certa porfia.

Como ves que huma diz, e que outra diz,
Naquelle proprio ensejo eis que passavas,
Passando diceste alto « Eu que lhe fiz? »

Parece que contigo aprofias
Como acontece, que hias bracejando,
Sem dar vagar a alguem, nem o tomavas.

Vi-te, ouvi, mas callei-me, senão quando
Disse huma contra mim, « qual vai Gonçalo? »
« Como muitos (disse eu) vai fadejando. »

« Tudo aquillo sam mimos, e faz callo. »
(Disse outra) « n'hums assanhos de mimoso,
« Ou que olho mau-lhe fez algum aballo. »

Quando eu aquillo ouvi « si elle he pontoso,
« Ou se ha na Aldéa, samica, outro tal,
« Cantemo-lo entre nós por trabalhoso. »

A primeira tornou como hum coral,
A companheira toda descorada,
Parece que ambas o tomaram mal.

Tanto te sei dizer he pouco, ou nada
Salvo que ás vezes estes nadas são
Muito ao miolo que já tens pancada.

GONÇALO.

Quantos sonhos que vem, quantos, que vaõ

Contado do dormente que assim jaz,
Ora torcendo-se, ora rindo em vão.

Quanta conta se faz, e se desfaz,
Erradas as pequenas, e as maiores
Feitas em desavença, e inda em paz.

IGNEZ.

Certo, mal comedidos sam Pastores,
Haja de ti perdão, sempre queixosos,
Não os entendo nestes seus amores,

Chamam isto entre nós ser ruvinhosos,
Não sabem estremar o mal do bem,
Sempre agravados, sempre suspeitosos.

GONÇALO.

Mal te saberia ora por ninguem,
Nem por mim responder, seja o que fôr,
Corram ventos d'aquem, corram d'alem.

Mas diz-me, Thia, pelo meo amor,
Isso das mais louçãas de toda a terra,
Quanto ha que foi? lembra-me a minha dôr.

IGNEZ.

Por certo, si a memoria me não erra,
Contando, o Sol depois não se escondeo
A nós dez vezes, dez deo vista á Terra,

Inda te mais direi que acconteceo
O que já disse, por mais signal logo,
Onde tu já cantaste, outrem gemeo.

Dia de muito riso, e muito jogo,
Venceste á lucta, e á choca, e avantajado
Correste, e emfim cantaste a nosso rogo.

E mais aquelle teo cantar gabado
De todos, tão sentido, e tão queixoso,
«Onde me acolherei, tudo he tomado!»

GONÇALO.

Como fazendo vai o Sol trigoso

Tantas mudanças, quanto dos cantares,
E quanto de cantar fui cubigoso!

De todos me esqueci, muitos a pares,
Athe as vontades muda o tempo, e leva
Comsigo, e do praser faz maos pezares.

Elle he o em que vai tudo o que releva,
Faz, desfaz a desora as agonias,
Não olha mais se chove, venta, ou neva.

Mas quanto ora ao contar, que antes dizias,
Disso me lembro bem, era em septembro
Quando as noites voltam sobre os dias,
De cantar provarei se me ora alembro.

Canta.

Onde me acolherei? tudo he tomado,
Não apparece esperança nenhuma,
Sombras negras, e feias; mal pecado,
Estas sam que apparecem! cousa algũa
Não ficou por fazer, tudo he provado,
E tua por demais; ouça-me a Lua,
Delgada, que transpoem pelo alto monte,
Seus trabalhos c'os meos coteje, é conte.

E se nos velhos solãos ha verdade,
Bem sabe ella por prova, como Amor
Magoa, e haverá de mim piedade;
Endimio tão fallado, e tal Pastor,
Entre as flores dormia em flor da idade,
Ella, olhando do Ceo, mudava a côr,
The das flores ciosa, e agoa clara,
Que o seo formoso Amor lhe adormentara.

Coptam, e contam mais que houve hum Tyrano
De poder grande, e muito grande haver,
Vendo hũa moça, e miuiça em corpo humano
Que andava a colher rosas, e a prazer
Salteou-a, roubou-a, e foi-se ufano
Por força, e por vontade houve de ser,
Riquezas más, injusto senhorio,
Que apuram a vontade, o alvedrio.

Ora a May perguntando longamente
 Por hum só bem que tinha onde o achará,
 De huma gente passando em outra gente,
 Tambem os Deozes culpa, oh sorte má!
 E justiça maior, que tal consente;
 Buscando por de mais todo o de cá,
 Acha-a no Reino das sombras escuras,
 Correm lagrimas vâas, fazem leys duras.

Porem o tempo de todo devido
 A May triste, e roubada; a que dos Reys
 Da li veio este nome de partido
 Em que seja forçado, e contra as leys,
 Que se pode fazer de já perdido,
 As vossas lagrimas, que as enxugueis,
 Como poderdes oh, oh, oh, oh, oh!...

Bouterweck gaba muito as duas primeiras Estanças deste Canto, e com bastante razão, e mesmo nas seguintes ha alguns bellos versos, mas não diz nada nem da maneira porque aqui está mascarado o roubo de Proserpina, nem da obscuridade que reina na ultima Estança, nem da maneira burlesca com que termina a cantiga com aquelle desaventurado oh, oh, oh, oh, oh!

Continúa o dialogo do Afilhado, e da Madrinha, a quem elle canta umas cantigas castelhanas, que tinha ouvido a um cego, que passára pela Aldêa.

Passou, ora qual dia? hum Camphonina
 Pela Aldêa cantando, elle hera cego.
 Guiava-o loura, e bella huma Menina.

Ora qual dia? apparece pela segunda vez nesta Ecloga, e desta pobreza de expressão, ainda se poderiam apontar outras; um *Camphonina*, por um homem que *tocava samphona*, é phrase pouco elegante; mas o ultimo verso do Terceiro é excellente. Torna a seguir a conversação, e é interrompida por um pastor Bicito, que passa fallando só, e o que é peor ainda, em versos em que a ryma, vai do fim do primeiro verso ao fim do primeiro hemistichio do segundo, o que lhe dá ar de um checalho, e os torna o mais

cançados, e enfadonhos, que é possível, e de que, por um gosto depravado, todos os nossos Bolicos antigos, sem exceptuar Camões, fizeram uso; supponho que para apurar a paciência dos Leitores.

Finalmente a Madrinha Ignez diz ao Afilhado,

Um pouco se nos vai fazendo escasso
O tempo, porem poem peito á montanha,
Crescem as sombras, vai crescendo o passo.

GONÇALO.

Passadas dizes? Olha esta tamanha,
Que aqui te dou, logo outra, e outra aperto,
Ora veja-mos quem mais terra apanha.

Vão andando, e fallando; mas param para escutar uma Pastora, que toca um adufe. É Beatriz, que canta a Canção do Encantamento; isto é, a historia de Pshyches, que o Poeta extrahiu de Apuleio, mas de uma maneira tão secca, tão embaralhada, e sem sabor, que os que conhecem o original não podem soffre-la, e os que não o conhecem, não podem entende-la; e acabando Beatriz de cantar, acaba-se o Poema.

É pois evidente que esta Ecloga, que não contém mais que uma conversação vaga entre a Madrinha, e Tia Ignez, e o Sobrinho, e Afilhado Gonçalo não tem fabula, nem nexo, nem desfecho, o que é grave defeito, pois a Ecloga é uma especie de Drama, que os episodios sam de materia estranha, e desligada do assumpto, se acaso é possível dizer-se qual é o assumpto, e que todo o seu merito está em algumas sentenças, alguns trechos, cheios de naturalidade, como por exemplo

Cada hum só chama facha ardente o lume
E fragoa, onde se apura sua fineza,
E destes taes queixume a poz queixume.
Quizera nos amores mais simpreza,
Ou digo que os quizera mais singelos,
E mais dissimulada essa tristeza

.....
Outro por Julho, e por Agosto treme,

Arde em Dezembro, foge á claridade,
Suspeitoso de si mesmo se teme.

.....
Cada huma destas Moças anda ufana,
Cuidam que o Sol lhes baila, sam gabadas,
E já não ha quem cuide que se engana.

Temos trez Elegias de Sá de Miranda, uma a certa Senhora mui instruida, em nome do seu amante; outra em castelhano a Jorge de Montemor, em resposta á que este Poeta em castelhano lhe dirigira; e outra, a melhor de todas, ao Doutor Antonio Ferreira, respondendo a outra que aquelle Poeta lhe endereçára, consolando-o pela morte de seu filho Gonçalo Mendes de Sá.

O estylo destas Elegias é em geral mais espirituoso, que elegiaco, mas sam bem escriptas, e menos mal versificadas. Estes assumptos eram mais favoraveis para o Poeta, do que aquelles que demandam força de phantasia, e invenção, dous dotes de que a natureza foi mui pouco liberal com elle. Citaremos alguns trechos que justifiquem a nossa opinião.

Aquella vista, que a todos espanta,
Aquelle entendimento tão profundo,
Não sei quem nisto o céga, ó quem o encanta.

Hercules tão fallado pelo Mundo
Quantos trabalhos venceo? mas a dura
Madrasta nem por isso se quebranta.

Emfim vê-o no fogo inda segura,
Seos olhos farta, e quanto ás immortaes
Honras, que se lhe devem, torna escura.

Julgam-se as cousas pelos seus signaes
Milhor, que por palavras, que farei?
Tudo me lembra, e tudo por demais.

.....
Os remos n'agoa parecem torcidos,
Os olhos nos enléa hum jogo leve,
De mãos, e assi se enganam os ouvidos.

Senhora, bem sabeis o que se escreve
De dois Pintores nobres á porfia,
Em que cada hum vencer a outro se atreve,
Fruitas pintou hum delles, que de dia

Vinham Aves comer; outro de hum véo
Pintado fez que a obra se encobria.

Vêde quanto a Arte pode, não valeo
Ali vista, e saber, o véo de diante
Mandava levantar o que perdeo.

Diz lêdo o Vencedor: «foste bastante
» A enganar Aves? que victoria a minha
» Enganando hum Pintor tão posto ávante!»

Entre tanto que cuida a leve gente
Destes que vêmos tantos a milhares,
Regidos do só Acaso, e do Accidente?

Ondas c'os Ventos vam correndo os mares,
Andabatas, que ferem ás escuras,
É sem certeza dam por esses ares.

Estas seriam as desaventuras
Que Heraclito chorava em vida andando,
E Democrito ria por loucuras.

Com muitas outras, que fazem gran hando,
Peró sempre ham de ser as principaes
Dos que perdendo vam-se, outrem buscando.

Meus desatinos onde me levaes?
Vadiamento assi de monte em monte,
Ou, como dizem, por Andurriaes.

Tornaste-me jazendo á minha fonte,
O caminho não mingua, antes mais cresce,
Por muito que a rasão clara desconte.

E não me abasta o mal, que me acontece,
Que he tanto em meo quinhão, inda a vergonha,
Que de mim e que d'outrém me recerece.

Elegia I.

A segunda Elegia, em que tracta da morte de seu filho, não só se aproxima mais ao tom, e estylo deste genero de Poema, mas respira muita resignação com a vontade do Altissimo, e o fervor christão, que anima o Poeta, e que o consola de tamanhá perda com a lembrança de que seu filho havia dado á vida pela defesa da Religião, combatendo contra os infieis.

Quando mandei meo filho em tal cidade

A morrer pola fé, si assi cumprisse,
Que esta era a verdadeira sua verdade.

« Tu vás pelo caminho agro (lhe disse)

« Que tu mesmo tomaste á tua conta ;

« Sem perigos quem se acha, que subisse ?

» Do tempo, que assi foge, que te monta ?

« Vinte annos, trinta mais, que montem cento ? »

Ergueo a vista a mim alegre, e prompta.

Suspirando por ser lá n'hum momento,
(Se ser podesse) tão depreça os Fados

Corriam, nunca vão, sem fundamento.

Então o encarreguei destes cuidados,
Deos, e logo honra, logo o Cappitão,
Quam prestes a cumprir foi taes mandados !

Parece que os levou no coração
Não soltos por defóra nos ouvidos,
Como outros fazem, que perdendo-os vão.

Do corpo aquelles esportos sentidos
Mais inda os d'alma tão limpa, o tão pura,
Já agora os bons dezejões sam cumpridos.

Vio onde a deixaria em paz segura
De preça a occasião arremetteo,
Não quiz mais esperar outra ventura.

No dia do começo a conta encheo,
Seguro vio a morte, espanto antigo,
Nés sonhamos aqui, tu vás ao Cco.

Ditoso aquelle Mestre Dom Rodrigo
Manrique, a quem em seo tempo louvou
O Filho, e deo ao corpo em morte abrigo.

Hera ella conta igual que quem entrou
Primeiro á vida, sahisse primeiro,
Eu sou quem dévera hir, quem nos trocou ?

Cordeiro ante o throno alto do Cordeiro
Lavado hirás no teo sangue sem magoa,
Oh quem, como hera Pay, sóra parceiro !

Diz Pardo da fé nossa ardente fragoa,
Que para o Filho o Pay faça thesouro,
Parece natural hum correr d'agóa.

Nam assi aqui perto abaixa o Douro,
Ao contrario no mar se lansa escuro,
Mondego, e o Tejó das arças de ouro.

Quanto mais certo contra o inimigo duro,
Podes que outrem dizer vim, vi, venci,
Cerrando, e abrindo a mão posto em seguro.

Nem se vejam mais lagrimas aqui,
Salvo as que por nós forem, que em taes trevas
Em tão cega prisão deixaste assi.

Vai-te embora que já não tens que devas
Temer, lá tudo he paz, tudo assossego,
A quem leva o seguro, que tu levas.

Não acho em todas as obras do Doutor Francisco de Sá de Miranda, um só trecho mais pathetico, mais elegante, e puramente escripto do que este é; porque o Poeta tinha a dôr reconcentrada no coração, e é de um coração profundamente commovido, que brota a verdadeira eloquencia, e a verdadeira, e sublime Poesia.

Nada direi da Elegia a Jorge de Montemor, por ser, como já disse, escripta em hespanhol, assim como de algumas Trovas, Vilancicos, Esparças e Voltas no antigo estylo, compostas em ambas as linguas, e talvez nos primeiros annos do Poeta, como cousas de mui pouco vulto, e estranhas á nova Eschola, e passarei a tractar daquellas obras de Sá de Miranda, que sam as mais lidas, e as mais estimadas, e pôde ser que o verdadeiro fundamento da immortalidade do seu nome.

Estas obras sam as suas Epistolas, ou Cartas, como elle lhe chama, em numero de seis, sendo cinco em Estanças octosylabas, e uma em Tercetos hendecasylabos. Não direi que nestas Cartas haja toda a correcção, e a elegancia continuada, que exige a Eschola Italiana, mas o Poeta ahi se faz admirar por certo arrojio philosophico, e pela profundidade das sentenças, e pureza de moral.

É certo que Bernardes, e Caminha, e muito especialmente o Doutor Antonio Ferreira o excederam muito neste genero: mas Miranda abriu com ellas um caminho novo, e por isso lhe não cabe pouco louvor, sendo pelos Contemporaneos recebidas com enthusiasmo; força é porém confessar, que ha nellas um merito intrinseco, e independente da novidade; pena é que o Author, mesmo querendo imitar Horacio, não podesse descartar-se da mania do estylo bocolico, porque desgraçadamente não sabia cantar

senão n'um tom; si ás vezes se eleva á altura das idéas do seu modelo, tambem depressa cahe na prolixidade verbosa do estylo romantico, ficando assim muito longe da concisão, e da força de expressão, que tanto nos encanta no Poeta Latino. Vê-se que a sua erudição é toda escholastica, e que a sua moral tem um travo mui pronunciado de monachismo; que foge de profundar as idéas, e quasi que se arrepende dos seus arrojões; nem era de esperar outra cousa de um Poeta Jurisconsulto do decimo sexto seculo; seus pensamentos tem mais de verdadeiros que de novos, e o seu maior merito poetico está no bem applicado das suas observações aos costumes, e aos caracteres.

Mostra-se porém menos tímido no que respeita á politica; conhecendo bem a côrte, tendo vivido no centro das suas intrigas, e das suas perfidias, nunca poude ser bom cortesão, porque nunca poude dissimular a verdade, nem mentir á propria consciencia, e foi porisso que ali granjeou inimizadas, e malquerenças, que o constrangeram a ir procurar no fundo de uma provincia, e longe dos negocios públicos, a tranquillidade, e a paz. E como poderia ser bem visto em Palacio um Poeta, que escrevendo ao proprio Monarcha lhe dizia, sem hesitação, nem melindre, que se acautelasse das perfidias dos Aulicos, e da hypocrisia dos falsos devotos?

Sobre obrigações tamanhas
 Velem-se contudo os Reys
 Dos rostos falsos, e manhas
 Com que lhe fazem dar leys
 Fracas téas das Aranhas.

Que se não pode fazer
 Por artê, por força, ou graça,
 Salvo o que a justiça quer,
 Senhor, não chamam poder,
 Salvo o que lhes vai na praça.

E por muito que os Reys olhem
 Vam por fora mil enchaços,
 Que ante vós, Senhor, se encolhem,

De hum Gigante de cem braços,
Com que dão, e com que tolbem.

Estes *inchaços que vão por fóra, e que se encolhem diante do Rei, e que sam de uns gigantes de cem braços com que dão, e tiram*, sam um apontado de palavras incoherentes, que provam a difficuldade, que o Poeta encontrava em expressar as suas idéas com precisão, e clareza.

Quem graça ante o Rey alcança,
E hi falla o que não deve,
Mao grado da sua privança,
Pessoa na fonte lansa
De que toda a terra bebe.

Quem joga onde engano vai
Em vão corre, e torna a traz,
Em vão sobre a face cai,
Mal hajam as manhas más,
D'onde tante damno sai.

Homem de hum só parecer,
D'um só rosto, huma só fé,
D'antes quebrar que torcer,
Elle tudo pode ser,
Mas de côrte Homem, não he.

Esta Quintilha, mil vezes citada, que todos os amigos das Letras sabem de cór, que em tão poucas palavras nos pinta o espirito das côrtes, é uma das mais bellas cousas que Sá de Miranda produziu pela verdade do pensamento, e pela força, e energia da expressão, mas uma setta tão bem dirigida, e cujo golpe feria tão profundamente, não podia deixar de grangear ao Poeta o odio daquelles contra quem era disparada.

Ouçõ gracejos de cá
De quem vai inteiro, e são,
Nem se contrafáz mais lá,
« Como este vem Aldeão
« Que não sabe onde se está.

As publicas santidades,
Estes rostos transportados,
Não em ermos, mas Cidades
Para Deos sam vaidades;
Para nós vam rebuscados.

Mas depois que lhe fazemos
Pode ser, pode não ser,
Adiante o saberemos,
Estamos hum pouco a vêr,
Cae-lhes o rebusço, e vêmos.

Senhor, hey-vos de fallar,
Vossa mansidão me esforça,
Claro o que posso alcançar,
Andam pera vos tomar
Per manhas, e não per força.

Por minas trazem suas hazes
Encobertos seus assanhos,
Falsas guerras; falsas pazes,
Por fóra sam mansos anhos,
Por dentro Lobos roazes.

roazes me parece epiteto pouco proprio para *lobos*, algumas edicções trazem *robazes*, mas é, bem que mais proprio, vocabulo deseuphonico, e tão estranho, que me não lembro de o haver lido em outro algum Classico; persuadido-me que o Author escreveria *vorazes*, que satisfaz igualmente á harmonia, e ao sentido.

Tudo sua cura tem,
Que he assim bem, o sabeis,
E o remedio tambem.

« O que eu sei é que isso é bem pelo contrario, do que me dizeis. » Diria El-Rei respondendo-lhe, e com razão, porque entre os males moraes, assim como entre os phisicos, ha muitos que não tem cura; ou atégora ninguem lhe sabe o remedio. Quando se usa de uma sentença é necessario que não possa admitir replica. . . .

Quereis—los conhecer bem?

No fruto os conhecereis.

é o mesmo que diz o Evangelho « *ex fructibus eorum cognos citis eos.* »

Obras, que palavras não ;
 Porem, Senhor, somos muitos,
 E entre tanta obrigação
 Trasmalhamos—vos os frutos,
 Que não saibaes, cujos são.

Que não saibaes, significa *porque*, ou *para que não saibaes*. Esta construcção eliptica acha-se em quasi todos os nossos Escriptores de boa nota, e tem muita graça, e energia. Foi adoptada por muitos dos nossos melhores Poetas, que por ella tem soffrido a censura dos leigos na materia, que á força querem reduzir-nos á Syntaxe Fran-
 ceza.

Hum que por outro se vende
 Lansa a pedra, e a mão esconde,
 O dano longe se estende,
 Aquelle a quem doe entende
 Com sos suspiros responde.

.....
 Pena, e galardão igual,
 O Mundo em pezo sustem,
 He huma regra geral
 A pena deve-se ao mal,
 E o galardão ao bem.

.....
 A tudo dam novas côres
 Envolvendo os peitos puros,
 E fallam sempre em primores
 Ante os Reys vossos Senhores
 Vindes com rostos seguros.

Contaes, gabais, estendeis
 Serviços, e lealdade,
 Olhai que não a daneis,
 Fallai em tudo verdade
 A quem em tudo a deveis.

.....

Que eu vejo nos povoados
 Que muitos dos Salteadores
 Com nome, e rosto de honrados,
 Vam quentes, e andam forrados
 De pelles de Lavradores.

Quintilha excellente pela verdade das idéas, e pela força, e poetico da expressão.

E, Senhor, não me creaes
 Se não as acham mais finas
 Do que as dos Lobos cervais;
 Que Arminhos, e Zibelinas
 Custam menos, duram mais.

Como podia deixar de ser detestado dos Aulicos, quem assim fallava delles ao Rei!

Sá de Miranda não poupa mais as trapaças dos Magistrados, e as suas cavilosas interpretações das leis.

Que estas Leys Justinianas,
 Si não ha quem as bem veja,
 Fóra das paixões humanas,
 Sam hum campo de peleja
 Com razões fracas, e ufanas.

Morre o nobre Conradino
 Co' Parceiro em tudo igual,
 Cada um de tal morte indino,
 Porque o duro, ou o malino
 Doutor interpreta mal!

Quantas victimas das más, ou malignas interpretações dadas pelos Doutores ás leis, não poderia o Poeta ajuntar a esta? Mas tambem é verdade, que se as leis fossem bem feitas seriam escusados Doutores, porque seriam tão claras, que qualquer homem de bom senso as poderia entender, e applicar. Mas ha por esse mundo taes leis, que será impossivel achar dous Letrados, dous Juizes, dous Tribunaes, ou dous Homens, que as entendam do mesmo modo.

Foi sempre considerado como um dos melhores trechos desta bella Epistola, aquelle em que o Poeta faz o elogio da fidelidade, e amor dos Portuguezes para com os seus Reis, e compara a segurança com que estes vivem entre nós, com os receios, em que os outros vivem dos seus povos.

Não acobertam soldados
Aqui, nem sôa o tambor ;
Os outros Reys seos Estados
Guardam d'armas rodeados,
Vós rodeado de Amor.

Achar-nos-ham as divinas
No meio dos corações
Esculpidas vossas Quinas ;
Estas sam as guarnições
De vós, e dos vossos dinas.

He sem duvida, o Francez
Por seo Rey de amor acceso,
Não lho nega o Portuguez,
Tem porem guarda Escoccez,
Que não he de pouco pezo.

Os adjetivos em *or* em *ez*, e mais alguns, eram antigamente commum de dous ; por isso achamos tantas vezes nos Authores antigos, e mesmo em João de Barros, *Cidade competidor, uma Portuguez, uma Hollandez, &c.* Mesmo muitos tempos depois deste uso ter cessado, Antonio Diniz da Cruz e Silva, que de certo sabia a sua lingua, não duvidou dizer no *Hyssope*.

He *nossa Portuguez*, casta, lingoagem.

Não deve por tanto admirar, que *Miranda* diga aqui

Tem porem *Guarda Escoccez*.

O Padre Santo assi faz,
A quem certo se devia
Atto assossego, alta paz,
E tem guardas todavia,
Com que vai seguro, e jaz.

Que se pode hir mais ávante
 C'os olhos, e c'o sentido?
 Sem ferro, e fogo, que espante,
 Com duas canas diante
 His amado, e his temido.

Aqui se vê, que naquelles tempos de verdadeira grandeza, e de singelleza de costumes, quando os nossos Reis sahiam do Paço a cavallo, ou a pé, eram precedidos de dous Porteiros, que com uma canna verde na mão lhes iam abrindo caminho. É pena que em nenhum dos nossos Poemas Epicos se ache consignado este uso tão poetico, e verdadeiramente Patriarchal! ao menos inspirou elle a Sá de Miranda estes dous bellos versos, que correm estampados na memoria de todos.

Com duas canas diante
 His amado, e his tímido.

Huas sobre os outros corremos
 A morrer por vós com gosto,
 Grandes testemunhas temos
 Com que mãos, e com que rosto
 Por Deos, e por vós morremos!

Outro si pera os revezes
 (Queira Deos que não releve,)
 Em vós tem os Portuguezes
 Códros dos Atheniezes,
 Decios, que só Roma teve.

Iguaes bellezas se encontram na Carta a João Rodrigues de Sá e Menezes, fidalgo mui respeitavel por seus serviços, e bom saber.

Dos nossos Sás Coloneses
 Grão tronco, e nobre coluna,
 Grande ramo dos Meneses,
 Em sangue, e bens da Fortuna,
 Que he tudo entre os Portuguezes,

Mas vós que sempre vos ristes
 Do povo que não vê mais,

Ricamente a alma vestistes,
O mais tendes por demais.

O Poeta já no seu tempo censurava a tendencia dos Portuguezes para só apreciarem as riquezas, ter em pouca conta os talentos, e a sabedoria. Luiz de Camões se queixa tambem amargamente deste defeito nacional, que cada vez se tem augmentado mais, em lugar de corrigir-se.

Aos grandes, aos valorosos
Passados, de quem herdastes
Sobrenomes tão lustrosos,
Des que nas armas pegastes
Não fostes dos ociosos,
Podereis tambem folgar
Que foram tempos de paz,
Podereis rir, e jogar
Como se na terra faz.

Más entrastes n'outra afronta
Hi fizestes novo emprego,
Desejando de dar conta
Tambem daquelle asosego.
Como de Catão se conta.
As Letras, que hi não achastes,
Trouxestes de fóra á terra,
A' nobreza as ajuntastes
Com quem d'antes tinham guerra.

Para entender o que se segue, é necessario ter presente, que El-Rei D. João III., espirito de pequena esphera, vergado ao peso da superstição, e do predomínio monachal, sem ter as forças necessarias para sustentar o grande edificio levantado por D. João II., e D. Manoel seu Pai, deu principio á nossa decadencia Literaria, e Politica introduzindo em Portugal, os Jesuitas. Toda a grandeza, todo o brilhantismo do saber, das Artes, e da Poesia, que tanta gloria deram ao seu reinado, não se deveu a elle, *era impulso que vinha de traz*, (como bem advertiu o Collector do Parnaso Lusitano) eram os fructos do que se havia plantado nos dous reinados antecedentes, e arrancar,

e destruir essas arvores, era o grande projecto dos discipulos de Santo Ignacio.

Para dar começo á sua obra, tinham-se aquelles Regulares apoderado do ensino público, e das consciencias, ao passo que nas aulas estabeleciam a Philosophia Peripathetica, e a Theologia Escholastica, para com ellas depravam os engenhos; começavam a propalar nos salões, e nos confessionarios, que as Sciencias eram perigosas para a Religião, e o Estado. Sá de Miranda, que tinha aprendido com outros mestres, bem que subjugado pela auctoridade religiosa dos Jesuitas, não perfilhava o seu modo de pensar a respeito da instrucção; nem se persuadia que della proviesse a ruína, e decadencia dos Estados; e por isso declara aqui a sua opinião de que a corrupção de Portugal vem mais depreça do luxo, e das riquezas, resultado da conquista do Oriente, e do tracto, e maus exemplos dos povos affeminados daquellas regiões longiquas, e por isso diz

Dizem que os nossos passados
Os mais não sabiam lér,
Heram bons; héram otusados;
Eu não louvo o não saber
Como alguns ás graças dados;
Louvo muito os bons costumes,
Dõe-me se hoje não sam taes,
Mas as Letras, ou Perfiltimes
Quaes nos los danarão mais?

Os Jesuitas não gracejavam; conspiravam sem descanço para estabelecer entre nós uma instrucção de argucias, e de palavras vãs, uma ignorancia scientifica, cem vezes peor do que a ignorancia illiterata; queriam embrutecer a Nação para nos entregar ao jugo da Hespanha, como com effeito conseguiram, com a sua alliada natural a Inquisição, que perseguia, dava ás fogueiras, e affugentava do Reino todos os homens verdadeiramente instruidos, e os amigos da Patria, que os Jesuitas com suas manhas não espravam corromper.

Destes mimos Indianos
Hey gran medo a Portugal.

A *

Que nos recresçam taes damnos
Quaes os de Capua a Hannibal,
Vencedor de tantos annos.
A tempestade espantosa
De Trebia, e de Trasymeno,
De Cannas, Capua viçosa
Venceo em tempo pequeno.

O Marquez de Santilhana,
Homem de braço, e saber
Antre a Nação Castelhana,
Da lança sohia dizer,
Que co'as Letras se não damna,
Este he a quem João de Mena
Fez alta coroação,
Tinha elle já grande penna,
Mas aparada inda não.

Dois vencedores do Mundo
Cesar, e Alexandre o Grande
Nas Letras foram the o fundo,
Em que a fortuna não mande
Ponho aqui Bruto segundo,
E os Grandes dois Scipiões
Fim, como dizem, fatal
De Carthago, e dois Catões,
Podera por Hannibal.

A Fortaleza louvada
Anda em braços co'a Prudencia,
Irmãa sua muito amada,
Porem ávante a Experiencia
Tudo sem governo he nada,
Pouco por força podemos:
Isso, que ha, por saber veio:
Todo o mal jaz nos extremos,
O bem todo jaz no meio.

Os Poetas vam a tudo
Buscando por alto o Cravo,
Olhando pelo meudo

O seo grande Achylles bravo
 Rege o Centauro sizudo,
 Que lhe abrande aquella sanha
 Natural sua, que he muita
 N'uma Cova subterrhanha
 Tange o Velho, o Moço escuita.

Veados correm c'o vento
 Em contenda, e os Leões
 Tem força, e atrevimento,
 Tem seos bravos corações;
 Nós temos entendimento.
 Por onde entre nós devemos
 Estimar aquelles sós,
 Que naquillo em que os vencemos,
 Nos' vencem elles a nós.

Não póde fazer-se uma defesa mais bella das Letras, e das Sciencias, o mais bello adorno da humanidade, posto que tantas vezes calumniadas, pelos que especulam com a ignorancia, a superstição, e a tyrannia, de que ellas sam inimigas irreconciliaveis, e naturaes.

O bom Sá de Miranda levado dos seus preconceitos Escholasticos, e Theologicos, receiava que a nossa decadencia viesse do luxo, e das riquezas, e não via já dentro em casa as duas causas motoras dessa decadencia, que tanto temia. As riquezas podem, é verdade, perder uma nação quando esta não tem um bom governo, que saiba dirigi-las bem. Quando essa nação, ufana de possuir ouro, se faz fidalga, isto é, se entrega ao ocio, aborrece o trabalho, e se contenta de comprar aos estrangeiros o sustento, o vestir, e todos os objectos para satisfazer as necessidades, e commodos da vida; e foi isto que nos aconteceu. Porém as riquezas sam fontes de prosperidade para as nações, quando se empregam em animar a Agricultura, o Commercio, a Industria, em fundar Fabricas, em cultivar as Artes Mechanicas, as Liberaes, as Letras, e as Sciencias; é assim que as riquezas tem sido uteis, e tem engrandecido a Inglaterra, a Hollanda, e a França; e é então que o luxo se torna indispensavel elemento da prosperidade pública. Não foram pois as rique-

zas quem nos perdeu, foi o não sabermos usar bem dellas, foi a perda da independencia, a indolencia, e inercia em que nos submergiu embrutecidos o jugo do Monachismo, e o orgulho Aristocratico.

Na Carta a seu Irmão Mem de Sá, ou Mendo de Sá, como outros escrevem, creio que mais correctamente, discorre Sá de Miranda mui philosophicamente sobre a mania de andar atraz das esperanças enganadoras da côrte, diligenciando a posse de cargos, contrapondo a esta vida agitada o socego que disfrutava na sua habitação campestre.

Em quanto de huma esperança
Em outra esperança andaes,
Fazer-vos quero lembrança
Como he leve, e não se alcansa,
Que sempre adiante he mais.

Culdaes que sois já com ella,
Quando vò-lo mais parece,
E quereis lansar mão della,
Mete remos, mete véla,
Vai rindo, e desaparece.

Sentença palpitante de verdade, e mui concisa, e poeticamente expressada.

Mas não sofre o coração
Solta-la assi levemente,
Tamanha deleitação;
Ah que eu a tinha na mão
Se fôra mais diligente.

Dos Alchimistas se diz
Despeza he fadiga vã,
Cobiça he cégo Juiz,
Deixai que, se hoje o não fiz,
Falo-hei logo amanhã.

Não lhe val vér a fazenda
Hir a poz de experiencias,
Andam de emenda, em emenda.

Da Fornalha para a Tenda,
De assoprar fazem Sciencias.

É ás bellezas de este, e de outros trechos tão bem pensados, e tão bem enunciados, que estas Epistolas devem a reputação de que gozam, e seu Author o ser contado entre os Pais da nossa Poesia, apesar das incorrecções, e mais defeitos das suas outras obras.

Aporfiou, e cahiu
Phaeton, do carro do dia,
Que ao Pay, por seo mal, pediu;
Sentiu-o a Terra, sentiu
Hum rio da Lombardia.

Não soube Icaro reger
As azas, que houve do seu,
Subindo veio a descer,
Aos Peixes deu que comer;
E ao mar nome neve deu.

A poz o que hade cahir
Por alevanta-lo andames,
Que não nos deixa dormir,
A' alma, que pode subir,
A essa, as azas cortamos.

Em quanto hum busca seos danos,
E outro já the os olhos jaz,
Por muitas sortes de enganos,
Morte, que não conta os annos,
Vem, e leva o que lhe apraz.

Aqui a sublimidade das idéas é realçada pela singularidade, e direi, até pela familiaridade da phrase.

.....
Po-lo qual a este abrigo,
Onde me acolhi cansado,
E mais indo a gran perigo,
E áquellas Letras que sigo,
Devo que nunca me enfado.

Qual foi esse perigo, que o Author diz *grande*? Sabemos que elle se retirou da côrte por causa de desgosto, que teve com um Cortezão; mas elle falla aqui de um perigo, e de um *perigo grande*; isto devia ser claro, e intelligivel para o Irmão, a quem Miranda dirige a Carta, e que tinha perfeito conhecimento da sua vida particular, e pública; mas essa circumstancia não torna esta Quintilha menos obscura para os Leitores, que não estão no mesmo caso de Mem de Sá.

Devo á minha muito amada,
E só rica Liberdade,
Que tive aos dados jogada:
A que sómente he mandada
Da Razão boa, e Verdade.

Nas Côrtes não pode ser,
Vêdes os tempos, que correm,
Vêdes fugir, e correr,
Por fugirem the morrer
Dos logares d'onde morrem.

O Poeta tinha razão de presar muito a *sua rica Liberdade*. E que maior fortuna pôde ter um homem de sizo, que viver longe dos bolícios, e intrigas das côrtes, das pensões, e enfadamentos do serviço público, senhor da sua vontade, e das suas acções, entregue ao estudo, em uma herdade, que lhe dá o necessario para a sua subsistencia? Mas esta ventura só pôde ser comprehendida pelo homem verdadeiramente philosopho, e não pelo ambicioso, que á maneira do hestrião, necessita de subir ao tablado para ser applaudido, e parecer alguma cousa.

Ora pôr peito á corrente,
Que sejaes forçoso, são,
E de sangue inda fervente,
Grão nadador, claramente
He quebrar braços em vão.

Cansar, e sonhar privansas,
Dar d'ayçesso á Liberdade,

Logo pôr vâas esperanças,
Estes jogos, e estas dansas
Passem com a Mocidade.

Ando alimpando a pousada,
Lembra-me quem diz que está
Ante a porta, bate, e brada,
E se a sentir despejada
Pela ventura entrará.

Olhai as Aves do Ar,
(Diz o Senhor, que enriqueço
O Ceo, a terra, e o Mar,)
Vêde-las todas cantar,
Dizei-mè, que lhe fallesse ?

Da muita vossa fraqueza
Vem estes tantos suores,
Estes, medos á pobreza,
Vêdes como a Natureza
Veste ricamente as flores ?

Estes versos, e outros muitos que poderíamos citar, mostram quanto os livros sagrados eram familiares ao Doutor Francisco de Sá.

Esta Carta termina com uma imitação da Fabula do Rato do Campo, e do Rato da Cidade, inventada por Horacio; e se esta imitação não iguala a concisão, e a força do Poeta Latino, excede muito a de Lafontaine, que foi muito infeliz com este assumpto.

Na Epistola dirigida a Antonio Pereira, Senhor de Basto, que se retirava para Lisboa, e que é uma das mais bellas deste Cancioneiro, torna o Poeta a levantar a voz contra as riquezas do Oriente, que chamavam á côrte todos os fidalcos, que desamparavam seus Solares, despovoando as Provincias, e nisso tinha elle sobeja razão; mas que diria elle, se vivesse no tempo em que passou por dogma governativo, chamar com todo o empenho a Nobreza das Provincias para se estabelecer na Capital, gastando nella os seus rendimentos, deixando arruinar suas herdades, o que foi a origem da pobreza, e miseria a que

estão reduzidas as terras do interior, ao passo que a Capital, se sobrecarregava de uma população sobreabundante, que aqui vinha vegetar na moxilagem, na vadiagem, na mendicidade, e no crime; roubando uma multidão de braços robustos á Agricultura, e á Industria das Provincias? Então é que elle gemeria amargamente de vêr verificadas as suas prophcias, não por causa do ouro do Oriente, mas pelos erros da Administração, mal fundamentamente medrosa.

O exordio desta Carta me parece excellente.

Como eu vi correr pardaos
 Por Cabeceira de Basto,
 Crescerem Cercas, c'o gasto,
 Vi por caminhos tão máos
 Tal trilha, e tamanho rasto.

Logo os meos olhos ergui
 A' caza antiga, e á Torre,
 E disse comigo assi,
 « Si Deos nos não val aqui,
 « Perigoso imigo corre. »

Não me temo de Castella
 D'onde inda guerra não sóa,
 Mas temo-me de Lisboa,
 Que ao cheiro desta Canella
 O Reyno se despoea.

E que alguém embique, e caia,
 (A fóra vá mau agouro)
 Falas por aquella praia
 Da grandeza de Cambaia,
 Narsinga das Torres de ouro.

Ouves, Veriato, o estrago,
 Que cá vai nos teus costumes?
 Os Leitos, Mezas, e os Lumes.
 Tudo cheira; eu oleos trago,
 Vem outros trazem perfumes.

E ao bom trajo dos Pastores,
Com que sahiste á peleja,
Dos Romãos tão vencedores,
Sam mudados os labores
Não ha lá quem te haja inveja.

Entrou, dias ha, peçonha
Clara pelos nossos portos,
Sem que remedio se ponha:
Huns dormentes, outros mortos,
Alguem pelas ruas sonha.

Fez no começo á pobreza
Vencer os ventos, e o mar,
Vencer quasi a natureza.
Medo hey de nova á Riqueza
Que nos venha captivar.

Estas Serras, e penedos
Fazem-se-vos vistas fêas,
Já torceis rosto ás Aldêas;
Direis dos vinhos azedos
O que já disse Cineas.

A quem nos convites dado
A provar, si lhe approuvesse,
Depois nos Olmos mostrado,
« Nunca vi, (disse) emforcado,
« Que a força assi merecesse. »

As vorazes montarias,
Derrubar Aves, que vão.
Cantando inverno, e verão,
Que al he, salvo remir dias
Do enfadamento Aldeão?

Que trabalhosos concertos
De Vilãos desentoados,
Os de Vilãos mal cobertos,
E o que he peor, pouco certos,
Muito desarrazoados.

Direis, e eu não vó-lo nego;
 Mas quereis tambem que diga?
 Este Mundo he armado em briga,
 Não busqueis nelle assocego,
 Nem n'uma alta Ermida antiga.

Todavia ha diferenças
 Entre o de cá, e o de lá,
 Cá no meio ás desavenças
 Ereis mestre das sentenças
 Pera onde ha outrem, que as dá.

Tereis em troca manjares
 Composições delicadas,
 Humas por outras grosadas,
 Pelos tempestuosos mares,
 A gran perigo buscadas.

Convites de quem convida,
 Amostram-vos suas tendas,
 Quanta cousa hi ha perdida!
 Ceas imigas da vida,
 Imigas mais das Fazendas!

Disto o cheiro, disto a côr,
 Que preço não tem igual,
 Milagre de Portugal,
 Cousas de tanto sabor,
 Pera saberem tão mal!

Onde se hade lansar tanto?
 Aquillo he pagar o Pato,
 Em fim quando me levanto,
 Ou heide morrer de espanto,
 Ou, si não me espanto, matto!

Pagar o Pato, é phrase chula, e plebéa, mas o Poeta parece que tinha muita effeição por estas expressões vulgares, pois é rara a composição em que não emprega alguma; isto prova, que no seu tempo ainda não estava formado o gosto, nem discreminado da prosa o dialecto poetico, nem se ainda saber bem

Discriptas servare vices, operumque coloris.

tambem estes versos

Em fim quando me levanto,
Ou heide morrer de espanto,
Ou, si não me espanto, matto.

me dão ares de um verdadeiro amphigouri! Pelo menos não vêjo a ligação destas idéas com as antecedentes, nem com as subsequentes; mas este Poeta adocece frequentes vezes deste achaque.

Que cousas vam tão erradas!
Enfastia o que sobeja,
Quem come o que não dezeja?
Sohiam ser convidadas
Vontades, agora he a inveja!

Estes dous ultimos versos offendem os ouvidos por falta de harmonia; os seguintes não sam melhores.

Entra comvosco a manhã,
Fallam-se muitas lingoagens,
A tal cea cortezã
Quanto mistura vai vã
Afora as novas potagens!

Os bons Convites antigos,
Antes de se tudo alçar
Heram pera conversar
Os Parentes, e os amigos,
Que não pera arrebentar!

E de viver juntamente
Houveram convites nome,
Soltos os olhos da Gente
Porque vissem que sómente
Ali se matava a fome.

Aquella ufana Raynha
Irmãa do vil Ptolomeo,

Que o rico pendente deo
 Prodigamente á cozinha
 N'um grande banquete seu.

Em primeiro lugar Cleopatra não era sómente Irmã de Ptolomeo, mas também sua Mulher, segundo o costume dos Egyptios, e dos Persas, costume que ainda hoje conservam os Guebros; depois Cleopatra não mandou para a cozinha o pendente; de que falla o Author; os Cosinheiros o teriam guardado, em lugar de o cosinharem, e nisso andariam com mais juizo do que ella: eis-aqui como alguns Authores contam o factó, a que o Poeta allude.

Cleopatra havia appostado com Marco Antonio, que em toda a occasião que viesse cear com ella nunca lhe daria um banquete, que não importasse em uma somma exorbitante, que foi convencionada entre elles.

Uma noite que o Triumviro chegou tão tarde que a Rainha já estava á meza, ella não querendo perder a apposta, e vendo que a cea estava longe de valer a quantia convencionada; tirou muito depressa dos brincos uma grossa perola, de um valor exorbitante, e desfazendo-a em uma taça com vinho lho deu a beber; e assim evitou a perda da apposta com uma perda muito maior.

O cæcas hominum mentes! o pectora cæca!

Vendo tudo hir-se a perder,
 Os amigos convidava,
 Não já porem de viver,
 Mas de a si juntos morrer,
 Em sua lingua os chamava.

A vossa fonte tão fria
 Da Barroca em Julho, e Agosto,
 Inda me he presente o gosto,
 Quam bem que nos hi sabia
 Quando na meza hera posto.

Nesta Quintilha ha uma embrulhada grammatical, que não é facil desenvolver; o que é que sabia bem? Acaso a fonte fria da Barroca? Mas então a que se refere *posto*, que é do genero masculino? Acaso a *gosto*? Mas que quer

dizer um gosto posto na meza? Deixo aos admiradores exclusivos dos nossos Classicos o elucidar esta difficuldade; porque eu contento-me de citar as seguintes Quintilhas, como compensação desta.

Ali não mordida a graça,
 Heram iguaes os Juizes,
 Não vinha nada á praça,
 Ali da vossa cachaça
 Ali das vossas Perdizes.

Ali das frutas da Terra
 (Que tem cada mez a sua)
 Colhida em sazão cada hã,
 Nunca o sabor a cõr erra,
 Nem o nome de nenhã.

Oh Ceas do Paraiso,
 Que nem cá o tempo vos vença,
 Sem falla trocada, ou riso,
 Nem carregadas de siso,
 Nem danadas da licença.

Des hi, o gosto chamando
 A mores outros sabores,
 Líamos pelos amores
 Tão bem escriptos d'Orlando
 Envoltos em tantas flores.

Líamos os Assolanos
 De Bembo, engenho tão raro,
 Nestes derradeiros annos,
 C'os Pastorês Italianos
 Do bom velho Sannazaro.

Líamos pelo alto Lasso,
 E seo amigo Boscão,
 Honra de Hespanha que são;
 Hia-me meo passo a passo
 Aos nossos, que aqui não vão.

Se eu isto estimado agora
 Vira, como d'antes hera,
 Por meo conto ávante fora,
 Mas não diz hora com hora,
 Vai-se como ao fogo a cera.

Que troca! vêr lá Paschinos
 Desta terra cento a cento,
 Quem os vê sem sentimento
 Tractar os Livros divinos
 Com tal desacatamento!

O pouco affecto á leitura, e á Poesia é vicio tão antigo em Portugal, que já aqui Francisco de Sá de Miranda, se queixa d'elle, e Camões depois ainda mais amargamente, e aponta como razão disso

Que quem não sabe a arte não a estima.

E o que não devem de ousar
 Dizer, si em joelhos não,
 (Que graças pera chorar!)
 Torcem, fazendo fallar
 Ao som da sua paixão.

Esquecidos do Conselho,
 Mas que digó eu? do mandado,
 Sendo por quem foi vedado,
 No Santissimo Evangelho,
 « Aos cães não deis o sagrado. »

Peitos, que sonhando andaes,
 O muito não o troqueis
 Por nadas, como trocaes,
 As perlas orientaes
 Aos Porcos não as lanseis.

Jogareis? oh razão céga,
 Sempre o jogo foi defeso,
 Que tem noite, e dia preso
 O triste, que assi emprega
 O seu tempo todo em peso.

E desde o Grou a Folosa,
Homens de seiscentas côres,
Só no jogo não tem grosa,
Conversação Perigosa
Missa de renegadores.

Se *Grou*, e *Folosa* não sam nomes de dous jogos usados no tempo do Poeta, não será facil perceber o sentido desta Quintilha, que mesmo assim em sua totalidade não é um modelo de clareza.

Mal sem emenda é o Jogo
Antre os seos males maiores;
Hum Rey de grandes primores
Dos nossos, mandou por fogo
A' casa, e aos Jogadores.

O sentido dos dous primeiros versos não é claro; e o louvor dado ao Rei, que mandou deitar fogo a uma casa, queimando os que estavam jogando dentro della, pouca honra faz de certo ao coração de Sá de Miranda. Um Magistrado, que devia conhecer a proporção entre os delictos, e as penas, cumpria que achasse este tormento desproporcionado ao simples crime de jogar! Deos livre a todo o fiel christão de Juizes como Sá de Miranda.

Das leys antigas imigo,
Despresador das modernas,
Continuador do perigo,
Dores sempre aqui cômigo
Vai caminho das Eternas.

Qual será o sentido desta oração? As incorrecções grammaticaes sam peccado de costume neste Poeta.

Passemos para outros jogos,
Que lá vam por outros tratos,
Fazer, desfazer contratos,
Salamandras nos seos fogos,
De Herodes para Pilatos.

Alguma vez havia Pilatos apparecer peor collocado, que no *Credo*.

E aquelle grande alvoroço
 D'Atabor, que á guerra chama,
 Leva o Velho, leva o Moço,
 Que entram primeiro em destroço,
 Que percam de vista Alfama.

Oh vida dos Lavradores
 Si elles conhecessem bem,
 As vantagens, que tem,
 Co' aquelles santos suores
 Que a si, e ao Mundo mantem !

Imitação mui formosa daquelles versos de Virgilio

*Oh fortunati sua si bona norint
 Agriculæ.*

Tractando co'a madre antiga
 Que de quanto em si recebe
 (Não entre engano, ou má liga,)
 Singelamente se obriga
 A pagar mais do que debe.

Aquelles maiores nossos
 Antigos Padres primeiros,
 Eram no começo inteiros
 Eram santamente grossos
 Sem mal como os seus cordeiros.

Regidos da Natureza,
 Sem tanto papel escripto,
 Vem hum reza, e outro reza,
 Sem cansar, e sem certeza
 Buscam, nunca acham o fito.

Foi sem malicia, e mau erro
 A boa Edade dourada;
 Apreçou-se a prateada;
 Não tardou nada a de ferro,
 Que tudo poz á espada.

Quanta sombra, que apparece !
 Tapai-me a boca co'as mãos,

Ora atraz, que não me esquece,
Tambem por cá se adoete
Vam porem ares mais sãos!

Por isso a Gentilidade,
Que em tudo philosophava,
Ao Deos da saude alçava
Templo, fóra da Cidade,
Hi por ella se offertava.

E aquelle Virbio, a quem
Dera vida, nunca ás festas
Nunca da Cidade vem,
Sempre só por fóra o vem,
Caçando pelas florestas.

Hi que encontre c'hum Leão,
Com vaso, que anda ao travez,
Traz com sigo a setus librés;
Com que lhe o caminho dão
Não he aquella a sua rez.

Da cousa má claramente
Logo quem a vê se véla,
Chega-se á que branda sente,
Por isso á antiga Serpente
Pintam rosto de Donzella.

Quando os antigos a alguem
Louvavam, não de Senhor,
Nem de rico hera o louvor,
Chamavam-lhe Homem de bem,
E ainda bom Lavrador.

A nossa Gente que quiz
Arremedar nos louvores,
Que agora parecem vis,
Aos bons Reys Sancho, e Diniz
Chamaram-lhe Lavradores.

Os prudentes dos Romanos
Antes que o tino perdessem,

Donde cuidaes que escolhessem
Cincinatos, e Serranos,
Que ante si em Campo posessem?

E aquella sua grandeza
Que o tempo não quer que moura,
Vêmos que a mais da Nobreza
Sobrenomes da riqueza,
Não poz, antes da Lavoura.

Inda hoje vêmos que em França
Vivem niço mais á antiga,
A' Villa o Villão se abriga,
Donde traz nome de Herança
Mantem-no a sua fadiga.

Accende a fragoa o Ferreiro
Juntamente o Gallo canta,
Morde o Couro o Çapateiro,
Brada c'o Moço ronçeiro
Que inda se envolve na manta.

Vive a Nobreza por fóra
Segura, os despovoados
Corre c'os Lobos ousados,
Por de redor d'onde mora
Mantem livre o monte aos Gados.

Da má gente aventureira,
Que ás escuras traz seo tracto,
Que possa livre quem queira
Cantando hir de noite á Feira
Ou dormindo no mulato.

Bom tempo, quando segura
A cabeça se encostava
Onde o somno a convidava,
Contente da cobertura
Tam rica, que o Ceo lhe dava.

Bebiam, tomada ás mãos,
D'agoa, que fosse em velhice,

Milhor que por vasos vãos ;
Lavava ella os peitos sãos,
Antes da gargantoice.

Jacob fugindo ao Irmão,
Que o mal tinha ameaçado,
Pastor aos campos usado,
Passou o Rio Jordão
Na ajuda do seo cajado.

Como o Sol ao mar desceo,
Comeria do fardel,
D'agoa no rio bebeo,
N'uma pedra adormeceo
Poz nome ao Logar Bethel.

Natureza nos posera,
Como os olhos nos abrio,
Ao perto, tudo o que vie
Que necessario nos era,
Do mais tudo se surrio.

Como huma Ave já vezada
A toda a delicadeza,
He melhor ajuizada,
Foge á gaiola dourada,
Vai buscar a Natureza.

Huma disposição má,
Longa enfermidade, e dôr,
Que vai de mal em peor,
Onde remedio achará,
Se a Natureza não fôr?

Cégo da minha profia,
Que em vão tanta razão gasta,
Que fazeis? que vos obriga?
Deixaes essa Madre antiga,
Hi-vos buscar a Madrasta.

Dos vossos nobres Avós
As Cruzes, em sangue abertas,

Vos põem obrigações certas,
Que não as deixeis lá sós
A ser de musgo cobertas.

O que põem não dirão
Em quanto cá tem tal feira,
Como he a de tal Irmão,
Que não houve o nome em vão
De Nuno Alvares Pereira,

Por toda esta grande Hespanha
Froes, que souberam chamar,
Fez em Pereira mudar,
Não do Rey Mouro a patranha,
Mas vosso antigo Solar,

Do qual, não ha muitos annos,
Que hum, que aqui Braga regeo,
Pondo á parte os longos panos,
Hum passo aos Castelhanos
A' espada defendeo,

Ao Reyno cumpre, em todo elle,
Ter a quem o seo mal doa,
Não passar tudo a Lisboa,
Que he muito o peso, e com elle
Mete o Barco n'agoa a proa,

E mais hivos muito ao ponto
Para qualquer appetito,
Então já ouvi hum conto
A quem espreita, e está prompto
Não vades mudar o fito.

Tereis lá conversações,
Tereis graças delicadas,
Do ar do Paço adubadas,
E ás vezes das pregações
Com muito gosto furtadas.

Transpuseram os amores,
Deixaram o Paço ás cégas,

Sáem de novo mantedores,
Continuos murmuradores
Pela praia de Emxobregas.

Vereis barcos hir á véla,
Huns que vam, outros que vem,
Como que se desavem
C'huma viração singela,
Tanta força a Arte tem.

Os Marinheiros vadios,
Que vilmente a vida apreçam,
Polas chordas dos Navios,
Volteam como Bogios,
Inda que vos al pareçam.

Não hey por perda esta leve,
Que sejam palavras tudo,
Mas ao coração accudo
Sinão dizei quem se atreve
A dôr espera-la a miudo.

Sam ellas porem já muitas,
Fa-las hir crescendo a magoa,
Lembro-vos as vossas frutas,
Lembro-vos as vossas Truitas,
Que andam já por vossas n'agoa.

Copiei esta Epistola pór inteiro de proposito para os Leitores poderem ajuizar das bellezas, e defeitos destas tão gabadas composições de Sá de Miranda. Elles ahí teram notado, que o estylo é o mesmo de todas ellas; isto é, bocolico misturado de rifões, e phrases rusticas, e plebéas; terão notado de mais, pensamentos fortes, e idéas philosophicas expressadas com concisão, e energias, sentenças judiciosas, e a par dellas reflexões triviaes, e pueris; carencia de colorido poetico, e de poesia descriptiva; obscuridades de phrase, descuido, e incorrecções de estylo, e de metro, e falta de nexo entre as idéas; de modo que parece que o Poeta escreve o que lhe occorre sem referencia ao que já disse, e ao que tenciona dizer.

É necessario haver a coragem de observar estes defeitos dos Poetas, que de ordinario se nos citam como modelos, para que a Mocidade inexperta, levada de um respeito servil, não os imite, e reproduza como bellezas.

A gloria dos grandes Authores não está em não cometerem erros, em não ter defeitos, nenhuma obra pôde ser inteiramente despida delles; mas em ter bellezas que resgatem, e recompensem bem estes defeitos; é nisso que está a gloria de Miranda, de Ferreira, de Bernardes, e dos mais Authores, que compõem o seculo de ouro das nossas Letras.

A unica Epistola que Sá de Miranda escreveu em tercetos hendecasylabos, á maneira dos Italianos, é dirigida a D. Fernando de Menezes em resposta de outra, que o dito fidalgo lhe mandara de Sevilha, onde então residia.

Esta composição tem alguns tercetos bem fabricados, mas a par delles apparecem outros, que sam prosa, como dizem, núa, e crúa, por exemplo

Senhor meu, Dom Fernando de Menezes,
Eu vi Roma, Veneza, e vi Milão,
Em tempo de Hespanhoes, e de Francezes

.....
Espreita onde vê riqua ociosidade
Hi arvora bandeira á solta, a vã
Desemfreada prodigalidade,
Imiga das leys santas, e da sãa,
Da boa temperança; e vida pura
Mas dessa Sevilhana amada Irmãa.

Dirá alguém, que tenha ouvidos, que estas regras sam versos, que este estylo é a linguagem das Musas?

Aquelles Dantes, que versos danaram,
Perdoem, ah, que o digo vergonhoso,
Com dó dos bons engenhos, que enganaram.

Aqui não ha só a notar a dureza, e o prosaismo, mas a injustiça feita ao creador da Poesia Toscana; ponhamos de parte os *Dantes, que versos danaram*, que é uma verdadeira charada: em que enganou Dante os Poetas da Italia?

Acaso em crear-lhe a lingua, e uma Poesia energica, e sublime, que elles não souberam imitar? Pois á fé, que se o Doutor Francisco de Sá devia estar *vergonhoso* de alguma cousa, era de não sentir a sublime poesia do Poema de Dante, e de não conhecer que só os episodios do Conde Ugolino, e de Francisca de Rimini, valiam mais do que tudo quanto elle escrevera em sua vida.

Francisco de Sá de Miranda compoz duas Comedias *os Vilhalpandos, e os Estrangeiros*. Estas Comedias sam em prosa, e nellas não ha nada portuguez, afóra a linguagem, em que estão escriptas: local da scena, acção, costumes, caracteres, nomes, tudo é italiano. Não falta, é certo, a estes Dramas nem força comica, nem bastante jocosidade, porém a cada passo se encontram nelles cousas, que denunciam a infancia da arte, e a falta de conhecimento do effeito theatral; extensos dialogos, e muitas vezes pesados, falta de ligação entre as scenas, de que resulta mil vezes ficar o theatro vasiu, pouca acção, e menos interesse, e soliloquios, sem termo, nem fim. O Poeta dá a entender, que o seu fim havia sido imitar Plauto, e Terencio; pôde ser, mas parece-me que essa imitação não foi directa, mas feita pelas imitações, que os Italianos haviam feito daquelles; pois o seu estylo se parece muito com o da *Callandria* do Cardeal Ribiena, e se devo dizer o que sinto, é muito natural que estes dous Dramas não sejam mais do que imitações de alguns Dramas hoje desconhecidos, a cuja representação o Author tivesse assistido na Italia.

As Comedias de Sá de Miranda, apesar dos seus visiveis defeitos, e dos seus desgraçadissimos desfechos, foram representadas com todo o apparatus, e pompa no Palacio do Cardeal D. Henrique, que fazia dellas muito apreço, e até as mandou imprimir á sua custa, depois da morte do Author; nem deve estranhar-se que um Cardeal se divertisse, fazendo representar Comedias no seu alcaçar, quando o Summo Pontifice, Leão X., despendeu grossas sommas na representação das de Bibiena, e de Ariosto, sem comparação mais livres, e muito menos modestas, que as de Sá de Miranda.

O Poeta ficou muy satisfeito com os applausos com que as acolheu o auditorio, composto de Fidalgos, Prelados,

Frades, e outros Ecclesiasticos, reunidos no Paço do Infante Cardeal, mas se nesse tempo existisse em Lisboa um theatro público, e nelle se representassem as duas Comedias, é mais que probavel, que lá não fossem recebidas tão lisongeiramente.

Sá de Miranda foi homem de grande saber, e de pouco genio. Conhecia a fundo a lingua Grega, e Latina, mas a leitura dos grandes Poetas de ambas as linguas, nada, ou pouco lhe aproveitou para aprefeicoar o seu estylo, dando-lhe a correccão, e elegancia, que sam a alma da Poesia. Contemporaneo de Ferreira, Bernardes, e Caminha, que o respeitavam como Mestre, se cotejamos a sua linguagem com a delles, parece ser-lhes anterior, pelo menos, de um seculo. Não soube versificar, nem colorir como elles, como não os iguala em variedade, em imaginação, e pureza; e com tudo a sua reputação se tem conservado até hoje sempre respeitada; que maior prova de que, apesar dos seus defeitos, ha nelle um merito real? (*)

CAPITULO III.

O Doutor Antonio Ferreira.

Nada mais usual do que ouvirmos todos os dias chamar Eschola de Sá de Miranda á Eschola Italiana; mas para fallar com propriedade, deveria ella ser nomeada a Eschola de Ferreira. Se bem examinarmos este negocio, acharemos, que supposto ter sido Sá de Miranda quem deu o impulso para se adoptar o estylo Toscano em Portugal, é tambem certo, que este Poeta, não tinha as forças necessarias para sahir ao cabo com esta reforma.

(*) Tout cela prouve enfin que l'ouvrage est plein de grandes beautés, puisque depuis deuxcents ans il fait les délices d'une nation spirituelle, qui doit en connaitre les fautes.

*Voltaire. Essai sur Poesie Epique
(a propos du Camoens).*

As poesias de Sá de Miranda, nem pelo número, nem pela qualidade, podiam arrastrar os seus Contemporaneos para imita-lo. Era preciso que um Poeta de igual saber, e de muito superior talento pozesse hombros á empreza, e pela correccção, e elegancia dos seus versos mostrasse como a Poesia Portugueza, marchando por aquelle caminho, podia elevar-se á perfeição classica.

Este Poeta foi Antonio Ferreira : foi elle quem sustentou a reforma, proposta por Miranda, reforma, que nas mãos deste se malograria, como se teria malgrado em Hespanha entregue ás forças de um Poeta mediocre; como João Buscan, se não viesse prestar-lhe auxilio o raro talento de Garcilasso.

Cumpré porém advertir que os reformadores Portuguezes não tiveram que vencer os obstaculos que encontraram os que tentaram a mesma obra em Hespanha. A poesia entre nós havia sido sempre Aristocratica, havia sido quasi exclusivamente cultivada por Fidalgos, e Doutores, e por isso a mudança se effectuou tranquillamente, e sem contradicção. E quem havia contesta-la? Os Latinistas olhavam com desprezo para a poesia vulgar, ou ella cantasse á Portugueza, ou á Toscana: e os Doutos, que queriam poetar na lingua patria, estavam de accordo; porque além da disposição, que houve sempre entre nós, para imitar, e applaudir tudo que vem de fóra, não era possivel que homens instruidos, e de bom juizo não conhecessem a imperfeição dos metros até ali usados em Portugal; não podiam deixar de vêr que as Coplas de pé quebrado eram antipathicas com toda a harmonia; que as Redondilhas eram proprias para o Madrigal, a Cançoneira, a Satyra, mas não para imitar Horacio, e Pindaro; finalmente, que as Estanças de arte maior, de que alguns haviam lançado mão como equivalentes do hexametro grego, e latino bem examinadas em seus elementos, não passavam de uma enfadonha combinação de versos hexasyllabos, cuja chocalhada dançante, se tornava insupportavel em obras de alguma extensão. Convencidos disto os Doutos, nada mais havia que fazer, porque o povo, nem lia versos, nem se interessava com materias poeticas.

Não corriam porém assim as cousas em Hespanha; as circumstancias eram outras; os Poetas eruditos fizeram-

se sem custo Petrarchistas ; mas não estava nisso tudo. A poesia era ali popular ; e a diversão de todas as classes. Cantar, lêr, e recitar Coplas, e Romances, e acompanhá-los com a guitarra era o recreio do Artista, do Mercador, do Soldado, do Marinheiro, e até das Mulheres, e dos Mendigos. Todos queriam compôr Trovas, e Romances ; e na verdade pouco talento era preciso para o fazer ; já se vê que alaridos não levantaria esta gente, vendo introduzir uma poesia nova, e superior á sua comprehensão : estas vosarias populares tiveram por auxiliar a indignação daquelles, que não podiam passar de Copleiros, com mais, ou menos talento, e ninguem ignora o reahido combate literario que os reformadores tiveram de sustentar contra elles ; basta dizer, que Castillejo invocava as Fogueiras da Inquisição contra os que introduziam esta novidade no Parnaso Hespanhol, novidade que elle julgava mais perniciososa, que as que Luthero introduzia na Fé Catholica : isto parecerá ridiculo, e impossivel, mas vêja-se como se exprimia este Trovador Frade.

Pues la Santa Inquisicion
 Suele ser tan deligente
 En castigar con razon
 Qualquer secta, e opinion
 Levantada novamente ;
 Resuscite-se su zelo,
 A castigar en España
 Una mui nueva, y estraña
 Como aquella de Luthero
 En las partes de Alemãna.

Bien se pueden castigar
 A cuenta d'Anabaptistas,
 Pues por ley particular
 Se tornan a baptisar,
 Y se llaman Petrarquistas.
 Han renegado lá fé
 De las trovas Castellanas,
 Y traz las Italianas
 Se pierden, diciendo que
 Son mas ricas, y galanas.

Vejam os Leitores qual seria a sorte de Buscan, Garcilasso, e D. Diogo de Mendonça se o Reverendo Padre Castillejo acertasse então em ser Inquisidor Geral. Talvez algumas pessoas tomem este nosso dizer por um mero gracejo, mas não o julgarão assim aquelles que sabem, que la Ramée foi assignado em desaggravo da Philosophia de Aristoteles, como foi tratado Galitei por entender mais de Physica, e de Astronomia que os seus contemporaneos, e Harvey por haver descoberto a circulação do sangue.

Castillejo, não contente das censuras, que havia dirigido contra os Petrarchistas, quiz dar-lhe mais força com a authoridade de João de Mena, e de Jorge Manrique. E por isso finge, que Buscan, e Garcilasso comparecem nos Elysios perante aquelles, e outros antigos Poetas; que Buscan recita um Soneto, e Garcilasso uma oitava, e acrescenta.

Juan de Mena quando oyó
 La nueva troba polida,
 Contentamento mostró,
 Com que se sonrió
 Como de cosa sabida.
 Y dixo « segun la prueba,
 Once syllabas por pié
 No hallo causa porque
 Se tenga por cosa nueva,
 Pues io tambien las usé. »

Don Jorge dixo « no veo
 Necesidad, ni razon,
 De vestir nuestro deseo
 De coplas que por rodeo
 Van diciendo su intencion
 Nuestra lingua es mui devota
 De la clara brevedad,
 Y esta troba a la verdad
 Por el contrario denota
 Obscura prolixidad. »

Carthagená dixo luego
 Como pratico en amorés,

Con la fuerza deste fuego
 No nos ganaran el juego
 Estes nuevos trovadores.
 Mui melancolicas son
 Estas trobas a mi ver,
 Enfadasas de leer,
 Tardias de relacion,
 Y innemigas de placer.

« Si João de Mena, e Manrique (diz a este respeito, com muito siso, o erudicto Quintana) podessem mostrar então algum sentimento, seria o de não terem achado a nova versificação já estabelecida quando escreveram. O genio fugoso, e atrevido de um, e o grave, e sisudo do outro teriam achado para a expressão de seus pensamentos um instrumento proprio no hendecasyllabo.

Sem estes contrastes, e sem obstaculos, ao menos que sejam conhecidos, se estabeleceu entre nós a Eschola Italiana, pela veleidade de Sá de Miranda, e pela constancia, e perserverança de Antonio Ferreira.

Nasceu este em Lisboa, patria de quasi todos os nossos grandes Poetas, no anno de 1528; teve por pais Martin Ferreira, pessoa muito distincta, e como tal condecorado com o habito da Ordem Militar de S. Thiago da Espada, e que serviu o emprego de Escrivão da Fazenda de D. Jorge, Duque de Coimbra, e sua esposa D. Mexia, ou como outros escrevem D. Mecia Froes Varella.

Mostrou logo dos seus primeiros annos grande vivacidade, e amor aos estudos, e muita aptidão para a cultura da poesia, e seus Pais, aproveitando estas felizes disposições da natureza, resolveram invia-lo á Universidade de Coimbra, que naquelles tempos estava muito florescente, não só para se aprofundar nas Bellas-Letras, mas para frequentar o Curso de Direito Civil, que era então a principal porta por onde se entrava para o exercicio dos cargos públicos.

Antonio Ferreira não illudiu as esperanças de seus Pais, pois á força de continuo estudo conseguiu não só ser um profundo Latinista, e Hellenista, mas fez grandes progressos no estudo da Philosophia racional, e moral; foi bom

Mathematico, e passava por um dos mais habéis estudantes da sua faculdade.

*Não se fez menos notavel pelas suas poesias, com que apoiou a doutrina de Sá de Miranda sobre a necessidade de poetar em lingua vulgar, mas o seu accendrado amor da patria o levou mais longe do que elle, pois protestou solemnemente de nunca escrever um só verso, que não fosse em portuguez; considerando, e com razão, que toda a composição em lingua alheia é um furto, que se faz á gloria nacional, e uma desairosa ingratição para com a patria, que nos deu o ser.

Ferreira desempenhou fielmente aquelle honrado protesto, pois é o unico dos nossos Poetas antigos, que nunca escreveu senão em portuguez. Por isso o seu amigo Diogo Bernardes, na Elegia em que deplora a sua morte, disse, sem receio de ser desmentido,

Que dando á Patria tantos versos raros,
Um só nunca lhe deo em lingua alheia.

E bem haja elle, que assim soube mostrar que sabia conhecer o valor do Idioma Lusitano, e que preferia a tudo a terra, em que havia nascido. Queria que a lingua materna, que ruins filhos despresavam, cultivada, e enriquecida com os fructos do seu talento, podesse disputar a palma ás mais celebradas da Europa.

Floresça, falle, cante, ouça-se, e viva
A Portugueza lingua, e já onde fôr
Senhora vá de si, soberba, e altiva.

Exclamava elle no seu justo entusiasmo, accrescentando logo uma verdade, hoje reconhecida de todos, mas então d'elle, e de poucos, pois que havia tantos que davam por tosca, e grosseira a lingua materna.

Si athequi esteve baixa e sem louvor,
Culpa he dos que a mal exercitaram,
Esquecimento nosso, e desamor!

Concluido o curso de Direito Civil, fez um Acto brilhante, e foi condecorado com o Capello, e grau de Dou-

tor, e pouco depois nomeado Lente da Universidade, que se honrou de o contar no número dos seus Membros.

Antonio Ferreira estudava continuamente os Poetas Gregos e Latinos, e os Italianos, cujos metros adoptou, como mais aptos para imitar os primeiros, e com especialidade Horacio, que mais se ajustava ao seu modo de cantar, e de pensar, e para essa imitação lhe pareciam pouco aptas as combinações metricas, que se havia usado até então.

Grande parte das obras de Ferreira, que compõem o primeiro volume, parece fóra de dúvida terem sido escriptas em Coimbra, tanto no tempo de estudante, como no em que exercia ali o magisterio; o mesmo póde affirmar-se da Comedia de Bristo, feita durante umas ferias.

Este volume tinha elle apromptado, e corregido para o dar á luz no anno de 1557, isto é, aos vinte e nove de sua idade, segundo affirma seu filho Miguel Leitão Ferreira; mas ficou sepultado na sua carteira durante sua vida, e depois de sua morte até que o mesmo seu filho o fez imprimir junto com o resto de suas obras, quarenta annos depois.

Destas obras consta, que o Poeta sofrêra algumas paixões amorosas, tanto em Lisboa, como em Coimbra, e no Porto, mas não consta em qual destas duas ultimas Cidades se submetteu ao jugo do matrimonio; pois sabemos que já era casado quando deixou a Universidade, para vir a Lisboa occupar o logar de Desembargador da Relação, para que fóra despachado; obtendo, ao mesmo tempo, a mercê de Fidalgo da Casa Real.

Nem o serviço no Paço, nem o desempenho dos seus deveres na Casa da Supplicação o affastaram do commercio das Musas, empregando o tempo, que lhe ficava livre, na conversação, e tracto de Francisco de Sá de Miranda, que elle considerava como Mestre, e de Diogo Bernardes, Pero de Andrade Caminha, Antonio de Castilho, e de outros illustres Poetas, que se ufanavam de ser seus discipulos.

No Paço, não só gozava do favor d'El-Rei D. João III., e de El-Rei D. Sebastião, do Principe D. João, do Cardeal Infante D. Henrique, mas era tractado com cordial, e sincera amisade pelas mais respeitaveis Personagens

da Córte, como D. Constantino de Bragança, D. Jorge Marquez de Tavora, o Conde do Redondo D. Francisco Coutinho, então Regedor das Justiças, Affonso d'Albuquerque, filho do Conquistador de Malaca, e de Goa, D. Jorge Marquez de Torres Novas, e seu irmão D. Pedro Diniz, D. João de Lencastro, filho do Duque de Aveiro, o Secretario de Estado Pero d'Alcaçova Carneiro, e outros muitos distinctos por sua linhagem, e saber.

Em Lisboa, e neste feliz remanso de sua vida pública, e particular é que o Doutor Antonio Ferreira compoz a maior parte das suas Epistolas, a sua Tragedia *Castro*, a sua Comedia do *Cioso*, em que se descobre toda a madureza dos annos, os fructos da experiencia do Mundo, o conhecimento do coração humano, e os fructos da mais profunda, e severa *Phylosophia*.

Em nenhum tempo faltam espiritos mal formados, que tenham em desprezo as boas Artes, e que julguem que um Magistrado desce da sua dignidade cultivando a poesia; houve por tanto um *ruim*, para me servir da expressão de Ferreira, que começou a censurá-lo, porque juntava ás qualidades de Juiz a de Poeta; Ferreira, impacientado com os latidos daquelle sabujo ignorante, ou invejoso, em sua Epistola, endereçada ao Cardeal Infante, então Regente do Reino, respondeu cabalmente ás invectivas deste, e de outros inimigos da poesia: dizendo, que o Juiz, que respeita bem as leis, deve ser estimado do Rei, e do Povo, e honrada, depois da morte, a sua memoria, accrescenta

Mas nem por isso logo o Povo chame
Vãas outras Letras, e o honesto exercicio
Das brandas Musas tão mal julgue, e infame.

Em nenhum estado bom pode haver vicio,
As Artes entre si se communicam,
Cada uma ajuda a outra em seu officio.

A arêa, a cal, a pedra, aos que edificam
Baixas, mas necessarias miudezas,
As Torres erguem, que tão altas ficam.

Tem tambem seus principios as grãdezas,
E ás cousas grandes pequenas ajudam,
Boas Letras, Senhor, não sam baixezas.

Pera o publico bem tambem estudam,

E cantam os Poetas, deleitando
Ensinam, e os máos afeitos em bons mudam.

E ás vezes aos Reys vam declarando
Mil segredos, que então só vêm, e sabem,
Mil rostos falsos, lingoas más mostrando.

Em poucas bocas as verdades cabem,
Terão ás vezes a culpa os ouvidos,
Os versos ousam, e em toda a parte cabem.

Dos bons amados, e dos máos temidos,
Assi he a justiça, assi a verdade,
Assi sejam tambem favorecidos.

Usem da sua honesta liberdade,
Rindo do Povo chamar só Letrados
Os que aconselham roubo, e crueldade.

Ou outros que se fazem affamados
Julgando, e interpretando duramente,
Dos innocentes fazendo culpados.

Outro se venda por piedoso á Gente,
Deixe o delicto passar sem castigo,
Da vã piedade usando cruelmente.

Tambem, Senhor, contra mim fallo, e digo
Que em nossas Letras não está a Justiça,
Está n'hum peito da Justiça amigo.

Não tiram a ambição, nem a cobiça,
Si a accrescentam, duvido; cada hum vêja
Quem lhe vence o trabalho, o engenho atija.

Seja mais rigoroso o exame, e seja
Grande das Letras, maior do Letrado;
Saiba-se o fim que leva, e o que dezeja.

Da Patria Pay será o Rey chamado,
Que a justiça comece dos que a tractam,
Antes de ser do Povo provocado.

Onde todos se roubam, e se matam
Defende-se cada hum da força injusta,
E os que mais podem seus imigos atam.

Nós que vivemos por regra tão justa,
Que os mesmos Reys ás suas leys se obrigam,
Remedio temos certo, e a pouca custa.

O Doutor Antonio Ferreira conhecia bem os defeitos,
e crimes dos Magistrados do seu tempo, e tinha, como

se vê, a nobre ousadia de não dessimula-los, antes lhes advertia assim, que não despresassem os que cultivavam a poesia, que os igualavam em saber, e cujos defeitos, e erros, quando os comettiam, nunca podiam ter resultados tão prejudiciaes para o bem público, e particular dos Cidadãos, como os daquelles, que vestiam a toga.

Que mal ha que os Poetas isto digam ?
 Si o mal reprehendem, á Virtude inclinam,
 Por que assi injustamente os mal persigam ?
 Almas indoutas, que cá peregrinam,
 Captivas em seos corpos, e forçadas
 A nenhum bem, nenhum saber atinam.

.....
 De que vem tanta insignia em armas dada ?
 Tantas Cappelas cheias de Letreiros ?
 E a triste sepultura tão dourada ?

Mais geraes, mais constantes pregoeiros
 Sam os bons versos, que continuos fallam,
 E duram the os dias derradeiros.

- Nem as victorias, nem as grandezas callam
 Dos clarissimos Reys de gloria dinos,
 E o passado ao presente tempo igualam.

Chamados foram os Poetas divinos
 Quem tal, que tal furor não mova, e espante
 Mas quantos foram de tal sorte indinos !

A Musa Lusitana nunca se havia expressado com tanta força, e elegancia, nem cantado tão bellos versos.

.....
 Determina a Razão esta contenda,
 O mau Juiz rouba, o mau Medico mata,
 O mau Poeta enfada, antes que offenda.

Demos bens todos, a Razão não atã ;
 Mais a Justiça val, mais a saude,
 Mas nem por ouro se despresa a prata.

Não tira a mór Virtude á outra Virtude
 Seo preço, antes se abraçam, e entre si se amam,
 Porque huma irmanmente a outra ajuda.

.....
 Não fazem mal as Musas aos Doutores,

Antes ajuda a suas Letras dam :
E com ellas merecem mais favores,
Que em tudo cabem, pera tudo sam.

É preciso confessar, que a honra da poesia nunca foi defendida com razões tão valentes, nem por modo tão poetico.

A falta de commodidades da vida, a gróssaria dos costumes, e de alimentos, que então dominavam na Europa, obrigavam os seus habitantes a viverem em uma miseria, e sordidez quasi Africanas; e como das mesmas causas provém sempre os mesmos effeitos, as invasões da peste eram tão frequentes, nesta parte do mundo, como o sam agora no Egypto, na Tórquia, e nas Provincias Barbarescas; assim como se foram tornando raras, até cessarem de todo, depois que a boa policia, a boa hygiene, e a civilisação, por meio do asseio público, e domestico, o modo mais judicioso de edificar, e a melhor qualidade dos alimentos destruíram os principios de tamanha calamidade.

Contava Antonio Ferreira quarenta e um annos de idade, quando, em 1569, a peste se declarou nesta Capital com tamanha força, que parecia querer devorar todos os seus habitantes, e deixa-la inteiramente deserta; as precauções eram tão inuteis como os remedios, e o que tinha a desgraça de ser atacado contava-se logo por morto; e o Poeta foi uma das primeiras victimas dessa inexoravel epidemia. Os seus amigos tributaram sinceras lagrimas á sua perda, Diogo Bernardes, Pero de Andrade Caminha, e Francisco de Sá e Menezes desaffogaram a sua saudade, em sentidos versos, que ainda hoje testificam o quanto era por elles amado.

Assim pereceu, no vigor da idade, um homem que tanto honrou a Athenas Lusitana, a nossa Magistratura, e as nossas Letras; o homem que amou a sua patria, e a sua lingua, e illustrou uma, e poliu, e enriqueceu a outra com os seus escriptos: que abriu aos contemporaneos, e aos seus vindouros a estrada da poesia classica, e lhes inculcou, com seu exemplo, a necessidade de imitar as bellezas, e a natural elegancia dos cantores Gregos, e Romanos. E posto que as obras, que nos deixou, sejam sobre maneira estimaveis, não é por isso menos para lamentar que

a sua morte prematura nos privasse de outras mais feitas, que da madureza do seu estro podiam, com razão, esperar-se.

Ferreira era tão erudito como Sá de Miranda, mas sem dúvida nenhuma muito mais apurado em gosto, muito mais Poeta do que elle, sem com tudo ser um Poeta de genio. Tem fraca imaginação, e menos invenção ainda. O que o distingue de todos os Poetas que o precederam, e dos seus contemporâneos, aos quaes, exceptuando Camões, é superior, é a nobreza dos pensamentos, a pureza da linguagem, e a correcção, e elegancia do estylo. Amante apaixonado da lingua patria, e desejoso de mostrar que ella podia competir com as mais bellas da Europa, elle a poliu, a enriqueceu, adoptando muita cópia de palayras novas, e dando a outras novas significações.

Lendo, e estudando continuamente os modelos Gregos, e Latinos aspirava mais que tudo á gloria de Poeta Classico, e de reformar a Poesia Portugueza; trabalhou por despoja-la de todos os orientalismos, que os seus antecessores haviam contrahido com o tracto dos Mouros; aborrecia tudo o que lhe parecia commum, ou excentrico; preferia as idéas nobres, ás idéas extraordinarias. Segundo a sua opinião a boa poesia estava na elegancia, e energia pictoresca das pinturas, e na simples elegancia da expressão, por isso evitou religiosamente o escrever em alguns dos generos conhecidos na antiga poesia nacional.

Cumpré porém advertir, que quando imita, e mesmo quando copia os antigos, é sempre pela maneira um pouco verbosa dos Italianos, pensando talvez que o colorido da nova poesia, que pertendia introduzir entre nós, devia constar de um meio termo entre o estylo, e o gosto de uma, e de outra. A sua versificação não tem a rudeza da de Sá de Miranda, nem é tão cheia de agudós, que tão mal parecem nos hendecasylabos portuguezes; porém bastantes de seus versos sam duros, já por cesuras mal collocadas, já pela mania de supprimir o *m*, á maneira dos Latinos, nas terceiras pessoas pluraes dos verbos; sendo muito para admirar que os Seiscentistas, a quem não pôde negar-se que muito aperfeçoaram a metrificação, abraçassem tambem esta pratica.

Ferreira foi o primeiro que introduziu a poesia des-

criptiva nos nossos Poemas, e que presentiu o grande partido que o talento poetico podia tirar do verso solto; elle o aventurou, primeiro que ninguem, na Epistola a D. João III., e na *Castro*, apesar disso o seu bom senso lhe fez conhecer, que ainda era muito cedo para se estabelecer essa novidade, para que era preciso que a lingua tivesse adquirido toda a sua flexibilidade, e um talento de primeira ordem a tentasse: elle exprime o seu desejo, e a sua opinião nestes versos.

Oh doce rima! mas ainda ata, e dana,
 Inda do verso a liberdade estreita
 Em quanto com som leve o juizo engana!
 Não foi a consonancia sempre acceita
 Tam repetida, assim como a doçura
 Continua o appetite cheio engeita.
 Mas soframo-la em quanto huma figura
 Não vemos, que mais viva represente
 Daquella Musa antiga a boa soltura.

O Doutor Antonio Ferreira, sem embargo da sua philosophia, das suas bellezas de linguagem, e de estylo, dos applausos que lhe tributaram, e da estima que delle fizeram os Doutos do seu tempo, nunca foi um Poeta popular, antes no seculo de seiscentos cahiu em esquecimento o seu nome, todos os que blasonavam de Criticos zombavam do seu estylo; e como podia o seu estylo, singellamente elegante agradar a homens, que haviam tomado a Gongora por modelo? Como podiam sofrer as suas doutrinas, que eram a condemnação directa do systema de poetar, que elles haviam adoptado?

Os Arcades, resuscitando o bom gosto, e o estudo da antiguidade, tiraram tambem do esquecimento Ferreira, Bernardes, e outros bons Poetas antigos; então tornou Ferreira a ser lido, e admirado, e teve até entusiastas, e entre elles se conta o Desembargador Antonio Ribeiro dos Santos, que em uma das suas melhores Epistolas fez um panegyrico de Ferreira, tão elegante, como bem merecido.

Ferreira é o Poeta da razão, e do bom senso; a cada passo se encontram nelle cousas que louvar, mas, diga-se a verdade, nada que transporte, que arrebate o coração, e o

espírito do Leitor, e que lhe accenda a imaginação; não é essa obra da arte, mas do genio, e o genio nunca foi favoravel a Ferreira.

Os Sonetos deste Poeta, posto que não tenham a plenitude de idéas, as pinturas brilhantes, e a harmonia, que admiramos nos de Luiz de Camões, sam depois destes, os melhores, que se escreveram naquelle seculo. Vê-se que trabalha por imitar Petrarcha, mas, na graça das imagens, no voluptioso das pinturas, e no arrebatado alheamento amoroso, e sobre tudo na harmonia está elle muito longe do grande Poeta Italiano; e, o que é mais para admirar em espirito tão judicioso, e severo não deixa de cahir ás vezes nas extravagancias, que tanto vogaram no seculo seguinte; por exemplo, no Soneto 21 do Livro I.

Quem vio neve queimar? quem vio tão frio
Hum fogo, de que eu arço?

.....
E Amor, que aqui está sabe a verdade,
Que nesta agoa tão fria está accendendo
O fogo de meus olhos destilado.

Esta neve, que queima, este fogo tão frio, este fogo destilado dos olhos, que o Amor accende em agoa tão fria, diziam melhor em Sonetos de Frei Jeronimo Vahia, ou Simão Torresão, que em um Poema do reformador da antiga poesia portugueza.

Entre os bons Sonetos de Ferreira parece-me que tem destinto logar o seguinte, apesar do terceiro verso do primeiro quarteto ser algum tanto duro,

SONETO.

Quando a entoar começo com voz branda
Vosso nome d'amor, doce, e suave,
A Terra, o Mar, Vento, Agoa, Flor, Folha, Ave,
Ao brando som se alegra, move, e abranda.

Nem nuvem cobre o Ceo, nem na Gente anda
Trabalhoso cuidado, ou pena grave,
Nova oôr toma o Sol, ou se erga, ou lave
No claro Téjo, e nova luz nos manda.

Tudo se ri, se alegre, e reverdece,
 Todo o Mundo parece que renova,
 Nem ha triste Planeta, ou dura sorte.

A minha alma só chora, e se emtristece,
 Maravilha d'Amor, cruel, e nova!
 O que a todes traz vida a mim dá morte!

Póde competir com elle este, imitado em parte, de
 Petrarcha.

SONETO.

D'onde tomou Amor, e de qual véa
 O ouro tão fino, e puro para aquellas
 Transas louras? e de que esphera, ou Estrellas
 A luz, e o fogo, que assi em mim se atêa?

D'onde as perlas? a voz de que Serea?
 Os brandos Lyrios d'onde, e as rosas bellas?
 Aquelle vivo espirito pondo nellas
 De que formou hũa nova ao Mundo idea?

Antes a neve a alvura, a côr as rosas
 Do seu rosto tomaram, e a harmonia
 As Aves da voz doce, suave, e branda.

Nem sam ante ella as Estrellas mais formosas,
 Nem mais sereno o Ceo, ou claro o Dia,
 Nem mais formoso o Sol na sua esphera anda.

O mesmo character de amenidade Petrarchesca se encontra no Soneto 24 do primeiro Livro, aos cabellos da sua amada, em que o Poeta derramou, com mão prodiga, as imagens agradaveis, e voluptuosas.

SONETO.

Em quanto, solto ao Sol, brando Ar movia
 O ouro, que Amor de sua mão fia, e tece,
 De amorosos Espritos o ar se enchia
 De que amor doce em toda a parte cresce.

Hum lhe dava o nó crespo, outro tecia
 Laço, em que toda a alma livre empece,
 Outro o soltava ao vento, e parecia
 Descer então o Sol mais do que desce.

Namorava-se o claro Sol da Terra,
 Hia crescendo o Dia mais formoso,
 Minha alma de si mesma estava fóra.

Mas, recolhendo o Amor, eis que se cerra
 Triste o Ceo, scuro o Dia, o Sol queixoso,
 E minha alma dali sempre em vão chora.

Este Soneto deve parecer pessimo aos supersticiosos discipulos de Boileau, que diz expressamente no segundo Canto da sua Arte Poetica, expondo as regras do Soneto

Defendit qu'un vers faible y pût jamais entrer,
 Et qu'un mot deja mis osat s'y remontrér.

e em despeito daquella regra, de que nem Italianos, nem Hespanhoes, nem Portuguezes em nenhum tempo fizeram caso, ha neste Soneto não só uma, porém muitas palavras repetidas, sem que porisso pareça menos bello; e até ha, não só muitos Sonetos dos nossos Poetas, mas de Petrarcha, que perderiam grande parte da sua graça se lhe tirassem essas repetições de palavras. A verdade é, que ninguem tem mais rigorosos preceitos para a composição deste pequeno, e formoso Poema do que os Francezes, e ninguem apresenta mais escasso número de Sonetos, já não digo bons, mas soffríveis do que elles. Voltemos a Ferreira.

O Soneto 27, do mesmo Livro, faz-se notavel pela expressão apaixonada, e delirante do amor, que abrazava o peito do Poeta, na occasião, em que o escreveu.

SONETO.

Muitas vezes quisera, tal me vêjo,
 Não ter nascido, ou não ter visto aquella,
 Por que assi morro, quando espero vê-la,
 Como de não a vêr, quando dezejo.

Mas logo torno, e me emvergonho, e pejo
Do meu mesmo erro, a culpa he tua, ou della,
Amor cruel, que em ama-la, e teme-la
Se converte em fim sempre alma, e dezejo.

Mais quero assi viver, que qual vivera
Sem ter visto o que vi; ditosa sorte
Quando olhos meus tão altamente olhastes!

Perdido fôra si me não perdera;
Que inda que morro, bem comprada morte,
Por esta gloria, que me vós mostrastes!

O mesmo character, com maior abundancia de imagens, e sentimentos de terna melancolia, se encontra nos Sonetos 44, e 48 do mesmo Livro.

SONETO.

Os dias conto, e cada hora, e momento,
Que alongando-me vou dos meus amores,
Nas Arvores, nas pedras, hervas, flores
Parece que acho magoa, e sentimento.

As Aves, que no ar vôam, o Sol, e o Vento,
Montes, Rios, e Gados, e Pastores,
As estradas, e os campos mostram as dores
Da minha saudade, e appartamento.

E quanto me hera lá doce, e suave
Mais triste, e duro amor cá mo presenta,
A que entreguei da minha vida a chave.

Em lagrimas, força he, que as faces lave,
Ou que não sinta a dor, que na tormenta
Memoria da Bonança faz mais grave.

SONETO.

Quando se envolve o Ceo, o Dia escurece,
Assopra o bravo vento, e alto mar geme,
O Sol se nos esconde, a Terra treme,
Trova a noite, o raio resplandece.

Eu olho aquella parte onde esclarece
 Hum Sol que eu vêjo só, e elle só vê-me,
 E com sua luz em quanto o Mundo teme
 De lá me alegre o espirito, e fortalece.

Meo perpetuo Verão, meo claro Oriente,
 D'onde o dia me vem, d'onde douradas
 Vejo as nuvens correr os Ceos formosos!

Ditosas Aves, a que foram dadas
 Pennas, ditosa a Terra, a que he presente
 A luz destes meos olhos saudosos.

Seria longo se quizesse notar todos os Sonetos de Ferreira, que se distinguem por alguma belleza saliente de idéa, ou de expressão; terminarei estes extractos com o Soneto 28 do Livro segundo, que dá alguns ares da maneira de Bocage.

SONETO.

N'hum concavó penedo onde quebravam
 Sua mór força as ondas furiosas,
 Dois brandos nomes de dúas mais formosas
 Nymphas Lilia, e Celia se cortavam.

Abrindo a pedra as letras, aclaravam
 As nuvens, brandos ares, amorosas
 Virações espirando, as mais irosas
 Ondas naquella parte socegavam.

Ao pé dos doces nomes, que cortaram
 Aonio, e Vencio em immortal memoria
 Seos nomes, e estes versos escrevêram.

» Em duas aqui quatro almas se juntaram,
 » Aqui porto quieto ás ondas deram
 » Lilia, e Celia a amor honra, ao Mundo gloria.

Comparem-se estes Sonetos de Ferreira com os que deixamos copiados de Sá de Miranda, e então se conhecerá a que grande distancia, um do outro, estão estes dous Poetas.

O Livro dos Epigrammas de Ferreira consta de dez destes pequenos Poemas, que se aproximam mais do estylo Grego, que da fórma, que os modernos deram depois a este breve, e chistoso Poema; alguns delles sam traduzidos livremente de Anacreonte, e outros Authores; transcreverei o ultimo, que talvez seja o melhor de todos.

Forjava em Lemnos, com destreza, e arte
Settas a Amor, de Venus o marido;
A branda Venus lhe põem mel d'ũa parte,
Mas de outra parte lhe põem fel Cupido.
Entrou, brandindo a grossa, lansa, Marte,
Rio-se das Settas. Queres ser ferido
D'huma? (Amor diz) prova ora se te apraz.
Feriu-o, rio-se Venos, Marte jaz.

Ferreira deixou treze Odes divididas em dous Livros. Em todas ellas ha excellente, e pura linguagem, e sentimentos nobres, estylo elegante; mas é de balde procurar nellas aquella elevação de idéas novas, os vãos elevados, e ardentes, aquella expressão de fogo, e bella desordem que elevam, e arrebatam o espirito do Leitor, e que formam o caracter deste genero de Poemas; Ferreira não era Poeta lyrico, no sentido restricto desta expressão, não tinha azas de aguia para remontar-se ás regiões do sublime, e receber de perto a inspiração de Phebo; imita ás vezes Horacio, e até o copia, e é então que melhor se conhece que lhe falta. Veja-se o exordio da Ode I., do primeiro Livro.

Fuja daqui o odioso,
Profano Vulgo! eu canto
As brandas Musas; a huns Espritos dados
Dos Ceos ao novo canto
Heroico, e generoso.

Não nos demoraremos com a expressão baixa, e plebéa « *fuja daqui* » que tão mal assenta no principio de uma Ode, escrevamos, como ella deve escrever-se, esta prosa dividida em regras curtas, e compridas, em que o verbo segue o nominativo, o accusativo o verbo, o adjectivo o substantivo, passando de regra a regra em todo o rigor da ordem grammatical.

« *Fuja daqui o odioso vulgo profano! eu canto as brandas Musas, a huns espiritos dados dos Ceos ao novo canto heroico, e generoso.* » Dirá alguém que isto é o número lyrico? a poesia da Ode? Dirá alguém que esta prosa insossa representa em portuguez a soberba harmonia, e a poesia sublime da Estrophe I. da Ode I. do Livro III. de Horacio, que o Author se propoz a imitar?

Odi profanum vulgus, et arceo,
Favete linguis; carmina non prius
Audita, Musarum Sacerdos,
Verginibus, Puerisque cano?

Dirá alguém que o exordiu da Ode aos Reis Christãos

Onde, onde assim correis,
Correis tão furiosos.

Dirá alguém, torno a repetir, que este desgraçado *correis, correis* foi escripto com o intuito de imitar os primeiros versos da Ode VI. do Livro dos Epodos do Cantor de Veneza.

Quo, quo, scelesti, ruitis? et cur dextris
Aptantur enses conditi?

Que julgaria Horacio de um Poeta, que o admirava, e estudava affincadamente, e que julgava imitar as suas Odes, com a verbosidade, e a fórma da Canção Italiana? E na verdade a grande parte das Odes de Ferreira cabe mais o titulo de Canção, que aquelle com que as christophes, ou se attenda ao estylo, ou á longura das Estrophes, ou á expressão pomposamente verbosa dos pensamentos. Tal a dirigida aos Principes D. João, e D. Joanna, cujas Estrophes principiam todas com este verso

Vivei felises, pios, vencedores,

á excepção da primeira, e essa mesma lá tem no meio esse mal estreado verso. Tal é a que dirige a Manoel de Sampaio, a Antonio de Vasconcellos, a Affonso Vaz Caminha, a Antonio de Sá e Menezes; as outras lá se apro-

ximam um pouco á fórma externa, e ás vezes á fórma interna da Ode Grega, e Latina.

Outro defeito, que muito prejudica as Odes de Ferreira, é a continuada dependencia que o verso anterior tem do seguinte para completar o sentido da oração, a que, em termos de arte, se chama *empernamento*; este defeito é mais ou menos grave segundo o capricho, o genio das linguas. Na Latina, e Grega eram bem acceitos estes enlaços, no Inglez, e Italiano admittem-se sem grande custo; em Francez produzem pessimo effeito, e em Portuguez só se admittem raras vezes, e quasi sempre com o intuito da harmonia imitativa.

Quanto a mim facilmente desculpo nisto a Ferreira, Miranda, e os mais Poetas contemporaneos, que ainda trabalhavam por ageitar a lingua aos metros Toscanos, e não podiam ainda ter estudado as modificações porque devia passar o hendécasyllabo para ajustar-se ao genio da lingua.

Mas Ferreira não contente de empernar os versos, emperna tambem as Estrophes, o que é peor ainda, sirva de exemplo a Ode a D. João d'Alemcastro, filho do Duque d'Aveiro.

Porque tão cruelmente,
 Meo João humanissimo, sem culpa
 Tua te affiges tanto?
 E porque esse *innocente*
 Peito, que de nenhum vicio te culpa,
 Tão puro, casto, e *santo*
 Com tristes pensamentos
 Que essa tua alma branda estam roendo,
 Em tanto damno *meu*
 Maltratas? taes tormentos
 Deixa, a quem com rasão está *temendo*
 Algum grande erro seu.
 Não teme, não espera,
 Não pende da Fortuna, ou vãos cuidados
 A consciencia pura:
 E assi não *desespera*
 De chegar aos bons dias esperados,
 Tão leda, e tão segura,

Que, o Mundo despresando,
 Comsigo se enriquece, e mais descansa ;
 De si tão satisfeita,
 Que em si só está *presando*
De despresar o porque o Mundo cansa.
 De vér, que ella a *direita*

Via seguindo vai,
 A *Virtude*, levando só por guia.
 Não torce não duvida ;
 Jámais della se sai,
 Por mais que o Mundo della se desvia,
 A coroa *devida*

Voando, que *guardada*
Nos Ceos está, da terra se levanta.
 Tem sempre o que dezeja
 Com não ter nunca nada.
 Pisa a Fortuna, nada a vence, e espanta.
 Que por forte que *seja*

Falsa Deosa, e tyrana,
 (Segundo a fez a sabia Antiguidade,)
 Que val contra a Prudencia ?
 Em que lhe empece, ou *dana* ?
 Falso Poder, e falsa Devindade,
 Nascida da *imprudencia*

Daquelle Povo errado,
 Que a qualquer Appetite mau, e injusto,
 Logo hum Deos levantavam,
 Só pera seo *pecado*
Ficar honesto, desculpado, e justo,
 Aquelles *adoravam*

Os appetites seus.
 Ditosos nós, que tão alto subimos,
 Que nos Ceos hum *thesouro*
Temos, quaes esses *teus*
Olhos, bom João, vem, apoz este himos :
 Tu, de palma, e de *louro*

Com razão corôado,
 Eu da humilde, e sempre verde Hera
 Seguindo tuas pizadas,
 Nas nuvens levantado
 Assi serei, Senhor! descansa, espera.
 Já chegam as douradas

Horas, que te esperando
 Estiveram thegora; e vem correndo
 Para o teu bem, e gloria
 Por ti só vem chamando
 Aquelles claros titulos trazendo
 Porque tua memoria
 No Mundo eternamente hirá vivendo.

Veja-se agora quantos versos emperoados, em tão pequeno Poema! E note-se mais, que de onze Estrophes, que tem a Ode, só uma, a segunda, não lança o sentido para a seguinte. Bem sei que podem alegar-me, em defeza de Ferreira, que em Pindaro, Horacio, e até em alguns dos melhores Lyricos modernos, se encontram exemplos destas ligações de Estrophes; não o ignoro; mas sei tambem, que nenhum delles compoz uma Ode inteira enlaçando todas as Estrophes umas com outras, como élos, ou argolas de uma cadêa. E mesmo quando houvesse algum exemplo desses, não deveria ser imitado por quem tivesse ouvidos sensiveis á verdadeira harmonia.

Nem se argua esta critica de minuciosa, e nimio severa; os defeitos dos Escriptores, que passam por modelos, devem ser cuidadosamente apontados, para que os Alumnos inexperientes os não imitem: Ferreira, Camões, Francisco Manoel, Antonio Diniz, foram, é certo, grandes Poetas, mas a natureza, que os enriqueceu de tantos, e tão ricos dotes, não lhe concedeu diploma de nunca errarem; *summi sunt Homines tamen*. A sua gloria não está em não ter defeitos, mas em ter bellezas, que largamente os compensem. E podem servir de prova os bellos trechos de poesia, que Ferreira espalhou nesta mesma Ode.

Iguaes trechos, e superiores ainda, se encontram nas outras, por exemplo este, da Ode V. do Livro segundo, pelo qual se pôde avaliar o talento descriptivo do Poeta.

Eis-nos torna a nascer o Amor formoso,
Zephyro brando, e doce Primavera,

Eis o campo cheiroso ;

Eis cinge o verde Louro a já nova Hera :

Já do Ar cahido gera

O cristalino Orvalho hervas, e flores.

As Graças, e os Amores,

Croados de alegria,

Em doce companhia

De Nymphas, e Pastores ao som brando

Doces versos d'amor vam revezando.

A poz a branda Deosa do terceiro

Ceo, que triumphando vai d'Apollo, e Marte,

E entre elles o Frecheiro

Seu doce fogo aonde quer reparte.

Fugem de toda a parte

Nuvens, a neve ao Sol the então dura,

Se converte em brandura,

E d'alta, e fria *serra*

Cahindo, rega a Terra

Agoa já clara ; a cujo som adormece

Toda fera Serpente, e o Myrtho cresce.

Eis aqui um empernamento, que não é vicioso, antes dá força á idéa pela harmonia imitativa ; a pausa que a voz é obrigada a fazer no pronunciar a palavra *cahindo*, faz sentir o effeito da agua, que se arroja do alto formando catadupa ; é assim que a nossa poesia os admite ; mas passar com o sentido do fim de um verso para o principio do outro, só porque o pensamento não coube na clausula metrica ; é difficuldade de expressão, e não artifício, e faltar á harmonia em pura perda.

Renasce o Mundo, e torna a fôrma nova

Do seo dia primeiro, o Sol mais puro

Sua luz nos renova,

E afugentando vai o Inverno escuro.

O monte calvo, e duro

O valle d'antes triste, o turvo Rio,

Ar tempestuoso, e frio,

Os tornam graciosos
 Aquelles amorosos
 Olhos de Venus, faces de Cupido
 Creando em toda a parte hum Chipre, hñ Gnado.

Si não ha erro de impressão, aqui temos Chipre, do genero masculino, subentendendo *Reino*, em logar de Ilha; faço esta advertencia, não como censura, mas como de uma liberdade, de que outro qualquer Poeta poderá usar como lhe convenha.

Quanto sam bellas estas *Estrophes philosophicas* da Ode a Pero de Andrade Caminha, que é a segunda do segundo Livro.

A fonte d'onde manam
 Do nosso erro os perigos,
 Que he senão proprio amor mal conselhado!
 Desejos vão que enganam,
 E a pura alma profanam,
 E entregam a seos imigos
 D'onde tarde vem ser o mal chorado!

Quanto Mundo he passado!
 Soberbas Monarchias
 D'Asia, de Grecia, e Roma imperios tantos,
 Que o Mundo subjugado
 Tinham como forçado,
 Vés em quão poucos dias
 Cahiram suas grandezas, seos espantos?

Que ficam, senão prantos,
 E saudades tristes
 Daquellas cousas grandes, que acabaram
 Quantos triumphos, quantos
 Lêdos, e doces cantos
 Passados tempos, vistes
 Que, senão magoa, e espanto nos deixaram.

O Doutor Antonio Ferreira me parece muito maior Poeta nas suas Elegias, que nas suas Odes, é nellas que o seu estylo, e colorido sam legitimamente Latinos, e marcha affouto pelo trilho de Tibulo, e de Propercio; escolheu

para ellas os tercetos, que de todas as combinações rithmicas era a que podia melhor representar a marcha pausada, e magestosa dos Disticos Gregos, e Latinos, e a prova de que esta escolha foi judiciosa, é que este exemplo foi seguindo, com mui pequenas excepções, pelos Poetas de todas as Escolas, e inda hoje os tercetos sam a lingua da Elegia.

A Elegia no seu estado primitivo serviu sómente para tractar assumptos funebres, e deplorar as desgraças da humanidade, porém com o correr do tempo alguns Poetas Gregos, e com especialidade Mynermo, applicaram a cantar amores, banquetes, e outros desenfadamentos da vida. Este exemplo foi seguindo pelos Latinos, como o testificam as numerosas composições, que neste genero nos deixaram Catulo, Ovidio, Tibulo, e Propertio, que tão admirados foram no seu tempo, e o sam ainda no nosso; foi attendendo a esta alteração de assumptos, que Horacio escreveu na sua Poetica

Versibus empariter junctis quærimonia prima
Mox etiam inclusa est veti sententia compos;

E muito mais poeticamente Despreaux no Canto II. da sua Arte Poetica

La plaintive Elegie en longe habits de deuil
Scail, les cheveux epaisse gemir sur un cercueil
Elle peint des amants la joye, et la tristesse,
Flate, menace, irrite, appaise une maitresse:
Mais pour bien exprimer ces caprices heureux
C'est peu d'être Poete, il faut être amoureux.

Ferreira, como discipulo fiel dos antigos, seguiu esse exemplo, e por isso a par das Elegias á morte de Diogo de Betancourt, do Principe D. João, vemos as endereçadas a Affonso de Albuquerque, e a Pero de Andrade Caminha, e a do Amor fugido, traduzida livremente de Moscho, e a do Amor perdido, paraphraseada de uma Ode de Anacreonte, e a do mez de Maio, que passo a transcrever como a sua mais bella composição, deste genero.

A MAIO.

ELEGIA.

Vem Maio de mil hervas, de mil flores
As fontes coroando, e riso, e canto
Com Vênus, com Cupido, c'os Amores.

Vença o Prazer a Dor, e Riso ao Pranto
Vá-se longe daqui Cuidado duro,
Em quanto o lédo Mez de Venus canto.

Eis mais alva a manhã, mais claro, e puro
Do Sol o Raio; eis correm mais formosas
Nuvens afugentando o ar grosso, e escuro.

Sahe a branca Diana entre as lumiosas
Estrellas tal qual já ao Pastor formoso
Veio pagar mil horas saudosas.

Mar brando, sereno ar, campo cheiroso
Foge a Tristeza, o Prazer solto vóa,
O Dia he mais dourado, e vagaroso.

Tecendo as Graças vam nova coroa
De Myrto á May, ao Filho mil espiritos,
O fogo resplandece, a aljaba sôa.

Mil versos, e mil vozes, e mil gritos
Todo de doce amor, e de brandura,
Hums se ouvem, hums nos troncos ficam escriptos.

Ali soberba vem a Formosura,
Apoz ella a Affeição céga, e captiva,
Quanto huma mais chorosa, outra mais dura.

Ah! manda Amor assi! assi quer que viva
Contente a triste do que seu Deos manda,
Dezeja inda mais dor, pena mais viva.

Mas quanto o Moço encruesce, a May abrandá;
Ella a peçonha, e o fogo lhe tempera;
Assi Senhora de mil almas anda.

Ali o Engano, em seu mal cégo, espera
Huma hora doce, ali o Encolhimento
Sem cauza de si mesmo desespera.

Aos olhos vem atado o Pensamento,
Não vóa a mais, que ao que ali tem presente
E em tanto mal tudo he contentamento.

Em riso, e festa corre a lèda Gente,
Traz o formoso fogo em que sempre arde,
Cada hum, quanto mais arde, mais contente.

Manda Venus ao Sol, manhã, e tarde,
Que seos crespos cabellos loure, e estenda,
Que em vir se appresse, que se torne tarde.

Ao brando Norte, que assopre, e defenda
Do ardor da Sesta a branda companhia,
Em quanto alçam de Myrtho fresca Tenda.

Corre por toda a parte clara, e fria
Agoá, cae doce sombra do alto louro,
Canta toda Ave canto de alegria.

Ella a neve descobre, e solta o ouro,
Banham-se as Graças na mais clara fonte;
Apparece de Amor rico thesouro.

Cahem mil flores da dourada fronte,
Arde d'amor o bosque, arde a alta Serra
Aos olhos reverdece o campo, e o monte.

Desprende Amor seos tiros, nenhum erra,
Mil de baixo metal, alguns do fino,
Fica de seos despojos chêa a Terra,
De huma Mulher vencida, e d'hum Minino.

Este Poema é, si não me engano, uma obra prima de graça, de poesia, e de pintura agradável, e velupiosa, e em nenhum dos nossos Poetas antigos se encontra outra, que lhe seja superior. Até os versos sam de uma perfeição, e harmonia como raras vezes se encontram em Ferreira. Alguns delles se destacam do todo, e vem ferir agradavelmente o ouvido, e estampar-se na imaginação.

Vença o Prazer á Dor, o Riso ao Pranto

.....
Eis mais alva a Manhã, mais claro, e puro
Do Sol o Raio.

.....
Mar brando, sereno ar, campo cheiroso.

.....
Assi Senhora de mil almas anda.

.....
Aos olhos vem atado o Pensamento.

.....
 Em riso, e festa corre a lêda gente

Manda Venus ao Sol manhã, e tarde
 Que seos crespos cabellos loure, e estenda.

Iguaes bellezas encontraremos na imitação do *Amor fugido* de Moscho, e na do *Amor perdido* de Anacreonte; em geral Ferreira é mais Poeta nas Elegias Eroticas, que nas Elegias funebres, posto que nestas tambem se deparam alguns trechos de bastante merecimento.

Não frias sombras, não os brandos leitos
 Altos Espritos provam, que occiosos
 Se gastam, como em cinza estam desfeitos.

Milhor comprados foram, mais custosos
 Aquelles altos nomes, que inda soam,
 Dos que Virtude, e Esforço fez famosos.

Inda entre nós de boca em boca vóam
 De tanto tempo já os Espritos puros:
 Inda de verdes folhas se coroam.

Por duras armas, por trabalhos duros
 Varios costumes, varias gentes vendo,
 Tornaram inda a erguer famosos muros.

Hora a furia do bravo mar rompendo
 Ora os lassava a Sorte á praia imiga
 Quanto mores perigos, mais vencendo.

Eleg. a Luiz Fernandes.

Aquella Real Planta, que crescer
 Com tanta formosura começava
 Prometendo da Terra ao Ceo se erguer.

Aquella Flor formosa, que alegrava
 Tantos olhos e almas que tua mão
 Com tanta deligencia nos criava,

Colheram-te ante tempo, e já no chão
 Cortada, e secca jaz! vais-la seguindo
 Com a alma, e co' desejo triste em vão!

Vejo-te hir em suspiros consumindo
 Aos Ceos queixoso por que te apagaram
 A clara luz, que se hia descobrindo.

.....

As Musas de Acipreste se coroam,
 E toda Arvore triste; deixam Louro,
 E ao som desse teo pranto o seo entoam.
 Suas capellas, seo cabello de ouro
 Arrancam, e desfazem, tu as guias,
 Dizendo, perdeu o Mundo o seo thesouro.
 Ah! que tu mais que todos conhecias
 Aquelle gran João por ti creado,
 Novo lume, nova alma nelle vião.

Eleg. á morte do Principe D. João.

Como será meo coração tão duro,
 Que te não ame, que te não suspire
 Pois sem ti acho todo este ar escuro?
 Que cousa pode vir que mude, ou tire
 A lembrança de ti, meo doce amigo,
 Que, cousa a que já lêdo os olhos vire?
 Chorarei eu, e chorarão comigo
 Musas, Graças, Brandura, e Cortezia,
 E tudo mais, que se nos foi contigo?

.....
 Já crescias nova hera, já crescias
 Novo Loureiro para dar coroas
 A quem tão justamente te devias,

Quantos valles pisamos, quantos montes,
 Meo Bitancourt, colhendo hervas, e flores!
 Quantos rios bebemos, quantas fontes!

Ora cantando a vida dos Pastores,
 Que tu amavas tanto; ora escrevendo
 Nos tenros troncos nossos bons amores.

Outrora hum ouvindo, outro dizendo
 Aquelles são conselhos, bons segredos,
 Que huma alma, e outra alma estava vendo.

Ouvidos só dos Ceos, e dos penedos
 Das mansas Aves, e das agoas claras
 Que nos ambos banhavam, estando quedos.

Quantas verdades, e surpresas raras
 Guardareis sempre em vós bosques sombrios,
 Ditoso tempo, si me mais durara.

Eleg. á morte de João de Betancourt.

O Doutor Antonio Ferreira deixou doze Eclogas, que Manoel de Faria e Sousa, na Introducção ás de Camões, avaliou pela maneira seguinte; « *las escribió con perdurable dureza, y poca dicha en pensamientos, y afectos, aunque se muestre visto en los Poetas antiguos para que se acabe de entender que estudio sin espirito, y espirito sin estudio no pueden obrar cosa de provecho.* »

Quando chegarmos a examinar as Eclogas de Manoel de Faria e Sousa, veremos se elle era Juiz competente na materia para pronunciar uma sentença tão aspera. Por ora direi sómente, que Antonio Diniz da Cruz e Silva, Poeta mui superior a Faria e Sousa, na sua Desertação sobre o estylo das Eclogas, conta a Ferreira entre os nossos melhores Bolicos.

Se Faria e Sousa se limitasse, a dizer que as Eclogas de Luiz de Camões eram mais ricas de imaginação, e de Poesia, que as de Ferreira, e que este lhe era inferior na harmonia da versificação, ter-se-hia mostrado Critico judicioso, e avaliador desapaixonado, mas deprimir injustamente Ferreira para exaltar Camões, é offender a reputação de um, sem accrescentar a gloria do outro.

Não dou a minha opinião como regra, mas não cessarei de dizer, que as Eclogas de Ferreira sam, depois das de Camões, as melhores, que se escreveram naquelle seculo. Encontro nellas o estylo simples, e elegante de Theocrito, facilidade de expressão, colorido campestre, e forma dramatica, pois cada uma dellas tem sua exposição; seu nexo, e desenvolvimento. Não vejo nellas, como nas de Sá de Miranda, Pastores, que descretêam como Letrados, e que se explicam em termos tão polidos como estes.

Grandes cousas capa em cabo
 Conta, se ellas assi são,
 Que me dão volta ao miolo,
 Devo-me de ter por tolo,
 E eu a elle porque não?

Ferreira tinha demasiado gosto, para abandonar o trilhinho dos seus Gregos, e Latinos, para abraçar o estylo rustico, ou para transformar os Pastores em Philosophos, e em Estadistas.

Outro mérito das suas Eclogas é serem todas de uma extensão razoavel, e não cançarem a paciencia do Leitor.

Alguns trechos mostrarão melhor si nas Eclogas de Ferreira ha essa dureza, e infelicidade de pensamentos, que Manoel de Faria lhe attribue. Eis aqui o principio da Ecloga III.

Huma fresca manhã, fria, orvalhosa
 Ao longo do Mondego, que corria
 Com a agoa clara, mansa, e graciosa.
 Quando já o claro raio reluzia
 Do louro Phebo n'agoa, e começava
 O orvalho derreter, dourar o dia.
 O pé de hum gran Ceiceiro rodeava
 O gado de Castalio, e de Serrano,
 Que ambos hum bom amor sempre juntava.
 Mas outro amor cruel, amor tyrano
 Os trazia ambos taes, que pareciam
 Dois Espritos perdidos traz seu dano.
 Ambos mancebos, ambos se perdiam,
 Hum por huns olhos verdes, outro brancos,
 Ambos cantavam sempre, ambos tangiam.

Vêja-se como sam bellos estes versos da Ecloga IV.

Oh Lilia, Nympha branca, Nympha loura,
 O dia nos teus olhos amanhece,
 Nos teus cabellos, Nympha, o Sol se doura!
 Com tua vista hum novo Abril floresce,
 Em toda a parte: á tua luz se abranda
 O Amor na mór ira, e se adormece!
 Lilia, formosa em tudo, em tudo branda,
 A mim só dura, em que errei? em amar-te?
 Amor te me mostrou, e amor me manda.
 Meu descanso só he Nympha cantar-te,
 Ao sol, á sombra, em campo, em bosque, em rio
 E meu premio, ah cruel! em vão chamar-te.
 Ora co' rosto descorado, e frio
 No ardor do Sol, ora no Inverno ardendo
 Ou todo chama e fogo, ou neve, e frio.
 Oh cruel Lilia, e não te hirá movendo
 Já que meo amor não, piedade hum tanto

O fogo, que em meos olhos estás vendo ?

.....
 Não despreses meos versos, que inda espero
 Com teu nome aos Pastores ensinado,
 Dos bosques amansar-se o Amor fero.

Tambem eu canto, tambem sou chamado
 Dos Pastores Poeta, e eu não os créo
 Em quanto de ti sou tão despresado.

Pois tão rustico sou, Lilia, ou tão féo ?
 Pouco ha que me vi n'agoa ; a côr mortal
 Desque te vi, e te chamo, em vão me véo.

Quanto melhor me fôra, pois não val
 Contigo Amor, não deixar nunca a triste
 Phylis, inda que a ti em nada igual.

Choraste, Phylis, ah ! quando me viste
 Partir de ti, e d'alma saudosa
 Suspirando, c'os olhos me seguiste.

Alva Philis tambem, não tão formosa,
 Oh Lilia, nem tão loura, porem hera
 Inda que de amor livre, piedosa,

.....
 Olha, Nympha formosa, que pintura
 De campos, e de Ceos, manhães, e tardes,
 Vem tu acrescentar sua formosura.

Sólta ao vento os cabellos, não os guardes
 Em vão ; estende os olhos pelos prados,
 Vem, Nympha, foga o dia, vem, não tardes.

Aqui ao tirar, e recolher dos Gados
 Sóam rusticas flautas namoradas,
 Dos rusticos Pastores namorados.

Aqui seguindo eu, Lilia, tuas pizadas
 Vivendo dos teus olhos te traria
 As maçãs brancas, e Uvas orvalhadas.

Das Nymphas, huma te ofereceria
 Os cestinhos de Lyrios escolhidos,
 E lêda com tos dar se tornaria.

Outra os louros cabellos esparzidos
 Te cingiria d'Hera, ou verde louro
 Com versos bem cantados, bem tangidos.

Não será este o puro estylo da Ecloga ? Não resumbra

nestes versos a imitação de Virgilio, e sua expressão affectuosa? Acha o Leitor nestes versos a dureza, de que Faria e Sousa os acoima? Haverá em Bernardes muitos trechos tão bem escriptos?

O mesmo saber Virgiliano me parece vêr no seguinte trecho da Ecloga IX.

Perdeste, Apollo, já tua formosura
Do teu Poeta sempre tão cantada
Perdeste, Amor, teu fogo, e tua brandura.

Oh doce, e grave Lyra temperada
Daquella mão, que assi te fez famosa,
Não consintas o ser d'outrem tocada.

A nossa idade, que tu tão ditosa
Fizeste, te honre sempre, e louve, e ame,
Pois por ti será sempre gloriosa.

E quem ha já, que co' som brando chame
As bellas Nymphas a logar sombrio
E pelo verde chão flores derrame?

Quem vestirá dos Olmos já o rio?
Quem cobrirá de sombra as claras fontes,
E os tenros Myrthos guardará do frio?

Aquelle som, que enchia d'herva os montes,
Que o Gado derramado a si juntava,
E que os rios detinha nas suas pontes?

Aquelle som, que tão doce soava,
Por toda a parte, ah! já morreo contigo,
Que fará quem ouvirte dezejava.

Ah meo bom Mestre! ah Pastor meo amigo,
Como minha alma, e olhos se estendiam
Por vêr-te, e o duro tempo foi-me imigo.

Mas inda que meos olhos te não viam
Cá te tinha minha alma, e teus bons cantos
Lá me levavam, e de ti todo enchiam.

Dai ao vosso Poeta tristes prantos
Têjo, Mondego, Douro, Lima, Odiana,
Oh Indo, oh Ganges, dai-lhe lá outros tantos.

Terminarei estas citações, com o Canto dos Segadores da Ecloga X., dedicada a D. Duarte; é tida, na opinião de alguns, pela melhor das doze de Ferreira. É escripta em oitavas, e começa assim

No Campo do Mondego ao meio dia,
Dois Segadores, Falcino, e Sylvano
Em quanto os outros jazem á sombra fria
No mais ardente Sol de todo o anno,
Elles só segam, e cantam á porfia,
De amor hum seos bens canta, outro seo dano.
Arde o Mundo, a Cygarra só responde
Amor ora apparece, ora se esconde.

Acabada a exposição, e a dedicatória, o Poeta nos faz ouvir ou dous Segadores, que cantam alternadamente um de Celia, outro de Lilia, pela maneira seguinte,

SYLVANO.

Quem te não ama, Amor, não te conhece,
Quem se queixa de ti, de todo he cégo;
Com amor se semêa, e madurece,
O branco Trigo, que eu cantando sego.
Com amor a agoa do Mondego crece,
Com amor cantam Nymphas no alto pégo,
Com amor cantarei os meos amores,
E vencerei cantando os Segadores.

FALCINO.

Quem a Amor chama amor o nome lhe erra,
E inda he mais cégo quem lhe cégo chama,
Frechas, e fogo que sam senão guerra?
D'onde, senão dos olhos, lansa a chama?
Não embebe tanta agoa a grossa terra,
Nem tanto a huma Espiga a fouce chama.
Que eu mais agoa dos olhos não derrame,
É que mais polo Amor em vão não chame.

SYLVANO.

Si tu, oh Celia, aqui chegasses ora,
Logo desses teus olbos esforçado
Mais feixes destes segarei n'uma hora,
Do que Falcino tem hoje segado.
Não venhas, Celia, ah! não saias fóra

Que arde o Sol muito, está o tempo abrazado,
E inda o Sol arderá mais em te vendo,
Que por te vêr se vai assi detendo.

FALCINO.

Se a minha Lilia aqui ora viesse,
Não arderia o Sol quanto agora arde,
Que eu sei que antes os Raios encolhesse,
Mudando a Sésta n'uma fresca tarde.
E que, ante ella, a sua luz escurecesse;
Roga, Sylvano, ao Sol que hum pouco aguarde,
Verás, si Lilia vem, a diferença,
Verás, quem nos no amar, e em segar vence.

SYLVANO.

Puz-me a olhar a manhã como sahia
Alva, e rosada, e tão resplandecente,
Eis que por outra parte apparecia
Celia, abrindo ao Mundo outro Oriente;
Em quanto hũa formosura, e outra via
Conheci a diferença claramente.
Perdoai (disse) Estrellas radiosas,
Inda as cousas mortaes sam mais formosas.

FALCINO.

Fugio-me a alma, já o sei, para a formosa
Lilia, ali acolheita tem segura,
Que fizera si branda, e si amorosa
Lilia lhe fôra, assi como lhe he dura
Ou si o não avisára que enganosa
Hera de Lilia aquella formosura,
Hi-la-hei buscar, e hey medo que fiquemos
Lá ambos; dize, Amor, que aqui faremos?

SYLVANO.

Quem seu trigo semêa em terra boa
Recolhe sempre o desejado fructo,
Quando Abril suas agoas brando eoa,

E quando Maio vem ventoso, e enxuto,
 Não venha o mau soão, que a espiga móa,
 Nem muito frio o Sol, nem quente muto,
 Assim a Amor tambem seus tempos vem,
 E quem seus tempos lhe erra não o tem.

FALCINO.

Eu semeiei, Sylvano, em hora escura
 Em parte, onde não choye nem orvalha,
 Enganou-me da Terra a formosura,
 Nem semente colhi, nem grão, nem palha.
 A Aristo nasce o trigo em pedra dura,
 Que parece que ao Vento o lansa, e espalha.
 Assim co' Amor mais a ventura val
 O mal paga co' bem, o bem co' mal.

SYLVANO.

Lilia falla, e Amor está fallando,
 Lilia ri, Amor tambem está riando,
 Lilia chora, Amor está chorando,
 Lilia abre os olhos, sta-os Amor abrindo,
 Lilia canta, Amor está cantando,
 Lilia vai-se, e Amor tambem vai-se hindo.
 Nisto só desconformam; Lilia he dura,
 E dizem, que o Amor todo he brandura.

FALCINO.

Nos cabellos de Celia Amor se tece,
 Nos seus olhos Amor seo fogo accende,
 Amor na boca, e testa resplandece,
 N'alva, e rosada face Amor se entende.
 Amor nos brancos peitos lhe adormece,
 Em tudo nella Amor se vê, e entende.
 Mil amores com sigo Celia traz,
 Quem Celia ouvindo, ou vendo, terá paz?

SYLVANO.

A Ceres he devida a Sementeira,

As rosas ao Verão, a Flora as flores,
 A Bacho a vide, a Palas a Oliveira,
 A Abril o verde prado, a Maio as côres,
 A Lilia a formosura verdadeira,
 A Lilia as graças, a Lilia os amores.
 Os suspiros e as lagrimas em sorte,
 A Amor cabem, e a mim por Lilia a morte.

FALCINO.

O Sol o Inverno, o Sol o Verão traz,
 O mesmo Sol a noite, o Sol o dia,
 Assi Amor faz guerra, Amor faz paz,
 O mesmo Amor tristeza, e prazer cria.
 O Sol a calma, o Sol a chuva faz,
 O mesmo Sol a Terra aqueça, e esfria,
 Assi agoa co' fogo ajunta Amor,
 E lagrimas mistura, riso e dor.

SYLVANO.

Se lagrimas não foram tudo ardêra,
 E si não fôra o fogo, todo em agoa
 Por ti, oh Lilia, já me desfizera,
 Assi por ti sou Lilia viva fragoa,
 Si Amor a hum contrario outro não dera,
 Quem tanto ardor sofrêra, quem tanta agoa?
 Assi co' agua, e co' fogo sou mais forte,
 Assi passo por ti, dobrada morte.

Os trocadilhos, e pensamentos alambicados contheudos n'esta Estança parecem mais proprios de Manoel de Vasconcellos, ou de Fonseca Soares, que do espirito solido, e judicioso do Doutor Antonio Ferreira.

FALCINO.

Tu passas, oh cigarra, a sesta ardente
 Cantando á sombra destes verdes ramos,
 A noite fria dormes docemente,
 Não te queixas d'Amor, nem seo bem amas.
 Vives cantando, e como quem não sente.

Cantando morres, e tua morte chamas.
 Oh ditosa Cigarra, se tu amasses,
 Eu sei que não dormisses, nem cantasses.

SYLVANO.

Quando mostrar-te quero o pensamento,
 Lilia, que n'alma escondo, e o que queria,
 As palavras se vam da boca ao vento,
 E de hum mortal suor a alma se esfria.
 Arço por ti, e em vão mostra-lo tento,
 Mas bem to mostra a minha cobardia,
 Si me callo os meos fogos sam mais fortes
 E assim morro por ti, Lilia, duas mortes.

FALCINO.

Pastores buscaes fogo? vinde aqui.
 Que mais fogo quereis que o que estaes vendo?
 Fogo sou, des que a branda Celia vi,
 E tudo quanto toco em fogo accendo.
 Accendei vossas iscas, e fugi,
 Não vos chegueis a mim, que estou ardendo.
 Arderá si o tocar o bosque logo,
 Fugi, que quanto vêjo he calma, e fogo.

SYLVANO.

Falcino, a voz, e a fouce te emfraquece,
 A ordem de segar levas errada,
 A espiga, que entre os pés se te oferece,
 Deixas, e segas a que está arredada,
 A mão te treme, o rosto amarelece,
 Hum rego mal segaste, do outro nada,
 Falcino, vai-te á sombra, vai-te ao rio,
 Que eu segarei cantando ao Sol, e ao Frio.

FALCINO.

Bem podes tu vencer ná fouce, e braço,
 Mas serás no Amor de mim vencido,
 Esses erros, Sylvano, eu não os faço,

Que não trago na fouce o meu sentido.
 Mas tu, a quem amor dá tanto espaço
 Não tens jornal tão grande merecido,
 Si eu hoje Lilia vira, eu só segara,
 Sem descansar, outra maior Seara.

O delirio amoroso de Falcino, que se persuade que está transformado em fogo, e que pôde inflamar um bosque tocando-lhe, foi imitado por Diogo Bernardes na sua Ecloga III. pela maneira seguinte.

A viva chama, aquelle intenso ardor,
 Que brando sinto já pelo costume,
 De noite dá de si tal resplendor,
 Que mil Pastores vem a buscar lume :
 Pasmados ficam vendo em mim d'amor
 O fogo, que por dentro me consume,
 E tu por quem eu arço noite, e dia,
 Quando tal ardor vês, ficas mais fria.

A copia do Discipulo me parece muito inferior ao original do Mestre; nelle Falcino no seu arrebatamento, e delirio julga que todo elle é fogo, que pôde abraçar tudo, mesmo uma floresta inteira, pede aos Pastores, que fujam delle para se não queimarem, isto é mais forte, é mais poetico, do que dizer, como o Pastor de Bernardes, que de noite o fogo, *que já sente brando pelo costume*, lança tal luz que os Pastores vem buscar lume a elle; e depois compassar friamente uma antithese neste verso

Quando vês tal ardor, ficas mais fria.

Seria facil apontar muitos outros trechos das Eclogas de Ferreira escriptos com a mesma pureza, e elegancia de linguagem, sem jámais transpôr as raias do estylo Pastoral, e sem que os interlocutores digam cousa que esteja fóra do alcance da sua condicção. Mas outros objetos nos chamam, e temos ainda que dar conta do segundo volume.

O Epithalamio no casamento da Infante D. Maria com o Principe de Parma Alexandre Farnese, filho de Octavio

Farnese, e Margarida d'Anstria, filha natural do Imperador Carlos V., é, como todos os Poemas deste genero, um tecido de Louvores hyperbolicos, de vaticinios de prole, e de futuras prosperidades, que custam a lér, porque não tem interesse senão para aquelles, a quem sam dirigidos. O que ha louvavel nesta composição, reduz-se á pureza da lingua, e algumas pinturas mythologicas, tal a seguinte, das occupações dos Amores.

Estava Amor seo arco guarnecendo,
Em novo fogo as settas temperando
Cercade dos Amores; hums tecendo
A chorda, outros a aljaba cruel dourando.
Pelos floridos prados vam colhendo
Outros mil flores, só d'amor cantando,
Mil flores, que todo anno ali florecem,
Das quaes ao Filho, e á May cappellas tecem.

Nunca vistas no Mundo nem cheiradas
As Flores sam, que Amor pera si cria:
D'humas o licor faz, em que apuradas
As settas ficam, quando as elle afia.
D'humas o licor frio, em que banhadas
As outras sam quando as do fogo esfria,
Em todas cruel, em todas espantoso,
Inda mais nas segundas temeroso.

Ardem duas forjas, duas bigornas batem,
Não os feios Ministros de Vulcano,
Hums formosos Amores, que debatem
Sobre quem fará mais ao Mundo dano.
Ali os tiros, com que se combatem
Os duros peitos, ali a arte e engano,
Ali os desejos, e temores suam,
Hums corações-abrandam, outros emcruam.

Tempera huma agoa o chumbo, e outra o ouro,
Escolhe Amor dos tiros quaes lhe aprazem,
Aqui está o seo poder, e o seo thesouro,
Aqui os vencidos seus despojos trazem.
Hums coroados vem de Myrtho, e Louro,

Outros miscramento mortos jazem,
 Segundo a cada hum lhes coube em sorte,
 Assi ou vive em gloria, ou vive em morte.

Tal é a pintura da Infanta, que Venus faz sentar no seu Carro porque tirava nadando os Cisnes, e o cantico alternado das Nereidas, e dos Tritões, que o acompanham. Este cantico é imitado de Catulo, e cheio daquella poesia volupiosa, que tanto distingue o Cantor de Lesbia.

NEREIDAS.

Amor, que cousa ha hi tão fera, ou crua,
 Que a Filha á May arranque do seo seio,
 E faça, que jámais não seja sua,
 E assi a entreguem ao poder alheio?
 Como hes Amor, si esta crueza he tua?
 Que mais faz o Inimigo de ira cheio,
 Na entrada Cidade, ao sacco dada?
 Boa Estrella te leve, hora dourada.

TRITÕES.

Amor, e que cousa ha mais piedosa?
 Que o puro amor com outro puro pagas,
 E o doce fogo de chama amorosa
 Com outro fogo, e dote chama apagas.
 E que força he que a Esposa verganhosa
 A' May a tomes, e ao Esposo a tragas?
 Que mór bem ha que huma hora desejada?
 Boa Estrella te leve, hora dourada!

NEREIDAS.

Como o Lyrio formoso no cercado
 Horto, co' brando Sol, co' orvalho cresce,
 Nunca o Gado o tocou, Pastor, arado,
 Sombra, ou geada, ou vento não lhe inpece.
 Das Moças he, e dos Moços desejado,
 Mas si a mão toca, secca, ou emmurehece,
 Tal he a Dama antes de ser cazada.
 Boa Estrella te leve, hora dourada.

TRITÕES.

Como a Vide, que só nasce em deserto,
 Nunca já se ergue, nunca fructo cria,
 Cortada cae do frio, e Ceo aberto,
 Nem Lavrador a lavra, nem quera,
 Mas se fôr junta ao Olmo, que está perto
 Já o Lavrador a quer, já a lavraria.
 Tal he a Dama depois de que he cazada.
 Boa Estrella te leve, hora dourada.

NEREIDAS.

Leve o Esposo a Esposa prometida
 Quem lha pôde negar? quem tal consente?
 Quem pode a prometeo, he-lhe devida,
 A Filha a Amor, e a May obediente,
 Ajuntem-se duas almas n'huma vida,
 Este o principio foi da humana gente,
 A cada hum sua Estrella está guardada,
 Boa Estrella te leve, hora dourada.

TRITÕES.

Vivei, Principes altos, cedo vejam
 Os Olhos, que vos amam, o que esperam,
 Dai Principes ao Mundo, que o bem rejam,
 Quaes já vossos Avós, e Pays lhe deram.
 Outros Mannøeis, e outros Carlos sejam,
 Honra do Mundo, quaes aquelles heram.
 Seja de vós sua alta Estrella herdada,
 Boa Estrella vos leve, hora dourada.

OS DOUS CHOROS.

Lá te levam, Senhora, forças grandes,
 Nam valem contra amor nenhuns reparos,
 Mas môres foram as forças, que as de Flandres,
 Accenderam em ti fogos tão raros.
 Sempre de ti alegres novas mandes,
 Sempre conformes sede, Espritos raros,
 Almas ditosas, almas bem trocadas,
 Em versos immortaes sejaes cantadas.

O Poema de Santa Comba, ou Colomba, com que termina o primeiro Volume, é mais uma prova da pouca habilidade, que os Portuguezes, e Hespanhoes mostram para a composição de Poemas sagrados. Pelo menos não conheço um só que possa dizer-se bom: Nem a Santa Ursula de Bernardes, ou talvez de Camões, nem a Quiteria Santa de José dos Couto Pestana mostram grande merecimento poetico; o mesmo digo da *Innocencia perdida* de Feliz José Reinoso; e sem embargo de D. João Melendes Valdes ser um dos melhores Lyricos modernos da Hespanha, o seu Poema da *Queda de Luzbel* não deixa por isso de ser uma composição insipida, e indigna de tão grande engenho.

A legenda de Santa Comba reduz-se ao seguinte. No tempo, em que a Peninsula estava dominada pelos Sarracenos, havia nos campos que se prolongam proximo ao rio Tamega, uma Pastora mais formosa que *Diana, Venus, e Minerva* para me servir da expressão pouco conveniente do Poeta. Esta Pastora, mui virtuosa, mui devota, e sobretudo muito amante da castidade, chamava-se *Colomba*, e passava a sua vida pastoreando o seu rebanho, e entoando cantigas devotas. Tendo empregado em Deos todo o seu amor, desprezava os affectos, e rendimentos dos Zagaes da terra, posto que por isso não deixasse de assistir ás suas innocentes Festas.

Só uma cousa a trazia atemorizada, e esta era nada menos que a paixão, que por ella havia concebido certo Rei Mouro muito rico, que reinava naquella terra. Os leitores sabem mui bem que naquella tempo, a cada canto da Peninsula Iberica havia um Rei Mouro, visto que assim o affirmam todos os Historiadores Castelhanos, e Portuguezes, que sabiam disso mais que os Arabes, que afóra dous ou trez, que houve nos ultimos tempos, não reconhecem senão um Emir, ou Califa, que vivia em Cordova, e d'ali governava toda a Africa, e toda a Hespanha. Mas quem dá credito ao que dizem barbaros? Houve o Rei Mouro na terra de Colomba, e encontrando-a um dia andando á caça, deu a correr atraz della como Apollo atraz de Daphê.

A Pastora fugia ligeira como o vento, mas foi dar a um sitio onde um rochedo lhe fechava o caminho: o lau-

ce era apertado, e a sua virgindade estava em grande perigo, se não implorasse o soccorro do Ceo; e como este nunca falta aos que sam seus, abriu-se o rochedo, e fechou dentro a Pastora. Era tempo, porque já chegava o Mouro, esporeando o seu cavallo, que já se vê que correndo a toda a brida, corria menos do que Comba. Não sabemos com que fim deu elle uma lançada na rocha, de que logo rebentou uma fonte de agua milagrosa, e ao pé della ainda está impressa a ferradura do cavallo.

Esta legenda podia dar um lindo Poema, se fosse tractado por um Poeta Alemão. Elle faria do Mouro um gentil mancebo, animado de todo o fogo, e impetuosidade de um amor Africano, e pintaria na Pastora os combates, entre o amor que a inclinava ao Rei, e a virtude, que a obrigava a fugir delle, ajudada dos soccorros sobrenaturaes. Porém não estava no character de Ferreira, nem no estado em que então se achava a arte, o encarar o assumpto debaixo deste ponto de vista.

Ferreira contentou-se de fazer deste factó uma fria relação em oitavas, que só interessa pela elegancia da finguagem, e o que é peor fez do pobre Rei Mouro esta pintura brulescamente monstruosa.

Foi o cruel Pagão, e monstruoso
 Segundo aquellas gentes fama dão,
 Grande, membrudo, e como *Urso veloso*,
E huma orelha d'Asno, outra de Cão,
 A todos feio, a todos espantoso,
 Chamado hera de todos *Orelhão*,
 Pode com tudo Amor por sua brandura
 Naquelle Fera mostruosa, e dura.

Parecerá na verdade impossivel, que um Poeta, que de certo não tinha *Orelha d'Asno*, um escriptor tão judicioso, e de gosto tão fino como Ferreira, escrevesse semelhante despropósito, e que emendando tanto as suas obras, o deixasse subsistir na revisão. Devemos porém lembrar-nos, que Antonio Ferreira era devoto, supersticioso, é credulo, como quasi toda a gente do seu tempo, e que accreditava nesta lenda fradesca como na Biblia, e no

Evangelho. Teria por uma especie de sacrilegio o alterar alguma cousa della, e como lá achou a *Orelha d'Asno*, e a *Orelha de Cão*, conservou-a religiosamente.

Que Ferreira acreditava esta legenda, e que por devoção a pôs em verso, é cousa que não admite duvida, por que elle proprio o diz,

Senhores, canto o que meos olhos viram.
Vi os signaes da pedra milagrosa,
Bebi a agoa santa; e outros que o sentiram
Agoa santa lhe chamam, e preciosa.
Isto os vivos aos Pays, e Avós ouviram,
Historia divina he, não fabulosa,
Os templos, o os altares dam boa prova,
E com milagres mil o Ceo o approva.

E sendo *uma historia divina*, como havia Ferreira atrever-se a altera-la? Como havia deixar de pintar o Mouro como um Orang-Otang, e peor ainda do que isso, pois ao menos o Orang-Otang inda que seja coberto de pello, não se apresenta

Com huma Orelha d'Asno, e outra de Cão!

Debalde a boa razão lhe prégaria, que a natureza não creou nunca um homem de figura semelhante; debalde a poetica lhe advertiria que tal circumstancia deminúia muito o merito de sua Heroína, visto que não precisava de grande amor á castidade para horrorisar-se, e fugir de semelhante monstro; qual seria a Lays, ou a Messilina, que deixasse chegar a si um Adonis cabelludo como um Urso, e de mais a mais

Com huma Orelha d'Asno outra de Cão?

Para Ferreira bastava, que a legenda o dissesse, para elle não admittir reflexões; e talvez por elle o encontrar na legenda, é que esquecido de sua habitual elegancia, descrevendo a morte dada pelo Orelhão a Leonardo, irmão da Santa, a terminou com este verso ridiculo

O santo moço
Estripado lansou ali n'hum poço!

Basta ; lancemos um véo sobre estas miserias de um homem, que tanto hourou a nossa Literatura, e passemos a mencionar outras obras, que dão credito ao seu talento.

CAPITULO IV.

Epistolas, e Obras Dramaticas de Ferreira.

É opinião geralmente recebida entre os Criticos, tanto naturaes, como estrangeirós, que as suas Epistolas tem o primeiro logar entre as poesias do Doutor Antonio Ferreira, e esta opinião me parece assentar em solidos fundamentos, o espirito de Ferreira prepenidia muito para o estylo didatico, e as materias que tracta nas suas Epistolas mostram bem que foram escriptas na idade madura. O Poeta vivia então na Córte, e é muito probavel, que as intrigas dos Cortesãos, e o seu modo de viver estivessem em contradicção com as suas maximas de Philosophia moral, e a elevação do seu character. Nesta disposição de espirito, não admira, que encontremos nas suas Epistolas muitos trechos, que indirectamente condemnam, e censuram os costumes, e o proceder das pessoas, que o rodeavam, e com quem era obrigado a viver.

Grande parte dellas é enderessada aos Poetas, que se davam por seus discipulos, e que com elle trabalhavam na grande obra de reformar a Poesia Portugueza segundo os principios dos Classicos antigos adoptados pelos Italianos, como Miranda, Bernardes, Caminha, Antonio de Castilho, Francisco de Sá de Menezes, e outros.

Em nenhum genero de poesia me parece que Ferreira se aproximou tanto ao estylo de Horacio, cujo discipulo se presava de ser; é porém menos conciso que o seu modelo, e fica mui longe daquella chistosa, e viva alacridade, que o caracterizam; nem o espirito. Escolastico-

Theologico da Philosophia de Ferreira podia habilita-lo para tanto.

Juizo recto, e gravidade sem pedantaria formam o caracter da Poesia Didatica de Ferreira, o seu modo de encerrar as loucuras, os erros, e as desgraças da humanidade, participa mais da austeridade religiosa, que da impassibilidade estoica, ou da indifferença epicuristica: mas apesar de tudo isso, parece-me que Ferreira em qualidade de Poeta Epistolar, tem melhores fóros ao titulo de Horacio Lusitano, do que os dous Argensolos para serem denominados Horacios Castelhanos, como todo o mundo lhe chama.

Nas Epistolas de Ferreira reina o mais vivo enthusiasmo patriotico pelo bem estar da Nação, pelo seu bom regimento, pela sua gloria militar, pela reforma dos costumes, e pelo cultivo das artes, da civilisação, e de todo o bom saber. Tão mau Cortesão como bom patriota, não receia cahir no desagrado dos Reis lembrando-lhe os seus deveres, e advertindo-os de que ser amado dos povos, trabalhando em seu beneficio, e regendo-os com brandura, e rectidão, vale mais do que as victorias, e as conquistas. Elle diz a D. João III.

Amemos-te nós sempre, e te chamemos
 Clemente, bom, Christão, Pay do teu Reyno.
 Filhos teus nos chamemos. Como Pay
 Nos ama, nos castiga, e nos perdoa.
 Pendamos de teus olhos, mostra-os sempre
 Seguramente rindo. Essa tua graça
 Mais força tem que ferro, ou fogo d'outro.
 Nossas almas nós levas apoz ti,
 Onde quer que te viras, Tu só Rey
 Hes verdadeiro nosso. Em seo lugar
 Deos na Terra te poz, da sua mão.
 Amor faz os bons Reys, não medo; amor
 Estados dá, e conserva, o que he temido
 De muitos, muitos teme. Nós te Amamos.
 O nome, e a honra que aos bons Reys passados,
 Com amor demos, vivo já te damos.

Com maior affouteza ainda escrevia a El-Rei D. Sebastião.

Deu o remedio Deos ; eis hum erguido
 Por elle em poder alto, de que o Povo
 Seja ou por bem levado, ou constringido.

Não he nome de Rey titulo novo :
 Com elle começou o Mundo, e dura,
 Por fabulas antigas não me movo.

Depois que daquella alta formosura
 Cahio o primeiro Homem, triste sorte
 O envolveu nesta sombra grossa, escura.

Fugio a luz, entrou armada a morte:
 Cumprio nova vegia, guarda, e ley,
 Que ao cégo mostre a luz, e abrigue o forte.

Elegeu Deos Pastor á sua Grey,
 Vio tambem a Rasão necessidade,
 Eis aqui eleito hum Rey, eis outro Rey.

Comforme, e junto o Povo n'ũa vontade
 N'um só, por bem commum, poz seus poderes
 Prometendo obediencia, e lealdade.

Obrigaram suas vidas, seus haveres
 Prometeu o bom Rey justiça, e paz,
 E remedio, e soccorro a seus mesteres.

Dali sugeito ao Rey o Povo jaz,
 Dali sugeito o Rey á boa razão
 Da mesma ley, qu' em si esta força traz.

A quem todos seos bens, e vidas dão
 Pelos livrar da injuria, e da violencia,
 Se lhas elle fizer a quem se hirão ?

Seja Juiz a justa consciencia,
 E aquelle santo, e natural preceito
 Deve á ley, o que a fez, obedecendo.

Quem o caminho hade mostrar direito ?
 Si torce delle, e segue a falsa estrada,
 Como terá seu Povo á ley sugeito ?

Pôz Deos na mão do Rey a vara alçada
 Para guia do Povo errado, e cégo,
 Mas não foi só á sua vontade dada.

Como destro Piloto no alto pégo
 C'ò leme guia a Nau, ora a huma parte,
 Ora a outra, e a desvia do vau cégo,

Ali não valem forças, val só arte;
 Arte vence do mar a ira espantosa,

Arte vence, e encadêa o bravo Marte,
 Hydra de mil cabeças, enganosa,
 Pégo de tantos Ventos revolvido,
 Não se vence, Senhor, com mão forçosa.

Em duas iguaes partes repartido
 Te deu Deos seo poder; em premio, e pena
 Dê-se a cada hum o que lhe fôr devido.

Aquelle que suavemente ordena
 Todas as cousas, olha com amor,
 Paga o bom logo, e de vagar condena.

Não se acha ali respeito, não favor,
 Tanto val cada hum quanto merece,
 Iguaes ante elle sam Servo, e Senhor.

Olha-te hem, gran Rey, e a ti conheçê,
 Nascido só para reger a tantos,
 E dessa grande alteza ao teu fim desce.

Ver-te-has igual na humanidade a quantos
 Mandas; verás o fim tão duvidoso,
 Como quem tambem morre, e nasce em prantos.

Que presta ser na Terra poderoso?
 No alto fim do Ceo se poem em sorte
 Que athe ao filho de Deos foi tão custoso?

Corte o bom Rey primeiro por si, corte,
 Mais vence o exemplo bom, que o ferro, e fogo,
 Não póde errar quem contra si he forte.

Nem a própria afeição, nem brando rogo
 Tire a força á rasão, e á igualdade,
 Não se lhe faça sempre falso jogo.

Sómente em Deos razão he a vontade,
 Absoluto poder não o ha na Terra,
 Que antes será injustiça, e crueldade.

Que vontade mortal, Senhor, não erra
 Si a ley justa, e a Razão a não emfrea?
 De que nasce a injusta, e cruel guerra?

É assim, que um Magistrado Portuguez, do decimo quinto seculo, instrua o Rei nos seus deveres, e advoga-va, perante elle, a causa da humanidade, fazendo-lhes vêr que elles eram os que deviam dar o exemplo de obedecer ás leis, porque o seu exemplo é mais poderoso para corrigir os homens, do que todo o apparatus do podêr, e

as violencias? É assim que se honra a linguagem das Musas, e se desempenha a alta missão de Poeta.

Na verdade um Poeta que fallava assim aos Reis tinha direito para dizer, escrevendo ao Cardeal Infante então Regente do Reino,

Para o publico bem tambem estudam,
E cantam os bons Poetas, deleitando.
Ensinam; máos affeitos em bons mudam.
E ás vezes aos Reys vam declarando
Mil segredos, que então só vem, e sabem,
Mil rostos falsos, linguas vãs mestrando.
Em poucas bocas as verdades cabem,
Terão ás vezes a culpa os ouvidos,
Os versos ousam, em toda a parte cabem.
Dos bons amados, e dos máos temidos,
Assi he a Justiça, assi a verdade
Assi sejam tambem favorecidos.
Usem da sua honesta liberdade
Rindo do Povo chamar só Letrados
Os que conselham roubo, e crueldade.

Em algumas das Cartas de Ferreira, aos seus amigos mais intimos, resumbrá claramente o pesadume que sentia vivendo entre as intrigas Palacianas, e o vivo desejo de viver só no retiro do campo em fortuna mediocre, e entregue aos livros, e ao cultivo da Poesia. Vêde como elle se expressa a esse respeito escrevendo a Diogo de Teive, seu Mestre, Collega, e Amigo na Universidade.

Quantas vezes saudoso cá te chamo!
Quantas vezes contigo me dezejo
Lá á doce sombra d'algum verde ramo!
Ora de cá teu sancto ocio lá vêjo,
Ora por só meu bem cá te queria,
Onde o meo amor te chama, e bem dezejo.
Mais val, amigo, lá hum quieto dia
Que mil annos, e mil cá inquietos,
D'onde eu, se tivesse azas, fugiria.
Não te sam meus intentos lá secretos,
Puz-te nas mãos minha alma; á minha vida
Sabes que dezejei portos quietos.

Si a vida temos pera ser vivida,
 Si chão si hade escolher pera morada,
 Onde melhor que em campo he escolhida?

Vida dos Sabios sempre desejada,
 Vida de paz, d'amor, e de brandura,
 Per meus versos serás sempre cantada.

Onde estará mais sãa, e mais segura
 A alma innocente? onde mais sem cuidado
 De medos, de perigos, de ventura?

Pera a saúde onde he mais temperado
 O frio Inverno? onde he do brando Norte -
 Ou o Cão, ou o Leão mais amansado?

Mais larga vida, menos triste morte,
 Somno suave, seguro, brando, -inteiro
 Sem sobresalto, que to quebre, ou corte?

O verdadeiro gosto, o verdadeiro
 Deleite, he ocio quieto entre hervas, e agoas
 Em Julho frias, quentes em Janeiro.

Não vez choros alheios, não vez mogoas,
 Ou tuas, ou dos teus; livre de invejas,
 Em que cá ardem como em vivas fragoas.

Si o que convem á vida só dezejas,
 Estimarás mais doce liberdade,
 Que quantas minas d'ouro a outros vejas.

Mais val a curta geira, a pobre herdade,
 Que; oh rica Arabia, oh India, o teu thesouro,
 Si á Justiça se rouba, si á Verdade.

Mais val no campo coroar o Touro,
 No fresco Maio, d'hervas de mil côres,
 Que altos leitões pintar d'azul, e de ouro.

Oh bem aventurados os Pastores
 Se seu bem conhecessem, dá-lhe a Terra
 A' vida mantimento, aos olhos flores.

Este ultimo toque é imitado de Vergilio na sua Geor-
 gica.

Oh fortunati nimium sua si bona noscent
 Agriculæ!

Os mesmos sentimentos, o mesmo desejo da solidão, e
 da vida do campo, independente, e livre, manifestou Fer-

reira na Epistola IX. do Livro II. endereçada ao Doutor Francisco de Sá de Miranda, que vivia então longe da Corte no socego da sua Quinta da Tapada, onde findou os seus dias, e aonde foi sepultado.

Quem dos Ceos hum socego bom alcança
Mais não dezeja : he livre, he Rey, he rico,
E tem da vida a hemaventurança.

Que aproveita o que ajunta, o que edifica,
Por água e fogo pondo a vida a preço
Si quanto ajunta mais, mais pobre fica ?

Porque a alma, tão custosa a Deos, offereço
Ao fragil ganho, si hum momento d'hora
Como huma sombra ao Sól desapareço ?

Quanto vivem melhor os que estam fóra !
Contentes do que sam, não mais dezejam,
Vivem dia por dia, hora por hora.

Sejam chamados ociosos, sejam,
Bom he o ocio, que do mal apparta,
Inda que outros mais bens nelle não vejam !

Este dezejo, que se nunca farta,
Ali mais obedece á Natureza,
Que quer que o bem por todos se reparta.

Mais magnifica ás vezes he a Pobreza
D'hum que os thesouros d'outro ; a alta tenção
Estima Deos ; as obras vãs despresa.

Tudo se torna em bem no que está são,
O doce, e proveitoso amarga ao Doente,
Erra com côr de bem o Povo vão.

Só andava Scipião fugindo á Gente,
Então mais occupado quando meos,
Fabricio pobre só, Fabio paciente.

O campo ensina ser justo aos pequenos,
Despresador dos máos, só no bem forte,
De si contente, e a si só somenos.

Não acha, quando vem armada a Morte
Mais que o seu vil despojo ; oh Serra ! oh Monte !
Ditoso aquelle a quem cahiste em sorte !

Lá me escondas, lá onde ninguem conte
Minhas ditosas horas, lá sem nome
No Mundo, coma o fructo, e beba a fonte.

Antes co' duro arado a Terra dome,
 E della as más espinhas arrancando,
 De meo trabalho santo exemplo tome!
 Alma de mãos dezejos appartando
 Nella, e na terra má raizes planto,
 Que vão formoso fructo alevantando.

Ferreira não podia procurar melhor confidente destes seus desejos, e desta Phylosophia do que Sá de Miranda; penetrado dos mesmos principios, igualmente desenganado dos enganos da vida cortezãa, elle tinha executado, o que Ferreira desejava; e no fundo de uma Provincia vivia em paz no seio da sua familia com os seus livros, e amigos de quem era amado, e admirado! Compadeçamo-nos pois de Ferreira, que via, e conhecia o caminho, e o modo de ser feliz nesta vida, e a quem a fortuna negou os meios de realisar os seus tão justos desejos.

Mas a idéa dominante de Ferreira, o objecto, que tinha mais a peito, parece ter sido o polir, e enriquecer a nossa bella lingua, e reformar a Poesia Portugueza, tornando-a classica, segundo as idéas dos antigos, a sua imitação, e a dos Toscanos; para esse fim empenhava a doutrina, e o exemplo: escrever em lingua estrangeira lhe parecia crime de deslealdade contra a Patria, e de menoscabo, e desamor da lingua materna.

Veja-se a indignação patriotica com que elle reprehende ao seu presado amigo Pero d'Andrade Caminha por haver composto alguns versos em idioma estranho, e então se conhecerá quanto era Portuguez o coração de Antonio Ferreira, e com quanta razão dissera

Eu desta gloria só fico contente,
 Que a minha Terra amei, e a minha gente!

E o mais é que parece que as suas razões callaram no animo de Caminha, pois sendo as suas obras bastante volumosas, sam todas ellas escriptas em Portuguez; parece que de corrido queimára todas as estrangeiradas; pôde pois dizer-se, que o nosso Poeta não pregara a surdos, quando escreveu a Caminha, na sua Epistola III. do Livro I.,

Quanto foi mais sentida, e mais chorada

A morte do alto Homero por seo canto,
Que a tua, Achyles, que elle fez honrada.

Pois com quanta rasão me eu mais espanto
Do que em ti vêjo, tanto vêr perdido
Sinto o que me assi move a magoa, e espanto.

Mostrastes-te athe qui tão esquecido,
Meu Andrade, da Terra em que nasceste,
Como si nella não fôras nascido.

Esses teus doces versos com que ergueste
Teu claro nome tanto, e que inda erguer
Mais se vira, a estranha gente os deste.

Porque o com que podias nobreecer
Tua Terra, e tua lingoa lho roubaste,
Por hires outra lingoa emriquecer?

Cuida melhor que quanto mais honraste
E em mais tiveste essa lingoa Estrangeira,
Tanto a esta tua, ingrato te mostraste.

Volve, pois, volve, Andrade, da carreira,
Que errada levas, com tua paz o digo,
Alcansarás tua gloria derradeira.

The quando contra nós, contra ti imigo,
Te mostrarás? obrigue-te a Rasão,
Que eu como posso a tua sombra sigo.

As mesmas Musas mal te julgarão,
Serás em odio a nós teus naturaes,
Pois, cruel, nos roubas, o que em ti nos dão.

Sejam a boa tenção obras iguaes,
E a boa tenção, e obra á Patria sirva,
Dêmos a quem nos deu, e devemos, mais.

Floresça, falle, cante, ouça-se, e viva
A Portugueza Lingoa, e já onde fôr
Senhora vá de si, soberba, e altiva.

Se athequi esteve baixa, e sem louvor,
Culpa he dos que mal a exercitaram,
Esquecimento nosso, e desamor.

Mas tu farás com que os que a mal julgaram,
E inda as estranhas Lingoas mais desejam,
Comfessem cedo ante ella quanto erraram.

E os que depois de nós vierem vejã
Quanto se trabalhou por seo proveito,
Porque elles pera os outros assim sejam.

O homem, que devia levar a Lingua, e a Poesia Portuguesa á sua perfeição, e mostrar aos Estrangeiros para quanto ella era; o Poeta que havia separar o dialecto poetico do prosaico, e chegar a versificação ao maior apuro, já existia; já se tinha dado a conhecer por composições brilhantes, cheias de inspiração, e de fogo; Camões em fim, o Virgilio Portuguez, era conhecido de Ferreira; e Ferreira que derramou prodigamente louvores não merecidos a Sá de Miranda, a Caminha, a Bernardes, e a outros muito somenos Poetas, nem uma palavra diz a respeito desse homem de genio, unico, que então florescia, e os seus amigos guardam o mesmo silencio. Este esquecimento é na verdade notavel, e prova que a mediania, si não ousa declarar-se contra o talento superior, vingase ao menos pelo silencio, com que affecta desconhecê-lo.

Na Epistola XII. do Livro I. respondendo Ferreira a outra, em que Diogo Bernardes lhe pedia o seu parecer sobre algumas obras, que lhe mandára para rever, aproveita o ensejo para lhe expender, e explicar os principios do bom gosto, que professava, e adverti-lo da necessidade de estudar para escrever bem, e adquirir aquella correção de linguagem, metro, e elegancia classica, em que Ferreira fazia consistir a boa Poesia. Esta Epistola é talvez o melhor trecho Didatico da nossa Poesia antiga.

Mas tractarei contigo amigamente
Do Conselho, que pedes; juizo, e lima
Acha em si todo o humilde, e deligente.
Quem tanto a si mesmo ama, tanto amima,
Que assi se favorece, e se perdoa,
Que espirito mostrará em prosa, ou rima?
Taes alguns a que a triste Hera corôa,
Roubada do vão Povo ao claro espirito,
Que esconder-se trabalha, e então mais soa.
Aquelle dá de si publico grito,
Este calla, e se encolhe; o Tempo emfim
Hum apaga; immortal faz d'outro o escripto.
A primeira ley minha he que de mim
Primeiro me guarde eu, e a mim não crea,
Nem os que levemente se me rim.

Rim em logar de *riem* não é a linguagem pura; e cor-

recta de Ferreira ; é um sacrificio feito á necessidade, e tyrannia da ryma , a. que póde applicar-se a sentença de Lope de Vega Carpio

Fuerza del consonante, a quanto obligas !
Haces que sean blancas las hormigas !

Conheço-me a mim mesmo ; sigo a vêa
Natural, não forçada : o juizo quero
De quem com juizo, e sem paixão me lêa.

Na boa imitação, e uso que o fero
Engenho abrandá, ao inculto da arte,
No conselho do amigo doute espero.

A imitação é a base da doutrina da Eschola de Ferreira, e de todos os Reformadores, e na verdade é o caminho, que mais convem aos que pertendem ser Poetas sómente com saber, e talento ; e é por meio da imitação que podem chegar a ser escriptores pollidos, e elegantes, e estimaveis, e já não é essa pequena gloria. Mas os Poetas de genio, e saem esses os verdadeiros Poetas, criam, e não imitam, abrem caminhos novos, e no meio dos seus desvios, e dos seus erros, que ninguem desconhesse, subjugam o espirito, transportam os Leitores, e arrebatam os seus applausos, como acontece a Shakespeare, e a Goeth.

Muito, oh Poeta, o engenho pode dar-te,
Mas inda mais que o engenho o Tempo, e Estudo,
Não queiras de ti logo contentar-te.

He necessario ser hum tempo mudo
Ouvir, e lér sómente ; que aproveita
Sem armas com furor cometer tudo ?

Caminho por aqui ; esta he a direita
Estrada dos que sobem ao alto monte
Ao brando Appollo, ás nove Irmãs acceita.

Do bem escrever saber primeiro, he fonte
Enriquece a memoria de Doutrina
Do que hum cante, outro ensine, outro te conte.

O primeiro verso deste terceto é uma bella traducção do verso de Horacio

Scribendi recte sapere est et principium, et fons.

O Leitor instruído deparará não só nas Epístolas de Ferreira, mas nas outras obras, muitas imitações de Horácio, que provam e affineado estudo, que elle fazia das obras do grande Lyrico Latino, que havia escolhido para modelo.

Isto me disse sempre huma divina
Voz á' orelha ; isto entendo, e creio,
Isto ora me castiga, ora me ensina.

Cada hum para seu fim busca seu meio,
Quem não sabe do officio não o tracta,
Dos que sem saber escrevem o Mundo he cheio.

Si ornares de fino ouro a branca prata,
Quanto mais, e melhor já resplandeces,
Tanto mais val o engenho se á Arte se atá!

Não prende logo a planta, não florece
Sem ser da destra mão limpa, e regada,
Com tempo, e Arte flor, fructo apparece.

Questão foi já de muitos disputada
Si obra em verso Arte mais que a Natureza,
Huma sem outra val ou pouca, ou nada.

Mas eu quizera antes a rudeza
Daquelle que o trabalho, e Arte abrandou,
Que de este outro a corrente, e vãa presteza.

Ferreira, que estava precisamente neste caso, faz bem de se decidir pela Arte, mas é muito probavel que Homero seguisse o parecer contrario, e o caso é que os seus dous grandes, e famosos Poemas eram um forte argumento a seu favor. Talvez tendo-os em vista, Boileau que era um Poeta d'Arte, na sua Poetica se decidiu pela Natureza.

*C'est en vain qu'au Parnasse un temeraire Auteur
Pense de l'Art des vers attendre á la hauteur,
S'il ne sent point du Ciel l'influence secrète,
Si son Astre en naissant ne l'a formé Poète.*

Esta questão é muito antiga, e parece-me, que prescindindo de casos exceptionaes, a solução mais judiciosa, que pôde dar-se-lhe é a que Horacio expendeu nos seguintes versos.

*Natura ferit laudabile carmen, an arte
Quæsitum est; ego nec studium sine divite vena,
Nec rude quid prosit ingenium: alterius sic
Altera poscit opem res, et conjurat amice.*

Vence o trabalho tudo; o que cansou
Seo espirito, e seos olhos, alguma hora
Mostrará parte alguma do que achou.

A palavra, que sae huma vez fóra,
Mal se sabe tornar; he mais seguro
Não tê-la, que excusar a culpa agora.

Vêjo teu verso brando, estilo puro,
Engenho, arte, doutrina; só queria
Tempo, e lima, da Inveja forte muro.

Ensina muito, e muda hum anno, hum dia,
Como em pintura os erros vai mostrando
O Tempo, os erros, que olho antes não via.

Corta o sobejo, vai acrescentando
O que falta, o baixo ergue, o alto modera
Tudo a huma igual regra conformando.

Ao escuro dá luz, e ao que podera
Fazer duvida aclara; do ornamento
Ou tira, ou poem; co' decoro o tempera.

Sirva propria palavra o bom intento,
Haja juizo, regra, e diferença
Da pratica commum ao pensamento.

Dana ao estilo ás vezes a sentença,
Tão igual venha tudo, e tão conforme,
Que em dúvida está vêr qual delles vença.

Mas deligente a Lima assi reforme
Teu verso, que não entre pelo são,
Tornando-o, em vez d'orna-lo, então deforme.

O vicio que se dá ao Pintor que a mão
Não sabe erguer da tabua, fuge; a graça
Tiram quando mais cuidão que lha dão.

Rôendo o triste verso como traça,

Sem sangue, o deixam, sem espirito, e vida;
Outro o parto inda imforme traz á praça.

Ha nas couzas huma fim, ha tal medida,
Que quanto passa, ou falta della he vicio,
He necessaria a emenda bem regida.

Necessario he, confesso, o arteficio
Não afeitado; empece a tenra Planta
O muito mimo, o muito beneficio.

A's vezes o que vem primeiro tanta
Natural graça traz, que huma das nove
Musas parece que o inspira, e canta.

Qual he a lingua cruel que inda assim prove
Em vão ali seos fios? deixe inteiro
O bem nascido verso, o mais renove.

Emendilhar de continuo, e não emendar nada, são dous vícios, igualmente perniciosos, e estragadores do bom estylo, e da boa poesia. O primeiro conduz á affectação, e estranheza da phrase; o segundo á incorrecção, ao desleixamento, e ao prosaismo: ha espiritos meticulous, que á força de emendar, e de mudanças, e correções tiram toda a louçania aos versos, e todo o vigor á expressão. Deste numero era Belchior Manoel Curvo Semedo, de cujos versos pôde dizer-se com razão

Que limados no soa, pero lamidos.

Nada mais difficil que achar nas suas obras um verso ruim, mas como todos são perfeitamente iguaes, (uma tirada longa delles fatiga o ouvido por sua monotonia), que se assimelha ao chiar de uma nora; a sua linguagem é pura, e escolhida; mas o esmero que põe na escolha das palavras, o não deixa exprimir-se com força; e com violencia. Ha outros, e entre esses conto eu José Agostinho, e Vicente Pedro Nolasco, que por preguiça de emendar, ou por vaidade, deixam desfigurados com expressões viciosas, termos baixos, versos duros, ou pouco numerosos alguns trechos, que com pequenas correções podiam ficar excellentes. Acho pois que Ferreira dá aqui uma prova do seu bom juizo, quando aconselha a Bernardes, que lime os seus versos, mas que tenha cuidado, que a lima não entre pelo aço.

A estes conselhos acrescenta outro, que me não parece menos importante, isto é, consultar um amigo intelligente, e sincero, posto que não seja mui fácil encontrarlos taes.

Não mude, ou tiré, ou ponhá sem primeiro
Vir aos ouvidos do prudente, experto
Amigo, não invejoso, ou lisongeiro.

Engana-se o Amor proprio falso, incerto,
Tambem se engana o medo de apraser-se,
Em ambos erro he quasi igual, e certo.

Por isso he bom remedio ás vezes lér-se
A dois, ou tres amigos; o bom pejo
Honesto ajuda então melhor a vér-se.

Ali como Juiz quasi me véjo
Sinto quando igual vou, quando descaio,
Quando d'outra maneira me desejo.

Quando eu meus versos lia ao meu Sampaio
« Muda (dizia) é tira; hia, e tornava.
« Inda (diz) na sentença bem não caio. »

Ó que mais docemente me seava,
O que me enchia o espirito por mau tinha,
O que me desprasia me louvava.

Então conheci eu a dita minha,
Em tal amigo, tão desenganado
Juizo, e certo, em quem confiado vinha.

É na verdade mui raro encontrar um amigo, que possa servir de censor entendido, e franco, como o Quintilio de Horacio, e o Sampaio de Ferreira; mas é ainda mais raro encontrar Authores, que peçam conselho, com desejo de aproveitar-se delle para melhorar a sua composição. Na maior parte da gente pedir conselho, não é mais que um pretexto de vir mostrar os seus versos para que lhos louveis. Eu não tenho certamente a presumpção de ser um Quintilio, ou um Sampaio, tenho sido consultado algumas vezes; mas depois que perdi um amigo, porque lhe aconselhei que mudasse uma palavra baixa, que desfeizava um Soneto excellenté, que elle havia composto, tomei a deliberação de achar boas todas as poesias que seus Authores me mostram, e nisso achei a pedra phylosophal para nenhum se queixar de mim!

Creio que bastam estes extractos para se ajuizar das Epistolas de Ferreira, e do seu estylo didatico. Sam na verdade bem pensadas, bem escriptas, e em geral, melhor versificadas, que as outras obras do Author.

Seria para desejar, que não estivessem tão núas de comparações, sam estas, quando próprias, e usadas a tempo, um dos mais bellos adornos destes Poemas. As comparações não só recreiam a imaginação do Leitor, interrompendo a monotonia dos preceitos, mas lhos fazem comprehender melhor, e provam no Poeta, o dote, que não é mui trivial; de descobrir o ponto de relação, que se dá entre objectos diferentes.

Aos dous livros d'Epistolas segue-se um livro de Epitaphios, escriptos todos em oitavas, em numero de dezenove. Sam feitos a alguns dos nossos Reis, e Principes, e outras personagens, a algumas senhoras, e amigos do Author, e os dous ultimos sam dedicados a D. Maria Pimentel, sua Esposa. Tenho pelo melhor de todos o seguinte, que é dedicado a El-Rei D. Diniz.

EPITAPHIO.

Quem é este de insignias diferentes
Sceptro, e Picão, e Livro, e espada, e arado?
Este foi Paz dos Reys, e Amor das Gentes,
Grande Diniz, Rey nunca assaz loqvado;
Outros foram n'hũa só cousa excellentes,
Este com todas nobreceo seo estado.
Regeu, edificou, lavrou, venceu,
Honrou as Musas, poetou, e lêo.

O Doutor Antonio Ferreira deixou duas Comedias, *Bristo*, e o *Cioso*, em as quaes como nas de Sá de Miranda, nada ha Portuguez afora a língua, em que sam escriptas.

A respeito destas duas Peças não posso deixar de ter a mesma opinião, que emitti acerca das de Miranda, isto é, que não sam originaes, mas imitações, ou traducções livres de Comedias Italianas; e as principaes razões, em que me fundo, sam as seguintes.

1.^a O Author diz na dedicatória da Comedia *Bristo*, que a escrevêra durante umas ferias, e não é possivel que

em tão pouco tempo, e em um palz, onde não havia theatro, um estudante, sem experiencia do mundo, e sem modêlo do genero, produzisse um Drama tão perfeito, em relação ao tempo, em que foi escripto.

2.^a Que esse Drama se chegue tão pouco á maneira de Plauto, e de Terencio, que o Author diz que quizera imitar, e que mostre tanta identidade com as Comedias Italianas do Seculo XV,

3.^a Que o Author em lugar de imitar nas suás Comedias os costumes Portuguezes, que conhecia, e tinha diante dos olhos, preferisse pintar nellas os costumes, vicios, e ridiculos dos Italianos, de que não tinha conhecimento, e pratica alguma.

4.^a Que essa pintura dos costumes Italianos seja tão exacta, e tão viva não havendo o Author sahido de Portugal, nem viajado nunca na Italia.

5.^a Serem essas Comedias escriptas em prosa, quando o estudo, e a imitação de Terencio, e o exemplo de Gil Vicente naturalmente o deviam conduzir a escreve-las em verso, e não em prosa, pratica de que só na Italia podia achar exemplos.

Estas razões sam em grande parte applicaveis ás Comedias de Sá de Miranda. Bem sei que poderá alguém dizer-me em defesa dos dous Poetas, que ninguem ainda descobriu os suppostos originaes de que foram copiadas, ou traduzidas, as quatro Comedias. Póde ser; mas isso não prova que ellas não existissem, ou existam. Conhecemos nós por ventura todas as Comedias, que na Italia se escreveram no Seculo XV. ? Fez alguém já as necessarias investigações a esse respeito? Sam as Comedias de Ferreira, e de Sá de Miranda tão conhecidas, que obrigassem os Critiços averiguar este facto? Não podem ter-se perdido esses originaes como se perderam tantos outros Dramas, compostos então, e que hoje não apparecem, ou porque ficaram manuscriptos, ou porque houve descuido em reimprimi-los, ou finalmente porque não mereciam que se tomasse esse trabalho?

Em ultimo resultado eu não dou esta opinião como certa, mas meramente como conjectura probavel, a que os Leitores darão o pezo, que lhe approuver, e até por isso me abstenho de citar alguns trechos, que poderiam fa-

vorecer a minha assersão, visto que são mais no genio da lingua Toscana, que da nossa.

Os defeitos das Comedias de Ferreira, sam os mesmos das de Sá de Miranda, e das Comedias Italianas daquelle tempo. Falta de unidade na acção, episodios, que se não ligam com ella, nem della se derivam, falta de movimento progressivo, e ás vezes de verosimilhança nos incidentes; fastidiosa difusão nos dialogos, monologos interminaveis, recheados de moralidades, e relações feitas ao vento, e soluções postiças, e romanescas.

O estylo comico de Ferreira é superior ao de Miranda, assim como a sua linguagem é mais rica mais elegante, e mais pura; porém Miranda o excede na arte de dialogar. Ferreira é ás vezes indecente nas situações, e até obsceno na expressão. E para o provar basta citar a scena primeira do Acto terceiro do Cioso entre Faustina, e Cláreta; a scena segunda do mesmo Acto em que um maneebo honrado como Octavio se presta a pedir á sua amante, que receba Julio por uma noite para Bernardo poder entrar em casa delle para fallar a Livia, sua esposa, tornando-se a si dobradamente terceiro; e para não fallar em outras, a scena sexta do Acto quarto, em que a velha Bromia recusa abrir a porta a seu amo Julio, em quanto Bernardo está de dentro fallando com sua mulher, e Ardelio, e Janoto observando escondidos a desesperação do pobre Cioso, accrescentam ditos que tornam mais indecente esta situação, que já o é demasiado de si.

Os caracteres das Comedias de Ferreira sam em geral bem desenhados, e bem sustentados, tal é o de Bristo, os dos dous Pais Caledonio, e Roberto, o de Leonardo; porém o de Commendador Annibál, e do seu soldado Montalvão sam absolutamente fantasticos, estravagantes, inverosímeis, e com especialidade o primeiro cuja estupidez, e credulidade chega a ponto não só de accreditar todas as mentiras de Montalvão, mas até a persuadir-se de ter feito, e dito o que nunca fez, nem disse.

No Cioso nada mais natural, nem mais gracioso, que o carácter de Brómia; porém o de Julio é demasiadamente carregado, e a sua conversão me não parece verosimil, nem sufficientemente preparada. O ciume é a paixão me-

nos susceptível de emenda, e por isso talvez, que o melhor desenlace desta Peça, fosse que o Cioso se matasse, ou morresse por alguma imprudencia, em que o precipitasse o seu frenesi, e que Livia, casando com Bernardo, alcançasse assim a recompensa dos seus padecimentos, e desgostos.

Se estes Dramas sam verdadeiramente de Ferreira, não pôde negar-se que tinha um decidido talento comico, e que as Comedias devem contar-se no numero das suas melhores obras.

Maior abono dos seus talentos deu elle com a sua Tragedia de D. Ignez de Castro. O patriotismo de Ferreira o levou a escolher um assumpto tirado da Historia Portugueza; assumpto pouco tragico, como se prova sobejamente por haver sido tractado por differentes Poetas, alguns delles de grande merecimento, como Lamothe, Guivarra, Figueiredo, Quita, Lemercier, sem que nenhum delles podesse tirar delle uma Tragedia boa; e os que delle tiraram melhor partido, que foram Lamothe, e Lemercier, foi alterando-o de modo que inteiramente o tornaram outro. Nem sempre um accoecimento desastroso, e funesto é um accoecimento tragico, bem lamentosa é a morte de Marianna, e nem Voltaire foi capaz de fazer delle uma boa Tragedia.

Não sei se Ferreira tinha lido a Sophonisba de Trissini, e as duas Tragedias de Rucellai; mas Ferreira conhecia, e estudava como aquelles Poetas os Tragicos Gregos, e como elles adoptou o seu systema tragico, e por elle modelou a sua Castro, posto que seja o menos proprio para a Tragedia declamada, e muito mais de assumpto moderno.

E que outra cousa podia elle fazer, se como Trissini, e Rucellai não tinha outros modêlos? Foi o uso das representações tragicas, em theatros públicos, e permanentes, a observação do effeito, que este espectáculo produziu nos Espectadores, quem foi ensinando aos Poetas, que vieram depois, a conhecer a differença, que devia fazer a nossa Tragedia declamada, da Tragedia cantada dos Gregos; a necessidade de complicar a fabula, desenvolver os caracteres, e paixões, augmentar o espectáculo, multiplicar os lances, e as situações, e conhecer a inutilidade,

e inconvenientes do Choro, que não estava em harmonia nem com os nossos costumes, nem com a forma dos nossos theatros. Se Ferreira fosse capaz de conhecer, e inventar tudo isto no tempo, em que escreveu, seria, sem dúvida o mais assombroso genio, que teria apparecido no Mundo; muito louvor merece elle pelas muitas bellezas, que soube derramar naquella rude composição.

Não é necessario ser grande entendedor da Arte Dramatica para conhecer os defeitos da Castro de Ferreira; elles consistem na demasiada simplicidade da fabula tecida sem artificio, e sem aquellas alternativas de susto, e de esperança, que entretêm a attenção, e despertam o interesse: na falta de proporção entre os fins, e os meios, em scenas desligadas, e até direi mesmo na falta de pathetico, e no estylo, que muitas vezés descahe da magestade tragica, no familiar, e trivial.

Os caracteres não sam menos defeituosos, que a contextura do Drama. D. Pedro é absolutamente inutil, não apparece se não uma vez no primeiro acto para altercar com o Secretario, e outra no quinto para ouvir narrar a morte de D. Iñez. E com tudo pouca invenção era preciso para tirar grande partido desta personagem, empenhando-o na salvação, e defesa da sua amante, mas Ferreira estava tão longe do espirito da Tragedia, que nem uma vez o fez encontrar com Castro.

Posto que o caracter de D. Iñez seja, geralmente falando, o que deve ser, e quasi a Tragedia toda, parece-me apesar disso, que no primeiro Acto mostra nos visos de singelleza infantil, que não parecem convenientes em uma dama, que não podia ter menos de trinta annos, e que apparece rodêada de trez filhos.

D. Affonso IV. representa um papel *ignobil*, e quem assim o classifica, é nada menos que D. Francisco Martines de la Rosa, a quem me parece que ninguem pôde negar com justiça o titulo do maior Poeta tragico de Hespanha.

Os Choros da Castro de Ferreira tem sido sobremaneira elogiados; não nego que sejam excellentes trechos de poesia lyrica e talvez os melhores, que neste genero sahiram da pennã de Ferreira; mas serão elles igualmente bons considerados como Choros de uma Tragedia? Em primeiro logar sam demasiado longos, e em segundo, estarão hêm na

boca das donzellas de Coimbra duas Odes ao amor escriptas em linguagem mythologica? Será verosimil que umas poucas de raparigas christãas se expliquem por este gosto?

Jupiter, transformado
Em tão varias figuras,
Deixando despresado

O Ceo, quam baixo o mostram mil pinturas!
Poderosas branduras,
Que assi almas se convertem
No que amam, se sovertem
Por manha a grande alteza

Do Esprito, que se enterra em vil fraqueza!

Não basta que as cousas sejam bellas; é necessario que estejam bem collocadas, para que se não diga, *sed non erat hic locus*.

Porém Ferreira compensa estes defeitos com muitas belezas, que seria facil apontar, e ás vezes o seu dialogo, é tão energico, e serrado, que faz lembrar o estylo vigoroso d'Alfieri. Vejamos.

REY.

Vence o mal ao remedio: vejo o Infante
De todo contra mim determinado
Duro aos meos rogos, mais duro aos mandados,
Que Estrella foi aquella tão escura?
Que mau signo, ou que fado, ou que Planeta?

PACHECO.

Em quanto ha occasião, dura o pecado.
Tirando-lha, hei-lo livre!

REY.

Ferte couza!

Endurecer-se assi aquella vontade!

PACHECO.

Endureça-se a tua com justiça.

REY.

Duro remedio! quanto melhor fôra
Amor, e obediencia! meos pecados
Quam gravemente sobre mim cabiram!

COELHO.

Senhor, pera que he mais? morra essa Dama.

REY.

Que morra todavia!

PACHECO.

Senhor, morra
Por salvação do Povo.

REY.

Não he crueza
Matar quem não têm culpa?

COELHO.

Muitos podes
Mandar matar sem culpa, mas com cauza.

REY.

Com que côr? com que cauza esta matamos?

PACHECO.

Não basta que em sua morte só se atalham
Os males, que sua vida nos promete?

REY.

Ella que culpa tem?

PACHECO.

Dá ocasião.

REY.

Oh que ella não a dá; o Infante a toma.
Que ley ha que a condemne, ou que justiça?

COELHO.

O bem commum, Senhor, tem taes larguezas
Com que justifica obras duvidosas.

REY.

Assi que assentais nisso?

COELHO.

Nisto, morra.

PACHECO.

Morra.

REY.

Huma innocente!

COELHO.

Que nos mata!

REY.

Não haverá outro meio?

PACHECO.

Não o temos.

REY.

Mete-la-hei n'hum Mosteiro.

COELHO.

Ei-lo queimado.

REY.

Manda-la-hei de meo Reyno.

COELHO.

O amor vós.

Este fogo, Senhor, não morre logo,
 Quanto mais lhe resistes mais se accende.
 Contra amor que logar darás seguro?

Ei-lo queimado, o amor vós sam dous rasgos de sublime que não tem que invejar ao *qu'il mourout* de Corneille nem ao *Medea surperest* de Seneca.

Vejamos agora como é pathetico, e digno do estylo tragico o monologo, em que o Rey, depois de haver involuntariamente assentido á morte de D. Ignez de Castro, ficando só, desaffoga a oppressão do seu espirito nestes termos.

REY.

Entre medo, e conselho fico agora.
 Matar injustamente he gran crueza.
 Soccorrer o mal publico he piedade.
 D'huma parte receio, mas d'outra ousou.
 Oh meu Filho, que queres destruir-me!
 Ha dó desta velhice tão cansada,
 Muda essa pertinacia em bom conselho,
 Não dês ocazião pera que eu fique
 Julgado mal na Terra, e condemnado
 Ante aquelle gran Juiz que está nos Ceos.
 Oh vida filicissima, a que vive
 O pobre Lavrador lá no seo campo,
 Seguro da fortuna, e descansado
 Livre destes desastres, que zá reinam!
 Ninguem menos he Rey que quem tem Reino.
 Ah! que não he isto Estado, he captiveiro
 De muitos desejado, mas mal crido!
 Huã servidão pomposa, hum gran trabalho,
 Escondido sob nome de descanso!
 Aquelle he Rey sómente que assi vive,
 Inda que cá seu nome nunca se ouça,
 Que de medo, dezejo, e de esperança

Livre passa seos dias. Oh bons dias,
 Com que todos meus annos tão cansados
 Trocára alegremente! Temo os Homens,
 Com outros dessimulo, outros não posso
 Castigar, ou não ousa. Hum Rey não ousa?
 Tambem teme seo Povo, tambem sofre,
 Tambem suspira, e geme, e dessimula.
 Não sou Rey, sou captivo; e tão captivo
 Como quem nunca tem vontade livre.
 Salvo-me no conselho dos que creio
 Que me serão leaes! isto me salve,
 Senhor, contigo; ou tu me mostra cedo
 Remedio mais seguro, com que viva
 Conforme a este alto Estado, que me deste.
 E me livra algum tempo antes, que morra,
 De tanta obrigação, pera que possa
 Conhecer-me milhor, e a ti vóar
 Com mais ligeiras azas, do que póde
 Huma alma carregada de tal peso.

Este monologo é excellente, e no puro estylo tragico; pinta bem ao vivo a fluctuação, e incertezas do animo de D. Affonso IV. Vêmos que elle procura acalmar a sua consciencia, como todos os Reis praticam, lançando a responsabilidade sobre os que o aconselham, e que julga leaes. É certo que isto os justifica perante os homens, a quem póde parecer bem que um prefira o parecer alheio aos dictames da propria razão, e da consciencia; mas succederá o mesmo perante Deos? Não lhe pedirá elle contas do mal que fizeram, e do que deixaram fazer?

Não é menos bello o monologo com que D. Pedro abre a primeira scena do Acto quinto! O enthusiasmo do amor escandece a sua imaginação, e lhe figura que ao aproximar-se a Coimbra, onde existe D. Ignez de Castro, a natureza inteira toma um aspecto novo, e o circunda de encantos e de prestigios, que o fazem phantasiar venturas, que espera desfructar na companhia da sua amada, de que suppõe impossivel, que alguém o possa separar; a mesma morte lhe não parece poderosa para tanto, e pergunta se poderá vir tempo em que se não vejam um ao outro; tudo isto é muito poetico de si, mas o que o torna não só mais

poetico, porém tragico, em grau mui subido, é que os Espectadores, que o ouvem, todos sabem que D. Ignez já é morta, e quam cruamente, e por entre aquelles transportes de alegria já vem borbulhar as lagrimas de sangue que tem de sahir dos seus olhos dali a um minuto.

D. PEDRO.

Outro Ceo, outro Sol me parece este !
 Diferente daquelle que lá deixo,
 D'onde parti: mais claro, e mais formoso.
 Onde não resplandecem os dois claros
 Olhos da minha luz, tudo he escuro.
 Aquelle he só meo Sol, a minha Estrella,
 Mais clara, mais formosa, mais luzente,
 Que Venus quando mais clara se mostra.
 Daquelles olhos se alumia a Terra,
 Em que sombra não ha, nem nuve escura.
 Tudo ali he tão claro que athe a noite.
 Me parece mais dia, que este dia.
 A Terra ali se alegra, e reverdece
 D'outras flores mais frescas, e milhores.
 O Ceo se ri, e se doura diferente
 Do que neste horisonte se mē mostra.
 O soberbo Mondego com tal vista
 Parece que ao gran Mar vai fazer guerra.
 D'outros ares respira ali a Gente,
 Que fazem immortaes os que lá vivem.
 Oh Castro! Castro! meu amor constante,
 Quem me de ti tirar, tire-me a vida.
 Minha alma lá me tens, tenho cá a tua;
 Morrendo hũa destas vidas ambas morrem;
 E havemos de morrer? pode vir tempo,
 Que ambos nos não vejamos? nem eu posso
 Hindo buscar-te, oh Castro, achar-te lá?
 Não achar os teus olhos tão formosos,
 De que os meus tomam luz, e tomam vida?
 Não posso cuidar nisto, sem os olhos
 Mostrarem a saudade, que me fazem
 Tão tristes pensamentos. Viviremos
 Muitos annos, e muitos; viviremos
 Sempre ambos neste amor tão doce, e puro.

Raynha te verei deste meo Reino,
 De outra nova coroa coroada.
 Diferente de quantas coroaram
 Ou de homens, ou Mulheres as cabeças.
 Então serão meus olhos satisfeitos ;
 Então se fartará da gloria sua
 Esta alma, que andá morta de desejos.

É, quando acaba de fallar neste arrebatamento enthu-
 siastico, que um mensageiro vem quebrar o encanto do
 Principe, e lança uma nuvem de lucto sobre o seu coração
 tão radioso de prazer, e contentamentó, narrando-lhe a
 morte de D. Ignez de Castro. Na verdade não pôde dar-se
 um lance theatral mais bem inventado, mais natural, nem
 mais pathetico, e é muito mais de admirar porque o vê-
 mos em uma Tragedia, que foi talvez a segunda, que se
 escreveu na Europa, depois da restauração das Letras.

Tratando porém da Castro, não posso deixar de tocar
 em uma circumstancia, que me parece que ninguem ain-
 da mencionou entre nós, pelo menos, que eu saiba.

Existe em lingua castelhana uma Tragedia intitulada
Nise lacrimosa cujo assumpto é a morte de D. Ignez de
 Castro. Esta Tragedia foi composta por um Dominico Gal-
 lego, por nomo Fr. Jeronymo Bermudes, que o Author da
 Bibliotheca Hespanhola, D. Nicolau Antonio não duvidou
 chamar, *Homem notavel por sua erudicção sagrada, e pro-
 fana*, e que foi contemporaneo de Ferreira.

Comparada a Tragedia deste com a de Bermudes, vê-
 se que salvas, algumas pouco importantes ommissões, ou
 augmentos de versos, e algumas transposições de scenas,
 força é confessar, que ambos estes Dramas apresentam
 tal identidade de ordem, de personagens, de pensamen-
 tos, de estylo, e de versos, que se tornam uma, e a mes-
 ma cousa. Vejamos alguns exemplos.

REY.

Oh sceptro rico a quem te não conhece !
 Como hes formoso, e bello ! e quem soubesse
 Bem quam diferente hes do que prometes,
 Nesse chão que te achasse, quereria
 Pisar-te antes c'os pés, que levantar-te !

Não louvo os que se louvaram por Imperios
 A ferro, fogo, e sangue destroirem,
 O seo proprio estendendo, mas aquelles,
 Oh grandeza espantosa, animo livre!
 Que, tendo-os muito grandes, os deixaram.
 Mór alteza, e mór animo he as grandezas
 Desprezar, que aceitar, e mais seguro
 A si cada hum reger, que o Mundo todo.
 O resplendor deste ouro nos engana,
 E he terra em fim, e terra a mais pesada.
 De hum alta fortaleza estamos sempre
 Póostos por Atalaias á Fortuna;
 Por escudos dos Povos, ofretidos
 A receber seus golpes: não faze-lo
 He usar mal do sceptro, e bem faze-lo
 He não ter vida mais segura, e certa,
 Que quanto estes perigos nos prometem.

Ferreira.

D. ALONSO.

És, sceptro, de valia inestimable
 A quien nó te conosce, porque cierto
 Quien viesse sin passion, y sin anteojos
 Quan otro, de lo que pareces, eres,
 Caido en este suelo que te hallasse,
 Antes debria con los pies calcarte,
 Que llevartarte del: nunca yo alabo
 A los mui alabados de que a costa
 De sangre, y guerra Imperios destruíerom,
 Por estender el proprio; antes alabo
 Aquellos que con animo Christiano,
 Teniendo reinos muchos, los desechan.
 Maior grandeza d'animo es grandezas
 Despreciar que aceptar, es mas seguro.
 El resplendor del oro nos deslumbra
 Y es tierra al cabo, y tierra mui pesada
 D'un alto alcazar siempre atalaiamos
 La Fortuna cruel que nos combate,
 Como escudos del Pueblo aventurados
 A recibir sus golpes: no hacello
 Es mal usar del sceptro; bien hacello

Es non tener la vida mas segura
De lo qué éstes peligros nos prometem.

Bermudes.

CASTRO.

Nunca mais tarde para mim que agora
Amanheceo! oh Sol claro, e formoso,
Como alegras os olhos, que esta noite
Cuidaram não te vér! oh Noite triste!
Oh Noite escura, quam comprida foste!
Como cansaste esta alma em sombras vãs!
Em medos me trouxestes taes, que cria
Que ali se me acabava o meo amor!
Ali a saudade de minha alma
Que me ficava cá; e vós, meus Filhos,
Meus Filhos tão formosos; em quem vejo
Aquelle rosto, e olhos do Pay vosso,
De mim ficaveis cá desamparados.
Oh sonho triste, que assì me assombraste!
Tremo inda agora, tremo! Deos afaste
De nós tão triste agouro. Deos o mude
Em mais ditoso fado, em melhor dia.
Crescereis vós primeiro, filhos meus,
Que choraes de me vér star-vos chorando,
Meus Filhos tão pequenos! ai, meus Filhos!
Quem em vida vos ama, e teme tanto,
Na morté que fará? mas vivireis,
Crescereis vós primeiro, que veja eu
Que pizaes 'este campo, em que nascester,
Em formosos Ginetes arraiados,
Quaes vosso Pay vos guarda, com que o Rio
Passeis a nado a vér esta May vossa;
Com que canseis as Feras, e os imigos
Vos temam de tão longe! que não ousem
Nomear-vos sómente, então me venham
Buscar meos fados, venha aquelle dia
Que me está esperando; em vossos olhos
Ficarei-ea, meos Filhos, vossa vida
Tomarei eu por vida em minha morte.

Ferreira.

CASTRO.

Nunca mas tarde pera mi que agora
El Sol hirió mis ojos con sus raios !
Oh Sol claro, y hermoso, como alegras
La vista, que esta noche te perdió !
Oh noche oscura quanto me duraste !
En miedos, y en assombros me trageste,
Tan tristes, y espantosos, que creia
Que alli si me acababan los amores !
Alli desta alma triste los afectos
Acá empleados; y vos outros, hijos,
Mis hijos tan hermosos, en quien veo
Aquel divino rostro, aquellos ojos
De vuestro caro padre, aquella boca,
Tesoro peregrino, mis amores
Quedabades sin mi !
Oh sueño triste quanto me assombraste ;
Tiemblo aun agora, tiemblo, Dios me libre
De tan mal sueño, y de tan triste aguero !
En mas dichosos hados Dios lo mude.
Premero crecereis, amores mios,
Que de me ver que os lloro estaes llorando.
Mis hijos tan quiridos, tan hermosos
En vida quien os ama, y tiene tanto,
Moriendo que hará ? mas vivereis,
Y crecereis primero, y estos ojos,
Que agora os son de lagrimas arroyos,
Dos solos os seran, quando con ellos
Os vea rutilantes, y gallardos
Correr por esses campos do nascistes,
Delante vuestro Padre, en muy lozanos
Caballos á porfia, qual primero
El rio passará a ver vuestra madre.
Dos Soles os seran quando con ellos,
Os vea rutilantes, y gallardos
Cansar las fieras y mostrar tal brio
Que amigos os adoren, y inimigos
De vuestro nombre tiemblen ; esto vean
Mis ojos, vean esto, y logo vengan
Per mi mis hados, aquel dia venga,
Que ya mi esta esperando. En vuestros ojos

Hincaré yo mis ojos, hijos míos,
 Mis ojos tan queridos, vuestra vida
 Por mía la tendré quando esta acabe.
Bermudes.

Para que é citar mais? Ambas as Tragedias estão escriptas assim, não é possível achar uma scena, uma fallá, que não se encontre na outra, e ás vezes com os mesmos versos; as proprias Canções Lyricas dos Choros, o que se torna ainda mais notavel; sam identicas. Eis aqui para prova o primeiro Choro do segundo Acto da Tragedia Portugueza.

Quanto mais livre, quanto mais seguro
 He aquelle Estado, que de si contente,
 Não se levanta, mais que quanto pode
 Fugir miserias!

Tristes pobrezaas ninguem as deseje,
 Cégas riquezaas ninguem as procure,
 Num meio honesto está felicidade
 Dos Ceos, e Terra.

Reys poderosos, Principes, Monarchas,
 Sobre nós pondez vossos pés, pisais-nos,
 Mas sobre vós está sempre a Fortuna,
 Nós livres della.

Nos altos montes soam muito os ventos,
 As mais crescidas arvores derrubam,
 As mais inchadas vellas no mar rompem
 Com mores torres.

Pompas, e ventos, titulos inchados
 Não dam descanso, nem mais doce somno,
 Antes mais cansam, antes em mais medo
 Poem, e perigo.

Como se volvem no gran mar as ondas,
 Assim se volvem estes peitos cheios,
 E nunca fartos, nunca satisfeitos,
 Nunca seguros.

Se eu me podesse á minha vontade
 Formar meos fados mais não quereria
 Que mansamente segurar a vida
 Co' necessario.

Quem mais deseja muitas vezes se acha.
Triste, enganado; muitas vezes dorme
Temendo o fogo, ventos, ares, sombras,
Temendo os Homens.

Rey poderoso, tu por que desejas
Nunca ter Reyno? porque essa coroa
Chamas pesada? pelo pezo d'alma,
Que te carrega.

Vejamos agora o mesmo Choro na Tragedia castelhana, e conheceremos se acaso ha entre um, e outro alguma differença notavel.

Cuanto mas libre, quanto mas seguro
Es el estado que, de si contente,
No se levanta mas de quanto huye
Grande miseria,

Tristes pobrezaas nadie las desee;
Ciegas riquezas nadie las procure;
La bienaventurança desta vida
Es mediania.

Princepes, Reyes, y Monarchas summos,
Sobre nosotros vuestros pies poneis,
Sobre vos outros la cruel fortuna
Tiene los suyos!

Sopla en los altos montes mas el viento,
Los mas crecidos arboles derriba,
Rompe tambien las mas inchadas velas
La tramontana.

Pompas, y vientos, titulos hinchados,
No dan descanso mas, ni mas dulzura
Antes mas cansan, y mas antes quitan
Al que los ama.

Como sosiegan en el mar las ondas
Assi sosiegan estes pechos llenos,
Nunca quietos, nunca satisfechos
Nunca seguros.

Si la fortuna yo cortar podiesse
Ala medida del deseo, nunca
Querria mas que assegurar la vida
De menesteres.

Quen mas desea las más veces se halla
 Triste, y hurlado, poucas veces duerme,
 El fuego teme, vientos, Ayre, sombras
 Teme los hombres.

Rey Dom Alonzo, porque no te gozas
 Deste tu sceptro? porque essa corona
 Pesada llamas? el peso del alma
 Tanto te affige!

A mesma identidade acharemos entre os Choros do
 Acto terceiro de uma, e de outra Tragedia, que passa-
 mos a confrontar.

Teme teus erros, Mocidade cega,
 Fuge a ti mesma, logra-te do tempo,
 Que assi te deixa, correndo, e vôando
 Com suas azas.

Oh quanto hũa hora, quanto hum só momento
 Breve algũa hora, quererás debalde,
 Poupa o presente, guarda-o, enthesoura-o
 Té-lo has seguro!

Todo ouro, e prata, pedras preciosas,
 A que correndo vam todos perdidas,
 Por agoa, e fogo, não temendo a morte
 Cavar nas veias.

Nunca poderam, nunca poderão
 Comprar hum ponto deste tempo livre,
 Que assi atraz deixa Principes, Senhores
 Como os mais baixos.

Igual a todos, igualmente foge,
 Não valem forças, não val gentileza,
 Por tudo passa, tudo calca, e pisa
 Ninguem o força.

Com sua souce cruel vai cortando
 Vidas a moços, trabalhos a velhos,
 Só boa fama, só virtude casta
 Pode mais que elle.

Esta se salva sómente em si mesma,
 Esta o espirito segue, sempre vive,
 Esta seguindo, vencerás o Tempo,
 Rir-te-has da Morte.

Vive pois, vive, mocidade céga,
 Vive co' Tempo, delle te enriquece,
 Delle só te arma contra aquelle dia
 Do grande aperto.

Ferreira.

Teme tus yerros, juventud lozana,
 Abre tus ojos a las postrimerias,
 Piensa del tiempo, siempre te aprovecha,
 Que va volando.

Oh como en vano del passado tiempo
 Breve momento querrás alguna hora!
 El que presente tienes atesora,
 No se te pierda.

Oro, ni plata, ni las margaritas
 Mas preciosas, que los hombres aman,
 Y por habellas de las hondas venas
 Muerte no temen.

Nunca podieron, ni jamas podran
 Comprar un punto deste Tiempo libre;
 Princepes, Reys, y Monarchas summos
 No se descuiden.

Corre mas que ellos el ligero Tiempo,
 Ni valem fuerzas, ni belleza vale,
 Todo deshace, todo huella, y pisa,
 Nadie le fuerza.

Con tyrania fiera va cortando
 Vidas a Mozos, lastimas a viejos,
 Solo la fuerza de virtude clara
 Puede vencello.

Esta le vence, su valor es mucho,
 Esta al eterno Espirito siguiendo
 Vive reindo-se de la Fortuna
 Y de la muerte.

Vive, pues vive, joventud lozana,
 Ama virtudes, con el tiempo vive,
 Per que te valgas del en aquel dia
 Del grande apuerto.

Bermudes.

È a todas as luzes evidente, que uma destas Trage-

dias foi copiada da outra. Mas quem seria o Plagiario? Acaso Bermudes? Acaso Ferreira? Pergunta é esta, a que não é mui facil responder! Bouterweek foge da questão, porém o Sr. Martinez de la Rosa entra nella com affouteza nas notas á sua Arte Poetica, e não hesita em declarar, que Bermudes foi o Plagiario, eis aqui como elle se expressa.

« A primeira Tragedia de Bermudes, intitulada *Nise lastimosa*, versa sobre o interessante argumento de D. Ignez de Castro, tão bello, e proprio para a scena, que em todos os tempos, e em todas as nações tem conseguido merecidos applausos; disputa-se porém se foi o citado Author hespanhol, ou o portuguez Antonio Ferreira o que primeiro o reduziu á fôrma dramatica, visto que as Tragedias de um e de outro se assimelham tanto, que parece indubitavel que um se aproveitou, posto que sem declara-lo, do trabalho do outro: mas qual delles foi? Direi o que me parece a respeito desta questão sem engolfar-me nella, mas com franqueza, e lisura. A *Nise lastimosa* imprimiu-se em Madrid em 1577, e tambem consta que já dous annos antes estava composta, e dedicada. A Tragedia portugueza, intitulada *Castro*, não sahiu á luz senão mais de vinte annos depois, em 1598, como porém o Author desta ultima havia já muito tempo que tinha fallecido, em 1569, é evidente que a sua obra estava escripta, sem embargo de não ter-se publicado. Consta por outra parte, que o Monge Bermudes, de nação Gallego, residiu algum tempo em Portugal, poudo por tanto dar-se com um humanista de tanto credito como Ferreira, e ainda que possa disputar-se qual destes mostrou ao outro a sua composição manuscrita, e mesmo alegar-se a favor do hespanhol a anticipação em publica-la, devo manifestar de boa fé, que cotejando ambas as obras me parece, que se descobre na portugueza o verdadeiro original. »

Como Portuguez não posso deixar de adoptar esta opinião, especialmente vindo ella de pessoa tão competente, e sabedora na materia, e que a examinou com tanta imparcialidade: confesso porém que se me offerecem duas dúvidas, que muito desejara vér como o Sr. Martinez de la Rosa as resolvia. A primeira é, que havendo Ferreira

composto dous livros de Odes, entre ellas não apparece uma Saphica, e que apparecem duas nos Choros da Castro, e que essas mesmas se deparem na Tragedia de Bermudes, em cuja *Nise laureada* se encontra tambem outra, o que parece provar, que era elle, que estava costumado a usar destes metros latinos.

Consiste a minha segunda d'úvida, em que sendo possível que traduzindo-se uma obra de uma lingua para outra tão parenta, e semelhante, como é a hespanhola da portugueza, o Traductor, sendo homem de talento, possa imitar a expressão, as phrases, modos de dizer, e versos do Poema; que a cópia se confunda com o original, visto que tem o modêlo á vista, que pôde contemplar, e estudar á sua vontade; tenho porém que é muito difficil, por não dizer impossivel, que esse mesmo Traductor compondo uma obra original, apresente os mesmos rasgos de simelhança, e a mesma identidade com a composição, que traduziu; e é isso o que observamos na *Nise lauriada* de Bermudes, que elle de certo não copiou de Ferreira, que nunca tractou tal assumpto.

Esta Tragedia, que tem por objecto a coroação de D. Ignez de Castro, depois de morta, e a vingança que D. Pedro tomou dos dous Conselheiros que tramaram, e levaram a effeito a morte daquella infeliz Dama, é na verdade muito inferior á primeira Peça, o que se deve á inferioridade do assumpto, não tragediavel para me servir da expressão de Alfieri, mas não deixa por isso de nella se encontrar a cada passo o estylo, e modo de pensar, e de versificar de Ferreira na Castro, e para prova disto citei um trecho della, no que me parece que farei serviço aos Leitores portuguezes, para a maior parte dos quaes esta Tragedja, e a *Nise lastimosa*, tem sido absolutamente desconhecidas, pois em nenhum dos nossos livros as encontrei ainda mencionadas.

REY.

Que piedad quisieras tu que usara
Com estos tres honrados Castellanos,
Que acá pensaban guarecer su vida?

COND.

Que no los entregaras a la muerte.

REY.

A su Rey les entrego, deles vida.

COND.

Quitola a quien la suia habia dado.

REY.

Jusgue-lo Dios!

COND.

Si, juzgará que es justo.

REY.

Los hombres no porque los juzguen Reys.

COND.

Juzganlos mal los que no les mantienen
Las leys, y costubres que los salvan.

REY.

Que ley salvaba a estos?

COND.

La que salba

A quien en ti se ampara, y puede poco.

REY.

El Rey que no se vinga puede menos.

COND.

El Rei, que ampara a muchos puede mucho.

REY.

De mi se han de amparar contra mi hermano?

COND.

Hermano es hoy el que innemigo ayer.

REY.

No me entrega los otros alevosos?

COND.

Entrega, y trueca digna de memoria!
Trocar los justos por los pecadores,
Los innocentes per los desalmados!

REY.

Tan innocentes te parecen estos?

COND.

Si no lo han sido acá debieran sello,
O por tales juzgados alo menos,
Al sagrado acogidos de tu Reyno.

REY.

Valiera les sagrado alá en Castilla?

COND.

Ni aca tampoco pues assi lo quieres.

REY.

Es cosa justa que los otros vengan.

COND.

Es cosa injusta que estos alla vaian.

REY.

Alla se lo haga el Rey que los juzgare.

COND.

E alla se lo hayas tu que los entregas.

Este dialogo energico, rapido, e cortado não se assimelha a muitos que lêmos na Castro? Juntemos a isto o primeiro Choro do terceiro Acto, escripto em versos sapphicos, e adonicos, como os dous da primeira Tragedia.

Todos agora nos regocijuemos,
 Todos cantemos el triumpho, y gozo
 Destas solemnes, y sagradas bodas
 Tan deseadas.

Todos al tono de los Seraphines
 Demos al Cielo la debida gloria,
 Y la gososa pas al amoroso
 Orbe de Luso.

Los refulgentes Cielos, y Planetas
 Vangan a punto con los Elementos,
 Y todos juntos a porfia canten
 Gloria tanta.

Los Coimbranos montes, y collados
 Desde su cumbre leche, y miel destilan,
 Como la antigua Poesia canta
 Sabiamente.

Los regulados arboles, y plantas
 Por regocijo su frescura muestren,
 Vease en ellos quan alegre torna
 La Primavera.

Las violetas, y las matutinas
 Rosas, y flores de rocio llenas,
 Todas se ofrescan ala coronada
 Nise famosa!

Las AVECILLAS, que sus quexas suelen

Hir de una eh otro ramo recantando,
 Con melodia de suave canto

Rompan el Cielo.

Las plateadas agoas del Mondego
 Con su murmureo blando se componjan,
 Para pujar sobre las de Hypocrene
 En la blandura.

Los amorosos Phaunos, y Silvanos,
 Las Amadrias, Dryades, Napeas
 Sus lyras toquen, y discanten estos
 Dulces amores.

Las sacras Musas su furor divino
 Todo le empleen, todo lo derramen
 Solemnizando con Apollo fiestas

Tan gloriosas.

Venga pues, venga todo lo creado
 Al regocijo de la laureada
 Nise, de niñas, y amorosas almas
 Almo dechado.

Deste Choro consta, que os campos de Coimbra no reinado d'El-Rei D. Pedro I. estavam inçados, e povoados de um grande numero de Driades, Napeas, Amadriades, Phaunos, y Silvanos, e que as raparigas daquelles contornos tinham grande conhecimento destas deidades rusticas, aliás não fallariam tanto dellas neste seu Choro. Estas idéas mythologicas, podem, como dissemos em outra parte, figurar bem em uma Ode, ou outro Poema em que o Poeta falle em sua propria pessoa, mas admittirlas nos Choros de uma Tragedia de assumpto nacional, e em que os heróes sam Christãos, com o devido respeito, me parece um completo disparate.

Temos, ao que nos parece expellido quanto é necessario para os Leitores resolverem, com conhecimento de causa, esta questão, mas parece-me que a opinião do Sr. D. Francisco Martinez de la Rosa a este respeito deve ser maduramente considerada.

Do exame dos differentes Poemas do Doutor Antonio Ferreira me parece, que se deduz que é elle o mais classico, e correto dos nossos Poetas antigos, bom Lyrico, e Elegiaco para o seu tempo, melhor Sonetista, e Bocolico,

excellente Epistolar, e si as duas Comedias, e a Tragedia *Castro* sam verdadeiramente suas, o melhor Poeta Comico, e Tragico do seculo, em que floreseeu.

O Doutor Antonio Ferreira foi sepultado no cruzeiro da Igreja do Convento do Carmo, e sobre a sepultura collocaram uma lapida com o seguinte epitaphio latino.

Hic Doctor jacet é Cathedra quem jura tonantem
 Mente avida audiret Bartholus, imo Solon,
 Carmina scribentem cythara sequeretur Apollo,
 Diceret et numeris non satis esse Chelin.
 Jus et Pieridas Patria decoravit, amore
 Illius hæc capiti laurea major erat
 Nec Vati magnum, ac fuerit quod in Urbe Senator,
 Sed suo quod regnum scripta Thalia regit.
 Si legis, una tuos componet Epistola mores,
 Maximus est Doctor, qui docet é tumulo.

Na cabeceira desta lapida está escripto, « Epitaphio do Doutor Antonio Ferreira, Lente que foi da Universidade de Coimbra, Desembargador da Relação, raro Poeta. Faleceu no anno de 1569. » Esta inscripção era indispensavel para saber-se de quem era a sepultura, visto que o epitaphio o não diz.

Pelo terremoto de 1755 cahiu o tecto da Igreja do Carmo, e é talvez por isso que o Author da Vida do Poeta, que acompanha a edição de 1771, que eu julgo ser obra do Professor Regio Pedro José de Fonseca, adverte que no seu tempo estava quebrada a lapida, e com dous disticos de menos; hoje essa igreja está tornada em officina de serrador, sabe Deos, que caminho terão levado os ossos do Horacio Lusitano.

CAPITULO V.

Diogo Bernardes.

Passar de Ferreira a Bernardes é descer alguns degraus na escalla do merecimento poetico, e sem embargo disso foi elle sempre Poeta mais popular, e mais conhecido do que Antonio Ferreira, de quem Bernardes se contentou sempre de ser havido por discipulo, de quem foi sempre amigo, consultando com elle os seus escriptos, e respeitando-o como mestre.

Os Biographos de Bernardes não só discordam uns com os outros, mas até consigo mesmos ácerca da sua patria, filiação, e data do seu nascimento.

O Abbade Barbosa no primeiro Tomo da sua Bibliotheca Lusitana diz, que foi natural da Villa de Ponte da Barca, e filho de Diogo Bernardes Pimenta, e de Anna Dias Pimenta, sua mulher, porém no Tomo quarto, da mesma obra, diz que seus Pais foram João Rodrigues de Araujo, e Catharina Bernardes Pimenta, e nem naquella, nem neste logar assigna a data do seu nascimento.

D. Antonio da Visitação Freire de Carvalho, Conego Regrante, e Director da Classe de Literatura da Academia Real das Sciencias de Lisboa, concordando com a segunda opinião de Barbosa, quanto á filiação do Poeta, affasta-se della quanto á patria, dando-o por nascido em Ponte de Lima, e por uma conjectura, que parece'aproximar-se muito á verdade, colloca a epocha do seu nascimento entre os annos 1530, e 1540, não podendo em caso algum exceder este ultimo anno, por que nelle nasceu Frei Agostinho da Cruz, que indubitavelmente era mais moço que seu irmão Diogo Bernardes.

Manoel de Faria e Sousa nos seus Comentarior ás obras de Camões, fallando de Diogo Bernardes no discurso, que segue a Ecloga VIII. tambem diz, que nascêra em Ponte de Lima. Apesar da authoridade de dous homens tão

eruditos; apesar de Barbosa haver abandonado parte da sua primeira opinião, eu com o Author do Agiologio Lusitano, a perfilho toda inteira, por uma razão, que me parece ponderosa.

O Padre José Caetano de Mesquita, Reitor que foi do Seminario Patriarchal de Santarem, e Prior da igreja de S. Lourenço de Lisboa, foi Editor das poesias de Frei Agostinho da Cruz, irmão de Diogo Bernardes, e diz na Biographia, com que acompanhou os Escriptos daquelle Poeta, que elle fôra filho de Diogo Bernardes Pimenta, e nascêra em Ponte da Barca, e esta assersão me parece decisiva não só por conhecer a Mesquita por homem instruido, e diligente, mas porque sei de sciencia certa, que elle para ordenar o seu opusculo examinára os registos dos conventos de S. José de Ribamar, e da Arrabida, que é natural que fossem exactos no que respeitava á filiação, e naturalidade daquelle Religioso.

Ponte da Barca é uma povoação, que fica a obra de meia legoa da Villa dos Arcos, ao Sul do Rio Lima, e nesta villa vivia Diogo Bernardes Pimenta, Cavalheiro de boa linhagem entre as da Provincia do Minho, e muito estimado dos seus patricios, pelas optimas qualidades, de que era adornado.

Este Diogo Bernardes houve de sua mulher D. Anna Dias Pimenta dous filhos, ambos Poetas, a saber, Diogo Bernardes, de que tractamos neste Capitulo; e Agostinho Pimenta, mais conhecido pelo nome de Frei Agostinho da Cruz, que tomou quando vestiu o habito de S. Francisco, de quem fallaremos adiante.

Nasceu pois Bernardes na Villa da Ponte da Barca, e é natural que a sua educação não fosse muito esmerada porque em seus escriptos se não descobrem vestigios de grande saber: houve porém da natureza bastante engenho, e muita propensão para a Poesia, a que deveu depois ser muito acceito na côrte, e honrado com a amizade dos melhores Poetas, que então florescia como Sá de Miranda, Caminha, Jeronymo Côrte Real, Antonio de Castilho, e o Doutor Antonio Ferreira, que valia mais do que todos elles.

Dizem que Diogo Bernardes concebêra o projecto de escrever a Historia Geral do Reino, porém disistiu des-

sa empresa, ou pela reconhecer muito superior ás suas forças, ou por falta de quem o animasse para isso, ou por outra razão, que não chegou ao nosso conhecimento.

Desejoso de augmentar os seus meios de subsistencia, que das suas obras consta que não eram muitos, e de exercer uma vida mais activa, tomou a resolução de acompanhar á côrte de Madrid, em qualidade de Secretario, o seu amigo, e protector Pero de Alcaçova Carneiro, que El-Rei D. Sebastião havia nomeado seu Embaixador junto de Filippe II.

É muito provavel, que uma côrte, a que presidia o tetrico, austero, e desconfiado Filippe II. fosse habitação não só pouco propria, mas sobre maneira desagradavel para um Poeta de temperamento alegre, e com a phantasia preocupada de quadros eroticos, e pastoris. Affeito aos costumes amenos de Portugal, á alegria tumultuosa dos Cortezãos de Lisboa, aos bailes, sarãos, momos, e mais divertimentos do nosso Paço, como se não acharia estranho entre os Aulicos taciturnos, que copiavam, e exaggeravam os modos de affectada devoção de um Monarcha sempre rodeiado de Frades, de Inquisidores, sempre meditando vinganças, e cujo rosto nunca se desfranzia? de um Monarcha, que á semilhança dos Soberanos Orientaes, raras vezes apparecia em público, e sómente para assistir a algum Auto da Fé, a algumas Procissões, e algumas festas de ingreja, que eram os seus unicos recreios, os seus unicos divertimentos?

O desterro de Thormes não podia ser mais desagradavel para Ovidio, costumado ás delicias, e aos prazeres da capital do mundo, do que para um Poeta do character do Cantor do Lima a habitação de Madrid, de Santo Ildefonso, e do Escorial, guardada pelo terror, a etiqueta, e o silencio, e sobre as quaes continuamente pairava a sombra ensanguentada do Principe D. Carlos derramando o medo, e a tristeza sobre todos os corações.

Parece com effeito que Diogo Bernardes não trouxe de Madrid nem saudades, nem recordações; pelo menos não transfloram ellas dos muitos versos, que nos deixou.

Tornando á patria continuou Diogo Bernardes cortejando as Musas, e a Fortuna, mas com differente resultado; as Musas o consolavam nos seus desgostos, e lhe grangeavam estima, e reputação; mas a Fortuna caprichosa, e ingrata, si ás vezes por demais lhe sorria, de pressa lhe voltava as costas.

Havendo El-Rei D. Sebastião sabido de sua minoridade, e tendo tomado posse do governo, começou a desenvolver-se o plano tenebroso, e traiçoeiro dos Jesuitas por quem se governava, que era conduzi-lo ao precipicio para assim sugar a Portugal á Hespanha.

Fanatisado por elles julgava o Monarcha moço, e inexperiente, que para subjugar toda a Africa bastava desembarcar em suas praias, e ameaçar a Mourisma com a sua espada. Despresando o conselho dos fidalgos velhos, encanecidos nos combates da Mauritania, que lhe representavam os perigos de semelhante expedição, e a insufficiencia das forças, que para ella aparelhara, só dava ouvidos aos Cortezãos da sua idade, que nunca tinham visto a guerra, ás rogativas do Xarife, que lhe prometia uma sublevação dos Mouros a seu favor, e ás promessas dos Jesuitas, que lhe asseguravam a victoria em nome do Ceo.

O Rei contava tanto com o bom exito da expedição, e a certeza do triumpho, que resolveu levar consigo um Poeta, que presenciasse as suas proezas, e as descantasse, e consignasse á posteridade em um Poema, digno do seu nome.

Parece que a escolha devia naturalmente recahir em Luiz de Camões, reconhecido por militar de grande esforço, versado na guerra com os barbaros, tanto na Africa, como na India, e, o que é mais, que acabava de publicar o seu Poema dos Lusíadas, que fôra recebido com os mais vivos applausos. Mas Luiz de Camões era aborrecido dos Jesuitas, e dos seus devotos, e o pobre Diogo Bernardes, que de todos os Poetas da epocha era talvez o menos proprio para aquella empreza, foi lembrado por aquelles padres, e por desgraça sua acceito, e acompanhou El-Rei naquella empreza mala Ventura, e tão funesta para o reino.

Ninguem ignora o lamentoso resultado da batalha, da

da nas margens do Mocazem, a quatro de Agosto de 1578, em que morreram trez reis, e se eclypsou a gloria de Portugal.

Naquella batalha combateu Diogo Bernardes com esforço verdadeiramente Portuguez, e nella ficou prisioneiro com muitos outros companheiros do seu valor, e dos seus infortunios.

Captivo de barbaros, pobre, e carregado de trabalhos póde bem fazer-se idéa, de qual seria a vida do Poeta entre aquelles povos barbaros, e despeitados com invasão tão recente, e o que é mais tão injusta, e não provocada.

Bernardes, que era devoto, e destituído da força d'alma, que nem sempre se une com a valentia militar, e que depende da philosophia, que elle não tinha, se consolava compondo grande quantidade de Poesias espirituaes, que apenas servem de nos dar idéa de seu abatimento de espirito, e dos trabalhos, que passava. Tal é uma Canção á Virgem, cujos terceiro, e quarto ramos sam os seguintes.

Oh Virgem das mais Sanctas a mais Sancta,
Do inconstante mar fiel Estrella,
Porta do Paraiso, estrada, e guia.
Volvei os olhos bellos, Virgem bella,
Vêde tanta tristeza, magoa tanta,
Quanto com magoa choro noite, e dia
Não me deixeis sumir, doce Maria,
Neste profundo pégo :
Porque Povo tão Cégo
Como se ri de mim de vós não ria,
E saiba que deixastes castigar-me
Por gran pecado meo,
E não por não poder do seo livrar-me.

Oh Virgem de humildade, e graça cheia,
Que converteis em riso o triste pranto,
Da triste, miseravel vida nossa.
Como vos cantarei alegre canto
Captivo, sem repouso em terra alheia,
Entre barbara gente imiga vossa ?
Desatai vós esta cadeia grossa,

Que meos erros sem fim,
 Forjaram contra mim,
 Porque solto por vós cantar-vos possa
 Nas ribeiras do Lima sem receio ;
 Oh Madre de Jesus,
 Não do turvo Lucus de sangue cheio.

O resto é da mesma força. Dirá alguém que estas regras de prosa, porque poucas ha entre ellas, que mereçam o nome de versos, não sam mais uma variante da Ladinha, que um canto lyrico sahido do espirito de um Poeta? Não estarão no mesmo caso os Sonetos ás Cinco Chagas do Redemptor escriptos neste gosto.

SONETO.

Que flores vos darei tão peregrinas,
 De tão suave cheiro, de taes côres,
 Que fiquem junto dellas baixas flores
 Os Lirios, as Violas, e as Boninas ?

Que rimas cantarei, que sejam dínas
 De receber em si vossos louvores,
 Oh hum só amor meo, oh cinco amores
 Oh chagas de Jesus, chagas divinas !

Em lugar destas flores, que não tenho,
 Em lugar destas rimas, que não canto,
 Hum puro amor vos dou, que dar-vos posso !

N'elle mui confiado a vós me venho,
 Que sei que pode amor comvosco tanto,
 Que destes por amor o sangue vosso.

.....
 Aquella dor immensa, que sentiram
 Comvosco os membros seus chagas serenas,
 Fazei que chore, e cante, escreva, e sinta.

Papel seja a minha alma, sejam pennas
 Os tres Cravos crueis, que vos abriram,
 Tinteiro o lado seja, o sangue tinta.

Será falta de intelligencia minha; mas ingenuamente confesso, que não posso descobrir nestes versos, já não digo elegancia, correcção, e poesia, mas nem se quer propriedade, decóro, e verdadeira compunção religiosa! A que vem aqui tantos contrapostos, tantas methaphoras, mal apropriadas, tantos conceitos esquisitos, *hum amor*, e *cinco amores*, *flores que não tenho*, *rymas que não canto* &c.? É semelhante affectação propria para tractar assumptos desta natureza?

Assim foi Bernardes entretendo o longo, e penoso tempo de seu captiveiro, longo por sua duração, e mais longo pela saudade, que devia ter das commodidades da patria, da conversação dos amigos, e parentes, e pelos ruins tractamentos, e trabalhos desacostumados, e zombarias, que necessariamente havia sofrer de um povo barbaro, naturalmente cruel, juntando-se a tudo isto a pouca esperanza, que a sua pobreza lhe dava, de ser em breve resgatado.

No entanto Filippe Segundo ajudado das armas do Duque d'Alba, das intrigas dos Jesuitas, do Clero, e da Nobreza, que por deligencias de D. Christovão de Moura, que distribuia por ella cédulas promissorias de grandes recompensas, havia conseguido assenhorear-se do Throno Portuguez, usurpado á Serenissima Casa de Bragança, a quem de direito pertencia, e desejando popularisar-se, tractou de remir o cadaver d'El-Rei D. Sebastião, seu sobrinho, e os Portuguezes captivos em Africa, e com elles voltou á patria o nosso Diogo Bernardes.

Passado o primeiro alyoroço de vêr-se livre de ferros, e no meio dos seus patricios, e amigos, sentiu Bernardes bater-lhe á porta a mão ferrenha da necessidade. Pobre, e arruinado de saude, pelo muito, que padecêra no captiveiro, que al podia elle fazer, que recorrer á beneficencia, e protecção dos amigos, e fidalgos, que n'outro tempo o festejavam, acolhiam, e louvavam os seus talentos? Mas os amigos depreça se cançam, e os grandes, prodigos de boas palavras, raras vezes se tornam em effectivos proctetores do homem de engenho, que a elles recorre na indigencia.

Da Ecloga XVI. só deprehendo que Diogo Bernardes recorreu a dous homens mui poderosos naquelle tempo,

Francisco de Sá, e D. Christovão de Moura, a fim de alcançar um emprego em recompensa dos seus serviços.

BICITO.

Huma couza de ti saber queria,
Ou muitas, si tu mais vagar tiveras,
Mas deixemos das mais a demasia.

Quaes são esses amigos, em que esperas
De tornar desta vez avantajado
Correndo novos Mundos, novas eras?

BIEGO.

Sam dois, e para mais hir confiado,
Hum tem de Christo o nome, outro daquelle
Que foi das suas chagas assignado.

Ambos tanto favor alcansam delle,
Que comtarte não posso os seos louvores
Por mais que nisso cance, e me desvelle.

Ambos sam hum refugio dos Pastores,
Ambos por amar todos sam amados,
Dos grandes, dos meãos, e dos menores.

Ambos por serem nisso doutrinados
Repartem a cada um como merece
O passo no bom campo, ou nos montados.

Amor, nem desamor, nem interesse
Os torce dos caminhos da verdade,
A justiça, a razão nelles florece.

Ambos esteios sam da nossa edade
Trabalhosa por certo, ambos espelho
Da sãa prudencia amigos da bondade.

Usam do mando seu com tal conselho
Que quem os nunca vio, os louva, e ama,
Pois que fará um seo amigo velho?

Emfim que destes dois bem tem a Fama
Que contar por mil bocas annos mil,
Que por tantas se diz, que a voz derrama.

BICITO.

Lembra-me que por Março, e por Abril
Já desses dois Pastores me contaste
Encerando de novo o Arrabil.

Que posto que quem sam não declaraste,
 Seo nome vai yóando pelo Mundo.
 Sem do tempo temer nenhum contraste.
 O primeiro, olha tu si bem me fundo,
 De Christo ser Christovão se deriva,
 Por certo que Francisco he o segundo.

BIEGO.

Bofé, que tens mui gran maginativa,
 Hum nome tem, tem hum por sobrenome
 Moura, tem outro Sá de casta altiva.
 Qualquer pois destes dois que a cargo tome
 Pinchar-me na piscina, como espero,
 Tu me verás bem são do mal da Fome.

Bernardes tinha razão de esperar-se na protecção de taes dous homens; então de grande valia em Portugal, e com especialidade na de D. Christovão de Moura, que como grande Privado do Usurpador podia tudo; mas sem embargo disso o nosso Poeta houve de contentar-se com o officio de *Moço da Toalha*, que exerceu durante todo o tempo da governança do Cardeal Alberto, Vice-Rei de Portugal por Filippe II.

Creio que foi neste tempo que Bernardes mudou de estado, casando com uma senhora de distinta extracção, mas de que a Historia nos não transmetiu o nome; mas é certo que destrahido por este casamento abandonou por algum tempo o culto das Musas, como elle proprio assevera na Carta XXIV. a D. Manoel Coutinho.

Passou aquelle tempo, em que sohia
 Cantar versos alegres, e suaves
 Junto do Patrio Lima á sombra fria.
 Carregaram em mim cuidados graves,
 Depois que me entreguei ao Hymeneo,
 Que fecha a Liberdade com mil chaves.
 Ando das brandas Musas tão alheo
 Tão longe da Hyppocrene, e do Parnaso
 Tão sumido nas agoas do Letheo.
 Que tenho pouco gosto, e menos aso
 Para poder formar hum culto verso,
 Si não sahe da penna algum acaso.

Que os ultimos annos da sua vida se passaram no meio das privações, e da pobreza, é factó, de que não póde duvidar-se á vista das suas obras, em que solta repetidos queixumes contra a sua sorte; basta citar o seguinte trecho da Carta ao Marquez de Castel-Rodrigo, D. Christovão de Moura.

A muito não se estende o meo dezejo;
 Não presumo de mim que em vaso estreito
 Recolher possa o Douro, o Lima, o Tejo,
 Só a podêr viver tenho respeito;
 Antes que em mór miseria a vida caia,
 Com pouco fica o Pobre satisfeito.

.....
 Descuido, ou maior falta inda seria
 Faltar-me em regia caza pão, e panno
 Como quando servi em Berberia.

.....
 Fazei conta, Senhor, que El-Rey me empresta,
 A mercê, que por vós, d'elle pertendo,
 Por que de vida já pouco me resta.

Semilhantes queixumes foram em diversos tempos repetidos por grandes Poetas, e com exito igualmente infructuoso, Camões, Santos e Silva, Bocage, e muitos outros pereceram de miseria no meio de uma nação desprezadora das Artes, e que em tantos seculos de duração inda não teve uma epocha notavel pela protecção das Letras, e auxilio dos seus cultores. Vêja-se tambem a Carta XXVII. a D. Gonçalo Coutinho, a que dirigiu ao Licenciado João Pimenta seu sobrinho, a Jorge Baccarrau, e finalmente todas as que escreveu aos seus amigos intimos, nas quaes se não cança de pintar energicamente a differença dos ultimos tempos da sua vida, comparados áquelles, que os haviam precedido; e com tudo Bernardes tinha serviços, que alégar como soldado, pois combatêra valorosamente, e derramára seu sangue na batalha de Alcaçer Quibir, e gemêra por alguns annos na escravidão dos Barbaros.

Da Carta XXX. a Gaspar de Sousa, sobrinho de D. Christovão de Moura, se conhece que Diogo Bernardes havia formado o projecto de colligir, e publicar as poe-

sias dos seus contemporaneos, que vagavam dispersas, e ineditas por mãos de alguns curiosos.

Si vêjo, como espero, responder-me
De maneira que possa a mais quieto
Com as Musas em ocio recolher-me.

De juntar os bons versos vos prometto
Dos Poetas insignes Lusitanos,
Approvados por Phebo em seo Decreto.

Deve ser objecto de grande magoa para os amadores da gloria Literaria deste reino, que Bernardes por falta de protecção não podesse desempenhar este projecto, visto que taes poesias eram nada menos que as de Sá de Miranda, Camões, Ferreira, Caminha, Antonio de Castilho, e muitos outros, cujos escriptos pela maior parte se perderam, ou se imprimiram posthumas muito tempo depois, e Deos sabe com quantas faltas, e alterações, que as deturpam, e desfiguram.

Illudido pelas promessas dos Grandes, rodeiado de desgostos, e de privações, e atido quasi aos restos do escasso patrimonio, que herdára de seu Pai, entregue ao cultivo das Letras, e ás praticas de devoção, ultimo conso-lo, e refugio dos desgraçados, quando o seu coração se comprime, e murcha na desventura, passou Diogo Bernardes o derradeiro periodo da sua existencia, até que a morte veio cobrar d'elle o feudo irrimissivel, em Lisboa, em 1596, e foi sepultado na igreja de Santa Anna, então Freguezia, em jazigo proximo áquelle em que Luiz de Camões jazia desde o anno de 1579.

As poesias de Diogo Bernardes não foram publicadas por elle, á excepção do *Lima*, que sahio á luz no mesmo anno do seu fallecimento, impresso em Lisboa, formato de quarto; e esta circumstancia pôde ser sufficiente desculpa da falta de boa classificação, e das muitas negligencias, que se encontram em quatro volumes publicados por Editores, em diferentes annos, a saber

Rimas varias, Flores do Lima. — Lisboa, 1597, em 8.º

Rimas Portuguezas, e Castelhanas. — Lisboa, 1601, 8.º

Varias Rimas ao Bom Jesus. — Lisboa, 1616, 8.º

Rimas Devotas. — Lisboa, 1622, 8.º

Não foram porém só estas as obras, que Diogo Bernardes deixou. Em um Cancioneiro, que se conservava na livraria do Cardeal de Sousa, em manuscrito, e que se consumiu no incendio subsequente ao Terramoto de 1755, existiam de Bernardes cento e dezeseis Sonetos, vinte e seis Eclogas, cinco Cartas, quatro Canções, e uma Ode, que Diogo Barbosa Machado, na sua Bibliotheca Lusitana, afirma ter elle proprio visto, e examinado.

As poesias de Bernardes, que possuímos impressas, consistem em Sonetos, Canções, Eclogas, Epistolas, Elegias, Epigrammas, Cantigas, Vilancetes, Sextinas, Voltas e outras Trovas no gosto da antiga poesia nacional. Parte destas obras sam escriptas em lingua Castelhana, parte espirituaes, e parte profanas.

De todas estas poesias as peiores sam sem dúvida as de devoção, os Poetas Portuguezes, e com especialidade os antigos, raras vzes encontram o lado poetico do Christianismo, e por isso as suas poesias sacras não passam de orações em verso, antiphonas, jaculatorias, e respostas, escriptas em estylo prosaico, e quasi sem sabor de poesia.

Para maior desgraça, Bernardes escreveu estas poesias, ou no meio do desalento, e oppressão de espirito, provenientes do seu captiveiro em Berberia, ou nos seus ultimos annos, quando com as forças se lhe ia tambem esmorecendo o estro, e já se vê, que estas duas circumstancias não podiam ser favoraveis para a perfeição destas composições. Bernardes contenta-se de recordar a graça inexaurivel do Redemptor, a sua misericordia, o muito que o peccador deve affligir-se pelo haver offendido, o medo das penas eternas, e outros semelhantes topicos, que ainda que se revistam de phrases poeticas, não podem arrebatat a imaginação, e eleva-la ás regiões do sublime.

Com esta poesia de Cartilha junta Bernardes, em alguns Sonetos á Virgem, certa tinctura de amor romantico, que dá bastantes visos de puerilidade, tal é o seguinte

SONETO.

Oh Virgem bella, e branda, quem já vira
 Este coração meu tão inflamado
 Em vosso doce amor, que outro cuidado
 Outro querer em si não consentira !

Oh quem azas me dera que subira,
 Das afflicções humanas desatado,
 A tão seguro, e venturoso estado
 Onde em vão não se chora, nem suspira.

Em tanto como pode dezejar-vos
 Sem culpa, quem reparte o seo dezejo
 Tudo devido a vós sem faltar nada.

Tal vos vêjo, Senhora, e tal me vêjo,
 Que sei de mim que não mereço amar-vos,
 Merecendo vós só de ser amada.

Se algum Editor de Bernardes imprimindo este Soneto substituisse no principio do primeiro verso a palavra *Virgem* pelo nome de *Nise*, ou de *Laura* estou certo de que nenhum Leitor suspeitaria que estava lêndo um Soneto espirital.

Peior acontece ainda quando os sentimentos de Bernardes se exprimem nas trovas do antigo estylo, é então, que os seus pensamentos se tornam mais pueris, e a sua expressão mais prosaica como acontece nestas can-tiguinhas de cêgo dirigidas á sua alma.

Alma minha, oh alma
 De ti esquecida,
 Por que dás á vida
 De ti mesma a palma !

Ella te maltrata,
 Tu traz ella corres,
 Por que tanto morres
 Pelo que te mata ?.

Quanto só deseja
 Quanto se procura,
 Dou-lhe que se vêja,
 Que vale o que dura ?

Não sei d'onde vem
 Desconcerto tal,
 Trocar certo bem
 Por mui certo mal.

Será isto poesia ? Serão isto versos, que mereçam tal nome ?

Entre estas obras devotas ha trez Poemas em oitavas ryma *As Lagrimas de S. Pedro, As Lagrimas de S. João Evangelista, e Santa Ursula*. Nos dous primeiros ha muita affectação, conceitos, torcadilhos, mas nada que tenha sabor de poesia : para se julgar do modo por que sam escriptas citarei as seguintes Estanças das Lagrimas de S. João, que assim mesmo valem mais, que as de S. Pedro.

Mas já que a minha dôr não pôde tanto,
 Oh amor da minha alma, oh meu Senhor,
 Que rompa desta vida o carnal manto,
 Como não morro eu de puro amor !
 Disto corrido estou, disto me espanto,
 Inda que de crêr he, meo Redemptor,
 Que com amor penando me detendes,
 Por que mereça, amando, o que me tendes.

Com tudo nesta triste despedida
 A vida, que de vós, Senhor, se parte,
 Leva comsigo o bem da minha vida,
 E de minha alma leva a melhor parte,
 A qual anda comvosco tão unida,
 Que vos seguirá sempre em toda a parte,
 Que não pôde appartar tempo, nem morte
 O que juntou amor muito mais forte.

Os Pais destes crueis, des que sahiram
 Da dura sugeição d'Egypticianos,
 Falta, por mercê vossa, não sentiram

Duraram-lhe os vestidos quarenta annos,
 E dos vossos os filhos vos despiram,
 Si filhos estes sam de Homens humanos,
 Nessa Cruz vos pregaram nú, e pobre,
 Huma toalha nella só vos cobre.

Corrido de um oprobrio tão esquivo,
 Esconde o claro Sol seos raios de ouro,
 A Terra, sem ter mais outro motivo,
 Treme, o Leão urra, e brama o Touro;
 E eu que vivo em vós, e em mim não vivo,
 Morrendo vós assim, como não morro?
 Que maravilha é esta tão estranha?
 Que vida sem a minha me acompanha?

A' vista destas Estanças, forçoso é confessar, que o estylo de Frei Jeronymo Vahia, e de Antonio da Fonseca Soares, é muito mais antigo do que se pensa; a differença está só em que estes dous Poetas nunca versificaram tão prosaicamente.

O Poema de Santa Ursula é na verdade producção de outra ordem, e merito poetico, posto que não seja um modêlo do genero; porém Manoel de Faria e Sousa intentou por elle a Diogo Bernardes um processo de pelagiato, accusando-o de o haver roubado a Camões, cujo era, dando-o por seu, com pequenas alterações para peor. E pretendeu provar o facto com grande apparatus de razões.

Esta opinião foi perfilhada pelo meu amigo José Victorino Barreto Feio, na edição das obras de Camões, que publicou em Hamburgo, e que é a melhor, que se tem feito até ao presente. Não posso deixar de accommodar-me com o parecer destes eruditos, porque vêjo que o Poema de Santa Ursula, pelo estylo, e pela versificação é muito superior a quanto podia esperar-se de Diogo Bernardes. Voltaremos ao assumpto quando se tractar das Eclogas.

Bernardes me parece muito mais feliz nas Elegias, do que nas Canções, nos Sonetos, e outras poesias lyricas. Entre ellas creio que se deve distinguir a seguinte, composta em Berberia, para desaffogar as saudades da patria, e deplorar a malaventurada expedição de Alcacer,

motivo do seu captiveiro. Esta Elegia é um Poema quasi perfeito no seu genero.

ELEGIA.

Sobre hum alto rochedo em Berberia
O sem ventura Alcido se sentava,
Quando o cruel Senhor lho concedia.

Ali seo fraco corpo repousava,
O trabalho do seo cansado espirito
Naquelle vão repouzo se dobrava.

Em suspiros emvolto, choro, e grito,
Soltava pelos ares estrangeiros
O mal, que na sua alma estava escrito.

A vista dos fructiferos outeiros,
Dos cristallinos Lagos, e das Fontes
Fazia de seos olhos dois Ribeiros.

Lembravam-lhe outros valles, outros montes,
Outras agoas mais claras, outros Rios,
Outros mais affastados horisontes.

Lembravam-lhe outros bosques mais sombrios,
Verdes no frio inverno, e abrigados,
E quando o Sol mais arde então mais frios.

Lembravam-lhe outros mais floridos prados,
Outros ares mais leves, mais suaves,
A' vida humana mais accomodados.

Lembravam-lhe outras feras, outras Aves,
Outras hervas, e flores, outras plantas,
E outros pensamentos menos graves.

Emfim que suas magoas heram tantas
Quantas naquella parte as causas heram,
Que de muitas não posso dizer quantas.

Hum dia, que mais largo espaço deram
Os vis trabalhos seos, a seos queixumes
Os echos com som novo responderam.

Os asperos, incultos, altos cumes,
Não de nocivas Feras habitados,
Mas de gente de mais feros costumes.

E os valles, inda apenas cultivados,
Mostravam desusado sentimento
Os accentos ouvindo desusados.

- “ Si lá, onde amor leva o pensamento,
 “ Tristes suspiros, (disse) vos levasse
 “ Algum não amoroso, e brando vento,
 “ Não sinto, coração, que vos negasse
 “ Amor, e Saudade, o que comigo,
 “ Inda que de tão longe, não chorasse.
 “ Mas este alpestre monte, duro imigo,
 “ Ondé ninguem de mim se move á magoa,
 “ O vento não vos quer levar comsigo.
 “ Pelas concavidades desta fragoa,
 “ Sereis confusamente repetidos,
 “ Em quanto a dôr tirar dos olhos agoa.
 “ Quantos longe daqui tenho perdidos
 “ Foram, inda que tristes, venturosos,
 “ Por serem, quando menos, entendidos.
 “ Nos antros d’outros montes cavernosos
 “ Em peitos, onde nunca entrou brandura,
 “ Moveram mil affectos amorosos.
 “ Ah vida no melhor menos segura !
 “ Quem podia cuidar quando cantava,
 “ De Silvia a peregrina formosura,
 “ Quando da prisão d’alma me queixava,
 “ Que já divina mão cá nesta parte
 “ Estes pesados ferros me forjava.
 “ Mas pouca rasão tenho de culparte,
 “ Porque, sendo de Phebo, e de Cupido,
 “ Hum, e outro deixei por seguir Marte.
 “ Não choro quanto a mim vêr-me perdido ;
 “ Choro que vi perder em breve espaço
 “ Hum Rey tão belicoso, e tão temido.
 “ Na ventura lhe foi o Ceo escasso,
 “ Tanto quanto em esforço liberal
 “ O que bem nos mostrou seo forte braço.
 “ Que nunca Scipião, nunca Annibal
 “ Fizeram nos imigos tal estrago,
 “ Mas emfim contra mil hum só que val ?
 “ Vendo a Morte que dava justo pago,
 “ A quem chegar-lhe perto não recêa,
 “ Emviou-lhe de largo o mortal trago.

- " Cahio na rubicunda, e ardente arca
 " O Lusitano Rey, e a lingoa fria
 " Deu o final suspiro em terra alhêa.
 " Vai-te, animoso espirito á companhia
 " D'outros mil, que por ti no Ceo esperam,
 " Vai-te á vida melhor, a melhor dia.
 " As azas, que, da Fama, se estenderam,
 " Teu nome espalharão pelo universo,
 " Como teus pensamentos pertenderam.
 " Eu triste, e só nos montes que converso,
 " Em quanto me durar a vida breve,
 " A ti darei meo pranto, a ti meo verso.
 " E não aliviará o tempo leve
 " A pezada tristeza, em que me véjo,
 " Que si póde ser mór, mór se te deve.
 " Ai triste Rio Lima, ai triste Téjo,
 " Quem vos tivera dentro do meo peito,
 " Para poder chorar quanto dezejo!
 " Que posto que me tem a magoa feito
 " De lagrimas amargas viva fonte,
 " Mais lagrimas me pede tal sujeito.
 " E tu, pues só me escutas, duro monte,
 " Si brando espirito algum dentro em ti mora,
 " Em pallida converte a verde fronte.
 " Ai triste Lusitania, triste chora,
 " Que nunca para choro eterno, e triste,
 " Tanta causa tiveste como agora.
 " Aquelle, que com lagrimas pediste,
 " Quando tão duramente a tenra vida
 " Do Principe seo Pay cortada viste.
 " Agora nesta sua despedida
 " De lagrimas te quiz deixar herdeira,
 " Ou inda a peor mal offerecida.
 " Mas o Ceo o permita de maneira
 " Que do teu rico sceptro Soberano
 " Se conserve a potencia sempre inteira.
 " Ah jornada infelice! ah cégo engano!
 " Deixar tão rica terra, hir a desterrros
 " Por livrar de hum Tyrano, outro Tyrano.
 " Ambos imigos nossos, ambos Perros

- “ Ambos despresadores da Cruz Santa,
 “ Ambos tinham hum culto, ambos mil erros.
 “ Quem poem os olhos nisto não se espanta,
 “ De permitir o Ceo castigo tanto
 “ A descuido tamanho, a culpa tanta.
 “ Dia cheio de dôr, cheio de espanto,
 “ Em quanto o Ceo der luz, verdura os prados
 “ Celebrado serás com triste pranto.
 “ Morrestes, Cavalleiros esforçados,
 “ Daquella multidão de bruta gente
 “ Vencidos não, mas de vencer cansados.

Este terceto vale uma Elegia! É uma grande idéa expressada com força, e mesmo com sublimidade.

- “ Soará vossa fama eternamente
 “ Da callida Ethiopia ao Norte frio,
 “ E donde o Sol nos nasce athe Poente.
 “ O mar não tomará corrente Rio,
 “ Que de choro não tenha o vaso chéu,
 “ Sendo do Lusitano Senhorio.
 “ Detem-te em seo materno tenro seo
 “ As flores, e as rosas encerradas
 “ Com dôr de quanto mal ás Nymphas véo.
 “ As que sam a Diana dedicadas
 “ E as que de Juno guardam os preceitos
 “ De cá as véjo andar como pasmadas.
 “ Ferem com branca mão os ternos peitos,
 “ Descompoem suas transas de ouro fino,
 “ Seus olhos em mil lagrimas desfeitos.
 “ Rompem o Ceo sereno, e cristalino
 “ Os suspiros mortaes, que a Saudade
 “ Arranca de sua alma de continuo.
 “ O Filho, que perdeo na tenra idade,
 “ A magoada mãe suspira, e chama,
 “ Movendo tudo em vão á piedade.
 “ Por seo amado Pay magoas derrama
 “ A innocente Moça em cuja vida
 “ A sua consistia, e honra, e fama.

Magoas derrama não o diria de certo Ferreira, destas e de outras incorrecções, que frequentemente se encon-

tram em Bernardes, o exhortava elle para que se emendasse.

- “ E tu do teu amor já desunida,
- “ Oh tristissima Espoza, como, e quando
- “ A ti mesmo serás restituída ?
- “ O teu Espírito triste vai vôando
- “ Apóz do que se vai do Espozo caro
- “ Do corpo, que frio deixa, descuidando.
- “ O Sol, que nunca foi de luz avaro,
- “ Porque se vê de vós aborrecido,
- “ Não amanhece já formoso, e claro.
- “ O Téjo chora o seo valor perdido,
- “ O doce cristal seo corrente, e puro
- “ Em turvo, e amargoso, convertido.
- “ Ah vida, onde não ha gosto seguro,
- “ Quem menos de ti foge entendê menos
- “ Quam pouco claro tens, e quanto escuro !
- “ Muito mais tempo duram nos amenos,
- “ E solitarios vales crespas flores,
- “ Do que duram em ti dias serenos.
- “ Em fonte de miseria, mar de dôres,
- “ Abismo de tristezas, e cuidados ;
- “ A quem dás mais de ti dás penas môres.
- “ Mas sinto roucos já, sinto cansados
- “ Os Echos de me ouvir, e responder
- “ Com meos accentos tristes, magoados.
- “ E vêjo, o que fará por me não vér ?
- “ Que vai transpondo aquellas altas fragoas
- “ O Sol pera nas ondas se esconder.

O Poeta queria, e devia dizer *fragas*, e não *fragoas*, que é cousa, como todos sabem, mui differente, mas precisava de um consoante para *magoadas*, e *agoas*, e alterou assim aquelle vocabulo para valer-se em tanta necessidade.

*Fuerza del consonante a quanto obligas !
Haces que sean blancas las hormigas !*

- “ O que me fórça a dar já tregoa ás magoadas,
- “ Tornando á prisão dura, antes que Phebo
- “ De todo apague sua luz nas agoas.

- " Forçado tornarei onda concebido
 " De novo novas queixas, novos gritos,
 " Onde com pão de dôr lagrimas bebo.
 " Por isso, felicissimos Espritos,
 " Em cuja vida, vida, e gosto tinha,
 " Vos deixo para mais altos Escriptos.
 " Mas porque não se acabe tão asinha
 " Esta alegria triste, sem ventura,
 " Mais sem ventura, e triste por ser minha.
 " Primeiro que se cerre a noite escura
 " Escripção a deixarei, antes cortada
 " Com duro ferro nesta rocha dura.
 " Que pois não tem firmeza o tempo em nada,
 " Metido em tão cruel, e estranha Terra
 " Da minha natural tão appartada.
 " Aqui pôde trazer quem desta Serra
 " A leve á Lusitania vencedor,
 " De outra mais pera nós felice guerra.
 " Onde com magoa tal com tal amor
 " De tantos, tristes olhos será lida,
 " Que baste a renovar tamanha dôr,
 " Si já tamanha dôr fôr esquecida.

A Elegia V. emparelha com esta no merito do estylo, elle é superior pelos diversos movimentos patheticos, de que está cheia. Ora o Poeta lamenta o captiveiro em que se acha, ora lamenta o sangue portuguez inutilmente derramado naquelles arcaes barbaros, ora deplora a morte d'El-Rei, ora rompe em invectivas contra quem lisongeando a sua ambição juvenil, o conduzio á aquelles perigos tendo conhecimento delles, ora em um transporte sublime apostropha as sombras dos companheiros, que combateram, e morreram valorosamente a seu lado, e inveja a fortuna que tiveram, em não ficar como elle prisioneiros dos Barbaros, e finalmente arroja seu pensamento aavez dos desertos, e dos mares, e contempla nellé as lindas margens do rio Lima, onde nasceu, que tanto celebrou nos seus versos, e porque suspira saudoso, e que tanto deseja tornar a vêr, restituído á liberdade: não posso resistir á tentação de transcreve-la aqui para credito do Poeta, e para que os Leitores

vêjam a altura, a que havia subido; em alguns generos, a poesia portugueza neste século.

ELEGIA.

Eu, que livre cantei ao som das agoas
Do saudoso, brando, e claro Lima,
Ora gostos d'amor, outr'ora magoas,
Agora ao som do ferro, que lastima
O descoberto pé, choro captivo
Onde choro não val, ou amor se estima.

Cuido que me deixou a morte vivo
Vendo que não chegou ao tormento
A tormento tamanho, e tão esquivo.

Acabando co' a vida o sentimento
Ficará escondido, oh dia triste,
Nas agoas do turvado esquecimento.

Oh Sol, como tua luz não encobriste
Quando do Real sangue Lusitano,
As hervas, que secaste, humidas viste.

Que Libico Leão, que Tigre Hircano
Negar á desusada piedade,
A lastima tamanha, a tanto dano?

Não te valeo, oh Rey, a tenra idade,
Não te valeo esforço, nem destreza,
Não te valeo suprema Magestade.

Das armas a provada fortaleza
Poderosa não foi pera guardar-te
Da mão de fogo armada de cruza.

Conjurou contra ti o fero Marte,
Vendo que sua fama escurecias,
Si vencedor ficavas desta parte.

Acabou, juntamente com teus dias,
Do Lusitano Reyno a segurança,
Que tu estender tanto pretendias.

Dos teus na tua incerta confiança
Qual se desenganou, se não do Imigo
O pelouro mortal, o alfange, a lansa?

Cobriam com teu gosto o teu perigo
Estando teu perigo já tão claro,
A fim de não valer menos contigo.

Os Cortezãos não fallam verdade aos Reis, porque os Reis não gostam de ouvi-la quando se oppõem ás suas idéas, e aos seus desejos, então perferem engana-los, li-songeando-os, a cahir no seu desagrado, e perder o valimento, com damno seu, e sem proveito de ninguem.

Fosse quem quer que fosse, oh Peito avaro,
A tua pertensão, em ar desfeita,
Bem fôra que a ti só custasse caro.

Diante do Juiz que não acceita
Ser nas palavras hum, outro no peito
Darás, si já não deste, conta estreita.

Esquecido do justo, e do respeito,
Deixastes cometer á sorte leve
O proveito commum por teu respeito.

Do innocente Abel exclamar deve
O sangue, em terra imiga derramado,
Contra quem lhe encartou vjda tão breve.

Si fôras com bom zelo aconselhado
Não vieras com poucos buscar tantos,
Oh Rey, por nosso mal, tão esforçado.

Não sei, ainda que o suspeito, quem é a pessoa a quem Diogo Bernardes alude nestes versos; mas todo o mundo sabe, que não foi por falta de ser *com bom zelo aconselhado* que D. Sebastião foi enterrar em Africa a si, a gloria, e a independencia do reino. Não faltou quem lhe representasse os perigos, a que ia expôr-se, na impolitica expedição, que meditava. Todos os fidalgos velhos, e versados nas guerras da Mourisma lhe fallaram com verdade, e franqueza no Conselho de Estado, mas elle fanatisado pelos Jesuitas, que machinavam sua perda, desatendeu as suas discretas razões, e só deu assenso ás bravatas dos fidalgos moços, que nunca tinham visto a guerra, e se julgavam capazes, e bastantes para contrastar com o mundo inteiro; a sua fé nos Padres da Companhia, que lhe prophetisavam a victoria, o cegava a ponto, que um dia que o Duque d'Alba, D. Fernando de Toledo, a quem os mesmos, que o creminam da barbaridade, com que assolou os Paizes Baixos, não negam a gloria do major General do seu tempo, e cujo voto, em cousas de guerra, de-

via merecer toda a attenção, o dissuadiá do commettimento, que projectava, demonstrando-lhe a insufficiencia dos meios, de que podia dispôr para ella; elle o interrompeo no meio do seu affazoado perguntando-lhe, em ar de zombaria, « *Duque, de que côr é o medo? — Da prudencia, Senhor,* » respondeu o austero Veterano, e logo deu por trabalho vão o querer dissuadir da sua empreza temeraria um Principe que não ouvia conselhos, nem attendia raciocinios.

Oh cêgo entendimento! em vez de quantos
Tropheos, nesta empreza prometeste
Que vimos senão mortes, senão prantos?

Não só prodigamente enriqueceste
Com despojos reaes o pobre Mouro,
Mas inda nossa fama escureceste.

Os que pertendem palmas, e os que louros
Na batalha cruel, feia, e sanguenta,
Com ferro se guardecem, não com ouro.

A vista do que tanto nos contenta
A pérola, e a pedra reluzente
As forças dos Imigos accrescenta.

A riqueza vencida no Oriente
Veio, n'hum dia só, por varia sorte
A vencer cá a vencedora Gente.

Cahio o fraco ali junto do forte,
Não houve d'alto a baixo differença,
A todos igualou a dura morte.

Logo como do Ceo teve licença,
Sem esperar mais termo natural,
Cumprio a cada hum sua sentença.

Oh illustre valor de Portugal,
Quem podia cuidar perda tamanha?
A quem não abrangéo tamanho mal?

No gran campo que o turvo Lucos banha
O ar vos deixam só por cobertura!
Que não vos quiz cobrir a terra estranha,

E ainda por ser môr a desventura,
As Feras com as Aves carnicieiras
Vos deram em seus ventres sepultura.

Mas vós, Espritos puros, nas Cadeiras

Da gloria merecida, a que subistes
Dá-vos pouco das honras derradeiras.

Não tendes que temer successos tristes.
A que vos obrigava a humana ley,
Estando na prisão, de que sabistes.

Oh amigos, com quem me aventurei,
Com quem fui, sem ventura, aventureiro,
Sempre, pois vos perdi, triste serei.

Sendo no fero assalto companheiro,
A vós pôz-vos no Ceo o fim da guerra,
A mim em miseravel captiveiro.

Bem vêdes qual o passo nesta Serra;
Inda que não é justo que vejaes
Terra, que vos negou tão pouca terra.

Terra, que quanto nella choro mais,
Tanto mais com meo choro se endurece
E menos move a dôr seus naturaes.

Tudo o que nella vejo me emristeca,
Triste me deixa o Sol em trasmontando,
Triste me torna a vêr quando amanhece.

Sempre com humor triste estou banhando
O pé deste soberbo alto Rochedo,
Que minha dôr está acrescentando.

Dôr tenho de o vêr sempre estar quedo,
De vêr correr as agoas tenho inveja,
Porque podem no mar entrar mais cedo.

E porque minha dôr muito môr seja,
A vista me detem daquella banda,
Que tanto esta alma triste vêr deseja.

Com suspiros, que lá continuo manda,
N'outra parte abrandára bravas Feras,
Aqui peitos humanos não abranda.

Ah desventura minha, se quizeras
Já desviar de mim tua crueldade,
Na terra onde nasci morte me dexas.

Não entre fera gente, em tal idade,
Que sem afronta minha me obrigava
A viver em socogo, e liberdade.

A Patria, a quem devido louvor dava
Por ti me foi contraria, e odiosa,
Tanto que della já me desterrava.

Mas nunca deixará de ser formosa
 No meo atribulado pensamento
 A ribeira do Lima saudosa.

Não causará em mim esquecimento,
 Inda que tem virtude de esquecer,
 O teu brando, e suave movimento.

E si, por dom do Ceo, tornar a vér
 A sua verde relva, a branca arêa
 Livre, que lèdo já não pôde ser.

Da batalha cruel, da morte fêa
 Darei em triste carne larga copia,
 Chorando com tal dôr a dôr alhêa,
 Como captivo choro a minha propria.

Nas Elegias de amores, ou eroticas, encontram-se com frequencia excellentes trechos, taes sam estes da segunda Elegia das Rymas Varias.

Agora, que Mavorte está movendo
 Os brandos corações á dura guerra,
 Iroso fogo nelles accendendo,

Agora, que de Jano se não cerra
 O Templo á santa Paz offerecido,
 Estimado no Ceo, pouco na Terra,

Agora, que Neptuno embravecido
 Por mais soberbas ondas, que levante,
 Navegado se vê, e não temido,

Agora manda Amor, Silvia, que cante
 A tua peregrina formosura,
 Que della tema só, que só me espante.

Nesta verde, e solitaria espessura
 Onde não sôa estrondo bellicoso
 Do tiro, que não pára em armadura.

Onde com dôr não vêja o cobiçoso
 Vender a cara vida tão barata
 Por ser d'ouro, e de fama cubiçoso.

Onde nunca se cuida, nem si trata
 Sinão de forças, roubos, cruéis mortês,
 Onde a divina ley se desacata.

Onde temendo estam the peitos fortes
 Ouvindo o som, que ao fero assatto chama,
 Receosos então de suas sortes.

Onde o ferro, onde o fogo se derrama
 Por campos, e por Villas, e Cidades,
 Das quaes apenas fica o nome, e a fama.

Onde não véja em fim mil crueldades
 Usadas dos que vam seguindo Marte,
 Em todo o sexo, em todas as edades.

Mas véja em logar disto a fresca parte
 Que vai regando o Lima claro, e puro,
 Saudoso da fonte, d'onde parte;

Onde logre do bosque verde, e puro
 A sombra fresca, a fria herva miuda,
 Onde dorme o Pastor livre, e seguro.

E delle ouvindo esté a flauta agudá
 Namorada porém, cujo som brando
 Ora a cantar, ora a chorar me ajuda.

Mas que direi de ti, Silvia, cantando,
 Formosissima Silvia, que direi,
 Que vá meo canto a teu valor chegando?

Onde palavras novas acharei,
 Onde estilo, que possa saber tanto?
 Cante por mim Amor, pois eu não sei.

.....
 Os teus olhos d'Amor tiros dourados,
 Cuja doce ferida me consume,
 Como poderão ser de mim cantados?

.....
 As Flores pera ti mais cedo crescem
 As agoas em te vendo correm brandas,
 Os dias mais formosos amanhecem.

Si tu nos prados, si nos bosques andas,
 Ali nunca falesce a Primavera,
 Ali toda a aspereza logo abrandas.

As arvores ali cingidas de Hera,
 Convidão a cantar mais docemente,
 Quem fiar do Cunhado não devera.

D'ali, ou onde quer que estés presente,
 Toda a dôr e toda a magôa se desvia,
 Todo o goso da vida ali se sente.

Ou estes extrahidos da Elegia III. do mesmo volume.

Busquei remedios mil, busquei enganos,
Para encobrir meo mal, tendo respeito
A não vos dar materia a desenganos.

Mas tudo foi trabalho sem proveito,
Que em fim Amor, que resistido cresce,
Já não sofre em silencio estar no peito.

Comigo a vós, Senhora, se oferece,
Si nisto vos agravo, ou vos offendo,
Porém culpa de Amor perdão merece.

.....
Quisera, desque sube conhecer-me,
Em vós occupar tanto a phantasia,
Que de mim mesmo viera a esquecer-me.

Em vós cuidar continuo noite, e dia,
Sentir por vós prazer, por vós tristeza
Por vér si com constancia vos movia.

Mas não canse esta mostra de firmeza,
D'hum peito, que por brando he tão louvado
Com novo damno meo, nova crueza.

Da seta de ouro puro traspassado,
Remedio pera a vida buscar venho,
Que em vós pôde sómente ser achado.

Porque força não val, não val engenho
Nem hervas, nem palavras tem virtude,
Pera curar a dôr, que n'alma tenho.

Huns olhos sós me podem dar saude,
E sam os vossos; si me não soccorrem,
Venho a morrer por quem viver não pode.

Ditosos sam os tristes quando morrem,
Começando a ser tristes, pois não sentem
Quam de vagar grandes tristezas correm.

Como é terna, e poetica esta exclamação na Elegia V.
do mesmo livro!

Que dia largo, ou breve se passava?
Que podesse passar quietamente,
Si a luz de vossos olhos me faltava!
Hera neve ante vós, e fogo ardente,
Sem pertender mais gosto para mim,
Que aquelle de que vós fosscis contente.

Mas ai quam diferente foi o fim,
Do bem imaginado no começo,
Por onde em tal extremo a parar vim!

Vida pera tal vida não vos peço,
Morte pera tal morte qual me mata,
Si ma quiserdes dar, eu a mereço.

Porque com dôr a lingua se desata,
E com rasão, vos chama ou sem rasão,
Fementida, cruel, soberba, ingrata.

Por isso acabai já vossa tenção,
Fazei o que vos pede o vosso gosto,
Cumpri com vossa altiva opinião.

Os Sonetos profanos de Diogo Bernardes sam muito superiores aos seus Sonetos espirituaes; delles póde apontar-se alguns dignos de muito apreço, tanto pelas idéas, como pela expressão, posto que nenhum delles seja para emparelhar com os bons, que não sam poucos, de Luiz de Camões, que em todos os modos de poetar deixou muito atraz de si a todos os seus Contemporaneos. O Leitor julgará pelos que lhe aqui apresentamos.

SONETO.

Poem-me onde queima o Sol toda a verdura,
Ou onde seo ardor a neve esfria;
Poem-me onde pelo meio o carro guia,
Ou onde cobre, ou mostra a luz mais pura.

Poem-me ou em baixa, ou prospera ventura,
No sereno da Lua, ou na sombria,
Escura noite, em longo, ou breve dia,
Em sasão inda verde, ou já madura.

Em valle, em monte, em agoa, em fogo, em ar,
Nas Estrellas me poem, ou no profundo,
Esprito leve, ou inda á carne atado.

Com nome escuro, ou claro em todo o Mundo
Serei qual fui, não deixarei d'amar,
A quem amei thegora desamado.

SONETO.

Desaparecem já, por mais que estendo
 Os tristes olhos de chorar cansados,
 Os campos de mil flores matizados
 Por onde o branco Téjo vai correndo.

Inda delles agora estive vendo
 Hums brancos, e hums verdes retalhados,
 Dos rodeios das agoas descuidados,
 Que me fazem de mim hir esquecendo.

Pois que será passando aquelles montes!
 Que valles hirei vendo, e descobrindo,
 Que tristes, e abafados horizontes!

A pena, que já disto vou sentindo,
 No meo ardente peito novas fontes
 De lagrimas correntes vai abrindo!

O Soneto trinta e deus respira um profundo sentimento de saudade, e melancholia.

SONETO.

Verdes, e baixos valles, alta serra,
 Duras, e solitarias penedias,
 Correntes agoas, frescas fontes frias,
 Testemunhas do mal, que em mim se enserra,

De suspiros o Ar, de pranto a Terra
 Encho, vós o sabeis, silvas sombrias,
 Onde chorando vou noites, e dias,
 Saudades de Amor, de Ausencia a guerra.

Si vosso natural só de si move
 A triste sentimento os mais contentes,
 Que sentirão os tristes de saudade?

Ah! não vos espanteis que em vós renove
 Saudades passadas, e presentes,
 Pois tudo o que em vós ha he saudade.

Eis-aqui outro que se assemilha muito pelo estylo aos de Camões.

SONETO.

Com seo cabello louro destoucado
 Dos braços de Thitão se despedia
 A vergonhosa Aurora, e vinha o Dia.
 D'alvas, e roxas flores coroadø.

Nos Lyrios, e nas mais hervas do prade
 Na pura rosa, que inda então abria,
 Aljofar derramado parecia
 O celestè rocio derramado.

Quando de hum alto monte á mesma Aurora,
 Que já passava o Gange presorosa,
 Gritou Delio Pastor de madrogada :

« Ah Filha de Thitão não saias fóra
 » Si não queres ficar mais vergonhosa
 » Vendo Marilia mais avantajada. »

Pela semilhança do estylo, e pela lembrança de outros plagiatos, que se dizem feitos por Diogo Bernardes a Camões, talvez alguém se pressuada que o Soneto é deste ultimo: deve porém observar-se, que Camões não era homem que dissesse que a Aurora *sahia dos braços de Thitão*, e que no mesmo Soneto lhe chamasse *filha de Thitão*; os genios daquella ordem não cahem em taes contradicções.

As Canções de Diogo Bernardes não tem o movimento lyrico, nem a linguagem apaixonada, nem os vãos sublimes, que admiramos nas de Petrarcha; tambem se não parecem com ellas no córte dos ramos, que de ordinario sam menos extensos em Bernardes, nem na travação dos versos, que neste Poeta sam ao contrario do uso daquelle mais numerosos os septenarios, que os hendecasyllabos. O estylo de Bernardes nas Canções é gracioso, corrente, facil, mas ás vezes tão singello, que apenas se lhe encontra poesia.

CANÇÃO.

Inda que pouco dito,
 Amor, thegora temos
 Dos claros olhos d'onde *accesso accendes*
 Em fogo o meo Esprito ;
 Rasão é que cantemos
 Dos laços de ouro d'onde *preso prendes*.
 Amor, tu bem entendes,
 Que dos cabellos digo
 Do novo *Sol da Terra*,
 Que nesta dura guerra
 Nelles prendes a ti, e a mim contigo.
 Por isso não me *culpes*
 Nem menos te *desculpes*.

No puro ouro encrespado
 Te vi como tecias
 Huma formosa rêde, onde ficaste
 De *pés, e mãos atado*,
 Que tal me deixarias
 Quando tu a ti mesmo te enlaçaste ;
 Ali de novo ataste
 A Liberdade minha,
 Podendo ser n'hum só,
 Em cada hum seo nó,
 Lhe deste sobre quantos d'antes tinha.
 Preso fiquei ali,
 Ali preso te vi.

Oh prisão branda e forte !
 Em vós estando envolto
 De tantos gostos tenho sentimento,
 Que si por varia sorte
 De vós me visse solto
 Seria pera mim grande tormento.
 De vós o pensamento
 Nunca jámais se parte
 Oh laços d'ouro puro !
 Em vós está seguro,

Em mim perdido sempre, e em toda a parte
 Onde quer que se véja
 Que fóra de vós seja.

Si por alta ventura
 Derramados vos véjo,
 Ou entre varias côres recolhidos
 A rara formosura
 Vossa cantar dezejo
 Com versos pera vós mais escolhidos,
 Mas ficam meos sentidos
 De mim tão appartados.
 Em vós tão enlevados
 Que não sei mais que vér-vos
 E com os olhos, sem fallar, dizer-vos,
 Que soltos me prendeis,
 E presos me venceis.

Não se pagam, Cantiga, taes cabellos
 De louvores tão breves.
 Mais do que sam, lhe deves.

Teria muita curiosidade de saber se Bernardes havia mostrado esta Canção a Ferreira; desejava saber se elle lhe approvára algumas cousas, que nella estão, como por exemplo « *preso prendes, accezo accendes, Sol da Terra, culpes, e desculpes, de pés, e mãos atado* » mas é impossivel que aquelle Censor severo, aquelle Poeta tão classico, tão escrupuloso na escolha de idéas, e das expressões, que preferia a correcção, e a elegancia a tudo, se contentasse com estes jogos de palavras, e trevalidades de expressão; é mais verosimil suppor, que Ferreira não vio tal Canção, ou que fóra escripta depois da sua morte.

O mesmo character se observa na Canção primeira deste Volume.

Amor, pois me emflamaste
 No teo mais vivo fogo,
 Onde o melhor de mim arde, e se apura,
 Pois nova luz mostraste
 A meos olhos, meo rogo
 Ache piedade em ti, ache brandura;

Daquella formosura
 Na terra peregrina,
 Do Ceo mais natural
 Com estilo immortal,
 Segredos altos a cantar me ensina.
 Tu minha voz levantas,
 Em mim, tu della canta.

Cantar de tal belleza,
 Amor, he gloria tua,
 Que tu não tens mór honra, nem mór gloria:
 Humana Natureza
 Na bella sórma sua
 Lhe quiz das mais formosas dar victoria:
 Qual digna de memoria
 Se vio na idade de ouro?
 Qual na de ferro, nossa,
 Que comparar se possa
 A esta por quem eu tão lédo mouro,
 Que estimo mais tal morte
 Que huma felice sorte?

Levanta com som novo,
 Amor, este meo canto
 Do seo natural proprio baixo, e rudo,
 Sente, por quem me move
 Não posso dizer tanto,
 Que em fim não fique em tal sujeito mudo
 Si não cantar de tudo
 Como desejo, ao menos
 Tão docemente canto
 De vós, que o Mundo espante
 Olhos sobre o mortal curso serenos:
 Mas sendo de vós visto,
 Quem se hade espantar disto?

Si vós eterna Fama
 Em versos de vós dinos
 Quereis deixar entre a futura Gente,
 A luz, que o Ceo derrama
 Em vós, olhos divinos,

A mim volvei mais amorosamente,
 Que logo em diferente
 Estillo, do que ouvio
 Té gora o Lima, e Téjo,
 A beleza, que vêjo
 Em vós, nelle verá quem vos não vio :
 Tanto no lume vosso
 Meo canto appurar posso.

Em quanto a sorte esquiva
 A tanto bem resiste,
 Em quanto não sentirdes o que sinto,
 Que pôde alma captiva
 Mais que em silencio triste
 Mostrar que sente o que no rosto pinto.
 E pois na dôr consinto,
 Por vêr d'onde nasceo,
 Formosos olhos claros,
 Não me sejaes avaros,
 Olhai qual liberal vos foi o Ceo
 Da luz, que me negaes,
 Que não vos peço mais.

O que me parece melhor nestas Canções, na verdade mediocres, é o serem mui breves. Ha porém uma, é a quarta, em que o Author parece que teve em vista imitar o estylo de Jorge de Montemaior, e em que me parece haver maior merecimento poetico.

CANÇÃO.

Desertós montes, valles saudosos,
 Montanhas altas, penedias graves,
 Por onde andar me faz minha ventura,
 Arvores, que dos vôos trabalhosos
 Certo repouso sois ás livres Aves,
 Dos tenros Filhos seos guarda segura ;
 Si da mór formosura,
 Que neste Mundo vi,
 Tão triste me parti
 -Que farei neste vosso appartamento

Onde sempre accrescento o meo tormento?
 O Rio, que sempre corre, e o penedo,
 Que não faz movimento
 Do Passarinho ao canto, ou triste, ou lêdo.

Tudo quanto em vós vêjo dizer ousou,
 E tudo quanto escuto me carrega,
 The vossas aves sinto já pezadas,
 A sua clara luz o dia nega,
 A noite o seo commum doce repouzo,
 A meos olhos de lagrimas cansados.

 Das fontes, e dos prados
 O puro seo, e o verde
 Parece que se perde
 Com magôa desta minha grave dôr.
 Sem tempo toda a fructa, toda a Flor
 Do seo materno galho está cahindo,
 De mim por onde fôr
 A fresca Primavera vai fugindo.

Neste gran mal, de que não sei valler-me,
 A todo o animal, que em vós tem vida,
 Dou materia de pranto, e de piedade.
 Parte não posso achar tão escondida,
 Que deixem meos suspiros esconder-me.
 E só chorar a minha saudade.

 Ah grande crueldade
 D'Amor, que em mim ordena
 Huma tão nova pena,
 Que contradiz a toda a Natureza.
 Tristes em vêr sentir sua tristeza
 Sentem algum descanso; eu só sem elle
 Já tenho por certeza
 Crescer meo mal no fundamento delle.

A vista se detem no que imagino,
 Amor com falsas mostras me sustenta,
 Porque, vivendo mais, mais magoas conte.
 Na Rosa da Manhãa me representa
 Aquella por quem peno de continuo,
 A tarde no dourado do Horisonte.

Qual Nympha o bosque, ou fonte
 Esconde mais formosa?
 Em qual valle qual Rosa
 Se mostra mais córada? nunca neve
 Mais alva derramou o vento leve,
 Como eu a vêjo aqui, e em toda a parte,
 Mas este gosto é breve,
 E vai-se logo; o mal tarde se parte.

No fim deste erro doce, em que me vêjo,
 De vós, altas montanhas, rodêado,
 Tão longe de esperança, e longe d'onde
 Amor meo peito quiz vêr inflamado
 Em puro fogo d'hum alto dezejo.
 Que dentro, e em meio delle accende, e esconde,
 Digo a quem não responde,
 A vós montanhas digo,
 Acabem já comigo
 Em mal tão certo, certos desenganos,
 Que se pôde esperar de quem enganos
 Negando vai a lagrimas tão vivas,
 E dos meos firmes danos
 Poem o remedio em sombras fugitivas?

Cantiga, pois nasceste
 Nestas frigidias serras,
 Não busques outras terras,
 Na tua natural fica escondida,
 Que em outra parte não serás ouvida
 Por mais gritos, que dês, e magoas contes
 Chorando acaba a vida
 Nas mais secretas Lapas destes montes.

Uma singularidade de Diogo Bernardes, é que na **en-
 derea**, ou cabo da Canção, lhe chama sempre Cantiga;
não me lembro de que outro Poeta, antes, ou depois del-
le praticasse o mesmo.

Bernardes deixou um grande número de Voltas, Glo-
 sas, Redondilhas, e outras composições no antigo estylo,
porém toda essa farragem apenas merece o trabalho de
 lêr-se.

CAPITULO VI.

Eclogas, e Epistolas de Bernardes.

De todas as poesias de Diogo Bernardes parece-me, que as Eclogas, e as Epistolas, ou Cartas, que compõem o Lima, sam as que affiançam melhor a sua gloria; e o seu nome pela superioridade manifesta de correcção, que levam a todas as outras; sam estas as unicas, que pela data da sua publicação se podem suppôr devidamente emendadas, e dadas á luz por elle.

É fama, que o celebre Poeta hespanhol, Lope de Vega Carpio, affirmava, que de Diogo Bernardes havia apprendido a fazer versos pastoris; si o factó é verdadeiro, esta confissão de um dos genios mais extraordinarios, que na Europa tem cultivado a poesia, não póde deixar de fazer viva impressão no espirito dos Leitores, e de lhe dar uma grande idéa do merecimento bocolico do nosso Poeta.

Mas seja assim, ou não, é indubitavel que estas Eclogas devem ser numeradas entre as melhores producções, que nos ficaram do seculo de quinhentos, e da Eschola Classico-Toscana de Ferreira.

É certo que Bernardes não se remonta á idealidade poetica, e mythologica da vida pastoril como Gesner, Schmidt, e outros Alemães, e entre nós Domingos dos Reis. Quita quasi sempre, e Antonio Diniz da Cruz algumas vezes, mas a sua linguagem é pura, o seu estylo simples, e elegante, os costumes quasi sempre proprios, as paixões bem expressadas, os seus quadros verdadeiramente pastoris, e os versos fluidos, e harmoniosos. Imita frequentemente, porém a sua imitação nunca degenera em copia servil. Assim o vêmos no principio da Ecloga IX.

FERNANDO.

Dize, Cabreiro novo, esse rebanho
 Quem to deo a guardar tão doudamente,
 Que logo se vê nelle ser estranho.

RODRIGO.

Dize, Vaqueiro, antigo mal dizente,
 Porque diceste á Justa hontem na Fonte,
 Que na festa cantou melhor Vicente?

FERNANDO.

Pergunta tu a Aldonça que te conte
 Isso como passou dessas cantigas,
 Que tornava co' Gado então do monte.

Mas quero, pois perguntas, que me digas
 Porque quebraste a Flauta de Gonçalo,
 Causando entre os Pastores tantas brigas.

RODRIGO.

Si tal tal flauta quebrei, olha o que fallo,
 Nunca mais estas cabras medrar vêja,
 Mas bem mereço eu isso porque çallo,

FERNANDO.

Pois nunca de quem amo amado seja
 Si me não deve huma alma, era qual dia?
 Que lha quebráras tu de pura inveja.

RODRIGO.

Certo, que, si alguém foi, que foi Maria,
 Que anda de mim raivosa pela toca
 Lavrada, que me vio dar a Luzia.

Toca de deservolta, e sempre toca
 Huns pontos, que lhe sam bem excusados,
 Zomba, escarnica, ri, tudo remoca.

Cuida que com seos olhos requebrados,
 Todos leva apoz si, todos namora,
 E que nos faz andar como pasmados.

Pois cré-me, e mais não digo por agora,
 Que inda que ri daquelle, e ri daquella,
 Por quem se della ri mil vezes chora.

Vê-se, que a idéa principal é de Virgilio, mas o Poeta sabe disfarça-lo com trages portuguezes, e rodea-la de accessorios seus, em um dialogo tão animado, como natural.

O Poeta na Ecloga segunda com muito artefício, e estylo proprio, e picturesque estabelece o logar da scena.

N'hum solitario valle fresco, e verde,
 Onde com veia doce, e vagarosa
 O Vez, no Lima entrando, o nome perde ;
 N'uma verde rosada graciosa
 Quando no mar seos olhos resfriava
 O Sol, deixando a Terra saudosa ;
 Ouvi huma voz triste, que soava
 Tão brandamente ali, que parecia
 Hum Rio, que com outro murmurava.
 O Gado, que do campo recolhia,
 Deixando nelle por entre a espessura
 Me fui chegando á triste voz que ouvia.
 Vi Thirso, e Melibeo, que na verdura
 Antre bastos Salgueiros escondidos
 Choravam duras magoas com brandura.
 Nesta nossa Ribeira ambos nascidos
 Mas, como pouco nella conversaram,
 Heram mais na do Téjo conhecidos.
 Em Moços foram lá, lá se criaram,
 Em outros de mór nome, mór estima
 De tanger, e cantar fama cobraram.

A Ecloga V., que tem por titulo Marilia, é uma das mais ternas composições, que sahiram da penna de Bernardes, véja-se que melancholia resumbrá destes tercetos, e como começam naturalmente.

Quão docemente agora aqui cantava
 Hum Rouxinol entre estas Avelleiras,
 Em quanto Phylis sua dôr chorava !
 Eu vim a lansar fóra estas Cordeiras
 Daquelle Trigo, e não ouvi jámais
 Senão as diferensas derradeiras.
 A sem ventura Phylis deu huns ais
 Tão sentidos então, que me cortou
 O coração com dôr de dôres tais.
 Em fim triste se foi, elle vôou,
 Não sei se vôou triste, ou vôou lêdo,
 Co'a minha saudade me deixou.

Esta aproximação do canto do rouxinol, com pranto de uma Pastora é summamente poetica, e engenbosa.

Não sou eu tão ditosa que mais cedo
Viera a me lograr do seo bom canto,
Si eu não gritára, elle estivera quedo,

Inda que foi melhor assim por quanto
A magoa fôra mór, que não o gosto
Daquella triste ouvindo o triste pranto.

Mal haja quem dá causa a que tal rosto
Em lagrimas se lave, desamado
Seja quem seu amor tem n'outra posto.

Quanto mais firme, e mais desenganado
Foi o amor de Delio com Lisarda,
Inda que tambem della mal olhado.

Cruel amor, que nunca razão guarda,
A culpa tens de tantas semrazões,
Hum bem me prometeo, quanto que tarda!

Assim nos vai roubando os corações,
A troca de esperansas duvidosas,
Fundadas sempre em vâas opiniões.

Ditosas sam por certo, ah quam ditosas!
Que sam aquellas Nymphas, que não amam,
Tristes as que d'amor vivem queixosas!

Quantas vezes em vam seo fado chamam
Cruel, cruel amor, cruel ventura,
Que suspiros, que lagrimas derramam!

Que val mostrar nos olhos a brandura,
Do coração vencido, que nos val,
A's tristes digo, graça, e formosura?

Si somos desprezadas, grande mal,
Si mal tamanho não acaba asinha,
Asinha acabará quem sente tal.

Eu, coutada de mim! já triste vinha,
Mas não cuidei de me tornar mais triste,
A dôr de Phylis me dobrou a minha.

Dá-nos, ingrato Amor, pois nos feriste,
Algum remedio já, si não vingança,
De quem a nós despresa, a ti resiste.

Em promessas fui por minha esperanza,
Sem ventura de mim ! mas que promessas
Tão doces ! inda as tenho na lembrança !

» Assi, Marilia minha, não te esqueças

» De Silvio, (o mesmo Silvio me dizia)

» Que nunca negue cousa que me peças.

» Por ti entre serpentes andaria,

» Seguro, por ti lèdo, e sem temor,

» Por entre fogo, e ferro passaria.

» Creou Amor em mim hum novo Amor,

» Hum coração tão novo, que sem ti

» Sente no mór descanso maior dôr.

» Naquelle mesmo ponto em que te vi,

» Fosse força d'amor, fosse de Estrellas

» O gosto de mais vêr logo perdi.

» Muitas Ovelhas tenho, e as mais dellas

» Pãrem de cada parto dois Cordeiros,

» O leite tambem he dobrado nellas.

» Tenho cem Cabras mais, que dois Rafeirós

» Hum malhado de negro, outro de branco

» Nos vales guardam sempre, e nos outeiros.

» Pois tanger, e cantar poucos em campo

» Ousam correr comigo, porque sabem

» Que taes dois Mestres tive, Alcido, e Franco.

» Inda que de gabar-me me desgabem,

» Gabo-me porque saibas, que não erras

» Em querer que meos males já se acabem.

» Viveremos aqui entre estas Serras

» Contentes,... quam contentes!... sem inveja

» D'outros, que tem mais Gados, e mais terras.

» Que falta a quem alcança o que deseja ?

» Que tem o que não tem gosto da vida,

» Inda que só do Mundo Senhor seja ?

Ah Pastor falso ! desde de vencida

Com teus doces enganos me levaste,

Quam asinha de ti fui esquecida !

Mostravas querer bem, e nunca amaste,

É certo que os amores, que mostravas

Ou os ouviste d'outro, ou os sonhaste.

Amavate sómente ; si cuidavas
 Outra couza de mim, bem pódes crêr,
 Que tambem a ti mesmo te enganavas.

Mas que me fez a dôr aqui dizer ?
 Aqui, onde só Elio a meos queixumes,
 E Silvio não, me póde responder.

Depois que atravessou os altos cumes
 Daquella Serra, não quiz mais tornar,
 Negros fados os meos, negros Ciumes !

Deixou-me já tão pouco que esperar,
 Que bem seria, que desesperasse,
 Mas ainda amor me não quer dar logar.

Em fim tornar-me querò ; se encontrasse
 Acaso este cruel meo inimigo,
 Certo que vêr-me triste o allegrasse

Andai, minhas Cordeiras, ai no Trigo
 Entraram outra vez, outra vez fóra
 As deitarei, a dôr, que vai comigo
 Coitada, não, que dentro d'alma mora.

As Cantigas dos Pastores de Bernardes tomam de ordinario a fôrma lyrica, e sam verdadeiras Canções, como se vê desta da Ecloga VIII.

Si vós, Musas suaves,
 Neste meo triste peito,
 Algumas lèdas rimas inspirastes,
 Si com doces, e graves
 Accentos, o conceito,
 Que tinha dentro d'elle declarastes,
 Si vos não desprezastes
 De levantar meu canto
 A parte, onde não chega
 Aquelle, a que se nega
 O favor, que de vós dezejo tanto,
 Agora brandas Musas, me inspirai,
 Agora meo estilo levantai.

E tu, Santo Hymineo,
 Sem esperar mais rogo,
 Vem já, vôando vem, não te detenhas,

Vem de alegria cheio,
 Abranda o vivo fogo
 De quem arderá sempre athe que venhas,
 Quer Jupiter que tenhas
 O thalamo sagrado
 Composto da mão tua,
 Pois para gloria sua
 Este tam santo nó foi d'elle dado.
 Aonde arder se vêja brandamente
 O casto lume teu resplandecente.

Outras vezes essas Cantigas sam feitas em Sonetos,
 como acontece na Ecloga X.

Sombrio, e verde valle, onde se acolhe
 Marilia, quando o Sol mais se levanta,
 Onde doce suspira, e doce canta,
 E seos cabellos solta, e os recolhe.

Prados, por onde as alvas flores colhe
 Com tanta graça, que o Amor se espanta,
 Estes versos vos deixo nesta Planta,
 Dar-vos outro louvor meo fado tolhe.

A fresca, e namorada Primavera
 Nunca jámais daqui desapareça,
 Nunca vos mostre o Inverno a sorte sua.

Segura pelos Olmos trepe a Hera,
 Segura nasça a Flor, a Herva cresça,
 Favor tenha do Sol, favor da Lua.

Outras vezes os Pastores cantam alternadamente oitavas, e esta pratica tem sido mais seguida pelos Poetas modernos, que ainda se occuparam com este genero de poesia, hoje inteiramente abandonada, como Bocage, e Domingos Maximiano Torres. Sirva de exemplo este trecho da Ecloga XII.

ALPINO.

O' Tu que por teo Deos foste assetado
 Martyr, 'e juntamente Cavalleiro,

Que do signal da Santa Cruz armado,
 Sabiste contra o Tyrano a terreiro;
 Si fores lá no Ceo nosso Advogado,
 Como na Terra cá, hes Padroeiro,
 Erguendo com teo braço estes máos ares;
 De novo te ergueremos mil altares.

MENCIO.

Onde tuas Imagens visitadas
 De nós sempre serão com mil offertas.
 De Lyrios, e de Rosas coroadas,
 E de ouro guarnecidas tuas settas;
 Com mais quieto espirito veneradas
 Das Gentes, que ora vês tão inquietas,
 Primeiro do Gran Rey, que tem teu nome
 Para que o Povo delle exemplo tome.

ALPINO.

Pastores, que moraes no monte santo,
 Por graça do Pastor dos bons Pastores,
 Que neste baixo valle amastes tanto,
 Que fostes de tal bem merecedores,
 Alcance vosso rogo, e nosso pranto
 Outros tempos mais são, ares milhores,
 Logo sereis de nós mais visitados
 Nos dias, que vos sômos obrigados.

Acha-se muitas vezes nas Eclogas de Bernardes, curtos, mas vivos, e amenos traços de poesia descriptiva, tal é esta da Ecloga XVII.

Sentámo-nos á sombra d'hums Olmeiros,
 N'hum prado de Arvoredo rodeado,
 Onde cruzar-se vinham tres Ribeiros.

Lugar fresco, e sombrio, aparelhado
 Para fugir do Sol, que então entrára
 No Rey dos Annimaes todo abrazado.

Por cima da corrente doce, e clara
 Hum Freixo te mostrei, cuja verdura
 Hum raio, que deu nelle chamuscára.

Em cujo tronco, nos, e seca altura
 Huma Gralha trez dias gritou tanto,
 Que sem folgo cahio na vèa dura.

O estylo affectuoso, tão proprio deste genero de Poema, brilha muitas vezes nas pastoraes de Bernardes, assi se nota nestes versos tão ternos, que um Pastor dirige á sua amante na Ecloga XIV.

Vem, Silvia, já vêr neste cristal puro,
Teu brando parecer daqui de cima
Deste penedo menos que tu duro.

Porque fazes, cruel, tão pouca estima
Desta fresca ribeira, destas flores,
Que mansamente rega o manso Lima.

Aqui as mansas Aves seos amores
De hum ramo em outro ramo vam cantando,
Aqui se veste o campo de mil côres.

Daqui donde por ti estou chamando,
No fundo deste pégo os negros Peixes,
E os brancos seixos estarás contando.

Ou te queixes de mim, ou te não queixes,
Ou branda, ou sempre irosa me respondas,
Este fresco logar, Silvia, não deixes.

Huma sombria lapa, em que te escondas
Do Sol, te mostrarei; dormirás nella
Ao som do murmurar das roucas ondas.

Em tanto do teu Gado serei vella,
E juntamente te estarei tecendo
De branca Madresylva huma capella.

Dali hindo o Sol já menos ardendo
Ao longo deste Rio nós hiremos
Ora huma Flor, ora outra flor, colhendo.

Os olhos pelo campo estenderemos,
O saudoso Melro de huma banda,
E o doce Rouxinol d'outra ouviremos.

Sylvia sóando hirá na Lyra branda,
Sóará Sylvia na Montanha dura,
Que sua dureza com teu nome abranda.

Des que deixei de vêr sua formosura
Já o Sol trez vezes lumiou a Terra,
Já outras tantas a deixou escura.

Qualquer logar, em que se esconda, e enserra,
Nunca o verei sem dôr, nunca sem magoa,
Ou seja campo, ou hosque, ou valle, ou serra.

Achei de duas rollas nesta fragoa,
Os tenros filhos sobre hum freixo antigo,
Que tem suas raizes dentro n'agoa.

Saltou a nossa Phylis já comigo
Com dadivas, e rogos, que lhos desse.
« Não trabalhes em vão, Phylis » lhe digo.

Tão corrida si foi, que si soubesse
Onde elles ora estou tenho por certo,
Que mos furtasse logo, si podesse.

Não estão estes versos cheios de imagens agradáveis,
de pinturas amenas, e de sentimentos ternos? Não é a
sua expressão verdadeiramente pastoral?

Não brilha menos em Bernardes o estylo pathetico,
vêja-se como na primeira Ecloga os dous pastores Syl-
vio, e Serrano lamentam a morte de Adonis, isto é, do
Principe D. João, segundo me parece pelo contheudo no
Poema.

SYLVIO.

Seccai-vos, verdes Campos Lusitanos,
Seccai Fontes, e Rios, seccai, Flores,
Mostrai neste gran dano grandes danos.

Cobri-vos, verdes Bosques, d'outras côres,
Tão tristes como traz a dôr consigo,
Senti tamanha perda dos Pastores.

SERRANO.

Descobre esse mal já, ah Sylvio amigo,
Que pois he mal commum segundo vêjo,
Tambem o chorarei aqui contigo.

SYLVIO.

Levou a cruel morte sem ter pejo,
Aquelle bello Moço, a quem tributo
Esperavam pagar o Indo, e o Téjo.

Que bem na vida já, que rosto enxuto
De Nympha, ou de Pastor se póde vêr,
Qual Ave escuzza dôr, qual fero Bruto?

Morreo contigo, Adonis, o prazer,
A brandura, o amor, o aviso raro,
De tudo quiz-se o Ceo enriquecer.

SERRANO.

Oh Adonis! Pastor formoso, e charo,
 Contigo nos crescia herva na Terra,
 E das Fontes corria o cristal claro.

Os fruitos sem trabalho dava a Terra,
 Porque occultava o Gado nas montanhas,
 Não lhe fazia o Lobo cruel guerra.

SYLVIO.

Chorai tamanho mal gentes estranhas
 Nas frias, e nas quentes regiões,
 Chorai perda, que fez perdas tamanhas.

SERRANO.

Dai lagrimas sem fim, varias Nações,
 A dôr, que enche de dôr, enche de espanto
 A dôr de Tigres magoa, e de Leões.

Não negue couza viva vivo pranto,
 De quantas o Ceo vê, a Terra cria,
 As que o mar cobre façam outro tanto.

SYLVIO.

Escuro torne sempre aquelle dia
 Em que de branca neve andou roubando
 A morte as frescas rosas com mão fria.

SERRANO.

Assim se foi teo rosto descorando
 Como o Lyrio no campo, ou a Bonina,
 A quem o arado talha em traspassando.

SYLVIO.

Levou-te pera si, oh Flor divina,
 Esse que gera o Sol, enfréa os ventos
 A quem o Ceo, a Terra, o Mar se inclina.

SERRANO.

Já gozas immortaes contentamentos,
 Nós ficámos sem ti nesta baixeza
 Em magoas, em miserias, em tormentos.

Diogo Bernardes passou sempre por um dos nossos melhores Poetas Bucolicos, mas a sua reputação soffreu muito por um facto, que eu desejaria bem poder omitir. Manoel de Faria e Sousa nos seus Comentarios ás rymas de Luiz de Camões, accusou Bernardes nada menos, que de haver roubado ao Cantor dos Lusíadas as Eclogas, que

no Lima tem os números 3, 4, 11, 13, e 15, e o Poema de Santa Ursula, dando estes seis Poemas como seus, fazendo-lhe alguns accrescentamentos, e pequenas mudanças.

Uma accusação tão grave, e vergonhosa para um Author conhecido, e estimado, não podia admittir-se sem provas, e Manoel de Faria, que não ignorava isso, não se descuidou de appoiar a sua assersão com grande apparatus de razões, e de raciocinios, que pela maior parte não admittem dúbida, nem contradicção razoavel. Se as Eclogas de que se trata estivessem nas *Rymas Varias*, ou em qualquer dos outros volumes publicados depois da morte do Author, assim como a Santa Ursula, ainda a culpa de plagiato podia ser imputada á ignorancia, negligencia, ou má fé dos Editores, pois não é cousa nova, o admittirem estes obras alheias nas collecções posthumas dos Escriptores que dam á luz; mas desgraçadamente para Bernardes as cinco Eclogas estão no Lima, que elle publicou no ultimo anno da sua vida; e se não foi elle o Editor, teve conhecimento da Edicção, pois o teve seu irmão Frei Agostinho da Cruz, que falla do Lima, no Soneto XXVI., em que dirigindo-se ao Poeta diz

O Povo, cujo applauso recebeste
Vendo teo brando *Lima* dedicado
A Principe Real, claro, excellente,

A citação não admite dúbida, pois o *Lima dedicado*

A Principe, Real, claro, excellente

não pôde entender-se pelo rio Lima, mas sim pelo livro, que se intitula o *Lima de Diogo Bernardes*, pois esse é o que se imprimio em Lisboa em 1696 dedicado ao Duque d'Aveiro D. Alvaro de Alancastro, e como podia Bernardes vivendo em Lisboa, ignorar o que era sabido do pobre Capuchinho, que fazia vida eremitica na solidão da serra da Arrabida? E não é de toda a probabilidade, que, Bernardes, que muitas vezes o vesitava, fosse o proprio, que communicasse aquelle livro a seu irmão, que de certo se não occuparia em mandar a Lisboa comprar livros de poesia?

O que custa a entender é: 1.º que um Poeta tão rico de seu proprio fundo, cahisse na leviandade de se attribuir obras alheias, e obras de um contemporaneo, sem receiar que tarde, ou cedo fosse descoberta a fraude: 2.º que as poesias de Luiz de Camões fossem tão pouco conhecidas, que havendo-lhe Bernardes usurpado cinco Eclogas, e a Santa Ursula, ninguem dêsse por isso desde 1594, até 1685, em que Manoel de Faria e Sousa publicou os seus Commentarios ás rymas de Camões.

Seja como fôr, a opinião de Faria e Sousa tem sido adoptada por quasi todos os bons entendedores, e especialmente pelo Padre Thomaz d'Aquino, e por José Victorino Barreto Feio, os dous melhores Editores de Camões, e eu não posso deixar de seguir o mesmo parecer, porque tendo examinado, e confrontado aquellas Eclogas com as de Bernardes com toda a attenção que em mim cabe, fiquei plenamente convencido de que o tom de composição, o colorido poetico, o estylo, a linguagem daquelles Poemas, se affastam tanto da maneira habitual de Bernardes quanto se approximam ao modo de compôr de Camões, e pára me decidir bastava a versificação, cujo apuro, e harmonia não permite attribui-la nem a Bernardes, nem a qualquer outro Escriptor contemporaneo, excepto Camões. Junto a isto, que tudo o que nessas Eclogas foi accrescentado por Bernardes como a Dedicatoria da Ecloga XI, é muito inferior pelo estylo, pensamentos, e metro ao resto da obra, a que foi accrescentado.

É evidente que desta fraude comprovada, resulta um preconceito muito desfavoravel contra Bernardes, pelas obras deste, as de Ferreira, Sá de Miranda, e Caminha, nos consta que naquelle seculo floresceram muitos outros Poetas muito estimados, e admirados, como Antonio de Castillo, Francisco de Sá e Menezes, sem ser o Author da Malaca, D. João de Castello Branco, Luiz d'Alcaçova Carneiro, e outros de que chegaram a nós os uomes, e não as obras; e quem nos affiança, que algumas destas não foram usurpadas por Bernardes, e se lêiam entre as suas? Respeita-las-hia elle mais do que as de Camões? Isto não é uma affirmativa que eu faço, póde ser que assim não succedesse, e eu o desejo muito por honra do Cantor do Lima, mas a suspeita seria legitima, á vista do que se

acaba de expôr, mas deixemos já estas miserias da fraqueza humana, e digamos alguma cousa acerca das Epistolas de Diogo Bernardes.

As Epistolas, ou Cartas de Diogo Bernardes sempre eu tive pelas suas melhores composições. Menos instruído que Ferreira, não admira que seja menos fecundo de idéas, e mais mingoado de doutrina, e philosophia do que elle, mas tem mais amenidade, mais allusões á sua vida privada, e versos mais fluidos, e harmoniosos, posto que ás vezes dá no prosaismo, e no desleixo, como Ferreira na dureza; sendo igualmente menos energico pela expressão, e menos vivo do que elle no colorido das pinturas.

Reina nestas Cartas um profundo respeito para com Sá de Miranda, e uma admiração sincera, e sem lemites para com Ferreira, de quem se vangloriava de ser amigo, discipulo, e imitador; a elle consultava, a elle pedia conselhos, e á sua emenda, e correccção submettia as suas poesias, eis-aqui como elle se lhe dirige na Epistola II.

Musa da Lusitania, pouco digo,
Das nove do Parnaso a principal,
Que menos não partio o Ceo contigo.

Inda que sei que pouco, ou nada val
Natureza sem arte, e sem doutrina,
Que pôde com amor parecer mal?

Si tal razão em tal materia he dina,
Bem, te podem meos versos parecer,
Pois mos inspira Amor, pois mos ensina.

Ha nelles que cortar, ha que estender,
Vam como parto de Ussa, buscam vida,
Outra fôrma melhor, hum novo ser,

Que lhes podes dar tudo quem duvida?
Eu que lhe posso dar si não amor,
Suspiros tristes, dôr mal entendida?

Soberbo me faria o teo louvor,
Si me esquecera o Moço, que cahindo
Deixou o mar com nome, o Pay com dôr.

Este me faz temer, e o que subindo
No carro, que pedio, morto desceo
Inda debaixo d'agoa ardor sentindo.

Posto que logo então tanto se ergueo
A vã presumpção minha sobre si,
Que mal seu desengano recebeo.

Digo, quando meo nome escripto vi,
Daquella penna, que com largo ensino
A nós prudencia dá, dá fama a Ti.

O louvor traz comsigo desatino,
Altéra, e céga a quem he cobiçoso
Delle, e por tal respeito mais indino.

O que fama não quer por virtuoso,
O que de todó a Vicios se entregou,
Não póde, ainda que lembre, ser famoso.

Sinão vejam a fama, que deixou
O que pôz fogo ao Templo por memoria,
Que nem sómente o nome conservou.

Outros conselhos dás na triste Historia
Da triste Dona Ignez, outras lembranças
Dignas de fama cá, no Ceo de gloria.

As nossas bem fundadas esperansas
Virtudes devem ter por seu objecto
Para firmes estarem nas mudanças.

Quem vio o virtuoso andar sujeito
A successos do Mundo duvidosos?
Quando não foi seu bem firme, e perfeito?

Os que chegam a termos tão ditosos,
Que mais tem que esperar, ou que temer,
De que podem na vida andar queixosos?

Não ousou de fallar, póde-se crêr,
As Musas livres de sua natureza
Hum modo vam as faz emmudecer.

Pesa-me de vir dar nesta certeza,
Mas quem póde escutar tristes queixumes,
Vendo que o bem se engeita, o mal se presa?

Pouco presta escrever grandes volumes
Por parte da Virtude contra o Vicio,
Vencem boas palavras máos costumes?

Si buscas Alexandre, si Fabricio
Achas tu si não Elios, si não Midas,
Que fazem com dôr nossa o seo officio?

Quanto melhor seria vêr perdidas
Estas vãs pertenções atraz que andamos,
Aventurando as almas pelas vidas.

Mil couzas, que no publico tachamos,
Seguimos no secreto á redêa solta,
Cuidando de enganar, nos enganamos.

Em tanta confusão, nesta agoa emvolta,
Fazemos da vontade nossa guia,
Mas onde vai parar quem não dá volta?

Que dizes tu daquelle que confia
Do seo juizo tanto, que vâmente
Escreve o que lhe vem á phantasia?

Este tal sente tudo, ou nada sente,
Extremos perigosos pera quem
Segundo o fio vai da céga Gente.

Que gostos dás na vida, que mór bem,
Que ter Homem de si conhecimento?
Quem isto só alcança tudo tem.

Não se deixa virar de cada vento,
Não morre por viver, não lisongêa,
Não faz em peito alheio fundamento.

Recolhe com prazer o que semêa,
Com gosto come, dorme descansado,
Da sua vida vive, e não da alhêa.

Dos antigos Romãos foi perguntado
Apollo qual dos Homens desta vida
Julgava por mais bemaventurado.

Respondeu á pergunta referida,
Que Giges, couza mais não declarando,
O que a resposta fez mal entendida.

Elles, que delle estavam esperando,
Que nomeasse algum mais conhecido
Dos Grandes, que no Mundo tinham mando;

Querendo conhecer quem preferido
Fôra em ventura á regia dignidade,
Acharam, tendo já muito inquirido,

Ser hum Homem que fôra da Cidade,
No campo cultivava huma Horta pobre,
O qual hera mais pobre de vontade.

Parece que já então hera de cobre
A idade que atéli fôra de prata,
E d'antes de metal muito mais nobre.

O Tempo tudo gasta, e desbarata,
Acabou, começou esta de ferro,
Onde tractam melhor quem peor tracta.

A terra, que nos deram por desterro
Esquecidos nos faz da Patria propria,
Que má desculpa tem tamanho erro.

Emfim esta materia que he impropria,
He pezo d'outros hombros, d'outro espirito,
A quem Phebo de si dá maior copia.

Por tanto meo dezejo, e não meo dito
Recebe com amor, e attenção pura,
Que chega onde não chega o curto escripto.

E se tua clara luz, que a nevoa escura
Dos bons engenhos vai alevantando,
E do Pindo lhe mostra a mór altura,

Me fôr por esta selva alumindo,
Onde Amor me meteo, alta, e sombria,
Por onde vou a medo caminhando.

Inda eu espero que vêjas algum dia
Com novo louvor teo mais doce cânto,
Por que tendo tão certa, e fiel Guia,
Não he muito de mim prometer tanto.

Ferreira respondeu a esta Epistola, com outra, em que lhe dá louvores, preceitos, e conselhos judiciosos. É na verdade espectáculo grato para os Amadores das Artes, vêr um Ferreira, um Caminha, um Bernardes, um Sá de Miranda, e outros homens grandes, que foram a gloria, e a illustração do seculo, em que viveram, corresponder-se amigavelmente, fallar em puridade, consultar-se, aconselhar-se, defender-se reciprocamente sem inveja, sem pensamento reservado, e todos empenhados no progresso das Artes, e no esplendor da Patria. Mas esse quadro lisongeiro se esvaece logo que observamos a mudança que tem feito costumes tão louvaveis; quando vêmos que homens, que estão muito longe de emparelhar com aquelles venerandos Pais da nossa Poesia, fazem tymbre de

atassalhar-se mutuamente, de calumniar uns aos outros, desacreditando-se a si, e a arte com invejas mesquinhas, odios, e intrigas vergonhosas: parece que os abafa a gloria alheia, e que os louros dos outros redundam em descredito seu.

Na Carta XII., depois de louvar a Ferreira, confessa Bernardes francamente, que lhe deve quanto é, e quanto vale, e esta confissão é tão honrosa para um como para outro.

.....
 Por mim nunca subira onde subi,
 Meu nome com a vida se acabára,
 O Mundo não sobera si nasci.

Confesso dever tudo áquella rara
 Doutrina tua, que me quiz ser guia,
 Do celebrado monte á fonte clara.

E por te dever mais si á luz do dia
 Te parecer que saiam meos escriptos,
 Na tua pena está sua valia.

As faltas, os sobejos, duros ditos,
 O não guardar decoro em pranto, e rogo,
 Em fim erros, que ahi vam infinitos,

Emenda, corta, abranda, sintam fogo
 Da tua ardente Musa, em que se apurem,
 E, sendo dignos d'outro, dá-lho logo.

Na mesma Carta exprime o Author, mui poeticamente, o desejo de possuir uma mediocre fortuna campestre, e viver como bom Lavrador livre de encargos, e inteiramente desviado do serviço público, desejo razoavel, e prudente, e que muito mais o seria no nosso tempo, em que o serviço do Estado, que sempre foi captiveiro trabalhoso, se tem tornado a sorte mais precaria, e miseranda, capaz de descurçoar as mais vivas ambições, si a ambição fosse susceptivel de emenda, e de desengano.

Em selva escura andamos ás escuras,
 Sem vêr do gran Planeta claro, e puro
 O lume, que dá luz ás luzes puras.

Oh bemaventurado o que seguro
 No campo vive com seos Bois lavrando
 A dura terra com arado duro.

Ou vai o longo rêgo semeando,
 Ou o monda, ou o rega dêsque nasce,
 Ou com fouchinha torta o vai segando.

Ou em quanto no prado o Gado pace,
 A videira sem mimo infructuosa
 C'o Alamo sombrio espose, e abraçe.

Ou em planta silvestre, e amargosa
 Enxerta com mão dextra, e ferro agudo
 Outra de melhor gosto, e mais mimosa.

Bem se pôde chamar ditoso em tudo
 O que tamanho bem do Ceo alcança,
 Que gasta assim seo tempo, e seo estudo,

Que da Fortuna adversa aspra mudança
 Não teme, nem dos Homens mil enganços,
 Nos quaes ter-se não deve confiãsa.

Nunca damna ninguem, nunca vê damnos,
 Que causem na sua alma tal tristeza,
 Que mais asinha vêja o fim dos annos.

Goza dos puros dons da Natureza,
 De mil suaves fructos, de mil flores,
 Que parte a Primavera com largueza.

Nunca se queixa em vão de vãos amores,
 Nem vê cuidados doudos quaes eu tive
 Quando sentia a dôr das suas dôres.

Finalmente, que vive, ah! como vive!
 Pois vive de esperansas, e receios
 Tão livre, que não tem quem o captive.

Digo, por concluir estes rodeios,
 Que confesso de mim que tenho inveja
 A quem de seos bens vive, e não d'alheiros.

Pelo que rogo ao Ceo, que inda me vêja
 Onde possa viver com liberdade
 O pouco, que da vida me sobeja.

Onde siga rasão, negue vontade
 A minha, com as mais que errado sigo,
 O trabalho perdendo a poz a idade.

Esta pintura da vida campestre é cheia de amenidade, e traçada com colorido mimoso; Ferreira, respondendo a esta Epistola, indica os mesmos desejos de viver tranquillo no campo, e se lamenta de que as suas circumstancias lhe não permittam abandonar a Côrte, e trocar a beca de Desembargador pelos vestidos simplicies do Aldeão.

Toda minha alma em desejar se estende
A dôce vida, que tão dôce cantas,
Que quasi quebra a força, que me prende.

Mas ajunta a mil forças outras tantas
Todas quebrára eu, si azas tivesse,
Com que chegasse onde me tu levantas.

Si eu podesse, oh Bernardês, si eu podesse
Ser de mim só Senhor, eu vòaria
Onde do Vulgo mais longe estivesse.

Ali quam docemente me riria
De quanto agora choro, ali meo canto
Livre por ares livres soltaria.

Em quanto me vez preso, amigo, em quanto
Sem espirito, sem força, não me chames
Com teos versos, que a ti só honram tanto.

Assim estes dous Poetas amigos, unanimes em sentimentos, suspiravam pelas doçuras de uma vida livre, e tranquilla, e murmuravam contra o jugo da necessidade que os obrigava a viver, onde, e como menos lhe convinha.

A Carta VIII., endereçada a seu irmão Fr. Agostinho da Cruz, respira ternura paternal, pois nella se queixa com muita sensibilidade de elle se ter feito Capuchinho, sem lhe haver dado parte disso; lamentando ao mesmo tempo a perda da sua companhia.

Em que te mereci que me negasses
Teu pensamento bom, teo bom dezejo
Primeiro que do Mundo te appartasses?

Agora sinto, Irmão, agora véjo,
Que tinhas pouco amor pera comigo,
Sendo pera comtigo o meu sobejo.

Perdoa, si te agravo no que digo,
 Não te posso negar que sou humano,
 E que da Natureza a regra sigo.
 Faz nesta parte a dôr á rasão damno,
 Não me deixa cuidar quanto accertaste,
 E como tudo o mais he puro engano.
 Si tu soubesses lá qual me deixaste,
 Não digo eu que te arrependerias,
 Que nunca do bom feito atraz tornaste,
 Digo, que magoado ficarias
 Em responder tão mal a Amor tamanho,
 Que sempre em mim cresceo igual c'os dias.

.....
 Fui suspirando só por esses montes,
 As lastimas, que disse, não escrevo,
 Porque de tal fraqueza não te afrontes.

Disto te não espantes, que mais devo
 A' tua saudade, e mil lembransas,
 Em que desmaio agora, em que me enlevo.

A amisade destes dous irmãos Poetas, para honra sua, e das Letras, nunca se desmentiu, posto que seguissem vida tão diferente: mesmo quando Fr. Agostinho, não contente das austeridades da Ordem, em que professára, e abandonando de todo o mundo, se recolheu a fazer vida eremitica na Serra da Arrabida, Bernardes o visitava a miudo naquella solidão, e lhe hia pedir conselhos, e consolações nos seus trabalhos, e na sua vida não pouco atribulada. O mesmo Fr. Agostinho nos informa destas circumstancias na bella Elegia, em que deplorou a morte de seu irmão.

Na Epistola a Pero d'Andrade Caminha, que é a undecima da collecção, se queixa Bernardes dos amigos fingidos, que lhe faziam grandes promessas, e na occasião lhe faltavam a ellas. E o que de ordinario acontece no mundo.

E porque do melhor se não desvie,
 Mostra-me tu, Andrade, entre essa Gente
 Algum Esprito bom, de quem me fie.

Quem hontem me mostrou rosto contente
 Já hoje se me mostra carregado,
 Em tudo do primeiro diferente.

Por grave ficar quer desobrigado
 A me favorecer no que pertendo,
 De que palavra já me tinha dado.

Estes, montes, e valles prometendo,
 Sem nunca efectuar o prometido,
 Querem que o que não dam, fique devendo.

Mas eu como já bem tenho entendido
 Quam anchos Mestres sam de fingimento,
 Tambem lhes sei mostrar rosto fingido.

.....

O seguinte trecho é escripto com muita graça, e veia satyrica.

Outros se querem cá servir de mim
 Em dár sentido a versos, si sam versos,
 Os conjuros de Circe, ou de Merlim.

Outros com modos novos, mas perversos,
 Querem de mim, que seos contrarios note
 De vis, ou d'Agarenos, ou Conversos.

Hum quer que lhe responda a hum frio motte,
 Diz outro, que lhe grose huma Cantiga,
 Mais confusa que a Torre de Nembrote.

Que cuidas que me importa essa fadiga?
 Cuidarem que me deixam satisfeito
 Com dizerem « Não ha quem melhor diga! »

Parece-te que tiro bom proveito
 Do trabalho, que passo, antes que a lima
 Por bom accete o verso, e o conceito?

Vivo só do louvor da minha rima?
 Por ventura lho dá quem não entende
 Si he digna de desprezo, si de estima?

Mas o que sobre tudo mais me offende
 He tractar com Poetas, que me pedem
 Que suas obras vêja, e lhas emende;

Que risque, ou mude os versos, que precedem
 Sem arte, e sem medida, livremente,
 Que podêr pera tudo me comcedem,

Sendo a sua tenção mui diferente,
 Que não querem emenda, mas louvor;
 Que de emenda não ha quem se contente.
 Ora louvai-me lá hum semsabor
 Menti por gosto seo, sem ter vergonha
 Da terra, nem do Ceo nenhum amor.

Si Diogo Bernardes, resucitasse no nosso tempo, veria, que no meio de tantas mudanças, como tem havido em Portugal, só a este respeito as cousas se tem conservado inalteraveis; acharia a cada passo ignorantes, que despresam a poesia, e querem versos para tudo; importunos que querem que os Poetas percam o seu tempo em composições de sua encomenda, e que não julgam necessario remunerar-lhe o seu trabalho, e sobre tudo Escrevinhadores ridiculos, e fanfarões, que pedem que lhe emendem, e corrijam seus Poemas, só para que lhos louvem, e gahem, e que ao reparo mais judicioso, e sincero, em logar de se aproveitarem d'elle, retiram-se descontentes, e vão vomitar injurias contra o Literato, que teve a franqueza de lhe fallar verdade! Só o que não acharia por certo seria ainda entre os melhores Poetas aquelle espirito de fraternidade, aquelle mutuo desejo de auxiliar-se, que reinava entre elle, Ferreira, Caminha, e outros grandes homens daquelle ditoso seculo da Literatura Lusitana.

Na Epistola a D. Fernando Alvares de Castro a (XXIII.) censura Bernardes, com toda a lepidez satyrica de Horacio, a mania dos titulos, e tractamentos indevidos, que sempre reinou entre os Portuguezes, e que neste seculo tem chegado a um ponto verdadeiramente escandaloso. Os tractamentos, e as qualificações honorificas, e illegaes em vez de honrar, deshonoram a quem delles usa indevidamente, sam o merito dos que não tem merito, e as pennas do pavão, com que se desfarçam as gralhas.

Os titulos illustres, soheranos,
 Senhor, ao Rey se devem tão sómente,
 Pera todos os mais servem de enganos,
 Digo isto, porque já mui largamente
 Adulei por palavra, e por escripto,
Ma no per questo ho guadagnato niente.

Hum destes dias li hum sobrescripto
Em que se pôz illustre a huma Preta,
Que vende na Bitesga Peixe frito.

Este terceto comprova, que a rua da Bitesga foi sempre em Lisboa famosa pela venda de peixe frito, como ainda hoje acontece; mal cuidam os Frigidores actuaes, que a gloria artistica da sua profissão se mantem naquelle sitio desde tempos anteriores ao reinado d'El-Rei D. João III., e D. Sebastião! Que brazão para professores tão uteis! Ah! se fosse vivo o Chronista Mór Fr. Claudio, se tal soubesse, é natural que empregasse o seu talento de aguia em nos dár uma Chronica dos Frege-peixes da rua da Bitesga como nos tencionára deixar a *da Casa dos Vinte e quatro, de absoluta necessidade para bem se entender a Historia do Reino!* Grandes projetos interrompe a morte!

Nottai, Senhor, agora como beta
Illustre n'huma Córva frigideira,
Que foi tomada a gaita, ou com trombeta!

E deram-me a lér outro na Ribeira,
E a quem me dêo a ler fiquei devendo
Ter bem que rir huma semana inteira.

Dizia « *Ao estimado, e reverendo*
Magnífico Senhor Lourenço Affonso
Em cuja Senhoria me emcomendo. »

Vêde si pôde usar deste Vasconso
Nem hum gran Bacharel, que serve em nora
Por mais que de cervello seja esconso.

Pois esse tractamento de *Senhoria*, de que Bernardes assentava que um Bacharel não podia usar, exige-o hoje não só o Baicharel, mas o Malsim, o Cirurgião, o Tendeiro, o Çapateiro, e suas mulheres apodam de incivil, e malcreado todo o que lhes falla, sem de dez, em dez palavras ajuntar ao seu nome uma Excellencia mui campanuda, e repinicada.

Uma das melhores Cartas de Bernardes é a XXVI dirigida a João Gomes da Gram, que andara então na India; nella o Poeta, além de fazer sentir o quanto importa

para a gloria das nações a estima, e o cultivo da poesia, lamenta o pouco acolhimento, que o seu talento encontrava nos Grandes do seu tempo. Tinha razão, nessa mesma epocha um Poeta muito superior a elle em talento, e saber, não só era abandonado á miseria, mas alvo das mais atrozés, e immerecidas perseguições! E esse poeta é hoje contado entre os maiores da Europa, e é no seu Poema, que vivem, e resplandecem as antigas glorias, e as acções brilhantes dos nossos antepassados.

As Estatuas do Tempo sam gastadas,
Tambem o foram já suas memorias,
Si não foram das Musas conservadas.

Mas não te contariam mil victorias
Dos nossos valorosos Lusitanos,
Por que elles sam mais d'obras, que de Historias.

Os celebrados Gregos, os Troianos,
Os famosos Romãos Conquistadores
Não foram mais nas obras soberanos.

Mas si no Mundo tem muitos louvores,
A causa disso foi porque souberam
Grangear os prudentes Escriutores.

As honras, e mercês, que receberam
Oppiano, e Virgilio foram pennas,
Com que tão altas couzas escreveram.

Porque menos Coimbra do que Athenas,
Porque mais fará Roma, que Lisboa
Cantar ao som das Armas as Camenas?

Dos Engenhos a quem Phebo emcordôa
A doce, a branda Lyra com mão propria,
A quem de verde Louro dá côroa,

Quando he que entre nós houve maior copia?
E porém de Mecenas tantos temos
Como de Brancos tem a Ethiopia.

Nesta Epistola toca o Poeta elegantemente muitas das Fabulas antigas, com que dá não pouca variedade, e graça ao seu contexto.

Terminarei o que pertence a Bernardes transcrevendo a sua Carta a D. Gonçalo Coutinho, então retirado na

sua quinta de Vaqueiros, que é uma das mais ricas de pensamentos, e estylo poetico.

Senhor, si pertendêra acreditar-me,
 Invocára favor de Caliope
 Neste familiar, e amigo carme.

Mas pouco me dá já que muitos tope
 Que digam que inda menos sei de rima,
 De que de Grego sabe hum Ethiope.

Nunca de escuros versos fiz estima,
 Sempre porque me entendam fallo claro,
 Preze-se quem quizer de ser enigma.

Quizera a poucas voltas dár no faro
 Da seutensa, que jaz no verso incluza,
 Que o muito rastejar custa-me caro.

Aquella he mais formosa, e rica Musa,
 Que sempre nas figuras, e palavras
 Comformes ao sugeito, e uso, as usa.

Está tão mal a hum Pastor de Cabras.
 Tractar de Astrologia, e Medecina,
 Como a hum grande Rey de Gado, e Labras.

Eu sei d'alguns, que, por mostrar Doutrina
 Sem guardarem docóro se desviam
 De quanto a experiencia, e Arte ensina.

Estes, e os que de si tanto se fiam,
 Que não admitem bom juizo alheio
 O castigo de Marsyas mereciam.

Com perdão de Diogo Bernardes, querer que seja es-
 follado um pobre homem, sem mais culpa, que não accei-
 tar os bons conselhos, que lhe dam para aprefeioar seus
 versos, parecê-me rigor de mais, attendendo a que
 versos ruins sam o menor mal, que afflige os filhos de
 Adão! O unico perjuizo, que resulta dos máos versos, é
 tornar ridiculo aquelle, que os faz, e que maior castigo
 lhe querem?

Os versos destes taes sorve o Letheio,
 Ou vam para embrulhar Drogas na Tenda,
 Como tambem dos meus inda receio.

Esta pincelada é no gosto de Boileau.

Quem se teme de si, quem sofre emenda,
 Não tem de quem temer, nem dá motivo,
 Que nelle ache a malicia, que reprehenda.

Deixa depois de morto nome vivo,
 E adorna os seus escriptos de brandura
 Com ser contra si mesmo duro, e esquivo.

O Tempo o mau descobre, o bom apura,
 Humas couzas reprova, outras inventa,
 O que vai de vagar mais se segura.

Quem tanto de seus versos se contenta,
 Quem cuida que não ha que emendar nelles,
 Afronta ás suas faltas acrescenta.

A' porta punha o celebrado Appelles
 Do seo Ingenho raro os partos bellos,
 Não fiando de si a emenda delles.

Eu já li versos, que para entendellos
 Cumpria ser Mirem, ou Nigromante,
 Ou andar com Apollo a os cabellos.

Para este verso ficar certo é necessario não pronunciar *aos* como toda a gente pronuncia, e pronunciar *á os*, como não pronuncia ninguém. Estes, e outros descuidos sam mui frequentes nos Quinhentistas, á excepção de Camões, que foi o primeiro que soube dominar a lingua, descriminar o dialeto poetico do prosaico, e fazer versos hendecasy-labos com perfeição.

E outros tão pezados, que Athalante
 Não podéra suster sós dois Tercetos,
 E com trez não daria hum passo adiante.

Eu, Senhor, já podera ter bisnetos
 Depois que comecei a fazer Trovas,
 E ainda bem não caio nos Sonetos.

Cahir em alguma cousa, significa vulgarmente enredar-se nella, *cahir em erro* errar, *cahir em demencia* tornar-se demente; segundo os nossos Classicos *cahir em alguma cousa*, quer dizer, entende-la, conhece-la, percebe-la; assim disse Camões

Eu que cahir não pude neste engano.

Isto é « *eu que não pude conhecer, ou entender este engano*, e não como hoje se entenderia « *eu que não pude deixar-me illudir com este engano* » e neste lugar de Bernardes, quer dizer « *haver-se bem com alguma cousa, pratica-la com perfeição.* » Este verso do Poeta

E ainda bem não caio nos Sonetos

quer dizer, *ainda não sei fazer os Sonetos com perfeição.* É bom notar estas variadas significações dos verbos, não só porque nellas está grande parte da riqueza da lingua, mas porque sem as saber não é possível entrar bem no sentido dos Authores.

E vêjo muitos que inda as pennas novas
Com que sahem do ninho não mudaram,
E querem de Poetas fazer provas ;
Por isso nas empezas, que tomaram,
Tão fraca, e friamente procederam,
Que em vez d'honra ganhar se deshonraram.

Si tão bem estes tempos responderam
Com nossos necessarios mantimentos,
Como em o dar Poetas floresceram,
Eu me rira de ter requerimentos,
Que fazem ser hum Homem chocarreiro,
E cauzam outros mil abatimentos.

Hum Asno carregado de dinheiro
Trepá por onde quer, acaba tudo,
E não acaba pouco o Lisongeiro.

O pobre virtuoso, e o sesudo
Perca do que merece a saudade,
E tome a paciencia por escudo.

Ah! quem me dera agora a liberdade
Que tive n'outro tempo, n'outro estado,
Pera poder fallar mais á vontade.

Mas pera que? si estou certificado,
Que certos desenganos pouco prestam,
Com quem não quizer ser desenganado.

Reprehensões, e verdades, que mollestant,
 Bastã serem tocadas de passagem,
 Por que inda muito assim nos manifestam.

Por tanto mudo aqui a lingoagem,
 A vida, que escolhestes Aldeãa,
 Que faz a esta de cá muita vantagemem.

Ahi mais cedo vêdes a manhãa,
 Que bella em Oriente se levanta,
 Vestida de ouro, azul, de neve, e grãa.

Ahi o Rouxinol mais doce canta,
 E as mais Aves livres de Senhores
 Mais livres vôam de huma em outra planta.

Ali se alegra a vista com as flores,
 Que tem a verde selva matizada
 De novas, naturaes, alegres côres.

Ahi no ramo a fructa pendurada
 O gosto vos desperta, e vos comvida /
 Não colhida sem tempo, nem comprada.

Ali honra não ha que vos empida
 Sahir de casa só desafeitado,
 Nem Moço que murmure; e sempre pida.

Ahi cada manhãa não sois filhado
 Do Mercador, do Xastre, e Calceteiro,
 Que na cama vos tinham emprazado.

Filhar significa tomar, agarrar, &c. como pôde vêr-se a cada pagina do *Leal Conselheiro*, obra Philosophica de El-Rei D. Duarte.

Este verbo foi muito usado, mas já no tempo de Bernardes estava antiquado, quanto a mim sem razão nenhuma. Quasi o mesmo pôde dizer-se de *Xastre* por *Alfaiate*, posto que ainda usasse delle Francisco Rodrigues Lobo. *Calceteiro*, não quer aqui dizer o homem que faz, ou concerta calçadas, unica significação que hoje tem : mas o Fabricante de meias, em razão disso antes do Terremoto, havia em Lisboa uma rua chamada a *Calcetaria*, onde estavam arruadas todas as lojas em que se fabricavam meias.

Ahi cada Semana o Çapateiro
 A vossa propria pelle não esfolla
 A troco da de Bode, ou de Carneiro.

Ahi não encontraes com Mariola,
Que depois de moer-vos, vos diz « guarda ! »
Nem anda o pé por lamas em que atola.

Ahi basta vestir de roupa parda,
E servir de Rocim Gallego, ou Macho,
Ora pôsto de sella, ora d'albarda.

Ahi não rabeaes aos do Despacho,
Que vos levam traz si sem vos dar vento,
E nisto tambem eu a mim me tacho.

Rabear está aqui na significação de andar seguindo e acompanhando sem cessar os poderosos, para alcançar delles o despacho de suas pertençaes, estou certo que Ferreira tão amante da correcção, e da expressão nobre censuraria este uso de um verbo, que se explica pela phrase vulgar *andar ao rabo d'alguem* mas Bernardes pecca frequentemente na baixaza dos termos. O mesmo verbo *rabear* tambem se usa na significação de estar inquieto sobre um assento, revolver-se nelle com furia, e dar upas. Neste sentido disse Francisco Manuel na traducção dos *Martyres* fallando de Pithonissa

na tripode rabea.

Ahi, segundo o meu entendimento,
De mais alegre vida vos lograes,
Que quantos della tem contentamento.

Ahi, quando quereis caçar, caçaes
Pêga com Gavião, com Galgo Lebre,
A poucos passos, que no campo daes.

Ahi pouco vos dá que as pazes quebre
O Calipha do Egipto, e o Saladino,
Nem que o Prestre João mourra de febre.

E menos, que Rinaldo Paladino
Va per amor d'Angelica la bella
A' serra d'Ossá a se meter Beguino.

Ahi, sem passar mar, nem mudar sella,
Vereis pintado o Mundo, ou por escripto
Em Plinio, Ptolomeo, Pomponio Mella.

Ahi não vos abrange o Interdicto,
Que póz Rabi Asar em Babilonia,
Porque largou Granada El-Rey Chiquito.

Ahi viveis em fim sem cerimonia,
E lèdes, sem estorvo, hum dia todo
Sem vos ser necessario Celidonia.

Cartas, e Dados vam-se pôr de lôdo,
Ou vam-se apposentar c'os do contrato,
Que trazem o dinheiro em caza a rôdo.

Ahi, não da ribeira, mas do matto
Vos trazem Perdigões, e Laparinhos,
O Cabrito de mama, o tenro Pato.

Trazem-vos da esparrella Passarinhos,
E Rolas, amarellas de gordura,
Os Criados da caza, e os visiahos.

Faltam-vos hi Perús pola ventura?
Bem sabem nesta Casa, como sabem
Onde a lembrança em vez de gosto dura.

O Azeite, por mais que vo-lo gabem
De mui claro, de louro, e de gostoso,
Muito môres louvores nelle cabem.

Tambem tendes ahi Trigo espantoso,
Segundo ouço dizer, que de cêrteza
Não sei si faz pão feio, si formoso.

Foi liberal em tudo a Natureza
Com essa vossa Quinta dos Vaqueiros,
E deu-lhe inda comvosco môr riqueza.

Hum gabo me esquecia dos primeiros,
Que lhe poderá dar para tropheo
Dos mais louvores seos bem verdadeiros.

E he, que tal licor lhe da Lieo,
Que não sómente alegra huma alma afflicta,
Mas antecipa o placido Morpheo.

Ahi, que seja sempre o Ceo permita!
Para vos occupardes no divino
O Monte, o valle, o bosque vos incita.

Imita-vos o Rio cristalino,
A Planta, a Flor, o Bicho, o Passarinho,
E a Fonte, que murmura de continuo.

E tendes o Egypto por visinho,
Onde podeis gostar celeste fumo
No pobre, e penitente Capuchinho.

Finalmente, Senhor, eu me resumo,
Que outra vida não ha que melhor seja,
Posto que a todas vou lansando o prumo.

Quem a póde gozar, que mais dezeja ?
A que Banda, a que Mythra, a que Corôa,
A que couza do Mundo tem inveja ?

Do mal abi mais tarde a nova sôa,
Do bem hi vô-la manda o bom amigo,
Ou seja de Madrid, ou de Lisboa.

Huma, e outra vos affirmo, e digo,
Que na vida do campo corre a vida,
E a alma tambem, menos perigo.

Soberba não he vista, nem ouvida
Entre simples, e humildes Lavradores,
Nem falsa hypocrisia conhecida.

Não trazem entre si aduladores,
Que por proveito seu, e alheio damão,
Ao gosto sempre fallam dos Senhores.

Ali não tem logar o falso engano
Em Escripturas, tractos, e destractos,
Em ouro, e prata, nem em seda, e pano.

O que Diogo Bernardes affirma nestes versos está em perfeita contradicção, com o que ouvi muitas vezes ao Padre Diogo dos Santos, um dos mais eloquentes Ora- dores sagrados, que tem florescido em Lisboa. « Tremo (me dizia elle muitas vezes) quando vêjo a meus pés um homem, ou mulher do campo, porque a longa pratica do confessionario me tem ensinado, que não ha gente mais perversa, e com menos disposições para emendar-se. » E os Poetas a aturdir-nos com os seus encomios da innocencia, e sinceridade dos Camponezes, e as doçuras da vida rustica; mas os Confessores julgam os rusticos pelo exame de suas consciencias, e dos actos da sua vida privada, e os Poetas os celebram quasi sempre sem haverem vi-vido vinte, e quatro horas com elles.

Ahi em vãos, sobejos apparatus
Não gastam o que tem, e o que não tem,
E appellar depois pera Pilatos.

Emfim, Senhor, vós escolhestes bem,
 Seja por huma via, ou outra via,
 Tal vida por agora vos convem.

Concede-vos ahi a noite, e o dia
 Branda conversação, casta, suave
 Com vossa bella Esposa em companhia.

Ella do peito seo vos deo a chave,
 Vós lha destes tambem do peito vosso,
 E assi não tem Amor, de que se agrave.

Ah, Senhor Dom Gonçalo, que não posso
 Tractar desta materia como devo,
 Tal ando eu, tal anda o tempo nosso.

Este, em que eu estes versos vos escrevo,
 A negocios, que emportam, fui roubando,
 Por elles ser mais largo não me atrevo,
State sano, ed a Dio vi raccomandando!

Esta Epistola, apesar de algumas incorrecções de estylo, e de metro, é uma das mais ricas de Bernardes, nella se encontra boa moral, preceitos de gosto, rasgos satyricos expressados com graça, e concisão, e agradaveis pinturas campestres, foi por isso que a preferi para terminar o que tinha que dizer a respeito deste Poeta.

A fama deste Escriptor, assim como a dos seus contemporaneos, esteve eclypsada em quanto floresceu a Eschola de Gongora; a cujos discipulos seu estylo parecia rustico, prosaico, e falto de engenho; porém Bernardes ainda cabiu em maior desprezo não só porque Manuel de Faria e Sousa lhe provou a plagiato de cinco Eclogas, e de Santa Ursula de Camões, além de outras obras, que elle desconfiava serem do Cantor dos Lusíadas, e que não deudifinitivamente como taes por não as haver achado em algum manuscrito debaixo do nome de Camões, mas porque tractou as suas outras poesias como parto misaravel de um homem sem talento.

Felizmente os Arcades, restabelecendo o bom gosto da poesia, e o estudo dos antigos, e dos Quinhentistas, lhe fizeram justiça, e desde então ninguem deixou de contar a Diogo Bernardes entre os melhores Poetas do seculo de ouro das nossas Letras.

CAPITULO VII.

Fr. Agostinho da Cruz.

Foi como acima dissemos irmão de Diogo Bernardes, e nasceu com elle na Villa da Ponte da Barca no anno de 1540, porém não consta o mez, e o dia do seu nascimento.

Chamou-se no seculo, como tambem já dissemos, Agostinho Pimenta, appellido desgraçado, por que sendo usado por dous Poetas, Fr. Agostinho, e seu irmão, nenhum delles é conhecido por elle.

Agostinho Pimenta mostrou desde os seus primeiros annos grande viveza, e engenho, e muita facilidade em comprehender todas as disciplinas a que se applicava.

O genio poetico se desinvolveu nelle mui cedo, e as suas composições foram recebidas com grande applauso, e na verdade o mereciam, porque eram senão superiores, pelo menos não inferiores ás de seu irmão.

Era naquelle tempo a casa do Senhor D. Duarte, filho do Infante D. Duarte, neto d'El-Rei D. Manuel, o mais famoso ponto de reunião de todos os que cultivavam as Letras, porque o seu nobre dono herdára de seu Pai o amor do saber, e das boas Artes, e com o seu benevoló acolhimento convidava a frequenta-lo a todos os Alumnos das Musas, a quem amava, e tinha na mais alta estimação.

Agostinho Pimenta foi admittido entre os fidalgos da casa daquelle Principe, que tendo quasi a mesma idade, iguaes inclinações, e conhecendo o seu honrado, e virtuoso proceder, o tractou sempre mais como amigo, que como criado.

E' facil de vêr quanto esta situação vantajosa, e o tracto continuo com tantos homens de letras, que então davam honra á nossa patria, habilitaram Agostinho para distinguir-se na carreira Literaria, aproveitando-se das lições, conselhos, e conversação de taes amigos.

Entre as altas personagens, que frequentavam a casa de D. Duarte, distinguia-se muito D. Alvaro, Duque de Aveiro, e seu filho D. Jorge, Duque de Torres Novas, e estes fidalgos, que muito se compraziam de ouvir recitar as bellas poesias de Agostinho Pimenta, lhe tomaram uma affeição tão viva, que o Poeta lhes deveu muitos, e importantes obsequios, tanto no seculo, como no claustro.

Com tão grandes, e poderosos proctetores, com a recommendação do seu talento, e com as suas obras, que eram lidas, estimadas, e disputadas por todos os que eram dotados de bom gosto na Literatura, podia Agostinho Pimenta fazer fortuna no mundo, se o Omnipotente o não tivesse predestinado para marchar por outro caminho, trocando as glorias mundanas pelos gozos ineffaveis do Ceo.

Todos sabem, que a Infanta D. Isabel, viuva do Infante D. Duarte, edificou o Convento de Santa Catharina de Ribamar, no anno de 1591, e o entregou aos Religiosos Arrabidos em testemunho da grande estima, e devoção, que professava áquella Ordem, e ao seu santo Patriarcha.

Era por isso a casa de seu filho, em cuja companhia a Infanta vivia, diariamente frequentada pelos Religiosos mais dignos daquella Congregação, que a sua Padreira recebia sempre com aquella amavel, e piedosa affabilidade, que em taes pessoas é meio seguro de impôr respeito, e grangear affecto, e veneração.

Entre estes dignos Padres, o que mais assiduamente visitava a Infanta, era Fr. Jacomo Peregrino, a quem chamavam o *Tio*, para distingui-lo de outro Religioso do mesmo nome, e de igual virtude, que era sobrinho do primeiro; e que havia nascido em Obidos, e depois gozou de grande privança com El-Rei D. João IV.

Fr. Jacomo era muito respeitado por suas virtudes, seu saber, e zêlo religioso, e nas occasiões, em que visitava a Infanta tinha largas conferencias com Agostinho Pimenta, em quem conhecia grande disposição para a vida espirital, e que era um dos mais assiduos ouvintes dos seus Sermões, a que não faltava senão quando era impedido pelo desempenho das suas obrigações.

Agostinho Pimenta era de character jovial, e amigo de folgar, mas honesto, temente a Deos, e mui fervoroso em

tudo que dizia respeito á Religião, e por isso os discursos de Fr. Jacomo sobre o nada das grandezas humanas, sobre a fragilidade da amizade dos homens, e as vantagens da penitencia para conseguir a vida eterna, fructificaram exclusivamente em seu coração.

A esta disposição de espirito vieram dar o ultimo abalo o mau exito de algumas pertencções, algumas calumnias de invejosos, e algumas censuras injustas, algumas perfidias de amigos, com quem a sua alma candida se havia enganado. Então aborrecido do mundo tomou a resolução irrevogavel de fugir para a solidão, e vestir o habito de S. Francisco, na Provincia da Arrabida.

Nem representações de amigos, nem lagrimas de familia foram poderosas para o fazer tornar a traz com seu proposito, e pediu o habito ao Provincial, precedendo licença da Infanta.

Uma das opiniões mais irroneas, que divagam por esse mundo, é a que muitas pessoas tem da irreligiosidade dos Poetas, quando a verdade é, que não se podendo merecer o nome de grande Poeta, sem uma imaginação ardente, uma sensibilidade exaltada, e a paixão do maravilhoso; sam os homens, que possuem estes dotes os mais dispostos para se enthusiasmarem pela gloria eterna, e para sentirem com gratidão os beneficios do Creador, e fervidamente ama-lo.

Não pensava assim o Provincial, pois que desconfiando muito da constancia, e fervor da vocação de Agostinho Pimenta, não quiz logo expô-lo ás austeridades da Arrabida, e para experimenta-lo, mandou que tomasse o habito, e tivesse o seu noviciado no pobre, e pequeno Convento da Serra de Cintra, o que teve logar no dia de Vera Cruz no anno de 1560.

Enganou-se porém o Provincial no conceito que fizera de Agostinho Pimenta, e sahiram baldados os seus reccios, pois o Noviço, em vez de esfriar no seu primeiro ardor, cada dia se tornava mais fervoroso, sugeitando-se ás mais austeras penitencias, jejuns e disciplinas, e assim volveu o anno das provanças, findo o qual fez a sua profissão solemne, no mesmo dia da Vera Cruz, em virtude do que se ficou chamando Fr. Agostinho da Cruz.

Depois de professo continuou na mesma austeridade de

vida, desempenhando todos os preceitos da Ordem reformada, que abraçara; não julgou porém que estivesse obrigado a deixar de corresponder-se com as pessoas de quem fôra obsequiado, com os seus amigos, e parentes, a quem algumas vezes visitava, sentando-se á sua meza, mas portando-se sempre com a gravidade, e modestia propria de um Regular. Fr. Agostinho da Cruz não era fanatico, nem misantropo, mas religioso na rigorosa acceção deste termo, sabia por isso que a sua obrigação não era aborrecer, e fugir dos seus irmãos seculares, mas instrui-los com as suas praticas, e edifica-los com os seus exemplos.

Pelo mesmo motivo, posto que tivesse rasgado, ou queimado quasi todas as poesias compostas no seculo, não deixou de sempre cultivar a primeira das Bellas-Artes, reconduzindo-a á sua instituição primitiva, porque ninguém ignora que o primeiro officio da poesia foi tributar louvores, e hymnos de gratidão ao Creador, e fazer parte das ceremonias do culto, como ainda hoje se pratica, pois a Igreja tem hymnos, que se cantam nas suas festividades. Nem sam poucos os que contém o Breviario.

O comportamento modesto, e religioso de Fr. Agostinho da Cruz, a mansidão, e amabilidade de seu character, sua devoção fervorosa, e sua austeridade deviam torna-lo objecto de respeito, e admiração para os Religiosos, com quem vivia, e por isso não admira, que muitas vezes fosse eleito em Capitulo para os cargos da Ordem; era porém tamanha a sua humildade, e tão completo o seu desapego das cousas, e honras terrestres, que sempre os regeitou todos; e só quando já contava sessenta annos de idade é que cedeu aos rogos, antes importunações do Provincial Fr. Antonio da Assumpção, e se resolveu a cexecrer o cargo de Guardião no Convento de S. José de Ribamar.

Desempenhou este logar alguns tempos com aprazimento, e louvores dos seus subditos; mas accitando aquelle cargo, não houvera elle em vista subir a outros de maior graduação, mas sómente facilitar os meios de alcançar a sua transferencia para a Serra da Arrabida, onde muito desejava terminar seus dias entregue ao retiro, e á penitencia.

Obtida, não sem custo, a sua patente, em dia de S. Jo-

sé de 1605, tomando a benção do Provincial, o bastão, e o alforge, e cheio de contentamento partiu para o seu destino.

O Duque de Aveiro, e seu filho D. Jorge, Duque de Torres Novas, Padroeiro do Convento de Nossa Senhora da Arrabida, estavam então vivendo na sua quinta de Azeitão, e como Fr. Agostinho da Cruz era mui obrigado a estes fidalgos os visitou em seu caminho para lhe dar parte de que ia diffinitivamente recolher-se no Convento da Serra, para onde partiu apenas comprira com este acto de gratidão, e civilidade.

Havendo ali chegado, fez oração na igreja, e repetiu o seguinte Soneto á Senhora, que é o orago daquella casa.

SONETO.

Aqui, Senhora, minha, onde sohia
Cantar na minha leve mocidade,
O muito que de vossa saudade
Desejei de accender nesta alma fria,

Aqui torno outra vez, Virgem Maria,
Desenganado já, mais de verdade,
Pois me mostrou do Mundo a falsidade,
Que a lagrimas comprei quem me vendia.

Conselham-me tão claros desenganos,
Que comece de novo nova vida
Nesta Serra deserta, alta, e fragosa.

Mas sam conselhos vãos, leves, humanos,
Que vós nunca quizestes ser servida
Sinão por puro amor, Virgem formosa.

Feita a sua apresentação ao Superior, que o recebeu com a benevolencia devida á sua virtude, e á sua idade, passou á serra, e como nella não havia gruta alguma, ou estancia desoccupada, teve elle proprio de erguer por suas mãos uma choça de ramos de arvores onde se abrigou da intemperie do tempo, até que o Duque lhe mandou fazer outra mais commoda.

Foi na primeira noite, em que dormiu na sua choupana da serra, que elle, elevando o pensamento a Deos, cantou o seguinte :

SONETO.

Que logar acharei no pensamento
Tão aspero, medonho, triste, escuro,
Onde, meu Redemptor, esté seguro
De mais vos offender hum só momento !

Não digo pelo meu contentamento,
Que brando me faria outro mais duro,
Mas por não ser ingrato a Amor tão puro,
Que morreo por me dar merecimento.

Como vos servirei pois vos não amo?
Como vos amarei, pois vos offendo?
E sempre cada vez mais gravemente.

Nestes frios suspiros, que derramo,
Sem servir, sem amar, Senhor, entendo
Que não ha poder ser, viver contente !

Os Leitores, que conhecem a Serra da Arrabida, sabem que difficilmente poderá encontrar-se na terra um sitio mais agreste, e pictoresco, uma solidão mais propria para inspirar devota melancholia, e para nos reconcentrar em nós mesmos, fazendo-nos esquecer do bolicio do mundo, das suas intrigas, das suas paixões, e nada brilhantes ! O convento nella collocado, as lapas, em que viveram, e em que vivem os Eremitas, os penedos sobre postos em penedos, os rogidos dos ventos, o bramir do mar ao longe, e suas vagas, que se enrollam, quebram, e retumbam nas raizes das rochas, que servem de fundamento á serra, e echoam no ouco das suas cavidades, tudo nos arrebatam aos Ceos, e nos familiarisa com o aspecto da morte.

Neste deserto vivia tranquillo Fr. Agostinho da Cruz redobrando cada dia em austeridades, e penitencia. Alevantava-se antes de amanhecer, e depois de fervorosa oração, ia á Ermida de Nossa Senhora da Memo-

ria ajudar á Missa de outro Solitario por nome Fr. Diogo dos Innocentes, que depois lhe ajudava á sua; voltava então para o seu retiro, onde empregava o tempo na reza do officio divino, em santas meditações, e na leitura da Biblia, e do Evangelho: algumas vezes passeiava pelos cabeços da serra, ouvia os canticos das aves, colhendo algumas flores agrestes, ou compondo de cór alguns versos, que á noite escrevia; foi em uma destas excursões, que compôz este bello

SONETO.

Tempo foi, que pastava neste prado
 Bem fóra de cuidar que poderia
 Tornar a vêr-me nelle inda algum dia,
 De tantos mil cuidados descuidado.

O Senhor, que me trouxe a tal estado,
 Quando castigos graves merecia,
 Dando-me muito mais do que pedia,
 Para sempre jámais seja louvado.

Estas agoas correntes, estas flores,
 Estes bosques cobertos de verdura
 Os Passarinhos nelles escondidos.

Aqui lhe dem comigo mil louvores,
 Sem fim o louve toda a creatura,
 Não sintam outra couza meos sentidos.

Passava horas em pé sobre os pinearos revestidos de verdura, atalaiando o Occeano, que vai pegar-se com a athmosphera nos confins do horisonte; ou contemplando as riquissimas côres, e os recortes pictorescos das nuvens, no momento do pôr do Sol.

Todos os domingos pela manhãa ia ao Convento receber o pão para toda a semana, e nos dias mais solemnes ficava para assistir aos officios divinos: pão, e agoa era o seu sustento diario, e ordinario, excepto nos dias de festa, em que fazia uso de algumas hervas, ou fructas, porém sempre em pequena quantidade.

Para fugir do ocio, algumas vezes se empregava em trabalhos braçaes, como os antigos Monges, e fabricava cestinhos de verga, e bordões, que distribuia pelos seus Frades, e pelos Duques, e Duquezas de Aveiro, e de Torres Novas, que muitas vezes o visitavam na sua solidão, e que no claustro, e fóra d'elle sempre lhe tributaram a mais sincera amizade.

A fama das suas virtudes se divulgou de pressa por todas as terras circumvisinhas, e foi causa de que muitas pessoas o procurassem, já para lhe pedir conselho, já para se confessarem com elle, ou para sugeitar-se á sua direcção espiritual. O Servo de Deos recebia a todos com agrado, e benevolencia, prestando-se como bom religioso, que era, a este desempenho dos seus deveres de Ministro do Altar, porém estas visitas, e forçado tracto com seculares o incommodavam muito, porque perturbavam a sua solidão, e o destrahiam das devotas meditações, em que sempre andava engolfado.

Naquelle deserto recebeu Fr. Agostinho da Cruz a amarga noticia da morte de seu irmão mais velho, Diogo Bernardes, a quem amava ternamente, e de quem fóra ternamente amado. Elle deplorou esta perda na Elegia IX., uma das melhores da sua collecção.

ELEGIA.

Claras agoas do nosso doce Lima,
Secou no Téjo já vossa corrente,
Onde me seca a dôr, que me lastima.

Lembranças de vos vêr suavemente,
Correr ao som da voz, que em vós soava,
Não me deixarão já viver contente.

Lembra-me a tenra idade, que passava
Lembrando-me daquela companhia,
A quem tanta brandura acompanhava.

Lembra-me quantas vezes succedia
Das Plantas, e das Fontes convidados
Acceitar sombras frescas, e agoa fria.

Outros mil pensamentos renovados
A magoa me offerece imagiando,
Que nunca ham de tornar tempos passados.

Fique-se o Mundo já desenganando,
Que não se abranda a morte com brandura.
Pois a não abrandou teu peito brando.

Que mór consolação, que mór ventura,
Antes quanto favor de Deos alcança
Quem dá na vida á vida sepultura!

Ah claro, e charo Irmão, que confiança
Me fica neste passo saber certo,
Que tinhas lá no Ceo tua esperança!

Sabias que da morte andavas perto,
Perto tambem de Deos a desejavas,
Como d'antes me tinhas descoberto.

Que nem sempre do Lima praticavas,
Nem sempre cá do Téjo só comigo,
Nem tudo hera Poesia o que tractavas.

Eras, alem de Irmão, mais do que amigo,
Por me vêres do Mundo despedido,
Cujos males chorar vinhas comigo.

Tinhas chorado assás, tinhas gemido,
O tempo vão da verde mocidade,
Na velhice madura conhecido.

Não se deixa sentir a vaidade,
No principio da vida grangeada,
Quando contra a Rasão reina a vontade.

D'hum gosto n'outro falso emcaminhada,
Não sofre mais ouvir do que dezeja,
Nem sabe dezejar couza accertada.

He necessario pois que se proveja
D'alheio parecer na cauza sua,
Porque na sua o seo sempre manqueja.

Mas porque mais não note, nem argua,
Os defeitos communs da Natureza
Dos meos quero tractar na morte tua.

Eu cuidava bastar a fortaleza
Da solitaria serra, em que eu habito,
Para fortalecer minha fraqueza.

Mas nella se abalou mais meo Esprito,
Que chorando não fica consolado
Da muito aguda dôr, que o tem afficto.

Dôr, que no coração amargurado,
De momento em momento mais si entranha,
Sem que possa ficar desafogado
Nas lagrimas de amor, em que se banha.

Desta Elegia se depreheende, que entre os dous irmãos reinava viva, e reciproca amizade, que Bernardes, persintindo a proximidade do fim de sua existencia, havia requintado na sua habitual devoção; que ia muitas vezes visitar seu irmão á Serra da Arrabida, para lhe confiar suas magoas, para lhe pedir conselho, e receber delle consolação nos seus trabalhos.

Apesar do seu quasi completo desapego das cousas do mundo Fr. Agostinho da Cruz não podia esquecer-se de Bernardes, levava, como diz Fr. Antonio do Espirito Santo, noites inteiras orando pelo descanso de sua alma; e tornou de novo a tocar por elle o alaude de Eutherpe na seguinte

ELEGIA.

Junto das bravas agoas Oceanas
Choro quanto cantei na mocidade,
Ao som daquellas mansas Limianas.

Daquellas, que já foram n'outra idade
Com nome de Letheas celebradas,
Por lhe faltar do curso a liberdade.

Que estando tanto tempo represadas,
O tempo lhe deu nome de esquecidas
Athe lho dar Bernardes de lembradas.

Mostrai-vos claras agoas, tão sentidas,
Quanto vos deo Bernardes de brandura,
Véjam-vos de correr ficar corridas.

Deixai seccar nos campos a verdura,
Como já nos do Téjo se secou,
Por darem a Bernardes sepultura.

Mostrai mais do que nelles se mostrou,
Pois o ser natural mais vos obriga
Alem de quanto mais vos obrigou.

Cuidai que não se achou memoria antiga,
Que tanto vosso nome celebrasse,
Quanto não faltará quem melhor diga!

Quem dissesse melhor do que Bernardes, e que todos os outros contemporaneos existia havia muito tempo, mas nem Ferreira, nem os Poetas da sua eschola fallaram nunca em Luiz de Camões. Em outro logar examinarei os motivos probaveis desta singularidade.

Ainda que se agora não deixasse
De lhe dar o louvor, que se lhe deve,
Não faltaria quem me desculpasse.

Mas quem tão differente do que teve
A vista dos seus olhos desencilhe,
Quanto mais quer louvar menos se atreve.

Que de humanos louvores não se colhe
Outro fructo senão remordimento
De quem semêa, e mais de quem recolhe.

Podera-me aballar o sentimento
Da fraca humanidade n'outra terra,
Não'nesta, em que só pobre, vivo isento.

Metido n'huma Lapa desta Serra,
Que tenho que esperar, ou que temer
Nos successos da Paz, ou nos da Guerra?

A Morte já não tem que me empecer,
A vida pouco já deve durar,
A conta não me fica por fazer.

Poderam-se os Gentios quietar,
Sem gosto da Christãa Philosophia,
Com gostos desta vida despresar.

Quanto mais o que delles se desvia
Escolhendo o melhor, e mais seguro
Por outra mais suave, e doce via,

Onde se faz mais claro o mais escuro,
Onde muito mais leve o mais pesado.
Onde muito mais brando o que he mais duro.

Onde se o pé descalso he magoado,
Se cura com lembrar, que seo Senhor,
O foi nos pés, e mãos, cabeça, e lado.

A tanto se estendeo o Redemptor,
Que pelo máo trocou seo amor, sendo
O seo de Deos, o meo de Pecador.

Daqui não sei passar, aqui suspendo
 Quanto posso alcansar, quanto sentir,
 Pois que me vêjo amar de quem offendo.

D'onde posso acabar de concluir
 Que quando não podér chegar amando,
 Suprirei com dezejos de servir.

Póde ser que se abrande dezejando
 Tanto no peito meo minha dureza,
 Que de duro se venha a fazer brando.

Para que sinta esta alma em fogo acceza,
 Tanto quanto mais nelle arder dezeja,
 Sem mais contradicção da Natureza
 Do que divino amor quizer que seja.

Quatorze annos de vida eremitica na Serra da Arrabida passou Fr. Agostinho da Cruz, orando, poetando ao divino, e entregue aos jejuns, e penitencias mais austeras; seu corpo, como era de esperar, se ia definando com a falta de alimentos, e das commodidades para a conservação da vida, sem que nunca desse signal algum de esfriar na resolução tomada, o que prova bem a sinceridade de sua vocação, até que em 14 de Março de 1619 a natureza succumbiu inteiramente aos maus tractamentos, á falta de alimentos, que se chama virtude, mas que se é tal aos olhos da devoção, aos da razão não póde escapar da nota de suicidio lento, e prolongado.

Declarou-se-lhe então uma febre ardentissima, que ia consumindo a olhos vistos as poucas forças, que ainda restavam naquelle já, não corpo, mas cadaver animado, de modo que foi necessario transferi-lo para a enfermaria, que a Commuidade tinha na Villa de Setubal; a jornada foi por mar, e o Servo de Deos voltava saudoso os murribundos olhos para aquelles rochedos cobertos de verdura, e musgo, de que elle fizera o seu paraíso na terra, e que estava certo, que não tornaria a habitar.

Chegado a Setubal, e recolhido na enfermaria, foi logo pôsto em tractamento regular, sendo visitado pelo Duque de Torres Novas, e outras personagens, que sabiam apreciar os seus talentos, e as suas virtudes; mas todos os remedios, e todos os disvelllos dos Enfermeiros, e em especial do seu amigo Fr. Antonio Netto Corrêa, que nunca

se apartava da sua cabeceira, foram inefficazes, e os Facultativos declararam depreça ao Guardiã, que a hora do passamento não podia tardar.

Da bocca do Guardiã recebeu Fr. Agostinho da Cruz esta noticia com serenidade, e resignação, preparando-se para a eterna jornada, despedindo-se dos Religiosos com muitas lagrimas, pedindo-lhe perdão do escandalo, que lhes havia dado, ou melhor que presumia haver-lhe dado, e recebidos do Guardiã os soccorros espirituaes, ficou esperando tranquillo a visita de Anjo da morte.

Assim falleceu Fr. Agostinho da Cruz, em 14 de Março de 1619, com 79 annos de idade, 59 de Religioso, e como dissemos; 14 de Monge na Serra da Arrabida.

O Duque de Torres Novas lhe quiz dar nova prova de estima, mandando tirar-lhe o retrato depois de morto: dizem que nessa occasião o cadaver se rira, e que Pintor, e assistentes fugiram espavoridos; a este respeito cada um acreditará o que lhe pareça, mas pela minha parte digo que este milagre sem motivo, nem fim me parece um parto de imaginação fradesca.

Fr. Agostinho da Cruz havia manifestado muito desejo de ser sepultado no seu Convento da Arrabida, e os Duques de Aveiro, e Torres Novas se empenharam em que a vontade do Poeta tivesse o seu effeito, e para isso mandaram apromptar uma falua, guarnecida com toda a pompa, e asseio, em que foi transportado a Arrabida, acompanhando-o muitos Religiosos, e pessoas distinctas, e entre ellas o Duque de Torres Novas, e o Marquez de Porto Seguro.

Na Arrabida lhe celebrou a Commuidade um solemne Officio, em 16 de Março; findo o qual, se deu o corpo á sepultura, sendo o logar desta, fóra das grades, do lado da sacristia.

Si Fr. Agostinho da Cruz no excesso do seu zêlo religioso, e fervor da sua conversão não houvesse queimado todas as poesias da sua mocidade, e a sua nova vida não restringisse o seu estro aos assumptos puramente asceticos, é muito probavel, que o seu nome, e as suas obras fossem hoje tão populares como as de seu irmão. Não tem, é verdade, tanta amenidade, o que se deve ás materias, que tracta; é certo que, como elle, cahc muitas ve-

zes no uso de palavras baixas ; mas parece-me, que a sua expressão é mais forte ; seus pensamentos mais philosophicos, a sua imaginação fecunda, e o metro igualmente harmonioso, e podemos sem escrupulo nenhum classificarlo como um dos melhores Poetas desta epocha.

Seu estylo simples, talvez demasiado ás vezes, corre como um arroio, limpido murmurando por um leito de aréas, e cortando prados matizados de flores : a miudo apresenta trechos de poesia descriptiva, que arrebatam o coração do Leitor ; a sua moral é pura, os seus sentimentos elevados, e a devoção, e espirito religioso resumbra por todas as suas composições.

As obras de Fr. Agostinho da Cruz constam de vinte e seis Sonetos, doze Eclogas, dez Elegias, quatro Odes, trez Epistolas, um Poema em oitavas, sobre o martyrio de Santa Catharina, e alguns Motes, Voltas, Redondilhas, e Endechas.

Entre os Sonetos ha bastantes de grande merecimento, e um delles é aquelle em que excitado com a vista do mar, que muitas vezes contemplava, exclama.

SONETO.

Do meio desta Serra derramando
A saudosa vista nas salgadas
Agoas, humildes quando, e quando enchadas
Conforme a qual o Tempo vai soprando.

Estou comigo só considerando
Donde foram parar couzas passadas,
E donde hirão presentes malfadadas,
Que pelos mesmos passos vam passando.

Oh qual se representa nesta parte
Aquella derradeira hora da vida,
Tão devida, tão certa, e tão incerta.

Em quantas tristes partes se reparte,
Dentro desta alma minha entristecida,
A dôr, que em taes extremos se desperta !

Aproximação dos successos da vida, que vam correndo com as vagas do Oceano, a comparação da instabilidade destes, com a daquelle cujo aspecto varia com o sopro dos ventos, terminando estas considerações com a certeza da morte, me parecem idéas de viva imaginação, ligadas por um sentimento profundo.

Igual belleza de pensamentos, e mui bons rasgos de poesia descriptiva vêmos no segundo

SONETO.

Passa por este valle a Primavera,
As Aves cantam, Plantas emverdecem,
As Flores pelos campos apparecem,
O mais alto do Louro abraça a Hera.

Abranda o Mar, menor tributo espera
Dos rios, que mais brandamente descem,
Os dias mais formosos amanhecem,
Não para mim, que sou quem d'antes hera.

Espanta-me o porvir, temo o passado,
A magoa choro d'um, d'outro a lembrança,
Sem ter já que chorar, nem que perder.

Mal se pôde mudar tão triste estado,
Pois para o bem não pôde haver mudança,
E para maior mal não pôde ser.

Entre alguns Sonetos a Magdalena, me parece que é devida a preferencia ao que se segue

SONETO.

Diante do Senhor está lansada
A Magdalena triste, e vergonhosa,
Qual na força do Sol vermelha Rosa
Dos seus ardentes raios traspassada.

A nova, e grave dôr lhe tem roubada,
Signal do que padece, a voz queixosa,
Lembra-lhe, que passou tão perigosa
Vida, da vida sua descuidada.

Os pés, que de seos passos foram guia,
Em lagrimas banhados alimpava,
Com os cabellos, de que se cobria.

Ali do Redemptor, a quem buscava,
Encaminhada foi, porque queria;
Que amasse muito mais quem tanto amava.

As Elegias, que acima se transcreveram, me parecem sufficientes para dar idéa de seu merito, neste genero de Poema, accrescentarei áquellas a segunda Elegia, que me parece excellente.

Alta Serra deserta, d'onde vêjo
As agoas do Oceano d'uma banda;
E d'outra já salgadas as do Téjo.

Aquella saudade, que me manda
Lagrimas derramar em toda a parte,
Que fará nella saudosa e branda!

Daqui mais saudoso o Sol se parte:
Daqui muito mais claro, mais dourado,
Pelos montes, nascendo, se reparte.

Aqui sobe-lo mar dependurado
Hum penedo sobre outro me ameaça,
Das importunas ondas solapado.

Duvido podêr ser que se desfaça
Com agoa clara, e branda a pedra dura,
Com quem assim se beja, assim se abraça.

Mas ouço queixar dentro a Lapa escura,
Roidas as entranhas apparecem,
Daquella rouca voz que lá murmura.

Eis por cima da rocha aspera descem,
Os troncos meios seccos, emcurvados,
Eis sobem, os que nelles emverdecem.

Os olhos meus d'ali dependurados,
Pergunto ao mar, ás plantas, aos penedos
Como, quando, por quem foram creados.

Respondem-me em segredo mil segredos,
Cujas primeiras Letras vou cortando
Nos pés d'outros mais verdes arvoredos.

Assim, com cousas mudas conversando,
Com mais quietação dellas apprendo,
Que outras, que hi ensinar querem fallando.

Só pejejo, só grito, só contendo
Com armas, com razão, com argumentos,
Ellas só com callar ficam vencendo.

Ferido de tamanhos sentimentos
Fico fóra de mim, fico corrido
De vêr sobre que fiz meus fundamentos.

Ali me chamo cégo, ali perdido,
Ali por tantos nomes me nomeio,
Quantos por culpas tenho merecido.

Ali gemo, suspiro, ali prantêo,
Ali geme, suspira, ali pranteia
O monte, e vai de mil suspiros cheio.

Ali me faz pasmar, ali me enleia
Quanto colhendo estou da saudade,
Que por toda esta terra se semeia.

Ora me ponho a rir da Vaidade,
Ora triste a chorar com quanto estudo
Erros sollicitos da mocidade.

Tudo se muda em fim, muda-se tudo,
Tudo vêjo mudar cada momento,
Eu de mal em peor tambem me mudo.

Sohia levantar meo pensamento
Assentado sobre estas penedias,
Duras, e eu duro mais nellas me assento.

Punha-me a vêr correr as agoas frias
Por cima d'alvos seixos repartidas,
Que faziam tremer Hervas sombrias.

As flores, que levava já colhidas,
Passando pelos valles engeitava
Por outras, d'outra nova côr vestidas.

O livre Passarinho, que vôava,
Cantando, pera o Ceo, deixando a Terra,
Da Terra pera o Ceo me encaminhava.

Cuidei que se esquecesse nesta Serra
A dura imiga minha Natureza,
Mas donde quer que vou lá me faz guerra.

Oh! quem víra naquella Fortaleza
 Rodéada de fogo d'amor puro,
 Daquelle amor divino esta alma acceza!
 Quam firme, quam quieto, e quam seguro
 No campo se pozera em desafio,
 E quam braudo sentira o ferro duro!
 Mas si agora de mim me não confio,
 Si fujo, si me escondo, si me temo,
 He porque sinto fraco o peito frio.

Alevantam-se os mares; pasmo, e tremo;
 Véjo vento contrario, desfaleço,
 A corrente das mãos me leva o remo.

Confessó minha culpa. Bem conheço,
 Que por mais graves males, que padeça,
 Menos padecerei do que mereço.

Mandaes, Senhor, que busque, bata, e peça,
 Eu busco, bato, e peço, a vós, Senhor,
 Sem haver cousa em mim que vos mereça.

Com os braços na Cruz, meo Redemptor,
 Abertos me esperaes, com tudo aberto
 Manifestos signaes do vosso amor.

Ah! quem chegasse um dia de mais perto
 A vér c'os olhos d'alma essa ferida,
 Que esse coração mostra descoberto.

Esse, que por salvar Gente perdida,
 De tanta piedade quiz usar,
 Que deu nas suas mãos a propria vida,
 A sangue nos quizeste resgatar
 De tão cruel, e duro captiveiro,
 Vendido fostes vós por nos comprar.

Padecestes por nós, manso Cordeiro.
 Pizado, preso, e nú entre Ladrões,
 Ardendo o fogo posto no madeiro
 Arçam postos no fogo os corações.

Estes tercetos sam bem fabricados; os pensamentos ora philosophicos, ora ternos, a poesia pictoresca, a expressão forte, o estylo claro, e desaffectedado, como o requerem composições desta qualidade. Em Bernardes, e Caminha creio que não haverá Elegia alguma superior a esta. Talvez a haja em Ferreira, mas essa nunca a emparelhará

na correnteza de metro, que em Ferreira nunca, ou raras vezes, é exempto de dureza.

Fr. Agostinho da Cruz parece ter comprehendido melhor a Ode, do que os outros Poetas da eschola, a que pertencia: pelo menos nas poucas, que delle nos restam, ha menos pezadez, menos monotonia, e mais movimento, mais sentenças, e linguagem mais elevada; está com tudo muito longe da correccão, da elegancia, e das pinturas brilhantes, e amavel philosophia de Horacio, de Garção, e de Francisco Manuel, mas cumpre não sermos muito severos com elle, attendendo ao tempo, e circumstancias, em que escreveu. Alguns trechos escolhidos de suas Odes, servirão de comprovar, o que temos escripto.

Si tão suavemente
 O Passarinho canta,
 Movido só da sua saudade,
 Que fará quem se sente
 Magoado de tanta
 Misturada com faltas de amizade?
Ode I.

He muito diferente
 Do que ao longe parece
 O verde Bosque visto de mais perto.
 Nem para toda a gente
 Mais formoso apparece
 O dia pelos valles do Deserto.
 Quantas vezes desperto
 Gritando ao nosso Lima
 Porque se não consuma
 No mar, como costuma,
 Pois livre correr pôde para cima?
 Quem vos visse appartadas,
 Agoas do manso Lima, das salgadas.
Ode II.

O Tempo, que fugindo
 Com tamanha mudança
 Desengana quem nelle se confia,
 Abatendo, e subindo

Diversas esperansas,
 Me faz, Lima, cuidar o que faria
 Si faltasse agoa fria,
 Si me escusasse a tua,
 Por mais clara que seja!
 Quem me tolhe que vêja
 Claro de dia o Sol, de noite a Lua?
 Buscando a formosura
 De quem fez tão formosa a Creatura?
Ode III.

O Martyrio de Santa Catharina, me parece o melhor Poema deste genero, que se compoz naquello seculo, si exceptuarmos a Santa Ursula de Camões; mas não se julgue por isso, que seja Poema de muito merecimento poetico; quero sómente dizer, que o estylo é geralmente sam, e correcto, como pôde deprehender-se dos seguintes trechos.

Passa por annimaes bravos atados,
 Que, pondo os olhos nella, estam bramando,
 De verem com seo sangue venerados
 Aquelles, que sem fim estam penando,
 Adonde tendo já considerados
 Quantos nos casos seos se estam culpando,
 A Maxencio mandou dizer da porta
 Do Templo, que fallar-lhe logo importa.

.....

Mas pois tua malicia assim te cega
 Para não podêr vêr idolatrando,
 Como quem seo juizo a cêgo entrega
 A cêgo, que seos passos vai guiando,
 Manda vir á disputa quem te préga,
 E verás como venço disputando;
 Moça de tenros annos, sabedores,
 Escolhe de teus Reynos os maiores.

.....

Quaes Lobos vigiando dos outeiros,
 Que viram sem Pastor a mansa Ovelha,
 Famintos, furiosos, e ligeiros,

Da pelle branca vam fazer vermelha,
 Taes foram, os algozes carniceros,
 Tanto que a voz sôou na sua orelha,
 Da boca do Tyrano, que não cansa
 De bradar contra aquella ovelha mansa.

Mas ella nos tormentos florencendo
 Como Lyrio nos valles regadios,
 Tanto mais na firmeza vai crescendo,
 Quanto de sangue mais crescem os rios;
 Eis o Tyrano vai desfalecendo
 Do furor, desfalecem os Sandios,
 Ministros seos, cansados de ferir
 Quem mais ferida os faz mais consentir.

As Epistolas, ou Cartas de Fr. Agostinho da Cruz, em número de trez, não tem, é verdade, a abundancia de pensamentos didaticos, e a concisão nervosa, que admiramos nas de Ferreira, nem a variedade das de Bernardes, mas não tem tambem as durezas metricas do primeiro, nem as negligencias, e prôsaismos do segundo, sam com tudo escriptas em linguagem pura, estylo simples, elegante ás vezes, e em versos quasi sempre bons, respiram excellente moral, sentimentos ternos, bem que um pouco asceticos, com especialidade a segunda, dirigida a D. Branca, confirmando-a na resolução de se meter Freira.

Que pôdes esperar por mais que esperes
 Do Mundo, que te tem desenganada?

Que te póde faltar se a Deos te deres?

Si vires que por tudo deixas nada,
 Por nada deixarás o que descansa
 No curso desta vida tão cansada.

A tanto subirás nesta mudança,
 Que não haverá dôr por mór, que seja,
 Na qual não cresça mais tua esperança.

Assim de culpas minhas eu me vêja
 Tão longe, como perto essa alma tua
 Daquillo, que esta minha vêr deseja.

Que vás apoz de quem á custa sua
 Por nos levar ao Ceo d'onde nos chama
 Na terra padecco morte tão crua.

Hum firme coração; que em vós se inflama,
Ardendo por se vêr de vós amado,
Por vos amar, Senhor, tudo desama.

Na primeira, escripta a seu irmão Diogo Bernardes, em resposta a outra, que este lhe enviára pouco depois da sua profissão, expondo-lhe as saudades, que delle sentia, o bom Religioso o consola com affecto verdadeiramente fraternal, mas defende o partido, que tomou como ao seu parecer mais acertado, e affirma, que por tomar o habito não é obrigado a deixar de ama-lo, como até ali fizera.

Culpas o meo amor, e dizes quanto
Me tinhas; muito foi; não sei se diga
Que tenho agora mais sempre outro tanto.
A Ley do Redemptor não desobriga
A quem a professou, ser obrigado
Daquillo, a que a razão humana obriga.
Si quiz que nosso imigo fosse amado,
Como não quererá que nosso amigo
Seja no mesmo amor avantajado?

Daqui se vê, que Fr. Agostinho da Cruz não era um fanatico atrabiliario, e inimigo dos homens, mas sim, um homem sensivel, que procurou refugio na religião.

Na Carta a Francisco Barreto de Lima, um dos fidalgos que ficaram presoneiros dos Serracenos na funesta batalha de 4 de Agosto de 1578, toma o Poeta um estylo menos austero, e mais corteção, como quem levava em vista dissipar a melancholia de um captivo, divertindo-lhe a imaginação com objectos mais apraziveis, e por isso, com muito artificio lhe faz a pintura breve, mas viva, dos divertimentos daquelles, que vivem felizes retirados nas suas terras, e fugindo dos cargos públicos, e do bolício da còrte.

Quão ditosos, quam bem considerados
Os dias sam daquelles, que fugindo
Pelos desertos vam despovoados.
Agora do Coelho van seguindo
Os passos, que lhe mostra o Cão ligeiro,
Que busca, corre, salta, e vai latindo.

Ora se vai trepar no Sovereiro
 D'onde, sem ser ferido, o Porco fira,
 Que por ferir escuma no terreiro.

Ora no raso campo onde se estira
 O Galgo apoz da Lebre fugitiva,
 No cansado Rocin se ponha á mira.

Ora tome, caçando, a Perdiz viva,
 Das mãos do seo Açor, ou do seo laço,
 Ficando a preza d'hum d'outro captiva.

E si de condicção fôr mais escaço,
 No Rio vá pescar peixes á cana
 Que a Marateca tem como bagaço.

Estes versos não só sam bons pelos idéas, pela harmonia, mas pela propriedade dos termos. O Cão que *busca, corre, salta, e late*; o Galgo que se *estira apoz da Lebre*, sam tudo termos technicos, que exprimem ao vivo, os movimentos destes animaes no exercicio da caça *tomar a presa* das mãos do Açor é tambem expressão tirada da linguagem da Caça da Volataria.

E' natural que um Poeta, que no seculo tivera relações com tantas pessoas, que viveu na casa de um Principe, não escrevesse sómente trez Epistolas, sendo estas um genero de Poema, que no seu tempo andava muito em moda, como se evidencia das obras de Sá de Miranda, Ferreira, Bernardes, e Caminha; mas é crível que, pelos seus objectos, fossem sacrificadas sem piedade ao fervor religioso, e aos escrúpulos de consciencia do Poeta, na occasião de entrar na vida conventual, e não foi isto pequena perda para o nosso Parnaso, mas a devoção exaltada transforma muitas vezes as idéas do homem, e as leva além das raias da razão.

Temos doze Eclogas pastoris de Fr. Agostinho da Cruz, que sam talvez as mais bem escriptas das suas composições; este número, e o serem compostas, na maior parte, no tempo de frade, mostra bem, que este era o genero predilecto do nosso Poeta, que para elle se sentia com maior disposição. O contheudo destes Poemas sam pela maior parte factos de sua vida involvidos, e cobertos com o véo da alegoria pastoril, e o Poeta procede neste disfarce com tanta naturalidade, e artificio, que não faz sen-

tir muito a frialdade, que de ordinario resulta deste modo de compôr, de que outros Poetas tanto abusaram depois. Parece-me encontrar nestas Eclogas um toque mais original, sentimentos mais vivos, e um estylo mais energico, que o que se encontra nas pastoraes daquelle tempo.

Na primeira Ecloga, alusiva á sua conversão, o pastor Limabeo, lança-se entre uns penedos, e ali medita sobre a instabilidade dos bens do mundo, os seus enganos, e inconvenientes, comparando-os com as vantagens do retiro, e finalmente pede a Deos perdão de suas culpas; nesta composição deparam-se excellentes trechos, por exemplo :

Lansou-se Limabeo entre huns penedos,
D'onde via correr hum claro Rio
Accostumado a ouvir os seos segredos.

Com os olhos n'hum bosque alto, e sombrio,
A quem a Primavera já pagava
A perda, que lhe fez o tempo frio,

„ Aquillo (começou) que vos contava
„ Plantas, agoas, penedos, foi engano,
„ Já me desenganou quem me enganava.

„ Mais foi a perda sua que meo dano,
„ Mas, como dizem, tudo o Tempo cura,
„ Pois o que perde o Mez não perde o anno.

„ Engeita-se no campo a formosura
„ Do Lyrio já colhido, que não cheira,
„ Mais hade ter o bosque que a verdura.

„ Inda mal pois não foi esta a primeira,
„ Como devéra ser, que me levára,
„ Onde não víra mais esta ribeira.

„ Não falta nos desertos agoa clara,
„ A Lapa, que da calma me defende,
„ Si ventar, ou chover, tambem me ampara.

„ Ali tem liberdade, ali se estende
„ O Pastor solitario com seo Gado;
„ Não se offende de alguém, ninguem o offende.

„ Não tenho que fazer no Povoado,
„ A Razão me aconselha, que me guarde,
„ Eu não me atrevo nelle a andar guardado.

- » Si escutar sempre quem me diz que aguarde,
 » Nunca já buscarei a quem me espera,
 » E peor me será nunca, que tarde.
 » Ainda que mais males não tivera
 » Quem bens na Terra tem, que ser captivo
 » Delles, por isso só, fugir devera.
 » Apoz d'hum gosto falso, e fugitivo
 » Leve de noite vou, cégo, ás escuras,
 » Sem me lembrar, que para morrer vivo.
 » Quebraram-se, meo Deos, as pedras duras,
 » Mostrou o Sol, e Lua sentimento,
 » E não vossas humanas creaturas.

-
 » Em pecados, Senhor, fui concebido,
 » Em pecados minha alma foi creada,
 » De pecados tão mal arrependido.

-
 » Viestes amostrar ao peregrino
 » O caminho da sua Natureza,
 » Querer hir lá por outro he desatino.
 » A carga, que cauzou minha fraqueza,
 » Os passos me detem, faz-me que desça,
 » E quanto desço mais, tanto mais peza.
 » Não vos peço, Senhor, porque a mereça
 » Graça para ficar entre esta Serra,
 » Mas porque vós quereis que vô-la peça.
 » Aqui não temerei a cruel guerra,
 » Daqui veíei no Ceo formosas côres,
 » Assi me esquecerão couzas da Terra.

Na segunda, feita no anno do noviciado, o pastor Mincio encontrando-se com outro pastor, por nome Flavio, se admira da mudança de côr, e de aspecto, que nelle observa, e este lhe diz, que o seu pezar nasce de que Limabeo, o unico amigo que tinha, lhe desapareçera, e diziam que para ir meter-se em uma serra, junto ao Oceano; ora esta serra é a Arrabida, e o pastor fugido é Limabeo, isto é, o Poeta, de cuja nova vida elle faz a seguinte pintura.

- Disseram-me que andava cá metido
 Junto do mar Oceano n'humã Serra
 De hum novo, não sei qual, amor ferido.

Por elle deixou só quanto na terra,
Tinha, com tudo o mais que ter podera;
Por elle anda comsigo em cruel guerra.

Si não chegára a vê-lo não o crêra,
Quasi mudou de todo a Natureza,
Que não he Limabeo, mas ferro, e cêra.

Nunca se imaginou tal aspereza,
Não digo dos penedos do Deserto,
Mas da fome, do frio, e da pobreza.

Dos pés the á cabeça anda coberto
De lã d'alheias cabras, remendado
De mil côres sem ordem, nem concerto.

Traz huma corda grossa, a que anda atado,
Pelo meio, descalso, sem mais nada,
Sem bolsa, sem çurrão, e sem cajado.

Barba, e cabeça traz toda rapada,
Qualquer couza, que quebra, ou fende, ou fura,
No seo pescosso a leva pendurada.

Os pés, si por compasso por não cura,
Quer gretados do frio, quer doentes,
Tambem nelles lhe poem huma atadura.

Não póde responder aos maldizentes,
Nem dar razão de si, que se boqueja
Atravessado leva hum pau nos dentes.

Os olhos si alevanta, ou pestaneja
Nem inda para quem falla com elle,
Hum pano lhe poem nelles, que não vêja.

Hum Principal de seis nas costas delle
De tal maneira, faz sóar as varas,
Que não lhe queiras tu jazer na pelle.

Porque não fica dôr, pena, ou tormento
De cruel invenção, qualquer maneira,
Que deixe de sofrer hum só momento.

Debaixo de hum penedo na Ladeira
Do monte todos tem cada hum seo ninho,
Mas o triste sempre anda na carreira.

Estes rigores excessivos, estes tractamentos barbaros,
que tendiam a apagar no homem o sentimento da sua di-
gnidade, e embrutecer o seu espirito, haviam por necessa-

ria consequencia trazer comsigo a relaxação do espirito religioso, e foi isso o que de preça aconteceu.

Mincio horrorisado de tanta barbaridade pede a Flavio, que não continue, por que já intende, que Limabeo se fez Capuchinho. Continuam depois a discursar sobre a resolução tomada por Limabeo, e Flavio canta alguns versos dos que elle agora costuma cantar.

Na terceira dous pastores, Rodrigo, e Silvestre, encontram-se, e depois de discursarem um pouco cantam alternadamente uma Cansão ao divino.

A quarta contém queixumes de Limabeo, em que narra a Mencio as offensas de um pastor, que ternamente amava, e que foram causa de elle se retirar a um deserto.

Na quinta, debaixo da costumadã alegoria pastoril, se tracta de um, que o tempo conduzira a abraçar a vida do claustro.

Na sexta o Poeta, debaixo do nome de Limabeo, deplora, pelo modo seguinte, a morte de um amigo.

LIMABEO.

O meo Cordeiro branco, que saltava,
Ao som da minha flauta, ah meo cordeiro!
Tão branco como o Leite, que mamava.

Em quanto vegiava o Gado Alfeiro,
Huma Aguiã mo levou atravessado
Nas unhas lá de traz daquelle Outeiro.

Ah Fortuna cruel! ah cruel Fado!
Que si de crueis Lobos me vegio,
Das Aves de rapina sou roubado.

Si nisto hade parar tudo o que crio,
Como já succedeo da minha Corsa,
Que se afogou naquelle negro Rio,

Convem que a Natureza faça força,
Porque não se ofereça gosto humano,
Que primeiro que venha o não retorça.

Que maior confusão! que mór engano
Ao triste coração, que se affeiçoa,
Para pagar tributo do seo dano.

O simples Passarinho, que se escôa,
Do visco, em que cahio incautamente,
Com menos pennas foge, menos vôa.

Deixei de conversar humana gente
Para me afeiçoar cá no Deserto
A Brutos annimaes mais brutamente.

Com que composição, com que concerto
Sobre que saudades adormeço,
Si com tão leves couzas me desperto!

Como posso chegar, si não começo?
Quando começarei como desejo?
Ou como subirei pois sempre desço?

Si qualquer leve couza me faz pejo,
Para accender no peito amor divino,
Porque de tudo já me não despejo?

Assi convem valer-me de contino;
Assi fortalecer minha fraqueza,
Que não sinta descuido repentino.

Assi soprar de novo esta frieza,
Atiçar no madeiro onde se atêa
O fogo, que desfaz tudo em pureza.

Nasci para lavrar na Terra alhêa,
Terra de maldição, de Deos maldita,
De Cardos, e de Espinhos sempre chêa.

Tenta, move, perturba, afaga, incita
A buscar o peor, o mais nocivo,
Não deixa repouzar esta alma afflicta.

Nesta contradicção, neste incentivo
De males, que me rende a minha herdade?
Quasi me sinto já como captivo.

Mas pois a verdadeira liberdade
Depende de trazer o pensamento
Accezo na divina saudade,

De tudo que me fôr impedimento
Para podêr gozar hum bem tamanho
Determino fazer appartamento.

Experiencia tenho do que ganho,
Essas vezes, que saio da Cabana,
Pois que no campo limpo inda me arranho.

Muito pequena couza turba, e dana
 Huma composição clara, e serena
 Em quanto respirar na vida humana!
 Foge do Povoado a Magdalena,
 Vai fazer no Deserto vida nova
 Depois de ter perdão da culpa, e pena.

Ali metida dentro n'hum cova
 Chora, suspira, geme, noite, e dia,
 D'hum n'outra aspereza se renova.

Procure quem quizer a companhia,
 Branda conversação d'outros Pastores,
 Que só me quero a mim por outra via.

Muitas cappellas fiz de muitas flores
 Compassando nos olhos a pintura,
 Bellas por variar formosas côres.

Escothendo da fructa a mais madura,
 Pelos bosques agrestes me espinhava,
 Deixando o Gado meo posto em ventura.

O louro Laporinho que tirava:
 O Tralhão, que cahia na costella,
 O Tordo, que na vara se emforcava.

O Pombo, que vôava na courella,
 A Perdiz, que picar vinha na Lousa;
 Ou meter o pescosso pela trela.

Em fim que não colhi nem cacei cousa
 Que para dar não fosse, mas quem nega
 Plantas, a cuja sombra não repouza?
 Não deixa de pagar quem mal se emprega.

A septima tracta da mudança da Arrabida, e nella notam-se, entre outros, os seguintes versos.

Como queres que esteja sempre a ponto
 Para dobrar a minha singeleza
 Pois não côso remendos com pesponto?

Por não contrafazer a Natureza
 Sinto tornar a vêr-me entre Pastores,
 Cuja conversação tanto me peza.

Elles querem colher no campo flores,
 Eu medronhos na Serra entre penedos,
 Assim descoucordamos nos humores.

Elles no povoado cantam lédos.
 Os gostos, de que vivem; eu chorando
 Por acabar debaixo dos rochedos.
 Mas pois tudo se vai contrariando,
 Na Serra, nem na Terra buscarei
 Cousa, que o tempo possa andar mudando.
 Por donde quer que for levantarei
 Os meos olhos ao Ceo, de cuja vista
 Aquellas saudades colherei,
 Com que possa fazer nova conquista
 Para me consumir no fogo puro
 D'amor, de cujo amor divino vista
 Esta alma, caminhando mais seguro,
 Que buscando repouzo nas montanhas,
 Pois no gosto da Terra me aventuro
 De não podér lograr couzas tamanhas
 Do Ceo, em toda a parte tão formoso,
 Que póde penetrar duras entranhas.

A Ecloga VIII. é das que chamam Piscatorias, inventadas, como acima dissemos, pelo Napolitano Sannazaro, um dos mais affamados Poetas da Italia, tanto pelos seus versos Toscanos, e a sua Arcadia, como pelas suas poesias Latinas, e o seu Poema de *Partu Virginis*, porque é ainda mais conhecido no mundo Literario.

Vejamos o estylo do Poeta nesta qualidade de composição.

LIMAREO.

Em quanto se dilata a Pescaria,
 Pois será por demais provar ventura
 Mofo Pescador, maré vazia.
 Debaixo desta rocha antiga, e dura,
 Que d'um n'outro penedo sustentada
 Por cima desta praia se pendura,
 Se quizeres ouvir nova sôada
 De hums versos, que cantei em Sampeneda
 Em quanto a réde ao mar tinha lansada.
 Verás que vida logra quem se arreda
 Da communicação dos Pescadores,
 E qual quem nos conselhos seos se emreda.

LAURO.

Ah! não damnes com versos semsabores
 Huma tarde, que tarde me acontece,
 Si queres cantar bem seja de amores.

E se de todo ainda te parece
 Melhor cantar do meo justo, e suave
 Que do mal que me fez já se conhece.

Não queiras que com rogos mais te agrave,
 Nem deixes de cantar posto que vejas
 Lagrimas derramar, em que me lave.

LIMABEO.

Si tu d'amor cruel ouvir dezejas
 Agravos, semrazões, duros conceitos,
 Cuja victoria cuidas que festejas;

Alembra-te que em passos tão estreitos
 Te póde entristecer qualquer lembrança,
 Que amor tem jurdição em ternos peitos.

Deque serve, no tempo de bonança,
 Alevantar de novo tempestades
 No mar, d'onde escapou tua esperança?

Rompendo por cem mil adversidades,
 De terra em terra alheia te levaram
 Justas, mas tarde pagas, saudades.

Quantas vezes os remós te faltaram
 Depois das vellas rôtas pelos ventos,
 Que na firmeza tua se quebraram!

Prolongaram-se os teus merecimentos
 De perigo em perigo navegando,
 Alagado no mar dos sentimentos.

Sentimentos, nesta accepsão, tem sido muitas vezes tachado de galicismo pelos Puristas perluxos, e já se vê com quanta injustiça, pois este vocabulo em tal sentido se encontra nas poesias de um Poeta tão classico como Fr. Agostinho da Cruz. Isto prova o pouco que tem sido lidas as suas obras, talvez pelo preconceito de serem Poemas de devoção, e como taes de leitura fastidiosa.

Quantas vezes na praia murmurando
 Conforme a seo juizo, ou seo dezejo
 A tua cauza, andava mariscando?

He muito de notar com que despêjo
 O nescio Pescador sentenciava
 Aquillo, que contar inda me péjo!

Em que Fera, em que Pedra não sôava
 O nome teu, Liana? que Serpente,
 Si de parir deixou, não te criava?

Desviado teu nome andou da Gente,
 De Liana em Lioná; nem me espanto,
 Pois tractavas teu sangue cruelmente.

LAURO.

Dezejoso de ouvir suave canto
 Te roguei, que de amores me cantasses,
 E tu provas d'amor reprovos tanto.

Si tu nas rédes tuas te pescasses,
 Não cuido que tão pouco estimarias
 Queixumes seos, que delles te queixasses.

Antes a mariscar me ajudarias,
 Ameijôas nas areias revolvendo,
 Tirando Mexilhões das penedias.

Arrancando Percebes, que pertendo
 Levár para Liana este cestinho,
 Que vêja si me esqueço não a vendo.

LIMABEO.

Darte-hei, que leves, mais hum Passarinho
 De verde, azul, e branco salpicado,
 Que sem pena furtei á May do ninho.

Dentro d'hum Buzio hirá todo pintado
 De pardo, e de vermelho, que Palemo
 Para Marfida tinha sotterrado.

Não sei que couza foi, não sei que Demo
 Tomou tal formosura, tal aviso
 Por quem nem ter na mão sabía o remo.

.....

Mas deixemos motivos de tristeza,
 O novo cabazinho concertemos,
 Lavado muitas vezes n'agoa teza.

na agua teza parecerá a muita gente uma expressão estranha, e acarretada pela necessidade da ryma; mas não é assim; *agua teza*, quer dizer, *agua que corre com força*; ou *agua alta*; dahi vem as expressões maritimas *vento tezo*, *mar tezo*, e o chamar-se *tezo* a um outeiro, ou elevação de terreno. Tambem se chama *tezo* a um homem, que tem firmeza de character, e que não cede facilmente.

Verdes limos debaixo lhe poremos,
 O verde Perrexil de cima posto,
 Fazendo de experança dois extremos,
 O presente no meio bem composto
 Por ordem, que lhe dê muito mais graça,
 A ti de lho levar muito mais gosto.

Estou bem longe de emparelhar esta Ecloga, e as duas seguintes, que tambem sam Piscatorias, aos cantos de Alicuto, na Ecloga VI. de Luiz de Camões, ou ás Eclogas, que deste genero nos deixou Bocage, mas tenho para mim que podem merecer pelo seu estylo, e pensamentos o applauso dos entendedores.

É de notar, que a Ecloga X. é a unica entre as doze do Author, em que fallam mais de duas personagens, e em que se observa mudança de metro, pois o canto fual dos Pescadores é em verso octosylabos; copia-la-hei aqui, por ser a mais importante das poucas poesias que Fr. Agostinho da Cruz conservou do tempo de secular, naturalmente por que tem por objecto celebrar o nascimento de D. Jorge de Lencastre, filho do Duque de Aveiro, e que depois foi Duque de Torres Novas, receando o Poeta, si a destruísse, de incorrer no desagrado daquelles fidalgos, a quem sempre fôra muito acceito, e de quem recebêra muitos obsequios, tanto no seculo, como na Religião.

ECLOGA PISCATORIA.

GALAPO, ALPORTUXO, ALMILÃO.

GALAPO.

Queres ouvir cantar hum Pescador
 Pobre, que de Marisco se sustenta,
 E, segundo o que dizem, foi Pastor?
 Não sei onde, nem como, ou que tormenta
 O lansou nesta praia ha poucos dias,
 Que nem sempre do Norte o Vento venta.
 Naquellas solapadas penedias
 Huma lapa buscou escura, escura,
 Que não se deixa vêr d'outras sombrias.
 Dali forçado sahe da fome pura
 A buscar o salgado mantimento,
 Duro de se arrancar da pedra dura.
 Depois sobre hum penedo crespo, e lento
 Ao som d'hum arrabil, que traz no seio,
 As ondas faz parar, fugir o Vento.
 O primeiro d'Abril ali se veio
 A cantar, e tanger tão docemente,
 Que do mar Oceano fez Letheio.
 Mas tanto mais alegre, e mais contente,
 Que logo quem ouvisse julgaria,
 Que festejava algum gosto presente.

ALPORTUXO.

Agora sabes tu que foi o dia,
 Em que fructo nos deu a Primavera,
 Fructo, que só do Ceo cahir podia.
 Do Ceo, por cujo dom já se descera
 Da sua opinião isempta, altiva,
 Mais branda agora, mais que branda Cêra.
 Mas ah, livre Liana! quam captiva
 Te fez o justo amor daquelle teu,
 A quem tu te mostraste tão esquivã.
 Agora tu não tua, elle não seu,
 Hum n'outro si, de dois hum só formado,
 Tal vos conserva Amor qual elle o deu.

GALAPO.

Outros muitos sobre esse tem já dado,
Que tempo nem fortuna dura, imiga
Poderão desatar; perde o cuidado.

O bom será cantar uma cantiga
Em louvor dessa festa nesta praia.

ALPORTUXO.

Começa tu, si queres, que te siga.

GALAPO.

Esperemos hum pouco, antes que caia
A sombra lá da Serra; póde ser
Que tambem Almilão da Lapa saia.

ALPORTUXO.

Eu tenho pera mim que ouço tanger,
Deve de ser aquelle? Vê-lo vem,
Como se vem regando de prazer.

ALMILÃO.

Ouçá-me quem quizer, vêja-me quem
Folgue com bens de Lauro, e de Liana,
Que sempre dos seus bens, cantarei bem.

Que fica mais por vêr na vida humana,
Que vêr dois corações n'hum convertidos,
De cuja flor tão doce fructo mana?

Que fica por sentir a meos sentidos
Quando vestida vêjo Magdalena
Dos seus, antes dos meos, pobres vestidos?

Eu tomarei na mão um dia a penna,
E nem remendo seo, nem graça sua,
Ficarão por cantar grande, ou pequena.

Das formosas Estrellas, Sol, e Lua,
As côres mostrarei em Violante:
A dos olhos ao Ceo se restitua.

Nelle pois passar quero mais ávante
 Convem que vá fazer o meo alforge,
 Porque mais cedo tanja, e milhor cante.

Amor tempere a fragoa, accenda, e forge
 Com que festeje dia tão ditoso

Do novo Anjo do Ceo, do novo Jorge.

Detenha-se no bosque saudoso
 A verdura na planta, a flor no valle,
 Nasceo Jorge, nasceo todo formoso.

Antes que desta praia hoje me aballe
 A Fera amansarei, o duro Seixo
 Óusarei abrandar, farei que falle.

Já não sei murmurar, já não me queixo,
 Queixe-se o Rouxinol, murmure a Fonte,
 Ella de pedra em pedra, elle no Freixo.

D'encarnado, e de azul nosso horisonte
 Se vista nesta festa, cujas côres
 Callo, que póde ser que inda se afronte.

Fazei novas Cappelas, Pescadores,
 Nos salgados penedos, nas arêas,
 A seo Príncipe já cobri de flores.

GALAPO.

Quaes Alciões na praia, ou quaes Serêas
 Igualar já se podem com teo canto,
 Em louvor desse Infante, que nomêas?

Não sei qual affeição te ensinou tanto,
 Mas como cuidarei que se affeiçoa
 Quem não vêjo medrar n'hum pobre manto.

ALMILÃO.

Si tractas de interesse de Pessoa
 Pelas partes que tem, não pela renda,
 A tal opinião julgo por boa.

Comigo, que não posso ter Fazenda,
 Que fazenda fará o nescio rico,
 Que não póde emendar, nem ter emenda.

Cuidarás por ventura, que me pico
 Desse juizo teu, commum juizo,
 Que, como dizem, traz agoa no bico.

Sabe, que com ninguem contemporiso,
Que a pelo me não falta na amizade
Singela condicção, brandura, aviso.

ALPORTUXO.

Eu pois cantar não sei da Saudade,
Antre estes dois Cantores callar quero,
Por não cahir nas mãos da necidade.

Mas isto só direi, que não tempero
Com quem destemperar-se quer comigo,
A' custa de cuidar que delle espero.

O que quizer que seja seo amigo
Por ser tamanho meo, queira que seja,
Não pelo seo, que come só comsigo.

GALAPO.

Queres que o nosso canto sobresteja
Em quanto vou buscar que cozinhemos,
Que festa sem comer não se festeja?

Pescado no Batel pescado temos,
O fogo sabirá da pedreneira,
A lenha pelo matto ajuntaremos.

Do Medronho, de Estiva, e de Aroeira
Farei curtos espetos aguçados,
Dos quaes rodearei toda a fogueira.

De ruivos Salmonetes carregados,
De Vezugos, de Choupas, de Tainbas,
E com trez sapateiros Lingoados.

ALPORTUXO.

Ainda por cantar taes versos tinhas,
Eu ferirei o fogo, e trarei Lenha;

GALAPO.

Já sabemos de ti quam bem cozinhas.

ALPORTUXO.

Não haja quem de nós se desavenha
De cantar, e tanger, e fazer festa.

GALAPO.

A quem não festejar má festa venha,
Veremos Almilão pera que presta;
Sabei que se Almilão sabe ao terreiro,
Que a alguém hade fazer suar a testa.

Que de Arrabil, de Flauta, e de Pandeiro ;
 Nunca ninguem lhe teve a barba teza ;
 Viva Jorge mil annos, mil primeiro
 Viva o Duque seo Pay, viva a Duqueza.

ALMILÃO.

Vivam Pays, e vivam Filhos,
 Outros destes, d'outros mais,
 Vivam Filhos, vivam Pays ;
 Vivam como os viver vêjo
 Com taes excessos d'amor,
 Que nem menos, nem maior,
 Possa ser, que o seo dezejo.
 O gosto, com que festejo
 O seo não póde ser mais.
 Vivam Filhos, vivam Pays.

GALAPO.

Tal amor nelles se vêja,
 Vêja-se seo amor tal,
 Tam conforme, e tam igual,
 Que nem mais, nem menos seja.
 A festa, que se festeja,
 Convertida noutras mais,
 Festejem Filhos, e Pays.

ALPORTUXO.

Ditoza foi sua Estrella,
 A mesma d'ambos ditosa,
 A quem não foi poderosa
 Resistir toda Castella.
 Nasceo Jorge delle, e della.

ALMILÃO.

Elle fez quanto podia :
 Ella mais do que elle fez ;
 Pois se fez sua : em que péz
 A quantos na Côte havia.
 Igual seo bem poderia
 Firmeza em peitos Reaes,
 Mas no della muito mais.

GALAPO.

Ella foi a conquistada,
 Ella firme, ella constante,
 Ella a quem d'um só amante
 Se quiz deixar ser amada :
 Em tudo foi costumada,
 Na firmeza muito mais,
 Tal como ella poucas taes.

ALPORTUXO.

Acabemos de dizer,
 Por remate, da Duqueza,
 Que foi d'outra natureza
 Diversa da de Mulher :
 Por isso devia ser
 O seo louvor muito mais,
 Vivam Filhos, vivam Pays.

As Eclogas de Fr. Agostinho da Cruz, na minha humilde opinião, emparelham com as melhores que nos ficaram do seculo venturoso, em que floresceu : sómente Camões lhe é superior na riqueza da poesia e do estylo. Si não tem a amenidade das de seu irmão Diogo Bernardes, nem as reminiscencias classicas, que admiramos nas de Ferreira, sam-lhe muito superiores pela versificação. A sua linguagem é correcta, quasi sempre elegante, abunda de phrazes, e termos pictorescos, que se não encontram em seus contemporaneos, a sua poesia descriptiva é cheia de viveza, e mostra muita invensão, e colorido Bocolico, e por isso se conhece, o que poderia esperar-se de tal Poeta, se a vida Eremitica lhe não houvera agorentado os vôos da imaginação. Um dos grandes meritos, que eu acho nestes Poemas é a originalidade, estando livres daquellas interminaveis lamurias amorosas, que fazem a base de quasi todo o Bocolismo impertinente, que infestou por alguns seculos o nosso Parnaso. É certo que a Cruz, o Redemptor, a Virgem, a Penitencia, parecem ás vezes estranhos, e mal collocados no meio destes quadros campestres, mas estas inconveniencias, sam amplamente resgatadas com bellezas de outro genero, assim

como será necessario demasiado rigor para não perdoar ao Poeta algum vocabulo mais plebeo, ou mais humilde, alguns conceitos, e jogos de palavras, mas raros, que ás vezes lhe escapam.

Outro merito tem elle, e não pequeno no meu modo de encarar os objetos, e é ser elle o unico dos nossos Poetas antigos, que como Ferreira nem um verso escreveu em lingua estranha, quando nem Miranda, nem Bernardes, nem Caminha, nem finalmente Camões, tão dicidido amigo da patria, poderam resistir à tentação de escrever parte das suas obras em Castelhana, para lisongear o depravado gosto, que então reinava pela lingua dos nossos visinhos.

Nada mais vulgar, que dizer-se, e escrever-se no nosso tempo, que os sessenta annos de dominação hespanhola introduziram entre nós a mania de escrever na lingua dos oppressores; nada mais mal fundado, que esta assersão; aquella mania data dos primeiros tempos da Monarchia; a lingua castelhana sempre foi tão corrente, e usada entre nós como a lingua do paiz; ella era fallada pelas pessoas de ambos os sexos no Paço, no tracto familiar, nas escholas; e o que é ainda mais vergonhoso, a maior parte dos Portuguezes tinham a sua lingua por menos bella, e harmoniosa, e por consequencia por menos perfeita, e propria para a escripta, poesia, e canto, que a castelhana: grande parte das poesias de D. Pedro I., do Infante D. Pedro, sam em castelhana; em castelhana escreveu Jorge de Montemór, em castelhana sam a maior parte dos versos de Sá de Miranda. Os Dramas de Gil Vicente quando não sam em castelhana, sam escriptos nas duas linguas, assim como as Comedias de Simão Machado, e para não fazer maior lista de citações mais de um terço das Trovas, que formam o copioso Cancioneiro de Resende sam em lingua castelhana! Louvor pois a Ferreira, e Fr. Agostinho da Cruz, que souberam sentir as bellezas da lingua patria, e com a sua doutrina, e com o seu exemplo insinaram a cultiva-la, e a fazer-lhe a justiça devida,

ENSAIO

BIOGRAPHICO-CRITICO.

LIVRO III.

CONTINUAÇÃO DA ESCHOLA ITALIANA.

CAPITULO VIII.

Jorge de Montemayor.

Jorge de Montemór, ou de Montemayor, como dizem os Hespanhoes, e como se acha impresso no frontespicio das suas obras, nasceu na Villa de Montemór em Portugal, situada a quatro leguas de distancia da Athenas Lusitana. Porém nem o Abbade Barbosa, nem alguns dos authores contemporaneos nos informaram do dia, mez, e anno de seu nascimento, nem dos nomes de seus Pais, nem da sua posição social, nem de quaes foram os seus estudos, contentando-se com dizer-nos, que sendo ainda de mui tenra idade fôra levando para Madrid, onde se criou.

É indubitavel que estudou a musica com grande assiduidade, e proveito, pois consta que naquella côrte fôra admittido na Capella Real, na qualidade de cantor, e que foi ali muito estimado pela melodia da sua voz, e pela singularidade de seu estylo, e maneira de cantar.

Consta igualmente, que nesse tempo amou uma formosa Donzella do Paço, que muito celebrou em seus versos com o fingido nome de Diana, e a este respeito contam a seguinte anecdota.

Andando Jorge de Montemayor passeando uma tarde no Terreiro do Paço, embebecido na contemplação da sua Dama, que estava a uma das janellas do alcaçar,

chegou-se a elle um Mendigo, que lhe pediu esmola, Montemayor, apontando para a Senhora dos seus pensamentos, respondeu ao pobre com a seguinte Quintilha.

Si Ermano pedis por Dios,
A'quella Deidad pedid,
Y pedid para la dos ;
La lismosna para vos,
La libertad para mi.

Estes amores parece que não foram um objecto de simples galanteio, e passatempo ; pois o Poeta desejando tornar-se mais digno da sua amada, fiado nas suas promessas, e com deliberação firme de contrahir com ella os laços do matrimonio, abandonou a musica, e a Capella Real, abraçou a vida militar, e partiu para a guerra com o corpo a que pertencia.

Infelizmente quando voltou a Madrid, para receber o premio do seu amor, e da sua dedicação, achou as cousas em estado mui differente daquelle, em que as tinha deixado.

A bella Diana, pois que lhe não sabemos outro nome, ou levada da natural liviandade feminina, muito fraca para resistir á força da ausencia ; ou como elle parece indica-lo, constrangida pelas ordens de seus Pais, esquecendo-se de todas as suas promessas, e juramentos, havia casado com um homem rico sim, e poderoso, mas pouco amavel, e com quem vivia amargurada, si o Poeta nos não engana nisto.

Montemayor cahiu das nuvens com esta noticia ; todos os seus projectos de ventura se desvaneceram como o fumo, e não podendo viver na mesma terra, que a sua ingrata pisava ; abandonou tambem a vida militar para buscar linitivo ás suas penas nas viagens, e no commercio das Musas, a que sempre fôra muito dado desde o tempo de sua adolescencia.

Foi durante as suas viagens pela França, Alemanha, e Italia, que elle compôs a sua Diana, Novella Pastoril, intercallada de muitas, e diversas poesias, que por aquelle modo reuniu em um corpo. Não pôde porém terminar aquella composição, porque lh'o impediu a morte, sendo assassi-

nado em uma das suas excursões pelo Piemonte, ignorando-se inteiramente os motivos, e circumstancias deste crime, que roubou á Hespanha um dos seus melhores Escriptores, e a Portugal um dos maiores Poetas, que naquella seculo produziu. Sómente sabemos, que este desgraçado acontecimento teve logar em 26 do mez de Fevereiro de 1561.

Poucos Poetas gozaram no seu tempo de uma reputação tão colloçal como Jorge de Montemayor, Francisco de Sá e Miranda lhe dirigiu uma Epistola, em que lhe tece os maiores elogios; outros muitos Poetas lhe tributaram iguaes applausos, ufanando-se de serem contados no número dos seus amigos. As obras que delle se conhecem sam as seguintes:

O seu Cancioneiro, que consta de Cartas, Sonetos, Canções, Eclogas, e outras poesias de menos consideração. Foi impresso a primeira vez em Saragoça, em formato de 12, em 1561. Em Salamanca, no mesmo formato, em 1571. Ibid., em 1572, tambem em 12, e em Madrid, em 1588, formato de 8.º Esta multiplicidade de edições, em tão pouco tempo, prova bem, segundo me parece, o grande apreço que então se fez daquelles Poemas.

Fabula de Pyramo, y Thisbe, que de ordinario se encontra junta com a Diana, é um Poema em Coplas Castellhanas, muito bem escripto em estylo poetico sem a pesadês, que de ordinario se sente em os Poetas daquelle tempo, que tractaram assumptos mythologicos, deste Poema fez depois uma bella imitação o fecundo Poeta Italiano João Baptista Marini.

Além destas obras, que se publicaram pela imprensa, existia de Jorge de Montemayor uma collecção, não pequena, de poesias manuscriptas, que pertencia ao Duque de Lafões, e se guardava com grande cuidado na sua copiosa livraria: porém desgraçadamente consta que dali se extraviára com a perturbação, e tumulto do fatal dia primeiro de Novembro de 1755, em que um terrivel terremoto, o mais forte que se tem experimentado neste paiz, destruiu, e derribou a maior parte dos edificios de Lisboa, com grande mortandade dos seus habitantes.

Eis aqui um dos grandes inconvenientes da ambição de amontuar manuscriptos, e esta fatal mania se tem desenvolvido em todos os tempos não só em Portugal, mas

em todos os paizes da Europa, entre os Governos, e, o que é mais para lamentar, entre certa ordem de Literatos. Examinem-se as livrarias particulares, e as bibliothecas públicas de todas as capitaes, e cidades notaveis da Europa, e vêja-se a ufania com que os empregados desses estabelecimentos mostram áquelles que os visitam, os copiosos Cathalogs de manuscriptos raros, com que gemem, e vergam as estantes de algumas das suas salas, e chamam a isto uma grande riqueza. Sim, é uma grande riqueza, mas uma riqueza inútil; é o ouro do avarento, que está fóra da circulação, que nem aviventa a agricultura, nem faz progredir a industria, nem prosperar o commercio, nem mata a fome ao pobre: é a luz escondida debaixo do alqueira, que não alumia ninguem. É uma collecção de hieroglyphicos Egypticos, que todos admiram, e que ninguem entende. E que de um momento para outro um terremoto deixa sepultado entre ruinas; um bombardeamento destroe; um roubo despersa, e um incendio reduz a cinzas!

Quizeramos que os Governos por zêlo, e por desejos do aperfeiçoamento da razão humana, e pela gloria das suas respectivas Nações; que todos esses ricos, que blasonam de Amadores das Letras, e das Sciencias, porque procuram áfinco, e compram por alto preço obras manuscriptas, para sepulta-las sem piedade nos seus copiosos biblotaphos, dessem provas da sua paixão pelo saber imprimindo todos os seus manuscriptos, que o merecessem, porque os outros, nem valem a pena de guardar-se, pondo-os assim pela imprensa a salvo de perecerem por algum desastre, e em estado de aproveitar aos homens estudiosos, e de servirem de barreira contra alguma nova errupção de barbaridade.

« Uma nova errupção de barbaros! » Que idéa phantastica! dirão alguns; e porque não? Quem sabe o que está gravado no seio do futuro? Ignoraes que neste mundo todas as cousas se agitam, e revolvem em uma continuada mudança de situações felizes, e desgraçadas? Não sabeis que as Nações vivem, crescem, florescem, invelhecem, caducam, e morrem como os individuos, pôsto que a sua existencia seja sem comparação mais dilatada? Pensaes, que só foi dado as Cabildas Septemtrionaes, e aos

Sarracenos invadir, e dominar a Europa? Que os Reinos actuaes, que cada dia se corrompem pelo luxo, pelos vicios, e pelas riquezas, terão mais força para resistir a uma aluvião bárbara do que o Imperio Romano, de que elles foram Provincias? Que as nações mouriscas, e negras, que povoam a Africa, se conservarão sempre na mesma indolencia? Que não surgirá entre elles um Gengis-Kan, que os arroje sobre os nossos climas com o desejo de desfructar alguma sombra, e o engodo de fartar-se de licores espirituosos? Que os Tartaros se enterterão sempre na caça das Raposas, e dos Alces? Que estes acontecimentos tenham logar daqui a cem, ou a duzentos seculos, mais cedo, ou mais tarde, é cousa que não altera a verosimilhança da idéa, nem impede que se verifique. Continuemos.

A obra mais importante de Jorge de Montemayor é a sua Diana, que a morte lhe não permittiu terminar, deixando-a no Livro setimo. Este Romance Pastoral é a historia dos seus amores, disfarçada em nomes pastoris, adornada de algumas invenções magicas, e tecida com diferentes episodios, que tem relações com aneddotas, e pessoas conhecidas, relações, que nós hoje não percebemos, mas que os contemporaneos attingiam perfeitamente, e talvez fosse essa uma das principaes causas, além do merito intrinseco da obra, do grande acolhimento que teve não só em Portugal, e Hespanha, mas igualmente nas outras nações, sendo traduzido em francez por Nicolau Collre, cuja traducção sahiu á luz na cidade de Rheims, em formato de oitavo, no anno de 1578, seguindo-se-lhe depois outra em lingua alemã, por Harsdorfer, que se publicou em Nuremberg, no anno de 1646.

Poucos livros haverá, que na Hespanha produzissem tamanho entusiasmo como a Diana de Jorge de Montemayor; a delicadeza das pinturas campestres, a variedade dos incidentes, a eloquencia, e verdade das paixões, a ternura da linguagem, a pureza, e facilidade do estylo, a cadencia da prosa, e a belleza das poesias, que nella se misturam, faziam com que os Leitores saboreassem com delicias a sua leitura, e que os exemplares fossem disputados, e se encontrassem nas livrarias, nos gabinetes, nos toucadores das Damas, nos balcões

dos Mercadores, e nos tabernaculos dos Artistas. Basta dizer, que desde 1578, em que este Romance sahiu pela primeira vez á luz, na cidade de Pamplona, até 1622 se fizeram; e consummaram sete edições, que Diogo Barbosa Machado aponta na sua Bibliotheca.

Esta predilecção do público pela Diana de Montemayor e o desgosto que todos mostravam de não estar acabada, instigou alguns engenhos a compôr-lhe a continuação; e primeiro foi Alonso Peres, cujo supplemento se encontra junto com a maior parte das edições do Romance. Este Escriptor tem bastante invenção, e fecundidade; mas o seu estylo é um pouco pezado, a sua prosa menos rápida, e cadente, e os seus versos muito inferiores aos do original.

O que se sahiu melhor desta empreza, ganhando um logar distincto no Parnaso, com a sua continuação, a que deu o titulo de *Diana Enamorada*, foi sem dúvida Gil Polo. Era natural do Reino de Valencia, e a natureza o havia creado grande Poeta; foi um digno continuador de Jorge de Montemayor, e alguns criticos Hespanhoes o julgam superior a elle na poesia, posto que muito inferior na invenção.

Inda que não entre no plano, que adoptei para esta obra, o exame dos Poemas, que os Poetas Portuguezes escreveram em castelhano, ou em outras quaesquer linguas, não deixarei por isso de fazer algumas excepções a esta regra geral, e será uma dellas a favor da Diana de Jorge de Montemayor, não só pelo genio original, que o Poeta desenvolveu nesta composição, mas por ser ella uma creação nova, que serviu de modello a todos os Romances Pastorís, que depois se publicaram na Peninsula.

Pela rapida exposição, que passo a fazer da Diana de Montemayor, verá o Leitor, que ella deve considerar-se mais como um fragmento, que como uma obra perfeita, porque o Author, em razão de sua morte extemporanea, e violenta, não poude conclui-la, e emenda-la; mas tambem se verá, que ella abunda de interesse individual, e narrativo, e que o Poeta possuia o raro talento de pintar as penas, e prazeres do amor, e transformar os sentimentos do seu coração de individuaes em geraes.

O pastor Sireno, prototypo do Poeta, depois de longos trabalhos, e peregrinações volta á patria, onde, como era natural, a inspecção dos logares, onde outr'ora gozára os seus innocentes amores com a pastora Diana, que depois o trahira, commove profundamente o seu coração, e exaltam a sua phantasia, tira do seio uma madeixa de cabello da sua amada, e uma carta da mesma, que lê attentamente, e nesta situação é encontrado por outro pastor, que já havia tambem sido adorador de Diana, e ambos, cada um por sua parte, questionam sobre qual é mais desgraçado, si Sireno, que fôra um tempo apado de Diana, e já o não é, si Silvano, o pastor recém-chegado, a quem ella nunca attendera; e termina o primeiro Livro com a chegada da pastora Selvagia, que tambem se mostra queixosa d'amor, e que dá larga noticia das suas aventuras, e desgostos amorosos.

No segundo Livro, vê-se ao romper da aurora os pastores sahirem com seus gados para apascenta-los nas margens do Elza, e Selvagia, descendo uma encosta, procura o bosque, onde estivera na vespora com os dous pastores, onde se assenta pensando nas ingratições d'Alanio, e tomando o seu rabil, canta uma Sextina sobre este objecto.

Apenas a pastora tem terminado a sua cantiga, ouve-se ao longe a voz de Silvano, cantando as seguintes Estanças :

Cansado ya d'oirme el claro Rio,
 El valle, y soto tengo importunados,
 Y estan de oyr mis quejas, e amor mio
 Alisos, Haias, y Olmos ya cansados.
 Invierno, Primavera, Otoño, Estio,
 Con lagrimas regando estos collados
 Estoy a causa tuya, oh cruda Fiera,
 No avria en essa boca un no siquiera?

De libre me hiciste ser cantivo,
 De hombre de razon quien no la sciente;
 Quiseste-me hacer de muerto vivo
 Y alli de vivo muerto incontinente.
 De afable me hiciste ser esquivo,
 De conversable aborrecer la gente,
 Solia tener ojos, ya estoy ciego,
 Hombre de carne fui, ya soy de fuego.

Que es estó, corazon? no estais cansado
 Aun ay mas que llorar, dezi, ojos míos?
 Mi alma, no bastava el mal passado?
 Lagrimas, aun hazeis crescer los rios?
 Entendimiento, vos no estais turbado?
 Sentidos, no os turbaron sus desvios?
 Pues como entiendo, lloro, veo, y siento,
 Si todo lo ha gastado ya el tormento?

Quien hizo a mi Pastora, ai! ai! perdido!
 Aquel cabello d'oro, y no dorado,
 El rosto de cristal tan escogido,
 La boca d'un rubi tan estremado,
 El cuello d'alabastro, y el sentido,
 Porque su corazon no hizo ante
 De cera, que de marmol, y diamante?

Un dia estoy conforme a mi fortuna,
 Y al mal que me ha causado mi Diana,
 El otro el mal me affige, y importuna,
 Cruel la llamo, fiera, y inhumana
 Y assi no hay en mi mal orden alguna,
 Lo que oy affirmo, niego-lo mañana.
 Todo es assi, y passo assi una vida
 Que presto vean mis ojos consumida.

Selvagia, depois de findar o canto, vai ter com elle, e em breve apparece Sireno, tambem cantando como é costume em taes composições; depois de Sireno haver recitado um Soneto, ouvem cantar vozes feminis em um bosque de loureiros, que fica perto, encaminham-se para lá, e escondidos entre umas ramagens, descobrem trez Nymphas sentadas na margem do regato, sobre uma alcatifa de flores do prado, e trajando roupás brancas recamadas de folhagens de ouro, e com os cabellos louros como os raios do Sol, tomados com fios de perolas orientaes, que faziam no alto da cabeça uma laçada; e no meio della uma aguia de ouro tambem, tendo nas garras um fino diamante.

Estavam cantando, e tangendo, e logo Dórída, uma dellas, entôa uma Canção, em que conta os amores de Sireno; porém antes da conclusão desta historia, cheia de

pastoril simplicidade, são surpreendidas por um bando de trez Selvagens, de grandeza descommunhal, e bem armados; os Pastores para defender as Nymphas os atacam ás pedradas, mas o exito do combate seria funesto para estes senão sahisse do bosque uma Amazona vestida de caçadora, que com as suas settas mata os roubadores, e conta depois ás Nymphas, e Pastores a sua propria historia, e com esta e algumas conversações, e cantigas, que se seguem, termina o segundo Livro.

No terceiro Livro, as Nymphas guíam a sua defensora, e os pastores por entre um denso arvoredó, á habitação de uma famosa Encantadora, conhecida pelo nome da sabia Felicia, Sacerdotisa de Diana; no caminho encontram a pastora Belisa, que as acompanha, depois de contar tambem a sua historia, e com a descripção da jornada, e dos magnificos adornos da habitação de Felicia, se preenche o terceiro Livro.

Felicia no quarto recebe com grande agasalhado todos, e conduzindo-os a um pomposo pateo, onde lhe mostra um grande número de Estatuas de heróes antigos; e de heróes de Hespanha, com seus disticos, e inscripções lándatorias, passam logo a um salão, onde se encontram outrás Estatuas de personagens Castelhanas de ambos os sexos, havendo no meio uma rica fonte, junto á qual estava encantado o antigo Orpheo, que todo o mundo antigo, e moderno tinha julgado morto pelas Bacchantes, e lançado ao Hebro, e ainda estariamos nesta opinião errada, si Montemayor não ouvesse feito este importante descobrimento.

A' chegada da companhia Orpheo péga na sua lyra, e canta, não em grego, ou na lingua dos Thracios, mas na castelhana, umas formosas Estanças em louvor das heroínas de Hespanha, cujas vidas o Filho de Caliope, e de Apollo tinha tido sobejo tempo para estudar durante o seu longo encantamento, e, depois de algumas praticas engenhosas, fecha o Livro com a historia de Rodrigo de Narvaes, do Mouro Abendarracz, e da formosa Xarifa, contada por Felismena.

No quinto Livro a sabia Felicia faz; por meio de uma bebida encantada, que Sireno, e Silvano fiquem livres da paixão por Diana, e Selvagia do amor de Alanio, e que Silvano, e Selvagia se namorem um do outro.

Sireno, Selvagia, e Silvano entram-se por um bosque de myrtos, onde encontram Diana cantando; e é esta a primeira vez, que a Protagonista do Romance, e que lhe dá o nome, apparece nelle. A cantiga de Diana é um lindo Romance em toda a primitiva singelleza de estylo dos antigos Romances castelhanos, e semelhante a alguns, que se lêem no *Romancero general*:

Quando yo triste naci
 Luego naci desdichada,
 Luego los hados mostraram
 Mi suerte desventurada.

El Sol escondió seus raios,
 La Luna quedó eclipsada,
 Murió mi madre en pariendo,
 Moça, hermosa, y malograda.

El amor, que me dió leche
 Jamas tuve dicha en nada,
 Ni menos la tuve yo
 Soltera, ni desposada.

Quise bien, y fui querida,
 Olvidé, y fui olvidada;
 Esto causó un casamiento,
 Que a mi me tiene cansada.

Casara yo con la tierra,
 No me viera sepultada
 Entre tanta desventura,
 Que no puede ser contada.

Moça me casó mi padre,
 De su obdiencia forçada,
 Puse a Sireno en olvido,
 Que la fé me tenia dada.

Pagó tambien mi discuido,
 Qual nó fué cosa pagada,
 Zelos me hacen la guerra
 Sin ser en ellos culpada.

Con zelos voy al ganado,
 Con zelos a la majada,
 Y con zelos me levanto,
 Continuo a la madrugada.

Con zelos como a su mesa,
 Y en su cama estoy acostada,
 Si le pido de que ha zelos,
 No sabe responder nada.

Jamas tiene el rosto alegre,
 Siempre la cara inclinada,
 Los ojos por los rincones,
 La habla triste, y turbada,
 Como vivirá la triste
 Que se ve tan mal casada?

Segue-se um pequeno dialogo entre Diana, e Sireno, em que da parte desta transflora o pesar; e daquelle a indiferença. O resto do Livro contém a chegada do Pastor Arcilio em busca de Belisa, e o encontro destes dous amantes.

No sexto, e no setimo Livro, a acção principal não adianta um só passo, apenas ha no sexto uma scena interessante entre Sireno, e Diana, em que esta procura desculpar a sua falta de fé, com a authoridade de seu Pai, que a isso a constrangera, o resto é tudo occupado por episodios; e cantares; e pelo casamento a final de algumas das personagens secundarias.

Já se vê que a novella não tem desenlace regular, nem admira, visto que o Author não teve vida para terminalla; nem é mui facil prever, que meio inventaria o Author para a levar ao cabo, se tivesse tempo para isso: no estado em que ficou encontra-se na Diana mais invenção, que artificio, mais variedade, que enredo, mais imaginação, que unidade: a cada passo o Author se abandona á discussão dos affectos amorosos, e a toda a subtilidade da philosophia escolastica, que havia aprendido nas aulas, e parece que o seu fim é apresentar no ponto de vista poetico aquella quinta essencia de fidelidade nos amores, que ainda ninguem encontrou si não nas Comedias, e nos Poemas: mas estas impertinencias metaphysicas, que sam

para nós um verdadeiro defeito, eram belleza, e grande belleza para o seculo, um pouco pedantesco, em que o Author escreveu.

Ha de mais na Diana uma mistura de acontecimentos, e de idéas tão desvairadas, e repugnantes entre si, que ora parece que lêmos um Romance Pastoril, ora um Conto de Fadas, ora um Livro de Cavallarias; os ritos pagãos emborilham-se com as opiniões Christãs; porém do meio deste cahos rebenta a luz do genio que o enfeita, e nos deslumbra. Montemayor é sobre tudo felicissimo em achar novas imagens, e novas fórmãs para exprimir a ternura. A poesia é a parte principal, e mais interessante da sua obra, elle prodigaliza os Sonetos, e uma serie de composições lyricas, ora no gosto italiano, ora no gosto popular, parecendo que toda a composição prosaica não é mais, que um fundo procurado de proposito para collocar os seus versos, e dar-lhe maior realce.

A *Diana* é o mais solido fundamento da gloria de Jorge de Montemayor, pois que o seu Cancioneiro é difficilissimo de encontrar-se; ella foi recebida, no tempo da sua apparição, com os mais vivos applausos em Hespanha, e Portugal; traduzida, e imitada em diversas linguas; impressa repetidas vezes tanto em Castella como nas nações estrangeiras, e como acima dissemos, alguns Poetas de grande talento se deram ao trabalho de completa-la cada um segundo as suas idéas; e a prova de que nesta composição ha um merito real, e verdadeiro, é que apesar das variações, que o gosto tem soffrido no decurso de alguns seculos, aquella primeira reputação não tem consideravelmente diminuido, e ainda hoje Jorge de Montemayor é contado entre os melhores Poetas da Peninsula Hespanhola, e a sua obra será sempre grata a todos os que forem dotados de imaginação ardente, e de coração sensivel.

Eis aqui as unicas poesias portuguezas, que elle introduziu na sua Diana, que por isso mesmo que sam portuguezas as copiamos aqui.

Os tempos se mudarão,
A vida se acabará,
Mas a fé sempre estará
Onde meos olhos estão.

Os dias, e os momentos
As Horas com suas mudanças
Imigas sam de esperanças,
E amigas de pensamentos.

Os pensamentos estão,
A esperança acabará,
A fé não me deixará
Por honra do coração.

He causa de muitos danos
Duvidosa confiança,
Que a vida sem esperansa
Já não teme desenganos.

Os tempos se vem, e vão
A vida se acabará,
Mas a fé não quererá
Fazer-me esta semrazão.

A seguinte Caçoneta me não parece menos engenhosa
do que esta.

Suspiros, minha lembrança,
Não quer porque vos não vades,
Que o mal, que fazem saudades
Se cura com esperança.

A Esperança me vá,
Por a causa, em que se tem,
Nem promete tanto bem
Quanto a saudade faz mal.

Mas Amor, Desconfiansa
Me deram tal qualidade,
Que nem me mata a Saudade,
Nem me dá vida a Esperança.

Errarão, si se queixarem,
Os olhos, com que eu othei,
Porque não me queixarei
Em quanto os seos me lembrarem.

Nem poderá haver mudança
Jamais em minha vontade,
Ou me mate a saudade,
Ou me deixe a Esperança.

Rematarei este Capitulo com uma Canção de Jorge de Montemayor, que eu ha muitos annos tinha vertido em portuguez, junto com muitas outras poesias lyricas de varias linguas antigas, e modernas, de que tenho conhecimento.

O assumpto desta bella composição é o seguinte. O pastor Silvano narra a Sireno, no primeiro Livro da Diana, que um dia víra esta pastora, saudosa pela ausencia de Sireno, sentar-se em um bosque, collocar um retrato delle junto a um tronco, e cantar estes versos dirigindo-se ao retrato.

CANÇÃO.

Olhos, que já não vêdes quem olhava
Para vós, sendo espelho, em que se via;
Que vereis, que vos possa dar contento?
Prado florido, e verde, onde algum dia
Pelo meu doce amigo eu esperava,
Comigo lamentai o meu tormento;
Aqui me declarou seu pensamento,
Aqui o ouvi agastada,
Mais que serpente irada
Chamando-lhe mil vezes atrevido;
E o triste ali rendido
Parece que está ainda, e que inda o vêjo,
E é esse o meu desejo.
Ai! si eu agora o visse! ai, tempo ameno!
Ribeira umbrosa, o que é do meu Sireno?

Aquella é a ribeira, é este o prado,
Dali assoma o Souto, o Vale umbroso,
Por onde o meu rebanho apascentava,
Vêdes o Arroio brando, e sonoro
Onde a sésta pasceo meu manso Gado,
Quando o meu doce amigo aqui morava?
Daquella verde Faia á sombra estava,

E é este aquelle Outeiro,
 Aonde o vi primeiro,
 E aonde elle me viu! . . . dia felice
 Foi esse, si infelice
 Meu Fado tão bom tempo não findasse!
 Oh Faia! oh fonte clara!
 Tudo está hi, mas não por quem eu peno;
 Ribeira umbrosa, o que é do meu Sireno?

Aqui tenho um Retrato, que me engana,
 Porque o meu Pastor vêjo quando o vêjo,
 Posto em minha alma está melhor gravado.
 Quando chega de o vêr grande o dezejo
 Do qual o Tempo logo desengana,
 A'quella fonte vou, que está no prado
 Encosto-o nos Salgueiros, e a seu lado
 Ai cégo Amor! me assento.
 Para a corrente attento,
 E vêjo a elle, e a mim bem como o via.
 Quando elle aqui vivia.
 Esta invenção um pouco me espairece,
 Mas logo se esvaece,
 E clama o coração de magoas pleno,
 Ribeira umbrosa, o que é do meu Sireno?

Outras vezes lhe fallo, e não responde,
 E penso que de mim se está vingando,
 Porque algum tempo eu não lhe respondia,
 E digo-lhe tristonha assim chorando:
 « Falla, falla, Sireno, que estás onde
 « Jámais o figurei na phantasia,
 « Vives nesta alma, e della és alegria.»
 E elle sempre callado
 Conserva-se à meu lado,
 Que me falle em meu siso lhe supplico,
 Que fero engano inico!
 Exigir siso, e voz de uma Pintura!
 Ai tempo, em que a ventura
 Me tiuha em poder d'outrem com despeno;
 Ribeira umbrosa, o que é do meu Sireno?

Ai! não posso jámais ir com meu gado
 Quando transmonta o Sol em nossa Aldeia,
 Nem voltar em demanda da abrigada
 Sem vêr, bem que não queira, sobre a areia
 A Choça do meu Bem tão suspirado,
 Toda quasi desfeita, e derribada,
 Ali me assento um pouco descuidada
 De Ovelhas, e Cordeiros,
 Té que emfim os Vaqueiros
 Me dam vozes dizendo « Olá, Pastora,
 « Em que scismas agora?
 « O Gado pelos Trigos vai pascendo. »
 Meus olhos o estão vendo,
 Por quem a relva cresce ao prado ameno,
 Ribeira umbrosa, o que é do meu Sireno?

Razão fôra, Sireno, que fizeras
 A' opinião mais força na partida,
 Pois te entreguei sem ella quanto havia
 Em mim! de quem me queixo já perdida?
 Tu a rogos de alguém te suspenderas,
 Quando o Fado, ou Fortuna assim queria?
 Tua a culpa não foi, nem poderia
 Eu crer que tu fizesses
 Cõusa, com que offendesses
 Um tão sincero Amor singelo, e vero,
 Nem persumi-lo quero,
 Inda a ter os signaes mais evidentes,
 Os Fados inclementes
 Me tem nublado um Ceo puro, e sereno,
 Ribeira umbrosa, o que é do meu Sireno?

Canção, olha que vás onde te digo,
 Mas fica-te comigo,
 Que pôde conduzir-te impia fortuna
 A parte onde te chamem importuna!

Esta Canção no seu original é admiravel, ou se considere a singelleza dos sentimentos, ou a delicadeza das idéas, ou a vehemencia dos affectos, ou a harmonia do estylo, e metro, e a terna melancholia, e saudade, de que está re-

passada: é uma composição original no gosto grego, e tem sido sempre considerada como uma das melhores obras deste genero, que honram a lingua castelhana. O Sr. D. Manuel José Quintana, excellent Poeta, e Literato de muito apurado criterio a incluiu nas suas *Poesias selectas Castellanas*. O erudito Bouterweek, na sua Historia da Literatura Hespanhola, mostra tanta predilecção por ella, que depois de copiar-lhe os trez primeiros ramos, não dúvida acrescentar, que é um dos mais formosos Poemas Lyricos, que se tem composto em todas as linguas.

Jorge de Montemayor foi grande amigo de Sá de Miranda, a quem dirigiu uma bella Epistola Castelhana, que anda entre as obras daquellé Poeta com a sua resposta; e de Pero de Andrade Caminha, com quem se carteara a miudo, e que respondendo a uma das suas Epistolas, se exprime a respeito delle nestes termos, muito honrosos na verdade para Montemayor.

Montemayor, cujo alto engenho espanta
Grandes Engenhos, é ditozamente
A todo o estylo, e verso se levanta.

Teos graves versos li, nelles presente
Estive todo, que tal fundamento
Forçara a sentir muito quem não sente.

Quem melhor que ti nota o vão intento
Das humanas tenções tão retorcidas,
Que vam todas parar em leve vento?

Quem as idades todas consumidas
Apoz hum gosto vão, fraco, e forçoso,
Que não dura, e destroe almas, e vidas?

Quem o fim que seguimos vangloriosa,
Engeitando o seguro, e verdadeiro
Para as almas, e vidas proveitoso?

.....
Deos sofre tudo, mas não sei the quando
O quererá sofrer, por mór castigo
Quiçá nos dar está dissimulando.

Tentar sua paciencia he gran perigo.
Tudo ouve, tudo vê, e tudo entende,
E contra seo podêr não s'acha abrigo.

lecimento de Damião de Goes, que tambem desempenhou aquella incombeancia, como o comprovam as Chronicas que deixou escriptas, e que o fazem contar no número dos nossos melhores Historiadores.

Foi casado com D. Luiza Coutinho, de quem deixou numerosa descendencia.

O Abbadé Diogo Barbosa Machado, que faz menção deste Poeta na sua Bibliotheca Lusitana, nem apponta o anno em que nasceu, nem o em que morreu, nem nos informa da linhagem, e familia de sua Esposa; e o que é mais, mencionando muitas obras suas em prosa, tanto impressas, como manuscriptas, não falla em nenhuma das suas composições em verso.

Mas para suprir este descuido; para certificar-nos do seu talento poetico existem não poucos testemunhos, de que elle possuira esta nobre faculdade, nos escriptos dos Poetas seus contemporaneos, em que elle é frequentes vezes mencionado como tal; e um dos de maior pezo é sem dúvida a Carta VI. do Livro segundo, das do Doutor Antonio Ferreira, que passava por Mestre de todos os Poetas do seu tempo, em que lhe diz :

Castilho, de meos versos douda Lima,
 Que cuidarei que fazes lá escondido,
 D'onde me não vem prosa, nem vem rima ?
 Trabalhas por ventura que vencido
 Fique o gran Ferrarez no doce canto,
 Thequi com tanto gosto, e fama lido ?

Parece-me que um homem como Antonio Ferreira não podia dar maior prova da grande conta em que tinha, como Poeta, a Antonio de Castilho, do que chamar-lhe *douda Lima dos seus versos*, e julga-lo capaz de escurecer a fama do grande Ferrarez, isto é, de Luduvico Ariosto, que passava então pelo maior Poeta da Europa, e que inda hoje conserva uma reputação Collossal: vêja-se mais o entusiasmo com que accrescenta na mesma Epistola

Quando será que eu vêja a clara historia
 Do nome Portuguez por ti entoada,
 Que vença da alta Roma a gran Memoria ?

Abre já, meo Castilho, essas riquezas,
Que tanto ha já que em ti Phebo enthesoura,
Solta o gran Rio, farta mil pobrezaas.

Assim consentirás, cruel, que moura
Teu nome, e desse espirito o claro lume?
Assi a corôa, que te Phebo emloura?

Parece deduzir-se destes versos : primeiro, que o Doutor Antonio de Castilho havia composto grande número de poesias, muito estimadas dos que tinham conhecimento dellas : segundo, que entre ellas havia algum Poema Epico, celebrando as façanhas dos Portuguezes, pois só assim poderia elle obscurecer o canto de Ariosto : terceiro, que os conselhos de Ferreira fizeram pouca força ao seu animo, pois não consta que desse á luz alguns versos, vindo assim a ficar a sua gloria poetica até aos nossos dias puramente tradicional, e nós privados de podêr fazer idéa do seu estylo, e versificação.

Estavam pois perdidas todas as esperanças de apparecer alguma poesia de Antonio de Castilho, quando um acontecimento, venturoso para as Letras patrias, veio reanima-las, mostrando a possibilidade de apparecerem algumas, quando haja zêlo em examinar as bibliothecas publicas, e particulares do reino. Em carta datada do 1 de Janeiro de 1848, o Sr. L. T. Leite, mancebo de grandes esperanças pela sua applicação, e saber, remetteu da Villa da Ribeira Grande, ao Redactor, e proprietario do excellento periodico a *Revista Universal Lisbonense*, o Ill.^{mo} Sr. Sebastião Ribeiro de Sá, a copia de um Auto de Antonio de Castilho, que elle deparára em um livro de 625, com o titulo de *Miscelanea de versos, e prosas*, todo escripto de letra de mão.

Esta preciosidade poetica não podia ser dirigida a pessoa mais zelosa da gloria, e das Letras da nossa patria : elle a deu logo á luz no número 35 do seu Jornal, d'onde passo a transcreve-lo, para que os Leitores, pelas dimensões deste dedo, possam calcular a grandeza do Gigante, e avaliar a perda, que tem soffrido o nosso Parnaso com o sumisso dos escriptos poeticos deste Author tão elegante, e correcto.

Este Auto intitula-se *da Boa Estrea*, e foi representa-

do nos Paços da Ribeira, na presença d'El-Rei D. Sebastião, e da sua côrte, aos 23 de Junho de 1578; e o seu objecto é bem agourar a expedição, que então se preparava contra os Mouros de Marrocos, que tão funestos resultados teve para o Rei, e para o reino.

O estylo, e systema dramatico desta composição indica um discipulo de Gil Vicente: ha porém nelle, além da maior pureza de linguagem, e mais sonoridade dos versos, muito mais apurada fabricação de coplas, e viveza de expressão, o que mostra o progresso, que a arte tinha feito; juntando-se a isto a circumstancia de todo o Drama ser escripto em portuguez, sem mistura de castelhano, como se observa nas obras dramaticas de Gil Vicente, de Simão Machado, e Luiz de Camões.

Sem que este Drama possa julgar-se uma composição extremada, não pôde com tudo negar-se que ha nelle trechos de boa poesia, e que a sua representação, sendo bem executada, devia recrear e agradar muito pela pompa do espectáculo, e pela musica dos Choros. Os interlocutores sam os seguintes, que parecem pouco proprios para se acharem juntos

ERMITÃO.

O DEOS MARTE.

FADA MARINHA.

CHORO DE SERAPHINS.

CHORO DE DIABOS.

SCENA I.

ERMITÃO, que faz o Prologo.

Da Serra de Cynthra por Deos enviado
 Por estes grans Paços entrei da Ribeira,
 A vêr-vos, Rei Alto, Cabeça guerreira
 Do Reino. esforçado.

E pois vossa Frota lustrosa, e possante
 Já sofrega, dizem, que aguarda a partida,
 Primeiro que o ferro soberba levante,
 Aqui virá logo, Senhor, quem vos cante
 Qual sorte dos Fados vos foi pervenida.

Será difficultoso encontrar um Prologo menos extenso,

e que menos diga : porém os versos sam bem torneados, e o estylo poetico.

SCENA II.

O Mouro só.

Em Tituão me foi dito,
Que um gran Rei da Christandade,
Imigo do nosso rito,
Tinha exercito infinito
No porto desta Cidade :
Parti logo em continente ;
Porque se fosse que a armada
Ponha prôa em nossa Gente,
Eu a sumisse affundada
De repente.

SCENA III.

FADA, e o dito.

FADA.

Eu sou a Fada Marinha,
Amiga dos Marinheiros,
E desta Terra, que é minha,
E vim ora a ella azinha,
Com cuidados verdadeiros ;
Que em mal dos meus Lusitanos
Ouvi ser vindo um Mouraz
Grande enliçador de enganos,
Que c'os feitiços que traz
Fará sessenta mil danos
Si lhe apraz.

Um *Mouraz* quer dizer um *Mouro*; este vocabulo foi usado muitas vezes por Simão Machado nas suas Comedias do *Cerco de Dio*, e de *Atphaea*; mas não me recordo de o ter visto usado por outro algum Classicô. Parece ser termo chulo; e trazer em seu significado idéa de depreciação, como *machacaz*, *linguaraz*, e outros semelhantes.

Mas eu porém determino
De estar sempre de vigia
Contra aquelle Cão malino;

E veremos se o seu sino
 Contra o meu signo aporfia.
 Elle cá é!... Mouro mano,
 Quanto folgo de vos vér
 Neste Jardim Lusitano!

MOURO.

Serea do Mar Oceano,
 Hajais vós mui gran prazer!

FADA.

Como de Africa viestes,
 Que não vos senti passar?

MOURO.

Vím em nuvens pelo ar,
 Que carroçam mui mais prestes,
 Do que as Galés pelo mar.

FADA.

Grão podér é logo o vosso!
 E em quê vos determinaes?

MOURO,

Em um grão feito, si o posso,
 Juntemos o podér nosso;
 Que assim poderemos mais.

FADA.

Contente sou, mandai ora,
 E eu farei o que bom seja.

MOURO.

Fazei que saia em má hora
 A Armada, porque se vêja
 Que sois vós a Imperadora:
 E antes que em Africa aporte,
 Vosso gran mar a consuma.
 Heis soffrido um jugo forte;
 Quebrai-o, e tropheos d'escuma
 Lhes arvorai sobre a morte.
 E eu me obrigo que d'Atlante
 Até ás pedras do Egypto
 Vosso esforço a tudo espante,
 Tudo, Senhorá, vós cante,
 E vos beje o nome escripto
 Em Diamante.

FADA.

(O pérrro cuida embair-me,
Vêremos nós quem se engana!)
Senhor, não quero eximir-me,
E pois vosso ajuste é firme,
Hermano hallareis la hermana,
E vós sabeis bem conjuro
De bem danado empecer?

MOURO.

Não no ha hi mais seguro
Conjuro de Gallo suro,
Morto depois de comer,
Com rins de demoninhado,
E olhos de Sapo saltão;
Conjuro bem temperado,
O qual me fôra ensinado
Nas covas de Salamão;
Tudo é destre nesta Vara,
Que em eu riscando com ella
Logo uma fonte seccára,
E uma Estrella se apagára,
Que nunca mais fôra Estrella,
Nem se achára!

E mais si o vós quereis vêr,
C'uma palavra que eu der,
De São João, em Latim,
Logo vereis a correr
Quem me dá esforço a mim,
Em tudo de que hei mister.

Ora sus!

Moradores infernaes,
Demonios, que arrenegais
Da agua benta, e mais da Cruz
Vinde já!

E trazei cem mil agouros,
Com que vençam nossos Mouros
Toda esta Gente de cá.

Este dialogo é natural, facil, rapido, e cheio de força, e mostra bem que ao Poeta não faltava talento, e disposição para o genero dramatico.

SCENA IV.

FADA, MOURO, *Choro de Diabretes.*

« O Mouro bate com a vara no chão trez pancadas, e surge um bando de Diabretes saltando, e cantando em redor delle. »

DIABRETES, *cantando.*

Que nos chamas,
D'entre as chammas,
Poderoso!

Que nos tiras
D'entre as pyras
Aleivoso!

Ha hi mandas?
Que demandas?
Tens demandas?
Que nos mandas?

Feia é a Terra!
Feio é o Mar!
Feio é o Ceo!

E feio é o Ar!
Feia é a noite com Luar!
Feio é o Dia com Solar!
Preste havia, ou nos envia
No affundo no mais fundo
Da profunda do raivar!

Esta cantiga diabolica é perfeitamente no gosto, em que Shakespeare costuma fazer expressar estes Entes sobrenaturaes, é assim que as invenções do Genio costumam fortuitamente encontrar-se,

MOURO.

Callai, Manos,
Quanto ora digo fazei;
Hide aos Astros soberanos
Lêr os Destinos d'El-Rei,
Mais os dos seus Lusitanos;
Si virdes que sam piedosos

Apagai-os, arrancai-os,
 Esses taes,
 Mas a serem rigorosos
 Assoprai-os, inflamai-os
 Muito mais.

Em quanto o Mouro falla, a Fada tira-lhe a vara ; e os Diabretes batem palmas, e dão uma gargalhada infernal.

FADA.

Verei ora a vossa vara
 O poderio, que encerra.

MOURO.

Quereis rir ?
 Para nada vos prestára ;
 Hontem a cortei na Serra,
 Sem mentir,
 Sem ella não dera passo,
 Que sou gastado dos annos
 Inda mal.

FADA.

Mas quero eu vêr mais d'espazo
 Os seus feitiços, e enganos,
 E não al !

MOURO.

Mana, rosto de boninas,
 Manso Abril d'Alexandria,
 Meu amor,
 Deos vos chova perlas finas ;
 Como a vara é sem valia
 Nem valor !

FADA.

Porque logo instaes por ella ?
 Ou me enganaes, ou mentistes.

A la fé,

Que a verdade heide eu sabêla.

Quebra a vara, e sahe della muito fogo.

MOURO.

O meu podér destruistes,
 Já meu imperio não é.

*Os Diabretes travam do Mouro, um pelas roupas, e outros
pelas mãos, e o levam.*

SCENA V.

O ERMITÃO.

Depois que metêra no charco infernal
Ao pérrro maldito, que as tramas urdia,
A Fada Marinha, que sempre vigia,
Desvellos redobra c'o seu Portugal,
Pois seu lhe ha chamado,
Já lá desde o tempo de Fuas Roupinho
Até estes nossos, por vêr allastrado
De palmas continuas seu campo marinho;
O Infante de Sagres á luz das Estrellas
Com ella tractava segredos profundos
Pedralvares, Gama pediram-lhe Mundos,
E Mundos não vistos lhe yiram as vélas,
Em summa que sempre d'amor se morrêra,
Por estes seus Lusos, Tritões humanados,
Té que alfim aos delles juntando seus Fados,
A Mañuel ditoso seu dote offrecêra,
E Esposos se uniram com laços dourados,
Por isso procura trazer dos Planetas
A vós, seu gran Neto, destinos propicios
Com que se destruam dos féros Cometas
Os negros auspicios.

SCENA VI.

A FADA.

Oh signo de Salamão,
Que lançado foste ao már,
Pela sua benta mão,
E que eu logrei apanhar
Em noite de São João,
Pelo podêr do Condão,
Que o Altissimo te deu,
Trazê aqui, que o mando eu,
Lá da eternal região
Os Seraphins mais amantes,

Mais sabios, e mais galantes
De quantos moram no Ceo!

*Apparece um bando de Seraphins coroados de flores, e
com harpas doiradas nas mãos.*

SERAPHINS, *cantando, e dançando.*

Cantares teçamos
Com festas, e riso,
Que a terra onde estamos
Inda é Paraiso.

MAIORAL DOS SERAPHINS.

Que desejas, boa Fada,
Gran Senhora, e gran Princeza
Nossa Irmãa?

FADA.

Que me fadeis bem fadada
Esta armada Portugueza
Tão louçãa!

SERAPHINS, *cantando.*

Mui abençoada
Suas vélas solte,
Rica, e laureada
Presto, presto volte,
Leve, e traga as vélas
Cheiãs, e redondas:
Riso nas Estrellas,
Musica nas ondas
Sereas amigas
Ao ir, e ao tornar
Lhe cantem Cantigas
De summo folgar.
Para lá esperanças,
Para cá victorias,
E sempre bonanças,
Bonanças, e glorias.

Este Choro além das idéas graciosas, de que está cheio, faz-se notavel pelo córte musical das clausulas, que de balde se procuraria nas obras dos melhores Poetas contemporaneos.

FADA.

Agora, que a nossa armada
 Já tem condão mui inteiro,
 Falta El-Rei.
 Quero aqui o escudo, e espada
 Do grande Affonso Primeiro.
 Sus' correi!

Sahem dous Seraphins.

Isto não é uma ficção poetica! D. Sebastião teve o capricho de levar para Africa o escudo, e a espada, de D. Affonso Henriques, e para a podêr manejar melhor lhe mandou cortar um palmo de ferro: mas nem do escudo, nem da espada pôde servir-se na funesta batalha de Alcaçar Quibir, porque na occasião do desembarque não appareceu a caixa, em que iam guardadas, e por isso tornaram ao reino estes dous venerandos monumentos: sem este feliz acaso lá ficariam perdidos com o cadaver do desgraçado Monarcha.

Quero mais o capacete
 Do Imperador Carlos Quinto,
 Sus, voai.

Partem outros dous Seraphins.

Tudo triumphos promette
 Agora, Pérros, consinto
 Blasphemar!
 Seraphins, manso, rosinhas,
 Oh Empyrias Borbuletas
 Eternaes,
 Hide-me vêr os Planetas
 Se dam sortes como as minhas
 Tão reaes!
 Si topardes por acaso
 Com o Deos Marte em sua esphera,
 Lhe pedi,
 Por Venus, e por Cythera
 Que, pondo todo o al de parte,
 Venha aqui.

Partem outros dous Seraphins.

1.º SERAPHIM.

Aqui tens a espada, e escudo
Daquelle alto Affonso Henriques,
Que lá jaz !

2.º SERAPHIM.

E para certificar-te
De quam bem cumprimos tudo,
Ouvirás,
Batemos ao seu moimento,

1.º SERAPHIM.

E elle bradou aturdido
« Quem é lá ? »

2.º SERAPHIM.

Dissemos-lhe o nosso intento,

1.º SERAPHIM.

Abriu, e disse folgando,
Aqui está !

2.º SERAPHIM.

E nos deu o que estás vendo,
Com estas palavras suas,
Como lei !

« Parta meu Neto, que entendo,
« Que logo das Gentes cruas
« Será Rei ! »

*Voltam os dous Seraphins, que foram pelo capacete, e o
apresentam.*

SERAPHIM 1.º

Capacete diamantino
Inda croado de louro
Imperial.

SERAPHIM 2.º

Por condão, que ha do Destino,
Nem montante, nem pelouro
Lhe faz mal.

FADA,

*Tomando da mão dos Anjos o escudo, capacete, e espada,
e depositando-os aos pés d'El-Rei.*

Gran Principe, e Flor de Reis,
Si de Monarchas imigos,

Ricas páreas recebeis,
 Mais ricas hoje as haveis
 Dos vossos mortos, e antigos.

SCENA VI.

MARTE, *dous* SERAPHINS, *que por elle foram, e os ditos.*

MARTE.

Senhora do Mar profundo,
 C'roa das Fadas marinhas,
 Que ordenaes?

FADA.

Que ao primeiro, sem segundo,
 Sebastião, glorias minhas
 Assistaes.

MARTE.

Quizera-vos eu prender,
 Alto Principe excellente,
 Com algum dom singular,
 Porque não ficasse á Gente
 Mas nada, que desejar!

Mas porém

Meu coração esforçado
 Já Vossa Alteza o lá tem,
 Que ha muito mo ha tomado,
 E em si o guarda mui bem.

SCENA VII.

Os mesmos, menos MARTE.

FADA.

Oh Reaes Pagens da Tocha,
 Da Sancta Virgem Maria,
 Dizei-nos, nos Ceos que havia?

SERAPHINS.

Um signo que desabroxa
 Com muito grande alegria.

FADA, *para a Rainha D. Catharina.*

Rcebeí-me, e dai-me emboras

Pelo que o signo adivinha
Oh poderosa Rainha !

A' Princeza.

Oh alta Dona Maria,
Princeza de tantos bens,
Acceitai meus parabens !

A's Damas.

Lyrios, Papoulas, Boninas,
Aljofradas, diamantinas,
Cheirosas, e preciosas,
Ramallete desatado
Em cima do regio estrado
Como em lèdo altar as rosas ;
Vós, Donzellas, vós, Sereas,
Havei-me boas Estreas
No que a vosso Irmão ouvís,
Pois que os vossos servidores
Tem de volver vencedores
Daquella guerra feliz.

Aos Seraphins.

E pois não ha que mais queira,
Cantai nessas harpas de ouro,
Que tanto bem seja Eterno ;
Cantai, e por tal maneira
Que façaes raivar com o Mouro
Todos os Choros do Inferno.

O Choro dos Seraphins canta acompanhado de suavissima toada de harpas, e de flautas ; e o dos Diabos lhe responde subterraneamente, acompanhado de trompas, businas, e timballes.

UM SERAPHIM, *cantando.*

Para os Ceos partamos ;
Em volvendo a Armada,
Com palmas, e ramos
Faremos tornada.

OUTRO.

Faremos tornada
Com palmas, e ramos,
Em tornando a Armada,

Que nós vigiamos.

CHORO DOS SERAPHINS.

Anjos, não esquiva
Benção lhe trazei ;
Viva, viva, viva,
Viva, viva, El-Rei.

CHORO INFERNAL.

Em hora de prantos,
Em hora minguada,
Em hora de espantos
Se parta esta armada !
E cresça indomada
Dos Mouros a Grey !

CHORO DE SERAPHINS.

Anjos, não esquiva
Benção lhe trazei,
Viva, viva, viva,
Viva, viva El-Rei !

AS DAMAS NO SARAO.

Anjos, não esquiva.
Benção lhe trazei,
TODOS OS CAVALLEIROS.
Viva, viva, viva,
Viva, viva El-Rei !

TODOS.

Anjos, com fé viva
Benção lhe trazei ;
Viva, viva, viva,
Viva, viva El-Rei.

FIM.

É preciso confessar, que nunca a lisonja mostrou mais espirito, nem se exprimiu com tanta graça, e elegancia ! Mal pensava, o Poeta quando se empenhava tanto em adular o espirito guerreiro do Rei, e dos fidalgos, que o rodeiavam, que a sua Fada, e os seus Seraphins haviam sahir em breve mentirosos nos seus agouros, e nas suas promessas, e que a verdade, desta vez, sómente sahiria da boca dos Espiritos das trevas, que costumam mentir sempre ! Que aquelle Rei tão joven, e tão brioso, que assistia áquella representação tão ufano do seu poder, phantasian-

do victorias, e conquistas, dentro de pouco tempo jazeria enterrado nos arêaes de Africa, rodeado da nobre, e valente nobreza, que ali lhe offerecia incensoſ ! Que os poucos, que escapassem

De tanto mal, de tanta desventura,

gemeriam sepultados nas sejanas de Fez, e de Marrocos, arrastando os ferros daquelles Mouros, que ali tanto despresavam, tratando-os de pérros, e de pagãos ! Que este reino, que dominava os mares, que estendia o seu poder até ao berço da Aurora, curvaria a cerviz ao jugo estrangeiro, perdendo o seu Commercio, a sua grandeza, a sua opulencia, a sua gloria literaria, que então tocava o ponto culminante da sua elevação ! Tão caro pagou o Povo Portuguez os erros de um Monarcha valoroso, e inexperto, dominado, e fanatisado pelas doutrinas perdidas, e traiçoeiras dos Jesuitas !

CAPITULO X.

Estevão Rodrigues de Castro.

Este Poeta nasceu em Lisboa, no anno de 1559, mas nem Diogo Barbosa Machado, em sua Bibliotheca Lusitania, nem nenhum dos poucos authores, que d'elle fazem menção, nos informam de quem foram seus Pais, e de quaes foram os seus estudos, e aonde foram feitos, o que provém sem dúbida de elle haver passado fóra do reino a maior parte da sua vida. Alguns o tem por Judeo, ou Christão novo, supposição, que me parece verosimil, e talvez se ausentasse da patria receioso das perseguições da Inquisição.

O que sabemos com certeza, é, que sempre foi considerado como grande Poeta, grande Orador, e um dos mais profundos Latinistas do seu tempo, como se prova

das muitas obras, que escreveu na lingua dos Romanos; professou a Medicina, e foi Lente de Prima desta faculdade na Universidade de Pisa, que então era uma das mais affamadas da Europa, tanto pelos mestres, que occupavam dignamente as suas Cadeiras, como pela multidão de estudantes, que ali concorriam de todos os paizes da Europa.

As suas brilhantes prelecções na Universidade, a publicação de muitos dos seus escriptos sobre objectos da sciencia, e o feliz resultado de suas curas, grangearam taes creditos ao Doutor Estevão Rodrigues de Castro, em todos os paizes da Italia, que o Grão Duque da Toscana o despachou seu Physico Mór, logar de muita consideração, de muita confiança, e que tinha além disso mui pingue ordenado.

Sabe-se que foi casado, e que teve um filho, que foi depois editor de parte de suas composições, mas nada consta do nome, patria, e linhagem de sua Esposa, com quem viveu feliz até ao anno de 1637, em que na avançada idade de 74 annos, terminou seus dias na cidade de Pisa, com grave sentimento dos seus collegas, e discipulos, que muito o amavam, e respeitavam.

Do que temos expellido, se deduz naturalmente, que o Doutor Estevão Rodrigues de Castro entra no número daquelles Literatos, não muitos, que podem considerar-se felizes, pois que a sua longa vida correu tranquillamente repartida entre os estudos das sciencias naturaes, e mathematicas, o desempenho dos deveres do magisterio, e o exercicio da clinica, gozando de uma fortuna prospera, sem inimigos, e tendo por desenfadamento dos seus estudos mais serios, o cultivo da poesia, e os prazeres domesticos.

Podem vêr-se, na Bibliotheca de Barbosa, os titulos das obras, quasi todas em latim, e sobre assumptos da profissão, que elle durante sua vida publicou, tanto em Pisa, como em Florença. As que seu filho, Francisco de Castro deu á luz depois de sua morte sam as seguintes.

Rithmas. Florença, no anno de 1632. Formam um Volume em formato de 12, que contém Sonetos, Odes, Eclo-gas, e Canções, em Portuguez, Hespanhol, e Italiano, linguas que elle soube com toda a perfeição.

Posthuma Varietas, Florentia, em formato de 4.º, consta de uma Collecção de Cartas, e Orações, ou Discursos na lingua latina, recitados pelo Doutor na Universidade de Pisa nas occasiões de se conferirem os graus de Doutor; contém igualmente um grande número de Epigrammas, e Sonetos, tanto em portuguez como em italiano.

Todas estas obras, por isso mesmo que se imprimiram fóra do reino, foram sempre mui pouco conhecidas entre nós, e o sam agora muito menos, mesmo dos Literatos de profissão, sendo muito para notar, que um homem que se distinguiu tanto na poesia latina, portugueza, italiana, e hespanhola, esteja em tamanho esquecimento.

O amor, e talento da poesia se desenvolveram em Estevão Rodrigues de Castro desde a epocha dos seus primeiros estudos, e o acompanharam até ao ultimo termo da sua existencia. Com o seu cultivo se destrahia das suas fadigas literarias, com ella se acompanhava em suas viagens, com ella desaffogava as suas magoas, e celebrava os seus prazeres, as suas venturas, e os seus amores.

Sem embargo do Doutor Estevão Rodrigues de Castro ter passado a maior parte da sua vida em paizes estranhos, e longe de todo o tracto, e conversação com Portuguezes, fallando habituamente latim na Universidade, e italiano no tracto civil, a sua lingua é pura; correctá, e rica como, ou tanto como a de outros authores de boa nota, que nunca sahiram de Portugal.

O seu estylo é claro, elegante, e poetico, e moldado pelos modelos italianos, que estudava, e imitava cuidadosamente, como se deprehende da leitura das suas obras; as Estrophes das suas Odes sam de ordinario bem cortadas, regulares em sua extensão, e nellas se acham harmonicamente collocados as rymas, e os versos de diferentes medidas, circumstancia esta, que muitas vezes se não encontra em Poetas, aliás de grande merecimento, que umas vezes alongam as Estrophes das Odes tanto como os ramos das Canções, o que prejudica a marcha rapida, e impetuosa, propria daquelle genero de Poema; e outras vezes, ou amontoam as rymas umas sobre as outras, ou as collocam a tamanha distancia, e tão fóra das clausulas do periodo harmonico, que ficam quasi imperceptiveis ao ouvido.

Estevão Rodrigues de Castro não tem uma imaginação fecunda, e creadora; mas sua phantasia é cheia de amenidade, e ás vezes graciosa, sua versificação é corrente, facil, e harmoniosa, sem que lhe falte variedade, e movimento; mas tenho as suas poesias italianas e latinas por muito superiores ás, que nos deixou em castelhano, e portuguez, que não sam em grande número; entre estas se destingue a seguinte Ode, do genero erotico.

ODE.

De cuidado em cuidado.
 Seguindo amor, de quem sempre me queixo,
 Mil vezes enganado,
 Mil caminhos procuro, e todos deixo,
 Que por mais que cometa,
 Toda a estrada de Amor acho inquieta.

Nas partes, onde provo
 Aquietar-me, ou onde os olhos lanço,
 Nasce um cuidado novo
 Imigo de meo bem, e meo descanso,
 Com que d'extremo a extremo
 Dezejando, e temendo, en ousou, e tremeo.

No monte, e na Cidade
 Todo o trato igualmente me he contrario,
 Que minha saudade
 Tudo me representa solitario,
 Senão quando se cria
 Meo pensamento em vossa companhia.

Não ha Flor, Herva, ou Planta
 Por onde quer que passo, onde não veja
 Aquella imagem santa,
 Em que, se o Espirito contemplar dezeja,
 Da terra se desata,
 E ao Ceo em nuves altas se arrebatá.

Com prazer infinito,
 Como a seo centro, a vossos olhos corre:
 E o corpo de que he Espirito

Soccorre logo, e quando lhe soccorre,
 Posto que o tempo he breve,
 Parece que mil annos se deteve.

Depois, vendo-o comigo,
 Tornado já nesta merada triste,
 Viro-me a elle, e digo
 D'onde tornaste, e onde te partiste?
 E elle com voz escaça
 Me diz « Gloria d'amor, gloria he que passa.

Inconstante apparece
 Agora n'huma, agora n'outra fórma;
 Vêde-lo, que parece
 Vir triumphando, vêdes se transfórma,
 De si proprio esquecido,
 Cheio de morte a vista, e o sentido.

Vem de victórias cheio,
 Quando acha em vós lembrança o pensamento,
 Mas se encontra hum receio,
 Que vos finge nas mãos do esquecimento,
 Cuida que vos offende,
 Já se retira atraz, já se arrepende.

Oh quanta dor! oh quanto
 Accidente mortal vêjo em meo peito!
 Quando frio de espanto,
 Quando ardendo em dezejos, tudo effeito
 De huma luz, que presente
 Suster não posso, e que não soffro ausente.

Fugindo hum, e outro dano
 Comvosco ponho o pensamento á falla,
 Ai triste que me engano,
 Que o pensamento aos olhos nunca igualla!
 Mas porque em meo desterro
 Não cause de viver, vivo nesse erro.

Esse erro he a justa paga,
 Amor, depois de largas esperanças,
 E por nunca estar vaga.

Minha memoria de vossas lembranças,
 Quer n'hum bem, que não vejo,
 Que, onde os olhos não vam, vá o Dezejo.

Oh Cidade ditosa,
 Oh May de tantos Reys, e Imperadores,
 Por quem o Mundo goza
 Sceptros invictos, braços vencedores,
 A cuja origem devem
 Quanto de illustre, e grande a obrar se atrevem.

Si mais crescer podera
 Tua gloria, que no Mundo o sceptro ergueo,
 Oh quanto mais crescera
 Quando em ti minha Estrella appareceo!
 Mas não augmenta hum Rio
 Do Grão Padre Oceano o Senhorio!

Não criam as minas ouro,
 Que tuas altas riquezas acrescente:
 Torna-me o meo thesouro
 Onde o meo coração viveo contente.
 A mi só me convinha
 Pois nelle tenho a melhor parte minha.

Tudo quanto está dentro
 Deste gran Mundo perfeição procura;
 Busca a terra o seo centro,
 O fogo sua esphera, e em mór altura,
 Vai tomar minha Estrella,
 Sua perfeição em ti, e eu minha nella.

Della soberbo venho
 Ensinar a esperança a andar tão alta;
 Nella a vida sustenho,
 Que nesta ausencia pouco a pouco falta;
 E de seo raio hum lume
 Lá me restaura, quanto cá consume.

Nesta Ode ha mais espirito de Petrarcha, que de Horacio. É o mesmo Platanismo nas idéas, a mesma metaphisica de sentimentos, a mesma personalisação de af-

fectos, os mesmos raptos, e arrobamentos sentimentaes, que nem Gregos, nem Romanos conheceram, e de que o Poeta de Vauclusa fez caracteristicos da lyrica moderna, de que elle foi o criador, e de que tanto se abusou depois.

O mesmo character, e ainda mais pronunciado se encontra nas Canções deste Poeta, o que assim devia ser, porque então era ainda mais directa a imitação de Petrarca, como se deprehende da seguinte

CANÇÃO.

Já vi mais claros estes horisontes;
 Agora me emtristecem
 Faltos da luz; que busco suspirando.
 Meus suspiros no echo destes montes,
 Quando mos traz, parecem
 Que, engeitados, se tornam d'onde os mando.
 E si, de quando em quando,
 Não formára a Memoria
 Imagem de huma gloria,
 Que pouco ante meos olhos se deteve,
 Breve fôra o meo mal com vida breve.

Entre tanto, que dura esta lembrança,
 Cuido que usa piedade,
 Sustentando-me a vida em doce engano:
 Mas mandar-me viver sem esperança,
 He, com maior verdade,
 Matar-me de vagar como Tyranno.
 No derradeiro damno
 Se acaba a triste sorte,
 E he remedio a morte
 Si a vida he pena; porém he fraqueza
 Dar-lhe o fim sem o dar a huma alta Empreza.

Vivo, Senhora, pera minha pena,
 O mais he covardia,
 He morrer por fugir de mór perigo.
 Si culpa contra vós não me condemna,
 Grande culpa seria

Matar a quem vos ama, que castigo
 Dareis a vosso Imigo?
 Mas se de amar-vos muito
 Se colhe amargo fruto,
 Baste que viva amando desamado,
 Viverei satisfeito, e castigado.

De que me queixo, si me estaes presente?
 Si ausente, a quem me queixo?
 E si vos quero bem, que outro bem quero?
 Si he bem, como me traz tão descontente?
 Si mal, porque o não deixo?
 E si vos tenho em mim, que mais espero?
 Quando he mais brando, e fero
 O remedio, que provo,
 Pera tormento novo,
 Que pela luz de Escravo fugitivo
 Quero fugir, e fico mais captivo.

Cansão, nestes rochedos fique escripta
 Minha fé, que os imita,
 Sem perder esperança,
 Que se a perdera, houvera em mim mudança.

As poesias lyricas de Estevão Rodrigues de Castro sam das melhores, que entre nós produziu a Eschola Italiana, ou se considerem as idéas, e colorido, ou a harmonia da versificação.

Segundo o gosto do tempo, e o uso dos Petrarchistas não podia o Poeta deixar de compôr um grande número de Sonetos. Este pequeno Poema, de invenção sciciliana, e aperfeiçoado na Italia, molda-se a todos os assumptos, accomoda-se a todos os coloridos, e é, digamo-lo assim, a miniatura de todos os generos de Poemas; a disposição das suas rymas tem soffrido diferentes alterações; umas vezes os Poetas formaram a sua primeira parte de quartetos terceados, e outras de quartetos perfectos, isto é, rymando entre si o primeiro, quarto, quinto, e oitavo verso, e entre si o segundo, terceiro, sexto, e septimo: qualquer das duas combinações é excellentes, mas a segunda é a mais usual.

Nos tercetos ha mais variedade, e Petrarcha, e os nossos Poetas antigos rymaram a maior parte dos tercetos dos seus Sonetos ligando o primeiro verso do primeiro com o primeiro do segundo, e assim o segundo com o segundo, e terceiro com o terceiro; mas neste caso as rymas ficam muito distantes umas das outras, e descontentam o ouvido, tirando grande parte da sua energica ao Poema. Quanto a mim o unico modo de fechar bem um Soneto é termina-lo com dous tercetos perfeitos, e essa tem sido a pratica dos melhores Poetas modernos. Além desta variedade houve antigamente o costume de juntar ao Soneto, uma cousa que se chamava cauda, isto é, um numero indeterminado de hendecasyllabos, e septenarios, que ás vezes faziam trez vezes o dobro dos quatorze, de que deve constar o Soneto. Esta exerecencia ridicula encontra-se nos Sonetos enigmaticos de Burchiello, e o que é mais para admirar nos Sonetos jocosos do Abbade Frugoni, um dos melhores Poetas da Italia moderna. Entre nós só tenho achado esta monstruosidade em alguns dos Poetas seiscentistas, e assim mesmo muito raros.

O Soneto acha-se na Poesia de todas as nações modernas da Europa, e com maior abundancia na Italiana, Hespanhola, e Portugueza. Ninguém tem peiores Sonetos que os Francezes, e ninguem tem regras mais rigorosas para esta composição; ellas obrigaram Despreaux a dizer, na sua Arte Poetica, que o Deos Apollo

Voulant pousser á bout tous les rimeurs François,
Inventa du Sonnet les rigoureuses loix.

Voltando aos que nos deixou Estevão Rodrigues de Castro, diremos que em geral nos parecem bem escriptos, bem versificados, e muitas vezes engenhosos. Eis aqui um dos melhores:

SONETO.

Vôando imagens pinta o pensamento,
Onde de Apelles o pincel não chega,
E passando adiante inda se emprega,
Em pintar Anjos d'alto entendimento.

Tudo isto imaginado he sombra, e vento,
 A par do vosso ser, e a quem o nega
 Direi, que o raio dessa luz o céga
 Pera não ter de vós conhecimento.

Si tudo pelo nome se conhece,
 Que nome podia ter tanta Belleza,
 Senão estranho, pois que he peregrina ?

Mas pelo ter commum não desmerece;
 Que tanta graça, tanta gentileza
 Chame-se o que quizer, mas he divina.

Eis aqui outro bem engenhoso, endereçado a uma Dama, que se chamava *Justa da Paz*, nome com que o Poeta joga subtilmente, como ás vezes Petrarca com o nome de Laura.

SONETO.

Ondados fios de ouro, onde enlaçado
 Em doces nós está meu pensamento,
 Que quando mais vos solta o leve vento,
 Mais preso fico então de hum vão cuidado.

Amor, d'hums bellos olhos sempre armado,
 Me combate co'as forças do tormento,
 Provando de minha alma o sofrimento,
 Que a luz *justa da paz* trago obrigado.

Assi que em vosso gesto mais que humano,
 Amo a paz justamente, e o perigo
 Que em amar hum, e outro não he engano.

Muitas vezes dizendo estou comigo,
 Que pois he *Justa* a causa de meu dano,
Justa he a guerra, *Justa* a *Paz* que sigo.

Estes jogos de palavras parecem hoje estranhos; e seria mui censurado qualquer Poeta por este desperdicio de espirito, e de subtileza rebuscada; mas no tempo em que o Doutor Castro compôs este Soneto passava isto por discrição, e bizaria de engenho, e graciosa, e urbana cor-

tezania, de que dera exemplo o proprio Petrarcha ; não é pois de estranhar, que o bom juizo do Author se deixasse algumas vezes influenciar pelo gosto do seu seculo. Grande louvor merece elle por não haver dado nos excessos, em que cahiram muitos Poetas Italianos, aliás de grande merecimento ; que eram mui celebrados naquelle tempo, e cujos exemplos lhe poderiam servir de desculpa.

O seguinte Soneto, expondo o sentimento de uma Dama pela immatura morte de seu amante, me parece uma composição cheia de muita rebustez, em que a força das idéas correu parelhas com a belleza de expressão, e a força do metro ; o ultimo verso sobre tudo não o desdenharia Bocage por seu.

SONETO.

Quantas vidas roubaste n'huma vida
Morte, imiga cruel ! como arrancaste
A bella Joia de seo rico engaste,
A nós agora, ao Ceo depois devida !

Como viverei eu, si devidida
Da melhor parte minha me deixaste ?
Oh grande pena ! nunca o tempo gaste
A rigorosa dôr desta partida !

E tu, que a mortal vida aborrecendo,
Gozas d'outra immortal, alma ditosa,
Socorre a quem por ti vive em tristeza,

Assim disse Beliza humedecendo
De puro orvalho huma, e outra rosa,
Chorou Amor, e rio-se a Natureza.

Eis aqui mais dous Sonetos tão repassados do espirito de Petrarcha, que parecem duas traducções daquelle Poeta, tanta é a semilhança do estylo, e do modo de phantasiar, e encarar os objectos.

SONETO.

Manda Amor á Memoria que renove
 Da Deosa, em fôrma humana, altos louvores,
 Quando os passos, do Ceo competidores,
 Sobre o curso mortal na terra move.

Suavidade, e alegria chove,
 Em danza as Graças vam lançando flores,
 E ordenam que, cercando-a mil Amores,
 Cada hum em quem o vir mil settas prove.

Quem chega a vê-la, e acccita a doce pena,
 Em suas proprias feridas se recréa,
 Desconhecendo a dôr, cheio de gloria.

A companhia gentil, que o ar serena,
 Victoriosa vai, e onde passêa
 Pégadas deixa de imortal memoria.

O verso

Em dança as Graças vam lançando flores,
 apresenta um quadro gracioso, acompanhado da expres-
 são mais simples, e singella.

SONETO.

Por mais que hum grave pensamento opprime,
 Outro com novas azas se levanta,
 Ao doce mover de huma, e de outra planta,
 Que por cousa immortal convem que estime.

Forças o coração em si reprime,
 Força mais poderosa lhas quebranta;
 Tanta brandura, em magestade tanta
 Nelle, e na terra o grave passo imprime.

Do resplendor divino huma apparencia,
 Que se nos mostra cá tambem divina,
 Com suave modo volve a toda a parte.

Honestidade, e Graça, obediencia

Lhe dam, e alma, que a seos pés se inclina,
Como em logar de gloria, não se parte.

Algumas vezes o Poeta levanta o tom, e o estylo, e tracta em seus Sonetos graves assumptos de moral, e de philosophia, tal é este sobre a virtude da caridade.

SONETO.

Habita na alma Deos, si nella habita
Como em sagrado templo, a Charidade;
Sem ella, qual sem Deos, a Liberdade
D'alma em officio inutil se exercita.

Virtude, que a virtude imforma, e incita,
Ao Summo Bem, nem sofre que a vontade,
Ande em campo menor, que a Eternidade,
Ou queira menos gloria, que infinita.

Generosa Princeza, em quem receio,
Em quem pena não ha, que lhe he devida
Da ardente hierarchia a melhor palma.

He espirito divino, he suave meio,
Que ajunta huma alma a Deos, e lhe dá vida,
Antes he o mesmo Deos, que he vida d'alma.

O Poeta considera aqui a caridade como base, e fundamento da religião, o que é conforme ao mandamento do Decalogo « *dilige Deum tuum, et proximum tuum sicut te ipsum,* » e na verdade neste amor de Deos, e dos homens, tornando-os irmãos, se resumem todas as virtudes christãs.

O mesmo caracter de moralidade se encontra neste Soneto, sobre o amor da virtude como meio de adquirir a verdadeira gloria, e o desprezo dos bens, e honras do mundo.

SONETO.

O espirito que honras vãs, que o Mundo vende,
 Julga por cousa vil, e campo estreito,
 Neste logar pequeno, mas perfeito
 He maravilha vêr como se entende.

Daqui a Terra, e o Mar, e o Ceo comprende,
 E sem temer amigo contrafeito,
 Das rochas, secretarias do seo peito,
 Alta firmeza, e sofrimento aprende.

He difficil, e aspera a subida
 Para significar outros rigores
 Com que a Virtude vai parar na gloria.

Na porta tem a rama entretecida
 Do Louro, premio já de vencedores,
 E agora mostrador de outra victoria.

Nos dous Sonetos, que abaixo se transcrevem, o Poeta, sabindo da sua habitual madureza de pensar, se abandona a idéas alambicadas, e contrapostos pueris, que não sam muito triviaes na totalidade do seu estylo, e modo habitual de escrever, tanto é difficil, ainda aos engenhos mais graves, o eximir-se dos preconceitos do seu seculo, e da influencia da moda, porque tambem ha modas na maneira de escrever.

SONETO.

Claros olhos, que ao Ceo, que se mostrou
 Mais que nunca sereno, a côr roubastes,
 Quando depois mais bella Iha mostrastes,
 Todo de amor, e inveja se matou.

Com mil olhos d'Estrellas vos olhou,
 Com mil raios dos vossos o abrazastes,
 E só do resplendor, que lá lansastes
 Todas as escondeo, e emvergonhou.

Ora a côr azul querem as Estrellas,
 De azul o Prado em Maio se quer pôr,
 Deixando flores rôxas, e amarellas,

De tudo o vosso azul he vencedor,
 Que do Ceo tem belleza as couzas bellas,
 E elle he bello, porque he da vossa côr,

Que desperdicio de espirito! Que idéas forçadas! Que opposições conceituosas! Que puerilidades a respeito de uns olhos azues! Os olhos desta côr passaram sempre pelos mais serenos, e derretidos; mas os olhos azues, desta Dama, eram certamente de natureza malefica, pois fizeram com que o Ceo se matasse d'amor, e de inveja! Que desgraça para o pobre mundo se isto fosse uma realidade! E os *mil olhos de Estrellas* com que o Ceo olhou para esta Dama, contrapostos *aos mil raios com que elle o abraçou* não é uma lembrança mui feliz! E as *Estrellas que querem ser azues*, e os prados querem o mesmo!... De certo pôde-se dizer, com razão, que os taes olhos azues faziam andar tudo azul! O fecho do Soneto não desdiz do seu contheudo, pois afirma que o Ceo, de quem se deriva a belleza de todas as cousas, só é bello porque é azul, como os olhos daquela Dama; grande fortuna foi que ella não nascesse com olhos pretos, ou pardos, porque nascendo do Ceo toda a belleza das cousas, e não podendo o Ceo ser bello por não ser da côr dos taes olhos, seguia-se por natural consequencia, que nada haveria bello no mundo! Vêjamos o outro.

SONETO.

Quando com furia, e impeto enbravece
 O fero mar, dos Ventos combatido,
 Mais medonho que nunca, e mais temido
 De côr azul nas ondas apparece.

Quando o Sol, que no Mundo resplandece,
 No mais alto da esphera está subido,
 Entre nuvens azuis todo escondido
 Com falta de sua luz nos escurece.

Ambas as couzas fujo, e a claridade
 De huns olhos busco, e azuis os acho, e creio,
 Que ambas as couzas nelles se comprehendem.

Nelles acho mais feia a tempestadé,
 Nelles o azul das nuves he mais feio,
 Tanto huns olhos azuis aos meos offendem.

Quando pensamos mal, é mui raro que nos expliquemos bem, por isso não admira, inda que os versos destes Sonetos sejam elegantes, e sonoros, que nem por isso as idéas sejam mais exactas; que ha de commum entre uns olhos azues, e o mar batido de uma tempestade? Não sabem todos, que nessas occasiões é que elle se mostra menos azulado, pois branqueija todo com os rolos de espuma, levantados pelas vagas açoutadas dos ventos, e revolvidas por elle? Não foi por isso que Homero, tão exacto pintor da natureza, comparou o ondear dos penachos brancos de um exercito em marcha, com o mar em tempestade? É igualmente falso, que as nuvens sejam azues, quando obscurecem o Sol, pois nessa occasião se tornam pardas, porque com sua densidade empedem, que os raios do Sol as penetrem, e é da luz dellas, quando reflecte em sua transparencia, que ellas tiram a côr azul, branca, ou vermelha, que ellas nos apresentam em tempo sereno. Creio que o Poeta não acharia muita facilidade em explicar-nos a razão porque achava a tempestade, e o azul das nuvens mais feios nos olhos azues, muito mais não nos havendo dito, que esses olhos estavam animados pelo furor, ou pela tristeza. Quando se quer engrandecer demasiado objectos pequenos, força é cahir nestas exagerações ridiculas, e supposições monstruosas!

Os Poetas desta Eschola faziam muito uso das Oitavas para exprimirem os seus sentimentos. Esta combinação rythmica tambem foi invenção dos Scicilianos, mas estes cruzavam as rymas por outra maneira, na verdade menos graciosa, mas, apesar disso as Oitavas foram geralmente adoptadas na sua istrictura primitiva. Foi João Boccaccio, o celebre author do *Decamerone*, quem nos seus Poemas da *Theseide*, *Nymphale*, e outros as aperfeiçou, dando-lhe a fórma, que hoje tem, que é na verdade a mais elegante, e

harmoniosa, que pôde imaginar-se, e que tanto na Italia, como em Portugal, e na Hespanha se julgou a mais digna de entrar na composição do Poema Epico: mas por isso não deixaram os Poetas de ousar dellas nas Eclogas, nas Epistolas, nas Elegias, e até nas Satyras, e uma Elegia formam as seguintes Oitavas, em que Estevão Rodrigues de Castro se dirige a uma Dama de quem hia ausentar-se, fazendo-lhe mil protestos de firmeza, e de constancia, duas cousas, quanto a mim, tão difíceis de manter nos Poetas, como nas Bellas.

OITAVAS.

Segura fé, com esperansa incerta,
Remedio fraco, forte sofrimento,
Serrada porta ao bem, ao mal aberta,
Unir-se huma alma mais no apartamento:
Perigo, que se vê, dôr emcoberta,
Gloria, breve em passar, largo tormento
N'huma ausencia cruel, doce memoria
De mim tecem jámais ouvida historia.

Quem ouviu nunca, que antes de sabido
Hum cuidado amoroso tanto cresça,
Que por mais que em secreto esté escondido
Ante elle outro qualquer desapareça?
Eis que se mostra, e quasi conhecido
Espera que c'o tempo mais mereça;
Não sofre isto Fortuna, e, com inveja,
D'altos principios triste fim dezeja.

Em vão quer encontrar minha firmeza;
Não sabe os muros em que vai guardada,
Que a cadeia que tem minha alma presa
Não pôde por ausencia ser quebrada;
Em grandes perfeições da Natureza
Tal perfeição d'amor está fundada,
Que quando desta terra vir partir-me,
As azas quebrará por ficar firme.

A falta do meo Sol d'hum claro dia
 Fará noute a hum Esprite descontente,
 Mas o fogo amoroso, que accendia,
 Como o Sol por cristal seo raio ardente,
 Nunca se apagará, que antes se cria
 Milhon entre lembranças d'hum ausente:
 Mas eu por natureza, ou por costume,
 Guardarei nestas cousas vivo lume.

Hum retrato, Senhora, n'alma emfrea.
 Do vil esquecimento a força ingrata,
 Que vossa imagem, vossa bella idéa
 Os poderes do tempo desbarata;
 O Pensamento nella se recrea,
 Nella das Leys da ausencia se desata;
 Nobre Guerreiro, em campo o pensamento
 Poem contra ausencia, tempo, esquecimento.

Fortuna não fará, por mais que faça,
 Que ao longe não influam duas Estrellas,
 Onde amor reina, e as almas ameaça,
 Si se quebrar a fé jurada nellas.
 As de mais perfeições, que sempre a Graça,
 Pera as compôr, e honrar anda atraz dellas;
 Deixam-me entre rubis, perolas, ouro,
 Qual coração de Avaro em seo thesouro.

Parto-me, e com Amor Honra contende
 Dentro em minha alma só de intentos rica,
 Manda-me Honra partir, Amor me prende,
 Vai-se a parte menor, a maior fica,
 Que Amor o coração onde se estende
 Ante vossos altares sacrifica,
 Parte-se o corpo, e tornam-no em fiansa,
 Pera o tornar, o Tempo, e a Esperansa.

Breve o tempo hade ser, que o meo desejo
 Azas lhe emprestará, e a claridade
 De vossa vista, com que a vida rejo,
 Lá será guia em toda a tempestade.
 Já me vêjo em naufrágios, e já vêjo
 Sahir a nado salva huma Verdade,
 Que, em voto offerecida, vos presenta
 Os vestidos molhados da tormenta.

Estas Oitavas sam bem fabricadas; mas hoje desejamos em composição semelhante mais paixão, e menos rethorica; mais ternura, e menos metaphisica; mais naturalidade, e menos methaphoras; mas prevalecia então o gosto da declamação, e o amor era mais um thema para discorrer, que um sentimento verdadeiro, profundo e violento, que procurava manifestar-se pela linguagem das Musas: daqui tantos Poetas namorados sem amor; tantos contrapostos, trocadilhos, idéas alambicadas, exaggeradas, obscuras, que os Poetas croticos da Grecia; e de Roma nunca conheceram; porque só exprimiam affectos naturais, e era força, que natural fosse tambem o seu modo de exprimir. As amantes de Propercio, de Ovidio, de Tibulo, e de Catulo não eram Entes de razão, mas Pessoas existentes; e os versos, que lhe dirigem, não sam para ostentar espirito, e entreter a occiosidade dos Leitores; mas para lhe captar o affecto, celebrar os seus mimos, ou queixar-se dos aggravos, que dellas recebiam, por isso as louvavam, as requestam, as injuriam, ou lhes pedem perdão, segundo os motivos, que ellas lhe davam, ou com elles se mostravam brandas, ou esquivas, infieis, ou reconciliadas: e é esta alternativa de finezas, de queixumes, de injurias, &c. que fórma o interesse da leitura daquellas poesias, cheias de fogo, e palpitantes de uma paixão, que ás vezes toca em delirio.

Uma cousa, que se torna mui notavel nas obras de Estevão Rodrigues de Castro, é que vivendo elle a maior parte de sua longa vida, desterrado, ou foragido de Portugal, se não encontre nessas obras uma unica expressão de saudade, de desejo de tornar a vêr a patria, em que nascêra, a terra, em que descançaram os ossos de seus Pais; para dar-se tão total esquecimento em um Portugal, tal insensibilidade de coração ausente dos ares da patria, é necessario que elle se achasse fundamente aggravado dos seus conterraneos, e que por isso se julgasse mais feliz, e seguro vivendo entre os estranhos; e o que é ainda maior phenomeno, é que ao mesmo passo lhe não escapa um queixume, uma invectiva contra elles! Confesso que semelhante comportamento se torna incompreensivel para mim! É nisto, que elle fórma um vivo contraste com Francisco Manoel; o grande Lyrico queixá-se

altamente da ingratição da patria, de que fôra obrigado a fugir para salvar a vida, despede os raios da sua indignação contra os Naires, e os Bonzos, que o caluniarão, e perseguiram, tramaram sua ruina, e o precipitaram na pobreza, e no abandono! Mas ao mesmo tempo suspira pelas margens do Téjo, pela conversação dos amigos, pelo uso da lingua nacional; ufana-se com a recordação das antigas glorias portuguezas, celebra os seus heróes, e a *muito ingrata Elysia* nunca lhe sahe daquella alma verdadeiramente patriótica.

Estevão Rodrigues de Castro não é um Poeta de genio, mas é um Escripitor puro, elegante, erudito; um versificador harmonioso, e que faz honra á Eschola a que pertenceu. Seria muito para desejar, que as suas obras poeticas, hoje quasi inteiramente desconhecidas, fossem novamente impressas para se lhe dar o apreço, que merecem.

CAPITULO XI.

O Infante D. Luiz.

Entre os Principes, que neste seculo de illustração Literaria para Portugal, cultivaram as Sciencias, e a Poesia, e o que é mais, protegeram, e animaram os que nellas se avantajavam, merece um logar mui distincto o Infante D. Luiz, filho de El-Rei D. Manuel, e da Rainha D. Maria, sua Esposa, Duque de Béja, Prior Mór do Crato, Condestavel do Reino, Fronteiro Mór das Comarcas de entre Téjo, e Guadiana, Senhor de Covilhã, Serpa, Almada, Salvaterra, e da Cidade de Ceuta.

Nasceu este Principe na Villa de Abrantes, a 3 de Maio de 1505, a sua educação foi confiada a Ruy Telles de Menezes, quarto Senhor de Unhão, que logo foi destinado Guarda Mór da sua Casa, e Camareiro Mór da sua Pessoa.

Estudou, com grande aproveitamento, as linguas duntas; a philosophia racional, e moral, e todas as mais huma-

nidades, de cujo conhecimento a mocidade nobre então se não dispensava.

Teve por Mestre nas sciencias mathematicas, o Doutor Pedro Nunes, o maior homem, que Portugal então possuia nestas disciplinas. A sua applicação, junta á facilidade de comprehender, com que a natureza o havia enriquecido, o habilitaram para fazer rapidos progressos naquella sciencia, com razão considerada como a mãe de todas ellas, e a mais util aos Estados.

Não se tornou menos habil no manejo das armas, na equitação, bem como na politica, em que deu repetidas provas do seu atilado engenho, e prudencia, e por isso D. João III., seu irmão, o admittia nos seus conselhos, e tinha por costume não tomar resolução de importancia sem ter ouvido o parecer do Infante.

Todos os homens sam mais, ou menos influenciados pelo espirito do seu seculo, e por isso não admira que o Infante D. Luiz, vivendo em um seculo de fervor religioso, em uma côrte em que se não tractava senão de navegações, descobrimentos, e conquistas, dotado de espirito belicoso, se abrazasse no desejo de assignalar-se por proezas militares, e de propagar a Fé Catholica na Africa, e no Oriente á ponta da espada, que era o meio, que então se julgava mais prompto, e decisivo para convencer os Mouros, e os Idolatras, quando a Inquisição não podia argumentar com elles com as linguas de fogo das suas fogueiras.

Por muitas vezes requereu D. Luiz a seu Real Irmão a faculdade de hir combater os Infieis nas partes da India, porém D. João III., que conhecia bem o seu merecimento, e que julgava que elle o serviria melhor no gabinete, que nos campos de Marte, se recusou sempre a satisfazer-lhe este desejo.

Hariadan Barbaroxa, um dos mais valentes Musulmanos do seu tempo, havendo-se apoderado do Reino de Tunis, com a protecção do Gran Senhor, infestava com seus navios as costas de Italia, fazendo repetidos insultos, roubando gente, e fazendas, do mesmo modo que tolhia a navegação, e commercio maritimo com as multiplicadas presas, que fazia no Mediterraneo.

O Imperador Carlos V., dando attenção aos clamores de

Povos, aos regos do Pontífice Romano, e sobre tudo indignado da audacia, com que o Corsario salteava os seus portos, e os seus navios, diminuindo assim os rendimentos de suas alfandegas, resolveu livrar a Italia daquelle flagello, pondo no mar uma poderosa armada, com que fosse em possoa restabelecer no throno de Tunis Muley Hassan, que delle havia sido privado por Barbarossa.

Para melhor assegurar o exito desta empreza, requisiu o auxilio dos seus aliados, porque o negocio interessava a todas as nações marítimas, e as que eram membros da Sociedade Christãa.

O Rei de Portugal não foi dos ultimos a que o Imperador se dirigiu, e D. João III., sempre disposto para guerrear os Infieis, mandou preparar uma esquadra de vinte caravellas, e alguns navios grandes, em cujo número entrava o galeão S. João, que tambem se denominava o Bota-fogo.

Este galeão, é tão celebre na nossa historia, como a nau da Fada Urganda nos livros de cavallarias. É fama, que este galeão fôra fabricado em Lisboa, ás portas do mar, debaixo da direcção do constructor João Gallego, e que na sua construcção trabalharam, durante dez mezes, effectivamente duzentos e trinta operarios, sem interrupção; que a sua quilha, tinha dous comprimentos da maior nau da India, e accrescentam, que esta embarcação monstro tinha cinco batarias, guarnecidas por trezentas e sessenta e seis bocas de fogo. Tenho para mim que anda nisto muita exaggeração. É muito mais me conformo nesta idéa vendo que o Vice-Almirante Ignacio da Costa Quintella, nos seus Annaes da Marinha Portugueza, não duvidou affirmar, que este famoso galeão; deveria orsar pela grandeza da nau Trindade; de cento e quarenta peças, que os Inglezes tomaram aos Hespanhoes na batalha de Trafalgar; e esta conjectura de um homem d'arte tem para mim mais peso, que as affirmativas de pessoas alheias ao mister da navegação, e que por isso não podiam saber até que ponto era verosimilhante o que affirmavam.

O que não admite duvida, é que o galeão S. João era o maior navio, que até áquella epocha se tinha visto; nelle, em duas naus, e nas vinte caravellas se embarcaram dous mil e quatrocentos soldados de differentes armas,

afóra muitos fidalgos, que serviam como voluntarios, sendo commandante geral da frota Antonio de Saldanha, official veterano, que havia encanecido na guerra, onde tinha grangeado larga, e bem merecida nomeada.

Sabindo esta armada fóra da barra de Lisboa, nos fins do mez de Março, chegou com prospera viagem a Barcellona nos fins de Abril, entrou no porto daquella cidade, pomposamente embandeirada, e amiudando as salvas de artelheria, fundeou na melhor ordem possível.

O Infante D. Luiz, a quem não soffria o animo, que tão grande empreza se levasse a effeito sem elle tomar parte nella, resolveu não malograr tão bella occasião de satisfazer o seu espirito guerreiro, e capacitado de que lhe seria impossivel alcançar licença de El-Rei; tomou o partido, um tanto violento, de passar sem ella; e tanto que lhe constou, que a armada havia sahido do Téjo, escapou-se furtivamente de Evora, onde então a côrte se achava, sendo acompanhado nesta aventura por D. Theodosio, Duque de Bragança, André Telles de Menezes, Luiz Alvares de Tavora, Senhor de Mogadouro, Manuel de Sousa Chichorro, D. Affonso de Portugal, primogenito do Conde de Vimioso, Francisco Pereira, e Tristão de Mendonça; todos, como elle, sem licença.

Com quanto El-Rei, como era de esperar, soffresse mui pesadamente esta desobediencia do Infante, dissimulou prudentemente, e para de algum modo cobrir a quebra da sua authoridade, apenas soube do caso, expediu pela posta o Conde da Castanheira D. Antonio de Ataide, que ainda pôde alcança-lo, e lhe entregou a licença d'El-Rei, e um credito de cem mil cruzados, para as despezas da sua jornada. A licença d'El-Rei abrangia todos os fidalgos, que seguiam o Infante, menos o Duque de Bragança, que foi chamado á côrte por carta do punho do proprio Monarcha.

Chegado o Infante a Barcellona foi pelo Imperador acolhido, e hospedado com a benevolencia, e affabilidade, que eram devidas a tal personagem, por Principe, e por parente.

Seis dias depois da chegada do Infante a Barcellona, estando ahi reunidos todos os contingentes tanto dos domínios, como dos aliados de Carlos V., deu este ordem

para que a esquadra se fizesse de véla, embarcando elle com o Infante em uma galé nova, que André Doria para esse fim havia mandado construir em Genova; tinha esta embarcação, mui veleira, e elegante, trez mastros, vinte e quatro bancos de quatro remeiros cada um, era toda dourada, e estava magnificamente mobilada.

Entre grandes, e pequenos, constava esta armada de quatrocentos navios, e levava a seu bordo vinte e quatro mil infantes, e mil e quinhentos cavallos, todos bem disciplinados, e bem armados, como eram naquelle tempo os soldados hespanhoes, cuja infantaria passava pela primeira da Europa. Depois de alguns incommodos de viagem, e de uma tempestade, que abrigou as embarcações grandes a se abrigar em Porto Mahon, e as galés em Malhorca, chegou a armada a Calhari, em cuja bahia ancorou, no meiado de Junho.

Ali chegou pouco depois o Marquez del Vasto, conduzindo de Italia um reforço de tropas, e navios daquelle paiz, ficando assim a armada composta de quarenta galões, cem embarcações redondas, oitenta e duas galés, vinte e cinco caravellas, e sessenta urcas, sem contar muitos vasos ligeiros, que faziam montar o número das quilhas a mais de quatrocentas.

Sabiu a armada da bahia de Calhari dous dias depois de entrar nella, ordenada em duas divisões, commandada a primeira por D. Alvaro Bazan, e a segunda por André Doria, Doge de Genova, e o primeiro homem de mar do seu tempo. Em duas singraduras ganhou a bahia de Tunis, e foi surgir toda em Cabo de Carthago, a cinco milhas do Castello da Goleta.

Barbaroxa havia fortificado esta praça com todo o esmero, abastecendo-a de viveres, de munições, e machinas de guerra, presidiando-a com uma numerosa guarnição de Turcos, e Janisaros, commandados por um renegado Israelita, por nome Simão, que havia aquistado fama de excellente soldado. A estas disposições juntava-se uma grossa, e fortissima viga, (cadeia dizem outros) que atravessando o canal, vedava que as embarcações podessem navegar por elle acima; porém esta viga, apesar da sua fortaleza, se fez em pedaços ao segundo encontro do galão S. João.

Não cabe aqui narrar os promenores deste cerco, a obstinada resistencia do inimigo, o rendimento do forte, a derrota do exercito de Barbaroxa, a conquista de Tunis, e sua restituição a Muley Hassan, que Barbaroxa havia desthronado, e a cedencia, que este Principe fez á Hespanha da Goleta, e de outras praças maritimas. Basta dizer, que em toda esta campanha o Infante D. Luiz se fez notar por um valor heroico, e digno dos seus antepassados, tomando parte nas facções mais perigosas, e assistindo sempre ao lado do Imperador, brilhando igualmente nos conselhos pela madureza das suas opiniões.

Voltando a Portugal, foi recebido por El-Rei de modo, que merecia a grande reputação, e gloria militar, que havia adquirido, e continuou a servir a patria no gabinete, e até desempenhou algumas missões diplomaticas muito á satisfação, e contentamento d'El-Rei.

O Infante D. Luiz conservou-se sempre no estado de celibatario, apesar de selhe haverem proposto cinco casamentos; porém o Infante era Poeta, e não podia por isso ser insensivel ás doçuras do amor, e aos feitiços do bello sexo, e a prova está em que de D. Violante Gomes, Dama formosissima, e dotada de grandes prendas, teve a D. Antonio, que foi Prior do Crato, que depois disputou a corôa de Portugal a Philippe II. de Hespanha.

Para se conhecer a verdadeira indole, e caracter de um Principe, parece-me que não ha melhor meio que observar o procedimento dos seus privados. E que alto conceito não devemos fazer de D. Luiz, sabendo que D. João de Castro foi desde a infancia o seu valido mais intimo, e que por suas diligencias foi aquelle virtuoso Varão escolhido para governar, e salvar a India?

O Infante D. Luiz era naturalmente munificente, e liberal, e grande parte das suas rendas eram empregadas em soccorrer a indigencia; não pôde com tudo dissimular-se que a sua religiosidade não era das mais illustradas, porque degenerava em certo instincto fradesco, pouco proprio de um grande Principe, e por isso duas vezes tentou entrar no claustro; a primeira vestindo a roupeta de Jesuita, de que foi dissuadido por Santo Ignacio de Loyola, e S. Francisco de Borja; e a segunda, professando em um Convento de Arrabidos, que havia edificado em:

1592, entre Benavente, e Salvaterra, de que era donatario. Obstou-lhe porém a Nobreza, que via quasi extincta a linha da successão Real.

Falleceu este Principe com quarenta e nove annos de idade, a 27 de Novembro de 1555, e foi sepultado no Mosteiro de Belem, soberba fundação d'El-Rei D. Manuel seu Pai, e sobre o seu tumulo se esculpiram os seguintes versos.

*Magnus conciliis Infans Luduovicus, et armis,
Hic silet angusto, morte jubente, loco.*

O Infante D. Luiz professou a musica com muita pericia, tanto vocal, como instrumental, e ajudando o conhecimento, que tinha do contraponto com o seu grande saber em mathematica, produziu algumas composições, que foram muito applaudidas.

Era além disso um Escriptor polido, e elegante Poeta, e por isso, e pela protecção, e bom acolhimento, que sempre lhe deveram os cultores das Musas, é que tem logar neste Ensaio.

Além de algumas Cartas a D. João de Castro, e a alguns Religiosos graves de diferentes Ordens, que andam na Vida daquelle heroe, e nas Chronicas dos Conventos, a que pertenciam as pessoas, a quem foram endereçadas: deixou em manuscripto as seguintes obras.

Tractado dos modos, proporções, e medidas.

Tractado da quadratura do circulo.

Explicação do Psalmo « *Benedicam Domino in omni tempore.* »

Explicação do Psalmo « *Quem admodum desiderat Cervus ad fontes aquarum.* »

Consta que estas duas obras existiam na bibliotheca do Duque de Lafões, e como esta se incendiou pelo terremoto, é natural que percessem com muitos outros thesouros literarios, que ali estavam depositados.

As suas poesias formavam uma grande Collecção de Sonetos, Canções, e Glosas, que nunca foram impressas, e sabe Deos que caminho levaram, e tambem é mui possível, que algumas destas poesias fossem impressas sem nome, ou em nome alheio nas muitas compilações de

versos, que sahiram á luz no seculo passado, e que hoje estão quasi esquecidas.

Manuel de Faria e Sousa, que tinha feito continuado e attento estudo do estylo, e modo de expressar de Luiz de Camões, afirma nos seus Commentarios áquelle Poeta, que o Soneto trinta e um da Centuria terceira, não é del-
le, mas sim do Infante D. Luiz, e que por engano fôra incluído entre os do Cantor dos Lusíadas. Ei-lo aqui.

SONETO.

Imagens vãs me imprime a phantasia,
Discursos novos acha o pensamento,
Com que dam á minha alma gran tormento
Cuidados de cem annos n'hum só dia.

Si fim grande tivessem, bom seria
Responder a esperanza ao fundamento,
Mas o Fado não corre tão attento,
Que reserve á razão sua valia.

Caso, e Fortuna podem accertar,
Mas só por accidente dam victoria.
Sempre o favor da Fama he falsa historia,

Excede ao saber determinar:
A' constancia só deve toda a gloria:
O animo livre he digno de Memoria.

A respeito deste Soneto, sinto perfeitamente com Manuel de Faria e Sousa, e tenho para mim, que é de D. Luiz, e não de Camões; e uma das razões que me induzem a esta supposição é vêr que os tercetos sam rymados de um modo particular, de que se não acha outro exemplo nos Sonetos do grande Epico.

O mesmo Critico dá tambem, como do Infante D. Luiz, o seguinte Soneto, que tambem se encontrou confundido com os de Camões.

SONETO.

Horas breves do mee contentamento,
 Nunca me pareceo quando vos tinha;
 Que vos visse mudadas tão asinha
 Em tão compridos annos de tormento.

As altas torres, que fundei no vento,
 Levou em fim o Vento, que as sustinha,
 Do mal, que me ficou, a culpa he minha,
 Pois sobre cousas vãs fiz fundamento.

Amor com brandas mostras apparece,
 Tudo possivel faz, tudo assegura,
 Mas logo no melhor desaparece.

Estranho mal! estranha desventura!
 Por hum pequeno bem, que desfalece
 Humá alma aventurar, que sempre dura.

Estes Sonetos sam bons; mas creio que nenhum perito avaliador de estylos, deixará, ao lê-los com reflexão, de conhecer que nem as idéas, nem o modo de expressão, nem o tom geral da versificação podem pertencer ao grande Poeta, a que se attribuiram, e de dar razão a Faria e Sousa, que os tem por suppostos. Mas dirão, ainda mesmo admittida a supposição, isso não prova que elles sejam do Infante, como quer Manuel de Faria; é verdade, mas este ultimo acha-se impresso em nome de D. Luiz na *Phenix Renascida*, Tomo III., paginas 252, Lisboa 1618, e como entre os Sonetos ha perfeita identidade de estylo, parece não haver dúbida em attribui-los ao mesmo Author.

Estavam, como dissemos no Tomo I., muito em uso no Paço as representações Dramaticas, introduzidas por Gil Vicente, e o Infante, como muitas outras personagens do tempo, deu-se a este genero de composição, e até publicou pela imprensa um Auto seu, intitulado: *Os Captivos*. No Indice Expurgatorio de Filippe II., que existe na Bibliotheca Real de Madrid, se lê a paginas 84, que é prohibido o *Auto dos Captivos, chamado de D. Luiz, e dos Turcos*,

e esta prohibição foi talvez o motivo de haverem desaparecido todos os exemplares deste Poema ; mas pôde ser que seja possível deparar-se com algum delles, impresso, ou manuscrito em alguma livraria de Alemanha, ou na do Rei de França.

Algumas pessoas tem attribuido este Auto a Gil Vicente, filho primogenito do grande Poeta Gil Vicente, mas hoje ninguem ignora, que este Gil Vicente Junior nunca existiu neste mundo, pois Gil Vicente nunca teve mais que dous filhos, a saber : Luiz Vicente, e Paula Vicente.

Outros, e destes é João Baptista de Castro, o attribuíram a Luiz Vicente, filho de Gil Vicente, e primeiro editor das suas obras ; mas a opinião mais probavel é ser do Infante o Auto, até porque assim se deprehende do supracitado Indice Expurgatorio.

Si dermos credito a D. Antonio Caetano de Sousa *Hist. Gen. da Casa Real Portugueza*, e ao Conde de Vimioso na *Vida do Infante D. Luiz*, escriptores mui doutos, e bons investigadores das cousas, com especialidade o primeiro, é tambem do Infante o *Auto de D. Duardos*, que se publicou debaixo do nome do celebre Gil Vicente, e que hoje anda junto com as suas obras.

Manuel de Faria e Sousa é da mesma opinião, e accrescenta, que aquelle Auto *esta lleno de illustres politicas, y maravillosos affectos*. Posto que me incline muito a esta opinião, por motivos que seria mui longo especificar, deixo a cada um a liberdade de admitti-la, ou não, depois de maduro exame ; sómente direi, que naquelle tempo não era raro que as pessoas de alto character, que se deixavam dominar pelo pêjo, nada sensato, de publicar em seu nome poesias, que não tinham pêjo de compôr, e de recitar como suas, as dessem á luz debaixo do nome de outrem. Este costume ainda se conservava em tempos mais proximos, visto que a Condeça da Eryceira D. Joanna, publicou o seu Poema hespanhol do *Despertador*, em nome de Apolinario de Almada, um dos seus criados, quando não havia na côrte, e na cidade quem ignora-se a quem pertencia verdadeiramente aquella producção, quando os Censores ensinuavam a supposição de nome nas suas licenças, e depois seu proprio filho, o Conde D. Francisco Xavier de Menezes, não teve dúvida de o declarar formal, e ex-

plicitamente nos discursos, que precedem á sua Henriquida; ora ninguém dirá, que o Conde ignorava os segredos da sua família, nem que elle inventou uma fabula para dar grande idéa dos talentos de sua Mãe, porque o caracter bem conhecido daquelle honrado, e erudito fidalgo não dá lugar para delle se suspeitarem tão ridiculas imposturas.

Tambem passa por ser obra deste Principe o seguinte Epigramma.

Muito vence quem se vence :
 Muito diz quem não diz tudo :
 Porque a hum discreto pertence
 A tempo fazer-se mudo.

Nada mais facil do que amontoar citações de authores contemporaneos abonando as virtudes, saber, e applicação continua deste grande Principe, contentar-nos-hemos com duas, a primeira será a do sabio Pedro Nunes, que foi seu mestre de mathematica, diz este, escrevendo a El-Rei D. João III. « *Magnanimo Infanti Luduivico, Fratri tuo Litterarum studiosissimo, quotidiana lectione Aristotelis libros expono. Nec enim satis et putavit ad expugnandum Tunetum, munit lissinam Africæ urbem cum Carolo Imperatore transfretasse in omni belli expeditione, et prelii incursu, strenuissimum se prebuisse, nisi enter missa studia revocasset Arithmeticam, Geometriem, Musicam, et Astrologiam nisi precaluisset, et vero nunè reliquarum Scienciarum ornamento animum excolere non cessat, &c.*

Seja o segundo testemunho o de um Poeta Latino por nome Jeronymo Cardoso, mencionando o Infante diz assim:

*Lusi spes altera Regni
 Magnanimus Regis frater, Luduivicus in armis
 Clarus, et egregius, cujus pavet Africa nomen,
 Virtutemque viri; quod si Vexila tulisset
 Obeia, et armatus Libicas penetrasset in oras
 Proh! quales victor titulos, qualesque triumphes
 Gentibus ex domitis, captoque ex hoste referret?*

FIM DO TOMO SEGUNDO.

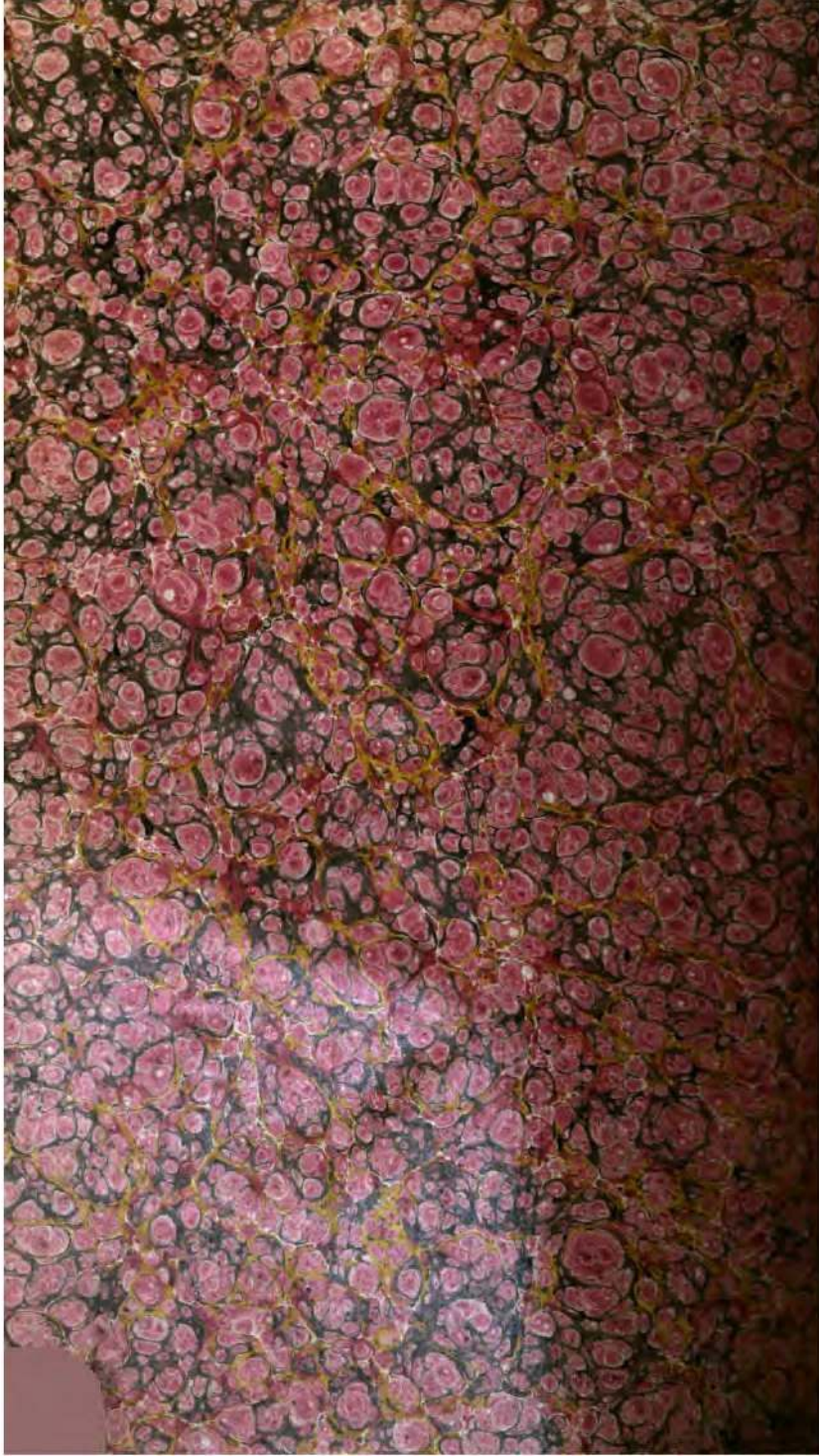
INDICE DO TOMO SEGUNDO.

CAPITULO I. <i>Introducção</i>	5
CAPITULO II. <i>O Doutor Francisco de Sá de Miranda</i>	8
CAPITULO III. <i>O Doutor Antonio Ferreira</i>	74
CAPITULO IV. <i>Epistolas, e Obras Dramaticas de Ferreira</i>	120
CAPITULO V. <i>Diogo Bernardes</i>	159
CAPITULO VI. <i>Eclogas, e Epistolas de Bernardes</i>	196
CAPITULO VII. <i>Fr. Agostinho da Cruz</i>	229
CAPITULO VIII. <i>Jorge de Montemayor</i>	269
CAPITULO IX. <i>O Doutor Antonio de Castilho</i> ,	287
CAPITULO X. <i>Estevoão Rodrigues de Castro</i>	303
CAPITULO XI. <i>O Infante D. Luiz</i>	322

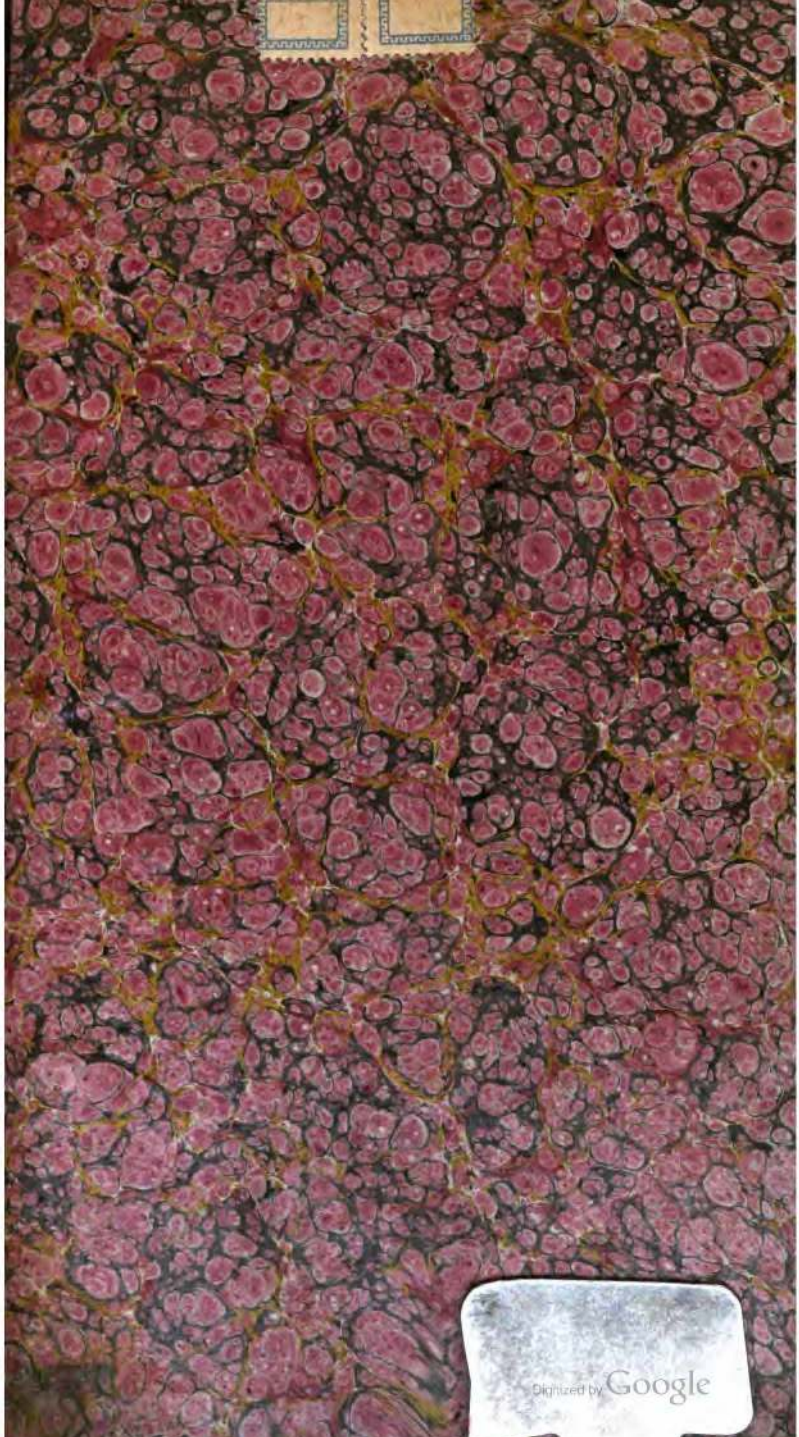


10 7 in 5 vol. *WJ*

118e



1875



Digitized by Google

